

PÁVEL BASSÍNSKI /

TOLSTÓI

A FUGA DO PARAÍSO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

PÁVEL BASSÍNSKI /
TOLSTÓI
A FUGA DO PARAÍSO

“Todos nos fazemos de valentes um perante o outro e esquecemos que nós todos, a não ser que estejamos amando, somos lastimáveis, muito lastimáveis. Mas fazemo-nos de valentes, fingimos ser tão bravos e confiantes em nós, que apanhamos com isso, tomando frangos doentes por terríveis leões...”

Da carta de Tolstói a V. G. Tchertkov

Sumário

- 1 | Partida ou fuga?
- 2 | O paraíso perdido
- 3 | Sónietchka e o diabo
- 4 | Com a touca na cabeça
- 5 | Um novo russo
- 6 | Querido amigo
- 7 | De quem é a culpa?
- 8 | O belo ídolo
- 9 | Excomunhão e testamento
- 10 | Chuva de gelo

Epílogo

Lista de fontes

Prefácio

Um relato pleno de tensão, suspense e emoção

Elena Vássina

Lançado na Rússia em 2010, quando todo o mundo celebrava o centenário da morte do grande autor russo, o livro de Pável Bassínski, intitulado Tolstói – A fuga do paraíso, logo se tornou um best-seller, surpreendendo todos com grandes tiragens que se esgotaram em poucas semanas. De acordo com a crítica, que não poupou elogios, tratava-se de um livro “arrebataador, cativante, estupendo, emocionante”... um livro que “responde a muitas questões palpitantes”. E, em seguida, o sucesso o consagrou, sendo-lhe conferido o prêmio Grande Livro, a mais importante honraria literária russa. Durante a cerimônia de entrega do prêmio, Pável Bassínski confessou que “estava feliz por poder compartilhar o prêmio com Tolstói”. E não podia ser diferente, pois o protagonista do livro de Bassínski é o próprio Lev Tolstói – autor de Guerra e paz, o romance que sempre lidera a lista de dez melhores obras da literatura universal.

O conde Lev Nikoláievitch Tolstói nasceu em 28 de agosto (9 de setembro)¹ de 1828, em Iássnaia Poliana, propriedade familiar de sua mãe, princesa Maria Volkónskaia, e foi criado no meio da alta sociedade russa. Sua primeira novela autobiográfica, *Infância*, foi publicada em 1852, e logo, com 24 anos de idade, Tolstói foi consagrado como um dos jovens

escritores mais promissores e talentosos. Em 1862, o conde casa-se com a jovem, bonita e admirada Sófia Bers e começa a desfrutar da mais completa felicidade conjugal na *paradisíaca* Iássnaia Poliana. Os filhos nasciam, um atrás do outro (Sófia deu à luz treze filhos), e a condessa ajudava Tolstói em sua criação literária passando a limpo milhares e milhares de páginas de manuscritos. Ainda jovem, o autor de *Guerra e paz* (1869) e de *Anna Karênina* (1877) conheceu extraordinária fama internacional. Suas obras foram amplamente traduzidas e editadas no mundo inteiro. Tolstói mantinha correspondência e recebia em sua casa (que, no final do século XIX e início do século XX, tornou-se uma espécie de Meca artística e espiritual) escritores, músicos, filósofos e artistas, dentre os quais figuravam as personalidades mais conhecidas da época. Parecia que o conde Tolstói já tinha alcançado tudo com que se pode sonhar: o reconhecimento unânime de seu talento literário e o amor da esposa, dos filhos, de seus camponeses e dos leitores... E, de repente, o escritor fica abalado por uma profunda crise espiritual: confessa que só pensava em suicídio. Em 1879, Tolstói escreve uma obra autobiográfica, *Confissão*, que relata com impressionante sinceridade a via-crúcis das tormentas e dúvidas existenciais que tinha experimentado e como, no fim, conseguiu encontrar o caminho da iluminação espiritual, o que o fez mudar sua vida drasticamente. Primeiro, o escritor quer se livrar de toda a propriedade e, principalmente, dos direitos autorais que eram estimados em uma fortuna verdadeiramente fabulosa – por volta de 10 milhões de rublos de ouro. A condessa nunca conseguiu entender esse desejo tão excêntrico de seu marido de abrir mão de todos os bens, nem chegou a compartilhar o anseio de Tolstói de levar uma vida o mais simples possível, igual à de um camponês russo, e tampouco quis aceitar os novos amigos do marido, seus seguidores – os tolstoístas. A partir daí, começou a se aprofundar o conflito familiar que instigaria Tolstói a fugir da casa onde viveu praticamente toda a vida e do casamento com a mulher com quem fora casado por 48 anos...

É exatamente esse episódio que se torna o ponto de partida para o livro de Bassínski: “Na noite de 27 a 28 de outubro de 1910, no pequeno município de Krapívenski, província de Tula, aconteceu um fato extraordinário até mesmo para um lugar tão incomum, como Iássnaia Poliana, propriedade do mundialmente famoso escritor e pensador conde Lev Nikoláievitch Tolstói. O conde, de 82 anos de idade, fugiu às escondidas de sua casa, tomando rumo desconhecido, acompanhado de Makovítski, seu médico particular”. A fuga de Tolstói de Iássnaia Poliana terminou dez dias depois, com a morte do escritor na manhã de 7 (20) de novembro, na estação de trem de Astápovo. Foram esses dez últimos dias de Tolstói que, sob a pena de Bassínski, resultaram em um relato pleno de tensão, suspense e emoção.

Apesar de conhecermos vários detalhes sobre os últimos anos da vida de Tolstói, existe um enigma no que se refere à sua fuga. Como disse Bassínski em uma de suas entrevistas, “até hoje, o fato de, aos 82 anos de idade, Tolstói ter fugido de casa continua um mistério... como a construção das pirâmides do Egito”.

Além de Tolstói, os principais personagens do livro são: sua esposa, sua filha mais nova, Aleksandra, ou Sacha (uma incondicional protetora do pai nas brigas familiares), e seu fiel e mais próximo seguidor, Vladímír Tchertkov, que se tornou um inimigo mortal de Sófia, causando inúmeros conflitos entre o casal Tolstói. Contudo, não é a busca por culpados o que dirige a narrativa de Bassínski; ao contrário, é uma tentativa de entender as razões humanas de todos os participantes desse drama, das pessoas que amavam, embora cada um à sua maneira, Tolstói com sinceridade e paixão. Para Bassínski, “foi exatamente o encadeamento das circunstâncias familiares o que levou Tolstói a fugir de casa. Ele sabia que não deveria partir, que seria um ato muito cruel em relação à esposa. Mas não pôde não fugir... A tragédia ocorrida em 1910 é a tragédia de um homem

excessivamente doce, meigo, de idade bem avançada, que cedia a todos. Porque ele realmente amava a todos e cuidava de todos.

O livro de Bassínski pertence ao gênero da literatura documental, ou seja, não admite ficção e se baseia na investigação de documentos e fatos reais: antes de tudo, dos diários de Tolstói, que, escritos desde seus dezoito anos até sua morte, representam um grandioso documento de autoconhecimento humano. Igualmente importantes para Bassínski são a correspondência do escritor e os diários de seus familiares e das pessoas próximas: da esposa, de sua filha Aleksandra, do secretário Bulgákov e do médico Makovítski. A vida de Tolstói foi documentada escrupulosamente. Calcula-se que, entre os contemporâneos do escritor, cerca de vinte pessoas que o acompanharam durante seus últimos anos mantinham diários e anotavam cada palavra e cada gesto dele. Além disso, Tolstói era uma figura visada por toda a imprensa da época. Sua filha Aleksandra testemunha: “Os Tolstói não tinham aquilo que é tão valorizado por qualquer família, não tinham vida privada. Eles viveram sob observação de todos, numa redoma”.

E a fuga de Tolstói de Iássnaia Poliana e seus últimos dias em Astápovo agitaram não somente a imprensa russa, mas também a internacional, que registrava cada passo do escritor. Parecia que todos (incluindo o czar, os ministros, a polícia secreta, a Igreja...) acompanhavam Tolstói em seus últimos dias.

Não é por acaso que vários artigos e reportagens publicados em jornais da época também serviram de material precioso para a composição do livro de Bassínski.

Imenso *corpus* documental de e sobre Tolstói, o livro integra diferentes e, às vezes, opostos pontos de vista, compondo uma polifonia de vozes. E todas as vozes relatam não somente a fuga de Tolstói de Iássnaia Poliana, mas também o desejo desesperado de abandonar o “mundo mundano”.

Bassínski constrói sua narrativa com uma maestria ímpar. Apesar de insistir no termo “reconstrução” dos acontecimentos, vemos que o escritor

nos propõe a sua própria visão, seu olhar subjetivo. O mais importante é a escolha dos fatos e sua composição, ou, se quiserem, a montagem dos fatos que serve para expressar sua ideia autoral. A construção do livro, apoiada numa montagem quase cinematográfica, permite vários *flashbacks* da vida de Tolstói, desde a sua juventude, e, ao mesmo tempo, ajuda-nos a interligar os fatos biográficos aos principais motivos literários do escritor, pois a sua própria vida, às vezes, parece mais intensa e mais imprevisível em suas crises e inesperadas mudanças do que os enredos de seus romances.

O livro de Bassínski poderia ser compreendido como uma biografia conceitual: a palavra-chave da biografia é a “fuga”, e é exatamente pelo prisma da última fuga rumo à morte na estação de Astápovo que Bassínski tenta entender a vida de Tolstói. Por isso, ao começar a contar a história dele pelo fim, a narrativa, muitas vezes, volta ao início da vida do escritor, tentando encontrar nela as provas da ideia, ou melhor, do sonho de fuga que, na visão de Bassínski, sempre existira no imaginário de Tolstói e ficou personificada em vários personagens e motivos de suas obras.

Tolstói – A fuga do paraíso cria uma imagem do escritor que, de maneira implícita, dialoga com os próprios personagens tolstoianos que passam pela crise espiritual, pela aspiração a uma nova vida pura e consciente. Sabe-se que os personagens das obras tardias de Tolstói ganham a oportunidade de romper radicalmente com o que há de “material” e de ingressar em um mundo de liberdade (Bassínski introduz em seu livro várias citações das obras de ficção de Tolstói). A conquista de liberdade está ligada a um enorme esforço de vontade, à negação de condicionamentos sociais e, em geral, de tudo o que é imposto ao indivíduo pelas formas externas à sua existência. E a fuga de Tolstói que terminou na estação de trem de Astápovo se baseia também nessa ideia de “afastamento” do mundo material, de liberdade espiritual em forma de renúncia a tudo o que é morto e imóvel, na busca de um caminho que conduza à imortalidade.

Enfim, em cada página deste livro podemos perceber a imensa dimensão da personalidade genial de Tolstói, que é, realmente, inesgotável. Se, depois de lerem *Tolstói – A fuga do paraíso*, os leitores sentirem o desejo de conhecer mais a vida e a obra do escritor, acredito que um dos objetivos do livro de Bassínski terá sido alcançado.

As notas da tradutora estão identificadas por (N. da T.), e as notas do autor, por (N. do A.). A transliteração dos nomes de personagens russos foi feita com a preocupação de guardar a maior proximidade possível com sua pronúncia original. Quando da menção de títulos ou personagens de obras literárias russas, buscou-se levar em consideração as edições existentes em português, sem com isso, no entanto, reproduzir grafias ou versões que, no julgamento da tradutora, constituem equívoco. Sempre que houve tal avaliação, a opção foi por apresentar ao leitor brasileiro uma retradução do original.

1 Como a Rússia adotou o calendário gregoriano somente em 1918, é de praxe que todas as datas históricas russas anteriores a 1918 sejam informadas em dois formatos: primeiro, como no calendário juliano (antigo), e depois, entre parênteses, segundo o calendário gregoriano (atual), sendo que a diferença entre esses dois calendários é de treze dias.

Partida² ou fuga?

Na noite de 27 para 28 de outubro de 1910,³ no pequeno município de Krapívenski, da província de Tula, aconteceu um fato incrível, extraordinário, mesmo para um lugar tão incomum, como Iássnaia Poliana, propriedade do mundialmente famoso escritor e pensador conde Lev Nikoláievitch Tolstói. O conde, de 82 anos de idade, fugiu às escondidas de sua casa, tomando rumo desconhecido, acompanhado de Makovítski, seu médico particular.

OS OLHOS DOS JORNAIS

O meio informativo daquela época não se diferenciava muito do de hoje. A notícia sobre o escandaloso acontecimento espalhou-se instantaneamente na Rússia e no mundo inteiro. No dia 29 de outubro começaram a chegar telegramas urgentes da cidade de Tula à Agência Telegráfica de Petersburgo (ATP) e, no dia seguinte, as notícias saíam publicadas nos jornais. “Foi recebida a notícia que surpreendeu a todos, dizendo que L. N. Tolstói, acompanhado do doutor Makovítski, abandonou inesperadamente Iássnaia Poliana e partiu. L. N. Tolstói deixou uma carta, comunicando que abandona Iássnaia Poliana para sempre.”

Nem Makovítski, seu companheiro de viagem, sabia sobre essa carta, escrita por Tolstói à esposa, que estava dormindo, e que foi entregue a ela pela filha caçula, Sacha. Ele tomou conhecimento disso pelos jornais.

O jornal de Moscou *Rússkoie Slovo*⁴ foi o mais expedito de todos. No dia 30 de outubro publicou a reportagem do correspondente do jornal com informações detalhadas sobre o que havia acontecido em Iássnaia Poliana:

Tula. 29.10.1910. (*urgente*). Voltando de Iássnaia Poliana, comunico os pormenores da partida de Lev Nikoláievitch Tolstói.

Lev Nikoláievitch partiu ontem, às 5 horas da manhã, quando ainda estava escuro.

Lev Nikoláievitch entrou no quarto dos cocheiros e mandou atrelar os cavalos.

O cocheiro Adrian cumpriu a ordem.

Quando os cavalos estavam prontos, Lev Nikoláievitch e o doutor Makovítski, com as malas, feitas ainda de madrugada, dirigiram-se à estação de Schékino.

Na frente ia o carteiro Filka, iluminando o caminho com uma tocha.

Na estação de Schékino, Lev Nikoláievitch comprou a passagem até uma das estações da ferrovia Moscou-Kursk e partiu no primeiro trem que passou.

De manhã, quando em Iássnaia Poliana ficaram sabendo da súbita partida de Lev Nikoláievitch, houve uma confusão terrível. O desespero de Sófia Andrêievna, esposa de Lev Nikoláievitch, é indescritível.

Essa notícia, da qual o mundo inteiro falava no dia seguinte, foi impressa na terceira e não na primeira página. A primeira página, de acordo com o costume da época, continha propaganda de mercadorias de toda a sorte:

“Vinho São Rafael – o melhor amigo do estômago”, “Esturjão, tamanho médio, 20 copeques a libra”. Ao receber o telegrama noturno de Tula, o *Rússkoie Slovo*, no mesmo instante, enviou o seu correspondente para a casa dos Tolstói em Khamóvniki (hoje Casa-Museu L. N. Tolstói, entre as estações de metrô Park Kultury e Frúnzenskaia). O pessoal do

jornal esperava que, talvez, o conde tivesse fugido de Iássnaia Poliana para sua propriedade em Moscou. Porém, escreveu o jornal, “na velha casa senhorial dos Tolstói reinava o silêncio e a tranquilidade. Nada indicava que Lev Nikoláievitch tivesse voltado à casa paterna. Os portões estavam trancados. Dentro da casa todos estavam dormindo”.

No encalço de Tolstói, pelo rumo suposto da fuga, foi enviado um jovem jornalista, Konstantin Orlov, crítico teatral, filho do adepto da filosofia de Tolstói, professor e *narodovólets*,⁵ Vladímir Fiódorovitch Orlov, retratado no conto “O sonho” e na novela *Não há culpados no mundo*. Ele alcançou o fugitivo já na cidade de Kozelsk e secretamente acompanhou-o até a povoação de Astápovo. De lá, por telegrama, comunicou a Sófia Andrêievna e seus filhos que Tolstói estava gravemente enfermo e encontrava-se no entroncamento ferroviário, na casa do chefe da estação, I. I. Ozólin.

Não fosse a iniciativa de Orlov, os parentes teriam sabido do paradeiro do desenganado Tolstói somente depois que a notícia tivesse saído em todos os jornais. É preciso dizer o quão doloroso teria sido isso para a família? Por essa razão, diferentemente de Makovítski, que julgou a atuação do jornal *Rússkoie Slovo* como a “dos tiras”, a filha mais velha de Tolstói, Tatiana Lvovna Sukhótina, ficou grata “até a morte” ao jornalista Orlov, segundo consta em suas memórias.

“Meu pai está morrendo em algum lugar e eu não sei onde ele se encontra. Não posso cuidar dele. Talvez nunca mais o veja. Será que vão me permitir ao menos dar uma olhada nele no leito de morte? Uma noite em claro, uma verdadeira tortura”, recordava depois Tatiana Lvovna o seu estado emocional e de toda a família após a “fuga” (expressão dela) de Tolstói. “Mas encontrou-se um homem, por nós desconhecido, que entendeu e se apiedou da família Tolstói. Mandou-nos o telegrama: ‘Lev Nikoláievitch está em Astápovo, na casa do chefe da estação. Temperatura 40 °C’.”

Em geral, deve-se reconhecer que, em relação à família e, sobretudo, a Sófia Andréievna, os jornais tinham o comportamento mais comedido e delicado do que em relação ao fugitivo de Iássnaia Poliana, cujos passos eram seguidos impiedosamente, embora soubessem que no bilhetinho de despedida Tolstói havia pedido: não procurá-lo! “Por favor, não venha me buscar, se descobrir onde estou”, escreveu ele à esposa.

“Em Belev, Lev Nikoláievitch foi ao bufê e comeu uma fritada de ovos”, saboreavam os jornalistas um ato modesto do vegetariano Tolstói.

Eles interrogavam o seu cocheiro, Filka, lacaios e camponeses de Iássnaia Poliana, os caixas e os copeiros das estações, o cocheiro que levou Tolstói de Kozelsk ao mosteiro de Óptina⁶ e todos que poderiam comunicar alguma coisa sobre o roteiro do ancião de 82 anos, cujo único desejo foi fugir, desaparecer, tornar-se invisível para o mundo.

“Não o procurem!”, exclamava cinicamente o jornal *Odésskie Nóvosti*,⁷ dirigindo-se à família. “Ele não é seu, ele é de todos!”

“Certamente, seu novo paradeiro logo será descoberto”, declarava friamente *Peterbúrgskaia Gazeta*.⁸

Tolstói não gostava de jornais (embora os acompanhasse) e não escondia isso. Outra coisa – Sófia Andréievna, a esposa do escritor, compreendia perfeitamente que, quisesse ou não, o renome do marido e dela própria era formado pelas publicações jornalísticas. Por isso ela se comunicava com os jornalistas com boa vontade, dava entrevistas, explicando umas e outras esquisitices da conduta de Tolstói, ou de suas declarações, não esquecendo também (e esse foi o seu ponto fraco) de assinalar o seu papel ao lado do grande homem.

Por isso, o relacionamento dos jornalistas com Sófia Andréievna era, pode-se dizer, cordial. O tom geral foi dado pelo jornal *Rússkoie Slovo* de 31 de outubro, ao publicar o artigo “Sófia Andréievna”, de Vlas Dorochévitch. “O velho leão foi morrer na solidão”, escrevia Dorochévitch.

“A águia voou para tão longe de nós; quem somos nós para seguir o seu voo?!”

(Seguiam, e como seguiam!)

Ele comparava Sófia Andrêievna com Iasodara, a jovem mulher de Buda. Foi, sem dúvida, um cumprimento, porque Iasodara era impecável nos cuidados com seu marido. No entanto, as más línguas comparavam a mulher de Tolstói não com Iasodara, mas com Xantipa, esposa do filósofo grego Sócrates, a qual, supostamente, aborrecia o marido com a sua rabugice e falta de compreensão da concepção de mundo dele.

Com justiça, Dorochévitch afirmava que, sem a mulher, Tolstói não teria tido a vida tão longa nem escrito as obras do último período.

(Aliás, o que isso tem a ver com Iasodara?)

Do folhetim tira-se a seguinte conclusão: Tolstói é um “super-homem” e seu comportamento não pode ser julgado pelas normas comuns. Sófia Andrêievna é uma mulher simples, mundana, que fazia tudo o que podia para seu marido enquanto ele era simplesmente homem. Mas a área “super-humana” é inacessível para ela e é nisso que está a sua tragédia.

“Sófia Andrêievna está sozinha. Ela não tem mais a sua criança, o seu ancião criança, o seu titã criança, de quem precisa cuidar e pensar a cada minuto: será que está bem agasalhado, não sente fome, está bem de saúde? Não há para quem dar sua vida gota a gota.”

Sófia Andrêievna leu o folhetim. E gostou. Ela ficou grata ao jornal *Rúsскоie Slovo* pelo artigo de Dorochévitch e pelo telegrama de Orlov. Por isso podia não dar atenção a pequenas coisas, como a descrição desagradável de sua aparência dada pelo mesmo Orlov: “O olhar vago de Sófia Andrêievna expressava seu tormento interno. Sua cabeça tremia. Trajava um roupão, vestido com negligência”. Podia perdoar a vigilância da casa de Moscou, a publicação muito indecente do valor que a família pagou pelo aluguel do trem especial de Tula até Astápovo – 492 rublos e 27 copeques – e a alusão transparente de Vassíli Rósanov⁹ à fuga da família

que, de qualquer maneira, Tolstói conseguiu realizar: “O prisioneiro escapou do calabouço fino”.

Correndo os olhos pelas manchetes dos jornais, que lançavam luz sobre a partida de Tolstói, constatamos que as palavras “foi embora” apareciam raramente.

“PARTIU SUBITAMENTE...”, “DESAPARECEU...”, “FUGIU...”, “*TOLSTÓI QUITTS HOME...*”¹⁰ E não é porque os jornalistas queriam atizar os leitores, em absoluto. O acontecimento em si já era escandaloso. É que as circunstâncias do desaparecimento de Iássnaia Poliana realmente faziam pensar muito mais numa fuga do que numa partida solene.

O PESADELO NOTURNO

Em primeiro lugar, isso ocorreu durante a madrugada, quando a condessa estava dormindo profundamente.

Em segundo, o roteiro de Tolstói era tão secreto que ela soube da localização do marido somente no dia 2 de novembro, pelo telegrama de Orlov.

Em terceiro (o que não sabiam nem os jornalistas nem Sófia Andrêievna), esse roteiro – ou, ao menos, o seu destino final – era desconhecido do próprio fugitivo. Tolstói sabia de onde e do que ele fugia, mas, para onde se dirigia e onde estaria seu último abrigo, ele não só não sabia como procurava nem pensar a respeito.

Nas primeiras horas da partida, somente Sacha, filha de Tolstói, e sua amiga Feokrítova sabiam que ele pretendia visitar a irmã, freira Maria Nikoláievna Tolstaia, no convento de Chamórdino. Mas mesmo isso era duvidoso na madrugada da fuga.

“‘Você fica, Sacha’, disse-me ele. ‘Eu a chamarei dentro de alguns dias, depois que decidir para onde vou. E o mais provável é que irei ver a Máchenka, em Chamórdino’”, recordava A. L. Tolstaia.

De madrugada, ao acordar primeiro o doutor Makovítski, Tolstói nem lhe deu essa informação.

Mas o principal é que ele não disse ao médico que deixava Iássnaia Poliana para sempre, e sim à Sacha.

Nas primeiras horas, Makovítski acreditava que eles iriam a Kótcheti, na fronteira das províncias de Tula e de Oriol, para a propriedade de M. S. Sukhótin, genro de Tolstói. Nos últimos dois anos Tolstói havia ido para lá várias vezes, sozinho e com a mulher, salvando-se da afluência de visitantes a Iássnaia Poliana. Lá “entrava em férias”, como ele mesmo dizia.

Em Kótcheti morava sua filha mais velha, Tatiana Lvovna. Diferentemente de Sacha, ela não aprovava a vontade do pai de se separar da mãe, embora estivesse do lado do pai no conflito entre eles. Em todo caso, não seria possível se esconder de Sófia Andrêievna em Kótcheti. Já o refúgio em Chamórdino seria menos previsível. Embora o aparecimento de Tolstói excomungado num convento ortodoxo não fosse menos escandaloso do que a própria fuga.

E, finalmente, lá Tolstói podia contar inteiramente com o apoio e o silêncio da irmã.

O pobre Makovítski não entendeu logo de cara que Tolstói estava decidido a ir embora de casa para sempre. Pensando que eles iam a Kótcheti por um mês, Makovítski não levou consigo todo o seu dinheiro. E não sabia que a soma de que dispunha Tolstói no momento da fuga atingia apenas cinquenta rublos em sua agenda e uns trocados no porta-moedas. Só no momento da despedida de Sacha que Makovítski ouviu Tolstói falar em Chamórdino. E, somente quando os dois estavam na caleche, Tolstói começou a se aconselhar com ele: aonde poderiam ir para ficar mais longe?

Tolstói sabia quem levar consigo como companheiro. Precisava ter a índole impassível e a devoção de Makovítski para não se desnortear nessa situação. No mesmo instante, Makovítski propôs ir à Bessarábia, para a

casa do operário Gussárov, que morava lá com a família em seu próprio terreno. “Lev Nikoláievitch não me respondeu.”

Foram à estação de Schékino. Em vinte minutos, passaria o trem para Tula, e dentro de uma hora e meia, para Gorbatchevo. De Gorbatchevo o caminho a Chamórdino seria mais curto, mas Tolstói, receando que Sófia Andrêievna acordasse e o alcançasse, propôs ir a Tula para despistá-la. Makovítski dissuadiu-o: em Tula os dois seriam reconhecidos na hora! Foram a Gorbatchevo...

Convenhamos que isso é pouco parecido com uma partida. Aliás, ao pequeno-burguês, não se sabe por que, agrada mais pensar que Tolstói simplesmente pegou e foi embora: obrigatoriamente a pé, numa noite escura, com a mochila nas costas e o bordão na mão. E, tratando-se de um velho de 82 anos, embora forte, mas muito doente, sofrendo de desmaios, perda de memória, arritmia cardíaca e dilatação de veias nas pernas! O que pode haver de belo nisso? No entanto, é justamente essa imagem da partida de Tolstói que aquece até hoje os corações pequeno-burgueses.

No livro de Ivan Búnin¹¹ *A libertação de Tolstói*, são citadas com admiração as palavras escritas por Tolstói em sua carta de despedida: “Faço aquilo que habitualmente fazem os velhos de minha idade: vão embora da vida da comunidade para viver seus derradeiros dias no recolhimento e no silêncio”.

“Habitualmente fazem os velhos”?

Sófia Andrêievna também reparou nessas palavras. Mal se refazendo do primeiro choque, causado pela fuga do marido, ela começou a lhe escrever cartas com súplicas para que voltasse, contando com a intermediação de terceiros na entrega da correspondência. E, na segunda carta que Tolstói não chegou a ler, ela lhe objetou: “Você escreve que os velhos vão embora da comunidade. Mas onde você viu isso? Os velhos camponeses vivem seus derradeiros dias no leito da lareira,¹² no seio da família, com os netos, e o mesmo acontece nas famílias nobres e outras.

Será que é natural um velho fraco se afastar dos cuidados e do amor dos filhos e netos que o cercam?”.

Ela não tinha razão. A partida dos velhos e até das velhas era comum nas famílias camponesas. Iam embora em peregrinação ou simplesmente para morar numa casinha separada. Iam embora para não incomodar os jovens, não serem reprovados por comer um pedaço de pão a mais, quando a participação nos trabalhos domésticos e de campo tornava-se já impossível. Iam embora quando na casa alojavam-se “pecados”: bebedeiras, discórdias, relações sexuais não convencionais. Iam embora sim. Mas não fugiam de madrugada da esposa velha com a concordância e o apoio da filha.

Voltemos àquela noite fatal de 28 de outubro e acompanhemos passo a passo a partida de Tolstói.

Anotações de Duchan Makovítski:

De madrugada, às 3 horas, L. N., de chinelos e sem meias, com uma vela, acordou-me; o rosto com expressão de sofrimento, emocionado e resoluto:

“Resolvi partir. O senhor vai comigo. Vou subir, venha também, mas não acorde Sófia Andréievna. Não vamos levar muita coisa, somente o mais necessário. Dentro de três dias, Sacha vai se encontrar conosco e levará o que for preciso.”

O rosto “resoluto” não significava sangue-frio. Era a resolução antes do pulo de um despenhadeiro. Como médico, Makovítski assinala: “Estava nervoso. Tomei seu pulso: 100”. O que era “o mais necessário” para a partida de um velho de 82 anos? Nisso Tolstói pensava menos do que em qualquer outra coisa. O que o preocupava eram os seus diários, que Sacha devia esconder de Sófia. Ele levou consigo uma caneta-tinteiro e agendas. Das roupas e das provisões estavam cuidando Makovítski, Sacha e sua amiga Varvara Feokrítova. Verificou-se que juntaram muitas “coisas mais

necessárias”. Precisaram de mais uma mala, uma mala grande, a qual seria difícil de pegar sem fazer barulho e não acordar Sófia Andrêievna.

Entre o dormitório de Tolstói e o de sua mulher havia três portas. De noite, Sófia deixava-as abertas para poder acordar com qualquer sinal alarmante do quarto do marido. Ela explicava isso, dizendo que, se de madrugada ele precisasse de ajuda, com as portas abertas ela ouviria. Mas a causa principal era outra. A mulher temia a fuga noturna de Tolstói. Havia algum tempo, a ameaça tornara-se real. Pode-se até mencionar a data, quando ela pairou no ar de Iássnaia Poliana. Isso aconteceu no dia 15 de julho de 1910. Após uma discussão tempestuosa com o marido, Sófia passou a noite em claro e, pela manhã, escreveu-lhe esta carta:

“Lióvotchka,¹³ querido, escrevo porque, depois de uma noite sem sono, é difícil falar, estou agitada demais e por isso posso novamente afligir todos vocês, mas eu quero, quero muitíssimo ficar tranquila e sensata. Nessa madrugada ponderei tudo e eis o que ficou penosamente claro: com uma mão você me acariciou e com a outra mostrou-me a faca. Ainda ontem senti vagamente que essa faca já tinha ferido meu coração. Essa faca é uma ameaça, e muito resoluto, de quebrar sua promessa e partir às escondidas, deixando-me, se eu continuar assim como sou agora... Significa que todas as noites, como a de ontem, eu vou me pôr à escuta: será que você foi embora? Toda vez que sua ausência for mais prolongada, eu vou me atormentar, pensando que você me deixou para sempre. Pense, querido Lióvotchka, pois sua partida e sua ameaça são iguais a uma ameaça de assassinato”.

Enquanto Sacha, Varvara e Makovítski faziam as malas (“agíamos como conspiradores”, recordava Feokrítova, “apagávamos as velas ao ouvir qualquer ruído do lado do quarto de Sófia Andrêievna”), Tolstói fechou bem todas as três portas que levavam ao dormitório de sua mulher e conseguiu tirar a mala sem fazer barulho. Mas, mesmo nela, não houve espaço suficiente, e então da manta e do casaco foi feita uma trouxa, e ainda havia

uma cesta com provisões. Tolstói não esperou o fim dos preparativos. Ele tinha pressa de ir acordar o cocheiro Adrian e ajudá-lo a atrelar os cavalos.

Partida? Ou fuga...

Do diário de Tolstói:

“... estou indo à estrebaria para mandar atrelar; Duchan, Sacha e Vária¹⁴ estão terminando a embalagem. Escuridão, não se enxerga nada, extravio-me da vereda que leva à casa dos fundos, caio no matagal, espeto-me, choco-me contra as árvores, levo uma queda, perco o gorro, não o encontro, a muito custo consigo sair, volto para a casa, pego um gorro, a lanterna, chego até a estrebaria, mando atrelar. Vêm Sacha, Duchan e Vária. Estou tremendo à espera da perseguição”.

Aquilo que, 24 horas depois, quando essas linhas eram escritas, parecia-lhe ser um “matagal”, do qual ele tinha saído a muito custo, era o jardim de macieiras, percorrido por Tolstói em todos os sentidos.

Os velhos costumam fazer isso?

“Ficamos arrumando as coisas por cerca de meia hora”, recordava Aleksandra Lvovna. “Meu pai já começava a se agitar, apressava-nos, mas as nossas mãos tremiam, não conseguíamos apertar as correias das malas e fechá-las.”

Aleksandra Lvovna também notou a resolução no rosto do pai. “Eu já esperava a partida dele, esperava todos os dias e a qualquer hora, e não obstante, quando ele disse ‘vou-me embora’, isso me surpreendeu como algo novo, inesperado. Nunca vou esquecer a sua figura no vão da porta, de camisa, com uma vela na mão, e o seu rosto iluminado e belo, cheio de resolução.”

“O rosto resoluto e iluminado”, escrevia Feokrítova.

Mas não nos deixemos seduzir. Era uma noite alta de outubro, quando nas casas do interior, sejam camponesas ou senhoriais, não se enxerga a própria mão levada aos olhos. E um velho de roupa clara, com uma vela

junto ao rosto, aparece de repente no limiar da porta – isso impressionaria qualquer um!

Certamente, a força do espírito de Tolstói era fenomenal. Mas isso diz mais sobre a sua capacidade de não se perder em situação alguma. O amigo da casa, o músico Aleksandr Goldenweiser, lembrou-se de um caso: num dia de inverno, ele e Tolstói foram de trenó a uma aldeia, a nove verstas¹⁵ de Iássnaia Poliana, para entregar mantimentos a uma família camponesa que passava necessidades.

Quando estávamos nos aproximando da estação Zasseka, começou uma pequena nevasca, que se tornava cada vez mais forte, e nós acabamos nos extraviando do caminho. Ao vagar um pouco, vimos, não longe, uma guarita, e nos dirigimos a ela. Quando chegamos, três ou quatro pastores alemães enormes saíram correndo com um latido raivoso e cercaram os cavalos. Confesso que senti um pavor... L. N. passou-me as rédeas com um gesto resolutivo e disse-me: “Segure”. Levantou-se, desceu do trenó, ululou alto e, valentemente, sem ter nada nas mãos, foi direto contra os cães. E, de repente, os terríveis cães se aquietaram de vez e abriram-lhe caminho, como a um potentado. L. N. passou por entre eles tranquilamente e entrou na guarita. Naquele minuto, ele, com sua barba esvoaçada, parecia ser um herói de contos da carochinha mais do que um velho fraco de 82 anos...

E também na madrugada de 28 de outubro, o autocontrole não o abandonou. Ele encontrou os ajudantes que vinham com as malas no meio do caminho. “Havia muita lama, os pés escorregavam, e nós caminhávamos com dificuldade naquela escuridão”, recordava Aleksandra Lvovna. “Perto da casinha dos fundos, apareceu uma luzinha azul. Meu pai vinha ao nosso encontro.”

“Ah, são vocês”, disse ele, “desta vez cheguei bem. Já estão atrelando. Irei na frente, iluminando o caminho para vocês. Oh, por que deram a Sacha as coisas mais pesadas?”, dirigiu-se ele em tom de censura a Varvara Mikháilovna. Pegou a cesta de minha mão, foi carregando-a, e Varvara Mikháilovna ajudou-me a carregar a mala. Meu pai ia na frente, apertando e soltando o botão da lanterna, e tudo ficava ainda mais escuro. Meu pai era econômico e, como sempre, teve pena de gastar energia elétrica.

Foi Sacha quem o convenceu a levar a lanterna depois da vagueação do pai no pomar.

Porém, quando Tolstói estava ajudando o cocheiro a atrelar o cavalo, “suas mãos tremiam, não lhe obedeciam, e ele não conseguia fechar uma fivela do arreio”. Depois, “sentou-se num canto da cocheira, em cima de uma mala, e perdeu o ânimo”.

As mudanças bruscas de seu estado de ânimo acompanhariam Tolstói por todo o percurso de Iássnaia Poliana até Astápovo, onde ele viria a falecer na madrugada de 7 de novembro de 1910. A resolução e a consciência (convicção) de que agia da única maneira correta eram sucedidas pela falta de força de vontade e o agudíssimo sentimento de culpa. Por mais que ele tivesse se preparado para a partida (e ele se preparava havia 25 anos!), é compreensível que não estivesse pronto para ela espiritual ou fisicamente. Podia, quantas vezes quisesse, imaginar essa partida em sua cabeça, mas já nos primeiros passos concretos, como durante a vagueação em seu próprio pomar, acabava encontrando surpresas para as quais nem ele nem seus companheiros estavam preparados.

Mas por que seu estado resoluto dentro de casa transformou-se em desânimo na cocheira? As malas estavam feitas (em duas horas – simplesmente surpreendente!) e os cavalos, quase prontos, e até a “libertação” faltavam apenas alguns minutos. Mas ele perdeu o ânimo.

Além das causas fisiológicas (dormiu pouco, estava agitado, perdeu-se no pomar, ajudou a carregar coisas no caminho escuro e escorregadio), existe mais uma circunstância, que só pode ser entendida a partir de uma ideia clara da situação por inteiro. Se Sófia Andrêievna tivesse acordado enquanto eles faziam as malas, seria um escândalo ensurdecedor. Mas um escândalo entre quatro paredes. Uma cena na presença dos “confidentes”. Essas cenas eram costumeiras e, nos últimos tempos, já haviam se tornado constantes em Iássnaia Poliana. Mas, à medida que Tolstói afastava-se do lar, em sua partida envolviam-se cada vez mais novas pessoas. Acontecia exatamente aquilo que menos desejava Tolstói. Ele tinha virado uma bolinha de neve que crescia e se transformava numa bola enorme, e isso acontecia a cada minuto de seu deslocamento no espaço.

Seria impossível partir sem acordar o cocheiro Adrian Blokhin. E ainda precisavam do cavaliariço Filhka (Fillip Boríssov, de 33 anos), para que ele, a cavalo, iluminasse com uma tocha o caminho à frente da caleche. Quando Tolstói estava na cocheira, a bola de neve começou a crescer e crescer, e a cada minuto a impossibilidade de parar esse crescimento tornava-se maior. Ainda dormiam tranquilamente os gendarmes, jornalistas, governadores, eclesiásticos... Nesse momento, o próprio Tolstói não podia imaginar quantas pessoas, voluntária ou involuntariamente, se tornariam cúmplices de sua fuga, até mesmo ministros, bispos, Stolýpin¹⁶ e Nikolai II.

Certamente ele não podia deixar de entender que desaparecer de Iássnaia Poliana imperceptivelmente não daria certo. Até Fiódor Protássov, de *O cadáver vivo*, que simulou suicídio e acabou desmascarado, não conseguiu desaparecer imperceptivelmente. Mas não nos esqueçamos de que, além de *O cadáver vivo*, Tolstói escreveu *Padre Sérgio* e *Memórias póstumas do ancião Fiódor Kuzmitch*. E se no momento de sua partida alguma ideia o aquecia, era esta: uma pessoa famosa, desaparecendo, dilui-se no espaço humano, torna-se um desses menores, imperceptível a todos. Existe a lenda sobre ele, e existe ele – separadamente. E não importa o que

se tenha sido no passado: czar russo, milagreiro famoso ou grande escritor. O importante é que nesse instante você se torna uma pessoa simples e comum.

Quando Tolstói estava na cocheira sentado na mala, de caftã e colete acolchoado por baixo e um gorro velho de malha de lã, ele parecia bem munido para realizar seu antigo sonho. Mas... Essa hora, 5 horas da manhã, é a hora “entre o lobo e o cão”.¹⁷ Esse úmido e frio fim de outubro – o pior tempo na Rússia entre as estações. Essa insuportável aflição da espera, quando o início da partida foi dado, as paredes familiares foram abandonadas e já não há caminho de volta, mas... Os cavalos ainda não estão prontos, Iássnaia Poliana ainda não foi abandonada. A mulher que lhe deu treze filhos, dos quais sete estão vivos e deram à luz vinte e três netos; e nas costas dessa mulher ele colocou toda a sua gigantesca economia, todos os seus negócios editoriais referentes às obras literárias; a mulher que várias vezes copiou por partes seus dois principais romances e uma enorme quantidade de outros trabalhos, que passava noites sem dormir na Crimeia, quando nove anos antes ele estava morrendo, porque ninguém além dela poderia fazer os tratamentos mais íntimos – essa pessoa, a mais próxima, podia acordar a qualquer momento, ver as portas fechadas e a desordem no quarto dele e compreender que aquilo que ela temia mais do que qualquer outra coisa no mundo havia acontecido.

E havia acontecido? Não precisa ser grande fantasiador para imaginar o aparecimento de Sófia Andréievna na cocheira no momento em que o marido, com as mãos trêmulas, fechava a fivela do arreio no cavalo. Isso já não seria uma situação tolstoiana, mas puramente gogoliana. Não era à toa que Tolstói gostava e não gostava do conto de Gógol “A caleche”, no qual o terra-tenente provinciano Pifagor Pifagórovitch Tchertokútski esconde-se dos convidados na cocheira e é descoberto da maneira mais constrangedora. Para ele, o conto foi escrito magnificamente, mas a brincadeira – absurda. Porém, o conto não é nada engraçado. A visita do general à cocheira, onde o

franzino Tchertokútski está encolhido sob uma capa de couro, é a visita do próprio Destino que apanha o homem no momento em que ele está menos preparado. Como o homem é deplorável e impotente perante o Destino!

Memórias de Sacha:

“De início, meu pai apressava o cocheiro, depois se sentou num canto da cocheira, em cima de uma mala, e perdeu o ânimo:

– ‘Eu sinto que a qualquer momento nós seremos apanhados e, então, tudo estará perdido. Não vai dar para escapar do escândalo’.”

A FRAQUEZA DE TOLSTÓI

Muitas coisas no estado de ânimo de Tolstói, tanto no momento da fuga como antes e depois dela, explicam-se também por uma coisa tão simples como a delicadeza. Criador, filósofo, “colosso de sabedoria”,¹⁸ por seu feitio continuava sendo um fidalgo russo, no mais elogioso sentido da palavra. Nesse complexo espiritual, infelizmente perdido há muito tempo, entravam conceitos tais como a limpidez moral e física, a impossibilidade de mentir descaradamente, de falar mal de uma pessoa em sua ausência, o receio de ferir os sentimentos de alguém com uma palavra imprudente ou de simplesmente ser desagradável às pessoas. Na juventude, por causa da inteligência e do temperamento indômitos, Tolstói pecava contra essas qualidades inatas ou ensinadas pela família, e ele mesmo sofria com isso. Mas, com a idade avançada, além dos princípios de amor e compaixão pelas pessoas, manifestava-se nele cada vez mais a aversão a tudo que é vil, sujo, escandaloso.

Durante todo o seu conflito com a mulher, Tolstói foi quase impecável. Ele se condoía por ela, cortava todas as maledicências a seu respeito, mesmo quando sabia da justeza dessas palavras. Na medida do possível, e até do impossível, obedecia às suas exigências, às vezes as mais absurdas, suportava seus desatinos, alguns até monstruosos, como chantagem envolvendo suicídio. Mas no âmago do comportamento dele, que

surpreendia e até irritava seus partidários, não estavam princípios abstratos, mas o feitio do velho fidalgo e de um admirável velho que doentamente sofre por qualquer briga, discórdia ou escândalo.

E esse velho, secretamente, de madrugada, empreende aquilo que seria o mais terrível à mulher. Isso não é a faca, sobre a qual escreveu Sófia Andréievna. Isso é um machado!

Portanto, o sentimento mais forte que Tolstói experimentava na cocheira era o medo. Medo de que sua mulher acordasse, saísse correndo de casa e o apanhasse sentado na mala, perto da equipagem que ainda não estava pronta... E não seria possível evitar um escândalo, uma cena pungente, dilacerante e que se tornaria o *crescendo* daquilo que estava acontecendo em Iássnaia Poliana nos últimos tempos.

Ele nunca fugiu das dificuldades... Nos últimos anos, ao contrário, dava graças a Deus quando era submetido a provações. Humildemente, aceitava qualquer “aborrecimento”, ficava contente quando o censuravam, mas agora ansiava que esse cálice fosse afastado dele.

Isso estaria acima de suas forças.

Sim, a partida de Tolstói não foi somente a manifestação de sua força, mas também de sua fraqueza. Ele reconheceu isso com sinceridade à velhinha Maria Aleksándrovna Schmidt, amiga antiga e confidente, preceptora de escola, a mais sincera e conseqüente seguidora tolstoísta, que acreditava em Tolstói como em um novo Cristo. Ela morava a seis verstas, numa isbá em Ovsiánniki, e Tolstói a visitava quando fazia passeios a cavalo. Essas visitas não só davam alegria a Maria Aleksándrovna, como eram o sentido de sua vida. Com ela Tolstói se aconselhava em questões espirituais e, em 26 de outubro, dois dias antes da partida, contou-lhe a decisão, ainda não definitiva. Maria Aleksándrovna ergueu os braços:

“Lev Nikoláievich, querido!”, disse ela. “Isso é fraqueza, vai passar.”

“Sim”, respondeu ele, “é fraqueza.”

Essa conversa, baseada em palavras de Maria Aleksándrovna, foi reproduzida por Tatiana Lvovna Sukhótina. Porém, do diário de Makovítski, que acompanhou Tolstói nos passeios de 26 de outubro, esse diálogo não consta. A própria Maria Aleksándrovna, em entrevista a um correspondente do *Rússkoie Slovo*, afirmou que, naquele dia, Tolstói não lhe disse “nenhuma palavra” sobre a partida. Mas trata-se, evidentemente, de uma inverdade, o que é justificável, pois roupa suja lava-se em casa, não na dos outros, e ela não queria abrir para o mundo inteiro o conflito familiar dos Tolstói. No secreto *Diário só para mim*, de Tolstói, há uma anotação: “Essa vida para mim é um fardo cada vez maior. Maria Aleksándrovna é contra a minha partida, e a minha consciência também não a permite”.

Nesse 26 de outubro, Makovítski notou que “L. N. estava fraco e distraído”. A caminho da casa de Schmidt, Tolstói cometeu um ato “mau”, como ele mesmo disse: atravessou a cavalo a sementeira de outono. Isso não se faz na época da lama porque o cavalo deixa pegadas fundas, o que prejudica a sementeira tenra.

A vontade que nos dá é de questionar: então você teve pena da sementeira, mas, de sua velha mulher, não?! Infelizmente, é o caminho típico da censura a Tolstói. Assim raciocinam as pessoas que veem na fuga de Tolstói o ato do “colosso de sabedoria” e o correlacionam com suas próprias ideias “humanas, demasiado humanas” sobre a família. O forte Tolstói abandonou a mulher fraca que não o acompanhou em seu desenvolvimento espiritual. Está claro, ele é um gênio, mas dá pena de Sófia Andrêievna, sem dúvidas! Como é perigoso casar com gênios!

Esse ponto de vista, muito difundido, quase coincide, por estranho que pareça, com o ponto de vista cultivado no meio intelectual, e entrou em voga graças a Búnin.

Tolstói foi-se embora para morrer. Foi um ato de libertação do titã espiritual de seu cativeiro material. “Libertação de Tolstói”... Como soa bonito! Uma variante atenuada: assim como um animal bravo abandona o

grupo, sentindo a aproximação da morte, Tolstói, ao sentir a aproximação do fim inevitável, fugiu de Iássnaia Poliana. Essa é também uma bonita versão pagã, publicada por Aleksandr Kuprin nos primeiros dias após a partida.

Mas o comportamento de Tolstói não foi o de um titã que resolveu fazer um grandioso gesto simbólico. E muito menos o retiro de uma fera velha, porém forte. Foi o ato de um velho fraco e doente, que sonhou ir embora durante 25 anos. Não se havia permitido, contudo, enquanto ainda tinha forças, porque considerava isso cruel em relação à mulher. Mas, quando as forças se esgotaram e as discórdias familiares chegaram ao ponto mais alto de efervescência, ele não viu outra saída nem para si nem para os que o cercavam. Foi-se embora no momento em que, fisicamente, não estava nem um pouco preparado para isso. Quando lá fora era fim de outubro. Quando nada estava pronto e até mesmo os mais fervorosos adeptos de sua partida, como Sacha, não se davam conta do que significava um velho ficar perdido nesse mundo. Justamente então, quando sua partida quase inevitavelmente significava morte certa, Tolstói já não tinha mais forças para permanecer em Iássnaia Poliana.

Foi-se embora para morrer? Essa explicação foi lançada pelo professor V. F. Sneguiriov, obstetra famoso, que tratava de Sófia Andréievna e inclusive havia feito uma cirurgia urgente na própria Iássnaia Poliana. Não era só um excelente médico, como também um homem discreto e de inteligência extraordinária. Querendo alentar e consolar sua paciente, sobre a qual choviam acusações de que fora ela a responsável por levar o marido à fuga e ao túmulo, Sneguiriov escreveu a ela uma carta extensa, na qual tentou apontar as causas objetivas da partida de Tolstói, não ligadas à família. A seu ver, havia duas causas.

A primeira: a partida de Tolstói foi uma forma complexa de suicídio.

Em todo caso, uma aceleração inconsciente do processo da morte.

Durante quase toda a sua vida, ele tratou e educou seu espírito e seu corpo na mesma medida e, com sua energia incrível, acabou tornando-os igualmente fortes e ligou os dois, fundiu-os: não era possível dizer onde terminava o corpo e começava o espírito. Quem olhava atentamente para sua maneira de andar, de se sentar, de virar a cabeça, *sempre* via a consciência nos movimentos, isto é, cada movimento era elaborado, treinado, ponderado e expressava uma ideia... Com a morte dessa combinação tão unida do espírito com o corpo, a ruptura, a separação do espírito em relação ao corpo não podia e não pode acontecer tranquilamente, como ocorre com pessoas nas quais essa separação se realiza bem mais cedo... E para realizar essa separação é preciso fazer um esforço *desmesurado* sobre o corpo...

A outra explicação de Sneguiriov era puramente médica. Tolstói morreu de pneumonia. “Às vezes, essa infecção é acompanhada até de ataques maníacos”, escrevia Sneguiriov. “Essa sua fuga noturna não teria acontecido num desses ataques? Porque, às vezes, a infecção manifesta-se alguns dias antes da doença, i. e., antes do processo local o organismo já está infectado. Essa pressa e a vagueação durante a viagem ajustam-se a isso...”

Em outras palavras, Tolstói estava doente na noite da partida, e a infecção já lhe afetara o cérebro.

Não é o caso de tentarmos adivinhar até que ponto Sneguiriov escrevia como médico e até que ponto ele queria simplesmente consolar a pobre Sófia Andréievna. Uma coisa é evidente: na véspera e na noite da fuga, Tolstói estava fraco física e espiritualmente. Isso é confirmado pelas anotações de Makovítski e pelo diário do próprio Tolstói. Ele teve sonhos “perversos” e confusos... Num deles, teve uma “luta com a mulher”, num outro, os personagens do romance *Os irmãos Karamázov*, de Dostoiévski,

que ele estava lendo naquele tempo, misturavam-se com pessoas reais, mas já falecidas, como N. N. Strákhov.¹⁹

Menos de um mês antes da partida, Tolstói não morreu por pouco. O que aconteceu foi muito parecido com o verdadeiro fim, até as convulsões agônicas e os movimentos característicos das mãos antes da morte. Eis como Valentin Bulgákov, o último secretário de Tolstói, descreveu o episódio:

“Lev Nikoláievitch ficou dormindo durante toda a tarde e, depois de o termos esperado até sete horas, sentamos para almoçar sem ele. Ao servir a sopa, Sófia Andrêievna foi mais uma vez ver se Lev Nikoláievitch não tinha levantado. Voltando, ela contou que, no momento em que se aproximou da porta, ouviu um riscar de fósforo na caixinha e entrou no quarto de Lev Nikoláievitch. Ele estava sentado na cama. Perguntou que horas eram e se estavam almoçando. Mas Sófia Andrêievna sentiu algo ruim: seus olhos pareceram-lhe estranhos:

“Um olhar inexpressivo... Isso acontece antes do ataque... Está a ponto de ter um desmaio... Eu já sei. Seus olhos sempre ficam assim antes do ataque”.

No quarto de Tolstói, logo se reuniram Serguei Lvóvitch, o filho, Iliá Vassílievitch, o criado, Makovítski, Bulgákov e P. I. Biriukov, o primeiro biógrafo de Tolstói.

Deitado de costas, apertando os dedos da mão direita como se estivesse segurando uma pena, Lev Nikoláievitch passava de leve a mão pelo cobertor. Seus olhos estavam fechados, o cenho franzido, os lábios se mexiam, como se estivesse mastigando algo... E depois... depois começaram os ataques estranhos de convulsão, um atrás do outro, que faziam todo o corpo do homem impotente, deitado na cama, tremer e se debater, jogar as pernas com tanta força que mal dava para segurá-las. Duchan segurava Lev Nikoláievitch pelos ombros, Biriukov e eu

massageávamos suas pernas. No total foram cinco ataques. O mais forte foi o quarto, quando o corpo de Lev Nikoláievitch quase foi jogado de través da cama, a cabeça deslizou do travesseiro, as pernas penderam do lado da cama.

Sófia Andrêievna caiu de joelhos, abraçou essas pernas, encostou sua cabeça nelas e permaneceu nessa posição enquanto acomodávamos Lev Nikoláievitch na cama.

Em geral, a impressão que Sófia Andrêievna causava era terrivelmente lamentável. Ela levantava os olhos, persignava-se apressadamente e sussurrava: “Meu Deus! Que não seja desta vez, que não seja desta vez!”. E fazia isso fora da presença dos outros também: ao entrar, por acaso, no quarto da Remington,²⁰ surpreendi-a fazendo essa prece.

Depois das convulsões, Tolstói começou a delirar, da mesma maneira como viria a delirar em Astápovo antes de morrer, pronunciando um conjunto de números sem sentido:

“Quatro, sessenta, trinta e sete, trinta e oito, trinta e nove...”

“O comportamento de S. A. durante o ataque foi comovente”, recordava Biriukov. “Dava pena ver seu medo e sua humilhação. Enquanto nós, os homens, segurávamos L. N. para que as convulsões não o jogassem para fora da cama, ela caía de joelhos ao pé da cama e fazia uma súplica com o seguinte conteúdo, aproximadamente: ‘Meu Deus, salve-me, perdoe-me, não o deixe morrer; fui eu que o levei a esse estado! Que não seja desta vez, ó Senhor, não o tire de mim’.”

O fato de Sófia Andrêievna se sentir culpada durante esse ataque ela mesma reconhece em seu diário:

Quando, ao abraçar as pernas de meu marido, caí em desespero extremo com a ideia de perdê-lo, o arrependimento, o remorso, o amor louco e a súplica tomaram conta de todo o meu ser, com uma força tremenda: tudo, tudo por ele, contanto que sobreviva, ao menos dessa vez, e que

melhore, para que em minha alma não restem os remorsos por ter-lhe causado todas essas aflições e perturbações com meu nervosismo e desassossego doentios.

Pouco antes disso, ela havia armado uma briga terrível com Sacha e Feokrítova e praticamente expulsara a filha de casa. Sacha mudou-se então para sua própria casa em Teliátnikovo, perto de Iássnaia Poliana. Tolstói sofria muito com a separação de Sacha, a quem amava muito e em quem confiava mais do que em todos os outros familiares. Ela havia sido sua inestimável ajudante e secretária, em pé de igualdade com Bulgákov. A ruptura de relações entre a mãe e a filha fora uma das causas do ataque. Elas compreenderam isso e fizeram as pazes logo no dia seguinte.

Memórias de Sacha:

Quando desci para a antessala, soube que mamãe tinha vindo à minha procura.

“Onde ela está?”

“Na soleira.”

Eu saio e vejo minha mãe só de vestido.

“Quer falar comigo?”

“Sim, quero dar mais um passo para a reconciliação. Perdoe-me!”

E ela começou a me beijar, repetindo: perdoe, perdoe! Eu também lhe dei um beijo, e pedi que se acalmasse.

Nós continuávamos conversando no pátio. Um transeunte olhou para nós com surpresa. Eu pedi para minha mãe entrar em casa.

Pensemos: a versão de que Tolstói saiu de casa para morrer não seria um mito não apenas sem base como também muito cruel? Por que não colocar as pupilas dos olhos na posição normal e ver essa questão assim como a via Tolstói? Ele saiu para *não* morrer. E, se morresse, não seria ao menos de mais um ataque.

O medo de que Sófia Andrêievna pudesse alcançá-lo não era somente um sofrimento moral, mas medo também. Esse medo passava à medida que ele se afastava de Iássnaia Poliana, apesar de a voz da consciência não se calar dentro dele.

Quando ele e Makovítski finalmente saíram da fazenda e da aldeia para a estrada, segundo escreveu o médico, “L. N., calado, triste e agitado até este momento, disse com uma voz entrecortada, como que se queixando e se desculpando, que ele não suportou e que estava partindo às escondidas de Sófia Andrêievna”. E no mesmo instante perguntou:

“Aonde poderíamos ir para ficarmos mais longe?”

Quando eles entraram no compartimento do vagão de segunda classe “e o trem partiu, ele se sentiu mais seguro, provavelmente porque Sófia Andrêievna já não poderia alcançá-lo, e disse em tom alegre que se sentia bem”.

Mas, ao se aquecer e tomar uma xícara de café, disse:

“Como deve estar Sófia Andrêievna agora? Tenho pena dela.”

Essa questão o torturaria até seus derradeiros momentos conscientes. E os que imaginam a figura moral de Tolstói dos últimos anos entendem muito bem que ele não tinha nenhuma justificativa para a partida. Do ponto de vista dele, moral seria carregar sua cruz até o fim, ao passo que sua partida foi a libertação da cruz. Todas as conversas sobre Tolstói ter ido embora para morrer, para se integrar ao povo, para libertar sua alma imortal, são justas para seu sonho de 25 anos e não para uma prática moral concreta. Essa prática excluía a perseguição egoística do sonho em prejuízo de pessoas vivas.

Isso o torturou durante todo o caminho de Iássnaia Poliana até Chamórdino, quando ainda era possível mudar de decisão e voltar. Mas ele não mudou de decisão nem voltou, ao contrário, fugia para cada vez mais longe e apressava seus companheiros de viagem. E esse seu comportamento é o mistério principal.

Algumas respostas nós encontraremos nas primeiras três cartas de Tolstói à mulher, escritas durante a partida. Na primeira, a de despedida, ele dá ênfase aos motivos morais e espirituais: “... não posso mais continuar vivendo nas condições de luxo em que tenho vivido, e faço aquilo que habitualmente fazem os velhos de minha idade: vão embora da vida da comunidade para viver seus derradeiros dias no recolhimento e no silêncio”.

Essa é a explicação que poupa sua mulher. Na mesma carta, ele escreveu: “Agradeço a você por sua vida honesta nesses 48 anos comigo e peço que me perdoe por tudo aquilo de que fui culpado perante você, assim como eu, de todo o coração, perdoo tudo de que você possa ter sido culpada perante mim”.

Além de essa carta ser tocante no plano pessoal, cada palavra dela foi ponderada, para o caso de vir a público. Não foi por acaso que, antes de deixá-la, Tolstói, na véspera, fez dois rascunhos, duas variantes dela. A carta serviria como um salvo-conduto para a mulher. Ela poderia sem medo mostrá-la aos correspondentes (e de fato mostrava). O sentido da carta, *grosso modo*, foi o seguinte: Tolstói abandona não a esposa, mas Iássnaia Poliana. Ele não pode mais viver em condições senhoriais, isso não coincide com sua ideologia.

Provavelmente, Tolstói acreditava que Sófia Andréievna estaria satisfeita com essa explicação, e não o perseguiria nem cometeria loucuras. Mas, quando soube que ela tentara se afogar no açude de Iássnaia Poliana e recebeu sua carta de resposta com as palavras: “Lióvotchka, querido, volte para casa, salve-me do segundo suicídio”, ele viu que as ameaças da parte dela continuavam e decidiu se explicar, dizendo diretamente aquilo que omitira na carta de despedida.

A primeira variante da segunda carta, escrita em Chamórdino, ele não enviou. Era ríspida demais. “O nosso encontro, como já lhe escrevi, só pode piorar nossa situação; a sua, como todos dizem e como eu também penso, e

quanto a mim esse encontro é impossível e seria equivalente ao suicídio, e isso sem falar da volta a Iássnaia Poliana.”

O tom da carta enviada é mais suave: “Eu sei, sua carta foi escrita com sinceridade, mas não tem o poder para cumprir aquilo que você gostaria. E não se trata do cumprimento de meus desejos e exigências, mas de seu equilíbrio, de sua atitude serena e sensata perante a vida. Enquanto não houver isso, para mim, a vida ao seu lado é inconcebível. Voltar a você, nesse estado, significaria me recusar a viver. E eu não me considero no direito de fazer isso. Adeus, querida Sônia,²¹ que Deus a ajude. A vida não é brincadeira, não temos o direito de deixá-la por nossa própria vontade, e medi-la pela duração do tempo também é insensato. Talvez os meses de vida que nos restam sejam mais importantes do que todos os anos vividos, e é preciso vivê-los bem”.

Foi-se embora para morrer? Sim, caso isso seja entendido como medo de ficar para ter uma morte absurda, inconsciente; aceitá-la, no conceito dele, seria o mesmo que cometer o suicídio.

Quando, em Chamórdino, Sacha lhe perguntou se ele lamentava ter agido assim com *mamá*, ele respondeu com outra pergunta: “Será que uma pessoa pode lamentar, se ela não teve como agir de outra maneira?”.

A explicação mais precisa de seu comportamento Tolstói deu em conversa com a irmã, freira do convento de Chamórdino, ouvida pela filha dela, sobrinha e, por estranho que pareça, sua consogra, Elizaveta Valeriánovna Obolênskaia (Macha,²² a filha de Tolstói, foi casada com Nikolai Leonídovitch Obolênski, filho de E. V. Obolênskaia). E. V. Obolênskaia deixou memórias interessantíssimas sobre a mãe, e um dos trechos mais importantes é sobre o encontro de Tolstói com Maria Nikoláievna em sua cela de mosteiro, no dia 29 de outubro de 1910:

Bastava uma olhada para ver o quanto esse homem estava extenuado física e espiritualmente... Contando-nos sobre seu último ataque, ele

disse:

“Mais um assim e será o fim; a morte é agradável porque é um estado plenamente inconsciente. Mas eu gostaria de morrer consciente.” E chorou...

A minha mãe fez a suposição de que Sófya Andréievna é doente; ele pensou um pouco e disse:

“Sim, sim, é evidente. E como eu deveria agir? Era preciso fazer uso da força, mas eu não podia, então fui embora. E agora quero me aproveitar disso e começar uma vida nova.”

Em relação às palavras de Tolstói, transmitidas em memórias e diários por outras pessoas, é preciso ter uma atitude cautelosa e crítica. Muito crítica até, quando essas pessoas são próximas, interessadas. Somente comparando documentos diferentes é que se torna possível encontrar o ponto de intersecção e supor que aí está a verdade. Mas é preciso lembrar que nem o próprio Tolstói sabia dessa verdade. Eis uma anotação de seu diário, feita em 29 de outubro, depois da conversa com Maria Nikoláievna:

“... fiquei pensando sobre a saída para minha situação e para a situação dela²³ e não pude imaginar nenhuma, mas, queira ou não, haverá uma outra saída e não aquela que se prevê”.

A INTEGRAÇÃO AO POVO

Desde os primeiros dias após a partida de Tolstói, os jornais começaram a publicar suas versões do acontecimento, entre as quais havia também esta: Tolstói saiu para se integrar ao povo. Numa palavra, isso soava assim: *oproschénie*.²⁴ Essa versão predominou no período soviético. Foi inculcada nos estudantes: Tolstói revoltou-se contra as condições sociais nas quais ele e toda a nobreza viviam, porém, não compartilhando da ideologia marxista, procedeu como anarquista-populista – foi-se ao povo no sentido literal.

Mas o fato de essa versão ter sido legitimada pela ideologia comunista, que fazia reverências ao herói do artigo de V. I. Lênin “Lev Tolstói como espelho da Revolução Russa”, não significa necessariamente que ela seja errônea. Em todo caso, há nela muito mais verdade do que em qualquer mito romântico, semelhante ao que afirma que Tolstói correu ao encontro da morte. A vontade de se integrar ao povo, de ser indistinguível no meio dele, realmente era o sonho de Tolstói. Como ele se sentia feliz quando, em seus passeios, saía para a estrada de Kíev, que passava perto de Iássnaia Poliana, e deixava de ser conde, dissolvia-se na multidão de peregrinos que o tomavam por um “vovô” camponês. Quantos minutos preciosos passou conversando com os camponeses de Iássnaia Poliana, Kótchetov, Pirogovo, Nikólski e de qualquer outro lugar onde ele tenha tido a oportunidade de estar e onde, antes de tudo, conversava com os velhos do local.

Infelizmente, em meio aos intelectuais do século XX, tornou-se norma rir-se do *oproschénie* de Tolstói. A piada “Senhor conde, o arado já está na porta, queira arar!” já causava enfado.

Na verdade, a participação nos trabalhos de campo (lavoura, ceifa do feno, colheita), com os quais ele procurava acostumar seus filhos e não sem êxito (as filhas foram as mais receptivas), tinha para ele um sentido profundo. Isso fazia parte do complexo de autoeducação, sem o qual não haveria o fenômeno de Tolstói dos últimos anos. Nessa imagem do grande sábio e artista genial que, de roupa camponesa, caminha humildemente com as mãos no arado há algo extraordinariamente importante para entender a essência da vida, não menos importante que a imagem das pirâmides egípcias ou de um simples cemitério de aldeia. Não é por acaso que essa imagem não precisa de “tradução”, ela é compreensível para qualquer cultura nacional, porque expressa não o capricho de um fidalgo russo, mas a coparticipação do homem da terra, e é literalmente a encarnação da proposição bíblica: “Com o suor do rosto, ganhar o pão de cada dia”.

“... escritor de grande pureza e santidade vive entre nós...”, escreveu Aleksandr Blok no artigo “O sol sobre a Rússia”, para o octogésimo aniversário de Tolstói.

Frequentemente vem à cabeça: tudo está razoável, tudo ainda é simples e não é temível relativamente enquanto Lev Nikoláievitch Tolstói está vivo. Pois um gênio, apenas com sua vida, parece que nos indica para que existem baluartes, pilares de granito, como que segura em seus ombros, alimenta e dá de beber a seu país e a seu povo com sua alegria... Enquanto Tolstói vive, caminha pelo sulco com as mãos no arado, atrás de sua pequena égua branca, a madrugada é orvalhada, fresca, não há medo, os vampiros dormem, graças a Deus. Tolstói caminha – pois é o sol que caminha. E se o sol se puser, se Tolstói morrer, se for embora o último gênio, e então?

Essas palavras foram escritas dois anos antes da partida e da morte de Tolstói, mas nelas já há esse pressentimento. O pôr do sol – a partida – a morte. Era assim que via Blok o fim da vida de Tolstói. Ele ainda não tinha como saber que tanto partida como morte aconteceriam à noite, quando os “vampiros” não dormem. Mas é significativo que, meditando sobre a morte de Tolstói, Blok não tenha podido imaginar Tolstói de outro modo que não com o arado, como na pintura de Répin²⁵ *Tolstói com o arado*.

Muito menos Blok tinha como saber que, inicialmente, Tolstói não pretendia sair com rumo desconhecido, a primeira variante da partida tinha um destino bem definido: uma isbá camponesa.

De 20 a 21 de outubro de 1910, em Iássnaia Poliana, esteve hospedado um conhecido de Tolstói, camponês da província de Tula, Mikhail Petróvitch Nóvikov. Os dois haviam se conhecido em 1885, em Moscou, quando Nóvikov, de 26 anos, trabalhava como escrivão num estado-maior. Seu caminho de entusiasmo revolucionário com as ideias de Tolstói não fora original naquela época. Mas Tolstói reparou nele e fez uma anotação

em seu diário sobre a visita do jovem ardoroso, sincero e temerário. Nóvikov levava a Tolstói um processo secreto do estado-maior sobre o fuzilamento de operários na fábrica de Korzínkin, em Iaroslavl. Tolstói pediu-lhe persuasivamente que levasse o processo de volta e o colocasse no mesmo lugar. Não obstante, um mês depois, Nóvikov foi preso, não pelo extravio do processo secreto do estado-maior, mas sim pelo mesmo motivo que, exatamente meio século depois, levaria Solzhenítsin à prisão: a discussão livre demais na correspondência particular sobre a “primeira pessoa” do Estado, que era então Nikolai II. Posteriormente, Nóvikov dedicou-se à lavoura num pedacinho de terra, escreveu prosa e artigos e várias vezes encontrou-se com Tolstói. Depois da Revolução, enviou cartas ousadas a Stálin e a Górkí sobre a situação penosa dos camponeses e foi preso várias vezes, até ser fuzilado, em 1937. Com toda a sua ousadia desmedida, era um camponês de surpreendente sensatez e incomum laboriosidade, um desses que souberam tirar proveito da reforma agrária de Stolýpin. Aumentou seu lote de terra e sustentou a família com seu trabalho.

Tolstói resolveu contar justamente com esse homem.

Nessa visita de 20 de outubro, depois de ter conversado com Tolstói (na conversa, Nóvikov lamentou que ele não o visitava), o camponês pediu licença para pernoitar, porque receava se deparar com bêbados vagabundos no caminho. Foi feita para ele uma cama no quarto de Makovítski. Ele já estava pronto para se deitar, quando, de repente, entrou Tolstói. Num primeiro momento, Nóvikov tomou-o por um fantasma, “tão leves e silenciosos eram seus movimentos”. Em geral, nessa visita a Iássnaia Poliana, o aspecto de Tolstói deixou-o pasmo: “... estava tão extenuado e magro que eu me perguntava como pode um homem viver, pensar e se movimentar nesse estado?”. Tolstói sentou-se na beirada da cama e começou uma conversa com Nóvikov que foi citada nas memórias de Mikhail Petróvitch, reeditadas recentemente na Rússia. Ao leitor que não está a par, tal conversa pode parecer estranha, mas não nos esqueçamos de

que Tolstói procurava conversar com os camponeses na linguagem deles, como sempre fazia também com mujiques e até com Górkí, no primeiro encontro que tiveram, em Khamóvniki, pensando que ele era “um verdadeiro homem do povo”.

“É claro”, dizia Tolstói, “se ainda na juventude, ao menos uma vez, eu tivesse gritado com minha mulher ou tivesse batido os pés, talvez ela tivesse se submetido como se submetem as mulheres de vocês; mas eu, pela minha fraqueza, não suportava escândalos em família e, quando eles aconteciam, sempre pensava que o único culpado era eu e que eu não tinha o direito de fazer sofrer uma pessoa que me ama. E sempre cedia”.

“Toda vez ele me falava”, recordava Nóvikov, referindo-se a suas visitas a Iássnaia Poliana, “como era penoso para ele viver em casa senhorial, onde era considerado um comensal, um parasita, porque o seu trabalho não dava renda à família”.

É preciso dizer que ninguém da família considerava-o “um parasita” ou “um comensal”? Seria ridículo, sem falar que, embora tivesse renunciado a receber direitos autorais sobre edições de suas obras, Tolstói passou a Sófia Andréievna uma procuração para que ela recebesse os direitos autorais referentes às edições das obras escritas até 1881 (*Infância, Adolescência, Juventude, Contos de Sebastópol, Guerra e paz, Anna Karênina*; na realidade, tudo o que há de melhor das belas-lettras escritas por ele), e isso dava uma renda real à família. É pouco provável que Nóvikov tenha inventado essas palavras. O mais provável é que Tolstói tenha buscado explicar as causas de sua partida da fazenda de uma maneira simples e até grosseira, fazendo o jogo, buscando as simpatias de um mujique que trabalhava num pedaço de terra quase improdutivo até ficar esgotado.

“Nesta casa sinto-me como se estivesse sendo cozido no inferno”, queixava-se ele, “e sou invejado, dizem que vivo à fidalga. Mas ninguém vê nem entende como eu sofro aqui”.

Naquela noite, Tolstói expôs a Nóvikov o seu intento.

“Não vou morrer nesta casa, decidi ir-me embora para um lugar desconhecido e onde ninguém me conheça. E, quem sabe, realmente irei à sua isbá para morrer. Só que já sei de antemão que vai ralar comigo, pois em lugar algum gostam de peregrinos. Vi isso nas famílias camponesas... Agora eu também me tornei impotente e inútil... Só vou incomodar vocês e resmungar, como todos os velhos.”

“Tive que fazer um grande esforço para não chorar ouvindo essas palavras...”, recordava Nóvikov. “Sentia vergonha por tê-lo, perante mim, como que obrigado a se confessar, e ao mesmo tempo fiquei feliz por ele como pessoa que, esquecendo as nossas diferenças, não escondia de mim suas fraquezas e os pesares de sua alma. Por isso sempre o amei e afeiçoei-me a ele de coração... Querido e adorado vovô, poderia eu imaginar naquele minuto que você estava vivendo seus derradeiros dias nessa casa e nessa vida?”

Se admitirmos que Nóvikov cita as palavras de Tolstói com relativa precisão, não há como não suspeitar de haver nelas uma ironia oculta (um pobre peregrino com quem os camponeses vão ralar) e outra vez um jogo inocente, fazendo-se de um simples mujique. É significativo o fato de que, quando estava contando a conversa com Nóvikov a Sacha, Tolstói dava umas leves risadinhas:

Quando entrei em sua sala para buscar as cartas, ele, com um sorriso alegre e um pouco malicioso, levou-me ao gabinete e, do gabinete, ao dormitório.

“Vamos, vamos, vou te revelar um grande segredo! Um grande segredo!”

Eu o segui e, olhando para ele, sentia-me um tanto aliviada.

“Eis o que eu inventei. Conteí a Nóvikov um pouco sobre a nossa situação e sobre como é penoso para mim este lugar. Irei à casa dele. Lá

não vão me encontrar mesmo. E, sabe, Nóvikov contou-me que a mulher de seu irmão era alcoólatra. Pois então, quando ela começava a armar uma confusão, o irmão dava-lhe nas costas e ela melhorava. Isso ajuda.” E o meu pai riu com bonomia... Eu também ri e contei-lhe como um dia o cocheiro Ivan levava Olga²⁶ e ela lhe perguntou como iam as coisas em Iássnaia Poliana. Ele respondeu que iam mal, depois virou-se para ela e disse:

“Sabe, vossa senhoria, desculpe, mas vou lhe dizer. Nós fazemos à maneira camponesa: quando a mulher desatina, o marido dá-lhe com as rédeas! Vira uma seda!”

Certamente, não se pode levar isso a sério. Mas o clima na casa de Iássnaia Poliana era tal que “brincadeiras” desse tipo tornaram-se possíveis.

Sobre o encontro com Nóvikov Tolstói escreveu secamente: “Veio Mikhail Nóvikov. Conversamos muito. Um mujique sério, inteligente”.

Havia algum tempo, Tolstói tinha medo de escrever em seu diário toda a verdade, sabendo que Sófia Andrêievna, ao encontrar a chave conveniente para a sua mesa, lia as anotações diárias. Ele até arranhou um caderninho pequeno, que intitulou *Diário só para mim*, e o escondia no cano da bota. No dia 24 de setembro, ele escreveu: “Perdi meu pequeno diário”. Não perdeu, sua mulher achou-o no cano da bota e levou-o para seu quarto. Segundo a versão de Sófia Andrêievna, ela casualmente deixou cair a roupa de cama sobre a bota e... Mas neste caso isso não importa. Importa que o clima na casa dos Tolstói era tal que a criadagem e os camponeses de Iássnaia Poliana ficavam espantados e, nas conversas, Tolstói tinha de procurar sair, de alguma maneira, das situações constrangedoras, inclusive com a ajuda dessas “brincadeiras”.

Mas, como se verificou, a decisão de ir à casa de Nóvikov não foi brincadeira, em absoluto. Em 24 de outubro, ele enviou uma carta:

Mikhail Petróvitch,

Por aquele motivo que lhe contei antes de sua partida, dirijo-me a você com o seguinte pedido: se eu realmente fosse à sua casa, poderia encontrar em sua aldeia uma casinha para mim, mesmo que minúscula, mas separada e quente? Assim eu incomodaria você e sua família por um tempo bem curto. Comunico-lhe também que, se eu tiver de lhe enviar um telegrama, ele não seria com meu nome, mas com o de T. Nikoláiev.

Aguardo sua resposta, aperto amigável de mão.

Lev Tolstói.

Tenha em vista que só você pode saber disso.

Brincadeira coisa nenhuma! Nessa carta, pela primeira vez, foi indicado o código secreto que Tolstói, Sacha e Tchertkov usariam durante a fuga dele de Iássnaia Poliana para enganar Sófia Andréievna e os jornalistas. Grande Tolstói, que desprezava pseudônimos, que não tinha medo de assinar com seu nome as cartas ousadas aos czares, a Stolýpin e a Pobedonóstsev,²⁷ escondeu-se atrás da sombra de T. Nikoláiev.

Ao receber a carta, Nóvikov ficou desnorreado. Uma coisa é um se abrir para o outro, como dois mujiques, numa casa confortável de Iássnaia Poliana, e completamente outra é assumir a responsabilidade, perante o mundo inteiro, de esconder o fugitivo Tolstói. Escreveu Nóvikov em suas memórias:

Eu não me perdoou aquela demora que eu me permiti em lhe responder a carta que, como eu soube mais tarde, Lev Nikoláievitch ficou esperando dois dias. Só quando viu que não podia ir à minha casa, pois eu não respondia, rumou para o Sul, em direção à casa de pessoas conhecidas, e recebeu a minha resposta em Astápovo, já enfermo. Quem sabe ele tivesse vivido mais alguns anos, já que a viagem de duas horas de Iássnaia Poliana até nossa estação não o prejudicaria, fora que a isbá que ele tinha pedido, quente e limpa, estava vaga, como se esperasse

por moradores. E na minha isbá também havia um quartinho confortável, onde ele poderia se abrigar por algum tempo sem ser notado por ninguém.

Jamais me perdoarei essa falha!

Nóvikov se culpava em vão. Tolstói não era uma agulha, e a aldeia de Tula não era um palheiro. Com a aparência mundialmente famosa e frente à rede de correspondentes e de fiscais estatais e particulares que existia na época, Tolstói estava destinado a ser encontrado, e muito em breve.

O curioso é outra coisa. Essa “isbá quente e limpa” surgiu nas memórias de Nóvikov mais tarde, após a morte de Tolstói. Em sua carta resposta, não apenas não existia isbá nenhuma como a própria carta, pelo conteúdo, era uma forma polida de recusa. Por isso, se essa carta não tivesse chegado atrasada e Tolstói a tivesse recebido em Iássnaia Poliana e não em Astápovo, já desenganado, nada mudaria. Tolstói não tinha para onde fugir e Nóvikov tratou de lhe explicar isso.

Querido Lev Nikoláievitch, recebi sua carta e fiquei muito tocado com sua intimidade e sinceridade para comigo. Não pude responder em seguida, para não agir precipitadamente. Sempre fui sincero com o senhor e disse aquilo que sentia meu coração e agora resolvi lhe dizer o que sinto a respeito de seu pedido, exposto na carta, sem a intenção de agradar ou desagradar o senhor.

Aquele tempo, em que o senhor deveria, para o bem geral e por força da consciência, mudar as condições externas de sua vida, já passou para o senhor, e mudá-las agora por longo tempo não faz sentido nenhum...

Por mais que eu queira ver o senhor livre das barreiras e junto com todo o povo, mas em prol da preservação de sua vida num corpo tão velho, para o relacionamento com o senhor, precioso a todos nós, não posso desejar isso seriamente. Desejo apenas que o resto de sua vida aqui não seja constrangido pelas condições externas para que possa ter contato

com as pessoas que o amam. Mas para as visitas temporárias de seus amigos por um dia, uma semana, duas ou um mês, minha casa não é nada confortável. Temos um quarto claro, que todos os meus familiares cederiam com prazer e com amor cuidariam do senhor, tanto mais que não tenho filhos muito pequenos que poderiam fazer barulho fora de hora, o mais novo tem cinco anos. Assim penso eu. Mas se o senhor pensa diferente, que seja segundo o seu desejo, e pode dispor do quarto o tempo que quiser. E principalmente de abril até outubro é possível viver na minha casa sem incomodar um ao outro. O nosso receio não é que o senhor nos incomode, mas o inverso...

Afetuosamente,
camponês Mikhail Nóvikov

Post scriptum (havia uma explicação a respeito de uma casa separada):

Quanto a morar numa casa separada, considero isso impossível por causa da fraqueza do senhor. E os camponeses não têm casas separadas. Costumam ter segundas casas que são frias, se bem que é fácil adaptá-las à moradia, fazendo uma reforma, porém não serão separadas, mas ligadas à outra por um saguão. Uma dessas, de seis archins,²⁸ possui o meu vizinho, que não se recusaria a alugá-la ao senhor. Ou a minha velha tia, que na primavera vai construir uma igual, de seis archins, mora sozinha e, como é uma velha inteligente, também ficaria feliz em abrigar e cuidar do senhor.

Entende-se que Tolstói, com sua extrema independência e ao mesmo tempo delicadeza, não aceitaria essas condições. Nóvikov sabia disso... E sabia também que um velho doente mudar de moradia em pleno outono era uma loucura total! Era preciso esperar até a primavera.

Mas Tolstói não podia esperar.

Somente no dia 3 de novembro Tchertkov, que chegou a Astápovo, leu em voz alta a carta de Nóvikov. Tolstói escutou atentamente e pediu para que fosse escrito no envelope: “Agradeço. Parti em direção contrária”.

ABORRECIMENTO FERROVIÁRIO...

De Schékino a Gorbachevo eles viajaram no compartimento de vagão de segunda classe. Ficaram para trás a fazenda e a aldeia Iássnaia Poliana, pela qual, duas horas antes, havia passado um estranho cortejo: numa caleche, puxada por uma parelha de cavalos, estava o conde velhinho, trajando colete acolchoado, caftã por cima e dois gorros (sentia muito frio na cabeça); ao lado dele, o médico Duchan Petróvitch, impassível, com expressão inalterável no rosto, de sobretudo de peles gasto e um gorrinho amarelo de feltro; na frente, montado no terceiro cavalo, ia Filhka, com uma tocha acesa na mão (segundo Sacha) ou uma lanterna (segundo Makovítski). Os aldeões acordam cedo. Em algumas casas, já havia luz nas janelas e fogo nos fornos. Na extremidade da aldeia, a rédea desamarrou-se. Makovítski desceu da caleche para achar a ponta do freio e, aproveitando a ocasião, verificou se os pés de Tolstói estavam cobertos. Este tinha tanta pressa que gritou com Makovítski. Ao ouvir o grito, os mujiques das casas mais próximas saíram para a rua. Uma cena muda.

Quando, em Schékino, pedia as passagens, Makovítski não queria dar o nome de Gorbachevo, mas de alguma outra estação para despistar. Mas julgou que mentir fica mal e não tem sentido.

Em Astápovo, Sófia Andrêievna viria a interrogar Makovítski:

“Mas para onde vocês iam?”

“Para longe.”

“Mas para onde exatamente?”

“Primeiro, para Rostov. Lá pretendíamos pegar os passaportes estrangeiros.”

“E depois?”

“A Odessa.”

“E depois?”

“A Constantinopla.”

“E aonde depois?”

“À Bulgária.”

“E vocês têm dinheiro?”

“Sim, o suficiente.”

“Quanto, por exemplo?”

“...”

Essa conversa foi citada pelo Dr. A. P. Semenóvski, médico-chefe do hospital de *zemstvo*²⁹ que, no dia 1º de outubro, foi chamado por telegrama da cidade de Dankovo, próxima a Astápovo. Ele descreveu em suas memórias a conversa curiosa com Makovítski, na qual este lhe confessou que, quando pedia as passagens nas estações, em lugar de dinheiro declarava no caixa que as passagens eram para Tolstói. “Depois acertamos.” E lhe davam as passagens.

Verificou-se que Tolstói era um péssimo conspirador. Em Schékino, foi o primeiro a entrar no prédio da estação e ainda perguntou ao *barman* se havia uma linha direta de Gorbachevo a Kozelsk. Depois verificou o mesmo com o plantonista da estação. (No dia seguinte, por meio do caixa, Sófia já sabia aproximadamente em que direção havia partido o marido.) Enquanto Makovítski cuidava das malas, despachando de volta o desnecessário, Tolstói, a quatrocentos passos, passeava com um menino que ia à escola. Chegou o trem.

“Nós iremos junto com esse menino”, disse ele.

No trem, Tolstói acalmou-se, dormitou uma hora e meia, depois pediu a Makovítski para procurar pelas revistas *Círculo de leitura* ou *Para cada dia*, coletâneas de pensamentos sábios que ele editava. Mas verificou-se que não havia nenhuma delas.

Os momentos mais amargos da derradeira viagem de Tolstói aconteciam quando seus hábitos arraigados entravam em contradição com as novas condições, insólitas para o velho. Parecia que não precisava de quase nada, tamanha a simplificação de seu modo de vida em Iássnaia Poliana... Mas que coisa! Justamente essas ninharias é que lhe faziam falta a cada instante...

Por causa disso, já não parece mais ridícula a exclamação de Sófia Andrêievna, quando soube da fuga do marido:

“Coitado de Lióvotchka! Quem é que lá vai lhe servir a manteiguinha?!”

E já se vê como muito comovente o fato de que, indo a Astápovo, Sófia Andrêievna não se tenha esquecido de levar consigo o travesseirinho, feito com suas próprias mãos, com o qual o marido costumava dormir. Esse travesseirinho ele reconheceu. Mas sobre isso falaremos depois.

A começar pela perda do gorro no jardim, pequenas e lamentáveis contrariedades não pararam de aborrecer o fugitivo de Iássnaia Poliana e, nos primeiros dias, tudo isso, como um grande fardo, caiu sobre Makovítski.

De Gorbatchevo a Kozelsk ele desejava impreterivelmente viajar no vagão de terceira classe, com o povo simples. No vagão, ao se sentar no banco de madeira, disse:

“Como é bom, espaçoso!”

Mas Makovítski foi o primeiro a dar o alerta. O trem “Sukhínitchi-Kozelsk” era de carga, com um vagão de passageiros de terceira classe repleto de gente e impregnado de fumo. Por causa do aperto, os passageiros passavam para os vagões adaptados para transportar pessoas. Sem esperar pela partida do trem e sem dizer nada a Tolstói, Makovítski foi depressa até o chefe da estação e exigiu um vagão a reboque. Este o encaminhou a outro funcionário, que por sua vez lhe indicou o plantonista. Nesse mesmo tempo, um plantonista estava no vagão e olhava embasbacado para Tolstói, que os

passageiros já tinham reconhecido. E ele ficaria feliz em ajudar, mas não era ele quem respondia pelos vagões. O plantonista também estava ali e observava atentamente Tolstói. Makovítski repetiu o seu pedido.

Escreveu Makovítski:

Ele, como que a contragosto e indeciso, disse ao operário ferroviário que passasse ao condutor-chefe a ordem de rebocar mais um vagão de terceira classe. Seis minutos depois, a locomotiva passou do lado do nosso trem, trazendo o vagão. O condutor-chefe, que entrou para controlar as passagens, anunciou ao público que seria rebocado mais um vagão e todos poderiam se acomodar, pois muitos dos passageiros estavam em pé no vagão e na plataforma. Mas soou o segundo sinal de partida e, meio minuto depois, o terceiro, e o vagão não foi rebocado. Eu fui correndo até o plantonista. Ele respondeu que não havia vagão de reserva. O trem partiu. Soube pelo condutor que o vagão que passou pelo nosso trem era necessário para o transporte dos escolares na estação.

Recorda Makovítski:

O nosso vagão era o pior e o mais apertado de todos, e foi num desses que eu tive de viajar outrora pela Rússia. A entrada estava colocada assimetricamente em relação à passagem. Entrando no vagão no momento da partida do trem, a pessoa corria o risco de bater com o rosto no canto superior do encosto do banco, que ficava justamente na metade da largura da porta; ele tinha de ser contornado. As seções de bancos eram estreitas e o espaço entre eles era pequeno. A bagagem também não cabia. Estava abafado.

Makovítski ofereceu colocar uma manta debaixo de Tolstói. Ele recusou. Especialmente durante essa viagem, ele aceitava muito a contragosto os favores dos quais se servia antes.

Logo ele começou a ficar sufocado por causa do abafamento e da fumaça, porque a metade dos passageiros fumava. Vestiu o casaco e pôs o gorro, ambos de pele, e foi para a plataforma traseira. Mas os fumantes estavam lá também. Então ele passou para a plataforma dianteira, onde batia o vento, mas em compensação ninguém fumava, havia lá somente uma mulher com uma criança e um camponês...

Os três quartos de hora passados nessa plataforma Makovítski vai chamar posteriormente de “fatais” para Tolstói.

Ao voltar para o vagão, Tolstói rapidamente travou amizades, como de costume. Conversou com um mujique de cinquenta anos sobre a família dele, economia doméstica, fretes, quebra de tijolos. Todos os detalhes interessavam a Tolstói. “*Ein typischer Bauer*”,³⁰ disse Tolstói a Makovítski em alemão. O mujique era conversador. Discutia livremente sobre o tráfico de vodca, queixou-se do senhor de terras B., com quem a comunidade brigou por causa da floresta e depois disso, por ordem das autoridades locais, todos foram submetidos a “castigo corporal”.

O agrimensor, sentado ao lado, intercedeu em favor do senhor de terras e acusou os camponeses. O mujique persistiu.

“Nós trabalhamos mais que vocês, os mujiques”, disse o agrimensor.

“Isso não pode ser comparado”, objetou Tolstói.

O mujique fazia coro, o agrimensor discutia. Não o embaraçava nem um pouco o fato de que ele discutia com o próprio Tolstói. “Conheci Serguei Nikoláievitch, seu irmão”, disse o agrimensor. Na opinião de Makovítski, “ele era capaz de discutir sem parar e não a fim de averiguar a verdade”, mas para demonstrar, custasse o que custasse, que ele tinha razão. A discussão passou para outras questões mais amplas: o sistema de imposto único de Henri George, Darwin, ciência e educação. Tolstói ficou agitado, soergueu-se e ficou falando mais de uma hora. Juntou-se um público de ambas as extremidades do vagão: camponeses, pequeno-burgueses, operários, intelectuais e “dois judeus”, observa Makovítski, que tinha um

desamor doentio pelos judeus desde a sua juventude austro-húngara. Uma ginásiana anotava o discurso de Tolstói. Depois desistiu e começou também a discutir com ele...

“O homem já sabe voar!”, disse ela.

“Conceda os voos aos pássaros”, respondeu Tolstói”, os homens precisam se locomover na terra.

A formanda do ginásio de Belev T. Tamánskaia foi a única das testemunhas da viagem de Tolstói a Kozelsk que deixou a recordação escrita, publicada no jornal *Voz de Moscou*. Ela escreveu que Tolstói estava “... de camisa preta, que chegava até os joelhos, e de botas de cano alto. Na cabeça, em lugar do chapéu de feltro, ele tinha um solidéu de seda”.

Makovítski, que endeusava Tolstói e já seriamente se preocupava com sua saúde, ficou aborrecido com esse tratamento de igual para igual para com o escritor. Quando Tolstói deixou cair sua luva e ligou a lanterna para procurá-la no chão, a ginásiana não deixou de observar:

“Está vendo, Lev Nikoláievitch, a ciência serviu!”

Quando Tolstói, exausto pela discussão e pela fumaça do tabaco, outra vez foi à plataforma para respirar ar puro, o agrimensor e a moça seguiram-no “com novas objeções”. Antes de descer em Belev, a ginásiana pediu-lhe um autógrafo. Ele escreveu: *Lev Tolstói*.

O camponês soube pelo próprio Tolstói que ele pretendia ir ao convento de Chamórdino e, antes disso, desejava visitar o mosteiro de Óptina.

“Olhe, pai, retire-se ao mosteiro”, aconselhou o camponês. “Você deve largar os negócios mundanos e procurar salvar sua alma. Fique no mosteiro.”

“L. N. respondeu-lhe com um sorriso.”

No fim do vagão começaram a tocar harmônica e cantar. Tolstói escutava e elogiava.

O trem ia devagar, em seis horas e meia fez pouco mais de cem verstas. Tolstói acabou se cansando de “ficar sentado”. “Essa locomoção lenta pelas ferrovias da Rússia ajudava a matar L. N.”, escrevia Makovítski.

Por volta das 17 horas, desceram em Kozelsk. Adiante estava o mosteiro de Óptina e Chamórdino. A essa altura Tolstói não sabia ainda o que havia acontecido na fazenda depois de sua fuga noturna. Sófia Andrêievna duas vezes tentara suicídio. Na primeira, foi tirada do açude e, na segunda, apanhada em direção a ele. Depois disso, batia no peito com o peso de papel, o machado, gritando: “Estoura, coração!”. Espetava seu corpo com facas, tesouras, alfinetes. Quando os tiravam de suas mãos, ameaçava se jogar pela janela ou se afogar no poço. E, ao mesmo tempo, mandava o pessoal ir até a estação para averiguar o destino das passagens compradas. Quando soube que Tolstói e Makovítski haviam ido a Gorbatchevo, mandou um criado enviar para lá o telegrama: “*Volte imediatamente. Sacha*”. O criado comunicou isso a Sacha, e ela enviou um telegrama neutralizante: “*Não se preocupe, valem somente os telegramas assinados por Aleksandra*”.

A mãe procurava ser mais astuta que a filha, e a filha, mais astuta que a mãe.

“Vou encontrá-lo!”, gritava Sófia. “Como vão me impedir? Pulo pela janela e vou à estação. O que poderão fazer comigo? É só eu saber onde ele está! Aí eu não o solto mais, vou vigiá-lo dia e noite, dormir à sua porta!”

No dia 28 de outubro, à noite, Tchertkov recebeu o telegrama: “*Pernoitamos Óptina. Amanhã Chamórdino. Endereço Podbirki. Estou bem. T. Nikoláiev*”.

-
- 2 Na literatura russa sobre Tolstói, o acontecimento de 28 de outubro de 1910, em Iássnaia Poliana, costuma-se chamar de *ukhod*. A palavra *ukhod* [“partida a pé”] na língua russa tem vários sentidos: “sair de algum lugar”, “deixar este lugar para sempre” e até, no sentido figurado, “morrer”, “deixar este mundo”. Portanto, no caso de Tolstói, a palavra *ukhod* pressupõe algo maior que simplesmente “abandono do lar”. (N. do A.)
 - 3 Todas as datas são do calendário juliano. (N. do A.)
 - 4 Em russo, “A Palavra Russa” (N. da T.)
 - 5 Membro da organização populista *Naródnaia Vólia* (em russo, “Vontade do Povo”). (N. da T.)
 - 6 “Óptina Pústinh” em russo significa “Ermita de Opta”, um bandoleiro arrependido que, ao tomar o hábito, adotou o nome Makári. No século XIV ou XV (a data certa é desconhecida), Opta fundou um mosteiro masculino nesse local deserto, que se tornou lugar de retiro espiritual famoso na Rússia e no exterior. (N. da T.)
 - 7 Em russo, “Boletim de Odessa”. (N. da T.)
 - 8 Em russo, “Gazeta de Petersburgo”. (N. da T.)
 - 9 V. V. Rósanov (1856-1919), escritor, articulista e filósofo russo. (N. da T.)
 - 10 Em inglês, “Tolstói abandona o lar”. (N. da T.)
 - 11 I. A. Búnin (1879-1953), escritor russo, Nobel de Literatura em 1933. (N. da T.)
 - 12 Nas *isbás* russas, o vão entre o teto e uma parte superior do forno de tijolos, que conservam o calor por muito tempo. Esse vão serve de leito, principalmente no inverno, para no mínimo duas pessoas. (N. da T.)
 - 13 Forma carinhosa para Liova, o diminutivo de Lev. (N. da T.)
 - 14 Diminutivo de Varvara. (N. da T.)
 - 15 Antiga medida russa igual a 1,067 km. (N. da T.)
 - 16 Piotr Arkádievich Stolýpin (1862-1911), primeiro-ministro e ministro do Interior da Rússia (1906-1911). (N. da T.)
 - 17 Expressão de origem francesa, que se refere ao horário antes do amanhecer, quando o pastor não pode distinguir o cão do lobo. (N. da T.)
 - 18 Palavras de Vladímir Ilitch Lênin citadas por Maksim Górkí no ensaio “V. I. Lênin”, de 1924. (N. da T.)
 - 19 Nikolai Nikoláievitch Strákhov (1826-1896), filósofo, articulista e crítico literário russo, foi autor de artigos sobre Tolstói e o primeiro biógrafo de Dostoiévski. (N. da T.)
 - 20 Marca da máquina de escrever. (N. A.)
 - 21 Diminutivo de Sófia. (N. da T.)
 - 22 Diminutivo de Maria. (N. da T.)

- 23** De Sófía Andrêievna. (N. do A.)
- 24** Provém da palavra russa *prostói* (“simples”). Assimilação do modo de vida, hábitos e roupa do povo simples, dos camponeses, e recusa voluntária dos privilégios das camadas mais elevadas da sociedade. (N. da T.)
- 25** I. E. Répin (1844-1930), eminente pintor russo, participante das exposições ambulantes organizadas pela associação de pintores chamados *peredvíjniki*, palavra sem tradução em português que provém de “locomoção” e que surgiu justamente para denominar os pintores que se locomoviam com as exposições de pinturas e desenhos pelo interior da Rússia para levar arte ao povo. (N. da T.)
- 26** Nora de Tolstói – a primeira esposa do filho Andrei. (N. do A.)
- 27** K. P. Pobedonóstsev (1825-1907), homem de Estado russo, reacionário, jurista, procurador-geral do Sínodo. (N. da T.)
- 28** Antiga medida russa igual a 0,71 m. (N. da T.)
- 29** Administração local (1864-1918) à época escolhida pelas classes possuidoras da Rússia. (N. da T.)
- 30** Em alemão, “um verdadeiro camponês”. (N. do A.)

O paraíso perdido

No dia 28 de outubro, às 16h 50, eles chegaram a Kozelsk.

Tolstói foi o primeiro a descer. Enquanto Makovítski e o carregador transferiam a bagagem para a sala de espera, ele desapareceu, mas voltou logo e disse que já tinha alugado dois cocheiros até o mosteiro de Óptina. Pegou a cesta com as provisões e levou Makovítski e o carregador às caleches.

O cocheiro da caleche, na qual estavam Tolstói e o médico, chamava-se Fiódor e, por coincidência, tinha o sobrenome Nóvikov, o mesmo do camponês, para a casa do qual Tolstói pretendia partir inicialmente. Logo depois, pela primeira vez na vida, Fiódor Nóvikov daria entrevistas aos jornais. Ele dirá assim sobre o seu passageiro: “Não tenho conhecimentos concretos. Mas sinto que seu coração não é como o de todos os outros. Queria tirar a coberta da caleche, mas ele não deixou: ‘Fiódor, eu mesmo tiro’, disse ele, ‘também tenho as mãos’. Não vai à igreja, mas frequenta mosteiros”.

Na outra caleche iam as malas. Já no caminho, Nóvikov pediu ao fidalgo licença para fumar (aliás, no início, ele pensou que o fidalgo fosse Makovítski, e Tolstói, um simples mujique velho). Tolstói permitiu, mas perguntou quanto lhe custavam anualmente o tabaco e a vodca. Concluiu que, com o dinheiro gasto em tabaco, podia-se comprar meio cavalo, e com

o dinheiro gasto em vodca, dois inteiros. “Isso não é bom”, suspirou Tolstói. “Não, não é”, concordou o mujique.

Na balsa do rio Zhisdrá, em cuja margem estava o mosteiro de Óptina, Tolstói travou conversa com o balseiro-frade e disse a Makovítski que ele era dos mujiques. O irmão Mikhail, de barba e cabelo ruivos, quase vermelhos, servia também na hospedaria do mosteiro. Quando lhe foi perguntado se ele “poderia hospedar o excomungado conde Tolstói?”, Mikhail ficou assombrado e hospedou os dois no melhor quarto – espaçoso, com duas camas e um sofá largo.

“Como é bom aqui!”, exclamou Tolstói.

EM VISITA, COMO SE EM SUA PRÓPRIA CASA

“Nesta casa sinto-me como se estivesse sendo cozido no inferno”, queixou-se Tolstói ao camponês Mikhail Nóvikov antes de deixar Iássnaia Poliana. E isso foi dito sobre a casa na qual ele passou a maior e, indubitavelmente, a melhor parte de sua vida. Da casa que fazia parte de sua fazenda, onde ele mesmo havia nascido, onde nasceram todos os seus irmãos e irmãs, a maior parte de seus filhos e alguns dos netos. Onde foram escritos *Os cossacos*, *Guerra e paz*, *Anna Karênina*, *A Sonata a Kreutzer*, *O poder das trevas* e a maior parte de suas obras clássicas, mais de duzentas no total. Casa em relação à qual até a Moscou patriarcal parecia-lhe fútil e barulhenta, e isso sem falar em Petersburgo.

No fundo, a partida de Tolstói de Iássnaia Poliana foi uma fuga da Rússia! “Eu não imagino a Rússia e a minha relação com ela sem minha Iássnaia Poliana. Talvez, sem Iássnaia Poliana, eu possa ver mais claramente as leis gerais que necessita a minha pátria, mas não vou amá-la com paixão.”

Até que ponto a vida em Iássnaia Poliana (ou o próprio Tolstói) tinha mudado, a ponto de sua permanência nela começar a lhe parecer “o inferno”?

Depois de ter visitado o mosteiro de Óptina, ao chegar a Chamórdino ele disse à irmã que estaria feliz em se alojar em Óptina e fazer a penitência mais severa com uma condição: não ir ao templo.

A vida monacal parecia-lhe mais atraente do que a vida doméstica: o ancião de 82 anos considerava que morar numa casa camponesa, num mosteiro ou numa hospedaria modesta era mais confortável espiritualmente do que entre as paredes de sua própria casa.

Ao menos, a partir de 1909, estando em visita, ele se sentia melhor do que em casa. Em Kótcheti, na casa de Tatiana, sua filha mais velha, ele aliviava a alma e não só não tinha pressa de voltar a Iássnaia Poliana como, na medida do possível, procurava adiar sua partida de lá. Estando de visita na casa de campo de Tchertkov, em Meschérskoie, uma povoação nos arredores de Moscou, Tolstói a deixou contra sua vontade e somente depois do segundo telegrama alarmante sobre o estado anormal de Sófia Andréievna.

“Pelo visto, Lev Nikoláievitch sente-se muito bem”, escreveu Valentin Bulgákov em seu diário, no dia 16 de junho de 1910. “Sempre tão animado, conversador. Creio que esteja descansando aqui da constante azáfama em sua casa. Também a simplicidade, mesmo bastante relativa, dos objetos caseiros de Tchertkov harmoniza mais com a estrutura espiritual de Lev Nikoláievitch, como me parece, do que o ‘luxo’ que o fartou e, principalmente, o isolamento aristocrático, embora não total, da casa de Iássnaia Poliana”.

Naquela época, Valentin Bulgákov era jovem demais e tolstoísta demais para avaliar a situação objetivamente. Porém, não foi por acaso que ele colocou a palavra “luxo” entre aspas, dando a entender que esse “luxo” estava mais na cabeça de Tolstói do que na realidade. Em Iássnaia Poliana não havia nem sombra de luxo. Mas o mito sobre as condições “luxuosas” da vida de Tolstói antes da partida resiste até hoje na consciência russa. James Mavor, político e economista canadense, nascido e formado na Grã-

Bretanha, que visitou Iássnaia Poliana em 1889 e 1910, escreveu: “O nível de vida em Iássnaia Poliana, com exceção dos intervalos curtos entre as refeições, era mais baixo do que o nível de uma família inglesa de renda média”.

E nem sequer se tratava do “isolamento aristocrático” da fazenda que mais parecia a casa da sogra. Qualquer mendigo, bêbado ou louco poderia chegar a Tolstói com seus problemas. É surpreendente que durante todo esse tempo de torre de babel nenhuma dessas pessoas tenha pensado em cometer um atentado contra Tolstói ou machucá-lo fisicamente. E isso apesar de ele receber cartas e telegramas com ameaças, encomendas com cordas (alusão ao enforcamento) etc. Mas a franqueza e o encanto da personalidade de Tolstói desarmavam os potenciais desordeiros ou terroristas com segurança maior que a polícia. Somente durante as agitações camponesas entre os anos de 1905 e 1908, com incêndios e pilhagens, Sófia dirigiu-se ao governador de Tula com o pedido de que fossem enviados policiais para proteger Iássnaia Poliana. Mas mesmo esse ato dela resultou em forte oposição do marido e da filha caçula.

Em Kótcheti e Meschérskoie, Tolstói descansava não do aristocratismo, mas do democratismo excessivo da vida em Iássnaia Poliana, e o culpado disso era o próprio Tolstói e seu ensinamento, que transtornou a consciência de milhares de pessoas, muitas das quais sonhavam em conversar diretamente com o mestre. E também muito mais pessoas que não chegaram a ler livro nenhum de Tolstói aspiravam chegar a ele simplesmente por curiosidade, querendo olhar para aquele homem famoso e acessível. Outros queriam se gabar de sua própria inteligência diante dele. Alguns vinham para se queixar da vida. E havia também quem vinha para pedinchar dinheiro.

Aleksandra Andréievna Tolstaia, tia de Tolstói, em seu encontro pessoal com Alexandre III, disse ao soberano: “Aqui na Rússia só temos duas pessoas verdadeiramente populares: o conde Tolstói e o padre João de

Kronstadt”. O imperador riu da comparação e concordou com ela. Mas o famoso pregador João de Kronstadt, ainda hoje não canonizado, pregava na enorme catedral de Santo André e, para encontros pessoais, tinha uma casa de hospedagem para peregrinos em Kronstadt. Tolstói não tinha nada disso e por suas convicções nem poderia ter. Ele não podia se trancar numa cela, como os anciãos do mosteiro de Óptina, encarregando um noviço de cuidar da fila de visitantes.

“Hoje está indo embora o meu adorável sogro”, anotou M. S. Sukhótin, genro de Tolstói, no dia 3 de julho de 1909, em Kótcheti. “Eu sublinho ‘adorável’, porque sua estada aqui deixou a impressão de doçura, delicadeza e facilidade de convívio com ele. Não fossem os ciúmes de minha sogra em casos oportunos e inoportunos, sempre alfinetando o marido em cartas por ter encontrado em Kótcheti um lugar onde se vive melhor que em Iássnaia Poliana, é evidente que L. N. não sairia daqui tão cedo.”

“*Papá* partiu de Kótcheti em 3 de julho” escreveu Tatiana Sukhótina, filha de Tolstói. “Parece-me que ele estava bem em nossa casa; não tivemos muitos visitantes, ninguém se intrometia no seu trabalho intelectual, ninguém o apressava nem lhe dava ordens. Ele se sentia completamente livre e cercado de amor, carinho e vontade de agradá-lo.”

Eis uma anotação de Makovítski do dia 26 de julho de 1909, quando Tolstói já estava em Iássnaia Poliana: “Visitantes. Um jovem maltrapilho contou a L. N. como incendiou a casa do pope³¹ da aldeia e ainda apunhalou alguém. Está ameaçado por trabalhos forçados, esconde-se, vagabundeia. Hoje vêm muitos curiosos folgados...”.

“Considerar somente sua própria vida como vida é uma loucura, demência”, escreveu Tolstói quase naquele mesmo tempo. E em Astápoovo pronunciou uma frase que virou uma espécie de mensagem agônica de Tolstói: “Aconselho-os a lembrar apenas uma coisa: existe uma multidão de gente no mundo. E vocês olham somente para Lev”.

No entanto, é preciso reconhecer que justamente a “multidão de gente” que vinha a pé ou de condução a Iássnaia Poliana nos anos 1900 é que complicava gravemente a vida dele e de seus familiares.

É claro que no meio dessa “multidão de gente” encontravam-se pessoas que comungavam espiritualmente com ele ou pessoas não ocasionais, como Aleksei Péchkov, futuramente Maksim Górkí, que chegou em 1889 a pé da estação Krutáia da ferrovia Griasi-Tsarítsino, para pedir, em nome dos correligionários, terras e dinheiro para uma comuna agrícola. Entre os romeiros a Iássnaia Poliana havia também buscadores espirituais solitários; sectários religiosos sérios, perseguidos pelo poder; ginasianos que caíram em desespero na busca do sentido da vida; estudantes, operários, funcionários e abstêmios; mujiques sérios que respeitavam Tolstói pelo seu amor aos camponeses.

Mas havia outras visitas.

7 de abril de 1910. “Uma moça, professora, não concluiu o curso, mas quer abrir ‘sua própria escola’. Falta pouco: concluir os estudos. E também dinheiro, ‘para ser útil ao povo’. L. N. fala com ela sobre algo, mas ela ‘não precisa de nada disso’. Pede dinheiro, pelo menos, para a passagem de volta. Ele recusou.”

18 de abril de 1910. “Um coronel velhinho, cheio de condecorações, ortodoxo, monarquista. Anda pelas unidades militares, alfabetiza soldados. L. N. conversa com ele longamente. Ao sair do quarto de L. N., o coronel diz a Tatiana Lvovna que tem um segredo, e vacila por um bom tempo. Finalmente conta que escreveu versos contra Tolstói por ele ser apóstata da fé ortodoxa e da estrutura do Estado russo.

‘O que faço com eles agora? Vou ter de queimá-los, mas acabei de imprimir 2 mil exemplares...’

19 de abril. “Vieram dois japoneses.”

30 de abril. “Apareceu Ivanov. Tenente de artilharia aposentado que se tornou vagabundo e às vezes ajudava a copiar as obras de Tolstói; trouxe

consigo um propagandista da revolução, tecelão (de uns 55 anos) que havia enlouquecido. O tecelão, durante uma hora e meia, ficou pronunciando palavras estrangeiras misturadas com russas. L. N. deixou-o desabafar no fonógrafo.”

1º de maio. “L. N. contou de um mujique cego da aldeia Svínki:

‘De vez em quando, ele vem pedir ajuda. Tem seis filhos. Lavra a terra com um deles, menino ainda. Pobreza’.”

22 de maio. “Jilínski, estudante da universidade de Moscou. Está indo a pé para o Cáucaso. Veio para pegar livros. Tolstói conversou com ele. À noite disse em tom aprovativo: ‘É um original’. E contou que há um mercador em Elets, que vem a Moscou de carruagem, porque despreza ferrovias: ‘Não sou cachorro para correr ao soar do apito’.”

28 de maio. “Depois do almoço, veio um jovem camponês que mora a 110 verstas, trazendo seus versos: incorretos, sem medida. L. N. disse-lhe uma coisa comum sobre os versos: não é preciso escrevê-los. ‘Posso inventar em prosa’, respondeu ele. ‘E Koltsov,³² podia? Eu tenho gênio, inspiração’.”

29 de maio. “Dois ossetas da aldeia Khristiánskaia de Vladikavkaz. Grandes admiradores de Tolstói. Leram pouco, mas confiam nele como em Deus.”

12 de junho. “Duas moças. Ambas escrevem. Uma, da província de Orenburg, manca, com um pedido de ajuda para encontrar emprego e perguntas sobre a vida. A outra trouxe o manuscrito de seu conto sobre um aleijado. Ela mesma, infeliz e fraca, mas quer viver sendo útil, no sentido cristão, com seu trabalho...”

Essa é uma crônica casual das visitas a Iássnaia Poliana na primavera e no verão de 1910, extraída dos diários de Makovítski. Mas é preciso levar em conta que Makovítski não estava ao lado de Tolstói permanentemente. Uma boa parte de seu tempo ele dedicava ao tratamento dos camponeses de Iássnaia Poliana e das aldeias vizinhas.

Se Tolstói fosse Tchékhev, essa caravana interminável e variada de personagens seria útil a ele como artista. Mas no fim de sua vida Tolstói praticamente se recusa à criação artística. Ele está concentrado plenamente nos pensamentos em Deus e na morte. É um pensador extremamente solitário que, em primeiro lugar, necessita de paz e recolhimento. Todo esse rio de gente, com seu inevitável “lixo”, passa pelo seu coração e já não gira mais a roda de sua criação, mas o “lixo” deixa nele um sedimento pesado. Ajudar essa gente ele não pode, a sua verdade obtida com sofrimento e muito pessoal lhes é incompreensível. E eles não vinham a Tolstói para procurar a verdade, eles procuravam Tolstói. Mas ele não era confessor. Ele tinha sua vida particular, era apenas uma pessoa com problemas complicados em casa, os quais se agravavam com a falta de saúde e a espera pela morte.

Diário de Tolstói, 9 de julho de 1908:

“Quantidade incalculável de gente. Isso seria uma alegria, se essas pessoas não estivessem envenenados pela consciência da loucura, do pecado, da porcaria do luxo, da criadagem, da pobreza e da tensão do trabalho extenuante em volta. Sofro por isso dolorosamente, o tempo todo e sozinho. Não posso deixar de desejar a morte...”

Essas palavras foram escritas um mês e meio antes do octogésimo aniversário de Tolstói. Ele passou esse dia na cadeira de rodas por causa do agravamento da doença das pernas, o que o livrou das visitas excessivas.

Nos últimos tempos, havia começado a gostar ou, ao menos, apreciar a enfermidade e a ter uma atitude negativa para com a saúde. E não era porque a doença o aproximava da morte, mas porque a morte tornara-se acontecimento principal em sua vida. Estando fraco, adoentado ou até preso ao leito, ele tinha o direito formal de não se encontrar com as pessoas e não responder as cartas (chegavam entre trinta e trinta e cinco cartas diariamente), autorizando Sacha e o secretário a fazer isso. Mas a fraqueza

passava, a disposição do corpo e da alma voltava, e então essas personalidades misteriosas, vadias, baixavam voando, como moscas ao mel, achando-se no direito de sobrecarregar Tolstói com seus pecadilhos, paixões, dúvidas insignificantes e toda espécie de “lixo espiritual” que uma pessoa de família, trabalhadora e assídua teria vergonha de expor em público.

Diário de Tolstói, 19 de abril de 1910: “O visitante de ontem: espião, que trabalhou na polícia e atirava em revolucionários, veio, contando com minha compaixão. E, pelo visto, ainda queria ganhar simpatia, dizendo que criticava os popes. É difícil reconhecer que não dá, isto é, que eu não sei tratar a todos humanamente, com amor e sensatez, à maneira cristã”.

JÚPITER E TOURO

Quando Bulgákov fala do “democratismo” da casa de campo de Tchertkov em Meschérskoie, contrapondo-o ao “isolamento aristocrático” da casa de Iássnaia Poliana, ele não menciona um fato curiosíssimo. Tolstói partiu para a casa de Tchertkov no dia 12 de junho de 1910. E já no dia 13 de junho Tchertkov enviou aos jornais de Moscou a “Carta à redação”, na qual escrevia que “para Lev Nikoláievitch seria indesejável receber aqui visitas de estranhos sem assunto determinado a tratar com ele” e que “antes de empreender a viagem, as pessoas correspondam-se comigo a respeito do dia mais conveniente para visitar Lev Nikoláievitch”.

A carta foi publicada e provocou a ira de Sófia Andrêievna.

“Hoje li a declaração de Tchertkov de que as pessoas que desejam ver você devem pedir permissão a ele. Para quê? Pois você pretende voltar no dia 24; e a carta só vai chamar ainda mais visitantes”, escreveu ela ao marido, de Iássnaia Poliana

Essa “Carta à redação” do “testamenteiro espiritual” de Tolstói, como o próprio Tchertkov se autointitulava, é duplamente curiosa. Em primeiro lugar, se Tchertkov realmente queria livrar Tolstói dos visitantes

inoportunos em sua casa de campo, em Meschérskoie, ele não podia ter agido de pior maneira do que com a publicação dessa carta. Na realidade, ela redirecionava o fluxo dos peregrinos de Iássnaia Poliana a Meschérskoie.

Em segundo, a carta feria Sófia. O que é permitido a Júpiter não é permitido ao touro. O touro, neste caso, era a mulher de Tolstói, que em circunstância alguma poderia se permitir tal declaração, embora tivesse mais direito de fazê-lo. Formalmente, Iássnaia Poliana pertencia a ela. Ela era a responsável pela ordem na fazenda, isso sem falar no sossego de seu marido. Diferentemente de Tchertkov, ela não era adepta dos ensinamentos de Tolstói e não gostava dos “incultos”, como chamava os seguidores do marido. Mas ela nunca ousaria declarar publicamente que os visitantes de Iássnaia Poliana se correspondessem com ela a fim de obter “ingresso” para um encontro com Tolstói.

A mulher de Tolstói devia saber seu lugar. Eis sua anotação do dia 13 de setembro de 1908:

“A Lev Nikoláievitch veio um camponês ruivo e descalço e eles conversaram longamente sobre religião. Foi Tchertkov que o trouxe e elogiava o camponês por ele exercer boa influência sobre as pessoas que o cercam, embora seja muito pobre. Eu tinha vontade de ouvir a conversa, mas quando eu fico no quarto, onde L. N. recebe os visitantes, ele, sem dizer nada, olha para mim interrogativamente e eu, entendendo seu desejo de que eu não o incomode, sinto-me obrigada a sair”.

É evidente que isso a ofendia. Três dias depois, ela se queixa no diário:

“... sábio e feliz, L. N. sempre trabalhou de acordo com a sua vontade, e não com a necessidade. Queria escrever, escrevia, queria arar, arava. Inventou de fazer botas, fazia-as com afinco. Resolveu dar aulas para crianças, dava aulas. Cansou-se, largou. E se eu experimentasse viver assim, o que aconteceria a nossos filhos e ao próprio L. N.?”

A revolução dos anos 1905-1908 provocou uma onda de sublevações armadas nas duas capitais e também uma agitação do campesinato e desordens, que V. G. Korolenko³³ chamava de “pequenas pilhagens”. Essas “pequenas pilhagens” ocorreram em Iássnaia Poliana também, embora em escala menor do que em outras propriedades, inclusive na província de Tula, onde os camponeses simplesmente queimavam as casas dos senhores de terras. Essa revolução atingiu a família Bers, da qual descendia Sófia: em 19 de maio de 1907 foi morto por terroristas do Partido Socialista Revolucionário³⁴ seu irmão caçula Viatcheslav Bers, engenheiro de vias de comunicação. Ela se afligia por causa da morte do irmão e mais ainda se preocupava com o destino da própria família, a família Tolstói. Não era uma mulher medrosa, fazia pouco tempo que havia sido submetida a uma intervenção cirúrgica seriíssima em sua própria casa e, durante a cirurgia, comportou-se corajosamente. Mas ela tinha de tomar providências para proteger Iássnaia Poliana, onde morava o marido, famoso em toda a Rússia e o qual suscitava não apenas amor e admiração, como também ódio. Assim, no seu aniversário, em 1908, além dos telegramas de congratulações, chegavam “encomendas, cartas e telegramas maldosos”, escreveu Sófia em seu diário. Por exemplo, junto com uma carta assinada “Mãe”, chegou uma caixa com uma corda dentro e lá estava escrito: “Tolstói não precisa esperar e desejar que o governo o enforque, ele mesmo pode fazer isso consigo”.

Provavelmente, essa mãe perdera seu filho na revolução ou por causa da propaganda que ela atribuía a Tolstói.

A agitação começou em Iássnaia também. No dia 5 de setembro de 1907 Makovítski escreveu: “há alguns dias os camponeses de Iássnaia Poliana estão em greve; uns cinco ou seis instigam, outros obedecem. Abandonaram os trabalhos e desde então não vêm, não pagam o arrendamento, deixam os cavalos entrarem no jardim, chegam de noite com carroças para catar legumes, durante duas noites atiraram nos guardas (será

verdade?), desobediência total... Sófia Andrêievna chamou policiais para tirar deles os revólveres e fuzis e para lhes dar um susto... L. N. se submete...”.

Submete-se, mas não esconde sua irritação com o fato de a mulher, por intermédio do governador de Tula, à época, D. D. Kobeko, ter instalado em Iássnaia Poliana dois guardas de polícia, cuja obrigação, entre outras, foi verificar os passaportes³⁵ dos visitantes de Poliana.

“Tive uma conversa difícil com Sônia”, escreveu Tolstói no dia 15 de setembro, e essa conversa não foi a primeira. Ele estava muito descontente com o fato de os guardas tratarem com truculência os camponeses e visitantes. E não só os visitantes, mas o próprio Tolstói, quando pediu que não verificassem os passaportes, recebeu a resposta, em tom grosseiro, de que a condessa desejava ser protegida de pessoas suspeitas. Pode-se entender, porém, os policiais, pois eles não haviam sido chamados pelo conde, mas sim pela condessa.

Tolstói estava descontente e sua filha Sacha, de 23 anos, simplesmente indignada.

“Será que *papá* precisa ser protegido pela polícia? Como é penoso para ele! Se não fosse *papá*, eu iria embora daqui agora mesmo!”

Pode-se entender Sacha também. Ela é jovem, tem princípios e partilha de todo o coração a teoria da não violência do pai, que justamente naqueles dias a estava expondo em seu diário:

“Os homicídios e a crueldade aumentam e recrudescem. O que fazer? Como parar isso? Encarceram, mandam para os trabalhos forçados, executam. Os crimes não diminuem, pelo contrário, aumentam. O que fazer? Uma única coisa: cada um de nós usarmos todas as nossas forças para viver como Deus ensinou. Eles vão espancar, pilhar. E eu, com as mãos ao alto pela ordem deles, vou suplicar para que deixem de viver fazendo maldades. Eles não vão me dar ouvidos, continuarão fazendo o mesmo. O que fazer? Eu, pessoalmente, não tenho mais nada a fazer.”

Ele não tinha mais nada a fazer. Com as ideias, obtidas a duras provações, só lhe restava não resistir à violência que ele não aceitava. Aliás, a teoria tolstoiana da não violência foi entendida como aceitação da violência. É um engano, contra o qual Tolstói sempre protestou. Não aceitar, mas tampouco se opor. Qualquer resistência é violência, e uma violência gera outra violência.

Mas Sófia Andréievna não é Lev Tolstói. Ela é dona de uma propriedade. Talvez não seja a melhor, mas sente a responsabilidade que o marido fez recair sobre suas costas, e de uma coisa ela sabia muito bem: não se pode permitir aos camponeses agir a seu bel-prazer. Ela, sozinha, não poderia fazer nada contra isso. Os guardas eram necessários. A esposa de Tolstói é a autora do aforismo no qual a impotência de uma mulher frágil junta-se à experiência de gerenciar a economia particular nos duros tempos pré-revolucionários: “Economia é uma luta com o povo pela existência”.

E sabe também que uma pessoa sem o passaporte é ou um vadio ou um criminoso fugitivo, de quem se pode esperar qualquer coisa. E, se acontecesse algo ao marido, ela seria a primeira culpada. Por que não soube proteger o grande Tolstói? Pois sua vida havia sido confiada a ela! E não somente a vida dele, como também a de Sacha e de Tânia Sukhótina, que vinha a Iássnaia Poliana com a filha Tánietchka,³⁶ neta de Tolstói e Sófia Andréievna.

A delicadeza desse problema consistia no fato de a maioria dos tolstoístas consequentes também não ter passaportes, porque ter passaporte significava reconhecer as leis do Estado baseado na violência.

Todos esses problemas desapareciam por si próprios quando Tolstói não estava em casa, mas em visita. Nesse caso, os cuidados com seu sossego e as providências para que os visitantes inoportunos não o incomodassem era coisa normal. Já em Iássnaia Poliana não era assim. Tanto os visitantes como os camponeses não queriam nem saber que a dona da fazenda era a mulher de Tolstói e não o ele. Os tolstoístas sem

passaportes, ofendidos pelos guardas, vinham com queixas; dirigiam-se a ele parentes dos camponeses presos por cortar árvores na floresta e pelos roubos nas hortas. A situação era penosa tanto para ele como para Sófia Andréievna. Era o nó górdio que cabia à mulher de Tolstói desatar, quisesse ela ou não. Isso causava danos a seu temperamento, agravava seu relacionamento já pouco amável com a filha caçula e dividia a família entre os partidários da mãe e os do pai.

“... minha mãe não somente não partilhava da atitude de meu pai em relação à propriedade privada como, pelo contrário, continuava pensando que, quanto mais ricos fossem ela e seus filhos, melhor. Ela foi não apenas esposa, mas mãe, e às mães é peculiar sonhar com o bem-estar de sua prole”, escreveu Serguei Lvóvitch, filho mais velho de Tolstói, nos *Ensaio sobre o passado*.

E havia mais uma circunstância delicada que envenenava os últimos anos da vida de Tolstói em Iássnaia Poliana.

POR QUE PADRE SÉRGIO FUGIU?

Padre Sérgio é uma das obras mais profundamente pessoais de Tolstói. Ele o escreveu sem pressa e com grandes intervalos durante dez anos, assim como *Khadji-Murat*. Ambas as novelas foram publicadas após a morte do escritor e já por essa razão, apesar de formal, podem ser consideradas como espécie de “testamentos” de arte de Tolstói.

Padre Sérgio é uma novela sobre a partida. Esse é o tema principal, e é mais curioso porque seu sentido formava-se aos poucos, à medida que autor acumulava sua própria vivência espiritual, que ele não se apressava em expor no papel e muito menos ao público.

O enredo foi contado pela primeira vez numa carta a Tchertkov, em fevereiro de 1890, até o trecho em que a beldade Mákovkina chega ao padre Sérgio com a intenção de passar a noite em sua cela, porque tinha apostado que conseguiria. É mais ou menos um terço do conteúdo de *Padre Sérgio*.

O fato de a novela ter sido escrita nós devemos em grande parte a Tchertkov.

Receando que ela não fosse escrita e querendo fazer Tolstói levá-la adiante, ele copiou a carta recebida, deixando grandes espaços entre as linhas para o trabalho futuro, e devolveu cópia da carta junto com o original. Essa não foi a única vez que ele agiu assim para estimular Tolstói a escrever obras literárias. Isso refuta a opinião difundida de que Tchertkov tinha interesse exclusivamente na atividade pedagógica de Tolstói, em prejuízo de seu gênio artístico.

Porém, como acontecia frequentemente com Tolstói, o sentido da obra ultrapassou o enredo. O centro do sentido deslocou-se do enredo sobre a tentação do padre Sérgio, antes príncipe Kassátski, por duas mulheres – a beldade Mákovkina e a filha de mercador Maria – para o lado da terceira protagonista – Páchenka, a quem Sérgio se dirigiu ao deixar sua cela. E não há dúvida de que não foi o enredo intrigante, mas a história com Páchenka, que ocupa algumas páginas finais, o que acabou se tornando o principal para Tolstói.

Bem, após vencer o diabo na pessoa de Mákovkina ao preço do dedo indicador da mão esquerda, Sérgio não consegue resistir a uma tentação menor, como parece, e “cai”, seduzido por uma moça meio débil mental com formas femininas bem desenvolvidas.

Esse contraste entre as duas tentações, uma fina e astuciosa, e a outra, descarada e grosseira (“ – O que é isso? – disse ele. – Maria, você é um demônio! – Pode ser, mas não faz mal.”) faz parte do enredo, mas não é a alma da história.

A alma da novela, o seu sentido principal não é apenas o porquê da fuga do padre Sérgio, mas de quem ele *foi embora* e por quê.

Depois do que aconteceu entre ele e Maria, a única saída para Sérgio era fugir. Mas sua fuga ele já havia concebido muito antes, e o caso com Maria foi apenas o motivo para concretizá-la. Pode-se supor que, se Maria

não existisse, ele precisaria de outro pretexto para ir embora, deixando alguma explicação do feito, para que não fosse interpretado como um novo degrau de sua santidade, mas como prova de que ele era um homem comum, um pecador.

Houve um tempo em que decidira ir embora, desaparecer. Havia até mesmo pensado em detalhes como fazer isso. Preparou uma camisa e calças camponesas, um caftã, um gorro. Explicou-se dizendo que eram para doação a quem pedisse. Porém, guardou-as para si, imaginando como poderia vesti-las, cortar os cabelos e ir embora. Primeiro tomaria um trem, viajaria umas trezentas verstas, depois desceria e seguiria de aldeia em aldeia. Indagara um velho soldado sobre o caminho, se davam esmolas e se deixavam pernoitar. O soldado contou-lhe em que lugares davam mais esmolas e deixam pernoitar. E era assim que padre Sérgio pretendia fazer. Uma noite ele até se vestiu e quis sair, mas não tinha certeza do que seria melhor: ir embora ou ficar. De início, ficou indeciso, depois a indecisão passou e ele se acostumou, submeteu-se ao diabo, e apenas as roupas camponesas lembravam-lhe aquelas suas ideias e sentimentos.

Esse diabo surgiu antes de Maria, e sua fuga da cela foi a fuga dele. Mas não poderia ter fugido dele sem a ajuda de Maria. Esse diabo era a fama, a popularidade dele. Ir embora assim significaria simplesmente aumentar sua fama, fazer o jogo do diabo e submeter-se a ele definitivamente. Eis por que padre Sérgio protelava a partida e como que esperava pelo aparecimento dessa tolinha, que o seduziu tão facilmente, porque ele estava pronto para isso havia tempo.

A cada dia vinha mais e mais gente e a cada dia ficava menos tempo para o fortalecimento do espírito e as rezas. Às vezes, nos momentos luminosos, ele pensava que tinha se tornado semelhante a um lugar

onde outrora houvera uma fonte. “Havia uma fonte de água viva que fluía calmamente de mim, através de mim... Mas desde então a água não teve tempo de se acumular, que os sedentos já chegam, apinham-se, empurram uns aos outros e pisoteiam tudo, deixando apenas lama.”

O que martirizava padre Sérgio era isto:

Ele imaginava ser um luminar que pregava e, quanto mais sentia isso, mais percebia o enfraquecimento, a extinção da luz da verdade divina que falava por meio dele. “O quanto daquilo que faço é para Deus e o quanto é para as pessoas?” – era essa a pergunta que o torturava constantemente e a qual ele nunca se decidira a responder, mas não porque não pudesse. No fundo da alma, sentia que o diabo substituiria toda a sua atividade voltada para Deus pela atividade voltada para as pessoas. Sentia isso porque, se antes lhe era penoso quando o tiravam do recolhimento, agora o próprio recolhimento se tornara para ele um fardo. Os visitantes incomodavam-no, cansavam-no, mas, no fundo da alma, ficava contente com os elogios com os quais o cercavam.

É impossível personificar esse diabo no cinema. Ele não tem uma face concreta, tem inúmeras faces. No fim das contas, o diabo será a multidão, a plebe. Que esse diabo martirizaria Tolstói no fim da vida, ele predisse em *Padre Sérgio*, assim como também que o único meio de salvar-se desse diabo era a fuga a algum lugar, ao desconhecido. Fugir da multidão só é possível diluindo-se na multidão. Senão, mais cedo ou mais tarde, ela o alcançará e exigirá respostas para suas perguntas. E nenhum “vá embora!” poderá salvá-lo. Já no caso de Tolstói a situação era duplamente sem saída, porque em sua filosofia não existia o claro conceito puchkiniano sobre a plebe.

“Julgue os outros como a si mesmo”, escreveu Tolstói no diário, em 13 de fevereiro de 1907. “Pois eles são você mesmo. Por isso seja

condescendente com os maus atos deles assim como você foi condescendente com os seus. E tenha a esperança de que eles, assim como você, também se arrependirão de seus pecados e se corrigirão.”

É um pensamento profundamente cristão, mas na vida real, em Iássnaia Poliana, era impossível se identificar com a multidão de gente que escrevia a Tolstói e vinha a ele com a certeza absoluta de serem os únicos para quem ele existia nesta terra. A maioria esmagadora das cartas e dos pedidos verbais eram pedidos de dinheiro. Em vão ele publicou várias vezes que havia renunciado à propriedade e aos direitos autorais sobre as obras literárias. Isso apenas irritava os solicitantes e os fazia pensar que o conde era dissimulado.

A segunda categoria de cartas e apelos era “convertiva”; essas pessoas tentavam fazer Tolstói voltar ao seio da ortodoxia e da estrutura do Estado ou apontar seus erros e contradições e mostrar-lhe o autêntico caminho tolstoiano, como eles o entendiam.

E somente a terceira categoria, a menor, era de cartas de pessoas que escreviam e se dirigiam a Tolstói com perguntas sérias e sinceras sobre a vida e Deus. Essas cartas ele chamava de “boas”. Mesmo as cartas em que não havia pensamentos sérios, mas apenas uma vontade sincera de conversar, abrir o coração ou simplesmente manifestar sua existência neste mundo, assim como fizeram Bóbtchinski e Dóbchinski, em *O inspetor geral*, de Gógol, que pediram a Khlestakov para mencionar seus nomes ao soberano, uma das cartas “boas” que ele mostrava como exemplo era esta:

“Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém. Ouso recorrer à misericórdia divina, para que Deus dê a mim, pecador, a inteligência para escrever esta carta a Lev Nikoláievitch, senhor Tolstói, cujo ilustre nome é respeitado por muitos povos da Rússia e até do exterior – então eu também, homem pecador e o menor de todos, como um bichinho, quero chegar me arrastando, ao menos por carta, até o seu nome.”

Tolstói não deixava de responder a essas cartas tão ingênuas. Torturavam-no pessoas de outro tipo. Aquelas que escreviam ou chegavam a ele com convicções adotadas de uma vez e para sempre, não importava se fossem tolstoianas ou antitolstoianas. Eram para ele opressores espirituais, e aí Tolstói, com a sua teoria da não violência, estava em dificuldades.

Valentin Bulgákov conta sobre um sonho que Tolstói teve em fevereiro de 1910: “Ele sonhou que arranjou uma estaca de ferro em algum lugar e foi com ela não se sabe aonde. E, de repente, viu que um homem perseguia-o furtivamente e falava aos que estavam em volta: ‘Vejam, é Tolstói! Quanto prejuízo trouxe a todos nós esse herege!’. Então, Lev Nikoláievitch virou-se e matou esse homem com a estaca de ferro. Mas, um minuto depois, o homem ressuscitou, pelo visto porque mexia os lábios, falando qualquer coisa”.

Não foi só por causa das discordâncias em família e da aspiração ao *oproschénie* que Tolstói foi embora de Iássnaia Poliana. Um dos motivos de sua partida ou fuga foi o diabo da popularidade, o amor e o ódio muito exacerbados das pessoas, pelo que sofria e do que sonhava se livrar, transformando-se em um velho comum. Em *Padre Sérgio*, terminado em 1898, mais de dez anos antes de seu desaparecimento de Iássnaia Poliana, ele pensou numa variante do desaparecimento muito original, à primeira vista, mas na realidade era a prática secular de se fazer de louco. Para desaparecer sem aumentar a fama, é preciso cometer um ato extremamente indecente, capaz de apagar toda a grandeza antiga, a falsa santidade. Infelizmente ou felizmente, esse modelo era impossível para Tolstói, assim como a simulação de um suicídio (*O cadáver vivo*) e a substituição do corpo no caixão (*Memórias póstumas do ancião Fiódor Kuzmitch*). Para Tolstói, não havia modelos prontos de partida.

Mas como seria bom!

Kassátski correu o mundo durante oito meses, mas no nono mês foi detido numa cidade provinciana, num abrigo onde pernoitava junto com peregrinos, e, como não tinha passaporte, foi levado para a Junta do Serviço Militar. Às perguntas sobre onde estava seu certificado de alistamento e quem era ele, respondeu que não tinha certificado nenhum e que era um servo de Deus. Ele foi tido como vagabundo, julgado e mandado à Sibéria.

Na Sibéria, alojou-se no sítio de um mujique rico, onde continua morando. Trabalha na horta do patrão, dá aulas para as crianças e cuida dos enfermos.³⁷

PECADOR A CONTRAGOSTO

Houve um tempo em que Tolstói ainda nem pensava em abandonar Iássnaia Poliana. Pelo contrário, qualquer viagem era para ele uma obrigação desagradável, uma interrupção enfadonha do curso natural de sua vida. Houve um tempo em que ele ia de Moscou a Iássnaia Poliana a pé, fazendo uma espécie de peregrinação à sua propriedade, como fizera peregrinações aos mosteiros de Troitse-Sérguiev, Óptina e Kíevo-Petchórskaia Lavra.³⁸

Os irmãos Tolstói, que cedo ficaram órfãos, fizeram a partilha dos bens do patrimônio dos pais em 1847. A Lev, o caçula, coube Iássnaia Poliana, e ele ficou infinitamente feliz... É impossível imaginar o que sentia o jovem de dezoito anos quando se viu dono da propriedade paterna, com a qual estavam ligadas suas mais puras e sagradas lembranças.

Que tempo feliz, feliz da infância que não volta mais! Como não guardar com carinho suas recordações? Recordações que refrescam, enaltecem minha alma e são para mim a fonte dos maiores prazeres... Outrora, depois da oração, enrolava-me no cobertor, sentia leveza, serenidade, delícia; uns sonhos substituíam outros, mas em quê? Eram

escapadiços, mas cheios de amor e esperanças puras. Lembrava-me de Karl Ivánovitch e do seu destino amargo, o único homem infeliz que conhecia na época, e sentia tanta pena dele, amava-o tanto, que as lágrimas corriam dos meus olhos e eu pensava: que Deus lhe dê felicidade, e que me faça capaz de ajudá-lo a aliviar sua desgraça; estava pronto a fazer qualquer sacrifício por ele. Depois pegava algum brinquedo de porcelana, coelhinho ou cachorrinho, enfiava-o no canto do travesseiro de penugem e admirava... como era confortável e quentinho para ele ficar ali. E fazia mais preces para que Deus desse felicidade a todos, que todos estivessem contentes e que no dia seguinte fizesse bom tempo para passeios; virava-me para o outro lado, os pensamentos e os sonhos misturavam-se, e eu adormecia tranquilo com o rosto ainda banhado em lágrimas.

Onde foram parar aquelas preces ardorosas? Onde está o melhor dom, as puras lágrimas de comoção? Vinha a mim o anjo-consolador, com um sorriso enxugava essas lágrimas, inspirava doces sonhos à inocente imaginação infantil.

Será que a vida deixou marcas tão pesadas no meu coração que essas lágrimas e enlevos deixaram-me para sempre? Será que restaram apenas as recordações?

Linhas surpreendentes da primeira obra de Tolstói, a novela *Infância!* Elas nos dão a ideia não somente de como ele começou o caminho da vida, mas também de como pretendia concluí-lo. No fundo, essas linhas revelam todo o vetor da vida espiritual de Tolstói.

A vida é felicidade. A felicidade suprema é alcançada por meio da fé em Deus e do amor a todas as pessoas. A fé e o amor nem são virtudes. São necessidades vitais e até egoísticas, pode-se dizer. Na infância, quando ela é feliz, essa necessidade sacia-se por si mesma. À medida do crescimento, as necessidades egoísticas do corpo reprimem e substituem as necessidades

principais da alma, a ânsia por fé e amor. Porém, quanto mais o ser humano satisfaz as necessidades do corpo, mais infeliz ele se torna. E, quanto mais longe ele avança na satisfação das necessidades egoísticas do corpo, mais longe ele fica das fontes da felicidade.

A volta a essas fontes exige um esforço espiritual enorme, um trabalho interno constante para encontrar aquilo que, na infância, obtém-se gratuitamente.

Eis, em poucas palavras, toda a filosofia espiritual de Tolstói, que determinava sua prática espiritual.

Porém, quanto mais simples era o resultado desejado, tanto mais incrivelmente complicada era a prática espiritual. É nisso que consistia o paradoxo.

“O objetivo da vida, o seu destino, é a felicidade”, escreveu Tolstói. “Alegre-se com o céu, o sol, as estrelas, a relva, as árvores, os animais e a gente. E vele para que nada perturbe essa alegria. Se algo a perturbou, significa que você cometeu um erro, procure esse erro e corrija-o.” “Tudo está dentro de você e tudo é agora”, como gostava de citar o camponês e filósofo de nascença Vassíli Kiríllovitch Siutáiev. Mas que trabalho gigantesco sobre si mesmo exigia a obtenção desse bem! No fundo, o diário inteiro de Tolstói, a partir de 1947 até sua morte, foi dedicado à crônica ininterrupta desse trabalho penoso.

Isso parece uma tentativa de volta ao paraíso. Ou melhor, ao estado paradisíaco da alma descrito em *Infância*. A primeira menção referente a essa obra aparece em janeiro de 1951. A novela foi concluída no verão de 1852. Tolstói começou a fazer o diário em março de 1847, na clínica da Universidade de Kazan, onde estava se tratando da gonorreia que havia pegado “assim, como ela se pega comumente”. Essa primeira anotação no diário mostra o quão longe ele se via daquele “estado paradisíaco da alma”. Essa vergonhosa promiscuidade física era apenas a manifestação do terrível

amortecimento da alma e um sinal para começar o trabalho sobre si, antes que fosse tarde. A esse “mais importante trabalho” ele dedicaria toda a vida, e apontaria seu objetivo em *Infância*. A necessidade de amar sempre viveu em Tolstói. Mas a força da fé e a inocência foram perdidas logo que deixou seu paraíso infantil, a Iássnaia Poliana. “Fui batizado e educado na fé cristã ortodoxa”, escreveu ele em *Confissão*, no fim dos anos 1870. “Ela me foi ensinada desde a infância e durante toda a adolescência e juventude. Mas, quando terminei o segundo ano da universidade, eu já não acreditava em nada daquilo que me ensinaram...”

De todo o coração eu queria ser bom, mas era jovem, tinha paixões e estava sozinho, absolutamente sozinho, quando procurava o bem. Toda vez que eu tentava expressar as minhas aspirações espirituais: que queria ser uma boa pessoa moralmente, eu recebia desprezo e zombaria; e bastava eu me entregar a vícios baixos que era aprovado e elogiado. Ambição, sede de poder, cobiça, lascívia, arrogância, ira, espírito de vingança, tudo isso era respeitado. Entregando-me a essas paixões, eu parecia adulto e sentia que estavam contentes comigo.

Tolstói escreveu essas linhas num tempo em que sua consciência invertia os polos: tudo o que antes ele considerava branco, tornava-se preto, e vice-versa. Na realidade, ele não estava tão só em sua juventude. Tinha três excelentes irmãos mais velhos que estudavam na mesma Universidade de Kazan. A irmã caçula Macha, que ele amava ternamente. Duas tias: Pelagueia Ilínichna Iuchkova e Tatiana Aleksándrovna Iergólskaia, que substituiu a mãe para os irmãos menores: Dmítri, Macha e Lev. Foi Pelagueia Ilínichna que hospedou os irmãos Tolstói em Kazan.

A solidão do jovem Tolstói talvez fosse devida mais ao fato de que ele, “entregando-se aos vícios”, não queria nem um pouco parecer adulto. Aceitando as regras do jogo dos adultos, por dentro continuava sendo uma

criança. E não é casual, evidentemente, que a primeira obra que lhe trouxe fama se chame *Infância*.

O diário de Tolstói do período inicial de seu trabalho nessa obra demonstra um estado de espírito realmente depressivo. É um contraste total com aquele estado infantil, “paradisíaco”, da alma descrito em *Infância*.

O leitor não iniciado pode ter a impressão de que o diário não foi escrito por um jovem sadio, em pleno vigor, que logo iria para o Cáucaso como voluntário e lá participaria das operações militares contra os tchetchenos, mas por um pamonha, um mimado “decadente”.

7 de março de 1851. “... falta de energia.”

9 de março. “... falta de energia.”

13-14 de março. “Pouco orgulho... gula... preguiça... engano de mim mesmo... falsidade...”

16 de março. “Preguiça... covardia... distração... falta de firmeza...”

3 de abril. “Vaidade... engano de mim mesmo... estou fraco... mole... desmazelado...”

Porém, é uma impressão falsa. A atenção implacável e a pontualidade com as quais Tolstói registrava no diário as mínimas manifestações de falta de moral, de pusilanimidade, dizem o contrário. A partir do diário ele começa aquele trabalho constante sobre si mesmo cujo resultado seria o fenômeno do Tolstói maduro. O fenômeno sobre o qual o professor V. F. Sneguiriov escreveu (lembramos): “Quem olhava atentamente para sua maneira de andar, de se sentar, de virar a cabeça, *sempre* via a consciência nos movimentos, isto é, cada movimento havia sido elaborado, treinado, ponderado e expressava uma ideia...”.

Tolstói comparava esse trabalho com o treinamento do atleta. Escreveu ele no diário, em 9 de novembro de 1906:

“Como um atleta fica feliz levantando um peso a cada dia maior e vendo seus músculos crescerem e se fortalecerem, assim, dedicando a isso a

sua vida, pode-se trabalhar sobre sua alma e se alegrar com o fato de você levantar um peso maior do que ontem ou resistir mais fácil à tentação.”

Forças físicas e morais Tolstói tinha de sobra. Mas já não existiam mais nele a verdadeira fé, o amor, o sentimento puro da felicidade constante na comunicação com Deus, o mundo e as pessoas. Restaram apenas as recordações que ele reproduziu tão poeticamente em *Infância*. Na realidade, porém, acontecia algo completamente diferente.

“Quando acordo, sinto o que sente um cão medroso que tem culpa perante o dono...”, escreveu ele no diário quando estava no Cáucaso.

Entre o ingresso na propriedade de Iássnaia Poliana e a fuga (sim, fuga!) para o Cáucaso, Tolstói levou uma vida comum naquela época, para um fidalgo solteiro e não pobre. Era vinho, jogos de cartas, ciganos³⁹ e prostitutas (não deixemos de dar nome aos bois).

“Não me contive, dei sinal a algo cor-de-rosa que de longe me pareceu muito bom e abri a porta dos fundos. Ela entrou. Não suporto nem olhar para ela. Sinto um nojo e até ódio por ela ser a causa de eu contrariar as regras”, escreveu ele no diário, em 18 de abril de 1851.

Que regras são essas? Ei-las: “Em conformidade com a lei da religião, não ter mulheres” (anotação de 24 de outubro de 1850).

Aqueles que, com uma curiosidade excessiva, procuram nos diários de Tolstói os testemunhos de sua vida considerada pervertida não têm ideia clara do modo de vida da nobreza daquela época. Em grande parte, isso acontece por culpa de Tolstói e suas obras *Guerra e paz* e *Anna Karênina*, e pior ainda nas filtradas versões cinematográficas. Nós vemos um fidalgo rural na imagem de Konstantin Lévin e um libertino urbano na imagem do simpaticíssimo Stiv Oblónski. Mas Tolstói conhecia outras imagens, as quais simplesmente não lhe davam ânimo para que as descrevesse. Por exemplo: ele conhecia bem o modo de vida de seu primo de segundo grau Valerian Petróvitch Tolstói, marido da sua irmã Maria. Tatiana Kuzmínskaia, cunhada de Tolstói, escreveu a Tsiavlóvski, crítico literário,

sobre Valerian Tolstói: “Seu marido⁴⁰ era impossível. Ele a traía até com as amas de leite, com as arrumadeiras e outras. No sótão da casa em Pokróvskoie foram encontrados um ou dois esqueletos de recém-nascidos”.

Os primeiros diários de Tolstói realmente deixam a impressão desagradável de uma impureza moral e até física. Mas isso se deve ao fato de que a pessoa que escrevia esses diários tinha uma ideia muito clara sobre a pureza, que ele refletiu na novela *Infância*. O jovem Tolstói, assim como ele se apresenta nas páginas de seu diário, é um tipo de pecador que a toda hora se arrepende, e isso o desfavorece muito do ponto de vista estético. Daí a imagem do cão culpado perante o dono, e a palavra “dono” deve ser entendida como “Deus”, é claro.

7 de março de 1851. “De manhã fiquei muito tempo na cama, fazia caretas, enganava a mim mesmo. Lia romances enquanto tinha mais o que fazer; dizia-me que era preciso tomar café, como se não fosse possível se ocupar com outras coisas quando se toma café.”

3 de julho de 1851. “... deixei-me levar e perdi 200 meus, 150 de Nikólenka e 500 emprestados, 850 no total. Agora me contendo, vivo racionalmente. Estive em Tchervlénnaia, bebi, dormi com uma mulher; tudo isso é muito ruim e me atormenta... Ontem também tive desejo. Ainda bem que ela não quis. Coisa nojenta.”

26 de agosto de 1851. “De manhã, escrever o romance, ginetear, aprender o tártaro e raparigas.”

Somente de vez em quando volta a ele o sentimento “paradisíaco” como aconteceu no Cáucaso, na povoação de Stári Iurt:

Ontem não dormi quase a noite toda. Depois de escrever no diário comecei a rezar. É impossível transmitir o prazer que senti durante a oração. As orações que faço habitualmente: Pai-Nosso, Ave-Maria, Santa Trindade, Portas da Misericórdia, apelei ao anjo protetor e fiquei

rezando ainda mais. Se a reza significa uma súplica ou agradecimento, eu não estava rezando. Eu desejava algo sublime, bom, mas não posso transmitir o que, exatamente, embora tivesse consciência do meu desejo. Tinha vontade de me unir ao universal. Eu pedi a Ele para perdoar os meus crimes; mas não, não pedi isso, porque senti que, se esse universal concedeu-me esse bem-aventurado minuto, ele já havia me perdoado; eu pedia e, ao mesmo tempo, sentia que não tinha o que pedir e que não sabia e não podia pedir. Eu agradecia, sim, mas não com palavras ou pensamentos. Num único sentimento eu uni tudo: a súplica e o agradecimento. O medo desapareceu totalmente. Nenhum dos sentimentos de fé, esperança e amor eu poderia destacar do sentimento geral. Não, há um que experimentei ontem, o amor a Deus. Amor sublime que une em si tudo o que é bom e repudia tudo o que é ruim...

“Passei a manhã bastante bem”, anotou Tolstói mais adiante, apaticamente, “tive preguiça, menti, mas inocentemente”. E, alguns dias depois, ele confessa: “Estive em Tchervlénnaia, bebi, dormi com uma mulher... um nojo”.

“Não, *aqui* o prazer eterno é impossível”, faz ele uma dedução nada consoladora para si próprio. “Os sofrimentos são necessários. Para quê? Não sei.”

A PARTIDA DO CONDE

A partilha dos bens entre os irmãos ocorreu em 11 de abril de 1847 e, já no dia seguinte, Tolstói apresentou requerimento para deixar a Universidade de Kazan. Em 1º de maio, chegou a Iássnaia Poliana, que se tornou sua propriedade. A partir desse momento, ela passa a representar para ele não apenas o lugar onde ele nasceu e passou a infância, não apenas a propriedade paterna, mas a Terra da Promissão, para a qual ele sempre voltará após períodos de dúvidas e tentações. E ele sempre fugirá a Iássnaia

Poliana com uma impaciência infantil, largando tudo neste mundo: universidade, exército, sociedade, círculos literários e até a família de prole numerosa, quando ela se alojar em Moscou.

À Sua Excelência,
Sr. Reitor da Universidade de Kazan, Conselheiro Efetivo de Estado e
Cavalheiro Ivan Mikháilovitch Símonov
do estudante do segundo ano da faculdade de Jurisprudência,
conde Lev Nikoláievitch Tolstói

REQUERIMENTO

Devido à saúde abalada e por razões de família, peço encarecidamente à Vossa Excelência para dar a ordem de minha exclusão da lista de estudantes e da devolução de todos os meus documentos.

Subscreve o presente requerimento
o estudante conde Lev Tolstói.

Ao dia 12 de abril de 1847.

Antes de sair da universidade, Tolstói foi submetido a uma pena administrativa – a masmorra – por cabular palestras de história.

A partir disso, Tolstói começa a repudiar a história como ciência, considerando-a como uma compilação de anedotas absurdas sobre pessoas imorais que, não se sabe para quê, foram reconhecidos como grandes homens de Estado e até como santos. Na masmorra, onde estava também o estudante Nazáiev, Tolstói zombava em voz alta da ciência histórica:

“A história não passa de uma compilação de fábulas e pormenores inúteis, misturados com inúmeras cifras e nomes próprios desnecessários. A morte do príncipe Igor, a serpente que picou Oleg – o que é isso senão conto da carochinha? E quem precisa saber que o segundo matrimônio de Ivan, o Terrível, com a filha de Temriuk foi celebrado em 1563 e o quarto,

com Anna Alekséievna Kotlóvskaia, em 1572? Mas exigem de mim que eu memorize tudo isso, e se eu não souber recebo nota um.”

É significativo que esse discurso objurgatório, citado nas memórias de Nazáiev e confirmado por Tolstói ao biógrafo Biriukov, foi pronunciado justamente na masmorra. Depois desse episódio, Tolstói ficava literalmente furioso cada vez que surgia o mínimo indício de uma pena administrativa, de uma restrição da vontade própria.

Ali, na masmorra, ele censura todo o ensino universitário:

“O que nós vamos adquirir nessa universidade? Pense e responda com honestidade. Que conhecimentos vamos levar desse santuário voltando para casa, para o campo? Para que seremos úteis? Quem vai precisar de nós?”

A primavera de 1847 é uma etapa de mudança de direção na vida de Tolstói. Ele começa a fazer seu diário, torna-se proprietário de Iássnaia Poliana e deixa a universidade. Mas o principal é sua primeira experiência de fuga. Com a fuga, ele inicia seu caminho consciente na vida e com a fuga ele o conclui.

Escreveu em suas memórias N. P. Zagóskin, historiador do direito russo:

Lev Nikoláievitch tinha pressa em partir de Kazan, nem esperou pelos seus irmãos, que estavam prestando exames de conclusão na universidade. Chegou o dia da partida de Lev Nikoláievitch para Moscou, de onde ele deveria ir à sua Iássnaia Poliana. Na casa dos fundos da mansão de Petondi, onde se alojavam os condes Tolstói, reuniu-se um pequeno grupo de estudantes que queriam se despedir de Lev Nikoláievitch, que empreenderia uma viagem longa e difícil pelas condições da comunicação ferroviária daqueles tempos...

Como de costume, beberam, brindando ao viajante e desejando-lhe todo tipo de sorte. Os amigos acompanharam Lev Nikoláievitch até a balsa

do rio Kazanka, que estava em plena cheia, e aí, pela última vez, deram-lhe os beijos de despedida.

Isso lembra muito alguma coisa...

É claro, é o início da novela *Os cossacos!*

Numa das janelas do Chevalier,⁴¹ por uma fresta da veneziana mal fechada, passa luz, o que é ilegal. Perto do portão há uma carruagem, trenós e caleches juntos, traseiras com traseiras. Uma troica de correio também está ali. O guarda da rua, encolhido em agasalhos, parece se esconder na esquina da casa.

“Dmítiri Andrêievitch, o cocheiro não quer esperar!”, disse um jovem criado, de casaco de pele e cachecol. “Os cavalos estão aí desde a meia-noite, e agora são quatro.”

Dmítiri Andrêievitch olhou para o seu servo Vaniucha. E nesse seu cachecol, nas botas de feltro, na sua cara de sono, ele ouviu a voz de outra vida que o chamava – vida de labor, privações, atividades.

“É, então é adeus mesmo!”, disse ele, verificando se todos os ganchos da peliça estavam fechados.

Apesar do conselho de prometer pagar mais vodca ao cocheiro, ele colocou o gorro e ficou no meio do quarto. Eles se abraçaram e se beijaram uma vez, duas vezes, pararam e depois se beijaram pela terceira vez. Aquele que estava de peliça chegou até a mesa e bebeu de um cálice que estava lá...

Dmítiri Olénin foge para o Cáucaso endividado e encrencado com relacionamentos amorosos. Tolstói fugiu para o Cáucaso pelos mesmos motivos. Mas a ideia básica era, evidentemente, a ânsia da “vida de labor, privações, atividades”, que chamava Tolstói primeiro de Kazan a Iássnaia Poliana. E a ideia recôndita era a busca da Terra da Promissão, do “paraíso”, como ele imaginava Iássnaia Poliana e o Cáucaso, não estragado

pela civilização. Antes de fugir para o Cáucaso, ele por pouco não fugiu à Sibéria, para onde enviava sucessivamente seus protagonistas: o padre Sérgio, o ancião Fiódor Kuzmitch e Stepan Pelaguéiuchkin, de “Falso cupom”.

Vamos pontilhar a primeira juventude de Tolstói. A clínica, onde ele se tratava de uma doença vergonhosa e... começa a fazer o diário que se tornará um exemplo do trabalho constante de aperfeiçoamento moral para o mundo inteiro... A masmorra, por gazeios banais de palestras e por discursos ousados sobre a história da humanidade... A recusa dos estudos na universidade e... a feliz posse do jugo da economia de uma propriedade rural...

E, finalmente, a fuga como solução de todos os problemas.

É mais do que evidente que Tolstói pertencia à categoria de pessoas a quem o importante é nem tanto a liberdade, mas a *vontade* própria.

Essas pessoas podem assumir os compromissos mais pesados, porém sem a pressão de fora. Quando a pressão de fora ultrapassa suas forças e as possibilidades de sua própria vontade, elas fogem.

Entre as primeiríssimas anotações no diário de 1847, há uma muito importante: “Será que um dia chegarei a não depender de quaisquer circunstâncias externas? A meu ver, isso seria o ideal, porque, quando não se depende de nenhuma influência alheia, o espírito, por sua própria natureza, estará acima da matéria e o ser humano alcançará o seu destino”.

Quando P. I. Biriukov, o primeiro biógrafo de Tolstói, perguntou-lhe sobre as primeiras impressões fortes em sua vida, ele se lembrou do seguinte:

“Eis as minhas primeiras recordações: eu estou amarrado, quero soltar as mãos e não consigo fazer isso; eu grito e choro; meu grito é desagradável para mim mesmo, mas não posso parar. Vejo alguém inclinado sobre mim, não lembro quem. E tudo isso na penumbra. Mas lembro-me de que eram dois. O meu grito faz efeito; eles estão preocupados comigo, mas não me

desamarram; não fazem o que eu quero, e eu grito mais forte ainda. Eles acham que isso é necessário (isto é, que eu esteja amarrado), enquanto eu sei que não é necessário e quero provar isso. Eu continuo soltando gritos repugnantes até para mim mesmo, mas incontroláveis. Sinto a injustiça e a crueldade não dessas pessoas, por que têm pena de mim, mas do destino, e tenho dó de mim mesmo.”

Eis outra impressão da primeira infância: “A visita de não sei que primo de minha mãe, hussardo do príncipe Volkónski. Ele quer me dar carinho, coloca-me em seus joelhos e, como acontece frequentemente, continua conversando com os adultos, mas me segura. Eu tentava me soltar, mas ele me segurava mais forte. Isso durou uns dois minutos. Mas essa sensação de estar preso, de falta da liberdade, de violência, revoltou-me tanto, que comecei a me debater e chorar”.

E mais uma recordação: o preceptor francês, Saint-Thomas, trancou o pequeno Lev num quarto e depois ameaçou castigá-lo com vara. “Senti uma terrível indignação, revolta e repugnância, não só por Thomas, mas pela violência que ele queria usar contra mim. Provavelmente esse episódio seja a causa do tamanho pavor e da repugnância que senti a vida toda perante qualquer tipo de violência”.

Na orfandade (a mãe de Lev faleceu quando ele não tinha nem dois anos e seu pai teve uma morte súbita antes de ele completar nove), as tias cumpriram um papel enorme em sua vida. Após a morte do pai, sua irmã, Aleksandra Ilínichna, tornou-se a tutora das crianças.

Recordando-se dessa tia, Tolstói contou sobre o marido dela, o conde Osten-Saken de Ostsee, que sofria de ciúmes gratuitos. Ao chegar à demência total, o conde resolveu que

seus inimigos que querem lhe tirar a mulher⁴² cercaram-no e a única maneira de ele se salvar seria fugindo deles. Isso aconteceu no verão. Ao levantar cedo, ele disse à mulher que a única salvação era fugir, que

ele já tinha mandado preparar a caleche, que ela se aprontasse, pois partiriam em seguida. A caleche realmente foi trazida. Ele ajudou a tia a subir e mandou o cocheiro andar o mais rápido possível. No caminho, tirou de uma caixa duas pistolas, armou o cão, deu uma à tia e disse que, se os inimigos soubessem de sua fuga, alcançariam-no, e então eles estariam perdidos e a única coisa que lhes restaria fazer seria matar um ao outro... Desafortunadamente, no caminho que levava à estrada, apareceu uma carruagem; ele gritou que estava tudo perdido, mandou a tia atirar nele e ele mesmo atirou no peito dela à queima-roupa. Ao se dar conta do que havia feito e vendo que a carruagem que o assustou havia virado para outro lado, ele mandou parar, tirou a tia ensanguentada da caleche, colocou-a no caminho e foi embora. Por sorte, uns camponeses a encontraram e levaram ao pastor, que fez a atadura como pôde e mandou trazer o médico.

O que chama atenção nessa história quase incrível não é o próprio enredo, mas a descrição minuciosa e parcial que Tolstói deixou em suas memórias, como se ele mesmo, como terceira pessoa, estivesse nessa caleche ao lado do enlouquecido conde e de sua pobre mulher grávida.

É curioso que Maria Nikoláievna, irmã de Tolstói que também ouviu essa história da própria tia, tenha dado uma versão completamente diferente. Não houve fuga alguma nem sombra de “inimigos”. Uma noite, o ciumento conde levou sua mulher ao parque e atirou nela à queima-roupa. Assustado com o que tinha feito, o conde não fugiu, mas levou ele mesmo a mulher ferida ao pastor.

Supondo que o enredo incrível com a fuga tenha sido uma fantasia do pequeno Lióvotchka, que completou a narrativa da tia, não é difícil de entender em que direção trabalhava sua imaginação.

As invenções de Lióvotchka eram as mais inesperadas. Por exemplo, ele entrava na sala e reverenciava de costas, jogando a cabeça para trás e

fazendo rapapé. Um dia, cortou as sobrancelhas, o que deformou muito seu rosto.

Conta Maria Nikoláievna a P. I. Biriukov:

Uma vez nós estávamos voltando de troica de Pirogovo a Iássnaia Poliana. Numa das paradas, Lióvotchka desceu da carruagem e foi a pé. Somente quando a carruagem andou, percebemos que ele não estava em lugar algum. Da boleia, o cocheiro viu sua figurinha se afastando no caminho. Nós continuamos, supondo que ele tivesse ido na frente para subir na carruagem quando o alcançássemos, mas foi em vão. Vendo a troica se aproximar, ele acelerou o passo e, quando ela andou a trote, ele correu, não querendo andar de carruagem. A troica andou mais rápido e ele se pôs a correr com todas as forças e completou umas três verstas até se esgotar e se render, finalmente. Nós o colocamos na carruagem. Estava ofegante, todo suado, exausto.

Se esse episódio não tivesse sido contado por Maria Nikoláievna alguns anos antes da fuga de Tolstói de Iássnaia Poliana nem publicado por Biriukov no primeiro volume da biografia de Tolstói, editado em 1906, poder-se ia suspeitar de que ela havia se lembrado dele por causa da fuga. Como um outro episódio também contado a Biriukov.

Um dia, estávamos reunidos para o almoço. Isso aconteceu em Moscou, quando a vovó ainda estava viva e a etiqueta era mantida. Todos deviam chegar a tempo, antes da vinda da vovó, e esperar por ela. Por isso ficamos surpresos com a ausência de Lióvotchka. Quando sentamos à mesa, a vovó, notando sua falta, perguntou a Saint-Thomas o que significava isso e se Lev estava de castigo. Mas ele, embaraçado, disse que não sabia, mas que tinha certeza de que apareceria num instante e que, provavelmente, demorou arrumando-se para o almoço. A vovó acalmou-se, porém durante o almoço entrou nosso aio, disse algo ao pé

do ouvido a Saint-Thomas, este levantou-se de um pulo da mesa e saiu correndo...

Logo o caso foi esclarecido e nós ficamos sabendo que Lióvotchka, não se sabe por que motivo (como ele mesmo diz agora, foi apenas para fazer algo extraordinário e surpreender os outros), inventou de pular pela janela do segundo andar, na altura de algumas braças... A cozinheira estava no andar de baixo, frente à janela, quando Lióvotchka tombou no chão.

Sem entender o que acontecera, ela comunicou ao mordomo. E, quando saíram para o pátio, encontraram Lióvotchka deitado no chão inconsciente. Por sorte, não teve nenhuma fratura, tudo se limitou a um leve abalo cerebral. O estado inconsciente evoluiu para o sono, ele dormiu 18 horas seguidas e acordou completamente são...

Ouvido o relato da irmã, Tolstói acrescentou que havia pulado não para baixo, mas para cima. E ainda contou que, na idade de 7-8 anos, “tinha um enorme desejo de voar. Imaginava que isso fosse possível, se ficasse de cócoras, abraçasse os joelhos e, quanto mais forte os apertasse, mais alto poderia subir voando”.

Existem muitos exemplos de atitudes estranhas de Tolstói, ligadas à sua aspiração por liberdade pessoal e independência, frente aos sofrimentos que lhe causava qualquer tipo de violência. Mas vejamos quais dessas atitudes estranhas ele conservou até seus derradeiros dias. Em primeiro lugar, o costume de não esperar a carruagem e sair na frente. Esse costume ele não perdeu mesmo depois da fuga de Iássnaia Poliana. Quando ele e Makovítski partiam do mosteiro de Óptina, Tolstói também saiu na frente.

Pode-se supor que os passeios diários de Tolstói, seja a pé ou a cavalo, pelas veredas florestais com perambulações eram uma espécie de ensaio ou, se parecer melhor, simulação da partida. Os roteiros imprevistos de seus passeios surpreendiam a todos que o acompanhavam em seu último ano de

vida. Sobre isso escreveram Bulgákov, o secretário, Goldenweiser, o músico, Makovítski, o médico. Pode-se até supor que a partida e as perambulações eram uma paixão forte e invencível de Tolstói, assim como para outros são mulheres, álcool ou jogos de cartas.

O que significava essa paixão? Sim, nós sabemos que nessas horas ele fazia sua prece solitária, dirigia-se a Deus com palavras que só ele sabia. Sim, nos últimos anos de sua vida essas horas fora de casa eram horas de descanso dos visitantes e das cenas que se via em família. E mesmo quando não o deixavam sozinho, quando nos passeios acompanhavam-no Bulgákov, Goldenweiser, Makovítski ou alguma das visitas que lhe era agradável, ele escolhia veredas desconhecidas, barrancos íngremes como que de propósito, obrigando a si mesmo e ao companheiro a se perder e procurar a saída da situação difícil.

“Foi tão bom hoje andar pelas veredas na floresta com o querido Bulgákov; nós nos perdemos”, dizia ele com ar feliz, à mesa do almoço.

Assim, no dia 27 de outubro, na véspera da partida, durante o passeio a cavalo em companhia de Makovítski, ele insistiu em atravessar um barranco de mata cerrada.

O doutor, com medo de que ele resolvesse descer o barranco a cavalo, como fazia habitualmente, pediu para que apeasse.

“... ele obedeceu, o que raramente acontecia. O barranco era muito íngreme e eu pretendia levar os cavalos um a um. Mas receava que, enquanto eu levasse um, ele pegasse o outro (L. N. não gostava de receber favores), e peguei as rédeas dos dois... Desci, pulei por cima de um córrego. Então L. N. deu um grito alarmado, com medo de que um dos cavalos, pulando, pisasse nos meus pés. Depois, subi voando o outro lado do barranco. Lá fiquei esperando longamente. L. N. estava descendo, com as abas do casaco enfiadas por baixo do cinto, segurando-se nos troncos de árvores e ramos de arbustos; chegou até o

córrego, pôs-se de quatro e, engatinhando pelo gelo, arrastou-se até a outra margem. Depois, na subida íngreme, pegava nos ramos, parava por um bom tempo para descansar, estava esbaforido.

Eu me virei, para que ele não se apressasse. Queria ajudá-lo, mas tinha receio de incomodá-lo com isso...

Até o médico entendia que não se podia intrometer nesse processo! Isso só irritaria o grande ancião. Seria um sacrilégio, o mesmo que entrar em seu gabinete de manhã e tentar ajudá-lo com seu trabalho. E quem sabe, talvez, vendo o maior dos escritores do mundo se arrastar de quatro, Makovítski tivesse se lembrado das palavras ditas havia dois meses, durante o almoço:

“Fiquei observando as formigas. Elas se arrastavam pelo tronco da árvore – para cima e para baixo. Não sei o que elas pegavam lá. Mas as barriguinhas das que subiam eram pequenas, e as das que desciam estavam gordas, pesadas. Pelo visto, enchiam-nas com alguma coisa lá em cima. E cada uma tinha seu próprio caminho. A superfície do tronco é irregular, tem excrescências. Elas as contornavam e iam em frente. Na velhice, é para mim especialmente surpreendente observar as formigas, as árvores. Diante disso, o que significam os aeroplanos? Tudo aquilo é tão grosseiro, tão tosco!”

Nas inúmeras fotografias de Tolstói velho, nós não vemos sua dinâmica. As fotografias daquela época nem sempre podiam captar o movimento, eram necessários vários segundos de pose para obter a imagem. Por sorte, a crônica cinematográfica nos trouxe Tolstói em movimento. Impressiona sobretudo a cena em que ele, sozinho, caminha pela alameda de bétulas que levava da fazenda para a estrada. É o movimento de um andador muito experiente. As pernas relaxadas, os joelhos levemente dobrados, a maneira de andar parece um tanto desajeitada. Os pés são

jogados bruscamente para os lados. Dá a impressão de que as pernas balançam separadamente do corpo, como as de um boneco de pano.

Mas é justamente assim que caminham os bons andadores. De jeito engraçado, relaxado, cambaleando como que se requebrando. E, na realidade, eles utilizam ao máximo a largura do passo.

O fato de não saber andar e contar com suas forças matou o camponês Pakhom, herói do conto de Tolstói “De quanta terra precisa o homem?”.

Os basquires ofereceram a Pakhom toda a terra cujo perímetro ele pudesse delimitar, caminhando, até o pôr do sol. E Pakhom, tomado pela avidez, caminha verstas e verstas para circundar o quanto mais conseguisse de terra gratuita e, quando toca a meta, cai morto. É evidente que a moral da história é que a avidez matou Pakhom e que no fim das contas o homem precisa de tanta terra quanto ocupará seu túmulo. Mas há nela uma certa malícia em relação ao mujique que pensou que andar em volta de sua terra seria coisa de pouca monta em comparação ao trabalho nela. Tolstói, durante dezenas de anos e quase diariamente, andava pelas terras de sua fazenda em Iássnaia Poliana e, no entanto, sempre se perdia, sabia dessa perfídia do espaço como que aberto à vista e desprotegido; o quão facilmente ele pode enganar e até matar um andador inexperiente.

Sabia também que a fuga não resolve problemas (Pakhom, antes de chegar à Bachkíria, foge de um lugar para outro em busca de melhor sorte). E, mesmo assim, muitos de seus protagonistas vão embora para algum lugar, vão embora e fogem, fogem...

CARDO-CORREDOR

Olénin foge para o Cáucaso, e o jovem Niekhliúdvov, em *A manhã de um senhor de terras*, foge da universidade para a aldeia. O conde Turbin, em *Dois hussardos*, subitamente aparece na cidade provincial K. e depois desaparece também de súbito. Vagueia nas estepes o herói do conto “A nevasca”. Bolkónski foge para o exército em operações. Natacha Rostova

foge com Anatóli Kuráguin. Pier Bezúkhov anda pelos campos de batalha e pela Moscou arrasada. Anna Karênina deixa o marido, e Vrónski, depois da morte dela, não encontra outra solução, a não ser correr para a guerra sérvia. Segue o caminho de Kátia Másslova outro Niekhlíúdob do romance *Ressurreição*. O padre Sérgio foge da fama terrena, e o imperador Alexandre, na imagem de ancião, esconde-se na Sibéria. No conto “Dois velhos”, os camponeses vão a pé a Jerusalém. Perderam-se na estepe o mercador Vassíli e o trabalhador Nikita, da novela *O patrão e o empregado*. Perdeu-se durante a caça e sentiu um pavor da morte o herói de *Anotações de um louco*. Procurando sair do cerco morre Khadji-Murat. E essa lista de personagens de Tolstói que fogem e vão embora está longe de ser completa.

Mas existe a última forma de fuga – o suicídio. Esse caminho escolhem o terceiro Niekhlíúdob, em *Anotações de um marcador de bilhar*, Fiêdia Protássov, de *O cadáver vivo*, e Evguêni, da novela *O diabo*, Anna Karênina joga-se debaixo do trem, e Konstantin Lévin pensa em suicídio no período mais feliz de sua vida.

Parece que só uma obra de Tolstói tem final feliz. Trata-se de um conto escrito para crianças, *O prisioneiro do Cáucaso*. Nas obras restantes a partida e a fuga não resolvem os problemas, na verdade abrem uma nova lista deles. Em *Anotações de um marcador de bilhar*, Niekhlíúdob, antes de se matar, de repente descobre, com surpresa, que a morte não resolve nada.

Antes eu pensava que a aproximação da morte enalteceria minha alma. Estava enganado. Dentro de um quarto de hora não existirei mais. Mas a minha visão não mudou. Continuo vendo do mesmo jeito, ouço do mesmo jeito, penso do mesmo jeito, a mesma inconsequência estranha, a mesma instabilidade e leveza nos pensamentos, tão opostas à unidade e à clareza, que só Deus sabe para que é dada a imaginação ao homem. Os pensamentos sobre o que haverá além do caixão e o que se falará

amanhã na casa da tia Rtíscheva sobre minha morte surgem com a mesma força na minha cabeça.

Em *Polikuchka*, o suicídio do protagonista que perdeu o dinheiro da patroa é apenas um episódio, depois do qual os acontecimentos com o dinheiro perdido continuam se desenvolvendo. A morte de Protássov não resolve os problemas de sua mulher e de seu novo marido. Pois a bigamia já estava provada, e a morte voluntária de Protássov não é prova de que a bigamia não era conhecida. Afinal, não se entende em que consiste o “benefício” de Protássov para sua mulher e de que maneira sua morte ajudaria a salvá-la do “vexame” e talvez até do exílio para a Sibéria.

E, se nem a fuga definitiva da vida resolve os problemas dessa mesma vida, o que dizer sobre a fuga do espaço? O homem privado da atitude “paradisíaca” perante o mundo é condenado à “inconsequência”, “instabilidade” e “leveza nos pensamentos”, e, como resultado, a perambulação na vida. Ele se transforma em “cardo-corredor”. O vento o leva em direções imprevistas enquanto não se encontra um lugar calmo, protegido do vento, onde a pobre planta possa se agarrar ao solo.

Para Tolstói, esse lugar só poderia ser Iássnaia Poliana, e não foi à toa que ele se dirigiu justamente para lá no começo de sua fuga. Mas a primeira experiência em gerir a economia rural foi um fracasso. As causas do malogro ele expôs em *A manhã de um senhor de terras*. Essencialmente amante da liberdade, Tolstói não poderia ser um bom senhor de escravos e, antes da abolição da escravatura, em 1861, não se podia nem pensar em criar um paraíso camponês isolado na Rússia feudal.

Mas mesmo suas tentativas posteriores de empreendimentos econômicos racionais acabaram, via de regra, malogrando. Quase todas, exceto os pomares e o florestamento. Tolstói era um patrão entusiasmado demais e, quando iniciava um negócio (apicultura, suinocultura, fábrica de aguardente, criação de cavalos), entregava-se a ele com toda a sua paixão

poética. A economia, no entanto, exige o cálculo frio e a distribuição de forças.

Em maio de 1847, ele chega de Kazan a Iássnaia Poliana e já em outono de 1848 foge para Moscou, onde leva uma vida “muito desordenada, sem emprego, sem ocupações, sem meta”. E, em fevereiro, vai a Petersburgo, atraído pela “ânsia indeterminada por conhecimentos”. Diante dele há dois caminhos: exército ou funcionalismo público. A “ânsia por conhecimentos” venceu a ambição e, no início de 1849, ele presta dois exames na universidade de Petersburgo: em direito penal e em direito processual. Mas “chegou a primavera, e os encantos da vida campestre chamaram-me novamente à fazenda”.

Esse período de constante confusão e vacilações dura três anos. Ora ele sonha em servir no Ministério do Exterior, ora quer ingressar como cadete no regimento de cavalaria da Guarda e participar da campanha húngara, e ora, com a chegada da primavera, foge para “os encantos da vida campestre” e pretende arrendar a estação de posta.

Todas as cartas a Serguei, o irmão mais velho, revelam-nos seus estados de espírito desses anos.

13 de fevereiro de 1849. “Escrevo-lhe esta carta de Petersburgo, onde pretendo ficar para sempre... Sei que não vai acreditar que eu mudei, vai dizer: ‘isso já é pela vigésima vez e em nada resulta’, ‘o rapaz mais insignificante’, mas não, agora mudei de uma maneira diferente das anteriores; antes eu dizia para mim mesmo: ‘que tal eu mudar?’, mas agora vejo que mudei e digo: ‘eu mudei’.”

1º de maio. “Serioja!⁴³ Sei que está dizendo: ‘o rapaz mais insignificante’ e tem razão. Fiz Deus sabe o quê! Cheguei a Petersburgo sem motivo nenhum, não fiz nada de útil, gastei um monte de dinheiro e contraí dívidas. Estupidez! Estupidez intolerável!”

11 de maio. “Na última carta lhe escrevi umas besteiras e a principal foi que eu pretendia ingressar no regimento de cavalaria da Guarda, agora

continuarei com esse plano somente se eu não passar nos exames e se a guerra for séria.”

Na mesma primavera, “sem um tostão e devendo a todo mundo”, Tolstói volta a Iássnaia Poliana em companhia de um músico alemão, um tal de Rudolf, dado a bebidas, e entrega-se à música com paixão. Ele até começa, mas não termina o artigo “As bases principais da música e as regras de seu estudo”. Avaliemos estas palavras-chave: *principais* e *regras*.

Antes da partida para o Cáucaso, em abril de 1851, junto com o irmão Nikolái, Tolstói leva uma vida dupla torturante, dividindo-se entre Moscou e Iássnaia Poliana. Em Iássnaia, passeios, ginástica, música, inglês, Goethe, a ideia de *Infância*. Em Moscou, baralho, farras, ciganos, raparigas e dívidas, muitas dívidas... Em Iássnaia Poliana, o anjo protetor, a tia Tatiana Aleksándrovna Iergólskaia, devota e solteirona, pela qual outrora estivera apaixonado o pai de Tolstói. Ela se recusara a casar com ele, contudo se dedicou à educação de seus filhos. Com ela, à noite, na hora do chá, conversas sobre a vida à moda antiga. Em Moscou, uma vida “animalesca”, que ele tenta ordenar com “regras”.

Acompanhemos as anotações de Tolstói em seu diário:

24 de dezembro de 1850. “Regras. Jogar baralho somente em casos extremos. Falar o quanto menos sobre si. Falar alto e claro. Regras. Todo dia fazer um passeio. Em conformidade com a lei da religião, não ter mulheres.”

17 de janeiro de 1851. “Regra... 1) Entrar em um círculo de jogadores e, tendo dinheiro, jogar. 2) Entrar na alta sociedade e, em determinadas condições, casar. 3) Encontrar um lugar vantajoso no serviço público.”

Os sonhos de Tolstói com a carreira pública acabaram em sua nomeação como registrador de repartição pública, funcionário subalterno na administração da província de Tula. Era o grau de classe 14, a mais baixa na

escala hierárquica do funcionalismo,⁴⁴ introduzida por Pedro I. Ironicamente, chamavam esse grau de “não bata em minha cara”, porque, para as pessoas que não tinham ascendência nobre, ele outorgava cidadania honorífica hereditária, que as livrava de castigos corporais.

No entanto, o jovem Tolstói era terrivelmente ambicioso! Não foi à toa que, em *Confissão*, colocou a ambição em primeiro lugar na lista de seus defeitos. Mas em que se revelou essa ambição na realidade, além das vagas pretensões de carreira e a vontade não muito bem definida de ir para a guerra? Não foi na fuga para o Cáucaso, certamente.

Na carta a T. A. Iergólskaia, escrita em Tiflis,⁴⁵ ele chama essa viagem de “uma fantasia que me veio subitamente à cabeça”. O quão subitamente surgiam semelhantes fantasias em sua cabeça pode-se julgar pelo fato de que, no outono de 1848, ele por pouco não partiu para a Sibéria com seu futuro cunhado, Valerian Tolstói: pulou para dentro da carruagem dele, trajando apenas a camisa e sem gorro, mas não viajou só porque se esqueceu do gorro, ao que parece. (Oh, esses gorros! Meio século depois ele também perderia o gorro e teria de voltar para pegar outro. Isso fora um mau sinal, e Tolstói, embora não reconhecesse os rituais religiosos, acreditava em sinais.)

É interessante notar que a fuga para o Cáucaso também estava ligada indiretamente com o desregrado Valerian Tolstói, que naquele tempo já estava casado com sua irmã, Maria Nikoláievna. Em sua fazenda Pokróvskoie, perto de Tchern, na festa do Ano-Novo encontraram-se os irmãos Nikólenka e Lev, que não se viam havia quatro anos. Nikólenhka servia no exército no Cáucaso. O irmão caçula, atormentado pela bifurcação da vida interna e externa, desencantado com sua economia e carreira, resolve segui-lo, sem ter plano algum, simplesmente para passear e espairar. Tanto mais que Nikólenka, que sempre fora inventivo, havia elaborado um roteiro original: chegar a Sarátov e de lá ir de barco até Astrakan. A viagem seria maravilhosa. Durante ela, em Kazan, Tolstói

apaixonou-se por Zinaída Mólostova, sobre o que escreveu um versinho gracejador ao chegar em Syzran: “Só depois dessa corrida, apalpei minha ferida...”.

Mas, quando se viu na povoação Starogladkóvskaia, ele, um tanto surpreso, escreveu em seu diário: “Como vim parar aqui? Não sei. Para quê? Também não sei”.

Da Starogladkóvskaia os irmãos iriam à aldeia Stári Iurt. Tolstói admira as montanhas, as fontes quentes, nas quais os ovos ficam duros em três minutos, as pitorescas mulheres tártaras, que lavam a roupa com os pés.

A fuga para o Cáucaso foi tão repentina que ele partiu de Tula sem os documentos necessários e, por quatro meses, ficou esperando a chegada deles. Ao recebê-los, apresentou-se em Tiflis diante dos olhos do general maior Eduard Vladímirovitch Brimmer, chefe da artilharia do corpo especial do Cáucaso.

Mas os papéis de Tula não foram suficientes e ele teve de esperar os documentos de Petersburgo. Oficialmente, Tolstói alistou-se no serviço militar em fevereiro de 1852. Uma carreira não se faz desse jeito. E ele havia se dirigido para o Cáucaso atrás de carreira.

Porém foi justamente a ambição que salvou Tolstói do deslize para o abismo, da “animalesca” vida moscovita. Não é que a vida no Cáucaso, onde ele passaria três anos, fosse menos “animalesca”, segundo seus elevados critérios morais. Baralho, dívidas, raparigas acessíveis – tudo isso ele teve de sobra, e ainda a vulgaridade da guarnição como suplemento. “Um oficial disse que sabia que coisas eu queria mostrar às damas e que, apesar de sua baixa estatura, ele também podia mostrar coisas iguais” (anotação em seu diário, de 4 de julho de 1851).

Mas a natureza do Cáucaso, o próprio ar, transparente como é transparente aqui o relacionamento entre as pessoas e o desejo ambicioso de se pronunciar em voz alta, perante o mundo e a família, provar que não ele não é “o rapaz mais insignificante”, serviram de excelente estímulo para sua

criação. Foi no Cáucaso que Tolstói nasceu como escritor. E de vez como um grande escritor, autor de *Infância* e *Adolescência*.

Reverendo com rigor sua juventude, Tolstói reconheceu em *Confissão* que “começou a escrever por vaidade, cobiça e orgulho”. No fundo, qualquer escritor sério sabe que é assim mesmo, que as primeiras obras não se escrevem por motivos espirituais ou, em todo caso, os motivos elevados são aquecidos pelo desejo de fama e dinheiro.

Mas, assim como o Cáucaso, que era mais elevado que a criancice e a galhardia de Tolstói, o clima de criação era também mais elevado e profundo do que sua ambição. Mas o principal: foi justamente nesse lugar que o cardo-corredor pôde parar e criar as primeiras raízes.

31 Familiar de padre. (N. da T.)

32 A. V. Koltsov (1809-1842), poeta russo considerado “o grande poeta do povo”. Muitas poesias dele tornaram-se canções. (N. da T.)

33 V. G. Korolenko (1853-1921), escritor e articulista russo. (N. da T.)

34 Partido político da Rússia que existiu de 1901 a 1923. (N. da T.)

35 Trata-se do passaporte interno. (N. da T.)

36 Forma carinhosa para Tânia. (N. da T.)

37 Trecho final de *Padre Sérgio*. (N. da T.)

38 Mosteiro masculino fundado em 1051. (N. da T.)

39 Trata-se de festas animadas por conjuntos contratados de canto e dança ciganos. Era chique e pagava-se caro por eles. (N. da T.)

40 De Maria Nikoláievna. (N. do A.)

41 Sobrenome do proprietário e nome de hotel e restaurante em Moscou. (N. da T.)

42 Que estava grávida naquela época. (N. do A.)

43 Diminutivo de Serguei. (N. da T.)

44 Trata-se da “Tabela de classes”. As classes de funcionários públicos correspondiam às patentes militares. (N. da T.)

45 Hoje Tbilíssi. (N. da T.)

Sónietchka e o diabo

“Como é bom aqui!”, exclamou Tolstói quando entrou no quarto da hospedaria do mosteiro de Óptina, cedido pelo irmão Mikhail. Espaçoso, três janelas com cortinas de musselina, potes de fícus, uma grande imagem do Salvador, um sofá antigo com uma mesa redonda diante dele, mais um sofá macio e biombos amarelos de madeira fixados no chão, atrás dos quais havia duas camas confortáveis – o melhor quarto da hospedaria. Antes de se deitar, Tolstói tomou chá e pediu um criado-mudo e uma vela. O irmão Mikhail levou-lhe também maçãs. Tolstói elogiou as maçãs e perguntou:

“Não teria um pouco de mel, irmão Mikhail? Você ainda não foi ordenado, então vou chamá-lo de ‘irmão’.”

Mikhail levou-lhe o mel.

Contudo, sua alegria foi prematura...

A noite em Óptina seria agitada, embora Makovítski tivesse ido pernoitar no quarto em frente, para não contrariar o hábito de Tolstói de ficar sozinho no dormitório.

No corredor, durante a noite toda, gatos corriam e pulavam nos móveis encostados na parede atrás da qual dormia Tolstói. Uma mulher saiu para o corredor e lá ficou, chorando alto: de dia, seu irmão, frade-vendeiro, havia falecido. No dia seguinte, pela manhã, ela veio ao conde e lhe suplicou que a ajudasse a arranjar um lugar para suas criancinhas. Caiu de joelhos em sua frente. Tolstói sofria muito quando se ajoelhavam diante dele. Quando os

visitantes de Iássnaia Poliana faziam isso, ele também se ajoelhava, pondo fim a essa angústia.

Às 7 horas, ele saiu do quarto e, no corredor, encontrou-se com Aliocha Serguêienko, secretário de Tchertkov, de 24 anos, filho do escritor Piotr Aleksêievitch, seu conhecido. Aliocha fazia parte do círculo de confidentes que estavam a par dos últimos segredos da vida de Tolstói, inclusive da história de seus conflitos com a esposa. Por isso coube a Aleksei a missão, ao mesmo tempo honrosa e desagradável, de comunicar a Tolstói o que havia acontecido em Iássnaia Poliana depois de seu desaparecimento.

Mas como Aliocha sabia que Tolstói estava em Óptina? Muito simples. Tolstói, ainda de Schékino, enviou a Sacha um telegrama, dizendo: “Provavelmente iremos a Óptina... por favor, querida, logo que souber onde estou (e saberá muito em breve), comunique como foi recebida a notícia sobre minha partida e, quanto mais detalhado, melhor”.

Lá se foi toda a conspiração. E mesmo se não houvesse esse telegrama... Em Schékino, perto de Iássnaia Poliana, todos, do chefe da estação até o caixa, sabiam que Tolstói e Makovítski dirigiram-se a Kozelsk. Não foi difícil adivinhar que de Kozelsk eles iriam à casa da irmã em Chamórdino e, no caminho, não deixariam de visitar o mosteiro de Óptina, onde Tolstói havia estado três vezes na idade madura e onde foram enterradas suas tias Aleksandra Ilínichna Osten-Saken e Elizaveta Aleksándrovna Tolstaia. Dificilmente Sófia Andrêievna, que havia mandado uma pessoa de confiança à estação para saber o destino das passagens, não teria adivinhado também. Enviar Serguêienko para visitar o fugido Tolstói não foi uma atitude bondosa da parte de Sacha e de Tchertkov em relação a ela. Desde o começo, Tolstói esteve cercado de pessoas indispostas com relação a ela, e da boca delas ficava sabendo o que acontecia em Iássnaia Poliana em sua ausência.

O pai de Aliocha Serguêienko era autor da crônica dramática *Xantipa*, em quatro partes, sobre a rabugenta esposa de Sócrates, que envenenou a vida dele mais que a taça com cicuta. Nessa peça, cuja primeira edição saiu no anexo da revista *Niva* em 1899, nitidamente viam-se Tolstói e a mulher, o que foi comentado por M. S. Sukhótin. Se isso não foi entendido pelo grande público, a família Tolstói o entendia muito bem.

Não sabemos em que termos e expressões Serguêienko contou a Tolstói sobre a tentativa de Sófia Andrêievna de se afogar no açude. Sabemos apenas que a impressão deixada por esse relato foi pesada e causou não somente pena, como também rancor.

“Tive um sono agitado”, anotou Tolstói no diário em 29 de outubro, “de manhã encontrei Aliocha Serguêienko... Sem entender nada, recebi-o com alegria. Mas as notícias que ele trouxe são terríveis. Eles adivinharam onde estou e Sófia Andrêievna pediu para Andrei⁴⁶ encontrar-me custe o que custar. E agora, noite de 29, aguardo a chegada de Andrei... Senti um peso o dia todo e estou fraco fisicamente também.”

“Diário somente para mim: Veio Serguêienko. Tudo na mesma, pior ainda. Tomara que eu não cometa um pecado. E não tenha raiva. Agora não tenho”. O sentimento contra o qual Tolstói lutava e o qual acreditava ter vencido era a raiva.

“... se alguém tem de se afogar, sou eu, e não ela”, queixa-se Tolstói numa carta a Sacha.

“... só quero uma coisa – sentir-me livre dela, dessa mentira, do fingimento e da raiva de que está tomado todo meu ser... Veja, querida, como sou mau. Não escondo isso de você.”

Quando Tolstói entrou na cela de sua irmã Maria Nikoláievna em Chamórdino, chorou pela primeira vez depois da fuga de Iássnaia Poliana. Ela ficou feliz em vê-lo, mas estranhou o fato de ele ter chegado na temporada de clima ruim.

“Receio que em sua casa as coisas não vão bem.”

“Em casa é um horror!”

Várias vezes a conversa se interrompeu com prantos. “Imagine que horror: na água...” A sobrinha, E. B. Obolênskaia, que estava lá presente, ofereceu-lhe um copo de água. Tolstói não aceitou...

AAFOGADA

Depois da partida do pai, Sacha ficou muito tempo sentada na poltrona, enrolada no cobertor. Tremia como se tivesse febre. Estava contando as horas e os minutos. O trem partia de Schékino às 8 horas. Às 8 horas, ela se levantou da poltrona e começou a vagar pelos cômodos. Encontrou o velho criado Iliá Vassílievitch. Ele já tinha entendido o que estava acontecendo.

“Lev Nikoláievitch disse-me que pretendia viajar, vi hoje pelas roupas que não está em casa...”

Os outros criados já estavam cochichando, fazendo suposições, mas Sófia Andrêievna ainda estava dormindo. Levantou-se tarde, às 11 horas, e, ao sentir pela conduta dos criados que alguma coisa ruim tinha acontecido, correu para Sacha.

“Onde está *papá*?”

“Partiu.”

“Para onde?”

“Não sei.”

Sacha entregou-lhe a carta de despedida. Sófia Andrêievna correu os olhos... Sua cabeça tremia, tremiam-lhe as mãos, o rosto cobriu-se de manchas vermelhas.

Ela não terminou de ler a carta, jogou-a no chão com o grito: “Foi embora, foi embora de vez! Adeus, Sacha, vou me afogar!”. E correu para o açude.

Assim descreveu essa passagem Aleksandra Lvovna em suas memórias. Já no diário de Valentin Bulgákov a descrição é mais detalhada.

Quando cheguei a Iássnaia Poliana de manhã, lá pelas 11 horas, Sófia Andrêievna tinha acabado de se levantar e se vestir. Deu uma olhada no quarto de Lev Nikoláievitch e não o encontrou. Correu para o quarto da Remington, depois para a biblioteca. Aí lhe contaram da partida de Lev Nikoláievitch e lhe entregaram a carta.

“Meu Deus!”, sussurrou Sófia Andrêievna. Rasgou o envelope e leu a primeira linha: “Minha partida vai te magoar...”. Não pôde continuar, jogou a carta na mesa da biblioteca e correu para seu quarto, sussurrando:

“Meu Deus!... O que ele está fazendo comigo!...”

“Mas leia a carta, talvez tenha algo mais nela!”, gritaram Aleksandra Lvovna e Varvara Mikháilovna no encalço dela, porém ela não deu ouvidos.

Em seguida, alguém da criadagem veio correndo e gritou que Sófia Andrêievna tinha corrido pelo parque em direção ao açude.

“Siga-a, o senhor está de botas!”, disse-me Aleksandra Lvovna e foi correndo buscar as galochas.

Eu saí correndo para o parque. O vestido cinza de Sófia Andrêievna aparecia ao longe entre as árvores. Ela caminhava rapidamente pela alameda de tílias, descendo para o açude. Eu a segui escondendo-me atrás das árvores. Depois corri.

“Não corra!”, gritou-me Aleksandra Lvovna. Eu olhei para trás.

Já estavam vindo várias pessoas: o cozinheiro Semion Nikoláievitch, o criado Vânia e outros.

Sófia Andrêievna desviou para o lado. Desapareceu atrás dos arbustos.

Aleksandra Lvovna passou por mim voando, farfalhando as saias.

Disparei seguindo-a. Não podíamos tardar: Sófia Andrêievna já estava

perto do açude. Nós chegamos à descida. Sófia Andrêievna olhou para trás e nos viu. Ela já estava lá em baixo. Caminhou pela tábua para subir na ponte de madeira (perto dos banhos), onde enxáguam a roupa. Caminhou apressadamente. De repente escorregou e, com estrondo, caiu de costas diretamente na ponte... Agarrando-se nas tábuas, arrastou-se até a beira e, rolando, caiu na água.

Aleksandra Lvovna também já estava na ponte. Também caiu no mesmo lugar escorregadio, na entrada... Eu alcancei a ponte.

Aleksandra Lvovna pulou na água. Eu fiz o mesmo. Ainda da ponte via a figura de Sófia Andrêievna: de rosto para cima com a boca aberta, na qual já devia ter entrado água, ela abriu os braços desamparadamente e imergiu... As águas já cobriam todo o seu corpo.

Por sorte, eu e Aleksandra Lvovna tocamos o fundo do açude com os pés. Foi bom Sófia Andrêievna ter escorregado e caído na entrada da ponte. Se ela tivesse avançado mais e pulado da própria ponte, aí não daria para tocar o fundo. O meio do açude é muito profundo, várias pessoas já se afogaram lá...

Mas, perto da margem, a água chega até o peito.

Eu e Aleksandra Lvovna puxamos Sófia Andrêievna para cima e a colocamos sentada na viga da base, depois na ponte. O criado Vânia Churáiev veio acudir. Com dificuldade, nós dois levantamos a pesada e encharcada Sófia Andrêievna e a conduzimos para a margem.

Segurando Sófia Andrêievna pelos braços, Vânia, eu e o cozinheiro caminhamos devagar para casa. Ela lamentou ter sido tirada da água. Andava com dificuldade. Num certo lugar, ela se sentou no chão.

“Só vou descansar um pouco!... Deixem-me ficar sentada!...”

Isso nem pensar. Sófia Andrêievna precisava trocar de roupa urgentemente.

Vânia e eu cruzamos os braços em forma de assento. O cozinheiro e os outros fizeram-na sentar em nossos braços. Mas logo ela pediu que a

deixassem andar.

Depois da tentativa de suicídio, Sófia Andréievna ficou sendo vigiada. Tiraram dela o ópio, o canivete, o peso de papel. Mas ela falava que acharia um meio de acabar com a própria vida. Uma hora depois, ela conseguiu escapar de casa, mas Bulgákov alcançou-a no caminho para o mesmo açude e a trouxe para casa à força.

“Você é como meu próprio filho!...”, dizia ela.

Essa história de duas tentativas de suicídio não podia deixar de causar comiseração. Seria preciso ter um coração muito duro para ver nisso apenas o desejo de impressionar, assustar os próximos e, por meio deles, obrigar o marido a voltar.

O que significavam para Sófia Andréievna agora as palavras do marido?

Mesmo as mais bondosas, as mais certas? O que eram suas palavras em comparação com seu ato, que chamaria a atenção do mundo inteiro (ela entendia isso muito bem) e entraria para a história? E ela, abandonada pelo marido, que era um grande homem, entraria também?

Até para as mulheres simples, casadas com homens simples, o fato de ser abandonada pelo marido é muito doloroso, não apenas porque ficarão sozinhas, mas também pelo modo como serão vistas pelas outras pessoas. Aquilo queria dizer que ela era uma má esposa? Durante todos esses anos? Ou tornara-se má ao envelhecer? E, enquanto estava jovem, era conveniente para ele? Enquanto era forte, saudável, atraente?

O conflito entre o casal era ainda uma rivalidade na tentativa de conquista do reconhecimento de sua razão pelos outros. Por mais que Tolstói fosse grande, ele também dependia da opinião alheia. O que falar então de sua esposa?

Depois da partida de Tolstói ela se viu numa solidão total. “Culpada de tudo.” Todos os familiares, inclusive a própria filha, estavam do lado do

coitado do fugitivo. Como mulher, ela foi ofendida; como ser humano, ultrajada. Seu marido, como homem, agira de maneira firme e bela a seu modo (exceto duas ou três pessoas, ninguém o vira tremendo na cocheira). Como ser humano, ele fez a última escolha de sua vida em favor da independência e da liberdade espiritual (pois Tolstói ainda não tinha descido do trem em Astápovo, segurado pelos braços, em busca de algum lugar onde pudesse, simplesmente, deitar-se).

Antes de reprová-la pela tão espetacular tentativa de suicídio (sim, ela poderia ter agido de outra maneira, mas quem tem o direito de censurá-la?!), é preciso avaliar o nível de sua solidão. Do lado do marido, estavam a casa inteira e todo o mundo culto. Do lado dela, alguns de seus filhos, porém ausentes justamente naquele momento. Eles vieram no dia seguinte, ao receber os telegramas de Sacha. Fora em prol desses filhos, endividados até o pescoço, que ela havia criado o conflito com o marido, ao levantar a questão da herança. E não havia ninguém que a pegasse pela mão, além de Bulgákov, que era para ela uma pessoa estranha, como eram todos os secretários de Tolstói, sempre enviados por Tchertkov, odioso para ela.

Não seremos nós que julgaremos o que se passava dentro de Sófia Andréievna e como seu estado histérico estava combinado com astúcia. É claro que a cena da fuga para o açude em parte foi uma representação (não é por acaso que Bulgákov escreveu que ela olhava para trás para ver se a seguiam). Mas sua intenção não foi de simular o suicídio, como ela já havia feito várias vezes, quando dava tiros com balas de festim em seu quarto ou dizia que havia tomado o frasco inteiro de ópio, ou ainda quando, só de vestido, deitava-se na terra fria do jardim. Agora ela não estava para simulação. Ela tinha de realizar aquilo com que assustava a casa inteira na hora dos conflitos com o marido e que não realizara até aquele momento, e provavelmente lamentava muito. Ah, se ela tivesse se afogado antes de sua partida, como várias vezes ameaçou!

O culpado dessa história seria ele. Ele é que teria acabado com a mulher, a qual lhe servira com devotamento e sem reserva durante 48 anos, a qual educara os filhos, copiara seus manuscritos, dera-lhe de comer de colherinha quando estava doente. Ele teria sido *o carrasco*, e ela, *a mártir*.

Um dos capítulos de suas vastas memórias, *Minha vida*, tem o título de “O mártir e a mártir”. O certo seria colocar “ou” no lugar de “e”. Realmente, quem foi o mártir? Ela, uma mulher simples destinada a servir o gênio, ou o gênio, condenado a viver com uma mulher simples? Não podia haver resposta com palavras para essa pergunta. A resposta que convenceria a todos só poderia ser por meio de gestos. Pois quem fez um gesto primeiro foi Tolstói.

O que restava a ela? Conformar-se com a derrota e entrar para a história como “culpada de tudo”? Ela tinha orgulho demais para isso. Queixar-se, justificar-se? No fim das contas, seria exatamente isso que ela teria de fazer em Astápoovo, cercada de correspondentes dos jornais. Mas, no primeiro momento, no estado de choque, ela também havia tentado fazer um gesto belo (como lhe parecia), que era introduzir no romance da vida com Tolstói seu próprio enredo independente. Afogar-se, se não perante os olhos do marido, ao menos perante os que o apoiavam e a condenavam.

Não nos esqueçamos de que ela era a esposa do maior romancista do mundo, autor de *Anna Karênina*. E, se a ferrovia Kúrskaaia passasse não a algumas verstas, mas perto da casa de Iássnaia Poliana, o enredo com suicídio sem dúvida seria diferente. Pois uma vez ela foi à ferrovia, como Anna Karênina, com a ideia de que “tudo é mentira, tudo é engano, tudo é maldade”.

Mas, por acaso, Kuzmínski, marido de sua irmã, encontrou-a no caminho e levou-a para casa.

As maneiras de sua conduta depois da partida do marido eram muito desagradáveis, feriam o ouvido e a vista. Em geral, as maneiras nos

conflitos de família não têm nada de agradável. E será que existem maneiras nos conflitos?

(IM)POSSIBILIDADE DO PARAÍSO

Voltemos ao passado.

Não há necessidade de nos determos detalhadamente no período da vida de Tolstói dedicada ao exército, passando por Cáucaso, Romênia e Crimeia, de 1851 a 1855. Tolstói foi bom soldado e oficial, porém não se destacava e parecia um tanto estranho. Era valente, fisicamente forte, excelente companheiro, um jogador de cartas inveterado e um pouco poeta – escreveu “Canção sobre a batalha no rio Preto”, sátira que soldados e oficiais gostavam de cantar na hora do repouso e que, em variantes diferentes, entrou para o folclore militar. Parecia um tanto estranho porque, frequentemente, ficava pensativo, era original em suas opiniões e recusava se aproveitar do dinheiro público, mesmo quando isso era permitido pelo código secreto vigente entre os oficiais. Mas o principal é que ele foi um *desamado*, como diz o tio Ierochka na novela *Os cossacos*. Mas *desamado* por quem? Pelas mulheres? Pelo destino? Por todos, em conjunto! Tolstói era acanhado com as mulheres, azarado nos jogos de cartas, não tinha sorte na carreira. É claro que o sentido da palavra *desamado* não se esgota com isso. No entanto, era entendido perfeitamente pelo simples cossaco Ierochka e também pelo príncipe Olénin.

Graças a isso, porém, o jovem Tolstói realizou-se como escritor, obtendo na literatura aquilo que lhe faltava na vida.

Órfão desde a primeira infância, ele criou a obra mais poética da literatura russa sobre a infância. Não sendo, em absoluto, fã de guerras, cantou o heroísmo dos soldados e oficiais russos em *Contos de Sebastópol* de tal maneira que a imperatriz, o severo crítico literário Ivan Turguênev⁴⁷ e o jovem príncipe herdeiro (o futuro Alexandre III) derramavam lágrimas lendo “Sebastópol em dezembro”, e o jovem czar Alexandre III ordenou

que esse conto fosse traduzido para o francês e, segundo os boatos, enviou à Crimeia um oficial encarregado de cuidar da transferência do talentoso escritor para um lugar menos perigoso.

Tolstói, como diziam, era um oficial decente, não mais do que isso. Durante a conquista do Cáucaso e o fracasso da campanha russo-turca, não o atraíam nem o duvidoso espírito heroico da guerra, nem a ainda mais duvidosa carreira militar. Em todo caso, não o absorviam totalmente. Mas Tolstói era uma pessoa íntegra e, quando desejava alguma coisa, desejava-a integralmente.

E o que queria o jovem Tolstói? Amor e felicidade. Com efeito, ele queria se casar e morar em Iássnaia Poliana. A profissão de escritor não o atraía tanto quanto a perspectiva ordinária de vida de um senhor de terras na fazenda de Iássnaia Poliana, com a esposa devota ao lado e retratos de antepassados nas paredes da casa aconchegante. O sucesso literário saciava sua ambição, mas não subordinava a si suas forças espirituais. A carreira literária exigia compromissos com revisores, editores, censura, e isso não correspondia à sua compreensão do ideal, da perfeição e, afinal, do “paraíso”.

Iássnaia Poliana mais casamento aproximavam-se mais desse ideal. Era um “paraíso” concreto, personificado, que ele descreveu em Mozdok na carta a T. A. Iergólskaia, em janeiro de 1852:

Passarão anos e eis que já não sou jovem, mas também não um velho, ainda estamos em Iássni, como costumavam chamar a fazenda, com adjetivo masculino e sonância patriarcal; meus negócios vão bem, não há preocupações nem aborrecimentos; a senhora ainda mora em Iássnaia, envelheceu um pouco, mas com saúde e aparência de frescor. A vida continua como antigamente, de manhã eu trabalho, e quase todas as tardes nós estamos juntos; depois do almoço, à noite, eu leio em voz alta aquilo que não lhe dá tédio; depois começa a conversa. Eu lhe

conto sobre minha vida no Cáucaso, a senhora, suas recordações do passado, do meu pai e da minha mãe, conta também as *histórias terríveis* que outrora nós ouvíamos com os olhos arregalados e boquiabertos... nos lembramos das pessoas que nos eram caras e que já não existem mais, a senhora chora, eu também, mas com lágrimas de paz... Eu sou casado, minha mulher é dócil, boa e amorosa comigo, ama também à senhora, assim como eu. Nossos filhos chamam a senhora de “vovó”, a senhora mora na casa grande, no andar de cima, onde outrora morava a minha vovó. Em casa tudo está na mesma ordem do tempo quando *papá* estava vivo e nós continuamos a mesma vida, apenas mudamos os papéis: a senhora faz o papel da vovó, mas é ainda mais bondosa do que ela, e eu, o do *papá*, mas não espero merecê-lo um dia; minha mulher, *mamá*...

Nesse quadro, idílico à primeira vista, Tolstói distribui despoticamente os papéis que deverão assumir os futuros habitantes de Iássnaia, ou Iássni. Ele, *papá*, isto é, Nikolai Ilitch Tolstói, que concluiu a construção do conjunto da fazenda, obra de seu sogro, Nikolai Serguéievitch Volkónski. A T. A. Iergólskaia destina-se o papel de honra da vovó, mãe de *papá*, Pelagueia Nikoláievna, nascida princesa Gortchkova, uma mulher autoritária, cheia de caprichos e que maltratava os criados, mas que adorava seu filho Nikolai e não sobreviveu à sua morte. À mulher destina-se o papel de *mamá*, Maria Nikoláievna, nascida Volkónskaia.

Esse ponto da carta é muito importante. Se Sônia Bers, antes de se tornar condessa Tolstaia, a tivesse lido, saberia que papel preparava para ela o futuro marido. Ser sua mulher e mãe ao mesmo tempo.

Tolstói lembrava-se do pai, amava-o, orgulhava-se dele, queria imitá-lo, e quase não conhecia a mãe, mas mesmo assim a endeusava e retratou-a na personagem da princesa Maria, em *Guerra e paz*. O culto à mãe Tolstói

levou consigo por toda a vida e, na velhice, esse culto revelou-se nele com uma força muito maior. O fato de não lembrar seu rosto e de não existirem retratos dela somente reforçava esse culto, transformando a mãe, uma mulher terrena, em Madona. Não foi por acaso que, comprada em Dresden, a reprodução da *Madona Sistina*, de Rafael, que ele gostava muito, ficou de 1862 a 1885 na parede de seu dormitório e, depois, na de seu gabinete, onde está até hoje, no Museu de Iássnaia Poliana. A mãe personificava seu ideal feminino, e foi esse ideal que ele exigiu inconscientemente da futura mulher. Além do mais, ela deveria se tornar mãe no sentido comum. Os filhos também tinham seu papel no “paraíso” doméstico. Eles deveriam repetir a infância dos filhos de Maria Nikoláievna e Nikolai Ilitch.

“... nossos filhos, nossos papéis”, escreveu ele para Iergólskaia. Além disso, devia ser uma excelente dona de casa. “Eu imagino... minha mulher cuidando da casa...” E mais... O que mais ele esperava de sua mulher nós ficamos sabendo em *A manhã de um senhor de terras*.

Eu e minha mulher, que amo como nunca ninguém no mundo amou, vivemos nessa natureza campestre, poética e tranquila com os filhos, talvez com a velha tia também. O nosso amor é mútuo e ambos sabemos o nosso destino – o bem. Ajudamo-nos um ao outro a alcançar esse objetivo. Eu dou as disposições gerais e subvenções justas, monto granjas, caixas de poupança e oficinas. Ela, com sua cabecinha graciosa, caminhando pela lama de vestido branco que ela puxa, descobrindo assim a perninha elegante, dirige-se à escola rural, ao hospital para ajudar um mujique infeliz que, para dizer a verdade, não merece essa ajuda e, em toda parte, ela consola, dá apoio... Crianças, velhos, mulheres adoram-na, olham para ela como para um anjo, uma providência. Depois, ela volta e esconde de mim que visitou o mujique infeliz e lhe deu dinheiro, mas eu já sei de tudo, abraço-a fortemente,

beijo ternamente seus olhos, suas faces coradas de vergonha e seu lábios vermelhos.

Posteriormente, Sófia Andrêievna realizará muitas coisas desse quadro.

Quando jovem, trajava vestidos simples e curtos e medicava as mulheres camponesas. Era uma excelente mãe e dona de casa. Nos sonhos de Niekhliúdob, em *A manhã de um senhor de terras*, percebe-se facilmente o fundo erótico. Sua mulher deve ser um anjo, porém com a “perninha elegante”, a “cabecinha graciosa”, os “lábios vermelhos”.

Sófia Andrêievna não era uma beldade, mas todos assinalavam seus atrativos na juventude e sua aparência jovem na idade avançada.

Na carta a Iergólskaia, Tolstói distribui papéis para seus irmãos também:

“Três personagens novos, de vez em quando, vão entrar em cena – são os irmãos e o principal deles, Nikólenka, estará conosco frequentemente. Um velho solteirão, careca, reformado, bondoso e nobre como antigamente vai contar histórias de sua autoria às crianças. Como elas vão beijar suas mãos fortes (e que merecem isso), como ele vai brincar com elas!...”

E, finalmente, a irmã Maria Nikoláievna, Máchenka. Ele lhe dá o papel das duas irmãs do pai – Aleksandra Ilínichna e Pelagueia Ilínichna. Só que ela não será “infeliz como elas”.

Mas surge a pergunta: até que ponto tudo isso era sério? Talvez Tolstói, que fugira para o Cáucaso, tenha se entregado a sonhos ao parar em Mozdok? Quis divertir sua velha tia e a si próprio?

Passados cinco anos, ele escreveu ao irmão Serguei: “Está enganado pensando que esse amor à vida em família é um sonho que me deixará farto! Sou um pai de família por natureza, tinha esse gosto na juventude e, agora, ainda mais. Estou certo disso assim como eu estou de estar vivo”.

Dos quatro irmãos (Nikolai, Serguei, Dmítri e Lev), somente o caçula teve uma vida familiar feliz. Essa felicidade acabou em tragédia, mas teve

um prelúdio de 48 anos, dos quais pelo menos os primeiros quinze foram felizes. Nikolai e Dmíttri morreram solteiros. Serguei passou a vida toda com a cigana Macha, que ele resgatou de um acampamento de ciganos. Embora a amasse à sua maneira, conviveu com ela mais por dever de honra do que por amor. A única irmã de Tolstói infeliz no casamento foi Maria. Ela abandonou o marido, viajou com os filhos para a Europa, lá teve um filho ilegítimo e, na idade avançada, tomou o hábito e foi para o convento. Todos os filhos de Tolstói, fora os que morreram na primeira infância, tornaram-se pessoas notáveis, talentosas e singulares. Hoje em dia, somente dos descendentes diretos de Tolstói há mais de 350 pessoas, que vivem em vários países do mundo e mantêm contato entre si.

Isso não é uma prova de que o projeto familiar de Tolstói e Sófia Andréievna foi realizado?

E o paraíso familiar, foi possível realizar?

Lendo atentamente a carta a Iergólskaia não há como não admirar com que maestria ele desenhou esse paraíso nas projeções real e mística. Pai-Deus. Na projeção real, são três gerações de homens das famílias Volkónski e Tolstói: o avô Nikolai Serguêievitch (retratado na personagem do velho Bolkónski em *Guerra e paz*), o pai, Nikolai Ilitch (Nikolai Rostov) e o filho Lev Tolstói. Não importava que para os irmãos ele continuava sendo um “rapaz insignificante”. Iássnaia Poliana pertencia a ele e isso lhe dava o direito de continuar a perspectiva de Pai-Deus. Santa Virgem. Na projeção mística, a mãe, e na real, a mulher, ainda desconhecida, mas ideal. Espírito Santo. Evidentemente, a tia Iergólskaia, a alma da casa, conservadora das tradições familiares. Anjos, os filhos. Arcanjos, os irmãos mais velhos.

Nesse quadro falta uma personagem – Jesus Cristo. Em 1852, sua relação com Cristo ainda não estava definida. Em *Confissão*, ele assegura que nesse tempo era ateu, mas não é verdade. O diário do Cáucaso conta como, às vezes, ele se dirigia com ardor e paixão a Deus-Pai, o Criador do mundo. Quanto ao cristianismo, tudo estava muito vago.

Em 7 de julho, estando na Romênia, Tolstói escreveu no diário:

O que eu sou? Um dos quatro filhos do coronel reformado, sem os pais desde os sete anos de idade, sob a tutela de mulheres e pessoas estranhas, sem ter recebido nem a educação laica nem a científica, comecei a vida independente aos dezessete anos de idade, sem grandes posses, sem qualquer posição social e, o principal, sem regras; sou uma pessoa que arruinou seus negócios, passou os melhores anos de sua vida sem objetivo, sem prazer, e finalmente expulsou a si mesmo para o Cáucaso, fugindo das dívidas e, o que é mais importante, dos vícios, e de lá, aproveitando alguns laços antigos entre seu pai e o comandante do exército, conseguiu uma transferência para o exército de Danúbio aos 26 anos de idade com a patente de alferes, quase sem meios de existência, além do salário (porque os meios que tinha eram necessários para o pagamento das dívidas), sem protetores, sem saber viver neste mundo, sem conhecer o serviço e sem capacidades práticas, mas com um enorme amor-próprio!

Seis dias depois, esse quadro completa-se com uma confissão importante: “Minha oração. Tenho fé no Deus único, onipotente e bondoso, na imortalidade da alma e no eterno castigo pelos nossos atos; desejo acreditar na religião de meus pais e a respeito”.

Em Deus-Pai ele acredita, e ser cristão e ortodoxo ele apenas deseja. Antes de tudo, porque era a religião dos pais. Eram regras, mas não uma fé sincera. Treze anos depois, em 1881, ele vai fazer o diário chamado *Anotações de um cristão*. Sua relação com Cristo se tornará então definida. Mas é justamente isso que significará sua ruptura com a “religião dos pais”.

SÍNDROME DE PODKOLIÓSSIN

Reverendo a história do noivado e do casamento de Tolstói com Sónietchka Bers, é impossível deixar de compará-lo ao conselheiro de repartição

pública Podkolióssin, protagonista da comédia de Gógol *O casamento*. Aquela pressa no arranjo do casamento e, por outro lado, a indecisão do noivo e sua vontade de fugir antes da cerimônia lembram o enredo da peça, na qual Podkolióssin acaba fugindo pela janela antes de ir para a igreja.

Mas será que podemos comparar o grande Tolstói ao insignificante Podkolióssin? Vamos dar uma olhada na carta da irmã de Tolstói, Maria Nikoláievna, escrita em Hyères, o balneário francês. Ela tinha resolvido casar o irmão com a sobrinha do vice-presidente da Academia de Ciências, A. M. Dondukov-Korsákov, conhecido pela epigrama de Púchkin:

O príncipe Dunduk⁴⁸
Preside a Academia.
Pelo que dizem,
Não merece essa honra.
Então, por que preside?
É porque ele... existe.

Naquele tempo Tolstói esteve em Bruxelas, visitou a família do príncipe e conheceu sua sobrinha, Ekaterina Aleksándrovna Dondukova-Kórsakova. Ele gostou da princesa. Foi a época em que ele se dedicou à procura de uma donzela, e Maria Nikoláievna pensou que ele não acharia outra melhor. Ao receber de Bruxelas a carta do irmão (que não se conservou), na qual, pelo visto, Tolstói pediu que ela procurasse saber por meio da princesa, tia de Kátenka, se o coração da moça não pertencia a um tal de Gardan, sobre o qual ele tinha recebido informação. Ela lhe respondeu:

Pelo amor de Deus, não fuja da sua felicidade, você não vai encontrar uma moça melhor; e a vida familiar vai prendê-lo a Iássnaia Poliana e seu trabalho.

Venha, Lióvotchka, nós, mulheres, somos mais entendidas nos assuntos do coração. Se você começar a raciocinar, tudo estará perdido... Tomara que, ao menos, alguém de nossa família seja feliz! Não fique pensando, venha... Escrevo esta carta com medo, receio de que você tenha voltado para a Rússia.

De que Maria tinha tanto medo? Por que escrevia essa carta “com medo”? Por que suplica ao irmão que não fuja da felicidade?

Tenho medo justamente do seu *espírito podkoliossiniano*. Se tudo se arranjar, você, de repente, pode se perguntar por que está fazendo isso. K. A., mesmo se não estiver apaixonada por você, no que eu não acredito, vai amá-lo ao se tornar sua mulher e, na idade dela, pode-se dizer, com certeza, que não deixará de amá-lo e tem tudo para ser uma boa e compreensiva mulher, companheira e mãe também. Portanto, por esse lado está tudo bem. Mas e você, o que sente? É sério mesmo o seu desejo de se casar, cuidar da esposa e fazer as vontades dela, e não exclusivamente as suas próprias, de ser menos egoísta? Não surgirá um dia em você um *ódio abafado* de sua mulher e a ideia de que, se você não estivesse casado, então... Eis o que me dá medo! Aliás, não fique analisando demais, porque, se você começar a analisar, qualquer questão certamente encontrará um obstáculo e, sem saber responder a si mesmo o *quê* e *por quê*, vai pôr-se em *fuga*.

A síndrome de Podkolióssin não é um mal da leviandade. É um mal da mentalidade. Para Tolstói, como para Podkolióssin, o casamento é um projeto sério demais. Tão sério que, quando chega o momento decisivo e a pessoa começa a ponderar todos os “prós” e todos os “contras”, surgem tantas questões, que dá vontade de fugir.

“*Podkolióssin*: Para toda a vida, para sempre, seja o que for, amarrar-se e, depois, nem desculpas, nem arrependimentos, nada, nada serve – tudo

terminado, tudo já feito... Ei, cocheiro!”⁴⁹

“Depois da morte, pela importância, e antes da morte, pelo tempo, não há nada mais importante e irreversível que o casamento”, escreveu Tolstói no diário, em 20 de outubro de 1896. “E como a morte, que é boa quando inevitável e má quando proposital, assim é o matrimônio. Ele não é mau somente quando é invencível.” Essa ideia o Tolstói maduro gostava de repetir, como também as palavras do apóstolo Paulo, de que é melhor viver casado do que ficar se “acendendo”. Mas nesse pensamento há um outro componente – a irrevogabilidade do casamento, ele é para toda a vida. Isso coincide com o que pensa Podkolióssin e com o que sente o jovem Tolstói.

NOIVO EXIGENTE

Depois de sua afeição infantil por Sónietchka Kolóchina, a primeira tentativa de uma declaração de amor aconteceu em Kazan. Em 1851, a caminho do Cáucaso, Tolstói conheceu num baile a amiga e condiscípula da irmã Macha no Instituto Rodiónovski de Kazan, Zínotchka Mólostova. Zínotchka não era bonita, mas muito graciosa e romântica. Quando Tolstói e o irmão Nikolai chegaram a Kazan, Zinaída era quase noiva de N. V. Tile, funcionário de missões especiais junto ao governador de Kazan. Porém, durante o baile na casa do decano da nobreza, todas as mazurcas ela dançou com Tolstói. É duvidoso que ela estivesse apaixonada por ele como esteve ele por ela. Mais tarde ela confessaria que com ele foi “interessante, mas difícil”. Houve na vida dos dois, porém, um caso inocente, provavelmente quando Tolstói era ainda estudante.

“Lembra-se, Zinaída, da vereda lateral do parque Arkhieréiski? A minha declaração de amor estava na ponta da língua, e a sua também. Eu devia ter tomado a iniciativa. Mas sabe por que, como me parece, eu não fiz nada? Eu estava tão feliz que não havia mais o que desejar. Receava estragar a minha... quero dizer, a nossa felicidade.”

Isso não é uma carta à moça, como se poderia pensar. Isso está escrito no diário de Tolstói, já no Cáucaso, em Stari Iurt. Nele, Tolstói também se pergunta: “Será que nunca mais tornarei a vê-la?... Por que não escrever uma carta a ela? Nem sei seu patronímico e talvez por isso perca minha felicidade. Ridículo...”.

São sentimentos de um jovem que, pela primeira vez, sentiu-se “adulto”, capaz de decidir seu destino de forma independente. E não se pode levá-los muito a sério. A sério deve ser levada outra anotação, feita um ano depois e também no Cáucaso, quando Tolstói soube do casamento de Mólostova com N. V. Tile: “É lamentável, e muito mais lamentável porque isso não me afligiu”.

Nisso manifestou-se o egocentrismo espiritual de Tolstói, que avaliava as pessoas e os acontecimentos não pelo grau de sua própria importância, mas pela repercussão deles em sua alma, pelos sentimentos que despertavam nela. Ele se aborrece não pelo fato de Zinaída ter se casado, mas porque tal acontecimento lhe foi indiferente. Isso significa que nele não há plenitude de sentimentos? Que ele é uma pessoa fria? Que não é capaz de amar?

Comparemos o trecho acima do diário dos anos de juventude com a anotação feita em 1909: “Depois do almoço, fui ao quarto da filha, ela está doente. Se Sacha não estivesse lendo, escreveria para ela algo agradável. Peguei Górkí com ela. Fiquei lendo. Muito ruim. Mas o principal é que para mim essa avaliação falsa é desagradável”.

A próxima “vítima” (desta vez realmente vítima) do projeto familiar de Tolstói foi a senhorita provinciana Valéria Arsênieva. Sudakovo, a sua fazenda, estava a oito verstas de Iássnaia Poliana. Depois da morte do vizinho, V. M. Arsêniev, Tolstói foi designado tutor de seus filhos.

Quando, no fim de maio de 1856, Tolstói voltava de Moscou a Iássnaia Poliana e visitou Sudakovo, Valéria, a filha mais velha, tinha vinte anos. “Encantadora”, escreveu ele no diário. “Será que a amo seriamente? E será

que ela é capaz de me amar por muito tempo? Eis duas perguntas que eu gostaria de responder, mas não sei”. O “casamenteiro” de Tolstói foi seu companheiro terra-tenente de Tula, D. A. Diákov. Ele era cinco anos mais velho que Tolstói, casado, sensato e um excelente administrador. Mas Tolstói, até essa época, tinha mudado. Já não era um jovem, mas sim um homem que havia passado por duas guerras e se tornado um escritor famoso, e que já se desiludira tanto com a guerra como com os escritores.

Ao chegar da Crimeia a Petersburgo como portador de despachos em 1855, Tolstói não voltou mais para o exército e, um ano depois, reformou-se. Do outono ao verão de 1856, ele conheceu os melhores escritores da Rússia e entrou no mais respeitado círculo literário da época, o da revista *Sovremênnik*,⁵⁰ dirigida por Nekrássov.⁵¹ Em Petersburgo, ele ficou hospedado no apartamento de Turguênev, encontrava-se com Nekrássov, Drujínin,⁵² Panáiev,⁵³ Ostróvski,⁵⁴ Maikov⁵⁵ e outras celebridades, mas fez amizade apenas com Nekrássov e Fet,⁵⁶ pois só neles sentiu a mesma independência do novo espírito da época. O relacionamento com Turguênev desde o começo não foi bom, chegando a ser até escandaloso. As duas baleias estavam apertadas no mesmo aquário literário. Alguns anos depois, por pouco não terminaria em duelo de fuzis...

Numa palavra, Tolstói acabou *fugindo* do círculo da revista *Sovreménnik*, um clube de “gente ligada com espírito impuro”, segundo expressão dele. *Os cossacos*, *Guerra e paz* e *Anna Karênina* foram publicados em *Rússki Véstnik*,⁵⁷ revista literária e política fundada por M. N. Katkov, um jornalista liberal no começo e depois reacionário, sobre o qual Turguênev escreveu um “verso em prosa” com o título “O réptil”. Mas Tolstói tampouco se daria bem com Katkov, não pela questão do credo político, mas por razões práticas: *Os cossacos*, por exemplo, ele vendeu a Katkov por ter perdido para ele no jogo de bilhar chinês e ficado devendo mil rublos.

Tolstói foi tão seriamente dominado pela ideia de se casar com Arsêniewa que o “namoro” dos dois durou mais de meio ano e, na novela *A felicidade conjugal*, Tolstói modelou a perspectiva de sua vida com Valéria.

V. A. Jdánov,⁵⁸ em seu excelente livro *O amor na vida de Lev Tolstói* (1928), que Búnin, juiz rigoroso, tinha em alta estima, mostrou o desenvolvimento das relações entre Tolstói e Valéria e, devemos reconhecer, o papel de Tolstói nesse relacionamento não foi dos melhores. Foi o de uma pessoa racional, que não era bondosa e não tinha escrúpulos em testar a resistência do objeto de seu amor. Exatamente o objeto do amor, e não seu próprio amor, o que seria compreensível e perdoável. Valéria era uma senhorita provinciana comum, educada no campo. Tolstói era para ela um partido de dar inveja – conde, militar e escritor famoso, cujo livro *Infância* todas as senhoritas liam perdendo a noção do tempo...

No fim do verão, Valéria foi a Moscou, para a casa de sua tia, e assistiu à coroação de Alexandre II. A suntuosidade da festa solene deixou-a pasma, e ela escreveu à Iássnaia Poliana, para a tia Iergólskaia, acreditando que sua carta seria lida pelo sobrinho. A reação de Tolstói surpreende por seu tom cruel. Ele logo dá a entender a Liza de Karamzin com que Erast⁵⁹ ela está lidando.

Para que você escreveu isso? Sabia que para mim isso seria uma escovada a contrapelo. Para a tia? A pior maneira para fazer o outro sentir como é você, acredite, é chegar e lhe dizer: “Veja como eu sou!”... Você deve ter ficado horrível com a groselha⁶⁰ *de toute beaute*⁶¹ e, acredite, com a roupa de viagem fica mil vezes melhor. Amar a *haute volée*⁶² e não a pessoa não é honesto e, além disso, é perigoso, porque é nela que se encontra a porcaria com maior frequência, comparada com qualquer outra *volée*, e para você é até desvantajoso, porque você mesma não ocupa *haute volée* e seu relacionamento com essa gente, baseado no rostinho bonitinho e na

groselha, não deve ser muito agradável e digno... Quanto aos ajudantes de campo, parece-me que são quarenta e sei ao certo que apenas dois deles não são patifes, mas bobos. Portanto, não é regalo nenhum. Como estou contente que amassaram seu vestido! E como é tolo esse barão desconhecido que a salvou. No lugar dele, eu teria me misturado à multidão com muito prazer e esmagado a groselha, lambuzando todo o seu vestido branco... Por isso, embora tenha muita vontade de ir a Moscou e olhar com rancor para você, eu não vou e, desejando-lhe prazeres vaidosos com seu final habitualmente amargo, fico seu criado desagradabilíssimo, c. Tolstói.

Parecia que o “namoro” devia acabar sem ter começado. Mas Tolstói se propôs a casar! Ele escreveu no diário: “Fiquei perambulando com Diákov. Ele me deu boas dicas a respeito da construção da casa dos fundos. E o principal, aconselhou-me a casar. Também acho que é o melhor que posso fazer...”.

A síndrome de Podkolióssin de Tolstói, que estava sendo persuadido pelo companheiro a se casar, se sobrepõe ao desejo de construir uma vida conforme as regras. Durante meses Tolstói estudou Valéria, anotando no diário suas impressões, nas quais o raciocínio frio de Petchórin⁶³ junta-se à indecisão de Podkolióssin.

16 de junho. “V. é adorável.”

18 de junho. “V. ficou tagarelando sobre os vestidos de gala e a coroação. Tem certa frivolidade, que parece não ser passageira, mas constante.”

21 de junho. “Falei pouco com ela, no entanto me impressionou.”

26 de junho. “V. de vestido branco. Muito encantadora. Foi uma das noites mais agradáveis da minha vida...”

28 de junho. “V. é muito mal-educada, ignorante, se não tola.”

28 de junho. “V. é uma boa menina, mas não gosto dela definitivamente. E, se continuarmos nos vendo com tanta frequência, vamos acabar casando.”

2 de julho. “Outra vez esse roupão faceiro. Feri-a seriamente ontem. Mas ela desabafou e foi muito franca. Senti-me um pouco triste e tudo passou... É muito adorável.”

25 de julho. “Pela primeira vez surpreendi-a *sem vestidos*, como diz Serioja. Ela é dez vezes melhor e, o mais importante, natural... Parece que sua natureza é amorosa e ativa. Passei uma noite *feliz*.”

30 de julho. “V. estava completamente à caseira. Não gostei nada.”

31 de julho. “Parece que V. é simplesmente tola.”

1º de agosto. “V. estava muito confusa, afetada e tola.”

10 de agosto. “Falamos em casamento. Ela é extraordinariamente bondosa e não é tola.”

16 de agosto. “Todos esses dias penso cada vez mais em Valérinka.”⁶⁴

24 de setembro. “V. é repugnante para mim.”

Para examinar seu relacionamento com Valéria, Tolstói foi a Petersburgo e, em novembro e dezembro de 1856, escreveu-lhe longas cartas, nas quais não havia paixão, apenas sermões alternados com declarações de amor inseguras.

Por favor, não perca as noites... Os estudos à noite lhe serão úteis para que se acostume a superar seus maus hábitos e preguiça... Seu defeito principal é a fraqueza do caráter, da qual provêm outros defeitos menores. Eduque a força de vontade. Assuma e lute contra seus maus hábitos...

Passeie, pelo amor de Deus, e não fique sentada muito tempo à noite, cuide de sua saúde.

“Você diz que por uma carta minha é capaz de sacrificar *tudo*. Deus a livre de pensar assim e também de falar. No meio desse *tudo* há uma *virtude*

que não pode ser sacrificada, não somente por uma porcária de pessoa como eu, mas por nada neste mundo. Eduque a si mesma, fique firme e tenha coragem.”

Havia nessas cartas dois momentos cruéis. O primeiro é que Tolstói acabou declarando-lhe o seu amor: “... eu simplesmente amo você, estou apaixonado por você...”. E o segundo, muito mais importante... Ele inventou um casal: Khrapovítski e Dembínskaia. Eles “supostamente” se amam, mas são pessoas com “hábitos opostos”. Ele descreveu o modo da futura vida do casal em detalhes, com valores das receitas e despesas, o número de cômodos na casa imaginária etc. Na realidade, ele convidou Valéria a entrar em seu jogo de projeto familiar. Além disso, ele analisou minuciosamente não só os defeitos dela, como também os de sua paixão antiga, o pianista francês Mortier de Fontaine, que ela havia conhecido em Moscou. Ele escreveu para Valéria: “Não perca a esperança de se tornar uma perfeição”. Recomendou-lhe vestir as meias e o espartilho sem a ajuda da criada. E muitas outras coisas do gênero que só seria possível escrever à noiva.

No começo de 1857, Tolstói viajou para o exterior e escreveu a Arsênieva a carta de despedida, colocando o ponto-final no “namoro”: “Não há dúvida de que sou culpado, terrivelmente culpado diante de mim e diante de você. Mas o que fazer?... Adeus, querida Valéria Aleksándrovna, que Deus a guarde; tanto você como eu temos um grande e belo caminho pela frente. Deus queira que este caminho a leve à felicidade que você merece mil vezes. Seu c. L. Tolstói”.

Passado um ano, Valéria casou-se com Talýzin, capitão de cavalaria, e eles tiveram quatro filhos. Ela depois se separou dele e casou-se outra vez. Em 1909 ela faleceu na Basileia e lá foi enterrada.

“Tiútcheva, Sverbéieva, Scherbátova, Tchitchérina, Olsúfieva, Rebinder – estive apaixonado por todas elas”, escreveria Tolstói um ano depois do rompimento de relações com Arsênieva, mas não dá para

acreditar muito nesses amores. E ainda tem as irmãs Lvov, a baronesa Mengden, a princesa Dondukova-Kórsakova, a princesa Trubetskáia...

Depois de Arsênieva, quem ocupou mais tempo seus pensamentos foi Ekaterina Fiódorovna, filha de Tiútchev,⁶⁵ seu poeta predileto.

29-31 de dezembro de 1857. “Começo a gostar de Tiútcheva aos poucos.”

1º de janeiro de 1858. “K. é adorável.”

7 de janeiro. “Tiútcheva? Tolice!”

8 de janeiro. “Não, não é tolice. Devagar, mas cativa-me seriamente e por inteiro.”

19 de janeiro. “T. não para de me cativar. Dá até pena, tanto mais que isso não é amor e não tem seus encantos.”

20 de janeiro. “M. Sukhótin mencionou K. T., maliciosamente. E eu não paro de pensar nela. Que porcaria! E, mesmo assim, sei que apenas desejo loucamente seu amor, mas não lhe tenho compaixão.”

21 de janeiro. “K. T. só ama pessoas porque Deus mandou. Em geral ela é má. Porém, isso não é indiferente para mim, é um desgosto.”

26 de janeiro. “Fui à casa de Tiútcheva, levando pronto meu amor. Frieza, mesquinhez, modos aristocráticos. *Tolice!*”

1º de fevereiro. “Tiútcheva já se tornou um costume.”

8 de fevereiro-10 de março. “Estive na casa de Tiútcheva. Nem carne, nem peixe. Esquiva-se.”

28 de março. “Infelizmente, esfriei a Tiútcheva. O resto até dá nojo.”

31 de março. “Definitivamente não gosto de Tiútcheva.”

Em setembro de 1857 ele faz a última tentativa de se casar com Tiútcheva. “Estava quase disposto a me casar sem amor, tranquilamente; mas ela me recebeu com frieza não dissimulada.”

No fim do mesmo ano, Tolstói sofreu um acidente, que não tinha nada a ver com seu noivado, mas que ilustra muito bem suas tentativas de obter a felicidade conjugal contra todas as regras vigentes numa sociedade

convencional. Em dezembro, ele foi a Vychni Volotchek para participar da caça aos ursos. Colocado num determinado lugar, ele não apisoou a neve em volta de si, como é devido, e por pouco não pagou por isso com a vida. A urso que apareceu na clareira correu direto para Tolstói. Ele errou o primeiro tiro. O segundo acertou na goela, e a bala ficou presa entre os dentes da urso. Primeiro, a urso passou por cima dele, mas voltou e começou a roer sua cabeça e arrancou um pedaço da pele de seu rosto. O caçador que veio acudi-lo matou-a. Depois a pele dessa urso morta por outra pessoa ficaria no chão de sua casa em Iássnaia Poliana e, mais tarde, em Khamóvniki.

INSTINTO DE GARANHÃO

No caminho para a felicidade conjugal e o paraíso terreno, Tolstói encontraria pela frente uma série de tentações, o que era de se esperar. E uma das tentações principais, a ambição, sobre a qual ele escreveu em *Confissão*, não precisava ser vencida. É que esse pecado simplesmente não entrava, até um certo momento, em contradição com o idílio conjugal que ele desenhava em sua imaginação. Ele não tinha se tornado um militar destacado, a desilusão com a primeira experiência de administração dos bens rurais já havia passado e a segunda, em sociedade com a futura dona de Iássnaia Poliana, prometia ser bem-sucedida. O sucesso na literatura era evidente e, além do dinheiro, dava a garantia de uma vida agradável no campo e o livrava do inevitável tédio da estação de inverno. Atividade agrícola em combinação com a literária (vantajosa, ainda por cima) – o que mais se poderia desejar?

O obstáculo principal no caminho para o paraíso era outro pecado – a luxúria. Como lhe parecia, ele estava tão atolado nesse pecado que isso o enlouquecia e se tornou um tema constante em seus diários.

Pelo visto, sua luxúria era bem desenvolvida, mas dificilmente ultrapassava a de qualquer jovem sadio e solteiro. Camponesas, esposas de

soldados, camareiras de hotéis europeus e, por fim, as raparigas estavam à sua disposição, mas o relacionamento com elas não lhe proporcionava nada além de aborrecimentos e tormentos de consciência. A luxúria não só não podia ser a meta de sua vida como também literalmente a atrapalhava. “As raparigas me fazem perder a cabeça”, “as raparigas atrapalham”, “por causa das raparigas... perco os melhores anos de minha vida” – eis o refrão do diário de sua juventude. Por sua natureza moral, Tolstói, sem dúvida, era um “monge”, que não via no prazer sexual nenhum momento iluminado. Mas o principal é que não havia como fugir desse desejo, este o alcançava em toda parte: em Iássnaia, em Moscou, em Petersburgo, no Cáucaso, no exterior. Há uma suposição de que seu estado feliz em Sebastópol assolada explica-se pelo fato de que as explosões de bala de canhão e os tiros de metralha foram o melhor meio para afugentar os pensamentos nas raparigas. O medo da morte era mais pungente que o “instinto de garanhão”.

O “instinto de garanhão” é uma definição do próprio Tolstói no diário. É uma definição muito forte de luxúria. Mas o fato justamente de ele dar essa definição tão acertada prova que esse desejo não ocupava todo o seu mundo interior e que Tolstói tinha capacidade de discernir e condenar esse seu “instinto de garanhão”. O garanhão, nem na época de acasalamento, nem depois, é capaz de raciocinar a respeito disso. Enquanto que a reflexão de Tolstói sobre a luxúria era muito mais exaustiva que a própria luxúria em questão.

O seu diário feito no exterior em 1857 pode dar a impressão de que Tolstói era um erotomaniaco. Primeiro, ele vai a Paris e, depois, à Suíça.

Genebra, Clarin, Berna... As belezas e as curiosidades das cidades ele descreveu em poucas palavras. A impressão mais forte de Paris foi a demonstração da execução na guilhotina. Mas no que ele sempre prestava atenção eram as “bonitinhas”.

“Uma senhora muito desembaraçada, fiquei pasmo e confuso...”, “Flertei com uma inglesa...”. “Uma suíça encantadora, de olhos azuis.” “A

camareira me perturba.” “Beldades com colo branco por toda parte.” “Ainda mais beldades.” “Uma beldade com sardas. Desejo loucamente uma mulher. Uma boa.” “Uma bonita na festa popular – gorduchinha.” “*Meninas. Duas meninas de Stanz*, uma delas tinha olhos divinos, flertaram comigo. Interpretei mal e fui castigado com seu acanhamento.” “Uma igreja simpática, com órgão, cheia de *bonitinhas*. Uma imensidade de *sociáveis* e *semibonitinhas*... O encontro com um alemão jovem e bonito perto da casa velha na esquina, onde estavam duas *bonitinhas*.” “Encontrei uma *pequenina*, mas fugi dela...”

Vejamos as coisas com bom senso. Paris, Suíça, o lago de Genebra... E, finalmente, a primavera, pois o primeiro diário no exterior foi feito em março, abril e maio. A fuga de Tolstói para o exterior lembra, de certo modo, a sua fuga para o Cáucaso de seis anos antes e também na primavera. Na Rússia ele deixou as dívidas e o “namoro” com Arsêniewa, pelo qual se envergonhava. Mas os sonhos com o casamento não o abandonariam e, em Dresden, ele estaria prestes a se apaixonar pela princesa Ekaterina Lvova (“bonita, inteligente, de boa índole, honesta e simpática”), mas, para ele, faltava algo nela (“Que monstro eu sou?”). Em Genebra, fica próximo de um amor perigoso até mesmo por sua tia de segundo grau, Aleksandra Andrêievna Tolstaia, dama de honra da corte, mulher que correspondia a seu ideal mais do que todas as outras. E se ela não fosse dez anos mais velha do que ele...

Esse Tolstói ainda não era o ancião de Iássnaia Poliana, do qual cada gesto e palavra atrairiam a atenção do mundo inteiro. Mas já era um homem complexo, de quem Turguênev, depois de alguns encontros em Paris, escreveria a respeito para P. V. Ánnenkov:⁶⁶ “... ele é estranho, nunca vi uma pessoa assim, eu não o entendo. É uma mistura de poeta, calvinista, fanático e fidalgo, lembra Rousseau, mas é mais honesto – é uma criatura de elevada moral e, ao mesmo tempo, antipática”.

“Bonitinhas”, “pequeninas”, “maravilhosas” – são apenas cores complementares à percepção multicolorida do mundo que Tolstói sempre teve. Isso ainda não é a “época do acasalamento”. Mas o próprio Tolstói já vê nisso armadilhas do diabo e, por isso, registra tudo tão escrupulosamente. Já na velhice, relendo o diário e pensando em sua edição após a morte, ele propõe excluir tais trechos, mas depois aconselha a deixá-los, como testemunho de que, mesmo uma pessoa tão insignificante e pecadora como ele, Deus não abandonou.

E Deus, muito em breve, o lembraria de sua existência. Em julho de 1857, em Baden, jogando roleta, ele perdeu todo o seu dinheiro até o último tostão e se viu obrigado a escrever uma carta a Turguênev, pedindo-lhe que enviasse quinhentos francos urgentemente. Logo em seguida, chegou a notícia de que a irmã Macha havia fugido do marido com as crianças ao saber da vida devassa que este levava. “Essa notícia estrangulou-me”, escreveu Tolstói no diário.

No mesmo diário, entre o fim de julho e o começo de agosto, ele se queixa de sua “enfermidade”. Era aquela mesma enfermidade com a qual ele havia começado a fazer o diário em Kazan, na primavera de 1847. Era a doença venérea.

Turguênev, que veio com urgência a Baden-Baden, encontrou-o num estado terrível. Doente, sem o dinheiro perdido no jogo, ofendido pela irmã. Além do mais, o marido dela, Valerian, era praticamente o gerente de Iássnaia Poliana na ausência de Tolstói, porque o irmão Serguei recusara-se a assumir a tarefa.

Tolstói, abatido e esmagado, volta para a Rússia, onde o diabo o pegaria definitivamente.

O DIABO

A novela homônima Tolstói escreveu em dezembro de 1889, de uma só vez, em dez dias. Não quis, porém, publicá-la; pelo contrário, escondeu-a de

Sófيا Andrêievna, no forro de sua poltrona. É a obra mais interessante de Tolstói sobre si mesmo. E até mais íntima do que *Infância*.

Esse “esqueleto dentro do armário” (aliás, da poltrona) esteve imóvel por vinte anos, até que foi encontrado por sua mulher.

“Hoje, Sófia Andrêievna está possessa”, escreveu Makovítski no diário em 13 de maio de 1909, “com fúria e raiva, censurava L. N. pela novela da qual ele não se lembrava, nem sobre o que e quando a escreveu.”

Não se lembrava? Em 19 de fevereiro do mesmo ano, Tolstói anotou no diário: “Reli *O diabo*. É pesado, desagradável”.

A novela *O diabo* era sobre as passagens mais íntimas e dolorosas na vida do casal. Tratava-se da ligação amorosa de Tolstói com Aksínia Bazíkina, uma camponesa casada. O resultado dessa ligação foi que ela teve um filho bastardo, fato sabido por Sófia Andrêievna.

Em 29 de abril de 1909, Sukhótin, o genro de Tolstói, escreveu no diário:

Fui com L. N. à casa de Tchertkov. De passagem, entramos na casa de uma camponesa, onde, de noite, morreu um peregrino desconhecido. O defunto estava no chão sobre palha, um pano cobria seu rosto. L. N. mandou descobri-lo e ficou muito tempo olhando atentamente para ele. O rosto do defunto era agradável e tranquilo. Tolstói dirigiu-se a um dos mujiques que estava ali.

“Você é o quê?”

“Estároste,⁶⁷ senhor conde.”

“Como é seu nome?”

“Timofei Anikánov.”⁶⁸

“Ah, sim, sim”, pronunciou Tolstói e saiu para o saguão. A dona da casa seguiu-o.

“Que Anikánov é esse?”, perguntou L. N.

“É Timofei, filho de Aksínia, senhor conde.”

“Ah, sim, sim”, disse pensativo L. N.

Nós subimos na caleche.

“Mas vocês tinham outro estároste, o Schukáiev”, disse L. N, dirigindo-se ao cocheiro.

“Foi afastado, senhor conde.”

“Foi afastado por quê?”

“Não se comportava bem, senhor conde. Bebia muito.”

“E esse, não bebe?”

“Também bebe, senhor conde.”

O tempo todo eu ficava observando L. N., mas não notei embaraço algum nele. É que esse Timofei era filho bastardo de Tolstói, parecidíssimo com ele, só que mais alto e mais bonito.

Timofei, um excelente cocheiro, já esteve a serviço nas casas de seus três irmãos legítimos, mas não se deu bem em nenhuma delas por causa de sua queda pela vodca. Se L. N. esqueceu-se de sua paixão por Aksínia, que mencionava tão abertamente em seus antigos diários, ou se resolveu demonstrar indiferença em relação ao passado – eu não me proponho a decidir.

Timofei Basíkin nasceu em 1860, dois anos antes do casamento de Tolstói e Sófia Andréievna. Quando os recém-casados se alojaram em Iássnaia Poliana, ele era bebê. Justamente sobre esse bebê, Sófia Andréievna descreveu em seu diário o sonho que teve quatro meses depois das bodas:

Vieram ao nosso jardim, era um jardim enorme, moças e mulheres de Iássnaia Poliana, todas vestidas como senhoras. Elas saíam de algum lugar, uma por uma, e a última, Aksínia, trajando vestido preto de seda. Comecei a falar com ela e deu-me uma raiva tamanha que tirei, não sei de onde, o seu bebê, e comecei a rasgá-lo em pedaços. A cabeça, as pernas – arranquei tudo: estava tomada por uma fúria terrível. Então

veio Lióvotchka. Disse a ele que eu seria mandada para a Sibéria. Mas ele recolheu as pernas, os braços, todas as partes do corpo, juntou-as e disse que não fazia mal, que aquilo era um boneco.

Foi apenas um sonho “desagradável”. Mas como é expressivo! Sófia Andrêievna era muito ciumenta. Mas nesse caso não era só o ciúme. A anotação no diário foi feita em janeiro de 1863, quando ela já estava grávida. Já estava escolhido o nome para o primogênito: se fosse menino, Serguei; se fosse menina, Tatiana. É preciso dizer que a ideia de que a criança seria primogênita apenas para ela, mas não para ele, não podia deixar de atormentar o coração da jovem mulher e futura mãe?

Os boatos de que em Iássnaia Poliana vivia o filho bastardo do conde chegavam a Sófia Andrêievna. Quando seus próprios filhos cresceram e, a exemplo do pai, começaram a participar dos trabalhos no campo, eles também vieram a ficar sabendo.

O “paraíso” de Iássnaia Poliana foi maculado desde o início. O diabo deixou nele suas marcas, impossíveis de serem apagadas.

O caso com Aksínia começou um ano depois da volta de Tolstói do exterior. Isso aconteceu em maio, no dia da Trindade. “Trindade, um dia maravilhoso. Cereja galega murchando nas mãos nodosas; a voz extasiada de Vassíli Davídkin. Vi Aksínia de passagem. É muito bonita. Esperei em vão todos esses dias. Hoje, na velha floresta grande, a nora... sou um idiota. Animal. Pescoço vermelho queimado ao sol... Estou apaixonado como nunca na vida. Não penso em outra coisa. Estou sofrendo. *Amanhã – todas as forças*”.

O verão de 1858 foi um dos mais difíceis na vida de Tolstói.

“Envelheci terrivelmente. Cansei de viver nesse verão”, escreveu ele em seu diário. Sua ligação com Aksínia durou dois anos e o abalou moralmente muito mais do que todas as anteriores. Essa ligação tornou-se “excepcional” e resultou que, pela primeira vez, ele sentiu numa simples

camponesa o que não sentia nas senhoritas provincianas e da capital – não somente uma mulher, mas *esposa*. E não esposa de outro, mas a *sua própria*.

E se depois de um ano desse relacionamento ele “lembrava” de Aksínia, “de seus ombros, com aversão”, em outubro, encontrava-se “exclusivamente” com ela. Passado mais meio ano, ele compreende que está definitivamente emaranhado. “Procurei por ela – não está em parte alguma. Isso já não é instinto do garanhão, mas o sentimento do marido à esposa. Estranho, tento fazer renascer o antigo senso de saciedade e não consigo.”

Foi uma descoberta séria para Tolstói e o primeiro golpe em seu projeto familiar.

Mas o que aconteceu de tão importante? Um jovem fidalgo pecou com uma camponesa, cujo marido trabalhava na cidade para sustentar a família e pagar o tributo ao seu senhor. Não é uma coisa boa, evidentemente, mas era comum.

Esse amor por uma plebeia não foi o primeiro. O mais provável é que a famosa cossaca Mariana da novela *Os cossacos* teve seu modelo real – uma moça chamada Solomonida. No diário caucasiano, Tolstói escreveu: “O bêbado Iepichka⁶⁹ disse-me ontem que as coisas com Solomonida vão melhorando. Eu gostaria de pegá-la”.

Ao voltar de Sebastópol e morando ora em Iássnaia Poliana, ora em Moscou, ele nota em si “já não o temperamento”, mas “o hábito da libertinagem”. “Uma lascívia terrível que chega a causar uma dor física.”

“Vaguei pelo jardim com a esperança de encontrar alguma rapariga e levá-la para os arbustos. Nada me incomoda tanto no trabalho. Por isso resolvi arranjar uma amante para esses dois meses, onde quer que seja e custe o que custar. Uma camponesa muito bonitinha, de beleza agradável. Sou um nojento insuportável nesse meu impotente intento de vício. Melhor se fosse o próprio vício.”

Pois ele acabou obtendo tanto “o próprio vício” como a amante, e não por dois meses, mas por dois anos.

Por que a paixão pela cossaca Solomonida gerou sua mais poética obra, *Os cossacos*, e a ligação com a camponesa de Iássnaia Poliana, *O diabo*, obra terrível e desesperadora?

A causa foi o projeto familiar de Tolstói. Na carta a Iergólkskaia e na novela *A manhã de um senhor de terras*, ele elaborou todo um programa de sua futura vida familiar e, no fim dos anos 1850, já conscientemente, procurava a candidata para ser a dona do paraíso de Iássnaia Poliana. Ah, se ele tivesse ponderado como uma pessoa normal e racional... Mas ele era um artista genial. Em sua imaginação, ele desenhou esse paraíso de modo tão transparentemente claro e ao mesmo tempo concreto, que, no fundo, já estava vivendo nele. A sua ligação com Aksínia ele via como um estado temporário.

E, de repente, ficou claro para ele que justamente ela era sua mulher. A lascívia e sua satisfação não constituem um fenômeno temporário, não é maré alta e baixa, não é uma questão de fisiologia, mas a base e o “coração” da vida familiar.

Em *O diabo*, o terra-tenente Evguêni Irtiêniev (quase homônimo de Nikólenka Irtiêniev, de *Infância*) é, sem dúvida, o próprio Tolstói com certas ressalvas. Tolstói nem se dá ao trabalho de esconder isso. Evguêni termina a faculdade de direito. Tolstói tentou, sem frequentar as aulas, formar-se jurista na Universidade de Petersburgo. Evguêni, depois da partilha com os irmãos, recebeu uma herança, exatamente como Tolstói. Evguêni começou a trabalhar como funcionário no Ministério (do Interior, provavelmente) e lá, numa certa época, queria servir o jovem Tolstói. Evguêni foi morar no campo sonhando em restituir aquele modo de vida que existia não no tempo de seu pai (o pai era péssimo patrão), mas no tempo do avô. O pai de Tolstói não foi mau patrão, mas o que ele fazia em Iássnaia Poliana era a continuação da tradição do sogro, o príncipe

Volkónski, e era isso que o filho e o neto Lev queriam seguir, a julgar pelo que ele escreveu na carta a Iergólskaia. Evguêni era forte fisicamente, “de estatura média, os músculos desenvolvidos, sanguíneo, de faces coradas, os dentes brancos e os lábios vermelhos”. Tolstói era ginasta inveterado. Levantava pesos e se exercitou na barra fixa da juventude até a velhice.

Mas isso são detalhes em comparação com o principal. O que mais atormentava Evguêni e o impedia de se dedicar totalmente à economia doméstica era a luxúria. “Ele não era libertino, mas também não era monge. Entregava-se a isso na medida necessária para a saúde física e a liberdade mental, como ele dizia a si mesmo...”

A quem ele dizia isso? Foi o próprio Tolstói que escreveu em seu diário: “Nada incomoda tanto o meu trabalho [quanto a luxúria]”.

Evguêni, assim como Tolstói, é homem de planejamento, de projetos. Ele tem por objetivo transformar sua fazenda em uma economia exemplar e casar-se com uma moça virtuosa. Casar não por interesse nem por um sentimento ocasional, mas de acordo com as convicções internas e as ideias sobre o paraíso conjugal.

Mas que desgraça! “A abstinência involuntária começou a produzir nele um efeito ruim. Será que por causa disso é preciso ir para a cidade? E aonde, exatamente?”

E então, na vida de Evguêni, aparece Stepanida. O próprio nome é uma junção de Aksínia e Solomonida, uma média aritmética dos dois nomes. Esse nome é popular, mas não divulgado. E há nele um nítido elemento “masculino”. No final da novela, quando Evguêni abre os olhos, ele fala de Stepanida: “Pois ela é um diabo. Um verdadeiro diabo. Ela se apossou de mim contra a minha vontade”. Numa outra variante isso soa assim: “Meu Deus! Ah, Deus não existe. Existe diabo. E é ela. Apossou-se de mim. Mas eu não quero, não quero. O diabo, sim, o diabo!”. Na primeira variante da novela, Evguêni se suicidou e, na outra, matou Stepanida. Nas duas

variantes as últimas frases são quase idênticas. “E realmente, se Irtiêniev era um doente mental, então todos são doentes mentais. Porém, os mais doentes ainda são, sem dúvida, aqueles que veem sinais de loucura em outros e não os veem em si mesmos.”

Dessa maneira, na história de Evguêni, como na história com Aksínia, Tolstói viu uma situação universal. É o destino de todos os homens. E aqueles que entendem isso são mais doentes mentais que Irtiêniev.

A novela *O diabo* foi escrita depois de *A Sonata a Kreutzer* (1888), mas, em compensação, simultaneamente ao posfácio de *A Sonata a Kreutzer*, no qual Tolstói pronunciou a sentença moral não só ao amor sexual, mas também ao casamento: “O casamento cristão não pode existir e nunca existiu...”.

A Sonata a Kreutzer foi escrita antes, mas pelo enredo é a continuação de *O diabo*. Depois que Evguêni matou Stepanida, ele foi reconhecido como doente mental e condenado à confissão religiosa. Depois da prisão preventiva e do mosteiro, ele tornou-se um alcoólatra irrecuperável. Pózdnichev, o herói de *A Sonata a Kreutzer*, também foi libertado graças ao júri do tribunal. Durante a conversa com o companheiro de viagem, ele não parou de tomar chá fortíssimo, “como cerveja”. Era uma pessoa psicologicamente arruinada, mas convicta de que era muito mais sadia que os outros. Pózdnichev compreendeu (porém, *tarde demais*) que não há diferença entre o coito com a esposa e com outra mulher qualquer. O matrimônio é um crime oculto.

A atitude do Tolstói maduro em relação ao matrimônio não seria totalmente negativa. Mas, segundo sua convicção, a primeira mulher com a qual o homem “pecou” deve tornar-se sua esposa. Essa ideia ele pronunciou várias vezes, sem se constranger com a presença de Sófia Andrêievna, e não a renunciou até seus derradeiros dias. Eis no que consistia a descoberta de Tolstói-Irtiêniev-Pózdnichev. E se, no fim da década de 1850, ele tivesse levado esse pensamento até o fim, não haveria o matrimônio de cinquenta

anos com Sófía Andréievna, assim como não haveria *Guerra e paz* nem *Anna Karênina*.

Mas, por enquanto, assustado com a ideia, ele escreveu no diário, em 1º de janeiro de 1859: “Preciso me casar este ano, senão – jamais”.

A FAMÍLIA BERS

No fim de maio de 1860, Tolstói confessa em seu diário: “Não vi Aksínia. Mas ontem... Até dá medo de como ela se torna íntima para mim”.

Ao mesmo tempo, passa por mais uma desilusão com a agricultura: “O volume da economia sufoca-me” (da carta a Fet).

Em julho, Tolstói e sua irmã Maria vão para o exterior. A caminho, em Moscou, ele faz uma breve anotação em seu diário: “Moscou. A família Bers”.

Em Bad Soden, seu irmão Nikólenka estava morrendo de tuberculose. Este viria a falecer em 20 de setembro, em Hyères, na França. A morte do irmão causou um efeito terrível em Tolstói.

“Para que ficar se agitando, se esforçando, quando não resta nada daquilo que era N. N. Tolstói”, escreveu ele a Fet.

A irreversibilidade da morte e a impossibilidade de explicá-la racionalmente deixou-o tão aturdido que ele resolveu abandonar o trabalho literário. Para que ele serve? Pois “amanhã começarão os sofrimentos da morte com toda a nojeira da vilania, mentira, engano de si mesmo e tudo acabará em insignificância, nulidade para você mesmo”. A única coisa que resta é “esse desejo tolo de saber e falar a verdade”, “mas não na forma da vossa arte. A arte é uma mentira, e eu já não sou capaz de amar uma bela mentira”.

Ao mesmo tempo, ele convence a si mesmo de que está com tísica. Percorre a Europa toda como que procurando fugir da doença. Hyères – Paris – Nice – Florença – Livorno – Nápoles – Roma – Londres – Bruxelas – Frankfurt – Eisenach – Weimar – Dresden – Berlim, eis o mapa da fuga

de Tolstói, durante a qual, no entanto, ele não perderia tempo à toa, mas sim estudando a prática europeia de ensino escolar. Em maio, volta a Iássnaia Poliana e se dedica à nova paixão, a pedagogia, que ele chama de sua “última amante”.

Quem era Tolstói na véspera de seu casamento com Sófia Bers, em setembro de 1862?

- 1) Alguém que se considerava doente, sendo fisicamente forte e são.
- 2) Alguém com pavor da morte.
- 3) Alguém com medo de relacionamento físico com as mulheres e, ao mesmo tempo, possuído por uma lascívia elevada.
- 4) Reconhecido como o segundo líder da literatura russa, depois de Turguênev, mas prestes a abandonar a atividade de escritor em prol de sua nova paixão, a pedagogia.
- 5) Alguém que não conseguiu ser um bom senhor de terras.
- 6) Uma pessoa ardente, mas não espontânea, um homem de projeto.
- 7) Um egocêntrico evidente, voltado constantemente para dentro da própria alma, porém com uma receptividade elevada ao mundo externo e ávido por estudar pessoas.
- 8) Alguém que acredita em Deus, sem no entanto ser cristão.
- 9) Alguém com uma grande vontade de se casar.

Tal era o imponderável “buquê” que caberia à sua escolhida. Não é de se estranhar que ele não estivesse com pressa de entregá-lo nas mãos fracas da primeira que aparecesse. Finalmente, seu olhar viria a fixar-se na família Bers...

Nela, tudo era maravilhoso e, ao mesmo tempo, muito prático. A mãe da futura esposa de Tolstói era sua amiga de infância, pela qual, ainda criança, ele quase esteve apaixonado. Segundo boatos (que a futura sogra desmentia), num acesso de ciúmes ele empurrou Liúbotchka⁷⁰ do balcão da casa de Iássnaia Poliana.

O pai de Liubovh Aleksándrovna Bers, nascida Isslávina, Aleksandr Mikháilovitch Isslêniev, vizinho de Nikolai Ilitch Tolstói, era um verdadeiro fidalgo russo e, em grande parte, foi o protótipo de *papá* em *Infância*, mais que o próprio pai de Tolstói.

A propriedade da família Isslêniev, Krássnoie, estava a 35 verstas de Iássnaia Poliana. Nikolai Ilitch e Aleksandr Mikháilovitch costumavam caçar juntos, e suas famílias ficavam uma na casa da outra durante semanas inteiras, visitando-se, e levavam consigo cozinheiros, lacaios e camareiras. Toda essa gente ajeitava-se nos cômodos e corredores, dormindo em esteiras direto no chão.

Liubov Aleksándrovna era filha bastarda do terceiro matrimônio, não registrado, de Isslêniev, com a princesa Kozlówski, que fugiu do marido e casou-se secretamente com Isslêniev na igreja.

Essa história causou muito barulho na alta sociedade da época, porque a princesa Kozlówski havia sido dama de honra na corte quando solteira. Atendendo à queixa do príncipe Kozlówski, o casamento não foi reconhecido, e os filhos da terceira esposa de Isslêniev tiveram seus sobrenomes alterados para Isslávín.

Na história da geração da parte materna da mulher de Tolstói, houve muito de poético, de russo verdadeiramente antigo, o que aquecia a alma do autor de *Infância*, na qual a família Bers-Isslávín infalivelmente reconhecia seus parentes, e a adoração por essa novela era tal que parecia um êxtase religioso. Sónietchka Bers sabia de cor trechos inteiros.

De modo que Tolstói aparentava-se com a família na qual já existia o culto a ele como escritor. Além disso, Tolstói tratava a mãe de sua futura esposa por “tu” e a chamava de “Liúbotchka”, e ela o chamava de “Lióvotchka”, o que já de antemão excluía a possibilidade de tensão no relacionamento entre o genro e a sogra.

Para a tia Iergólskaia, a segunda pessoa mais importante em Iássnaia Poliana, Liubov Aleksándrovna também era uma pessoa de casa, as duas se

conheciam desde a infância. Isso fazia crer que a filha se daria bem com Tatiana Aleksándrovna.

Era agradável ficar no meio da família Bers. Tolstói era um tanto desajeitado no trato e se julgava feio, “horroroso” (o nariz grande, as orelhas grandes, as sobrancelhas bastas, os olhos azulados pequenos e fundos).

Mas na casa dos Bers tudo era simples.

Na qualidade de amigo de infância da dona da casa, Tolstói almoçava com eles quando estava em Moscou, ia de condução ou a pé à sua casa de campo em Pokróvskoie e pernoitava lá, e de manhã o boníssimo marido de Liúbotchka, Andrei Ievstáfievitch Bers levava-o de volta a Moscou em sua caleche, a caminho do Kremlin.

Andrei Ievstáfievitch era médico do Kremlin. Também era de uma família antiga, mas germânica pelo lado materno. Ele pertencia à numerosa família de fidalgos de Vestfália que se radicara na Rússia. Seu pai era um boticário rico que se arruinou em 1812, quando Moscou foi incendiada. Depois conseguiu recuperar um relativo bem-estar. Seus dois filhos, Aleksandr e Andrei, estudaram no melhor internato particular alemão de Schlezer e depois terminaram a faculdade de medicina na Universidade de Moscou. Ao concluir o curso, Andrei Ievstáfievitch Bers, na qualidade de médico particular, foi a Paris com a família de Turguênev – Serguei Nikoláievitch, Varvara Petrovna e seu filho Vánietchka, futuro clássico da literatura russa. Voltando de Paris, trabalhou no Senado. O Estado concedeu-lhe um apartamento no prédio do Palácio do Kremlin. Durante o reinado de Nikolai Pávlovitch, recebeu o título de *hof-médico*.⁷¹ Depois, solicitou a restituição de seu título de nobreza e do brasão da família, o qual foi devolvido aos irmãos, mas já sem o urso (Bers provém de *Bär*, “urso” em alemão).

Quando jovem, Andrei Ievstáfievitch era conquistador de corações femininos. Varvara Petrovna teve até uma filha bastarda dele, Varvara

Jítova, irmã de Ivan Turguênev por parte de mãe e da mulher de Tolstói por parte de pai. Varvara Jítova deixou recordações interessantíssimas. Segundo boatos, o líder dos anarquistas russos, príncipe Piotr Aleksêievitch Kropótkin, na realidade era filho de Bers, médico da família Kropótkin.

Andrei Ievstáfievitch era um homem ao mesmo tempo prático e sentimental. Esse traço de caráter puramente alemão foi herdado pela filha do meio, Sónietchka, cuja praticidade convivía com uma sensibilidade elevada que frequentemente chegava à histeria.

Era um homem teimoso, às vezes difícil para os familiares, mas um pai infinitamente amoroso e atencioso para com suas “filhinhas do papai” e, como se verificaria depois, também um excelente sogro, e suas cartas a Iássnaia Poliana depois do casamento da filha são impossíveis de ler sem sorrir.

24 de setembro de 1862. “Chegaram bem, meus queridos e adorados amigos? Imagino a recepção que foi feita a vocês. Peço que transmitam meus respeitos a Tatiana Aleksándrovna e uma saudação amigável a Serguei Nikoláievitch.⁷² Abraço você, minha querida Sônia, e você beije por mim o seu marido. Mamãe beija e abençoa vocês. Adeus, seu pai que os ama sinceramente.”

27 de setembro. “Será que beija forte o seu bom e adorado marido? Beije-o por mim e puxe bem a barba dele.”

Logo depois da partida dos recém-casados para Iássnaia Poliana, Andrei Ievstáfievitch insiste, mas sem importunar, para que o casal se mude para Moscou, colocando à disposição deles seu apartamento no Kremlin e se propondo também a encontrar para os dois um outro apartamento confortável e com bom preço lá por perto. Ele se ofereceu para comprar provisões para eles em Okhótnie Riadi,⁷³ pois não lhe seria difícil em absoluto, já que sempre fazia isso para sua casa. Sendo médico, foi o

primeiro a entender que Sônia estava grávida. Ao saber de seus estados de indisposição, acalmava não a filha, mas Tolstói, e a Sônia recomendava insistentemente não comer nada pesado, porque comida pesada faz pressão no útero, e contra náusea recomendava usar o perfeito remédio francês chamado *tranche de citrone*, o que significa simplesmente “uma fatia de limão”. Mas que Deus a livrasse de engoli-la com a casca!

Levando Sônia do ambiente do Kremlin para Iássnaia Poliana, Tolstói deixava para os Bers uma herança pesada – a filha mais velha, Liza, que convencera a si mesma de que estava apaixonada por ele e a qual, até o último momento, era considerada a noiva de Tolstói.

Os Bers tinham três filhas: Liza, Sônia e Tânia. E, evidentemente, todas as três estavam apaixonadas por Tolstói! Por ele, que se julgava feio, “horroroso”, com seu nariz, orelhas e sobrancelhas. Mas não para as meninas de uma modesta família de um médico-chefe, filho de boticário, com quem até a filha bastarda, Liúbotchka Isslávina, os pais deixaram se casar a contragosto (“Você, Aleksandr, logo vai casar suas filhas até com os músicos” – pronunciando a palavra “músicos” à moda antiga, dizia ao pai de Liúbotchka, em tom bravo, a vovó Daria Mikháilovna Isslênieva, que não esquecia seu parentesco com os próprios condes Cheremêiev).⁷⁴ Para essas “meninas adoráveis”, como Tolstói chamou-as de passagem em seu diário, ele era o homem mais interessante que elas podiam imaginar.

Naquela época ele ainda não usava as famosas *tolstovkas*, camisas que, mais tarde, Sófia Andrêievna costuraria para ele, bem como as pantalonas. Ele encomendava seus trajes aos melhores e mais caros alfaiates de Moscou e Petersburgo. O famoso escritor e oficial que passara por duas guerras e que a família imperial estava prestes a receber em seus braços, não fosse seu temperamento. O culto à família imperial era incondicional na casa do médico palatino. Sófia Andrêievna não se livrou dele nem mesmo quando Tolstói, seu marido, se tornou inimigo encarniçado da autocracia. Mas é claro que para as “meninas adoráveis” seu charme não consistia no

brilho da alta sociedade que se refletia no tenente Tolstói. Mas em que, então? Talvez no fato de ele cantar e tocar piano decentemente? De ele, com a idade da mãe delas, dançar com elas como com gente grande? De a caçula Tánietchka montar em suas costas como num cavalo e galopar pela sala com gritos vitoriosos?

“Aí vamos ter a equitação na sala”, escrevia Andrei Ievstáfievitch Bers ao casal Tolstói, tentando convencê-los a vir para Moscou. “Tânia não vê a hora de montar nas costas de seu marido.”

É evidente que Tolstói tornou-se ídolo das três irmãs, dos corações dessas jovens moças diferentes umas das outras e unidas pela admiração diante desse magnífico Tolstói, e cada visita dele, fosse no Kremlin ou na casa de campo em Pokróvskoie, antes de partir para o exército em operações ou para o exterior, era um acontecimento de grande felicidade, do qual se lembravam sempre até a outra visita.

E o próprio Tolstói compreendia isso e respirava o ar desse amor geral a ele, o ar sem o qual sufoca qualquer pessoa de caráter artístico.

Não é agradável receber uma “carta convite” em seu aniversário?

Caro conde Lev Nikoláievitch, como chefe de família, em nome de todos, dou-lhe meus cumprimentos cordiais pelo seu aniversário e peço-lhe que venha hoje almoçar e pernoitar em nossa casa. Comprometo-me a levá-lo a Moscou na quarta-feira de manhã, se desejar ir comigo. Espero que o bondoso Lev Nikoláievitch não se recuse a nos dar essa alegria especialmente no dia em que alegrou a muitos com seu aparecimento e permanência neste mundo. Com esperança e até a vista. Cordialmente, vosso Bers.

Aliás, no verso da carta, com outra letra, havia um pós-escrito que dificilmente poderia agradar ao futuro noivo:

“Antigamente, nesse dia, Lióvotchka e Liúbotchka costumavam dançar. E agora, na velhice, não seria nada mal almoçarmos juntos e em

sossego em Pokróvskoie, no meio de minha família, e lembrarmos a nossa juventude e infância.”

Tolstói não poderia ter gostado dessa menção à sua idade. Tanto mais que, em agosto de 1862, *foi decidida sua sorte*. E decidida não a favor de Liza, a filha mais velha, mas a favor de Sônia, a filha do meio.

Tolstói entrou na casa dos Bers na qualidade de um antigo conhecido, mas na parcela jovem da família causou tanta destruição quanto um cometa intruso.

Da história do noivado de Tolstói, tão confusa à primeira vista e até burlesca, podem ser destacadas algumas etapas. Em maio de 1856, indo de Sebastópol a Iássnaia Poliana, ele se deteve em Moscou e foi a Pokróvskoie visitar sua amiga de infância Liubov Aleksándrovna Bers. Lá reparou, pela primeira vez, que ela tinha três filhas encantadoras. Por causa da ausência temporária da criadagem, a tarefa de servir a mesa e cuidar dos queridos hóspedes – Tolstói e Konstantin Aleksándrovitch Isslávín, irmão de Liubov – fora confiada às meninas Liza, de doze anos, Sónietchka, de onze, e Tánietchka, de nove. Como elas ficaram felizes!

A mais empenhada era a do meio. Por um acordo tácito de família, à filha do meio cabiam mais tarefas. A mais velha era inteligente, “certinha” e, como de praxe, não a predileta. A caçula, muito coquete, “uma carnavalesca de plumagem”, era mimada e adorada por todos. A do meio devia unir em si a vivacidade da caçula e a seriedade da mais velha, sem contar com um respeito ou adoração especiais. E, naturalmente, ela cumpria a maior parte das tarefas, porque a mais velha sempre estava enfurnada em seus livros e a caçula, sempre de pernas para o ar.

A família Bers era clássica em todos os sentidos. *Papá*, evidentemente, mimava as filhas, e quem as educava para serem mulheres de verdade e futuras esposas era, sem dúvida, a *mamá*. Tánietchka era a mais mimada. Já para Liza e Sônia, desde a infância, eram ensinados os trabalhos domésticos. Recordava Sófia Andrêievna:

Além da lição da casa, nós tínhamos de costurar e remendar nossa roupa íntima, bordar... Com onze anos de idade, nos levantávamos cedo e preparávamos o desjejum para *papá*. Depois nós tirávamos a provisão da despensa, entregávamos à cozinheira e às 9 horas devíamos estar prontas para as aulas... Em geral, *papá* gostava de nos agradar e comprava não somente o necessário, mas coisas de luxo. Mamãe tinha seus pontos de vista bastante originais. Ela tinha medo de nos acostumar com luxo, obrigava a costurar, reparar, bordar, fazer arrumação, ser dona de casa... Porém, não podia nem imaginar que nós, meninas, passeássemos sem o lacaio trajado de libré ou alugássemos um cocheiro.

“Almoçamos na casa de Liúbotchka Bers”, anotou Tolstói no diário, em 26 de maio. “As crianças serviram-nos. Que meninas adoráveis, alegres.”

Uns dez dias antes, foi feita uma anotação: “Nunca perca a ocasião de ter prazer e nunca o procure. Estabeleço para mim uma regra para toda a vida: nunca entrar em nenhum botequim e em nenhum bordel...”.

No entanto, em fevereiro do mesmo ano, estando a serviço em Petersburgo e resolvendo negócios literários, ele escreveu: “Briguei com Turguênev e trouxe uma rapariga”.

É preciso sentir que distância psicológica enorme existia entre o homem experiente e as “meninas adoráveis, alegres”, que lhe serviam durante o almoço. Seis anos depois, uma dessas meninas se tornaria sua mulher. Para termos uma ideia do mundo interno dela, leiamos um trecho de suas memórias:

Quando eu tinha quinze anos, veio nos visitar por uns tempos a nossa prima, Liuba Bers, cuja irmã, Natacha, acabara de se casar. Em grande segredo, Liuba contou a mim e a Liza todos os mistérios das relações conjugais. Essa descoberta para mim, uma menina que idealizava tudo,

foi simplesmente horrorosa. Tive um ataque de histeria, joguei-me na cama e desatei em tamanho pranto que minha mãe veio correndo e perguntou o que tinha acontecido. Eu só podia dizer uma coisa: Mamãe, faça com que eu possa esquecer...

“... e então eu resolvi”, continua Sófia Andréievna, “que, se um dia eu me casar, será somente com uma pessoa tão pura como eu...”

Na descrição desse episódio, há uma questão duvidosa a ser notada. Ela começou a escrever suas memórias em 1904, quando conhecia absolutamente tudo sobre o marido, inclusive o diário de 1856, no qual as “meninas adoráveis, alegres”, estão lado a lado com as “raparigas”. Nessa época também já tinha sido escrito o romance *Ressurreição*, cuja heroína, decantada pelo marido, era, de qualquer maneira, uma prostituta. Sófia Andréievna não gostava desse romance não por causa de seus defeitos artísticos, mas justamente por esse motivo.

... é desagradável, para mim, ler os pormenores da vida das prostitutas, essas criaturas visitadas por nossos maridos, filhos, pais e homens em geral. E nós, moças puras, inocentes, tornamo-nos herdeiras dessas criaturas perversas; a descrição delas por L. N. lembrou-me suas reiteradas visitas às casas de tolerância, do que ele mesmo me contou e sobre as quais escreveu em seus diários da juventude. Naquele tempo, eu copiava os diários de L. N. para poder guardar um exemplar no museu e o outro, em Iássnaia Poliana. Isso para mim foi a maior tortura.

Mas em 1856, em Pokróvskoie, diante de uma Sónietchka cheia de admiração, estava não o autor dos diários de juventude e de *Ressurreição*, mas o autor de *Infância*. E também o autor dos “artigos” patrióticos sobre os defensores de Sebastópol, que tanto agradaram ao soberano.

Isso foi o início da primeira etapa. Dois anos depois, em setembro de 1858, ele chegou à casa de Liubov Bers no dia do aniversário e

praticamente repetiu no diário, depois, a anotação de 1856: “Meninas adoráveis!”. Porém, continuou sendo muito indeterminado, referindo-se simplesmente a “meninas adoráveis”. Já aparecia, no entanto, o ponto de exclamação, raro nos diários de Tolstói. Nesse ano, Sônia já completara catorze anos e, para aquela época, já era moça, mas Tolstói ainda não a via separadamente da “adorável” trindade. No entanto, já está apaixonado. Não, não por Sônia, mas pela família Bers.

Corramos os olhos pelo diário de 1858 para termos uma ideia desse homem.

“Tiútcheva... Frieza, mesquinhez, modos aristocráticos. *Tolice!*”

“*Alexandrine* Tolstaia envelheceu e deixou de ser mulher para mim.”

“Estive na casa de Tiútcheva. Nem carne nem peixe...” “Um dia maravilhoso. As camponesas no jardim e na aldeia. Sou um desvairado...” “Nadejda Nikoláievna estava sozinha. Brava comigo, mas o sorriso é simpático. Se não fossem as mãos de pavão...”

“Vamos bem, eu e a tia, vivendo como antigamente.” “Vi Aksínia de passagem. É muito bonita... Estou apaixonado como nunca na vida. Não penso em outra coisa.” “Dormi com Aksínia...; mas já estou farto dela.” “Turguênev está sendo mau com Máchenka.” “Vi Valéria – nem lamento meus sentimentos.”

Nessas anotações, pode-se reparar em três momentos importantes. O amor verdadeiro e até a ternura surgem em Tolstói somente em relação aos próximos, à tia Iergólskaia e à irmã Macha, que naquele tempo estava apaixonada por Turguênev e tinha a vã esperança de que o namoro tivesse continuidade. Mas essa ternura muito rapidamente se transforma em raiva em relação às pessoas que ofendem seus entes queridos. “Não presta”, escreveu ele sobre Turguênev, cuja única culpa era a eterna indecisão em todos os seus “namoros”. Mais um vetor: uma atração viva e forte, mas animal, pelas camponesas em geral e por Aksínia em particular. E o

terceiro: indiferença e frieza em relação às potenciais noivas – Ekaterina Tiútcheva e Valéria Arsênieva.

Mas, em geral, será que Tolstói amava as mulheres? Trata-se de uma questão muito complicada.

De um lado, é notória a “esposofobia” do Tolstói maduro, da qual seus familiares riam e a qual deixava Sófia Andrêievna muito brava. São conhecidos também seus pareceres ríspidos sobre a emancipação da mulher e sobre a moda entre as moças de se tornarem professoras ou parteiras. Tornou-se quase uma locução proverbial sua frase de que ele somente diria a verdade sobre as mulheres estando na beira do túmulo e, em seguida, pularia no caixão e fecharia a tampa.

Por outro lado, tinha um amor sentimental pelas filhas Tânia, Macha e Sacha, o qual, além da felicidade da proximidade com o pai, criava também para elas problemas vitais: adorando suas filhas, ele tinha ciúmes delas e implicava com seus noivos.

Somente com a palavra “esposofobia” não é possível determinar seus sentimentos em relação às mulheres. E seria estranho chamar de “esposofóbico” o criador de Natacha Rostova, Maria Bolkónskaia, Kitty Lévína, Katiucha Másslova...

E, mesmo assim, esses sentimentos não podem ser chamados de amor. Desde a juventude até seus derradeiros dias, era um sentimento misto de medo, de um interesse pungente e de pensamentos pesados sobre a natureza diabólica do amor sexual.

No século XX, sua “esposofobia” não poderia deixar de gerar mitos sobre sua homossexualidade latente. Infelizmente, ele mesmo deu motivo aos amadores para tacharem os escritores clássicos de gays. Trata-se de uma anotação em seu diário que será citada na íntegra, pois é uma confissão do próprio Tolstói.

Eu nunca me enamorei pelas mulheres. Um sentimento forte, parecido com amor, eu experimentei quando tinha treze ou catorze anos; mas não quero acreditar que aquilo era amor, porque o objeto foi uma camareira gorda (mas com o rostinho bonitinho) e, além disso, a idade de treze a quinze anos, a adolescência, é a mais confusa para os meninos: a gente não sabe sobre quem se lançar, e a lascívia nesse período age com uma força incomum. Eu me enamorava pelos homens frequentemente. O primeiro amor foram dois Púchkin, o segundo amor foi Sabúrov, o terceiro, Zybin e Diákov, o quarto, Obolénski, Blosfeld, Isslávin e ainda Gautier e muitos outros... Eu me enamorava pelos homens antes de saber da noção de *pederastia*; mas, mesmo quando soube, nunca me passou pela cabeça a ideia da possibilidade do coito. O exemplo estranho de uma simpatia inexplicável foi Gautier. Além da compra dos livros, não tive nenhum relacionamento com ele. Quando ele entrava no quarto, o sangue me subia à cabeça. O meu amor por Isslávin estragou os oito meses de minha vida em Petersburgo. Sem querer, eu não pensava em nada, além de o que fazer para ele gostar de mim. Todos que eu amava sentiam isso, e eu notava que eles evitavam olhar para mim. Frequentemente, quando não encontrava as qualidades morais que a razão exige do objeto do amor, ou depois de algum desentendimento, sentia por eles uma antipatia, mas essa antipatia baseava-se no amor. Nunca tive esse tipo de amor pelos meus irmãos. O amor ideal eu entendia como um sacrifício total de si próprio pelo objeto de amor. Era isso que eu sentia. Sempre gostei das pessoas de sangue-frio e que tinham por mim apenas estima. Quanto mais velho eu fico, menos vezes surge esse sentimento. E, quando surge, não é com tanto ardor e somente em relação às pessoas que gostam de mim, isto é, o contrário do que acontecia antes.

A beleza sempre teve muita influência na escolha. Aliás, um exemplo com Diákov: jamais vou esquecer a noite quando nós viajavamos

voltando de Pirogovo e me deu vontade de beijá-lo e chorar. Houve nisso volúpia também, mas como e para que ela se meteu ali é impossível entender, porque, como eu já disse, nunca a minha imaginação pintava cenas lúbricas, muito pelo contrário, tenho uma aversão terrível a isso.

Essa confissão foi escrita em 1851. É surpreendente com que inclemência Tolstói, à época com 22 anos, analisa suas emoções.

Em 1858, mesmo ano em que escreveu das irmãs Bers “meninas adoráveis!” com o ponto de exclamação, ele anotou em seu diário um sonho estranho, no qual aparecia o irmão Nikolai, ainda em vida: “... vi Nikólenka trajando um vestido feminino azul com uma flor e indo a um baile”. Tolstói levava muito a sério os sonhos, sempre os anotava nos diários, incluía-os em suas obras e algumas eram até dedicadas somente a sonhos (“O sonho de um jovem czar”, “O sonho que eu tive...” etc.).

Esse sonho “azul”⁷⁵ simplesmente está pedindo para ser interpretado dentro da estética da Era de Prata,⁷⁶ assim como um outro sonho do começo de 1859: “Tive um sonho: morangos, alameda, ela, logo reconhecida, embora nunca vista, no robleto de folhas verdes viçosas sem nenhum ramo ou folha secos...”.

É a “Desconhecida” de Blok, “reconhecida” meio século antes de seu aparecimento na poesia dele! Isso nos obriga a mudar o ponto de vista sobre o Tolstói noivo.

Quando as visitas de Tolstói à casa dos Bers tornaram-se frequentes demais e já evidenciavam sua finalidade, a irmã mais velha julgou que era a escolhida de Tolstói. E poderia ser diferente? Naquele tempo, quando ele começou a diferenciar as individualidades das três “meninas adoráveis”, Elizaveta Bers era a única moça casadoura entre elas. E a tradição exigia que a irmã mais velha se casasse primeiro.

Não era à toa que a vovó das irmãs, tia do pai delas, Maria Ivánovna Vulfert, falava da Sónietchka, que ela amava mais do que as outras: “*Sophie a la tête abonnée*”. É um jogo de palavras. Pode significar tanto que Sônia está com uma touca na cabeça como que Sônia já tem seu “assinante”, isto é, pretendente, e será a primeira a se casar.

Liza, a irmã mais velha, era uma moça muito simpática, séria, mas faltava-lhe alguma coisa. Não era sociável, sempre com algum livro nas mãos.

“Liza, venha brincar conosco”, chamavam-na as irmãs e o irmão Sacha, tentando distraí-la da leitura.

“Esperem, quero ler até o fim.”

“Mas esse fim demorava muito para chegar”, recorda T. A. Kuzmínskaia,⁷⁷ “e nós começávamos o jogo sem ela. Liza nunca se interessou por nossa vida, tinha seu próprio mundo, sua visão das coisas, diferente da nossa, a infantil. Seus amigos eram os livros, e dava a impressão de que tinha lido tudo que era acessível para sua idade.”

Ao que parece, essa seriedade deveria ter atraído Tolstói. Pois o que o irritava mais do que tudo em Arsêniev? Garridice, paixão por vestidos de gala, bailes e o vácuo mental. Liza era o oposto de Valéria. No início, Tolstói apreciou isso e até atraiu-a para participar de seu jornal pedagógico, *Iássnaia Poliana*.

Tudo indicava que ele encontrara em Liza uma esposa feita e uma colaboradora de sua atividade de escritor. Nesse tempo, inicia-se a segunda etapa de sua integração na família Bers.

Houve como que uma delimitação dos poderes das três irmãs: Com Liza ele colaborava, com Sônia tocava piano, criticando-a impiedosamente por notas falsas, e com Tânia cantava e fazia palhaçadas.

E foi nesse mesmo tempo que ele disse à sua irmã Maria, muito amiga de Liubov Bers:

“Máchenka, a família Bers é muito simpática a mim e, se um dia eu me casar, será somente com alguém dessa família.” Ele ainda não sabe com quem vai se casar, mas já sabe a *que família* ela pertence.

A preceptora dos filhos de Maria escutou essas palavras e as repassou para a irmã, que era preceptora dos filhos dos Bers, que as entendeu à sua maneira. A única filha casadoura em casa era Liza. Sônia era apenas uma menina sadia, de faces coradas, olhos castanhos escuros e trança – assim lembrava-se dela a irmã Tatiana. Quanto a Tânia, ela era ainda muito criança.

A julgar por seus diários, Tolstói prestava muita atenção em todas as três irmãs, e com interesse e até surpresa observava o desenvolvimento delas, que nessa idade era muito rápido: ontem era ainda uma criança de vestidinho curto e hoje já é uma moça casadoura. Mesmo depois do casamento com Sônia, Tolstói continuou observando Tânia, que serviu de protótipo para Natacha Rostova em *Guerra e paz*. Justamente a personagem de Natacha Rostova reflete a relação dele com as irmãs Bers. “Eu peguei Tânia, misturei-a com Sônia e saiu Natacha”, brincava Tolstói.

E brincava também na presença da esposa e da cunhada: “Se vocês fossem cavalos, na coudelaria pagariam caro por uma parelha dessas. Vocês combinam muito bem, Sônia e Tânia”. Aos artistas perdoam-se muitas coisas. Mas dificilmente Sônia ficou feliz em ler no diário de seu marido uma confissão, feita três meses depois do casamento: “Olho atentamente para Tânia”. E passados mais três dias: “O medo de Tânia – sensualidade”.

Tatiana Andréievna Kuzmínskaia não foi feliz em sua vida conjugal. E talvez a causa principal disso tenham sido os irmãos Tolstói. Eram homens interessantes e carismáticos demais, perto dos quais todos os outros se apagavam. Lev Nikoláievitch era o número um. Mas ele escolheu Sônia. Entretanto, havia o formidável irmão mais velho, Serguei Nikoláievitch, por quem Tânia apaixonou-se no dia seguinte ao do casamento da irmã, quando ela mesma tornou-se moça casadoura. Porém, Serguei, que serviu de

protótipo para Andrei Bolkónski, na vida real estava vivendo com a cigana Macha em Pirogovo e tinha com ela filhos bastardos. Ao se apaixonar por Tânia (“Deu de presente um milhão ao mendigo”, dizia ele do amor de Tânia), ele não se decidiu por abandonar Macha e os filhos, fez as duas mulheres sofrerem com seu “nem sim, nem não” e acabou ficando com Macha, agindo como homem decente, mas com isso feriu Tânia profundamente, no momento mais importante – quando sua mocidade estava levantando o voo.

Visitando frequentemente a família Bers e deixando escapar que queria achar sua futura esposa nessa família, Tolstói deu a Liza o motivo para ela ter a esperança de se tornar sua mulher. As duas irmãs preceptoras, a dos Bers e a de Maria Nikoláievna, começaram a “cantarolar” para Liza como Lev Nikoláievitch gostava dela. Maria Nikoláievna, por sua vez, “cantarolava” para o irmão que esposa excelente seria Liza. Ela queria tanto que ele se casasse!

De início, Liza era indiferente a isso, mas depois, segundo Tatiana, despertou nela ou o amor-próprio ou o coração... Ela ficou mais animada, carinhosa, preocupava-se mais do que antes com sua toailete. Passava muito tempo em frente ao espelho, como que lhe perguntando: “Como estou? Que efeito eu produzo?”. Ela mudava os penteados, seus sérios olhos cinza tornavam-se sonhadores, voltados para o infinito. Tânia se sensibilizava com ela, Sônia dava risadinhas. Ela sabia que, na rivalidade com a irmã mais velha, os atrativos e o encanto feminino estavam do seu lado. Por ela apaixonavam-se meninos de catorze anos e homens de 35, que visitavam a hospitaleira casa dos Bers. Em Pokróvskoie houve um caso engraçado quando chegaram os Perfílski, seus amigos e, com eles, Sacha, menino de catorze anos, “meio atrasado e ingênuo”. “Estava sentado ao lado de Sônia”, escreveu Kuzmínskaia, “e não tirava dela os olhos enternecidos. De repente, pegou na manga de seu vestido e começou a correr os dedos nela. Sônia sorria confusa, sem saber o que isso significava.”

“*Pourquoi touchez la robe de Mlle Sophie?*”,⁷⁸ ouviu-se a voz ríspida de Anastassia Serguéievna, mãe de Sacha. “Estou apaixonado.”

Todos caíram na risada e os olhares voltaram-se para Sônia, que ficou mais constrangida do que seu admirador.

Já com Liza não poderia ter acontecido nada parecido.

O professor Nil Aleksándrovitch Popov, de 35 anos, “homem sério, ponderado, com expressivos olhos cinza”, também se apaixonou por Sônia. E mais – o professor de língua russa, Vassíli Ivánovitch Bogdánov, que os pais de Sônia viram-se obrigados a dispensar. E o filho do boticário da corte. E o filho do famoso guerrilheiro e poeta Denis Davídov. E ainda Iánkhin, filho de um célebre obstetra.

Em Sônia havia algo que atraía homens de todas as idades. Esse algo se chama “feminilidade”. Era uma combinação de vivacidade, tristeza momentânea e o instinto materno que se revelara cedo. Sônia era mulher *par excellence*. Era ótima atriz no teatrinho doméstico, sabia fazer papéis masculinos sentindo bem seus característicos pontos fracos.

“Liza tinha um certo desprezo pelas tarefas cotidianas da família”, escreveu Kuzmínskaia. “Os bebês, sua alimentação, as fraldas, causavam-lhe era ou nojo ou tédio. Sônia, ao contrário, frequentemente ficava no quarto das crianças, brincava com os pequenos irmãos, divertia-os quando estavam doentes, aprendeu a tocar harmônica para eles e ajudava a mãe nos trabalhos de casa.”

Ao mesmo tempo, havia nela um traço que poria de sobreaviso um outro homem, mas que não deixaria de atrair Tolstói com suas ideias e sonhos pressagiosos sobre a esposa ideal.

Escreveu Kuzmínskaia:

Ela tinha um temperamento muito vivo, com um laivo de sentimentalismo que facilmente passava à tristeza. Sônia nunca se

entregava por inteiro à alegria ou à felicidade que a juventude lhe dava com sobra... Ela como que não confiava na felicidade, não sabia aceitá-la e dispor dela à vontade. Sempre lhe parecia que algo a impediria... Seu pai sabia desse seu traço e dizia: “Pobre Sóniuchka,⁷⁹ nunca estará plenamente feliz”.

Mas somente um caráter tão complexo podia satisfazer Tolstói totalmente. Não nos esqueçamos de que, naquele tempo e depois, durante toda a vida, ele esteve apaixonado pela música. Em Sônia havia “musicalidade”! Não, ela tinha problemas com o ouvido e com a capacidade de interpretação. Mas a “musicalidade” estava dentro de sua própria natureza, em seus atos, nas nuances de seu estado de espírito.

Eis um episódio absolutamente sem importância, mas expressivo, que demonstra a “distribuição de forças” na adorável trindade aos olhos de Tolstói.

Pokróvskoie, primavera. Liza, Sônia, Tânia e seu irmão Piotr saem a passeio com Tolstói, o professor Popov e o professor de francês George Pacaut.

Como de costume, Tolstói levou-os por um caminho desconhecido, e logo surgiu ou um riacho ou uma grande poça. O que fazer? Tânia pulou nas costas de Tolstói e ele carregou para o outro lado a sua “madame Viardot”, como ele a chamava de brincadeira por conta da linda voz. Liza, com as abas do vestido levantadas, atravessou o riacho com cuidado, pisando nos galhos que Pacaut trouxe. Tánietchka olhou para ele e pensou: “Ninguém se oferece para carregá-la. Por quê? Ela é completamente diferente”. E Sônia? Popov ofereceu-lhe ajuda.

“Está indecisa, Sófia Andréievna. Procura um lugar para atravessar. Eu a ajudo, vou carregá-la.”

“Não!”, gritou Sônia, corando, e, assustada com a intenção dele, pisou na água e, correndo e espirrando água para todos os lados, atravessou o

riacho.

“Popov não percebe”, observa para si Tánietchka, “que não dá para carregar Sônia, ela é grande. Queria fazer como Lev Nikoláievitch. Eu sim, posso ser carregada”. Que conclusão pode-se tirar disso? Ao que parece, nenhuma. Porém, antes de deitar para dormir, Sônia e Tânia (sem Liza) comentaram o “acontecimento” e verificou-se que ele não passou despercebido para Tolstói.

“Ele gostou de eu não ter deixado Popov me carregar”, disse Sônia. “‘Era isso mesmo que eu esperava de você’, disse ele. Depois me perguntou o que eu havia feito nesse tempo, o que me interessava mais.”

Há coisas que não têm explicação. Por exemplo, por que todos os argumentos “pró” destinavam-se a Sônia e os “contra”, a Liza? A pequena Tânia entendia isso muito bem. Era porque Sônia fazia parte do jogo e Liza estava “fora do jogo”.

“Sônia, *tu aime le comte?*”⁸⁰ “*Je ne sais pas*”⁸¹ respondeu ela baixinho, sem se surpreender.

“Ah, Tânia”, disse ela pouco depois, “seus dois irmãos morreram de tísica...”

Isso foi o começo da terceira etapa da integração de Tolstói na família Bers, que só poderia ser concluída com seu casamento com Sônia.

Tolstói ainda não estava apaixonado, e Sônia também não, ou melhor, ela estava um pouquinho, mas por outra pessoa – o cadete Mitrofan Polivánov, amigo do seu irmão Sacha. “Era um jovem alto, loiro, inteligente, simpático e boa pessoa.” Secretamente, Sônia era sua “noiva”, assim como Tânia era “noiva” do seu primo Sacha Kuzmínski.

Esses laços infantis, porém sérios e prometedores, em outra situação (isto é, falando claramente, se Tolstói não frequentasse a casa dos Bers), acabariam, provavelmente, em felicidade conjugal dentro do mesmo clã. Sacha Kuzmínski era parente, pessoa “de casa” na família Bers. Mítia⁸² Polivánov, filho do general das cavalaria imperiais, era, pela sua posição

social, mais adequado aos Bers e à origem “burguesa”, “boticária”, deles. O casamento de Tolstói com Sônia era, apesar de tudo, uma *mésalliance*. Sônia não era condessa e não tinha um tostão de dote.

Depois do desfecho catastrófico com Serguei Nikoláievitch, Tânia casou-se com Kuzmínski, que se tornou um notável homem forense e chegou a ser senador, mas a vida conjugal deles já não podia ser feliz. Desde o início, sua vida conjugal foi envenenada pelos ciúmes do marido em relação aos Tolstói. E não só de Serguei, a quem Tânia amou a vida toda, mas de toda a linhagem, destacada e talentosa demais; ciúmes de sua mulher que, infinitamente apaixonada por Iássnaia Poliana, não imaginava sua vida sem ela e, por conseguinte, sem os Tolstói. E, além disso, ela já não podia separar sua pessoa da personagem de Natacha Rostova.

Sônia e Tânia, antes dos pais e de Liza, adivinharam que Tolstói estava enamorado de Sônia. No começo, Liubovh Aleksándrovna e Andrei Ievstáfievitch tinham certeza de que, se o conde pedisse a mão de uma delas, seria a de Liza.

Em Moscou, já se espalhavam boatos sobre o casamento de Tolstói com Liza Bers. E o próprio Tolstói não só não se sentia apaixonado como também sabia de antemão que jamais se casaria com Liza.

Em 28 de setembro de 1861, ele escreveu em seu diário:

“Liza Bers me seduz, mas isso não vai acontecer.” Depois dessa anotação, ele interrompe o diário por meio ano e o recomeça em maio de 1862, quando foge para as estepes de Samara para se tratar com leite de égua. Ele de fato está seriamente enfermo, emagrece, definhando a olhos vistos. O fantasma da tísica, que levou seus dois irmãos, persegue-o, apesar das afirmações de Andrei Ievstáfievitch Bers, de que isso não era tísica, apenas o “catarro no sangue”.

Mas a fuga para a Bachkíria na primavera de 1862 lembra, e muito, sua fuga de Arsêniewa para Petersburgo. No navio, Tolstói “renasce para a vida” e para “a consciência da vida”. “... deixaram-me um pouco em

liberdade”, escreveu ele, tendo em vista seu relacionamento tenso com Liza, que esperava dele o pedido da mão e do coração. E mais uma vez, como já houve na história com Tiútcheva, ele estava prestes a se casar, mas friamente, sem amor. “Meu Deus! Como ela seria lindamente infeliz, se fosse minha mulher”, escreveu ele uma semana antes de fazer o pedido de casamento a Sônia. “Começo a odiar Liza de corpo e alma”, escreveria ele, dois dias depois de seu relacionamento com Sônia já estar definido.

“Estou amando como nem acreditava poder amar.”

E Sônia? Ela já não é aquela menina que, corando de vergonha e admiração, servia o almoço ao autor de *Infância*. Sônia está ciente de que o conde pode estar doente de tísica e deixá-la viúva antes que ela se deleite com a felicidade conjugal. Ela já é capaz de censurar seus vícios, como o jogo de cartas, por exemplo.

E Lev Nikoláievitch? Nos dias anteriores ao pedido de casamento, ele não dormiu à noite e sofreu terrivelmente! Pela primeira vez, Tolstói teve medo. Não de ter feito a escolha errada, mas de seu pedido não ser deferido. Ele se sentia um velho caduco e um “adolescente de dezesseis anos”. Carregou consigo a carta com a declaração de amor, amassou-a no bolso na presença de Sônia e não ousou entregá-la. E estava prestes até a recorrer à ajuda de Tánietchka. Sim, sou velho, disse ele a si mesmo, “mas sou belo pelo meu amor”. Ele simplesmente estava perdendo o juízo. “Sou um louco, vou me dar um tiro, se isso continuar desse jeito.”

É EVIDENTE QUE SIM

Parece-nos muito simples e natural que a história de amor entre de Tolstói e Sônia Bers tenha passado para o romance *Anna Karênina* sem nenhuma alteração. Realmente, a história do casamento de Lévin e Kitty coincide com a de Tolstói e Sônia nos mínimos detalhes.

Mas é justamente nisso que está o enigma do Tolstói artista, o inconcebível “truque” de seu gênio artístico. De que maneira uma vida real,

sem mudanças substanciais, é vertida para um romance e fixa-se por séculos? É um enigma, como o nascimento do ser humano de um coito banal, com a diferença de que, no caso de Tolstói, nós não vemos o processo de passagem de um estado para o outro. Tudo acontece de repente e de uma vez. Não há o limite e a superação dele.

Talvez o segredo esteja no fato de que a história do casamento de Lévin, assim como outras páginas de *Anna Karênina* e *Guerra e paz* dedicadas à família, foram criadas por Tolstói *antes* de elas serem deitadas no papel. Meio século depois, os simbolistas, futuristas e outros representantes de correntes radicais nas artes russas sonhariam com um artista-demiurgo que fundisse a arte e a vida num todo único. Tolstói conseguira fazer isso muito antes. Em certo grau, as histórias reais que ele “representou” na vida, ou que foram “representadas” sob sua observação, são até mais completas e abrangentes do que as versões “em papel”. Por exemplo, a famosa cena em *Anna Karênina*, quando Lévin, numa mesa de jogo, escreve para Kitty as letras iniciais de sua declaração de amor, na vida real tinha uma série de detalhes que não entraram em *Anna Karênina*.

Em primeiro lugar, no romance não existe Liza nem a rivalidade entre ela e a irmã do meio. Não há esse momento emocionante da competição feminina, quando a aposta não é qualquer homem, mas Tolstói.

Em segundo, falta nessa cena a terceira pessoa, a onipresente e veloz Tánietchka, a futura Natacha Rostova. Quando, na aldeia Ívitsi, do avô das irmãs Bers, Tolstói escrevia numa mesinha: “s. j. e a n. da f. m. f. l. a m. v. e a i. da f.” (sua juventude e a necessidade da felicidade me fazem lembrar a minha velhice e a impossibilidade da felicidade) eles não estavam sozinhos na sala. Debaixo do piano de cauda, estava Tânia, escondendo-se dos adultos que a obrigavam a cantar. Essa insuportável espiã tornou-se testemunha daquilo que Tolstói ocultou em seu romance: Sônia, diferentemente de Kitty, não conseguiu decifrar a complicada abreviatura.

“Por uma intuição, a irmã estava lendo... Algumas palavras Lev Nikoláievitch lhe soprou”, escreveu T. A. Kuzmínskaia. Mas, na verdade, Sônia confessou depois à irmã que não havia entendido nada daquilo que *le comte* escrevera na mesa do jogo.

Mas Tolstói não pretendia testar a perspicácia de Sónietchka. Ele precisava lhe abrir o “segredo”. Queria que ela inclinasse a cabeça sobre a mesa ao lado da cabeça dele e fazer dela sua cúmplice na conspiração contra a irmã mais velha. Sim, a conspiração! Diferentemente do bonachão Lévin, o comportamento do Tolstói noivo não era nada impecável. Depois de ter dado motivos para Liza sonhar se casar com ele, Tolstói entendia que fazer o pedido de casamento à irmã do meio, pulando a mais velha, não seria *comme il faut*,⁸³ para não dizer mais. Isso não seria simplesmente um trauma moral, mas um prejuízo grave para a reputação da moça preterida.

Na realidade, Tolstói escreveu na mesa de jogo não apenas palavras eloquentes sobre a “impossibilidade da felicidade”, ele escreveu que na família Bers havia sido criada uma ideia falsa sobre o relacionamento entre ele e Liza e pediu para que Sônia e Tánietchka (que estava lá perto, mas eles não sabiam disso) ajudassem-no a sair dessa situação delicada.

Portanto, se pelas letras iniciais Sónietchka adivinhasse a declaração de amor indireta, adivinharia também a proposta de entrar na conspiração contra a irmã.

Isso não foi cruel em relação à Liza? É evidente que sim!

Passado um mês, ao se tornar a dona de Iássnaia Poliana, a condessa Tolstaia confessa em seu diário: “Fiz a coitada da Liza sofrer, isso me consome, que tristeza, que horror...”.

Antes de chegar a Ívitsi, os Bers fizeram uma parada em Iássnaia Poliana para pernoitar. Era agosto de 1862. Para as moças foi destinado o quarto “sob abóbadas”, que antigamente servira como despensa e transformara-se no escritório de Tolstói. Faltava um leito e o anfitrião ofereceu sua poltrona reclinável.

“Eu vou dormir nela”, aceitou Sônia no mesmo instante.

“Vou lhe preparar a cama”, disse o anfitrião.

E Tolstói começou... a preparar a cama. Em suas memórias, T. A. Kuzmínskaia descreveu com humor como Tolstói, com as mãos “não acostumadas e sem prática, abria os lençóis e colocava os travesseiros, e esses seus cuidados materiais, caseiros, eram muito comoventes”. Mas nas memórias de Sófia Andrêievna essa cena tem outro sentido.

Eu e Duniacha, a camareira da tia, estávamos preparando as camas, quando, de repente, entrou Lev Nikoláievitch. Duniacha disse-lhe que dos sofás foram feitas camas para três pessoas, mas faltava um lugar para a quarta. “Pode-se dormir na poltrona”, disse ele, reclinando-a e ainda encostando um banquinho. “Eu vou dormir na poltrona”, disse eu. “E eu vou fazer sua cama”, disse Lev Nikoláievitch e, com movimentos desajeitados, começou a abrir os lençóis. Havia algo íntimo e agradável nessa preparação coletiva de leitos...

Depois que Tolstói saiu, Liza fez uma cena para Sônia. Mas já era tarde.

Talvez Sônia nem estivesse esperando por aquela virada do destino. No verão de 1862, ela escreveu a novela *Natacha*, a qual, depois de muitas dúvidas, mostrou a Tolstói. É uma pena que essa novela tenha sido destruída, assim como seus diários de mocidade. Uma pena, especialmente porque Tolstói havia ficado profundamente impressionado com a novela, que determinou certos traços e até nomes de personagens da família Rostov em *Guerra e paz*. Assim, ainda não sendo noiva do escritor, Sófia Andrêievna preparou um rascunho de cenas familiares para as futuras obras dele.

O conteúdo da novela nós sabemos pelas memórias de T. A. Kuzmínskaia.

Na novela há dois heróis: Dublítski e Smirnov. Dublítski – homem de meia-idade, de aparência nada atraente, enérgico, inteligente, com as concepções de mundo variáveis. Smirnov – jovem de uns 23 anos, fazendo carreira, com ideais elevados, boa índole e temperamento tranquilo, crédulo.

A heroína da novela, Elena – moça bonita com grandes olhos negros. Ela tem uma irmã mais velha, Zinaída, uma loira antipática e fria, e uma irmã mais nova, Natacha, de quinze anos, franzina e travessa.

Dublítski frequenta a casa de Elena sem pensar em namoros.

Smirnov está apaixonado por Elena. E ela sente atração por ele. Ele lhe faz o pedido de casamento. Ela está indecisa. Os pais são contra o casamento por que o noivo é muito jovem. Smirnov viaja a serviço. Vem a descrição de seus sofrimentos sentimentais. Aparecem muitas outras personagens. Vem a descrição dos sentimentos de Zinaída por Dublítski, das travessuras de Natacha e seu amor a um primo etc.

Dublítski continua visitando a família de Elena. Ela fica confusa, não consegue compreender seus sentimentos e não quer confessar a si mesma que começa a amá-lo. Tortura-se pensando em Smirnov e na irmã. Tenta resistir ao seu amor, mas essa luta é acima de suas forças. Dublítski apaixona-se por ela e não pela irmã, o que a atrai ainda mais.

Ela percebe que as mudanças constantes de suas filosofias de vida cansam-na. Sua inteligência e espírito de observação constroem-na. Mentalmente ela o compara a Smirnov: “Smirnov simplesmente me ama de todo o coração, sem exigir nada de mim”.

Smirnov volta. Vendo os sofrimentos dele e sentindo atração por Dublítski, ela pretende se retirar ao convento.

O final da novela: Elena arranja o casamento de Zinaída com Dublítski e depois se casa com Smirnov.

A prudente autora de *Natacha* acabou arranjando o casamento de Dublítski com a irmã mais velha e preferiu para si uma variante mais

branda da sorte feminina – o casamento com Smirnov. A Sófia Andrêievna real aniquilou *Natacha*⁸⁴ e escolheu para si o papel de servidora do gênio. Mas ela não esqueceu esse seu sacrifício. O casamento com um gênio é sempre *mésalliance*, sempre uma desigualdade, mas quem nessa desigualdade é mais “desigual” em relação ao sacrifício? Esse problema foi imperceptivelmente colocado nos alicerces do paraíso conjugal dos Tolstói ainda antes do casamento. Mas passaria um bom tempo antes que da semente desse problema crescesse um verdadeiro conflito.

A reação de Tolstói à novela *Natacha* foi complexa. Por um lado, ela o deixou desconcertado e, por outro, aqueceu seus sentimentos por Sônia, e justamente a partir desse momento eles adquiriram um caráter irreversível.

Para transformar um fogo lento em paixão flamejante não há meio melhor que provocar nele um pouquinho de ciúmes. Sófia Andrêievna recordava que Tolstói devolvera-lhe o manuscrito “com frieza”. Na verdade, ele pedira a ela que lhe mostrasse seus diários, e ela se recusara, concordando em mostrar a novela. “Que força da verdade e da simplicidade!”, escreveria ele no diário.

É preciso dizer que o personagem de Dublítski mexeu com Tolstói?

“Estava lendo tudo sem ansiedade, sem sinal de ciúme ou inveja, mas a ‘aparência nada atraente’ e as ‘opiniões variáveis’ mexeram comigo bastante. Eu sosseguei. Nada disso é para mim.”

“Não é para ele” a felicidade conjugal com Sônia. Ele é velho e feio, e ela é jovem e bonita. “Seu bobão, não é para você...” “Não é para você, seu diabo velho, fique escrevendo seus artigos críticos!” “Dublítski, não se meta lá onde há juventude, poesia, beleza, amor – lá estão os cadetes, irmão.” “Tolice! Mosteiro, labor – eis a sua ocupação. A essa altura, você pode alegre e tranquilamente contemplar a felicidade e o amor alheios...” “Oh, Dublítski, deixe de sonhar!” “Oh, Deus, ajude-me, ensine-me. Nossa Senhora, ajude-me.” “Estou amando como nem acreditava poder amar.”

É surpreendente! Durante quase vinte anos, Tolstói sonhou com o casamento, desde os quinze anos de idade. Viveu com a mulher quase meio século. Mas o período de noivado durou apenas um mês. E que noivado foi esse? Até o último momento, ninguém na família Bers, nem a própria Sônia, sabia por quem se decidiria Tolstói. No dia 16 de setembro, ele a pediu em casamento e, em 23 de setembro, foram festejadas as bodas. Na mesma noite, os recém-casados partiram para Iássnaia Poliana.

Nem Tolstói nem Sónietchka tiveram tempo de se sentir noivos de verdade. Como isso era diferente do noivado e do casamento dos pais dela!

Naquilo havia uma poesia antiga, adivinhações das moças da criadagem que, à noite, colocaram debaixo da cama de Liúbotchka Isslávina um pires com água e, por cima, uma “pontezinha” feita de palitos. Liúbotchka deveria sonhar com essa pontezinha e com Andrei Ievstáfievitch. E sonhou, evidentemente. Dos sonhos de Sónietchka nada se sabe. O único sonho que Tolstói anotou em seu diário naquele tempo não pressagiava coisas boas: “Sonhei com um galgo russo doente, deplorável”.

Sófia Andrêievna recorda-se sem entusiasmo da semana que passou como noiva.

“Levavam-me pelas lojas, e eu, com indiferença, experimentava roupa íntima, vestidos e chapéus. Quando chegava Lev Nikoláievitch, os beijos e abraços de um homem já de idade, impuro, deixavam-me embaraçada e me contagiavam com uma sensação ruim. Eu estava como que esmagada; sentia-me doente, anormal. Não podia comer nada além de pepinos em conserva e pão preto...”

No dia 16 de setembro, Tolstói chegou à casa dos Bers com o pedido de casamento no bolso. “O pedido estava escrito num quarto de papel comum e sujo, pois Lev Nikoláievitch andou com ele no bolso uma semana inteira e não ousou entregá-lo a mim”, escreveu Sófia Andrêievna.

Sófia Andrêievna!

Eu não aguento mais. Todo dia, há três semanas, eu falo para mim: “hoje direi tudo”, e saio com a mesma aflição, medo e felicidade no coração. E toda noite, como agora, eu relembro o que se passou, sofro e me pergunto: “por que não disse e como direi?”. Eu trago comigo essa carta para entregá-la a você, caso mais uma vez eu não possa ou não tenha coragem de lhe dizer tudo diretamente. Parece-me que sua família tem a falsa ideia de que estou enamorado de sua irmã Liza. Isso é injusto. Sua novela não sai de minha cabeça, porque depois de tê-la lido eu me convenci de que, para mim, Dublítski, não fica bem sonhar com a felicidade, que suas excelentes e poéticas exigências ao amor... que eu não invejei e não vou invejar aquele que você amar. Parecia-me que era capaz de sentir alegria olhando para vocês e seus filhos. Em Ívitsi eu escrevi: “Sua juventude me faz lembrar a minha velhice e a impossibilidade da felicidade, e que justamente você...”.

Mas eu estava mentindo a mim mesmo. Ainda então eu poderia cortar tudo e voltar para meu mosteiro de trabalho solitário e de amor pelo que faço. Agora não sou capaz de nada e sinto que confundi tudo em sua família e que perdi o relacionamento com você como amiga e pessoa honesta, tão singelo e caro para mim. Mas não posso ir embora e não posso ficar.

Você, pessoa honesta, com toda sinceridade e sem pressa, pelo amor de Deus, sem pressa, diga-me o que fazer. Do que se ri agora, chora-se depois. Eu morreria de rir, se um mês atrás você me dissesse que seria possível sofrer, como sofro agora, e sofro feliz. Diga com toda a sinceridade: gostaria de ser minha esposa? Diga “sim” só se for de todo coração e sem medo, mas se tiver alguma sombra de dúvida é melhor dizer “não”.

Pelo amor de Deus, pergunte bem a si mesma. Eu tenho pavor de ouvir “não”, mas eu prevejo isso e encontrarei forças para suportar.

Porém, se jamais serei um marido tão amado como a minha esposa é amada por mim, isso será ainda mais terrível.

Sónietchka, tão prática e sensata, tinha mais uma qualidade que faltava à irmã. Era moça não só de juízo, mas de ímpeto, de paixão, capaz de tomar decisões importantíssimas instantaneamente.

Ao receber a carta do conde, ela foi para seu quarto e trancou a porta. A irmã mais velha seguiu-a e começou a bater na porta.

“Sônia, abra a porta!”, gritava ela. “Abra a porta, abra já!”

A porta abriu-se. Calada, ela segurava a carta na mão.

“Diga, o que *le comte* lhe escreveu?”

“*Il m’a fait la proposition.*”⁸⁵

“Recuse! Recuse já!”

Sônia entrou no quarto da mãe, onde Tolstói estava esperando sua resposta.

“É evidente que sim!”, disse ela.

Alguns minutos depois, começaram as congratulações.

Liza, no quarto de moças, estava em prantos.

Depois, ao saber da traição de Sônia, no quarto de crianças, teve um ataque de histeria o cadete Polivánov. Sentia-se muito envergonhado, mas não podia se conter. Na igreja do Kremlin, durante a cerimônia de casamento, foi ele quem segurou a coroa sobre a cabeça da noiva.

“Polivánov esgotou o cálice de amargura”, recordava Sófia Andrêievna.

Na hora da despedida a família toda chorava, menos Andrei Ievstáfievitch, que estava adoecido e de mau humor, porque a cambalhota que Tolstói fez por sobre a irmã mais velha não o agradou. Os recém-casados foram ao quarto para se despedir em separado.

Especialmente para essa viagem, Tolstói comprou uma *dormeuse* nova, uma carruagem enorme, com leito grande. Citemos o diário de Tolstói:

“No dia do casamento, medo, desconfiança e vontade de fugir. A cerimônia de casamento. Ela – chorosa. Na carruagem. Ela sabe de tudo, simples. Em Biriuliovo. O susto dela. Algo doentio. Iássnaia Poliana. O irmão Serioja sensibilizado. A tia já está se preparando para sofrer. Noite. Sonho pesado. Não era ela.”

Não era *ela*? Não era aquela, no robledo, com quem sonhou em Tchepij, “logo reconhecida, embora nunca vista”? E Sônia? “Ela parecia um pássaro ferido”, escreveu Tolstói sobre a impressão que lhe dava a noiva depois de ter aceitado o pedido de casamento.

Escreveu também sobre uma estranha visão que havia surgido entre eles, quando ficaram a sós já como noivos. “Não dá para entender como passou a semana. Não me lembro de nada; somente um beijo perto do piano e o aparecimento do Satanás...”

No dia 24 de setembro, à noite, o conde Lev Nikoláievitch Tolstói e a condessa Sófia Andréievna Tolstaia chegaram a seu paraíso de Iássnaia Poliana.

46 Filho de Tolstói. (N. A.)

47 I. A. Turguênev (1818-1883), escritor russo. (N. da T.)

48 Incorporada ao vocabulário popular russo, a palavra significa “bobão” em cazaque. (N. da T.)

49 Final da peça *O casamento*, de Gógol. (N. da T.)

50 Em russo, “O Contemporâneo”. (N. da T.)

51 N. A. Nekrássov (1821-1877/78), poeta russo. (N. da T.)

52 A. V. Drujínin (1824-1864), escritor e crítico literário russo. (N. da T.)

53 I. I. Panáiev (1812-1862), escritor e jornalista russo. (N. da T.)

54 N. A. Ostróvski (1823-1886), dramaturgo russo. (N. da T.)

55 A. N. Maikov (1821-1897), poeta russo. (N. da T.)

- 56** A. A. Fet (1820-1892), poeta russo. (N. da T.)
- 57** Em russo, “Boletim Russo”. (N. da T.)
- 58** V. A. Jdánov (1898-XXXX), crítico literário. Desde 1920, trabalhou no Museu de L. N. Tolstói, em Moscou. (N. da T.)
- 59** Personagens principais da novela sentimental *Pobre Liza*, do historiador e escritor russo N. M. Karamzin (1766-1825). (N. da T.)
- 60** Nessa ocasião, as moças colocavam um pequeno buquê de ramos de groselha no peito, como adorno. (N. da T.)
- 61** Em francês, “com toda a sua beleza”. (N. da T.)
- 62** Em francês, “posição alta”. (N. da T.)
- 63** Personagem principal do romance *O herói do nosso tempo*, de M. I. Lérmontov (1814-1841), poeta e romancista russo. (N. da T.)
- 64** Diminutivo de Valéria. (N. da T.)
- 65** F. A. Tiútchev (1802-1873), poeta russo. (N. da T.)
- 66** P. V. Ánnenkov (1813-1889), crítico literário russo, autor de várias memórias. (N. da T.)
- 67** Chefe da comunidade na Rússia. (N. da T.)
- 68** “Anikánkin”. Era assim que chamavam o filho de Tolstói com Aksínia Bazíkina, Timofei Bazíkin. “Um mujique muito inteligente, falava corretamente e até com gracejos; era muito parecido com os filhos de Tolstói. Morou pouco tempo na aldeia e era cocheiro dos filhos de Tolstói...”, recordavam os camponeses. (N. da T.)
- 69** “Ierochka” na novela. (N. do A.)
- 70** Forma carinhosa para Liubov. (N. da T.)
- 71** Em alemão, “médico-chefe”. (N. da T.)
- 72** Irmão mais velho de Tolstói. (N. do A.)
- 73** Rua comercial no centro de Moscou. (N. da T.)
- 74** Antiga família de boiardos e, posteriormente, condes. Homens de Estado e chefes militares, famosos desde o século XVI. (N. da T.)
- 75** O autor coloca a palavra entre aspas, aludindo à homossexualidade. Atualmente, na Rússia, os homossexuais são chamados de “azuis”. (N. da T.)
- 76** Período, compreendido entre a última década do século XIX e as primeiras do século XX, em que surgiram novas tendências na literatura russa (simbolismo, acmeísmo, futurismo), representadas por Aleksandr Blok, Anna Akhmátova, Vladímir Maiakóvski e outros. (N. da T.)
- 77** Sobrenome de Tânia, a irmã mais nova, depois de casada. (N. da T.)
- 78** Em francês, “por que toca na roupa de Sófia?”. (N. da T.)
- 79** Forma carinhosa para “Sônia”. (N. da T.)

- 80** Em francês, “Você ama o conde?”. (N. A.)
- 81** Em francês, “Não sei”. (N. A.)
- 82** Diminutivo de Dmítri. (N. da T.)
- 83** Em francês, “como se deve”. (N. A.)
- 84** Segundo o costume da época, antes do casamento as moças se desfaziam de seus diários e manuscritos, isto é, de seus sonhos antigos, para começarem uma vida nova. (N. da T.)
- 85** Em francês, “ele me pediu em casamento”. (N. A.)

Com a touca na cabeça

À primeira vista, se não considerarmos a noite do dia anterior e a madrugada na hospedaria, Tolstói passou pouco tempo no mosteiro de Óptina – ficou apenas até as 15 horas do sábado, 29 de outubro. Mas não nos esqueçamos também de que Tolstói tinha seus próprios cálculos do tempo.

Ele acordou cedo, às 7 horas. Portanto, o tempo ativo, passado no mosteiro, foi de oito horas – um dia útil pleno. Nesse dia, procurou ajudar a viúva camponesa, Dária Okaiómova, e seus filhos, entregando-lhes uma solicitação de auxílio dirigida à família de seu irmão Serguei Lvóvitch; para Aleksei Serguêienko, secretário de Tchertkov, ditou o artigo “Meio efetivo”, sobre a pena capital, o último de sua vida, escrito a pedido de Kornei Tchukóvski,⁸⁶ e duas vezes tentou se encontrar com os anciãos do mosteiro.

Se bem que não está claro se nesse caso se trata mesmo de “anciãos”. Na verdade, ele queria se encontrar com um ancião específico, Ióssif, discípulo do reverendo Amvróssio. Ióssif, depois da morte de Amvróssio, também se tornou confessor da irmã de Tolstói, Maria Nikoláievna Tolstaia, cuja cela no convento vizinho, perto da aldeia de Chamórdino, foi construída por projeto pessoal de Amvróssio.

Surpreendente! O escritor mais conflitante com a Igreja russa estava ligado a ela por laços consanguíneos os mais íntimos. Já diz muito o fato de

Tolstói, em sua fuga, ter se dirigido justamente para o mosteiro de Óptina e o convento de Chámordino.

A escolha foi dele.

Foi uma escolha do coração, e não do raciocínio. Que raciocínio, que presunção poderia haver nisso? Ele estava fugindo. Estava enrascado em suas contradições conjugais. Estava sendo partido em pedaços por Tchertkov, Sófia Andrêievna, os tolstoianos, os herdeiros, os pedintes...

Ele era um pecador, um homem fraco e doente, e tinha perfeita consciência disso. No estado de desespero total, Tolstói fez uma opção de coração, humana.

À irmã, ao mosteiro! Em Chamórdino seria impossível, era um convento feminino. Mas ele estava pronto para alugar uma casa camponesa. Seria até melhor, ele sonhava tanto viver entre o povo! Mas vejamos as coisas com senso prático: um velho de 82 anos numa isbá, na aldeia?

O correspondente do jornal *Nóvoie Vrémia*,⁸⁷ Aleksei Ksiúnin, depois da morte de Tolstói, indagou aos camponeses da aldeia de Chamórdino onde exatamente o fugitivo pretendia alugar uma casa.

“No inverno as casas ficam amontoadas de neve”, diziam os camponeses ao conde, queixando-se de sua vida desgraçada, “até a cidade são dezoito verstas, às vezes nem dá para sair da aldeia.”

“A neve não é nada, não há nenhum mal nela”, tranquilizava Tolstói os camponeses. “Na primavera derrete.”

Mas, até a primavera, seria preciso antes sobreviver ao inverno. E Tolstói já estava resfriado depois de ter ficado na plataforma aberta ao vento gelado de seu vagão.

E, quisesse ele ou não, sua única saída naquele momento era se alojar no mosteiro de Óptina. Ao menos por algum tempo, para poder se concentrar e tomar uma decisão. É mais do que claro que, depois da partida de Iássnaia Poliana, ele estava sendo levado sem rumo nem prumo. Tolstói, há muitas décadas acostumado à vida sedentária em Iássnaia Poliana, não

tinha muita experiência em peregrinações. E não há dúvida alguma de que ele queria ir parar no mosteiro de Óptina. A sua sobrinha, E. V. Obolênskaia, presenciou sua conversa com a irmã em Chamórdino:

“Na hora do chá, minha mãe perguntou sobre o mosteiro de Óptina.

Ele gostava do mosteiro (aliás, estivera lá várias vezes) e disse: “Moraria lá com muito prazer, faria as penitências mais pesadas, contanto que não me obrigassem a persignar-me nem a frequentar a igreja”.

A superiora do convento de Chamórdino cita essa conversa de Tolstói com a irmã em seu relatório ao bispo Veniamin Kalújski:

Às 6 horas da tarde o conde chegou a Chamórdino. O encontro com a irmã foi comovente; ele a abraçou e beijou e chorou em seu ombro por uns cinco minutos. Depois os dois ficaram conversando. Ele contou-lhe sua desgraça: o desacordo com a esposa. Foram convidados o seu médico e a freira N... Os quatro pratos servidos – batata, cogumelos, kacha⁸⁸ e sopa – ele misturou num só, comeu muito e falou muito. Eis suas palavras:

“Irmã, estive em Óptina. Como é bom lá, com que prazer eu vestiria uma sotaina e viveria fazendo qualquer trabalho, mas imporia uma condição: não me obrigarem a rezar, disso eu não sou capaz.”

“Isso é bom, irmão, mas de você também exigirão que não pregue e não ensine nada.”

“Ensinar o quê? O que é preciso é aprender; em cada um que aqui encontrei só vi mestres. Sim, irmã, é difícil para mim. E vocês, como vão? Não é um paraíso aqui? Eu ficaria em minha cela, me prepararia para a morte; pois tenho oitenta anos; é preciso morrer!”

Maria Nikoláievna, numa carta escrita depois da morte de Tolstói, relatou de um modo mais contido o desejo dele de permanecer no mosteiro de Óptina ou em Chamórdino:

Quando Lióvotchka chegou, estava muito desanimado e, quando começou a me contar como você se jogou no açude, ficou em soluços; eu não o vi sem as lágrimas. Mas não me contou nada de si mesmo, disse apenas que veio para cá por muito tempo e que queria alugar uma isbá e morar por aqui. Parece-me que a vida em Iássnaia Poliana oprimia-o (isso ele me disse ainda na última vez em que eu estive em sua casa) e todo o ambiente era contrário a suas ideias; ele simplesmente queria viver a seu modo e na solidão. Para que ninguém o incomodasse.

Já numa carta de 16 de janeiro de 1911 a Charles Salomon, tradutor de Tolstói para o francês, Maria Nikoláievna escreveu assim:

O senhor gostaria de saber o que meu irmão estava procurando no mosteiro de Óptina? Um confessor ancião, ou um sábio que vivesse isolado com Deus e sua própria consciência e que pudesse compreendê-lo e aliviar sua grande infelicidade? Eu creio que ele não procurava nem um, nem outro. Sua infelicidade era complexa demais; ele simplesmente queria se acalmar e viver um pouco num ambiente espiritual sossegado.

É evidente que Tolstói queria ficar no mosteiro de Óptina, ele gostava desse mosteiro, mas nem se falava de sua confissão perante a Igreja, nem de sua volta formal à ortodoxia.

No mosteiro ortodoxo entrou Buda. Parece absurdo, mas não nos esqueçamos de que era um Buda russo. Num outro mosteiro, numa “sucursal”, vive a irmã de Buda, a pessoa mais próxima, querida e até a única que poderia aceitá-lo como ele era.

“Aqui, sinto-me tão bem!”, disse Tolstói a A. P. Serguêienko em Chamórdino. “A irmã entendeu-me perfeitamente.”

O velho Buda não quer ensinar ninguém. Ele se cansou e anseia por sossego e isolamento. E, se possível, por conversas tranquilas com pessoas

sábias, como ele vê os anciãos de Óptina.

Seria possível isso?

“Não!”, gritaram ontem e gritam hoje os zelosos defensores da ortodoxia contra o “terrível” conde Tolstói. “Vejam só o que ele inventou! Viver no mosteiro e não frequentar a igreja! Quem ele pensa que é, afinal? Deveria é arrastar-se de joelhos na frente dos anciãos!”

Porém, ouçamos as vozes dos bispos que ecoaram naquele tempo. O jornal *Rússkoie Slovo*, no dia 31 de outubro, dois dias após a partida de Tolstói de Iássnaia Poliana, publicou as opiniões dos bispos ortodoxos sobre a possibilidade ou não da permanência dele no mosteiro.

O bispo Makári:

“É preciso saber para onde ele foi, se para a ortodoxia ou para o budismo. Se foi para a ortodoxia, a Igreja será feliz em receber de volta o filho pródigo, mas para isso será necessária a renúncia de Tolstói à sua doutrina anticristã, tão solene quanto a excomunhão”.

O bispo Arsêni: “O reconhecimento da Igreja oficial por Tolstói e seu ingresso no mosteiro, sem dúvida, trarão um enorme benefício para a Igreja”.

O bispo Ievlógui: “Tenho uma profunda convicção de que o mosteiro pode receber Lev Nikoláievitch mesmo se ele for não pelo arrependimento, mas simplesmente à procura de repouso para sua alma”.

Como se vê, mesmo entre os hierarcas mais altos da Igreja não existia um único ponto de vista a respeito da possibilidade de Tolstói viver no mosteiro. O bispo Makári, de Tomsk e de Altáisk, foi categórico, mas monsenhor Ievlógui (na vida mundana, Vassíli Gueórguievski, o futuro arcebispo da Igreja russa no oeste europeu, falecido em 1946, em Paris, e sepultado no cemitério Sainte-Geneviève-des-Bois), de Kholms e de Liúblin, julgava a situação com lealdade maior.

Monsenhor Ievlógui era admirador de Púchkin e de Leskov, gostava muito de Mélnikov-Petchérski e de Tolstói.

De modo surpreendente, a opinião do ilustrado bispo coincidiu completamente com a de um simples noviço, Mikhail, aquele da hospedaria do mosteiro de Óptina. Nos anais da ermida de nome São João Batista, o Precursor, que se encontra junto ao mosteiro de Óptina de Kozelsk, foi registrada a conversa de Tolstói com o irmão Mikhail:

Eles chegaram juntos, os dois. Bateram na porta. Eu abri. Lev Nikoláievitch perguntou: “Eu posso entrar?”. Eu respondi: “Por favor”. E ele disse: “Talvez não possa: sou Tolstói”. “Por quê?”, disse eu. “Recebemos com prazer todos os que têm vontade de vir a nós.” E ele disse: “Então, salve, irmão”. Eu respondi: “Salve, senhor conde”. Ele me disse: “Mas você não se ofendeu por eu chamá-lo de ‘irmão’? Todos os seres humanos são irmãos”. Eu respondi: “Nem um pouco. E é pura verdade que todos são irmãos”. E eles ficaram em nossa hospedaria. Hospedei-os no melhor quarto. De manhã cedo, mandei o acólito avisar ao padre Varsonófi que Tolstói estava se dirigindo a sua ermida.

Mikhail agiu do mesmo modo que a Marta do Evangelho: primeiro abrigou, depois cuidou do resto. Mas se, para Ievlógui, Tolstói é antes de tudo Tolstói, para Mikhail ele é o conde Tolstói. Não se deve esquecer que, no começo do século XX, o mosteiro de Óptina, embora famoso entre peregrinos tanto paupérrimos como mecenas, era um mosteiro provinciano. Só havia um meio para chegar até ele – a balsa do rio Jisdrá. E, às vezes, ficava isolado do mundo por causa das enchentes primaveris. Em 1910, havia nele cinquenta habitantes no total: o superior Varsonófi, o ancião Ióssif, seis padres monges, oito monges de manto, dezessete monges de sotaina e dezessete noviços. A cidade mais próxima era Kozelsk, um pequeno município. O inesperado aparecimento do “excomungado” Tolstói foi um evento inverossímil para a sossegada vida monástica.

Mas houve tempos em que Tolstói foi recebido no mosteiro de Óptina como hóspede de honra. Todos, de arcebispo até um simples frade,

desejavam se encontrar e conversar com o famoso escritor.

Nas memórias de Serguei Arbúzov, criado de Tolstói com quem, em 1881, ele foi a pé até o mosteiro de Óptina, e nas memórias de Sófia Andrêievna, baseadas provavelmente nos relatos do criado e do marido, é bem visível a relação hierárquica no mosteiro para com os peregrinos.

No início, Arbúzov conta como Tolstói preparava-se para a peregrinação:

... com a minha ajuda, o conde calçou as alpargatas nos pés enrolados com panos, conforme todas as regras da arte camponesa, e amarrou-as com um cordão... Depois tivemos ajuda para colocar nas costas as mochilas; na do conde, estavam a roupa de dormir, dois pares de meias, duas toalhas de rosto, vários lenços de assoar, duas camisas de linho, um lençol, um travesseirinho e botas de couro. No caminho, um primeiro sargento, meio alto, parou L. N., esperando tirar de um simples velho sem passaporte algum dinheiro por sua libertação, mas, ao ver nos documentos que era o conde Tolstói, levou um susto enorme e procurou agradá-lo de todas as formas.

Chegamos ao mosteiro de noite, na hora da refeição noturna. Tocou a campainha para o jantar e nós, com as mochilas nas costas, fomos ao refeitório. Não nos deixaram entrar no refeitório limpo, colocaram-nos no refeitório para mendigos... Depois do jantar, fomos à hospedaria de terceira categoria... O monge, vendo as nossas alpargatas, mandou-nos para o asilo noturno, sujo e cheio de parasitas.

Na versão de Sófia Andrêievna, isso soa ainda mais desagradável.

“Na hospedaria do mosteiro, Lev Nikoláievitch, de alpargatas e roupas camponesas, foi tomado por um mujique, e o monge Efim, o hospedeiro, falou com ele grosseiramente:

‘Esta é a casa para os peregrinos, e é aqui que tu vais dormir. Já te empanturraste, e eu não comi ainda. Senta aí!’.”

Até Serguei, que usava chapéu-coco, foi tratado com mais respeito.

Por um rublo, deram-lhes um quarto pequeno, sujo, com percevejos, onde já estava dormindo mais uma pessoa, um sapateiro que roncava fortemente.

Escreveu Arbúzov:

O conde pulou de susto e disse-me:

“Serguei, acorda esse homem e pede para que não ronque.”

Fui até o sofá, acordei o sapateiro e lhe disse:

“Meu caro, você está roncando muito, assustando meu velhinho; ele tem medo quando alguém ronca.”

“O que queres que eu faça? Não durma a noite inteira por causa do teu velhinho?”

Mas, dois dias depois, tudo mudou.

Tolstói foi visto por um monge, antigo servo de Iássnaia Poliana. Ele ficou estupefato ao ver seu conde daquele jeito.

“Senhor conde, como pôde se resignar tanto!”

Começaram a procurar Tolstói por ordem do arquiandrita e do ancião Amvróssio. “Vieram dois monges”, recorda Arbúzov, “para pegar as coisas do conde e pedir que passasse para a hospedaria de primeira classe, onde tudo estava forrado de veludo. Por muito tempo o conde recusou-se a mudar para lá. Mas acabou concordando”.

A recepção na cela do arquiandrita durou três horas. Depois Tolstói foi à cela do padre Amvróssio e por lá ficou durante quatro horas. Durante todo esse tempo, recorda Arbúzov, umas trinta pessoas estiveram ali perto, esperando serem recebidas. “Alguns deles disseram que estavam lá havia cinco ou seis dias e diariamente iam à ermida e ficavam na porta da cela do padre Amvróssio, mas não conseguiam vê-lo nem receber a bênção. Perguntei por que padre Amvróssio não podia recebê-los. Responderam que isso não dependia do padre Amvróssio, mas de quem anunciava os

visitantes. Depois de Tolstói, padre Amvróssio recebeu seu criado, Arbúzov, e perguntou, aflito, se o conde não tinha esfolado os pés na caminhada. “A porta se abre, entra um monge e pergunta se o senhor conde deseja almoçar... Os monges perguntam, com surpresa, se nós realmente fizemos todo o caminho a pé...”

Dessa vez, os dois almoçaram na “hospedaria de primeira classe, e Tolstói foi servido por monges”.

O servilismo no mosteiro era comum. Em 1887, por exemplo, ele foi visitado pelo grão-príncipe Konstantin Konstantínovitch Románov. Sobre esse acontecimento, nos anais da ermida de Óptina, consta o seguinte:

Recebido pela irmandade no Portão Santo, Sua Alteza prosseguiu para os aposentos do abade, oferecidos por ele próprio a Sua Alteza. Era noite, véspera de festa. Para o hóspede de altíssima categoria foi servido o jantar, de acordo com os costumes do mosteiro, para o qual foi convidado também o abade. Mas este, por sua simplicidade, recusou-se a receber honra tão grande, dizendo que no dia seguinte tinha de celebrar a missa e, em tais casos, não costumava jantar. Aliás, essa simplicidade do padre Issaáki impressionou o grão príncipe, que comentou várias vezes nunca ter visto pessoas semelhantes.

As recepções de mosteiro tinham sua própria etiqueta. O abade podia se permitir a recusa do convite para jantar com o grão-príncipe com a alegação de não poder comer antes de rezar a missa, porém o jantar era servido em seus aposentos, que ele deixara à disposição do hóspede.

Em 1901 os filhos do grão-príncipe Konstantin também visitariam o mosteiro. Nesse tempo, o pai deles estava na fazenda do terra-tenente Káchkin, na aldeia Príski, onde, por essa ocasião, a casa fora pintada imitando mármore. “Pela vontade de Suas Altezas”, consta dos anais, “não houve solenidades nem no mosteiro nem na ermida, apenas o repique de todos os sinos”. Era dia do santo do grão-príncipe, o 21 de maio, e “o padre

superior e o hierodiácono foram à aldeia Príski com as congratulações e presentearam o augusto Konstantin com o ícone *A introdução de Nossa Senhora no templo*, adornado de prata dourada, e o livro *Descrição do mosteiro de Óptina*”.

Nessa injustiça à primeira vista, havia sua ordem, seu costume. Incomum e ofensivo para o mosteiro foi a conduta do conde “mascarado”. Perante Deus todos são iguais, mas não perante o abade, o primeiro responsável pela muito complexa ordem interna da vida monástica, que incluía o controle do fluxo de visitantes, principalmente no verão.

O Tolstói “mascarado” infringia a etiqueta monástica, atentava contra as regras.

A situação de 1881 era quase idêntica à de 1877, quando ele chegou ao mosteiro, embora como conde e com seu amigo N. N. Strákhov, renomado crítico literário, e, mesmo assim, preferiu ficar na hospedaria de terceira classe, como um simples peregrino. Era seu direito, é claro, mas a notícia correu o mosteiro num instante, e Tolstói e seu companheiro foram insistentemente convidados a passar para uma hospedaria melhor. Ele foi recebido pelo ancião Amvróssio, os dois conversaram longamente, e Tolstói, segundo suas próprias palavras, ficou muito contente com essa conversa.

Para que, depois de quatro anos, ele fez essa representação esquisita em todos os sentidos? Para que sofreu num quarto com percevejos e o ronco de um sapateiro, exigindo o silêncio de Arbúzov – fígaro que, dentro de alguns anos, publicaria suas memórias francamente escarnecedoras sobre a visita de seu patrão ao mosteiro de Óptina?

Havia muitos motivos para isso. Tolstói realmente queria se juntar ao povo e ver o mosteiro com seus olhos, e não com os de um fidalgo importante. Para ele, foi realmente desagradável viver no luxo e receber comida das mãos de monges obsequiosos. Nisso, revelou-se também a famosa “selvageria” da natureza de Tolstói, que não queria aceitar as

normas vigentes, e sua teimosia, mas não presunção, como se costuma julgar. O mais provável é que tenha sido mera curiosidade de escritor, o futuro autor de *Padre Sérgio e Memórias póstumas do ancião Fiódor Kuzmitch*. Tolstói queria penetrar em carne e osso em suas futuras obras.

No mosteiro, Tolstói era um corpo estranho. O organismo do mosteiro, naturalmente, sentiu isso e viu-se obrigado a agir segundo suas próprias regras, e não segundo o roteiro do escritor.

Se ele fosse simplesmente um senhor meio esquisitão... Mas ele era um grande escritor, cada palavra sua e até cada gesto seu corriam a Rússia e o mundo inteiro. Eis que ele vê uma velhinha na loja do mosteiro. Ela não consegue encontrar um Evangelho barato. Tolstói compra-lhe um Evangelho caro. O que tem de especial nisso? Esse Evangelho foi comprado não por um senhor generoso, mas por um homem que se propôs salvar o Evangelho do dogmatismo eclesiástico. Assim, imediatamente, um gesto simples transforma-se em símbolo.

Em outubro de 1910, no entanto, apareceu no mosteiro não apenas o conde e escritor Lev Tolstói, mas também o Tolstói “excomungado da Igreja”. Hoje nós podemos analisar todos os pormenores da definição sinódica de 1901, segundo a qual Tolstói tornou-se *persona non grata* na Igreja ortodoxa. Hoje nós podemos discutir se essa excomunhão era de fato uma excomunhão. Mas, naquela época, no mosteiro, ele era visto como excomungado.

É como em família... O marido deixou a mulher e vive com outra. A mulher aguenta, aguenta e, depois, pede o divórcio, que pode ser devidamente formalizado. Depois disso, o marido pode voltar à ex-mulher, mas já não mais como marido, e sim como amante. E eles até podem registrar outra vez o casamento, mas isso não seria simples, e sim embaraçoso, penoso.

Tal embaraço sente-se em cada passo de Tolstói no mosteiro de Óptina, no outono de 1910, em cada palavra sua, em cada gesto seu.

Pelo pressentimento de Tolstói, ele achava que seria expulso. Mas Mikhail abriu hospitaleiramente a porta do melhor quarto da hospedaria. “Sou Lev Tolstói, excomungado da Igreja, e vim falar com seus anciãos. Amanhã partirei para Chamórdino”, explicou rapidamente Tolstói, por via das dúvidas.

E Mikhail levou para ele maçãs e mel e arranjou tudo no quarto ao gosto do conde.

E o coração de Tolstói se derreteu... Nesses momentos, ele certamente se lembrava de que lá, em Óptina, viveu, em idade avançada, faleceu e foi sepultada sua tia, irmã de seu pai, Aleksandra Ilínichna Osten-Saken, a qual, depois da morte do irmão, tornou-se tutora de seus filhos. Outrora, fora uma brilhante dama da alta sociedade, uma verdadeira estrela da corte. Mas... um casamento infeliz, a doença mental do marido... Escreveu Tolstói:

A tia era uma mulher verdadeiramente religiosa. Suas ocupações prediletas eram a leitura da vida dos santos e as conversas com peregrinos, mendigos loucos, monges e freiras... A tia Aleksandra Ilínichna era religiosa não só na parte ritual – observava os jejuns e rezava muito –, ela levava uma autêntica vida cristã, evitava todo tipo de luxo e dispensava serviços de outros, procurando ela mesma ser útil para os outros na medida do possível.

Tolstói esteve pela primeira vez em Óptina em 1841, no enterro de Aleksandra Ilínichna. Naquela época, Lióvotchka completava treze anos. Mais tarde, os sobrinhos colocariam no túmulo dela um monumento modesto com este comovente epitáfio:

Adormecida para a vida terrena,
Atravessaste a via misteriosa.
E na morada celestial
É doce e invejável tua paz.

Na esperança do feliz encontro
E com fé na vida após a morte,
Teus sobrinhos erigem este memorial
Para venerar as cinzas da finada.

Ali viveu, faleceu e foi sepultada também Elizaveta Aleksándrovna Iergólskaia, irmã da “titia” mais querida de Tolstói, Tatiana Aleksándrovna Iergólskaia. Nenhuma das tias, Elizaveta ou Tatiana, era freira. Elas simplesmente moravam ali, e ali encontraram a paz eterna.

A caminho das ermidas, aconteceu o encontro de Tolstói com o padre Pakhom, outro hospedeiro, antigo soldado da Guarda. O padre Pakhom já sabia da chegada de Tolstói e veio a seu encontro.

“Que prédio é esse?”

“A hospedaria.”

“Parece que já estive nele. Quem é o hospedeiro?”

“Eu, padre Pakhom, o pecador. É o senhor conde?”

“Sim, Lev Nikoláievitch Tolstói. Estou indo para ver padre Ióssif, o ancião. Receio incomodá-lo, dizem que está doente.”

“Não está doente, está fraco. Pode ir, senhor conde. Ele vai recebê-lo.”

“Onde você serviu antes?”

Pakhom deu o nome do regimento de Petersburgo.

“Ah, sim, conheço... Até logo, irmão, e desculpe chamá-lo assim. Agora chamo assim a todos. Somos todos irmãos sob o mesmo Deus.”

E houve um encontro com um menino de recados. “Lev Nikoláievitch falou comigo também”, com orgulho contou o menino. “Perguntou-me de onde sou, se sou daqui mesmo ou de longe, quem são meus pais. E, depois, me deu uns tapinhas carinhosos e disse: ‘Por que está aqui? Quer ser monge?’.”

Desde a chegada a Óptina, o excomungado Tolstói foi recebido como um querido pai: pelo balseiro, os hospedeiros, o menino... Todos estavam

contentes com o aparecimento de uma pessoa tão fora do comum, um escritor famoso e, ao mesmo tempo, tão simples e acessível. Um “vovô”! E dessa vez ele não estava “mascarado”. Ele era mesmo um vovô. E sempre sabia achar o caminho mais curto para o coração de uma pessoa simples, perguntando-lhe sobre sua vida e mostrando interesse em todos os pormenores.

Tudo estava indo às mil maravilhas. Até Tolstói chegar à ermida.

Eis o momento mais emocionante da última visita de Tolstói a Óptina! Por que ele não se encontrou com o ancião Ióssif, se fora até lá especialmente para isso e não contava com a recepção carinhosa que lhe fizeram os habitantes simples? Por que Ióssif não chamou Tolstói, o qual, outrora, havia sido convidado para uma conversa pelo próprio Amvróssio? É justamente na avaliação desse acontecimento que se dividem os votos dos zelosos defensores da ortodoxia e os de seus adversários. “Orgulho!”, dizem uns. “Orgulho!”, dizem outros. À primeira vista, realmente colidiram duas autoridades, a eclesiástica e a laica. Dois anciãos. Um não chamou, o outro não foi. E se Ióssif o tivesse chamado? Talvez a Igreja e Tolstói tivessem chegado a um acordo, não um acordo formal, não para o sínodo, o czar e Stolýpin, os quais, aliás, estavam muito interessados nesse acordo perante a Europa. Nem para os hierarcas ou o Estado, mas para os simples hospedeiros, para o menino Kiriúchka,⁸⁹ que, tornado monge na vida adulta, se orgulharia de ter se encontrado com o grande escritor da Rússia. Para aqueles monges simples que, como testemunhou Makovítski, amontoaram-se perto da balsa quando Tolstói, ao dar com os burros n’água, partia de Óptina para sempre, para sua própria eternidade, como se a eternidade na Rússia não fosse uma só para todos.

“Oh, meu Deus! Que pena me dá Lev Nikoláievitch!”, sussurravam os monges. “Sim, coitado de Lev Nikoláievitch!”

Nesse meio-tempo, Lev Nikoláievitch conversava perto do corrimão com um monge velho muito simpático, de cabelos brancos e óculos.

Perguntou-lhe com interesse sobre sua vista. Contou-lhe um caso engraçado dos tempos de estudante da universidade de Kazan, quando um tártaro veio para ele e disse:

“Compre os óculos.”

“Eu não preciso deles.”

“Como não precisa? Agora, todo fidalgo decente usa óculos.”

“A travessia do rio foi rápida”, escreveu Makovítski, “apenas um minuto”.

Apenas um minuto e uma das questões espirituais mais importantes da Rússia pré-revolucionária, o conflito entre Tolstói e a Igreja, foi deixada “para depois”, com a típica negligência russa. Embora, naquela época, nada devesse ter sido deixado “para depois”.

Depois já não seria possível consertar coisa alguma.

Quando Tolstói morreu e foi sepultado em Iássnaia Poliana, na beira do barranco em Stáryi Zakaz, veio ao túmulo uma moça bobinha, Paracha, e cantou lamentações à sua maneira popular:

Para onde foste, tolinho,
Que rumo tu vais tomar?
E agora, de nós, coitadinhos
Quem é que vai cuidar?

As camponesas riam de Paracha. “Que boba, cantando lamentações para o conde!” Mas a “boba” era mil vezes mais inteligente que todos os participantes “tolinhos” da história que aconteceu em Óptina, no dia 29 de outubro. Lá faltou justamente essa moça para pegar na mão de Tolstói e levá-lo à cela do ancião Ióssif.

Todos se comportavam de uma maneira inteligente demais e como que se sentiam no direito. O abade do mosteiro estava doente. Havia alguns dias que voltara de Moscou depois de uma cirurgia. E o superior do mosteiro

não podia se encontrar com um herege do gabarito de Tolstói sem a autorização do monsenhor de Kaluga.

Considero meu dever comunicar a Vossa Reverendíssima que, no dia 28 de outubro, no território a mim confiado, chegou no trem das 5 horas da tarde, vindo de Belev, o conde Lev Nikoláievitch Tolstói, acompanhado do médico, segundo suas palavras... No dia 29 de outubro, às 7 horas da manhã, chegou até ele, da estação, um jovem senhor, e durante muito tempo ficaram escrevendo algo em seu quarto, e com o mesmo cocheiro seu médico foi a Kozelsk. Às 8 horas da manhã, Tolstói saiu para fazer um passeio; nas duas vezes caminhou sozinho. Na segunda vez, foi visto perto de um prédio desocupado, chamado Consular, que se encontra fora da grade do mosteiro e em cujo quarto, do falecido escritor K. Leóntiev, ele esteve quando o ancião Amvróssio ainda estava vivo. Depois passou perto da ermida, mas não esteve nem com os anciãos nem comigo. Não entrou no mosteiro nem na ermida. Tolstói voltou do passeio cerca de 1 hora da tarde, almoçou e, às 3 horas da tarde do mesmo dia, partiu para Chamórdino, onde mora sua irmã freira. No livro de registro dos visitantes da hospedaria, escreveu: “Lev Tolstói agradece a hospedagem.

Isso é do relatório do superior Ksenofont a monsenhor Veniamin. A partir dele, pode-se entender o seguinte: Tolstói não esteve nem na ermida nem no mosteiro. Ao ler atentamente Makovítski, Serguêienko, Ksiúnin e o diário de Tolstói, não encontraremos nenhuma menção de que ele tenha passado pelo Portão Santo e entrado no território do mosteiro. Tolstói literalmente “rondava os muros eclesiásticos”, usando a linguagem de V. V. Rósanov.

A hospedaria e a ermida estavam fora do território do mosteiro.

Escreveu Makovítski:

L. N. foi passear perto da ermida. Chegou ao seu canto sudoeste, passou ao longo do muro meridional... e foi passear na floresta... Por volta das 12 horas, L. N. novamente foi passear perto da ermida. Saiu da hospedaria. Pegou a esquerda, chegou até o Portão Santo, retornou, pegou a direita, chegou outra vez até o Portão Santo, depois contornou a torre e foi em direção à ermida.

Era como que um passeio comum... Tolstói levava consigo uma cadeira-bastão dobrável, que sempre usava em seus passeios em Iássnaia Poliana. Porém... “De manhã, L. N. nunca fazia dois passeios.” Makovítski presta atenção no comportamento estranho de Tolstói. “Pelo visto, L. N. tinha um grande desejo de conversar com os anciãos.”

Mas algo o impedia.

“Eu não vou ver os anciãos sem ser convidado. Se me chamassem, eu iria.”

Nessas palavras percebe-se a manifestação do orgulho de Tolstói.

Realmente, por que não bater à porta da casinha de Ióssif? A soleira ficava fora da grade da ermida, especialmente para que qualquer peregrino pudesse pedir para ser recebido pelo ancião, por meio de seu acólito.

Por que esperava que o “chamassem”? Mesmo que Makovítski não cite com precisão suas palavras, já sem as palavras está claro que Tolstói esperava por um convite e não queria dar o primeiro passo.

Mas será que Ióssif sabia disso?

Sim, ele sabia. Eis o que conta nos anais o acólito do ancião Ióssif:

O ancião Ióssif estava doente e eu ficava perto dele. O ancião Varsonófi veio contar que padre Mikhail tinha avisado que L. Tolstói tinha vindo para cá. Eu perguntei: “E quem lhe disse isso?”. Ele respondeu: “O próprio Tolstói”. O ancião Ióssif disse: “Se vier, receberemos com carinho e respeito, pois ninguém o obrigou. Não podemos agir de outra maneira”. Depois, mandaram-me dar uma olhada fora da grade. Eu vi

Lev Nikoláievitch e disse aos anciãos que ele estava perto da casa, ora chegava perto, ora se afastava. O ancião Ióssif disse: “É difícil para ele. Pois veio até nós para buscar a água viva. Vai, convida-o, se veio a nós. Pergunta-lhe”. Eu fui, mas ele já tinha ido embora. Não estava longe, mas a cavalo não dava para alcançá-lo...

Contudo, a última explicação contradiz aquilo que estava acontecendo realmente, anotado escrupulosamente, minuto a minuto, no diário de Makovítski. Depois do segundo passeio, Tolstói voltou à hospedaria a pé e almoçou fartamente. (“L. N. gostou muito da sopa de repolho e do trigo-sarraceno bem cozido, com óleo de girassol. Comeu à beça”, escreveu Makovítski). Pagou o dono da hospedaria. (“Quanto lhe devo? Três rublos são suficientes?”). Assinou o livro de hóspedes de honra e foi a pé até a balsa, onde o alcançariam Serguêienko e Makovítski, que para lá seguiram com duas caleches. Pelos cálculos de Makovítski, quinze monges vieram à balsa para se despedir de Tolstói.

Não havia necessidade de o acólito alcançar Tolstói. Bastava apenas chamá-lo. Ele não entrou na casa de Ióssif porque sabia de seu estado e simplesmente não queria incomodar um homem velho e doente sem ser convidado. Em Chamórdino, ele disse isso claramente à irmã Maria Nikoláievna. E disse também que tinha receio de não ser recebido, por ser um excomungado. A delicadeza de Tolstói não foi oportuna. Ióssif, por sua vez, não sabia ao certo para que Tolstói tinha ido até lá. Sabia apenas pelos boatos que Tolstói queria conversar com ele. E, por último, Ióssif não podia estar sabendo do principal – da partida de Tolstói. Ninguém sabia disso, além dos parentes mais próximos. A notícia ainda não tinha sido publicada pelos jornais. Ela apareceria neles somente no dia seguinte.

Já após a morte de Tolstói, na presença de Makovítski, que visitou o mosteiro em dezembro de 1910, uma superiora censurou padre Pakhom por ele não ter levado Tolstói ao ancião, sabendo que o conde queria falar com

ele. “Sei lá, fiquei indeciso...”, justificou-se padre Pakhom. “Não queria parecer inconveniente.”

Ler isso *post factum* sem amargura é impossível. Parece que todos agiram corretamente. E até nobremente. Mas todos pareciam uns... doentes, relapsos. Ninguém se decidia a dar o primeiro passo ao encontro do outro. E o resultado foi que o grande escritor russo andou feito alma penada “perto dos muros eclesiásticos”.

Em Chamórdino, Tolstói disse à irmã que pretendia voltar a Óptina e conversar com Ióssif. Mas já era tarde. Uma força misteriosa fazia Tolstói correr para mais e mais longe.

DE REPENTE

Na biografia de Tolstói, podem-se destacar três acontecimentos que não só exerceram influência no curso de sua vida como a mudaram radicalmente, fazendo-a dar uma guinada de 180°. São eles: o casamento, a revolução em seus conceitos espirituais, entre o final dos anos 1870 e o começo dos anos 1880, e a partida de Iássnaia Poliana.

Porém, o último acontecimento está muito ligado à tragédia em Astápovo e à morte de Tolstói e, praticamente, une-se a elas. Além disso, durou muito pouco, apenas dez dias, para que se fale dele como uma etapa na vida de Tolstói. Portanto, eram dois os acontecimentos mais importantes em sua *vida*: o casamento e a revolução espiritual.

Os outros acontecimentos, tais como a partida para o Cáucaso, a campanha de Sebastópol, a morte prematura dos filhos Vânia e Macha, mesmo sendo os mais queridos, não mudaram significativamente o regime da vida de Tolstói, não o transformaram *de repente* numa outra pessoa. Tolstói antes e depois do casamento são duas pessoas completamente diferentes, assim como Tolstói antes e depois de sua revolução espiritual. *De repente*, mudou absolutamente tudo! O mundo passou a se apresentar sob um novo aspecto, e o sentido e a importância de umas e outras pessoas,

coisas, paixões, posições mudaram do sinal “+” para o sinal “-”, e vice-versa.

Antes do casamento, Tolstói era um homem infeliz. E impossível, na opinião dos que o cercavam. Ele andava com raparigas, havia perdido o restante do dinheiro no jogo de cartas, convivera com a mulher de outro, como se fosse sua própria, brigou com Turguênev, levando o escândalo até quase um duelo...

É claro que, nessas condições, não se podia falar de modo algum em harmonia do modo de vida. E Tolstói entendia isso. E sequer tentava procurar as causas desse desarranjo total do lado de fora. Somente em si mesmo! Que palavras ele não usou para xingar a si próprio em seu diário antes do casamento!

“Seu idiota”, “seu porco”, “seu animal”, “seu diabo velho”, “seu tresloucado” etc.

“Frequentemente, pergunto-me com pavor: o que eu amo? Nada...” “Dá nojo, dá pena...” “Ontem, com Vássinka,⁹⁰ bebi feito um gambá, e hoje fungávamos, deitados um em frente ao outro...”

E tudo dá errado... Na hora de ir para a igreja, verifica-se que a camisa limpa ficou na carruagem, junto com outras coisas, e não há o que vestir para o casamento. Surge um embaraço. Na igreja, esperam pelo noivo e nada dele. Sônia já estava pensando que ele fugira como Podkolióssin. Bem, não é de se estranhar... Pois, antes disso, ele praticamente já tinha fugido de sua irmã Liza para as estepes de Samara, como tinha fugido de Arsênieva para Petersburgo. Aliás, há uma anotação no diário de Tolstói: “No dia das bodas – medo, desconfiança e vontade de fugir”. Se lembrarmos que Tolstói era supersticioso e a vida toda considerou que vestir a camisa pelo avesso era mau sinal, o desaparecimento de sua camisa no dia do casamento deve ter desempenhado um papel fatal.

De manhã, no dia de seu casamento, Tolstói chegou inesperadamente na casa dos Bers e foi direto para o quarto de moças. Liza não estava em

casa, e Tánietchka retirou-se do quarto e correu para avisar a mãe sobre a vinda inesperada do noivo. A mãe ficou surpresa e descontente: no dia do casamento, era uma coisa indevida. Foi ao quarto de moças e encontrou os noivos “no meio de caixas, malas e roupas espalhadas”. Sônia estava chorosa. Aconteceu que Tolstói não dormira a noite toda e tinha ido até lá para saber se ela realmente o amava, “talvez as lembranças de seu namoro com Polivánov a perturbassem”, e se, “nesse caso, não seria melhor se separar”. Sônia tentava dissuadi-lo, falava que não havia nada disso. Suas forças se esgotaram, e ela se pôs a chorar.

A camisa acabou aparecendo e as bodas foram celebradas, mas a felicidade não se sentia antes e não se sentiu depois.

O público que assistia ao casamento reparava na diferença de idade entre os noivos e nos olhos vermelhos de Sônia e tirava suas próprias conclusões.

“Vai ver casaram-na à força...” “Veja que novinha, e ele, velho...” “Em compensação, é conde e é rico, dizem...”

O marido não gostou das lágrimas de Sônia na despedida com a família. “Naquela hora ele não entendeu”, escreveu Sófia Andrêievna, “que, se eu amava minha família com tanta paixão e ardor, teria a mesma capacidade de amar a ele e a nossos filhos. E assim foi, posteriormente.”

A viagem durou quase 24 horas... A noite dentro da carruagem foi torturante para a recém-casada. “Só a vergonha que senti já foi demais!”, exclama ela em suas memórias. Além disso, não se lembrava de mais nada dessa viagem: onde fizeram paradas, do que falaram.

Segundo o testemunho de Tolstói, a primeira noite passada em Iássnaia Poliana foi “penosa”. No café da manhã, o marido e a mulher sentiam-se “sem jeito”.

Mas, *de repente*, aconteceu um milagre! No mesmo dia, 25 de setembro de 1852, ele escreveu em seu diário: “Uma felicidade incrível...

Não seria possível que tudo isso tivesse acabado nesta vida!”.

INFATIGÁVEL SOPHIE

Sônia, acostumada à vida familiar no apartamento do Kremlin com os pais afetuosos, ficou desconcertada com a “selvageria” dos hábitos de solteirão e, ao mesmo tempo, de fidalgo à antiga do marido. A falta de talheres de prata na mesa causava-lhe estranhamento. Mas que prata que nada, a prata era o de menos... Os irmãos Tolstói estavam acostumados a dormir na palha, sem lençóis. A casa toda cheirava a feno. E, em volta da casa, crescia exuberante erva daninha. As veredas nunca limpas, os criados de roupas desmazeladas e o próprio patrão com um comprido avental velho com abas postiças, que servia também como pijama.

O cozinheiro de Tolstói, Nikolai Mikháilovitch, que ainda nos tempos de Volkónski fora remanejado de músico para cozinheiro por ter perdido o bocal da flauta era, na opinião de Sófia Andrêievna, “sujo demais”. Frequentemente entregava-se à bebedeira, mas cozinava “nada mal”. Uma vez, durante o almoço, Sófia Andrêievna pôs-se a chorar, ao encontrar em seu prato de sopa um “parasita nojento”. Os velhos garfos de ferro machucavam-lhe a boca, e o aspecto do marido, dormindo debaixo de um acolchoado no travesseiro sem fronha, lhe era terrível.

E também, na vida em Iássnaia Poliana, sentia-se pungentemente a atmosfera de orfandade prematura, a falta de cuidados paternos e maternos, isto é, de tudo aquilo de que Sófia Andrêievna havia se cercado em sua infância e mocidade. Não era à toa que Tolstói tinha uma ternura especial pelo Parque Baixo com pontezinhas, caramanchões e cantinhos sentimentais que o faziam imaginar os comoventes passeios a sós de seus pais. E essa circunstância, bem como a “selvageria” de Tolstói, Sônia, com seus dezoito anos, deveria entender, sentir profundamente, aceitar com o coração e avaliar com o intelecto. Dela exigia-se tanto praticidade como delicadeza nos domínios de seu novo espaço espiritual.

A infatigável Sophie, como a chamava Aleksandra Andrêievna Tolstaia, não só conseguiu executar essa tarefa como, no fundo, criou uma nova vida em Iássnaia Poliana, a seu gosto. Se, no início do romance *Guerra e paz*, Natacha Rostova é a caçula das irmãs Bers, Tánietchka, a Natacha casada é, sem dúvida, Sônia.

Aparência encantadora, sem no entanto aquela beleza vistosa que acaba por cansar. Corpo atraente. Uma mente viva e rápida que capta e assimila tudo. Não era mimada – a família Bers não mimava as filhas. Um forte instinto maternal e um indubitável talento educacional. E, além disso, o sincero e ardente interesse pela criação artística do marido. Justamente pela criação e não pelos negócios, com os quais Tolstói se entusiasmou durante certo tempo, criando abelhas e porcos japoneses e construindo uma destilaria. Sófia Andrêievna não gostava de agricultura e não escondia isso.

Conservou-se a caderneta onde ela fez a lista daquilo de que gostava e daquilo de que não gostava.

Do que eu gosto:

Paz na alma.

Sonhos na cabeça.

Amor das pessoas por mim.

Amo crianças.

Amo flores.

Sol e muita luz.

Floresta.

Gosto de plantar, podar e cuidar das árvores.

Gosto de representar, isto é, de desenhar, fotografar, interpretar papéis.

Gosto de produzir alguma coisa – costurar, por exemplo.

Gosto de música com restrições.

Gosto de clareza, simplicidade e talento nas pessoas.

Roupas e adornos.

Alegria, festas, brilho, beleza.
Gosto de poesias.
Carinho. Sentimentalismo.
Gosto de trabalhar de modo produtivo.
Gosto de sinceridade e veracidade.

Do que eu não gosto:

Inimizade e descontentamento das pessoas.
Vazio na alma e no pensamento, mesmo que temporário.
Outono, escuridão e a noite.
Homens, com raras exceções.
Jogo a dinheiro.
Pessoas obscurecidas por vinho e vícios.
Segredos, insinceridade, dissimulação, falsidade.
Estepe.
Canções orgíacas, barulhentas.
O processo de comer.
Não gosto de atividade econômica nenhuma.
Não gosto da solidão.
Não gosto de zombarias, brincadeiras, paródias, críticas e mentiras.
Não gosto de ociosidade e preguiça.
Difícilmente suporto qualquer ato escandaloso.

É impossível imaginar Tolstói escrevendo algo semelhante. A maneira de seus diários é mais delicada, mais “feminina”, se preferirmos. Com todos os meios, ele procurava entender e aceitar o “alheio”, achar-lhe uma justificativa, mas, de modo contrário, nunca achava justificativas para si mesmo. Para ele, não existiam fronteiras rígidas entre o “seu” e o “alheio”. Em geral, o “não gosto” categórico não fazia parte de seu vocabulário.

Tolstói e Sófia Andréievna eram de naturezas muito diferentes, diametralmente opostas, pode-se até dizer. Ela era a encarnação do tipo

feminino burguês, com todos os defeitos e virtudes mostrados em *Jane Eyre*, romance de Charlotte Brontë, seu predileto.

Sófia Andrêievna era o tipo de crente pragmático. Por acaso, conservou-se um fragmento de seu diário do tempo de mocidade, que ela cita em suas memórias, e nele há uma anotação curiosa:

“... o caráter, a moralidade – tudo isso depende da estrutura do cérebro, nervos, tendões, vísceras... Depende do tempo quente, ensolarado, de uma boa comida, da moradia com calefação. A matéria, o ideal, a alma... Meu Deus, que caos! Mas deve haver algo misterioso no mundo.”

Ainda menina, ela visitou o mosteiro de Nova Jerusalém, perto de Moscou, e ficou impressionada com a estátua de Cristo crucificado em tamanho real: “uma estátua, em tamanho real, toda pintada, vestida com um manto de veludo preto, com as mãos acorrentadas... Dava pavor de olhar para esse boneco, e logo vinha à cabeça que aquilo era idolatria, à medida que era preciso idealizar tudo, principalmente na religião. Em todo caso, a relação com Cristo deve permanecer na área abstrata”.

Durante toda a sua vida, Sófia Andrêievna foi uma pessoa religiosa, que frequentava a igreja e habituava a isso os filhos, e zangava-se com o marido por seus pronunciamentos antieclesiásticos. Mas, diferentemente de Tolstói, em sua religiosidade não havia misticismo. Deus existia, é claro. Mas Ele estava tão longe e era tão incompreensível que era preciso viver de acordo com as leis terrenas, nas quais entram também as leis eclesiásticas.

Tolstói personificava outro tipo, um tipo, digamos, “senhorial”, mostrado melhor no romance *Oblómov*, de Gontcharov.⁹¹

Tolstói era um *idealista religioso*. Deus não estava longe. Estava em nossa volta e até mesmo dentro de nós. Justamente por isso, as leis terrenas lhe eram inconcebíveis e misteriosas, e era preciso entendê-las não de modo abstrato, mas com o coração e a mente, de acordo com a vontade imediata de Deus, manifestada no mundo.

Sófيا Andrêievna era prática no que dizia respeito à economia doméstica. Estabelecia o *menu* com um mês de antecedência, para poupar dinheiro na compra de provisão. E, ao mesmo tempo, gostava de bailes e de aparecer na sociedade, vestida com a roupa de gala da moda. Já seu marido não era prático com as coisas de casa, não suportava os eventos da sociedade, incomodava-se com a mobília luxuosa da casa em Khamóvnik, era parcimonioso no uso do papel para escrever e até da pilha da lanterna elétrica, não porque tivesse pena de gastar dinheiro, mas porque aquilo era trabalho de outros e desperdiçá-lo à toa era para ele vergonhoso.

Sófia Andrêievna tinha o temperamento burguês em seus afazeres domésticos, era sentimental e também sensível a coisas insignificantes, e não se continha na expressão de seus sentimentos.

Tolstói, talvez, fosse não menos sentimental, mas era muito mais contido na manifestação de seus sentimentos. Tinha vergonha de dar carinho aos filhos e não suportava as histerias da mulher, para as quais ela era, infelizmente, propensa.

Na presença de outros, Sófia Andrêievna era direta em seu comportamento, dizia na cara tudo o que pensava. Já Tolstói era delicado no trato com as pessoas, receava ofendê-las com alguma palavra imprudente. Só ele podia ter inventado uma diversão familiar chamada “cavalaria numidiana”. Quando finalmente (finalmente!) uma visita inconveniente e cansativa ia embora, todos os familiares colocavam-se em fileira e pulavam em volta da mesa, sacudindo as mãos sobre a cabeça e, dessa maneira, aliviando a tensão causada pela presença de uma pessoa desagradável. Mas nem pensar em dar a entender a ela que não era bem quista e que estava na hora de se retirar.

Sófia Andrêievna adorava a natureza, mas não gostava da aldeia e dos mujiques e continuava sendo cidadina. Quando ia a Moscou ou Petersburgo, não perdia nenhum concerto, espetáculo ou exposição importante. Tolstói

não gostava da cidade, nem mesmo de Moscou, onde as pessoas não se cumprimentavam umas às outras. Ele era homem exclusivamente do campo. Após sua revolução espiritual, ele não queria saber de concertos, sua opinião sobre teatro, mesmo depois de se tornar dramaturgo, autor de *O poder das trevas*, era extremamente peculiar e sua percepção da pintura era muito limitada, ele não aceitava novas tendências nem reconhecia, por exemplo, a importância de paisagens.

Como essas duas pessoas tão diferentes entre si puderam se apaixonar uma pela outra, parece inconcebível.

Porém havia amor! E não simplesmente amor, mas “uma felicidade incrível”. Não é correto considerar que esse amor tenha deixado de existir quando Tolstói perdeu o desejo sexual, seu “instinto de garanhão”, como às vezes pensava a própria Sófia Andréievna. Nos últimos diários de Tolstói, há expressões de tanto amor à mulher que não é possível que sejam todas falsas.

Em abril de 1863, na Páscoa, Sófia Andréievna escreveu na carta para sua irmã caçula:

Senti muitas saudades nessa festa, você sabe que nos dias festivos tudo é sentido com mais força, e eu fiquei muito triste por não estar com vocês. Nós aqui não tivemos aquela alegre pintura de ovos, não houve véspera com os doze Evangelhos cansativos nem o sudário, nem Trífonovna⁹² trazendo o enorme panetone na frente da barriga, nem a espera das matinas, nada. E no Sábado de Aleluia, de noite, senti tanto desalento que desatei em prantos. Foi uma tristeza sem a festa. Senti-me envergonhada perante Lióvotchka, mas não há o que fazer... No Domingo de Páscoa, eu me acalmei e nós começamos a examinar tudo do ponto de vista crítico... O nosso pope, padre Konstantin, desatou a falar e disse tantos disparates que foi preciso ter uma paciência cristã para escutá-lo...

Porém, a falta da religiosidade ritualista em seu marido não incomodava tanto Sónietchka, pelo menos não como o seu “novo cristianismo”, que a faria sofrer mais tarde. O mais provável é que ela sentia muitas saudades da mãe, das irmãs e da vida no Kremlin e as tenha relacionado com as lembranças dos festejos pascais. Na mesma carta, ela pede a Tânia:

“Tânia, querida, escreva-me como se vestem hoje e como vão se vestir. Que tecidos, de que cores, que chapéus...”

Por outro lado, toda a vida da fazenda de Iássnaia Poliana era impregnada de lendas antigas e pietismo religioso que lembravam a mãe de Tolstói. Nas paredes do quarto da tia Iergólskaia e de sua comensal Natália Petróvna havia antigos ícones escurecidos. Na casinha do lado, morava uma criatura surpreendente – Agáfia Mikháilovna, antiga camareira da avó de Tolstói, Pelagueia Nikoláievna. Uma velhinha sempre de casaquinho velho, no qual se viam chumaços de algodão. Ela acolhia os cachorros vira-latas, que moravam na casinha nas mesmas condições da patroa. Chamavam-na de “governanta de cães”. Assim como a tia Iergólskaia, Agáfia Mikháilovna era virgem e vivia excepcionalmente para os outros, mas tinha também seu orgulho, sobre o qual escreveu a filha mais velha de Tolstói, Tatiana Lvovna:

Um dia, Tatiana Andrêievna Bers, irmã mais nova de minha mãe, hospedada em casa, ficou doente. Como sempre, mandamos chamar Agáfia Mikháilovna.

“Acabei de chegar dos banhos”, contava Agáfia Mikháilovna, “tomei meu chá e me deitei em cima da lareira. De repente, alguém bateu na janela. ‘O que quer?’, gritei. ‘Tatiana Andrêievna mandou chamá-la, adoeceu, pede que a senhora cuide dela.’ E eu tinha acabado de me acomodar em cima da lareira, não tinha vontade de descer, agasalhar-me e andar pelo frio. E respondi: ‘Diga que Agáfia Mikháilovna não pode

ir, acabou de tomar banho’. A pessoa foi embora e eu pensei: ‘Oh, não estou agindo direito, poupo a mim e não poupo uma pessoa doente’. Desci, comecei a calçar as botas. Ouço que estão batendo de novo. ‘O que mais quer?’, perguntei. ‘Tatiana Andrêievna mandou dizer que venha sem falta, ela vai comprar um pano para o vestido.’ ‘Aha!’, respondo, ‘vai comprar um pano! Transmita a ela que eu já disse que não iria e não irei.’ Tirei as botas, subi na lareira e por muito tempo não consegui dormir. Não é por vestidos que eu cuido dos doentes... Eu amava Tatiana Andrêievna, mas como ela me ofendeu...”

Agáfia Mikháilovna era crente, no entanto podia virar o ícone para a parede, caso o santo “ajudasse” errado. Ao mesmo tempo, possuía consciência “existencial”, e um dia deixou Tolstói muito surpreso com uma história que ele gostaria de lembrar até seus derradeiros dias.

“Um dia estava sozinha, deitada, no silêncio, só o relógio de parede fazia tique-taque: Quem és? O que és? Quem és? O que és? Quem és? O que és? E aí fiquei pensativa e realmente pensei: Quem sou? O que sou?”

E passei a noite toda pensando nisso.”

Agáfia Mikháilovna tinha pena de moscas e baratas e dava comida para os ratos, que em sua casa aventuravam-se quase domesticados.

Agáfia Mikháilovna morreu quando nenhum de nós estava em Iássnaia Poliana”, recordava Sukhótina-Tolstaia. “Morreu tranquila, sem queixas nem medo.”

“Antes de morrer, pediu para transmitir para toda a família o agradecimento pelo nosso amor. Contavam que, quando foi levada ao cemitério, todos os cães, com uivos, acompanharam-na pelo caminho do cemitério para longe da aldeia.”

Prosegue Sukhótina-Tolstaia:

Na fazenda morou gente estranha... Morou o monge Voiéikov. Era irmão do tutor de meu pai, seus irmãos e sua irmã. Voiéikov sempre

usava as vestes de monge, o que nada combinava com sua queda para a bebida. Morou um anão, cuja obrigação era cortar lenha. Além disso, desempenhava um grande papel em diversões e bailes à fantasia. Morou também uma peregrina velha, que usava roupa masculina. Ela era madrinha de minha tia Maria Nikoláievna.

É claro que isso era totalmente diferente da vida dos Bers no Kremlin, onde as filhas eram acompanhadas por um lacaios de elmo. Em compensação, em Iássnaia Poliana era possível encontrar ciganos com um urso vivo.

“Mikhailo⁹³ Ivanitch, faz reverência aos senhores.”

O urso gemia, erguia-se, ficando nas patas traseiras, e, tilintando com a corrente, fazia uma reverência profunda.

“Mostra como filhos de pope roubam ervilha.”

O urso deitava na terra e arrastava-se furtivamente em direção à imaginária horta de ervilhas.

“Mostra como as senhoritas se arrumam.”

E o urso sentava-se nas patas traseiras, seguravam diante dele um espelhinho e ele então passava as patas dianteiras no focinho.

“Morre!”

Gemendo, o urso deitava e ficava imóvel.

“Por fim, serviam vodca a todos, incluindo o urso”, escreveu o filho mais velho de Tolstói, Serguei Lvóvitch. “Ao beber, o urso tornava-se bonachão, deitava-se e parecia estar sorrindo...”

Essa poesia da vida em Iássnaia Poliana deixou seu encanto indelével nos filhos de Tolstói e eles se lembravam da infância como um paraíso. Já a impressão que teve a mãe deles, quando tinha entre dezoito e dezenove anos, foi complexa. Mas ela acabou simplesmente se acostumando.

Recordava Sófia Andréievna:

Nos primeiros dias após o casamento, muita gente vinha nos dar os parabéns – criados, camponeses, escolares. E eu reparti entre eles quase todos os trezentos rublos que minha mãe dera-me para não pedir dinheiro a meu marido no começo de nossa vida de casados. Parecia-me que todos eram tão bondosos, todos nos amavam, e essas felicitações alegravam-me, mas deixavam-me sem jeito. Entre eles estava Arina Ignátievna, já velhinha, esposa do preceptor Nikolai Dmítriev, e sua filha Varvara, Anna Petrovna, que ordenhava com as meninas Ánnuchka e Duchka, o estaroste Vassíli Iermílin, o doceiro Maksim Ivánovitch, a severa e seca Agáfia Mikháilovna, antiga camareira da vovó Pelagueia Nikoláievna, a alegre lavadeira Aksínia Maksímovna, com suas bonitas filhas Polina e Marfa, os cocheiros, o jardineiro e muitas *outras pessoas estranhas, muito estranhas, com quem depois tive de conviver por longos anos.*⁹⁴

Todas essas pessoas estranhas que alimentavam a imaginação criativa de seu marido, autor de *Infância, Adolescência, Polikuchka* e do conto “Aliocha, o Pote”, sua obra tardia, genial pela simplicidade poética, continuavam sendo estranhas a Sófia Andrêievna. É característica sua atitude para com o Aliocha real, o protótipo de Aliocha Gorchok, um camponês meio débil mental que morava em Iássnaia Poliana. “Por exemplo, vinha da aldeia um bobinho, Aliocha, apelidado Gorchok,⁹⁵ pediam-lhe para produzir sons indecentes e todos ficavam dando gargalhadas, mas a mim isso dava nojo e vontade de chorar”, recordava ela quase ao mesmo tempo em que Tolstói escrevia o conto.

Ao ler o diário de Sófia Andrêievna, o leitor não iniciado pode ter uma impressão falsa de que, para esse fim de mundo “selvagem”, com loucos, ursos, “governantas de cães” e idiotas que soltavam “pum”, foi trazida da capital uma aristocrata refinada. Na realidade, não era bem assim...

O aristocrata era justamente o marido. Mas o aristocratismo de Tolstói não era o de ostentação, mas o antigo, de fazenda. “Pela sua origem, educação e maneiras”, escreveu Iliá Lvóvitch, filho de Tolstói, “meu pai era um autêntico aristocrata”. Apesar de seu camisão de trabalho, que ele usava constantemente, apesar de seu desprezo a todos os preconceitos da fidalguia, ele era fidalgo e permaneceu fidalgo até o fim de sua vida.

Sophie era culta, sabia francês e alemão, tinha diploma universitário de professora particular, que recebeu sem frequentar as aulas, sabia desenhar, tocava piano e tinha um talento indubitável que lhe permitiu escrever contos infantis (o livro *Bonecas-esqueletinhos*) e versar para o francês as obras filosóficas do marido. Nos últimos anos de sua vida, dedicou-se à pintura e alcançou grandes êxitos nesse ramo.

E, mesmo assim, seu maior talento era cuidar da economia doméstica e educar os filhos. Não era à toa que sua vovó dizia: “Sônia está com a touca na cabeça”. Foi justamente essa touca o que se tornou o símbolo da dona de casa e foi o primeiro detalhe a chamar a atenção de Tolstói. Em sua primeira carta de Iássnaia Poliana, ele escreveu a Tánietchka Bers, em 25 de setembro de 1862:

“... que Deus lhe dê a felicidade que eu estou sentindo! Mais do que isso não existe. Hoje ela⁹⁶ está de touca – nada mal. A maneira como ela desempenhou o papel de adulta e de senhora parece excelente.”

Era o primeiro dia da vida dos dois juntos. Três dias depois, Tolstói completaria 34 anos. Um mês antes, Sónietchka havia feito dezoito. Diante dele, ela ainda estava “na ponta dos pés”. Ele é grande, genial! Dono de uma propriedade. E não só de uma – a cem quilômetros há uma excelente propriedade, Nikólskoie, que pertencia a seu falecido irmão Nikolai. Ele é escritor, pedagogo, caçador inveterado, juiz de paz em assuntos de alforria e ainda por cima um homem muito forte, do ponto de vista físico. Quando um sujeito intrometido ficou espreitando sua esposa que estava nadando no açude, ele o pegou e deu-lhe tamanha surra, que a teoria da não violência

foi para o brejo. Era o Tolstói *furioso*. E como ele ficou enraivecido, ainda antes do casamento, ao saber que a polícia rural aparecera em Iássnaia Poliana, revistara sua casa à procura de livros proibidos e por pouco não entrara na tipografia onde estavam as obras de Herten⁹⁷ recém-impresas. Sorte que, naquele tempo, ele estava nas estepes de Samara, do contrário, com certeza, teria matado o comissário a tiros.

Com seu prestígio e sua força física, Tolstói esmagava Sônia: “Genial, talentoso, inteligente, mais velho e experiente na vida espiritual, ele me esmagava moralmente”. “A potência física e a experiência de homem mais vivido nos assuntos de amor – paixão brutal e força esmagavam-me fisicamente”.

Seus trunfos pareciam ser poucos: a juventude e a “touca”. Jovem e bonita, ela estava com a razão mesmo quando não tinha razão. As cartas de Tolstói dos anos 1862-1863 simplesmente transpiram o amor abobalhado do marido recém-casado.

“Sabe, Tânia, nos momentos de amizade Sônia me chama de *umbigo*. Diga a ela que não me chame assim. Isso ofende. Gosto tanto quando você e Sônia me chamam de Drícinka... Tânia, para que você foi a Petersburgo? Foi enfadonha sua estada lá...”

Sônia continua a carta, segundo o hábito que havia se estabelecido entre eles, de escrever cartas “a quatro mãos”.

No envoltivo combate singular entre o marido e a esposa, a juventude e os atrativos de Sônia eram muito mais poderosos do que a força física dele. Nas cartas e nos diários de Tolstói dos primeiros anos de casado, é perceptível sua embriaguez de felicidade.

“... escrevo e ouço a voz de minha mulher, que está conversando com o irmão e que eu amo mais do que tudo neste mundo. Vivi 34 anos e não sabia que era possível amar tanto e ser tão feliz... Sinto constantemente que roubei essa felicidade não merecida, ilegítima e não destinada a mim. Ela vem vindo, ouço seus passos e sinto-me tão bem!”

“Fêutchka, tio e simplesmente querido amigo Afanássi Afanássievitch! Faz duas semanas que casei, estou feliz e sou outro homem, totalmente outro.”

A E. P. Kovalévski: “... já faz um mês que estou casado e tão feliz como nunca antes acreditaria que as pessoas pudessem ser”.

A M. N. Tolstaia: “Querida Macha, sou um grande porco, há tanto tempo que não lhe escrevo. Pessoas felizes são egoístas”.

A I. P. Boríssov: “Graças a Deus, em casa está tudo bem e nós vamos tão bem que não precisamos morrer”.

De sua última “amante”, a pedagogia, Tolstói se despediu por um tempo. E não porque a revista pedagógica *Iássnaia Poliana* não tenha provocado um interesse sério do público. E não porque as crianças camponesas estivessem ocupadas com os trabalhos do campo. A causa principal pode ter sido a incompatibilidade da pedagogia com a esposa jovem. Por exemplo: quando os professores rurais se reuniam em *Iássnaia Poliana* para fazer o que era uma espécie de “estágio” e de “troca de experiências”, eles fumavam na sala, e Sónietchka, que em muito pouco tempo de casada ficou grávida, não suportava a fumaça.

“Todos esses jovens”, recordava Sófia Andréievna “ficavam constrangidos com a minha presença e alguns olhavam para mim com hostilidade, sentindo que logo acabaria seu contato direto com Lev Nikoláievitch, que voltaria todo seu interesse para a vida familiar.”

Assim, pela primeira vez, surgiu o conflito: para quem existe Tolstói? Para a família ou para todos? Sônia ganhou a primeira batalha facilmente, porque o próprio Tolstói já se incomodava com a pedagogia, e sua nova “amante” já havia se tornado a agropecuária: abelhas, porcos, cavalos e destilaria. Mas a questão foi colocada, e na vida de Tolstói não havia casualidades.

Mas o que significava ser “outro homem”, como escreveu a Fet?

Era realmente um outro Tolstói. E, ao mesmo tempo, um Tolstói como que intermediário. Tolstói entre a juventude e a velhice. Tolstói entre a época da fuga total na busca ansiosa pela felicidade (de Kazan! Para o Cáucaso! Para Sebastópol! Para o exterior! Para as estepes de Samara!) e o tempo da revolução espiritual demolidora.

Esse é o *Tolstói feliz*. Na realidade, esse foi o único período de sua vida em que ele esteve feliz e lhe pareceu não haver mais nada a desejar. Foram, aproximadamente, quinze anos de sua vida... Isso é muito tempo! É claro que não foi uma felicidade sem nuvens. Ele brigou pela primeira vez com a mulher no quinto dia da vida deles em Iássnaia Poliana. “Hoje houve uma briga”, escreveu ele no diário, em 30 de setembro. Sim, houve brigas, ataques de histeria e o sério conflito na questão da alimentação infantil... Mas, comparado com os tormentos de Tolstói quando jovem e com aquilo que ele sofreria depois da revolução espiritual, isso foi uma felicidade, quase um paraíso. E os romances *Guerra e paz* e *Anna Karênina* só poderiam ter sido escritos nesse tempo. A força motriz dessas obras foi o *amor*. Não o amor aos seres humanos em geral nem o amor ao próximo, mas o amor à mulher. Mulher que, de uma maneira misteriosa, conseguiu dirigir essa força espontânea chamada Tolstói... Fez a torrente ficar dentro das margens. E pôs na cabeça dele sua touca invisível como reflexo da coroa que seguravam sobre ela na igreja do Kremlin.

Como dona de Iássnaia Poliana, a primeira coisa que Sónietchka fez na casa foi colocar toucas brancas como neve nas cabeças de todos os cozinheiros. Depois disso, os “parasitas nojentos” não apareceram mais em sua sopa. Era um meio elementar de higiene. Mas que gesto surpreendentemente simbólico e apropriado! Depois foram varridos todos os caminhos e veredas, tirada a erva daninha e a urtiga, os edredons de algodão foram trocados pelos de seda, lençóis e fronhas entraram em uso e, na mesa do almoço, colocaram-se talheres de prata. Mas, antes de tudo, as toucas! Em todo caso, elas foram as primeiras a serem mencionadas em

Minha vida, onde ela escreveu sobre seus primeiros passos como dona de casa.

E Tolstói, que ria do lacaio de elmo que acompanhava as meninas Bers nos passeios, não só se rendeu como esteve feliz como nunca...

Amo-a quando, à noite ou de manhã, ela olha para mim e me ama. E ninguém (eu, principalmente) impede-a de me amar à sua maneira, assim como ela sabe. Amo-a quando está sentada perto de mim e nós sabemos que amamos um ao outro como podemos. E ela diz: “Lióvotchka, por que as chaminés da lareira são retas?” ou “Por que os cavalos têm vida longa?”. E assim por diante. Amo-a quando estamos a sós por muito tempo e eu lhe pergunto: “O que vamos fazer? Sônia, o que vamos fazer?”. E ela ri. Amo-a quando fica zangada comigo e, às vezes, suas palavras e seus pensamentos são ríspidos: “Deixe-me, não me aborreça” e, um minuto depois, sorri para mim. Amo-a quando ela não está me vendo e não sabe que a amo à minha maneira. Amo-a quando ela, como uma menina, faz beicinho e mostra a língua; amo-a quando vejo sua cabeça jogada para trás e seu rosto sério e assustado, infantil e apaixonado, amo-a quando...

“Hoje, quando acordei, ela estava chorando e beijando minhas mãos. ‘O que foi?’ ‘Sonhei que você tinha morrido...’ Amo-a cada vez mais e melhor.”

“Há poucos dias em que nossa felicidade é terrível. Vem a morte e tudo acaba. Será que acaba? Meu Deus! Ficamos rezando.”

E no dia 8 de fevereiro, finalmente, aparece a anotação que coloca tudo em seu lugar: “Ela não sabe e não vai entender como me transforma. Incomparavelmente mais do que eu a ela, mas inconscientemente. Conscientemente, tanto eu como ela somos impotentes”.

É interessante que, pouco antes dessa anotação, no diário da própria Sófia Andrêievna foi feita esta outra: “Às vezes, tenho uma vontade terrível

de me livrar da influência dele, um pouco pesada... Pesada porque eu penso com os pensamentos dele, vejo com os olhos dele, fico tensa; não vou me tornar ele, vou é perder a mim mesma”.

Eis tudo.

AS INCISÕES

Acontece que nenhuma felicidade conjugal pode ser completa sem brigas, ciúmes e reconciliações. Tolstói e Sófia Andréievna eram ambos ciumentos. Ele teve ciúmes de Sônia com um jovem professor, e ela tinha sérios ciúmes dele não só com Aksínia, mas... com sua própria irmã caçula.

Tânia Bers ia para a fazenda constantemente e se divertia com a caça, acompanhando Tolstói. As duas irmãs se amavam infinitamente. Mas Sônia escreveu em seu diário: “Tânia se intromete demais em nossa vida”. Era de se esperar... A caçula, de amazona colante, graciosa e sensual, cavalgava com seu marido pelos campos e florestas, enquanto ela, grávida e entediada, ficava em casa. Tânia tornava-se uma espécie de “modelo” para Tolstói. Seria literalmente a partir dela que ele pintaria a Natacha de *Guerra e paz*. E Sônia teria de copiar isso muitas vezes. Tânia tinha namoros infelizes um atrás do outro: com o primo Anatol Chostak (Anatol Kuráguin, no romance), com Serguei Nikoláievitch, irmão de Tolstói, por causa do qual ela se envenenaria e por pouco não morreria. E Sônia tinha seus “casos” – o seio sangrava, as crianças tinham diarreia, o cozinheiro entregava-se à bebedeira e ela mesma, grávida, tinha de assar o ganso... Mas era Tánietchka a “infeliz”, enquanto Sônia era “feliz”. Não era justo!

Recordava Sófia Andréievna:

Lembro-me de como um dia, no verão, todo mundo ia passear. Selaram os cavalos e atrelaram seges e cabriolé; estavam Olga Isslénieva, Tânia e outras visitas. Saí na soleira e fiquei esperando timidamente a ordem de Lev Nikoláievitch sobre o carro em que eu iria, pois era ele quem

comandava tudo. Quando todos se acomodaram, Lev Nikoláievitch, sem me perguntar de minha vontade, dirigiu-se a mim e disse: “Você fica em casa, naturalmente, não é?”. Vi que não havia mais lugar e, mal segurando as lágrimas, não respondi. Mas, logo que todos partiram, comecei a chorar tão amargamente como choram as crianças. Fiquei chorando longamente e até hoje não esqueci essas lágrimas, embora desde então já tenham se passado mais de quarenta anos.

“*Nunca se pode permitir a ninguém chegar perto da vida íntima de um casal – nem aos homens, nem às mulheres. Isso é perigoso sempre*”, escreveria Sófia Andrêievna quarenta anos depois.

Mas não foi o ciúme de Tânia nem o de Aksínia a causa das incisões na vida do casal. O marido, às vezes, começava a se mexer dentro de si, como que sentindo um aperto, uma falta de liberdade externa e interna. Mas que liberdade a mais ele poderia desejar? Queria se ocupar com a escola, ocupava-se, e então cansou – largou. Entusiasmou-se com apicultura – passava dias inteiros no colmeal, e a esposa docilmente lhe levava o almoço. Quis ter uma raça especial de porcos japoneses e uma espécie diferente de macieira – mandou trazer. Os porcos todos acabaram morrendo, mas as macieiras, em compensação, arraigaram-se bem. Na primavera, quase todos os dias caçava as galinholas do mato e, no outono e no inverno, saía com os galgos para caçar raposas e lebres. O trabalho literário começava a render sensivelmente. Dos direitos autorais sobre o romance *Guerra e paz*, deu dez mil rublos para os dotes de suas sobrinhas Liza e Vária. E a esposa entendeu o gesto e o aprovou.

Porém...

“Todas as condições para minha felicidade coincidiram. Uma coisa, porém, me fazia falta frequentemente (durante todo esse tempo) – a consciência de que havia feito tudo o que devia para poder gozar

plenamente daquilo que me fora dado e, com meu trabalho, recompensar os outros por aquilo que eles me deram”.

Na primavera de 1863, Tolstói começou a escrever *Kholstomer*, uma surpreendente história “humana” sobre um cavalo alquebrado que se entrega por inteiro, até o último osso, o último pedaço de pele, aos *outros*.

No auge de sua felicidade, quando todas as condições coincidiram, ele, de repente, começou uma novela que representa a apoteose do ascetismo russo, que pode ser comparada apenas com *O esqueleto vivo*, de Turguênev. Para quê?

Cavalo castrado, como se chamava a novela na época, “não estava indo”, mas *Os cossacos* estava. *Guerra e paz* estava indo. E *Anna Karênina* iria também, e como!

Parecia que ele não dava muita importância a seu segundo romance. E estranhava o porquê de ele ter despertado no público interesse tão grande. Mas é claro o porquê. Porque as pessoas do mundo inteiro querem a *felicidade*, e não o sofrimento. E por essa felicidade – até se jogam debaixo do trem.

Mas alguma coisa nessa felicidade começava a irritar Tolstói. “Onde estou eu? Eu, do qual eu mesmo gostava e o qual eu conhecia; eu, o qual, às vezes, expunha-me por inteiro e alegrava e assustava a mim mesmo? Sou pequeno e insignificante. E sou assim desde que me casei com a mulher que amo.” Isso foi escrito menos de um ano depois do casamento.

De repente, no apogeu de sua felicidade, Tolstói escreveu o diálogo entre o príncipe Andrei e Pier Besúkhov. Andrei procura convencer Pier: “Meu amigo, não se case! Não se case enquanto não envelhecer e se tornar inútil e ninguém mais precisar de você”. Konstantin Lévin, em *Anna Karênina*, muito feliz com sua encantadora Kitty, começa a pensar em uma corda resistente e em uma viga segura para debaixo do teto. E, nesse tempo, o próprio criador de Konstantin escondeu de si mesmo as cordas e receava sair sozinho para a caça com fuzil. O que aconteceu?

Não em seus diários, mas em suas cadernetas, nos quais Tolstói escrevia coisas mais variadas, vale a pena reparar nas anotações feitas quando ele se interessava por ciências naturais: “O hidrogênio escapa para cima, isto é, da camada do ar ele tende para a camada de hidrogênio”. O “hidrogênio” é Tolstói. E o “ar” é a família. Por enquanto, ele respira esse ar perfeitamente. Mais do que isso – ele não pode viver sem esse ar. Mas uma força incrível expulsa-o desse ar para outro espaço, e ele não pode resistir a essa força, porque pertence a outra “camada”. Mais interessantes ainda são os comentários de Tolstói sobre a atração natural e a influência de um planeta sobre outro.

A Lua gira em torno da Terra porque isso é mais fácil, e ela é o corpo mais visível entre os que giram em volta da Terra.

A Terra e os outros planetas giram em torno do Sol. I.e., de acordo com sua densidade em relação ao Sol encontram seu caminho numa das órbitas. Sua direção é determinada pela órbita de rotação do Sol, que estabelece contato diretamente com seu espaço e os espaços dos outros planetas.

Esse é o modelo de vida familiar segundo Tolstói. A esposa é a Lua, que gira em torno do marido, a Terra, com os outros satélites menores, os filhos, subordinados à sua órbita que, por sua vez... e assim por diante.

Ciúmes de Aksínia, ciúmes da irmã... Nas recordações tardias, a esposa de Tolstói não concentraria sua atenção nisso. A questão maior seria a questão da alimentação de Serioja, o primogênito. Sófia Andréievna tinha uma dor terrível no seio, faltava-lhe leite e Tolstói até ficava raivoso porque o doutor (um homem estanho!) tinha direito de examinar o seio de sua mulher. Simplesmente um muçulmano qualquer. “Ele saía ou partia, e passava alegremente seu tempo com minha irmã Tânia, sadia e alegre.”

Quanto a deixar de amamentar e contratar uma ama de leite, nem se falava, segundo as convicções de Tolstói. “Estou num desânimo terrível”,

escreveu Sófia Andrêievna depois de dez meses da felicidade conjugal. “Procuro instintivamente um apoio, como o bebê procura meu seio. A dor me dobra a cerviz. Liova me mata.” “A dor aumentou, e eu, feito um caracol, encolhi-me e resolvi aguentar até o extremo.” “É uma monstruosidade não cuidar de seu filho. E quem diz que não é? Mas o que fazer contra uma impossibilidade física?” “Consertar as coisas não está em meu poder. Mas vou cuidar do menino, farei tudo o que posso; é claro que não para Liova, ele deve receber o mal pelo mal que me faz.”

A ama de leite acabou sendo contratada, mas a cisão ficou.

“Uma vez ele me expôs um pensamento muito sábio a respeito de nossas brigas, que eu nunca esquecia e frequentemente passava para outras pessoas. Ele comparou os cônjuges com duas metades de uma folha de papel em branco. Se começar a rasgar ou for cortada de cima e continuar mais um pouco e mais um pouco... as duas metades se separarão de vez.”

ALGO ESTÁ ERRADO...

Sófia Andrêievna tinha seu próprio e feminino ponto de vista sobre as incisões. Tolstói, com sua teimosia masculina, era, às vezes, cruel com a jovem e inexperiente esposa. E, ao mesmo tempo, também não tinha maturidade, era inconsequente e, ainda antes de sua revolução espiritual, várias vezes mudou as regras do jogo.

Ora almejava a “simplicidade”, levava-me de carroça, exigia que a roupinha do primogênito fosse feita de fazenda grosseira. Mais tarde, obrigava-me a dar a palavra de honra que viajaria no vagão da 1ª classe, e não da 2ª classe como eu pretendia. De Moscou, trazia para mim toucas e vestidos de *Mme Minangoy*, a costureira mais cara de Moscou naquela época, e sapatos dourados de *Mr. Pinet*; ora uma babá russa, sempre suja, cuidava das crianças, ora ele mandava trazer outra da Inglaterra...

Quatro anos depois, durante a gravidez consecutiva de Sônia, houve entre eles um conflito que nem ele nem ela poderiam explicar, um conflito “sem sentido e sem piedade”. Escreveu T. A. Kuzmínskaia:

Sônia contou-me que estava em seu quarto, sentada no chão perto da cômoda, mexendo nos saquinhos com retalhos na gaveta de baixo. (Ela estava grávida.) Entrou Lev Nikoláievitch e disse:

“Por que está sentada no chão? Levante-se!”

“Já vou, deixe só eu arrumar as coisas.”

“Eu disse para se levantar já!”, gritou ele e foi para seu escritório.

Sônia não entendeu por que ele ficou tão bravo. Isso a ofendeu, e ela foi atrás dele. Do meu quarto eu estava escutando as vozes irritadas e não entendia nada. De repente, ouvi algo cair no chão, o som de vidro quebrando e o grito:

“Vá embora! Vá embora!”

Abri a porta do escritório. Sônia já não estava lá. Vi no chão os estilhaços da louça e do termômetro que sempre estava na parede do escritório. Lev Nikoláievitch estava no meio do quarto, pálido e com os lábios tremendo. Senti pena dele e medo – eu nunca o tinha visto daquele jeito. Sem dizer uma palavra, corri para o quarto de Sônia. Ela estava lamentável. Parecia uma demente repetindo: “Por quê? O que há com ele?”.

Pouco depois, ela me contou: “Entrei no escritório dele e perguntei: ‘Lióvotchka, o que há com você?’ – ‘Vá embora! Vá embora!’, gritou ele com raiva. Cheguei perto dele, perplexa e com medo. Ele me afastou com a mão, pegou a bandeja com a cafeteira e a xícara e jogou tudo no chão. Eu agarrei sua mão. Ele ficou ainda mais bravo, pegou o termômetro da parede e também o jogou no chão”.

“Esse acontecimento causou o aborto...”, escreveria Sófia Andrêievna em *Minha vida*.

O ano de 1867, no qual se passou tudo isso, foi um ano crítico na vida de Tolstói. Durante todo o inverno, “irritado, agitado e com lágrimas”, ele estava terminando o terceiro volume de *Guerra e paz*, tendo fortes dores de cabeça. Em março, as estufas, construídas pelo avô Volkónski, pegaram fogo. Tolstói mal conseguiu tirar delas os filhos do jardineiro. Também em março morreu Dolly Diákova, esposa de seu melhor amigo. No enterro, em Moscou, receberia a notícia de uma morte absurda, na Itália, de Elizaveta Andrêievna, irmã de A. A. Tolstaia, que se engasgara com um osso. “Há tempos em que você se esquece da existência da morte e há outros, como este ano, em que você fica escondido com seus entes queridos, temendo fazê-la lembrar-se deles e, com pavor, ouve que, ora aqui, ora acolá, ela leva, cruelmente e sem sentido, os melhores, os mais necessários”, escreveu ele a A. A. Tolstaia. Nesse ano, ele mesmo se tornaria morbidamente cismado com a saúde. A suspeita de que tivesse tísica o fez se dirigir ao médico moscovita Zakhárin. Ele aguardou com temor a sentença. Mas foram diagnosticados somente cálculos na vesícula.

Nesse ano, Tolstói viaja frequentemente a Moscou, para tratar de seus assuntos referentes a *Guerra e paz* com a editora, para o enterro, para fazer exames com o médico Zakhárin.

Durante suas ausências, o casal manteve correspondência, trocando cartas diariamente! Nessa correspondência de 1867, há algo muito comovente e... anormal, como em toda a correspondência de Tolstói com a esposa, que terminaria na terrível correspondência surda.

Tenho receio de não poder concluir esta carta amanhã, meu querido Lióvotchka, por isso comecei-a hoje, às 11 horas da noite, quando as crianças já estão dormindo e sinto-me especialmente triste. E amanhã a tia vai mandar Ivan, e eu já não poderei enviá-la mais tarde. Em todo caso, amanhã escreverei se tudo está bem. Mas, por enquanto, as crianças estão bem de saúde, parece que melhoraram de vez, a dor que

tive de manhã já passou e aqui não aconteceu nada de extraordinário. Hoje, com uma atividade incomum, procurei abafar dentro de mim todos os pensamentos sombrios e, quanto mais eu tentava, mais pensamentos tristes me vinham à cabeça. Somente quando fico sentada, copiando, entro sem querer no mundo de seus Deníssov e Nikolas,⁹⁸ e isso para mim é especialmente agradável. Mas copio pouco, sempre falta tempo, não sei por quê.

Amanhã ainda não receberei sua carta que aguardo com impaciência doentia. Pense só: não sei de nada, além do conteúdo lacônico do telegrama, e minha imaginação me tortura. Sabe, o dia inteiro ando feito uma louca, não consigo comer nem dormir e só imagino, assim como Tânia e Diákov, aquilo que aconteceu com Dolly. É triste e dá medo. E o principal: você não está aqui, e eu não paro de pensar no que pode acontecer a você. Volte logo.

As respostas de Tolstói exprimem não menos ternura e preocupação, só que talvez tenham mais sensualidade e paixão.

Estou sozinho no quarto de cima.⁹⁹ Acabo de ler sua carta e não posso descrever toda a ternura, ternura até as lágrimas, que sinto por você. E não só agora, mas a cada instante do dia. Minha querida, a melhor do mundo! Pelo amor de Deus, não pare de me escrever todos os dias, até sábado... Sem você, não é que me sinta triste e com medo, embora isso também aconteça, mas o principal – estou morto, e não vivo. E amo você demais em sua ausência.

Aliás, Sófia Andréievna não gostava muito justamente dessa paixão ardorosa do marido. “Embora passe pela minha cabeça que as causas de sua grande ternura sejam causas de que não gosto, em seguida penso que é melhor não estragar minha felicidade, consolo-me e digo a mim mesma: sejam quais forem as causas, graças a Deus, ele me ama”, escreveu ela.

O resultado dessa paixão foram os filhos, um atrás do outro. Sófia Andrêievna amava as crianças infinitamente, e seu principal talento revelava-se nos cuidados e na educação delas. Mas o constante estado de gravidez, quase sem intervalos, começava a esgotá-la. E, além disso, ela percebia que o marido não se diferenciava da maioria dos homens comuns: ele amava uma mulher sadia, e não uma doente.

“Dos treze filhos que ela deu à luz”, escreveu Iliá Lvóvitch, filho dos Tolstói, “onze ela amamentou com o próprio peito. Dos primeiros trinta anos de casada, ela esteve grávida durante 117 meses, i. e., durante dez anos, e amamentou por onze anos...”

Mas o que sobretudo indignava Sófia Andrêievna era que o marido, tendo o temperamento masculino ardoroso até idade avançada (o último filho nasceu em março de 1888, pouco antes de seu sexagésimo aniversário), referia-se negativamente às relações sexuais, considerando-as pecaminosas e indignas de criaturas espiritualizadas. É surpreendente, mas essa atitude dele não mudou desde os tempos em que sofria do “instinto de gananhão” em relação às prostitutas e camponesas. “Mas o que fazer?”, dizia ele para a esposa nesses casos, dando a entender que, se ele não tinha domínio sobre esse “instinto de gananhão” em relação a ela, não significava que ele estivesse prestes a justificá-lo. Suas anotações no diário “*dormi criminosamente*” literalmente faziam Sófia Andrêievna explodir, pois insinuavam que ela não só era cúmplice desse crime, como também seu principal motivo provocador. E o mais importante (o mais importante!): deixava-a fora de si o fato de que seu marido não visse diferença entre ela e as mulheres que existiram em sua vida antes dela.

A única justificativa para a relação sexual Tolstói considerava o nascimento de filhos. “A relação entre o marido e a mulher”, escreveu ele na caderneta, “não se baseia no contrato nem na união carnal. Na união carnal, há algo terrível e sacrílego. Ela deixa de ser sacrílega quando dá fruto. E, mesmo assim, ela é terrível, tão terrível como um cadáver. Ela é

um mistério”. E ali mesmo ele escreveu sobre a inseparável ligação mortal entre marido e mulher, apontando que são muito raros os casos de morte simultânea de irmão e irmã, e dos cônjuges velhos – quanto quiser. E nisso há que se sentir a sutileza da atitude de Tolstói para com a relação sexual. Ela não é somente um pecado, mas um mistério, assim como a morte. A morte sempre enfeitiçou Tolstói. Ele não podia ignorar que o primeiro elo na cadeia nascimento-vida-morte era a relação sexual. Por isso, esta o assustava. Se o resultado da relação sexual não era o fruto, isto é, o nascimento e a vida, essa relação significava “cadáver”.

Essa sutileza do marido em relação ao sexo Sófia Andréievna não entendia. E ela não estava nem aí para isso. Para ela, a relação sexual significava coisas concretas: estado de gravidez penoso, dores do parto, mastite, noites sem dormir, frieza do marido quando estava doente e ciúmes dele com relação a mulheres jovens e sadias, como sua irmã... “Reconheço que, naquele tempo, comecei a piorar, a tornar-me mais egoísta que antes. Ainda assim, agradeço por Lev Nikoláievitch não ter amado ninguém além de mim. Sua fidelidade rigorosa, impecável, e sua inocência em relação a outras mulheres foram surpreendentes. Mas isso já é da índole dos Tolstói...”

Durante certo tempo, Sófia Andréievna sentia até onde conseguia entender o marido, e além desse limite ela não precisava quebrar a cabeça, ocupando-se apenas com aquilo que Deus lhe destinara: a vida interna da família e os filhos.

Contudo, em sua situação havia também uma sutileza. Pois Tolstói não era um físico ou um astrônomo. Não era nem um “literato” no sentido comum, que simplesmente ganhava o pão de cada dia com o trabalho criativo. Tolstói era o *criador da vida*. Daquela mesma vida que livre e organicamente passava da vida de Iássnaia Poliana para *Guerra e paz* e *Anna Karênina*, e vice-versa. E ela era participante desse processo criativo, e ele mesmo insistia nisso, dando ao casamento o sentido não apenas

pragmático, mas ideal, criativo. Como ela poderia determinar aquele limite, no qual terminavam seus poderes e além do qual começava o espaço exclusivamente dele?

Enquanto esse espaço limitava-se ao escritório do marido, tudo estava mais ou menos claro. O escritório de *papá* era um santuário, e as horas em que Tolstói estava escrevendo ou lendo eram as horas mais importantes, para as quais, no fundo, existia Iássnaia Poliana. Esse desejo de Tolstói ela entendia e explicava e inculcava nos filhos.

Incomodar *papá* nas horas de trabalho era impensável! Era impensável entrar nessa hora em seu escritório, atravessar a fronteira desse “espaço”. Mas, mesmo quando Tolstói deixava o escritório, o processo criativo não parava. Ele não se tornava o marido e o pai comuns. Ele permanecia no “espaço”, mas um espaço que entrava em interação com os “espaços” dos familiares. E como podiam ser encontradas essas fronteiras?

Escreveu Sônia para o marido, quando ele estava de viagem:

Que bom que você deixou textos para eu copiar. Como eu gosto de sua princesa Maria! Parece que a estou vendo. E seu caráter é tão bom, tão simpático. Vou lhe dar minha opinião sobre tudo. A meu ver, o príncipe Andrei ainda não é compreensível. Não dá para saber o que ele é como pessoa. Se é inteligente, como não compreende e não pode explicar a si mesmo o relacionamento com a esposa?

Estou em seu escritório e choro. Choro pela minha felicidade, por você, por não ter você a meu lado...

Há algum tempo, seu romance eleva minha moral. Logo que me sento para copiar, estou sendo levada para um mundo poético e me parece até que não é seu romance que é muito bom... mas eu que sou muito inteligente.

Lióvotchka, envio para você... um pequeno ícone que sempre estive com você e que esteja agora também. Você vai ficar surpreso com isso,

mas será muito agradável para mim se você o aceitar e guardar.

A atitude confusa do príncipe Andrei para com a esposa e o ícone pequeno que a princesa Maria convenceu-o a levar consigo para agradá-la – tudo isso passava da vida de Iássnaia Poliana para *Guerra e paz* e voltava do romance para a realidade. Era um sistema de vasos sanguíneos, e não a delimitação rigorosa entre espaços.

Sófia Andréievna era despótica em seu amor ao marido. Esse despotismo era a continuação de sua virtude principal – a abnegação. Ela foi educada assim pelo pai e pela mãe, e ainda não se sabe se por alguém mais.

Ela também tinha suas sutilezas na compreensão do relacionamento entre marido e mulher, as quais desde a infância inculcaram-lhe os pais, mas que no sistema ideal do paraíso de Iássnaia Poliana não funcionavam.

Ela escreveu em seu diário:

Às vezes fico com raiva: é melhor que não me ame, não precisa, já que não sabe me amar! E com raiva de mim mesma: por que o amo tanto, amo com humilhação e dor? Frequentemente, *mamá* gaba-se de que *papá* a ama muito e há tanto tempo. Não é porque ela soube amarrá-lo, é ele que sabe amar. É uma capacidade especial. O que se faz para amarrar um homem? Não há meios para isso. Ensinavam-me que era preciso ser honesta, era preciso amar, ser boa esposa e mãe. Isso está escrito até nas cartilhas e é tudo tolice. O que é preciso não é amar, mas ser esperta, inteligente, e saber esconder o que há de ruim em seu caráter, porque não houve nem haverá pessoas sem nada de ruim. E o principal é que não é preciso amar. O que eu fiz amando tão fortemente? E o que meu amor pode fazer agora? Somente dor e humilhação a mim mesma. E para ele isso parece uma grande tolice.

É do diário daquele mesmo ano de 1867, que está como que impregnado de pressentimentos de uma catástrofe. Mas parece que somente para Sófia Andrêievna. Tolstói estava absorto em *Guerra e paz* e em sua doença. Consultava-se com Zakhárin e media com passos o campo Borodínskoie, convicto de que escrevera uma cena de batalha com a qual não sonhara nem Stendhal, para ele a maior autoridade em descrições de batalhas. Mas Sófia Andrêievna “sentia” algo o tempo todo.

Algo estava errado... Algo estava errado...

COLATERAIS

Surpreendente! Sónietchka Bers destruiu os diários pelo visto mais inocentes de sua mocidade, mas Tolstói não só a obrigou a mostrá-los, como também a ler os dele próprio, que estavam longe de ser inocentes. Para quê?

Uma explicação clara desse ato nós não encontramos nem nos diários nem em *Anna Karênina*, em que Konstantin Lévin faz o mesmo. Mas alguns motivos estão na superfície.

Em primeiro lugar, Tolstói não estava seguro de que, assim como era, ele pudesse ser digno de sua noiva; queria que ela soubesse que ele não era digno dela e que assim ela fizesse sua escolha conscientemente, e não às cegas. Esse motivo era nobre.

Em segundo lugar, pretendendo levar a mulher e futura mãe de seus filhos para Iássnaia Poliana, ele sabia que, inevitavelmente, cruzaria com Aksínia e o filho bastardo. Era melhor fazer a incisão do abscesso antes do casamento do que traumatizar a jovem esposa que, provavelmente, já estaria grávida antes da “boa notícia”. Um motivo não dos mais nobres, porém também não dos piores. Mas para que era preciso mostrar os diários?

Tolstói agiu contra as regras. Era um ato “selvagem”, que deixara pasmos tanto Sónietchka como seus pais. Mas os pais atribuíram isso às

estranhezas do noivo: de algumas delas eles já tinham conhecimento. Mas Sónietchka teria de conviver para sempre com essa “verdade”.

“... tudo o que era impuro que eu li nos diários anteriores de Lev Nikoláievitch *nunca se apagou de meu coração e tornou-se um sofrimento para toda a minha vida*”, escreveu Sófia Andréievna em *Minha vida*.

Queixa-se ela em seu diário no primeiro ano de casada:

Todo o passado de meu marido é terrível para mim, e creio que nunca vou me conformar com ele. Será que haverá outros objetivos na vida, filhos que eu tanto desejo, para que eu tenha um futuro íntegro e veja nos meus filhos a pureza, sem o passado, sem as nojeiras, sem nada daquilo que vejo em meu marido com tanta amargura? Ele não entende que seu passado é uma vida inteira com milhares de sentimentos bons e ruins que já não podem pertencer a mim, assim como não vai pertencer a mim sua juventude desperdiçada, Deus sabe para quem e para quê...

Quando Tolstói mostrou a Sónietchka seu diário, pensava que estava testando a resistência dos sentimentos dela e mostrando-lhe as “minas” que poderiam surgir pelo caminho em Iássnaia Poliana. Na realidade, porém, ele estava colocando sob sua futura vida familiar uma dinamite daquelas!

Todos os defeitos de Sónietchka provinham de suas virtudes, e vice-versa. A abnegação na vida familiar estava lado a lado com o despotismo, e o amor devoto ao marido, com o ciúme cego. Com seus diários, Tolstói despertou o lado oculto de sua própria natureza e a fez sofrer não só de ciúmes, mas da consciência de sua impotência perante esse lado oculto da personalidade do marido. Se isso foi uma lição de moral, esta foi muito cruel.

É claro que, mais do que qualquer outra coisa, as palavras referentes à Aksínia como *a esposa* a feriram. “Apaixonado como nunca!” Sófia Andréievna sempre deu importância às palavras do marido, escritas ou ditas

isoladamente. Sônia se agarrava a elas, inflava-as com um sentido complementar, inteligível apenas para si própria. Isso foi sua doença.

Escreveu ela em seu diário três meses após o casamento, ao ver Aksínia em sua casa:

“Parece-me que um dia vou dar um tiro na cabeça de tanto ciúme. “Apaixonado como nunca! E é uma simples camponesa, gorda, branquela, que horror! Com que prazer eu olhava o punhal, os fuzis. Um tiro – é fácil. Enquanto não tenho filhos. E ela aqui, a alguns passos. Fico feito louca... Poderia matá-lo também e depois criar um outro, igual a ele, e faria isso com prazer.”

Ao tornar seus diários de juventude transparentes para a esposa, Tolstói cometeu mais um erro, o qual, sem dúvida, lamentaria amargamente na velhice. Ele deu a ela de presente o direito de considerar-se “vítima”. Ao despertar nela um lado obscuro, o ciúme, ele lhe deu a base para seu despotismo conjugal, porque não há nada mais despótico que o amor sacrificial. Esse sentimento de “vítima” ela cultivava dentro de si desde o começo de sua vida junto a ele. Os diários ecoariam para Tolstói durante todos os 48 anos de sua vida conjugal. Esse “esqueleto no armário”, aos poucos, ganharia carne, beberia sangue e estaria presente na hora dos conflitos mais graves.

Tudo isso em troca de quê?

Desde o início, a vida conjugal dos Tolstói adquiriu um estranho caráter colateral. O diário (no fundo, simplesmente palavras escritas) começa, de repente, a desempenhar o papel central de um *terceiro* na vida deles. Ambos fazem diários, um competindo com o outro em franqueza. Mas o mais importante é que cada um não só permite ao outro o acesso a seu diário como faz disso um elemento de princípio da plenitude de sua felicidade conjugal. Nada de segredos!

O que eles liam nesses diários?

Ele:

“Detesto-o com esse seu povo.”

“Para ele, o lado físico do amor tem a maior importância. Isso é horrível! Para mim, não tem nenhuma. Pelo contrário...”

“Ele é mau, porque não sente nem mesmo a piedade que qualquer pessoa que não seja assim tão má sente por um sofredor.”

“Não há amor, não há vida...”

“O bom tempo voltará, e voltará a saúde, e teremos ordem e alegria em casa, teremos filhos e prazer físico – que nojo...”

“Faço o sacrifício pelo filho...”

“Mas ele não vai ter mais filhos...”

“Ninguém se preocupa comigo. Para mim, não existe nem dia, nem tarde, nem noite. Eu sou a satisfação, sou a babá, sou a mobília familiar, sou a *mulher*”.

Ela:

“Não consigo trabalhar. Hoje tivemos uma briga. Senti-me triste porque nossa família é igualzinha às outras. Disse isso a ela, ela ofendeu meu sentimento por ela, eu chorei...”

“Fica penoso para mim esse ócio. Perco o respeito por mim... Aborreço-me com minha vida e até com ela. *É preciso trabalhar...*”

“Estive muito descontente com ela, comparei-a com outras, por pouco não me arrependi, mas sabia que passaria, que era temporário, esperei e passou...”

“Tânia – sensualidade...”

“De manhã – o vestido. Ela me provocou para que eu dissesse que era contra. E eu era contra e disse isso. Lágrimas, explicações vulgares... Disfarçamos de qualquer jeito. Nesses casos, sempre fico descontente comigo, principalmente com os beijos que são um emplastro falso... Na hora do almoço, o emplastro caiu. Lágrimas, ataque de histeria...”

“Seu caráter está piorando a cada dia... Li seu diário: por trás das palavras de ternura, respira a raiva que ela guarda de mim...”

“De manhã, volto feliz¹⁰⁰ e vejo *a condessa* irada e a *rapariga Duchka* penteando seus cabelinhos... e eu, feito gato escaldado, com *medo* de tudo... Sinto-me bem e poético apenas lá onde estou sozinho.”

“Já é uma da madrugada, e eu não posso dormir, muito menos ir dormir em seu quarto com o sentimento que me oprime; e ela geme quando a ouvem, mas agora ronca tranquilamente.”

Os comentários de Tolstói no diário da esposa, ora gracejos, ora arrependimento, não deixam dúvidas de que ele o leu atentamente. E ele já não tinha mais direito nenhum de esconder seu diário depois de ter imposto a ela seu passado. Fazendo desse passado uma carga torturante para a esposa, ele abriu a porta do esconderijo de sua alma e já não ousava mais fechá-la.

Um dos símbolos de Sófia Andrêievna como patroa era, além da touca, seu pesado molho de chaves da casa toda e suas dependências. Ela carregava esse molho na cintura, na barriga, mesmo quando grávida. Mas, para entrar nos recantos da alma do marido, ela não precisou da chave. Estava tudo aberto.

Mas seria possível continuar assim a vida toda? Para que duas pessoas adultas, que almoçavam na mesma mesa e dormiam na mesma cama, mantinham essa “correspondência” esquisita, ambígua?

Sófia Andrêievna adorou esse jogo, ou pelo menos tomou gosto por ele e sempre exigia do marido a máxima franqueza. Mas a ausência de qualquer segredo entre eles começou a irritar Tolstói. No verão de 1863, ele exclama em seu diário: “Tudo o que está escrito nesse caderno é falso, é quase mentira! A ideia de que ela está aqui, lendo por trás de meu ombro, rebaixa e estraga minha verdade”.

No final das contas, os diários, que pela ideia inicial de Tolstói deveriam unir os cônjuges num único e inseparável corpo espiritual, foram uma das principais causas do conflito conjugal, que terminaria na catástrofe de 1910.

“A VIDA QUEBROU-SE”

Assim se chama um dos capítulos das memórias de Sófia Andréievna. Um acontecimento que influenciou seriamente o relacionamento do casal ainda antes da revolução espiritual de Tolstói e causou não a primeira cisão, mas uma fratura na vida conjugal, foi o nascimento, no dia 12 de agosto de 1871, da segunda filha e quinta criança – Maria . Posteriormente, ela seria a primeira dos filhos a tomar o partido do pai no conflito com a mãe, marcando com isso a cisão entre os filhos de Tolstói. Falecida ainda jovem, Maria, em muitos aspectos, era uma criatura muito incomum, um tanto angelical, assim como o último filho – Vánietchka. E ela era a filha mais querida de Tolstói. Depois do nascimento de Maria, Sófia Andréievna teve febre puerperal e por pouco não morreu. Os médicos recomendaram-lhe não ter mais filhos. Mas Tolstói não imaginava a vida familiar sem o nascimento de filhos. Depois de Macha, sua mulher deu à luz mais oito filhos, dos quais os três primeiros – Piotr (1872), Nikolai (1873) e Vária (1875) – morreram, sendo ainda crianças de peito. Somente com o nascimento de Andrei, em 1877, e depois de Mikhail, em 1879, a família Tolstói começaria a recobrar as forças. Mas Aleksei, nascido em 1881, morreu com a idade de cinco anos, e Vánietchka, nascido em 1888, deixou este mundo quando tinha apenas sete anos. Já Aleksandra, nascida em 1884 e concebida contra a vontade da mãe, tornou-se a mais longeva da família de Tolstói – Aleksandra Lvovna viveu noventa e cinco anos.

Na força procriadora de Tolstói havia algo bíblico. Cada criança não se parecia nem com a anterior nem com a seguinte. Cada uma tinha um caráter

incomparável e qualidades pessoais bem manifestas. Todos eram talentosos e versáteis.

Em 1871, não no diário, mas em seu caderno, em que censura as ciências naturais por identificá-las com o mistério da procriação, conservou-se a anotação: “As ciências naturais – a procura do que existe em comum entre a vida do mundo externo e a vida do homem. Já que o homem nasce do óvulo fecundado, vamos procurar o óvulo no pólipó e a fecundação na samambaia...”

A procriação para Tolstói era um mistério que não podia ser regido. Mas, para Sófia Andréievna, esse mistério significava coisas mais concretas. Eis a anotação em seu diário, em 1870:

“Hoje é o quarto dia desde que desmamei Lióvuchka.¹⁰¹ Tenho pena dele mais do que tive dos outros. Eu o abençoava e me despedia dele, chorava e rezava. Essa primeira separação de seu filho é muito dolorosa. Eu devo estar grávida novamente”.

No começo dos anos 1870, a intensa vida mental de Tolstói continuava.

Voltara o interesse pela pedagogia, ele fez a *Cartilha* para crianças e Sófia Andréievna copiava o livro. Estudou grego para poder ler Homero e Xenofonte no original. Procurava material para um romance sobre Pedro I. Em 1873, começou a escrever *Anna Karênina*. Nesse mesmo período, fez duas viagens para as estepes de Samara e se tratou com leite de égua.

A vida conjugal entrara nos eixos, embora não existisse mais aquela “felicidade incrível”. Na vida conjugal, já apareciam todas as fendas pelas quais ela continuaria a rachar futuramente. Era necessário apenas um empurrão de fora para que essa cisão começasse.

E esse empurrão foi a mudança da família para Moscou.

Em 1871, quando surgiu a rachadura, Iássnaia Poliana foi abandonada por seu anjo e, ao mesmo tempo, demônio Tánietchka Bers, que da primavera ao outono ficara hospedada na casa da irmã. Após o aflitivo e

malsucedido caso com Serguei Nikoláievitch, irmão de Tolstói, ela acabou casando-se com o primo Kuzmínski e indo ao Cáucaso, para onde ele havia sido transferido. Isso foi um grande desgosto para Sófia Andrêievna. A irmã era sua única confidente nos assuntos familiares, e Sófia Andrêievna confiava a ela todas as suas alegrias e tristezas no relacionamento com o marido. Com a partida de Tânia, romperam-se os laços vivos e constantes com sua antiga família Bers. Agora ela era somente a condessa Tolstaia...

Nessa mesma época, Tolstói pensava em fazer uma viagem a Óptina. Mas ela não aconteceu. Aconteceria seis anos depois. Mas, passados muitos anos, contando isso a Pável Biriukov, seu primeiro biógrafo, Tolstói confundiria as datas, 1871 e 1877, e lhe diria que sua primeira viagem a Óptina acontecera em 1871, e que ele fora se aconselhar com o ancião Amvróssio sobre seus problemas conjugais.

-
- 86** K. I. Tchukóvski (1882-1969), escritor, crítico literário, doutor em filologia e autor russo de poemas cômicos para crianças, artigos, memórias e diários. (N. da T.)
- 87** Em russo, “Tempos Novos”. Um dos maiores jornais editados em Petersburgo, de 1868 a 1917. (N. da T.)
- 88** Qualquer cereal cozido, como trigo-sarraceno, painço descortiçado, semolina etc. (N. da T.)
- 89** Diminutivo de Kiril. (N. da T.)
- 90** Diminutivo de Vassíli. Tolstói refere-se a Vassíli Stepánovitch Perfíliev (1826-1890), governador-geral de Moscou e chegado do escritor. (N. da T.)
- 91** I. A. Gontcharov (1812-1891), escritor russo. (N. da T.)
- 92** Governanta dos Bers. (N. A.)
- 93** O mesmo que Mikhail, cujo diminutivo é Micha, usado também como diminutivo e forma carinhosa para “urso” (em russo, *medved*). (N. da T.)
- 94** O itálico é meu. (N. do A.)
- 95** Em russo, “Pote”. (N. da T.)
- 96** Sónietchka. (N. do A.)

- 97** A. I. Herzen (1812-1870), revolucionário, escritor e filósofo russo. (N. da T.)
- 98** Heróis de *Guerra e paz*. (N. do A.)
- 99** Do apartamento dos Bers. (N. do A.)
- 100** Depois do passeio. (N. do A.)
- 101** Lev, o quarto filho dos Tolstói. (N. A.)

Um novo russo

Aliocha Serguêienko, o jovem secretário de Tchertkov, que chegou a Óptina em 29 de outubro, um dia depois da partida de Tolstói de Iássnaia Poliana, foi colocado por Tolstói à mesa para anotar sua resposta a Kornei Tchukóvski sobre o problema da pena de morte. Durante esse trabalho, Serguêienko viu no canto oposto da mesa um papelzinho no qual havia algo escrito em letras graúdas e com a letra de Tolstói. Ele tinha muita vontade de espiar o que era exatamente, mas não tinha jeito.

Ao terminar de ditar, Lev Nikoláievitch foi até a mesa do lavabo, na qual havia uma bacia grande e uma jarra, ambas de faiança. Ele despejou a água da jarra para a bacia e começou a ensaboar as mãos. De repente, exclamou:

“Ah, que pena!”

“Pena de quê, Lev Nikoláievitch?”

“Esqueci a escovinha para as unhas...”

“Vou tentar arranjar uma para o senhor.”

“Não, não é preciso, eu anoto tudo o que quero para me trazerem de casa...”

O estado moral torturante para Tolstói depois de sua partida procedia do extremo receio de incomodar alguém com sua pessoa, e ele só se

preocupava com isso. E, quanto mais ele procurava não incomodar os outros, mais problemas criava para eles.

Quando saiu para passear, Serguêienko puxou o papelzinho para si e leu: “Sabonete, escovinha para unhas, caderno”.

Se, em lugar de “caderno”, nessa lista constasse “bisturi”, não haveria dúvida de que era um pedido de um cirurgião praticante, que temporariamente ausentara-se de sua casa. Mas o pedido era do escritor, para qual o sabonete e a escovinha para unhas eram não menos importantes, porque o instrumento principal de um escritor são as mãos, que devem ser mantidas perfeitamente limpas. Isso sem falar que, em geral, Tolstói cuidava de modo extraordinário de sua higiene.

Na carta a Sacha, que ela não recebeu porque já estava a caminho de Chamórdino, Tolstói pediu-lhe para enviar ou levar a “coisinha para carregar a tinta” (a tinta ele não havia esquecido), e ainda a “tesourinha pequena, uns lápis e o roupão”. Aliás, o sabonete que ele queria deveria ser “vegetariano”, sem gordura animal. E, na lista que Serguêienko viu, foram anotados depois “café e esponja”. Na carta a Sacha, ele pedia também que lhe mandassem livros de Montaigne e de Nikoláiev¹⁰² e o segundo volume de *Os irmãos Karamázov*. Partindo de madrugada, não havia levado os livros necessários e já no primeiro trem sentira muito a falta deles. Especialmente *Círculo de leitura* e *Para o dia a dia*, nos quais reunia obras e ideias de pensadores e de escritores, grandes ou não, considerando essa sua ocupação mais importante nos últimos anos de vida. Algumas dessas coletâneas ele encontraria na pequena biblioteca da irmã, em Chamórdino, e, feliz da vida, as “roubaria” imediatamente, com o consentimento de Maria Nikoláievna.

De tudo isso – livros, sabonete, escovinha, “coisinha” para tinta, tesourinha, caderno, roupão – Tolstói precisou nos primeiros dois dias após a partida. A falta dessas coisas estragava seu humor, penoso já sem isso, por mais que ele tentasse convencer a si mesmo e aos presentes de que estava se

sentido “bem” e “à vontade”. Sim, no diário e na carta a Sacha ele escreveu que a viagem no trem com o povo simples foi para ele “agradável” e “edificante”. Mas, quando surgiu a perspectiva de viajar outra vez no mesmo trem e no mesmo vagão de terceira classe (e nesse trem simplesmente não havia outro vagão), Tolstói ficou muito assustado. Makovítski anotou isso...

E havia muitos pormenores desse gênero... Na realidade, toda a viagem de Iássnaia Poliana a Astápovo consistia em “trocas de carros nas estações postais”¹⁰³ e baldeações nas estações de trem. Por exemplo, onde e com que se alimentar? Não era possível comer sempre nos bares das estações! Em Iássnaia Poliana existia um *menu* especial e bastante variado para o vegetariano que tinha problemas com o fígado e o intestino. Esse cardápio era resultado de longas pesquisas de Sófia Andrêievna, que, em geral, distinguia-se pelo rigor extraordinário na elaboração do cardápio caseiro e tinha seus segredos, como acrescentar às escondidas algumas colheradas de caldo de carne na sopa de cogumelos. Surgiam muitos problemas com a couve-flor e a couve-de-bruxelas, e com o pudim de frutas, que Tolstói adorava, e com outras coisas mais, das quais não falaremos agora, para não provocar as pessoas que consideram que o Tolstói tardio levava uma vida “de fidalgo”. Não, ele não levava uma vida “de fidalgo”, mas sim de asceta, que, com uma atenção enorme, cuidava do precioso vaso em que transportava a alma imortal de uma eternidade para outra – seu corpo. Era ascetismo de um tipo especial, sem correntes nem piolhos.

Mas o que fazer com um vaso precioso nos péssimos trens e hotéis da Rússia e nos caminhos esburacados por causa da eterna falta de estradas no país?

“O caminho era horroroso, sujo e irregular, os cocheiros saíram dele para a esquerda, seguiram pelos prados de Kozelsk, várias vezes tivemos de atravessar valas. Havia luar. Os cavalos iam a passo. Num certo lugar, o

cocheiro açoitou-os e eles arrancaram, o chacoalhão foi terrível. L. N. gemeu”, descreveu Makovítski o caminho de Kozelsk a Óptina.

Sacha e Feokrítova chegaram a Chamórdino levando consigo aveia, cogumelos secos, ovos e um fogareiro a álcool. Em Óptina, em Chamórdino e, depois, no trem, Tolstói, antes de dormir, comia bem e fartamente, à maneira dos velhos. Isso foi notado por todos que estiveram com ele. Provavelmente, havia uma explicação fisiológica para isso; estado de nervos, fraqueza ou talvez seu organismo estivesse simplesmente se preparando para uma morte difícil?

Tudo isso caiu nas costas de Makovítski e, depois, nas de Sacha e de Feokrítova. E quando, do mosteiro de Óptina, Tolstói escreveu a Sacha: “Duchan faz de tudo, enquanto eu, fisicamente, estou ótimo” – ele tinha em vista apenas que apreciava muito os esforços de seu companheiro e sofria por dar-lhe tanto trabalho.

Mas havia uma pessoa a quem ele não tinha receio de incomodar, pois para ela esse tipo de trabalho era até agradável. Era sua irmã Máchenka, a freira Maria Nikoláievna.

Macha e Lióvotchka eram os filhos mais novos da família Tolstói e por isso, desde a primeira infância, estavam sempre juntos. Maria Nikoláievna era apenas um ano e meio mais nova que Tolstói. A correspondência entre eles abrange meio século, e só pelas cartas já se pode ver quanta ternura os irmãos sentiam um pelo outro. Ela tomava parte ativa em seus assuntos amorosos e os ligados a suas obras. Ele era padrinho de sua filha Varvara, sobrinha dele, para a qual deu o dote de dez mil rublos, oriundos dos direitos autorais sobre o romance *Guerra e paz*. Após o namoro malsucedido do irmão com V. Arsênieva, ela tentou arranjar o casamento dele com a princesa Dondukova-Kórsakova. Maria conhecia bem a psicologia do irmão e foi a primeira a detectar nele a síndrome de Podkolióssin.

Ele, por sua vez, sendo o irmão mais velho somente em relação a ela, tinha para com Maria uma preocupação comovente, tomava a peito suas desgraças, como se fossem as dele próprio. Desgraças, ela teve muitas, e sua vida e sua sina pareciam com as de Anna Karênina.

Aos dezesseis anos, casada com o parente Valerian Tolstói, foi morar na propriedade Pokróvskoie, perto da cidade de Tchern, na província de Tula, e teve com ele quatro filhos. Amava abnegadamente o marido e sentiu-se profundamente ofendida quando soube de seus inúmeros casos amorosos até com governantas e babás (nisso, seu destino antecipou o destino de Dolly Oblónskaia de *Anna Karênina*). Sendo orgulhosa e independente, Maria Nikoláievna deixou o marido em 1857. Essa notícia sufocou Tolstói, que nessa época estava em Baden-Baden. Ele largou tudo e voltou voando à Rússia para salvar a irmã. Em Moscou, alugou uma casa, onde se alojou com ela e seus filhos. Mas as desventuras da irmã não acabariam aí. Ela foi com os filhos para o exterior, onde conheceu Hector Victor de Claine, um jovem bonito, porém doente. A amizade dos dois logo se transformaria em paixão. Eles passaram três invernos na Argélia. Em 1863, Maria Nikoláievna teve a filha bastarda Elena. O patronímico Elena recebeu do padrinho, Serguei Nikoláievitch Tolstói, o irmão mais velho de Maria e Lev. Tolstói demonstrou o mais vivo interesse pelo drama da irmã. Ele até se ofereceu para educar a filha dela. Em 1873, quando *Rússki Véstnik* estava publicando os capítulos de *Anna Karênina*, De Claine faleceu, e Maria Nikoláievna pensava seriamente em suicídio. Ainda sem saber como terminaria o romance, ela escreveu ao irmão: “A ideia do suicídio começou a me perseguir; sim, perseguir, e com tanta insistência que isso parece uma doença, uma alienação mental... Meu Deus, se todas as Annas Karêninas soubessem o que as espera, fugiriam de prazeres momentâneos, porque tudo que é *ilegal* jamais trará felicidade...”.

Ao voltar à Rússia com Elena, já uma menina consciente, educada à maneira europeia e falando mal o russo, Maria Nikoláievna, no início, tinha

medo de chamar a menina de filha em público e a apresentava como sua pupila. Os irmãos Serguei e Lev não entendiam a atitude e a chamavam abertamente de sobrinha. Por isso, o relacionamento entre a filha e a mãe não era assim tão simples. Elena deixou a casa da mãe, passou a viver de forma independente e casou-se com Ivan Vassílievitch Denissenko, jurista e funcionário forense em Vorónej e depois em Novotcherkassk. Quando Tolstói fugiu de Chamórdino, dirigiu-se justamente para a casa dos Denissenko.

Depois dos dramas pessoais com Valerian, Tolstói, De Claine e a filha Elena, Maria Nikoláievna alojou-se no mosteiro de Belev, na província de Tula, e de lá, em 1889, escreveu ao irmão:

É claro, o que lhe interessa é minha vida interna, espiritual, e não como me instalei aqui, e quer saber se eu achei o que procurava, isto é, a satisfação moral e a paz de espírito etc. Mas é difícil para mim, em geral, explicar isso, e especialmente a você: pois, se eu lhe disser que não achei (é muito cedo ainda), mas que espero achar o que preciso, eu teria de lhe explicar de que maneira e por que *aqui* e não em outro lugar qualquer. E você não vai concordar com nada disso. Mas você reconhece que é necessária a renúncia a tudo que é vazio, fútil e supérfluo, que é preciso trabalhar sobre si mesmo para corrigir os próprios defeitos, vencer as fraquezas, alcançar a resignação, a serenidade, isto é, a indiferença máxima possível a tudo que pode perturbar a paz de espírito.

Na vida mundana, eu não posso chegar a isso, é muito difícil; tentei me recusar a tudo que me distrai: música, leitura de livros desnecessários, encontros com pessoas desnecessárias, conversas vazias... É preciso ter muita força de vontade para, em meio a tudo isso, arranjar sua vida de tal maneira que nada que perturbe sua paz de espírito lhe toque; eu não posso ser igual a você: sou uma mulher comum. Se eu doar tudo,

precisarei de alguém que me dê arrimo, ou trabalhar, isto é, ganhar o pão de cada dia, o que não posso. O que devo fazer? O que vou sacrificar em nome de Deus? E sem sacrifício, sem trabalho, não há como se salvar. E, a meu ver, o lugar decente, o melhor para nós, mulheres fracas e solitárias, é o lugar em que vivo agora.

Essa confissão da futura freira (ela abandonaria a vida mundana em 1891, alojando-se definitivamente no recém-inaugurado mosteiro de Chamórdino, construído por projeto de seu confessor Amvróssio, ancião do mosteiro de Óptina, numa casinha-cela) é bastante curiosa. Ela mostra o quanto Tolstói e a irmã estavam próximos na compreensão da fé, apesar de toda a diferença dos caminhos da manifestação dela na vida de cada um. Em sua atitude para com a fé, ambos eram práticos. Se a fé é a felicidade, isto é, “a plena satisfação moral e paz de espírito”, então é preciso procurar o caminho mais curto até a felicidade acessível a você, pessoalmente. Para Tolstói, esse caminho estava fora da Igreja, para a irmã, passava pelo mosteiro.

É claro que Maria Nikoláievna, já firmemente seguindo o caminho monástico, preocupava-se com o irmão e sofria por ele. Escreveu ela ao irmão em 1909:

... eu amo muito você, muitíssimo, rezo por você, sinto que boa pessoa você é, melhor que todos os seus Fet, Strákhov e outros. Mas é uma pena que você não seja *ortodoxo*, que não queira se unir a Cristo *sensivelmente*... Ah, se você quisesse se unir a Ele... que *lucidez* e paz em sua alma você sentiria, e muitas outras coisas que você não entende agora seriam claras para você como a luz do dia. Amanhã, se minhas forças permitirem, vou me comungar com a Igreja.

A essas tentativas da irmã de fazê-lo voltar ao seio da ortodoxia, Tolstói respondia em seu diário:

“Sim, a vida monástica tem muitas coisas boas; a principal é que todas as tentações são eliminadas e o tempo é ocupado com orações inofensivas. Isso é maravilhoso, mas por que não ocupar o tempo com o labor, que é próprio do homem, para alimentar a si mesmo e aos outros?”

A teimosia de Tolstói na defesa de seu caminho religioso e sua negação da Igreja levavam a discussões entre ele e a irmã, mas não chegavam nem perto da possibilidade de uma ruptura, nunca. Elas sempre terminavam com um... gracejo. Ambos apreciavam o espírito. Um dia, visitando a irmã em Chamórdino, Tolstói brincou: “Vocês aqui são setecentas freiras bobas sem fazer nada”. Era uma brincadeira nada boa, maldosa. O mosteiro de Chamórdino realmente estava cheio, repleto de moças e mulheres das camadas mais baixas e não desenvolvidas, porque Amvróssio, o organizador do mosteiro, antes de morrer ordenara que fossem recebidas todas que desejassem. Em resposta à brincadeira maldosa, Maria Nikoláievna enviou a Iássnaia Poliana uma almofadinha com a inscrição, bordada por ela mesma: “Uma das setecentas bobas de Chamórdino”. E Tolstói não só apreciou a resposta como ficou envergonhado de suas palavras ditas num repente.

Até hoje essa almofadinha está no dormitório de Tolstói, no museu-fazenda Iássnaia Poliana.

Maria Nikoláievna não era uma freira muito comum. Pelo menos, distinguia-se das outras. Antes de morrer, já depois de ter se tornado asceta, ela delirava em francês. Acostumada a viver de acordo com as próprias vontades, foi difícil para ela se resignar sempre, pedindo permissão ao confessor ou à superiora. Ela tinha saudades do relacionamento com pessoas de sua cultura e lia jornais e livros contemporâneos. Recorda a filha E. V. Obolênskaia:

“Em sua cela, em cada quarto diante dos ícones, e no dormitório diante do caixilho com ícones, as lamparinas estavam acesas. Disso ela

gostava muito. Mas nunca colocava velas na igreja, como faziam as outras, não beijava os ícones, não cantava Te Deum, mas simplesmente rezava em seu lugar, onde havia uma cadeira e um tapetezinho. No início, olhavam para ela com malevolência, alguns até a censuravam, mas depois se acostumaram.

Um dia, eu e minha filha Natacha fomos visitar minha mãe, que estava com malária. A pedido de mamãe, uma freira jovem e muito simpática levou Natacha para passear, mas, quando quis levá-la ao poço santo, dizendo que bastava tomar uma ducha de água santa e sua febre passaria, mamãe disse: “Bem, Natacha, embora a água seja santa, é melhor não tomar ducha”. A freira ficou escandalizada com tais palavras.

Uma vez por ano, no verão, ela ia a Iássnaia Poliana e ficava hospedada durante dois meses. Não havia sido simples obter essa permissão. Fora preciso dirigir uma solicitação ao bispo de Kaluga. Ela esteve em Iássnaia Poliana pela última vez no verão de 1909 e, segundo o testemunho da filha, chorou amargamente antes de partir, dizendo que nunca mais veria o irmão.

No entanto, o súbito aparecimento dele em Chamórdino não foi, para ela, de todo inesperado. Já em sua última visita a Iássnaia Poliana ela vira que, na família do irmão, havia amadurecido um conflito insolúvel, e nesse conflito ela estava do lado do irmão.

O encontro dos dois na casa de Maria Nikoláievna foi comovente.

Ao chegar com Makovítski e Serguêienko a Chamórdino no dia 29 de outubro, já tarde da noite, Tolstói não entrou no quarto da hospedaria onde se alojariam, mas foi imediatamente para a casa da irmã. Essa impetuosidade, depois das caminhadas distraídas perto das ermidas em Óptina, diz muito. Ele estava ansioso por ver a irmã, para desabafar, chorar e ouvir palavras de apoio. Provavelmente, até para justificar o abandono da

família. Era um momento muito delicado. Como freira, a irmã deveria, evidentemente, censurar o irmão por ele se recusar a carregar a própria cruz até o fim. Ela mesma censurava a si própria por ter se separado de Valerian por orgulho e se condenava por uma série de pecados. Porém, não disse uma só palavra de reprovação ao ato de Tolstói e o apoiou plenamente.

Naquele momento, na cela de Maria Nikoláievna, estavam sua filha Elizaveta Valeriánovna Obolênskaia e a irmã da superiora. Ambas se tornaram testemunhas de uma cena melodramática incomum, quando o grande Tolstói, chorando ora no ombro da irmã, ora no da sobrinha, contou o que estava acontecendo em Iássnaia Poliana ultimamente... Como a mulher seguia cada passo dele, como ele escondeu seu diário secreto no cano da bota e, na manhã seguinte, descobriu que este havia desaparecido. Contou que muitas vezes, à noite, Sófia Andrêievna penetrava no escritório geminado com o quarto dele, mexia nos papéis e, quando percebia que ele não estava dormindo, entrava no quarto e fazia de conta que fora perguntar de sua saúde... E, com pavor, recontou o que ficara sabendo por meio de Serguêienko: que ela tentara o suicídio, jogando-se no açude...

À sobrinha, Tolstói pareceu um “velhinho e deplorável”: “Ele estava com um capuz marrom, preso no pescoço, debaixo do qual aparecia uma barbicha encanecida lamentável. A freira que o acompanhara até a cela disse-nos que ele tinha vindo cambaleando”.

Sacha, que chegou no dia seguinte, também achou o aspecto dele lamentável. “Parece-me que *papá* está arrependido de ter deixado o lar”, disse ela à prima Elizaveta Obolênskaia.

Na hospedaria, Tolstói estava mole, sonolento e distraído. Pela primeira vez, chamou Makovítski de Duchan Ivánovitch, em vez de Petróvitch, “o que nunca havia acontecido antes”. Ao examiná-lo e lhe tomar o pulso, o médico chegou à conclusão de que o estado dele lembrava o estado em que ficara antes do último ataque.

E novamente Tolstói andava se perdendo... No dia seguinte, quando saiu do quarto da irmã depois da segunda visita, ele se perdeu no corredor e não conseguia achar a porta de saída. Antes disso, a irmã contara-lhe que, à noite, vinha à sua cela um “inimigo”, que vagava pelo corredor e apalpava as paredes, procurando pela porta. “Eu também me perdi como um inimigo”, brincou Tolstói, com ar sombrio, na visita seguinte. Posteriormente, Maria Nikoláievna sofreria muito, porque essas palavras foram as últimas ditas a ela pelo irmão.

Depois da segunda visita, no dia 30 de outubro, Tolstói voltou à hospedaria e soube que Sacha havia chegado e ido à casa da tia, supondo que o pai estivesse lá. Eles se encontraram, porque Makovítski levava Tolstói por um caminho mais curto. Tolstói imediatamente voltou sobre seus passos, e Makovítski, com um mau pressentimento, seguiu-o, à distância de cem passos. “E, realmente, L. N. passou a casa de Maria Nikoláievna, foi adiante e virou à esquerda.” Makovítski alcançou-o, levou-o até a cela de Maria Nikoláievna e, dessa vez, entrou com ele.

Tudo mostrava que Tolstói estava no limite de suas forças físicas e espirituais. Não se podia continuar a viagem! Continuar seria um suicídio!

Porém, assim como em Óptina, todos caíram num torpor. Do mesmo jeito, também não houve em Chamórdino ninguém que pegasse Tolstói e o levasse aos anciãos. Todos entendiam que era impossível continuar a viagem, que seria um perigo mortal, e que Chamórdino era o último ancoradouro do bom-senso, mas não fizeram nada para segurar Tolstói e, praticamente, impeliram-no a prosseguir com a fuga. E isso apesar de ali morar sua mais querida irmã e apesar de ali gostarem de Tolstói. Em suas visitas anteriores a Chamórdino, ele ganhara a simpatia de todas as habitantes do convento. Ali havia uma hospedaria. E, ao lado do convento, havia uma aldeia, onde, na manhã do dia 30 de outubro, Tolstói achou uma casinha limpa e quente, com chão de tábuas de madeira, que a viúva Aliona Khómkina alugaria por cinco rublos ao mês.

Tolstói continuava sendo muito curioso. Ele queria saber da situação do convento, ver as oficinas e a tipografia. Em seus diários há ideias de quatro obras novas que ele anotou ainda em Óptina: 1. “Theodorit, o cavalo morto”; 2. “Sacerdote convertido e conversível”; 3. “O caso de Strákhov. Grúchenka, a governanta”; 4. “Caça, duelo e ataques frontais”.

Ao descobrir na casa da irmã os livros da *Biblioteca filosófica religiosa*, de M. A. Novossiólóv,¹⁰⁴ ele os levou para a hospedaria e leu com interesse, principalmente o artigo de Hertzen sobre o socialismo. Lembrava-se de que havia deixado em casa seu artigo inacabado sobre o mesmo tema. Ditou uma carta amigável a Novossiólóv e sonhava terminar seu próprio artigo. Tolstói ainda tinha forças suficientes para pensar e criar.

Quando Sacha e Feokrítova chegaram, ele estava quase decidido a ficar em Chamórdino, caso contrário não teria conversado sobre o aluguel da casa na aldeia, iludindo a viúva pobre, que necessitava do dinheiro. Se bem que a viúva não foi muito expedita: na noite do mesmo dia, não foi à hospedaria para fechar o acordo. Mas, segundo as anotações de Makovítski, a hospedaria, ao preço de um rublo por dia, também convinha a Tolstói.

A chegada da filha lhe fez mudar bruscamente os planos. Sacha era ainda muito jovem, e estava definitivamente contra a mãe e os irmãos. Além do mais, a viagem a Chamórdino deixou-a muito agitada. Ela teve de fazer um caminho diferente e mais longo, indo primeiro a Kaluga. Por quê? Para despistar Sófia Andrêievna.

Como todas as pessoas teimosas, Tolstói era muito inconstante em suas intenções e suscetível a repentinas influências de fora. Para ele, mudar de pontos de vista sobre o mundo era impossível. Precisaria de anos e anos de trabalho interno, acumulação enorme de experiência espiritual positiva e negativa. Mas, para mudar de humor, não precisava de muitos esforços. Principalmente quando estava muito inseguro da justeza de seu ato, e até escreveu francamente a Sacha que “tinha medo” daquilo que havia feito.

Nesse momento, ele se parecia com o czar Saltan,¹⁰⁵ que podia ser confundido pelas notícias de um mensageiro qualquer.

O primeiro que apareceu no papel de mensageiro foi Serguêienko, também jovem e hostil com Sófia Andrêievna. Foi justamente por meio dele que Tolstói ficou sabendo que ela pretendia ir atrás dele. E não sozinha, mas com o filho Andrei. Sacha, ao chegar, confirmou isso com seu estado agitado e acrescentou mais nervosismo ao clima geral.

Não se pode culpá-la por isso. No conflito entre os pais, Sacha sofreu mais que todos os outros. Diferentemente dos demais filhos dos Tolstói, que moravam separadamente e iam a Iássnaia Poliana quando desejavam ou precisavam, ela estava lá permanentemente. Sendo infinitamente devota ao pai, sua secretária e a principal confidente de seus segredos (na medida em que sua juventude permitia), ela, no fundo de seu coração, certamente amava a mãe e tinha pena dela, mas, no auge do conflito, por força de sua juventude e de seu caráter brusco, acabou sendo cruel com ela. Ela convenceu a si mesma (e o pior: procurava convencer o pai) de que a mãe não estava doente e apenas usava de astúcia, fingindo estar doente. A julgar pelo diário da amiga Varvara Feokrítova (a propósito, levada para casa por Sacha para copiar as memórias da condessa), esta também tinha certeza disso. E eis que as duas vieram a Chamórdino para ajudar Tolstói, enquanto, na realidade, a chegada delas foi um impulso em direção ao prosseguimento da fuga e à morte inevitável.

Por sinal, a simples chegada de Sacha e seu estado agitado não mudariam a decisão de Tolstói de permanecer em Chamórdino. Depois de 48 anos de convívio com a mulher, Tolstói sabia melhor que Sacha o que se poderia esperar dela. E se na véspera e até no próprio dia da chegada da filha ele pretendia ficar perto da irmã, significava que esperava alguma outra solução para o conflito e outras notícias de Sacha, e não as que ela lhe dera.

Pensemos: por que Sófia Andrêievna escolheu justamente Andrei para ser seu acompanhante?

Ao ouvir pela segunda vez esse nome, Tolstói não podia deixar de experimentar um sentimento penoso. Mas não porque não gostasse de Andrei, pelo contrário, porque de todos os filhos era o que ele mais amava. Isso surpreendia até Sófia Andrêievna. O filho mais devasso de todos era o predileto de Tolstói. E apesar de todos os seus modos e costumes estarem em contradição irreconciliável com o modo de vida do pai e o que este pregava. Andrei Lvóvitch era muito propenso à bebida, farras e mulheres. Seus casos com as camponesas de Iássnaia Poliana lembravam a Tolstói o pecado mais vergonhoso de sua vida. Era o único dos filhos que havia optado pela carreira militar e até participou, como voluntário, da guerra com o Japão. E isso numa época em que, sob a influência da doutrina do pai, centenas de pessoas recusavam-se ao serviço militar obrigatório e, por isso, eram mandadas para prisões e batalhões disciplinares. O filho de Tolstói pronunciou-se ardorosa e abertamente a favor da pena de morte no período de repressão da revolução de 1905-1907. Ele ajudava a mãe a organizar a defesa armada de Iássnaia Poliana e até sugeria dar buscas nas casas de camponeses à procura do repolho roubado nas hortas.

E por fim: Andrei Lvóvitch simplesmente deixou a primeira mulher, Olga Konstantínovna (cunhada de Tchertkov, além do mais), e os dois filhos, pela esposa do então governador da província de Tula, Artsimóvitch, que tinha seis filhos. O pecado de Anna Karênina e Vrónski foi uma brincadeira literária em comparação com o que Tolstói teve de enfrentar na realidade, no caso do filho, e viu-se obrigado a se explicar por escrito ao governador de Tula, seu bom conhecido.

Pois, no entanto... “É incompreensível que Andriucha, o pior de todos os filhos por seu modo de vida, seja o queridinho do papai!”, exclamava Sófia Andrêievna na carta à irmã, T. A. Kuzmínskaia.

“É surpreendente que eu o ame”, estranhava o próprio Tolstói em seu diário. “Por que ele é franco e veraz? Isso eu não posso dizer, não é verdade. Frequentemente não é veraz... Mas sinto-me tão bem, tão à vontade com ele, amo-o... Por quê?”

Andrei Lvóvitch julgava que Fiédia Protássov, de *O cadáver vivo*, fora copiado dele. Fiódor Protássov é um fujão patológico, uma espécie de quintessência de todos os heróis fujões de Tolstói, de Dmítri Olénin (*Os cossacos*) até o padre Sérgio (*Padre Sérgio*). Protássov é o personagem dramático que Tolstói descreveu com mais talento. E, se o filho de Tolstói tinha razão, descobrimos um fato curioso. Nenhum dos numerosos filhos Tolstói personificou em herói vivo, expressivo de suas obras. Ao passo que ele, literalmente, copiava seus personagens da mulher, irmãos, cunhada, parentes longínquos e pessoas ocasionais. Dos filhos, somente Andrei mereceu isso. Em todo caso, a sina de Andrei transparece já no romance *Anna Karênina*, terminado em 1877, ano de nascimento de Andrei, e em *O cadáver vivo*, escrito em 1900, quando o caráter do filho de 23 anos já estava formado. Pode-se dizer que, de todos os filhos de Tolstói, Andrei foi o mais “literário”.

E, ao mesmo tempo, Tolstói tinha todos os motivos para odiar o filho, em vez de amá-lo.

Andrei não se incomodava de chamar o grande pai de “velho demente”. Por sua franqueza, ele se parecia mais com a mãe que todos os outros filhos, e não foi por acaso que, no conflito, tomou o partido dela. Julgava um absurdo o pai recusar os direitos autorais, e nem se acanhava em dizer que a vida de fidalgo era bem do seu gosto e não pretendia abrir mão dela. Já com quinze anos Andriucha desprezava os “incultos” e dizia que os lacaios não gostavam deles porque eles não davam propina.

Mas é estranho... Justamente Andrei era, para Tolstói, o mais “bondoso”. “Você tem bom coração”, escreveu ao filho. “Você tem a

qualidade mais preciosa e importante, que é a mais cara de todas no mundo – a bondade.” “No fundo da alma, você é bom.”

E isso, da parte do pai, não era paradoxal. Pelo visto, Andrei, com toda sua franqueza e grosseria, era realmente bom “no fundo da alma”. Não era à toa que as mulheres o adoravam e perdoavam.

Sua primeira esposa, Olga Konstantínovna, não só perdoou o marido, como ficou amiga de sua segunda mulher, Ekaterina Artsimóvitch.

Quando, em 1916, Andrei Lvóvitch faleceu subitamente de uma septicemia rara, atrás, ao lado da mãe e da esposa, todas as suas amantes desoladas acompanhavam o caixão.

Não é difícil adivinhar o que significaria para Tolstói a chegada inesperada de Andrei com a mãe a Chamórdino. Ele teria de reviver todo o pesadíssimo complexo de relações conjugais, todas as incisões e soldas. Era justamente disso que ele havia fugido, e justamente disso ele tinha mais medo do que da própria morte.

Além disso, Sacha levou a carta de Andréi para o pai, na qual ficou claro que ele nem sequer havia vacilado em condená-lo. Das quatro cartas dos filhos que Sacha lhe dera e que ele lera imediatamente, na cela da irmã, a de Andrei era a mais sem tato e grosseira. Ao mesmo tempo, era a carta mais franca, sem nenhuma tentativa de abrandar aos olhos do pai o fundo do problema conjugal que, justamente naquele momento, vinha à tona em toda a sua dimensão. E o problema principal consistia em que ele deixava para os filhos a mãe psicologicamente doente, que a todo minuto fazia ameaças de acabar com a própria vida, e essa possibilidade não estava excluída, mesmo que fosse acidentalmente.

Mas voltemos a Iássnaia Poliana, onde estavam reunidos todos os filhos de Tolstói, chamados por telegrama, exceto Lev Lvóvitch, que estava em Paris. Seis filhos de Tolstói (Serguei, Tatiana, Iliá, Andrei, Mikhail e Sacha) foram obrigados a discutir um problema, mas não o do pai. O problema do pai surgiria alguns dias depois, quando estaria morrendo em

Astápovo. E nesse momento os filhos (exceto Sacha, infinitamente devota ao pai) não tinham ideia de que Tolstói havia escolhido um caminho, e não dos mais leves, para se libertar dos problemas acumulados em Iássnaia Poliana. Mas naquele momento eles, os filhos, estavam com os pés e as mãos amarrados com a mãe doente. E não se sabia o que fazer com ela.

Recordava Serguei Lvóvitch:

Mamãe entrou na sala. Não estava vestida nem penteada, de roupão. Seu rosto me deixou pasmo: envelhecida repentinamente, enrugada, tremendo, com um olhar vago. Era uma expressão nova para mim. Senti pavor e muita pena dela. Ela ficou falando sem parar, às vezes chorava e dizia que se mataria de qualquer maneira, que não a deixaram se afogar, mas que ela se mataria de fome. Eu disse de uma maneira bastante ríspida que esse comportamento produziria o efeito contrário no pai, que ela deveria se acalmar e tratar dos nervos. Mas ela respondeu: “Não, vocês não o conhecem, somente a compaixão pode produzir esse efeito nele”. Pensei que ela tinha razão e, embora objetasse, dizia que, já que o pai havia ido embora, não voltaria tão cedo, e era preciso esperar, que talvez ele voltasse a Iássnaia Poliana passado algum tempo. Especialmente difícil era mantê-la sempre sob vigilância. Nós não acreditávamos que ela pudesse seriamente tentar o suicídio, mas, simulando-o, poderia não calcular o grau do perigo e se prejudicar...

A conversa girava principalmente em torno da mãe. É lógico. Pois ela estava ali perto e sua vida corria perigo. Mas e o pai? Não se sabia onde ele estava. E ele tinha 82 anos! Sobre isso, Andrei “disse com toda a razão que não custa nada encontrá-lo, que o governador e a polícia, provavelmente, já sabem do paradeiro dele, e que é ingênuo pensar que Tolstói pode se esconder em algum lugar. Os jornais vão farejar isso imediatamente. Vai surgir até uma espécie de competição: quem achará Lev Tolstói primeiro?”.

Naquele momento, toda essa situação apresentava-se aos filhos da seguinte maneira: o pai deixara a mãe. Apenas Sacha e, em parte, Tatiana sabiam que sofrimentos isso havia lhe custado e como ainda devia estar se martirizando. Tolstói sempre foi mais aberto com as filhas que com os filhos. E as filhas sempre tomavam o partido do pai, diferentemente dos filhos. A família se constituiu de tal maneira que o chefe verdadeiro era a mãe, e o pai era seu sustento e o sentido de sua existência. Com a partida do pai, a família perdia o sentido, mas os problemas, que só a mãe resolvia, ficavam. E, naquele momento, os problemas eram passados para os filhos... e, para piorar a situação, a mãe doente.

Nesse caso, é preciso levar em conta a psicologia dos filhos no relacionamento deles com o pai. Desde a infância, eles estavam acostumados com o pai como uma “coisa em si”. Era um valor constante e inabalável, um planeta autossuficiente. Ou melhor, uma estrela em volta da qual giravam todos os planetas do “sistema Tolstói”, os quais, porém, não entravam em contato direto com ela, por ser muito grande seu campo energético. Toda e qualquer tentativa de se aproximar do pai, de ter um relacionamento cordial, fracassava, e uma vez terminou em tragédia, como aconteceu com Lev Lvóvitch. Ainda adolescente, ele se envolveu com as ideias do pai e fez amizade com seu primeiro aluno, Tchertkov. Com avidez, ouvia as conversas sobre os “incultos” na casa em Khamóvnikí e tentou ele mesmo escrever, e assinava suas publicações como “Conde Lev Tolstói Filho”. Isso acabou em uma profunda depressão que, por pouco, não o levou à morte prematura. Acabou em um tratamento exaustivo na Rússia e no exterior e em um relacionamento hostil com o pai. “Tigr Tígrovitch”, como de brincadeira chamavam Lev Lvóvitch, sem entender o quanto isso o ofendia, pois talvez amasse o pai mais que todos os outros irmãos.

Ao ler as cartas levadas por Sacha, Tolstói ficou extremamente aflito. Foram justamente essas cartas, e não a chegada de Sacha nem suas palavras, a causa principal do prosseguimento da fuga.

A carta de Sófia Andréievna era terrível e escrita com tanto talento, que é difícil entender onde termina o talento e começa a loucura:

Lióvotchka, meu anjo, volte para casa, querido, salve-me de outro suicídio. Lióvotchka, amigo de toda a minha vida, farei tudo, tudo o que você quiser, jogarei fora todo o luxo, serei amiga de seus amigos, vou me tratar, serei dócil, meu querido, querido, volte, é preciso salvar-me, pois o Evangelho diz que a mulher não pode ser abandonada sob pretexto nenhum. Meu querido, amigo do meu coração, volte, volte ao menos para nos despedirmos antes de nossa separação para a eternidade.

Onde você está, será que está bem? Lióvotchka, não me martirize, querido, vou me dedicar a você com amor, com todo o meu ser e minha alma. Volte para mim, volte; pelo amor de Deus, do qual você fala a todo mundo. Eu lhe darei o mesmo amor dócil e abnegado. Prometo honesta e firmemente que vamos simplificar e resolver tudo amigavelmente, iremos para onde você quiser, viveremos como você quiser.

Bem, adeus, adeus, talvez para sempre.

Sua Sônia.

Será que me deixou para sempre? Eu não poderei sobreviver a essa desgraça, pois com isso você me matará. Querido, salve-me do pecado. Não poderá ficar feliz e tranquilo se me matar.

Lióvotchka, meu querido amigo, não esconda onde você está, permita-me ir ver você, meu amor. Não vou afligir você, dou-lhe minha palavra de honra, vou tratar você com docilidade e carinho.

Aqui, comigo, estão todos os meus filhos, mas não poderão me ajudar com seu despotismo presunçoso; preciso apenas de uma coisa – seu amor.

Eu preciso ver você. Meu amigo, permita-me, ao menos, despedir-me de você, dizer-lhe pela última vez o quanto eu o amo. Chame-me ou venha você mesmo. Adeus, Lióvotchka, continuo procurando e chamando por você. Que martírio para meu coração.

A carta é terrível! Contudo, Tolstói não podia deixar de tirar para si duas conclusões dessa prolixa loucura. A primeira: sua mulher não o deixaria em paz. Ou o alcançaria ou o continuaria perseguindo com ameaças de suicídio. A segunda: os filhos não resolveriam o problema da mãe doente. “... não poderão me ajudar com seu despotismo presunçoso”, escreveu Sófia Andréievna, dando a entender que as esperanças que ele depositava nos filhos eram vãs. Os filhos não poderiam isolá-la, nem tratar de seus nervos, nem garantir a segurança de sua vida. “... preciso apenas de uma coisa – seu amor.”

Com a carta de Sófia Andréievna, chegou também uma de Tchertkov. “Não posso expressar com palavras minha alegria com a notícia de sua fuga... Tenho certeza de que seu ato fará bem a todos e, em primeiro lugar, à coitada da S. A., qualquer que seja a manifestação de seu efeito nela.

Esse tom presunçoso não poderia tranquilizar Tolstói. Ele entendia perfeitamente que era impossível romper simples e alegremente os laços de 48 anos com a pessoa mais próxima.

A carta mais agradável era a de Serguei Lvóvitch. O filho mais velho escolheu o tom mais adequado para com o pai, entendendo até que grau era duro para consigo próprio. “Penso que *mamá* está doente psiquicamente, em muitas coisas ela não regula bem, e que vocês precisavam se separar (talvez, muito tempo atrás), por mais que isso fosse penoso para ambos. A situação estava num impasse. Creio que você tenha escolhido a saída certa...”

Tatiana Lvovna foi a única que, em sua carta ao pai, prometeu impedir a mãe de dar passos fatais, recorrendo à “intimidação ou ao poder”.

Iliá Lvóvitch lamentava que o pai “não aguentara a cruz até o fim”. “A vida de vocês dois já foi vivida, mas é preciso morrer bem.” Na verdade, ele se afastava voluntariamente do problema.

Andrei Lvóvitch não escondia as causas principais pelas quais os filhos não podiam assumir toda a responsabilidade pela mãe.

“O único meio é a vigilância constante, efetuada por pessoas contratadas. É evidente que ela vai se opor a isso com todas as suas forças, e tenho certeza de que nunca vai se sujeitar a isso. Já para nós, irmãos, fazer isso é impossível, porque não podemos largar nossas famílias e serviços para estar sempre ao lado da mãe.”

A situação na qual Tolstói provavelmente se sentia não tinha saída. Foi mostrado a ele aquilo que era real, mas no que ele, até o último momento, talvez não quisesse acreditar, deixando para si o direito a uma bela ilusão.

Sua partida noturna não resolveu nada. Como estava certa a irmã, no longínquo ano de 1873, no começo da publicação de *Anna Karênina*, ao escrever-lhe: “tudo que é *ilegal* jamais trará felicidade”.

De manhã cedo Tolstói fugiu de Chamórdino.

NO ZÊNITE

Desde os meados da década de 1860 até o fim da década de 1870, Tolstói quase não escreveu em seu diário, somente de vez em quando. Era sinal de que, dentro dele, não aconteciam mudanças cardinais, mas um lento processo de acumulação de uma nova experiência espiritual para que, depois, essas mudanças se tornassem irreversíveis. A imagem de Tolstói foi refletida no famoso retrato de Ivan Kramskói.¹⁰⁶ Uma poderosa frente de pensador, traços graúdos, olhos não grandes, mas com um olhar fixo e penetrante. Ombros largos, braços fortes e mãos também grandes, mas suaves e flexíveis. Uma orelha grande, mal coberta por uma madeixa de cabelo, é toda ouvido, como a de um cão de caça. Algo de caçador há também nas alargadas narinas, como se ele estivesse farejando algo, e nos

bigodes, penteados para cima. Uma barba basta, grisalha dos lados, cuidadosamente cortada em forma de pá, cinge uma parte do rosto e o pescoço como uma gola de pele preciosa. E, debaixo da gola, a camisa em pregas suaves caindo livremente e grandes botões. E é claro que o centro energético do retrato é a ruga vertical profunda entre as sobrancelhas, que desvia a atenção do espectador dos olhos fixos, os quais testam a honestidade. Essa ruga expressa uma incrível concentração de forças de vontade e do pensamento, capazes de se unirem num ponto para, como a alavanca de Arquimedes, mover o mundo.

Tolstói, no retrato de Kramskói, é um *atleta* que é especificamente russo e, ao mesmo tempo, atravessa as fronteiras nacionais. Não foi à toa que I. E. Répin comparou esse retrato com as obras de Van Dyck.¹⁰⁷

Nos anos 1870, foi escrito o romance *Anna Karênina*, o qual Vladímir Nabókov disse ser o melhor romance russo. Depois pensou e acrescentou: “E por que somente russo? Mundial também”.¹⁰⁸

Nos mesmos anos foi escrito o conto “O prisioneiro do Cáucaso”, que deu início a um novo e popular estilo do Tolstói tardio. Nesse tempo, foi criada a *Cartilha*, uma crestomatia didática para crianças de todas as camadas sociais: dos filhos do imperador até os filhos de camponeses e sapateiros, segundo a ideia de seu autor, da qual tinha orgulho.

Nesses anos, Tolstói, 33 vezes, como num conto popular russo, começa a escrever o romance histórico sobre Pedro I, ao reunir um enorme material documental. Mas nenhuma dessas variantes do início teve continuação. Até hoje os pesquisadores tentam descobrir por que ele abandonou projeto tão fecundo, que, meio século depois, realizou seu homônimo e parente longínquo, o “conde vermelho” Aleksei Nikoláievitch Tolstói.¹⁰⁹ Uma das explicações mais convincentes é que Tolstói não sentia dentro de si a possibilidade de se “transportar de corpo e alma” para a vida da gente simples daquela época. Enquanto que a guerra de 1812 representada em *Guerra e paz* não estava tão longe de seu tempo e “transportar-se” para a

vida dos personagens de *Anna Karênina* não lhe custou trabalho nenhum. Precisava apenas do mecanismo secreto da imaginação tolstoiana, que, naqueles anos, funcionava como um relógio. Assim, a imagem de Anna Karênina se compôs de pessoas diferentes: a filha mais velha de Púchkin, casada com o coronel Hartung; Maria Aleksándrovna, cujas madeixas em caracóis na nuca impressionaram de Tolstói, no baile na casa do governador, até a amante de seu vizinho, terra-tenente A. N. Bíbikov; a governanta Anna Stepánovna Pirogova, que se jogou debaixo do trem na estação Iássenki, da ferrovia Moscou-Kursk, para se vingar do pérfido amante que resolvera se casar com a preceptora.

Mas talvez a causa principal fosse outra. Simplesmente, a personalidade de Pedro I enojava-o. Precisava de um artista menos escrupuloso moralmente, sem querer ofender o “terceiro Tolstói”.

Sem sentir repugnância, o primeiro Tolstói não conseguiria descrever as orgias reunindo bufões nem como Pedro, bêbado, com suas próprias mãos inábeis, por vezes cortava a cabeça dos executados. Ele imaginava apresentar Pedro I como portador de uma vontade extrapessoal, que faria a Rússia se voltar para o Ocidente, mas não podia se livrar do horror pessoal que sentia diante de seus atos. Desde o início, isso travou o trabalho e, diferentemente da ideia do romance sobre os dezembristas,¹¹⁰ que o emocionou a vida toda, ele nunca voltaria ao tema de Pedro I. “Um sifilítico bêbado com seus bufões”, assim ele caracteriza a personalidade do rei em seu trabalho *O reino de Deus está dentro de nós*. E, em 1905, disse a N. N. Gússev:¹¹¹ “A meu ver, ele era mais um bêbado idiota do que cruel. Viveu entre os alemães e gostou da maneira deles de beber...”.

Nos mesmos anos, da ideia do romance sobre os dezembristas, que já havia gerado *Guerra e paz*, nasceu mais uma ideia grandiosa. O destino dos dezembristas o chamava para a Sibéria, lugar onde ele não conseguiu chegar, mas que o atraiu a vida toda. No fim dos anos 1870, ele tencionava escrever sobre a “força conquistadora”, sobre a grande migração dos

agricultores russos para o sul da Sibéria e até mais longe, chegando à China. Já em *Anna Karênina*, com as palavras do autor e de seu alter ego Konstantin Lévin, repete-se a ideia de que a vocação principal dos russos era a conquista pacífica dos enormes territórios orientais. Assim, das aspirações ocidentais de Pedro I o pensamento de Tolstói, como ponteiro de uma gigantesca bússola, virava devagar para o leste. Mas, mesmo nesse ponto, ele não demorou e continuou seu movimento para um ponto predestinado do alto.

Os anos 1870 são um período de vida sedentária de Tolstói. Sem contar as viagens à província de Samara no verão, ele viveu somente em Iássnaia Poliana e quase não manteve relacionamento com os vizinhos, além de Bíbikov. Ele e a família viviam na mesma casa, em cujas paredes já não cabia a família crescente, e surgiu a necessidade de ajuntar mais um andar. Nessa década realmente frutífera, nasceram Maria, Andrei e Mikhail; estavam crescendo Serguei, Tatiana, Iliá e Lev; e nasceram e morreram os bebês Piotr, Nikolai e Varvara.

Os filhos exigiam cuidados constantes e causavam preocupações. Tudo isso caía em cima de Sófia Andréievna. Durante certo tempo, Tolstói, com suas ideias específicas sobre a alimentação e a educação dos filhos, ainda vacilou, mas acabou entregando os pontos à esposa. Em sua casa, como em todas as casas senhoriais, apareciam amas de leite, preceptoras e preceptores, governantas e professores particulares. Entre alguns deles e as crianças, surgia um relacionamento quase de parentesco, como com a formidável inglesa Hanna Tardzey, filha do jardineiro do Palácio de Windsor, que Tolstói mandou chamar de Londres. O pai ensinava aos filhos a geografia e a aritmética, mas cuidava principalmente da cultura física e moral. Na família de Tolstói, não se podia ser chorona nem fraquinho, não se podia mentir nem ser hipócrita. Não se podia fazer nada malfeito, era melhor deixar de vez de fazer. Não se podia responsabilizar os outros. O castigo era a indisposição do pai, que afligia muito os filhos, porque o pai

era uma autoridade indiscutível. E, mesmo sendo adolescentes, eles não se davam conta de que o pai era um grande escritor. Orgulhar-se disso não era aceito na família. Por isso, o grande escritor era Júlio Verne, que eles liam junto com o pai em francês e examinavam as ilustrações por ele desenhadas.

Tolstói tinha uma chavezinha secreta do coração das crianças. É impossível explicar, por exemplo, como as encantavam as brincadeiras e contos que ele inventava.

Recordava T. L. Sukhótina-Tolstaia:

Havia uma brincadeira de *papá* da qual gostávamos muito. Foi ele mesmo quem a inventou. Ela consistia no seguinte: sem nenhum aviso, *papá* fazia uma cara assustada, começava a olhar ao redor, pegava dois de nós pelos braços e, nas pontas dos pés, levantando-os bem alto, procurando não fazer barulho, corria e se escondia em algum canto, arrastando consigo os que estavam no caminho.

“Ele vem vindo... vem vindo...”, sussurrava com medo. Os que ele não conseguia arrastar consigo corriam até ele e se agarravam em seu camisão. Nós quatro, no canto e com o coração batendo, aguardávamos que “ele” passasse. *Papá*, sentado junto a nós, acompanhava com um olhar tenso esse “ele” imaginário. Com medo de que “ele” nos notasse, ficávamos calados, apertados uns contra os outros. Os nossos corações batiam forte, e me parecia que “ele” poderia ouvi-los e nos encontrar. Finalmente, passados alguns minutos de silêncio tenso, o rosto de *papá* tornava-se tranquilo e sorridente.

“Foi embora!”, dizia ele, referindo-se a “ele”. Nós pulávamos de alegria e andávamos junto com *papá* pelos quartos quando, de repente, *papá* parava, levantava as sobrancelhas, esbugalhava os olhos, fazendo cara feia: “ele” surgia outra vez de algum lugar.

“Ele vem vindo! Vem vindo!” , sussurrávamos todos nós e corríamos de um lado para outro à procura de um esconderijo. E outra vez nos enfiávamos em algum canto e, com emoção, aguardávamos que *papá* o acompanhasse com os olhos. Finalmente, “ele” ia embora, nos levantávamos de um salto e tudo recomeçava, até que *papá* cansava de brincar conosco e mandava-nos ficar com Hanna.

Mas parecia-nos que jamais poderíamos cansar dessa brincadeira.

E, da mesma maneira, é impossível explicar por que encantava todas as crianças, sem exceção – as suas e as dos outros – o conto sobre os sete pepinos. Ele contou-o para mim tantas vezes durante sua vida, e para outras crianças em minha presença, que eu me lembro dele de cor.

Ei-lo aqui:

“Um menino foi até a horta. E viu no chão um pepino deste tamanho.”
Mostrava com os dedos o tamanho do pepino. “Ele o pegou e – vapt! – comeu! (Isso contava-se com uma voz tranquila, mas bastante alta.)

“O menino vai em frente e vê mais um pepino. Um pepino assim! Ele o pegou e – vapt! – comeu. (Aqui o tom de voz subia.)

“Ele continua indo e vê o terceiro pepino. Um pepino a-as-si-im... (E *papá* mostrava uma distância de quase meio archin entre os dedos.) Ele o pegou e – vapt – comeu. Depois, viu o quarto pepino de-e-es-te tamanho! Ele o pegou e – vapt! –comeu.”

E assim até o sétimo pepino. A voz de *papá* tornava-se cada vez mais alta e mais densa...

“O menino vai em frente e encontra o sé-é-é-ti-mo pepino. De-e-es-te tamanho!

(*Papá* abria os braços até onde conseguisse.) O menino – vapt! Vapt! E o comeu.”

Quando *papá* mostrava como o menino o havia comido, abria tanto a boca desdentada que dava pavor de ver, e com as mãos ele mostrava com que dificuldade o menino enfiava o sétimo pepino na boca...

Acompanhando-o, nós três também abríamos a boca, sem querer, e ficávamos sem tirar dele os olhos.

Nesse período, os meninos adoravam o pai não menos e até mais que as meninas. Pois o pai representava caça, pesca e esporte. Apostas de corridas desfazendo-se em risos, o que impedia as crianças de ultrapassarem o pesado pai. Representava a limpeza da neve da pista de patinação, na qual foi um mestre. Representava *pas-de-géant*¹¹² enviados por ele de Moscou, quando se dirigia a Samara. E muitas outras diversões que os meninos associavam ao pai.

Lendo as memórias dos filhos de Tolstói sobre Iássnaia Poliana, chega-se a pensar que ele queria criar lá uma espécie de paraíso e, sem dúvida, nisso foi bem-sucedido. Mas apenas para as crianças, e não para si nem para a esposa.

Não é por acaso que a melhor obra de seu filho Lev Lvóvitch seja a novela *Iacha*¹¹³ *Poliánov*. Nesse título juntam-se a personalidade da criança e a personalidade da fazenda, que se tornam uma só coisa. De certa maneira, os filhos de Tolstói, na infância e na adolescência, eram esses Iacha Poliánov.

Eis como Lev Lvóvitch descreveu a infância em Iássnaia Poliana:

Minha mãe, meu pai, meus irmãos, minhas irmãs, as babás e preceptoras, a criadagem, as visitas, os cães, às vezes o urso, os cavalos, a caça de papai e meus irmãos, as festas de Natal, a árvore de Natal, a Másslenitsa,¹¹⁴ a Páscoa; o inverno com neve, trenós, patins, dom-fafes; a primavera com arroios e tapetes faiscantes de neve prateada em degelo, as primeiras folhas da bétula, a groselha, as primeiras flores e os passeios “sem casacos”; o verão com cogumelos, natação e diversos jogos, equitação e pesca; o outono com recomeço dos estudos e labores da família inteira, com folhagem amarela nas alamedas do parque e

deliciosas maçãs Antónovka,¹¹⁵ com a primeira neve – eis a vida feliz de minha infância...

E não só dele, mas de todos os filhos – Serioja, Tânia, Iliá, Maria, Andrei, Micha, Sacha, além do filho predileto dos Tolstói, Vánietchka, que viveu sete anos. E a maior parte dessa felicidade deu-se na década de 1870, ainda não amargurada com a viragem espiritual do escritor e a fenda profunda que partiu a família. É um fato incontestável. Os filhos que tinham uma base mais sólida e a moral mais estável eram os mais velhos – Serguei e Tatiana. A idade ingrata deles coincidiu com os anos 1870 e suas almas infantis e adolescentes não foram atingidas pela tempestade que caiu sobre a família no fim da década de 1870 e começo dos anos 1880. Suas almas tiveram tempo para se fortalecer e resistir à tempestade sem se quebrar.

Mas como estavam os próprios Tolstói e Sófia Andrêievna nos anos 1870? E será que se pode chamar esse tempo de plena felicidade conjugal?

É claro que não.

Se o Sol segura em sua órbita os outros planetas, isso não significa que ele existe para eles. Se o Sol aquece a Terra, isso não significa que ele não existe quando não é visto por trás das nuvens. Aqueles *pas-de-géant* pelos quais Tolstói se movia numa direção ainda mal compreendida por ele mesmo não poderiam em absoluto coincidir com o processo da vida de sua família. Portanto, as bases da tragédia dos anos 1880 foram assentadas nos anos 1870.

Tudo que Tolstói fez nos anos 1870 era como que excedente. Os planos grandiosos eram maiores que as forças reais para sua realização. A *Cartilha*, em sua opinião, exigia não menos do que cem anos de trabalho, mas a primeira variante foi editada em um ano. Não se sabia quanto tempo uma pessoa comum necessitava para aprender grego antigo. Tolstói aprendeu em um mês e meio, no inverno dos anos 1870-1871, no último mês de gravidez de Sófia Andrêievna, que esperava o nascimento de

Macha. “Vivo aqui em Atenas; de noite, falo grego”, escreveu ele a Fet, poucos dias antes do parto de Sófia Andrêievna, após o qual ela não morreu por pouco. Tolstói também arruinou a própria saúde com os desmedidos esforços no estudo do grego e, em junho de 1871, viu-se obrigado a viajar às estepes de Samara para se tratar com leite de égua em companhia do estudante Stepan Bers, irmão de Sófia Andrêievna.

Quem eram os *kumýsniks*?¹¹⁶ Principalmente os que sofriam do pulmão, os tísicos, em sua maioria condenados à morte prematura. Pode-se imaginar o estado de espírito dessas pessoas. Tolstói e Bers viveram numa tenda com chão de terra batida, como os basquires primitivos, e gozaram da vida livre das estepes na aldeia Karalik. Tolstói saía para caçar constantemente (tinha caça aos montes!) e andava só de camisa, embriagado com o *kumýs*. As estepes lhe cheiram a Heródoto, que ele traduziu para si mesmo, por mais que Sófia Andrêievna tentasse convencê-lo a largar essa “língua morta” que o acabaria matando. Jogava damas com os basquires e atraía os *kumýsniks* aos passeios a cavalo. Acompanhado de Bers, fez uma viagem de noventa verstas à feira em Busuluk para admirar as manadas de cavalos dos Urais, siberianos e quirguizes. Arranjou uma propriedade que compraria no ano seguinte.

Em Iássnaia Poliana, depois de dez anos de intervalo, voltou à sua antiga “amante”, a pedagogia. Na pequena casa dos Tolstói, reuniam-se mais de trinta crianças camponesas, a quem o alfabeto e a aritmética eram ensinados pelo próprio Tolstói, sua esposa e os filhos mais velhos – Serguéi, Tatiana e Iliá. Mas Iliucha¹¹⁷, como “professor” era muito novo e, além disso, implicante. No fim das contas, ele brigou com todos os seus alunos.

E o Pedro I... E os dezembristas... E o incrível espaço humano em *Anna Karênina*... e ainda o artigo escrito e rasgado sobre a reforma do exército. E a paixão pelas ciências naturais, a física e a astronomia. “Lióvotchka ficou a noite toda olhando para as estrelas, até o amanhecer”, escreveu Sófia Andrêievna em seu diário. E os trabalhos agrícolas, aos

quais Tolstói se dedicava com paixão como a tudo, e por eles estava prestes a abandonar a literatura e escrever sobre isso a Fet. Na primavera e no outono, caçava quase diariamente... A reforma da casa de Iássnaia Poliana. O artigo “A educação do povo”.

Durante uma dessas viagens, Tolstói organizou uma corrida grandiosa de cinquenta verstas para os basquires, a fim de fazer renascer neles o antigo espírito da vida livre. Veio gente de muitas aldeias, e as tendas de nômades animaram a estepe. Organizou também uma competição antes da corrida, uma luta com bastão. Os lutadores, sentados no chão, arrimavam as solas dos pés nas dos adversários, pegavam com ambas as mãos um bastão e puxavam-no, procurando levantar o oponente. “Meu pai puxou todos, menos o síndico, e só não o levantou porque ele pesava uns dez puds.”¹¹⁸

Em sua propriedade de Samara, que ampliou até 6 mil hectares, Tolstói montou um haras. Do cruzamento dos trotadores de sangue russo e inglês com éguas da estepe, que tinham estatura baixa, deveriam nascer cavalos velozes e resistentes, próprios para a cavalaria. Dez anos depois, esse empreendimento de Tolstói, que deu bastante prejuízo e foi um dos motivos externos da briga na família, por pouco não o levou a abandoná-la.

Todas as ideias de Tolstói eram grandiosas. Foi um período em que ele, sozinho, sem assistentes nem secretários, apoiado apenas pela mulher grávida, realizou inúmeros negócios. Porém, fato estranho... Lendo os diários de Sófia Andrêievna, surge a impressão de que o marido estava muito doente na época, e não apenas doente como em estado de profunda depressão.

“... a constante preocupação com a saúde de Lióvotchka. O *kumýs*, que ele tomou durante dois meses, não fez efeito; a doença continua dentro dele; sinto e vejo isso em sua indiferença à vida e a todos os assuntos, que se revelou desde o inverno passado.”

“Já há três noites seguidas que Lióvotchka tem calafrios e não se sente bem.”

“Desanimado e triste, fica sentado sem fazer nada, sem forças nem alegrias, dias e semanas a fio e aparentemente se conformou com esse estado. É uma morte de espírito, eu não a quero, e ele mesmo não poderá viver muito tempo dessa maneira.” (Dos diários.)

“Lióvotchka não está bem de saúde, você foi embora.” (De uma carta à irmã.)

Uma documentação psicológica preciosa é a correspondência entre o casal durante o tratamento de Tolstói na Bachkíria.

Se sua primeira viagem para as estepes foi realmente imposta pela necessidade (Tolstói literalmente acabou com a saúde estudando grego), as posteriores viagens anuais e a compra da propriedade na região de Samara (que nada entusiasmou Sófia Andréievna) servem de prova de que ele sentia-se melhor nas estepes selvagens do que em Iássnaia Poliana. O ar da estepes, o *kumýs*, a carne de carneiro, os passeios a cavalo, os vestígios da vida nômade – tudo isso foi benéfico e fazia Tolstói renascer para a vida. Viajando de navio de Níjni Nóvgorod até Samara, provavelmente recordava sua primeira fuga para o Cáucaso, quando ele e Nikólenka foram de barco de Kazan a Astrakan. Em todo caso, a obstinação de Tolstói em viajar anualmente para as estepes demonstra que ele não perdera o espírito de “fugitivo” nos primeiros dez anos de vida familiar sedentária. Sua alma tendia para o mesmo ponto em que começou seu casamento: pois ele fizera o pedido de casamento a Sónietchka ao voltar de Samara.

Sófia Andréievna, com sua extrema sensibilidade para esses “sinais” do estado de espírito do marido, não podia deixar de se preocupar com isso. Viajar com o marido ela não podia, porque estava doente depois do parto. (Em 1873, ela o acompanharia, levando consigo a criança de colo.) Nesse caso, não havia uma ofensa real e, mesmo assim, ela existia. Qualquer viagem do marido era dolorosa para Sófia Andréievna. Lembremos a briga

que houve entre Kitty e Lévin quando ele resolveu viajar sem ela para visitar o irmão moribundo. Quando, no outono de 1869, Tolstói foi à província de Penza para ver uma propriedade que pretendia comprar, recebeu de Iássnaia Poliana uma carta.

Há momentos em que um desespero toma conta de mim, por você não estar comigo e eu não saber nada de você, principalmente quando chega a noite e eu fico sozinha com meus pensamentos sombrios, suposições e medos. É uma tarefa muito difícil viver no mundo sem você. Tudo parece mau e não tem nenhum valor. Não queria lhe escrever isso, mas escapou... Não é bom, Lióvotchka, você me deixar sozinha. Fica dentro de mim um pensamento ruim, pela dor que me causa sua ausência. Não digo que você não deva viajar por isso, mas que isso me faz mal. Assim como não digo que não se deva dar à luz, apenas que isso causa dor.

Aqui, a alusão ao parto é bem clara. É uma alusão ao fato de que toda viagem de Tolstói é uma pequena injustiça contra ela, de pés e mãos amarrados por causa da gravidez e das crianças.

Nas cartas de 1871, ela aconselha o marido a ficar na estepe o tempo que for necessário. Nelas há muita ternura comovente e preocupações com sua saúde: “Por favor, seja firme, trate-se com o *kumýs* mais tempo e, o principal, não se apavore, isso pode impedir a recuperação... Adeus, mais uma vez beijo seu cocuruto, sua boca, seu pescoço, suas mãos, como gosto de beijá-lo quando está aqui. Que Deus o guarde, cuide-se o quanto for possível”.

E, mesmo assim, ela acaba fazendo alusão à anormalidade de suas longas ausências em casa, mas faz isso pela boca de Diákov, o melhor amigo do marido.

Na sexta-feira, vieram almoçar conosco Diákov e Macha. Ele ficou pregando, o tempo todo, os princípios da vida conjugal, e censurava-

nos, a Tânia e a mim, por ficarmos dois meses separadas de nossos maridos. Ele não me perturbou. Essa questão é séria e melindrosa demais para eu discuti-la com Diákov, mesmo que seja de leve. Já que nós dois decidimos assim, assim tem de ser. No entanto, ele me afligiu um pouco, e isso foi desagradável para mim.

Porém, o mais importante é o final dessa carta.

Adeus, meu querido amigo. Já não lhe aconselho mais nada e não insisto em nada. Se você anda triste, isso faz mal. Faça o que quiser, contanto que se sinta bem. Tenha bom-senso e procure ver o que é bom para você. Estava muito cansado e, de repente, alterou todo o seu modo de vida. Talvez, mais tarde, você seja capaz de ser não um décimo de si mesmo, mas inteiro.

Que Deus o guarde, meu querido, abraço e beijo você. Se eu pudesse lhe dar ao menos uma partícula de minha saúde e energia. Não vou caducar nunca. Para eu manter minhas forças vitais e morais, basta meu grande amor por você. Adeus, já são 2 horas da madrugada; estou só, mas parece que estou ao seu lado. Sônia.

Nos primeiros quinze anos da vida conjugal, ela não queria se sentir a parte fraca e passiva. É evidente que seu marido tinha uma altura inacessível para ela no plano criativo, mas no plano humano ela queria ser, se não mais alta, ao menos mais forte. E era, em certo sentido. Pois é difícil imaginar o quanto sofreu essa mulher, por exemplo, quando, em 1875, seu filho Nikóluchka morria em seus braços.

Os vômitos torturantes duraram três semanas; Nikóluchka esteve inconsciente durante uma semana, e por três dias seguidos teve convulsões ininterruptas. Pensando que estava à morte, deixei de amamentá-lo e dava-lhe água de colherinha, mas ele pegava a colherinha com tanta avidez, que tive pavor de ele morrer de fome, e lhe

dei o peito. Não posso lembrar sem horror como essa criança, já totalmente inconsciente, agarrou feito um bichinho meu peito, apertou-o com seus dentinhos agudos e começou a mamar. O aspecto dessa consciência humana apagada e a basbaquice nos olhos que havia tão pouco tempo fitavam-me com alegria e carinho eram medonhos. E assim eu o amamentei por quase uma semana. Um dia, antes de sua morte, todos os pequenos membros de Nikóluchka endureceram, os punhos se cerraram, o rostinho ficou torto.

No cemitério, no dia do enterro, houve “uma terrível tempestade de neve”. “Eu temia por Lev Nikoláievitch, ele temia por mim.”

Todavia, as desgraças, doenças e separações aproximavam o casal mais do que uma vida tranquila e comedida, quando Tolstói dedicava-se inteiramente ao trabalho, como no tempo da criação de *Guerra e paz* e *Anna Karênina*. Sófia Andréievna apreciava muito esse tempo e sonhava com ele. Não é à toa que ela fala, em seu diário e nas cartas ao marido e à irmã, das imensas saudades daquele tempo. O marido era um homem exuberante demais para ela poder sentir a proximidade com ele o tempo todo. Outra coisa era quando ele estava fraco, doente e precisava dela. Era uma felicidade conjugal muito complicada. Tolstói não tinha toda a razão quando começou o romance *Anna Karênina* com a afirmação de que “Todas as famílias felizes se parecem...”. Sim, são parecidas, mas superficialmente, e não no fundo. Pois o exemplo de sua própria família mostrava que toda felicidade conjugal tem inúmeros componentes profundamente individuais, que não servem para a composição de uma outra família. Mas Tolstói tinha toda a razão ao afirmar que “cada família infeliz é infeliz à sua maneira”. Aquilo que aconteceu com a família Tolstói no fim dos anos 1870 e começo dos anos 1880 realmente não tinha paralelos.

A RENÚNCIA DE TOLSTÓI

À crise espiritual que Tolstói viveu a partir de 1877, aproximadamente, até 1884 (qualquer data é relativa, evidentemente) e que se concluiu com a primeira tentativa de deixar a família, os biógrafos contemporâneos a ele e os posteriores dão nomes diferentes. Para uns, isso foi uma “crise” e, para outros – “evolução”, “revolução”. P. I. Biriukov, o primeiro biógrafo de Tolstói, chamou isso de “lucidez”. Mas uma coisa é evidente: nesse período, Tolstói muda de uma maneira incrível, muito mais que depois do casamento. No lugar de um “homem caduco” surgiu, como ele mesmo dizia, um “novo homem”. E não foi simplesmente um novo homem, mas um *novo homem russo*, porque tudo que acontecia com Tolstói naquela época tinha um caráter muito nacional e, aparentemente, lembrava o movimento dos eslavófilos nos anos 1840-1850, que usavam barba e caftãs, chocando com isso a opinião pública mundana. Na crista do sucesso literário e da felicidade conjugal, Tolstói apresentou, de repente, a todos os russos cultos, um estilo de conduta insólita e, o principal, um sistema insólito de pontos de vista sobre o mundo que nos cerca, no qual tudo estava “ao contrário”. O branco tornava-se preto, e o preto tornava-se branco. Um novo russo.

O próprio Tolstói não considerava isso uma revolução. “Numa de suas obras autobiográficas, Lev Nikoláievitch declara que não houve propriamente uma crise ou uma mudança brusca em sua vida, que ele sempre aspirou achar o sentido da vida, e somente as complexas influências externas e os acontecimentos em sua vida afastavam-no da solução das questões da existência e concentravam suas forças num só ímpeto interno potente, que derrubou o prédio vetusto”, escreveu P. I. Biriukov. Isso é correto, evidentemente, mas apenas para a consciência do próprio Tolstói. Para sua família, isso foi justamente uma revolução, um cataclismo, porque o “prédio vetusto” derrubado pelo “ímpeto interno potente” não era ele mesmo, mas os quinze anos da vida familiar que fora construída escrupulosamente.

Não era à toa que Sófia Andréievna prestava muita atenção aos estados apáticos de Lióvotchka, naquelas “pausas da vida” às quais ele foi sujeito nos anos 1870. Ela pressentia uma catástrofe. Sua sensibilidade era surpreendente! Mas, mesmo assim, não foi suficiente para compreender o quão sérias e irreversíveis eram aquelas mudanças que começaram a acontecer dentro do marido, a partir de 1877.

Nesse ano, ele e Strákhov vão ao mosteiro de Óptina.

Mas aqui nos deparamos com um mistério, em cuja explicação divergem dois competentes biógrafos de Tolstói: Nikolai Gússev e Vladímir Jdánov. O problema é que, pela primeira vez (sem contar a viagem a Óptina para o enterro da tia Osten-Saken), Tolstói pretendia visitar o mosteiro, ainda em 1870. Isso confirma sua frase na carta a Fet, de 20 de novembro de 1870: “Ao receber sua carta, resolvi ir imediatamente à sua casa... se não fosse Urússov, que eu tinha chamado para me acompanhar a Óptina...”.

Essa frase não teria grande importância, porque a viagem acabou não se realizando. Porém, passados alguns anos, numa conversa com Biriukov, Tolstói contou-lhe sobre essa viagem como se ela tivesse acontecido e relacionou-a com as divergências entre ele e a esposa. Eis o que conta Biriukov:

Em 1906, aproximadamente, em Iássnaia Poliana, eu conversava com Lev Nikoláievitch sobre alguns acontecimentos de sua vida para meu trabalho em sua biografia. Ficamos a sós na sala, à mesa redonda. Entre outras coisas, perguntei a Lev Nikoláievitch que finalidade tinha sua primeira visita ao mosteiro de Óptina. Lev Nikoláievitch disse-me aproximadamente o seguinte: “Eu queria conversar com o ancião Amvróssio, pois tinha em alta estima suas qualidades morais. Pesava em minha consciência uma grande dúvida, e o motivo dela foi o desarranjo de nosso relacionamento conjugal. Depois de uma doença grave, por conselho dos médicos, minha mulher havia se recusado a ter

mais filhos. Essa circunstância teve um efeito tão forte que mudou radicalmente meu conceito sobre a vida conjugal e, por muito tempo, eu não consegui achar a solução para esta questão: de que forma ela deveria continuar? Até pensei em divórcio. E, para tirar essa dúvida, decidi me dirigir ao ancião Amvróssio.

Segundo P. I. Biriukov, Tolstói não ficou contente com essa “viagem” (que não aconteceu).

Na realidade, ele foi a Óptina em 1877 e ficou justamente muito contente com a conversa com o ancião Amvróssio. “Pelo visto”, escreveu com razão outro biógrafo, N. N. Gússev, “Lev Nikoláievitch reuniu nessa recordação vários episódios de tempos diferentes de sua vida num só.”

“A primeira visita dele a Óptina aconteceu em 22 de julho de 1877”, prossegue Gússev. “Não existem dados sobre o desarranjo de suas relações conjugais naquela época, nem sobre o descontentamento dele com a primeira conversa com Amvróssio.” Não existem testemunhos de que, na primeira metade de 1877 (Tolstói preparava-se para as viagens com muita antecedência, desde o inverno), ele tivesse brigas sérias com a esposa e muito menos de que ele pensasse em divórcio. Mas mesmo em novembro de 1870, quando escreveu a Fet sobre a suposta visita a Óptina, o verdadeiro conflito não havia surgido. Sófia Andrêievna ainda estava grávida de Macha e não podia ter recebido dos médicos os conselhos de não engravidar mais. Provavelmente, em sua consciência, a vontade de visitar Óptina sempre esteve ligada aos problemas familiares.

Mas quem poderia saber dos motivos pelos quais Tolstói decidira visitar Óptina? E por que, passados muitos anos, ele relacionaria erroneamente essa visita com a situação familiar de 1871?

Diferentemente de Gússev, V. A. Jdánov, outro biógrafo, autor do livro sobre a vida conjugal de Tolstói, acredita que, em 1877, ele foi ao mosteiro por motivos familiares, dentre outros. O fato é que ninguém sabe sobre o

que Tolstói e Amvróssio conversaram, sem testemunhas, durante várias horas. A conversa com Amvróssio permanece um mistério. Contudo, das memórias de Sófia Andrêievna sobre as quatro visitas de Tolstói a Óptina, nós sabemos, pelas palavras dele, que ficou “muito contente e reconheceu a sabedoria dos anciãos e a força espiritual do padre Amvróssio”.

A propósito, no verão de 1877, Sófia Andrêievna também estava grávida, de Andréi. O casal aguardava o parto com medo, com muito mais medo do que o nascimento de Macha em 1871. As mortes seguidas de três bebês – Piotr em 1872, Nikolai em 1875 e Varvara em 1875 – não podiam deixar de fazer Tolstói pensar que, se a justificativa para as relações sexuais era a continuação da espécie humana, Deus o privava até dessa justificativa. E se não for Deus? E será que Deus existe?

A família Tolstói resultou da união entre duas pessoas apaixonadas. Não foi um “acordo nupcial”. Foi um *projeto de felicidade*. Esse projeto tinha bases religiosas e refletia o estado da fé de Tolstói nos anos 1860 e na primeira metade da década de 1870. Foi uma experiência bastante longa, na criação de um paraíso terreno numa área isolada ao qual, nos anos 1870, anexou uma vasta propriedade em Samara. Mas justamente quando Tolstói começou a ampliar o espaço geográfico desse paraíso, não tanto por necessidade econômica quanto por estar encantado com as estepes primitivas da Bachkíria, esse paraíso já não o satisfazia. A alma de Tolstói sentia-se apertada em seus limites (daí sua vontade de ampliação, de procura de novos espaços não atingidos pela civilização) e, de repente, o próprio projeto perdeu o sentido para ele.

No momento de sua crise espiritual, Tolstói completava 49 anos. Fora vivido meio século. A ideia da morte perturbava Tolstói já antes, mas até determinado tempo ele fugia dela, refugiando-se na guerra, na economia, na literatura e na família. Mas não podia mentir a si mesmo, e a maldita pergunta “para quê?” acabou alcançando-o e ofuscou-lhe todas as outras questões. A vida fez uma “pausa”.

Sófيا Andrêievna, com uma preocupação crescente, observava como o marido, sentido e arrimo da vida, criada pela vontade dele, mas principalmente com trabalho dela, estava “indo embora”, devagar e sempre, ainda não física, mas já espiritualmente.

É impossível ler seus diários e suas cartas à irmã sem sentir compaixão por essa mulher inteligente e abnegada, que não entendia bem o que estava acontecendo, mas já sentia que era algo errado e terrível. O marido estava mudando até de aspecto a olhos vistos. Desesperadamente, ela tentava explicar isso com estados doentios e indisposições. E com o que mais, a não ser com “doença”, ela poderia explicar aquilo que não entendia ao seu marido? Com esperança, ela reforça qualquer manifestação da volta do interesse do marido pela literatura, porque esses interesses faziam parte do projeto familiar deles, e não seus novos interesses. *Grosso modo*, ela “assinara” esse projeto casando-se com ele. Mesmo a contragosto, ela estava pronta a aceitar as aquisições dele na província de Samara, embora não gostasse da estepe, do calor e das condições antissanitárias. Mas, para o marido, a Bachkíria era uma válvula de escape, e os problemas principais haviam começado em Iássnaia Poliana.

“Lióvotchka está um tanto sorumbático; ou passa dias inteiros caçando, ou fica no outro quarto, calado, lendo; quando discute ou fala, é sempre com ar sombrio, e não alegre.”

“Lióvotchka sempre diz que, para ele, está tudo acabado, que logo vai morrer, nada o alegra e não há o que esperar da vida. E que alegrias eu posso ter, além dele?”

“... muito absorto em seus pensamentos sobre o novo romance. Estou vendo que será algo muito bom, histórico, da época dos dezembristas, talvez do gênero de *Guerra e paz*. Que Deus o ajude a se restabelecer logo, ele adoece com frequência.”

“Lióvotchka... agora se entregou à escrita. Está com um olhar estranho, parado. Quase não conversa, parece que não é deste mundo e não é capaz

de pensar nas coisas do dia a dia.”

“Eu fico costurando, costurando... até sentir enjojo, desespero, espasmos na garganta; a cabeça dói, é um tédio, mas continuo costurando. Tenho trabalho de monte, não vejo o fim; são sete e eu – a oitava...”

A crise espiritual do marido coincide com a crise psíquica de Sófia Andrêievna, quando a vida reclusa no campo começa a pesar para ela, criada e educada na cidade. Depois dos quinze anos de abnegação para a vida matrimonial, dos estados de gravidez constantes, dos partos dolorosos, de um aborto natural, da morte de três filhos e dos trabalhos cotidianos em casa e na educação dos filhos, Sófia Andrêievna lembra-se, de repente, de que existe outra vida também, uma vida fora dos interesses do marido.

Todavia, desde o início da vida a dois, ela jamais teve acesso à esfera dos interesses de Tolstói. “Eu queria abarcá-lo todo, entendê-lo, para que ele fosse comigo assim como é com *Alexandrine*”, escreveu ela em seu diário, um ano após o casamento, sentindo ciúme dele não só com a simplória camponesa Aksínia, mas também com a parenta e correspondente espiritual do marido, A. A. Tolstaia, “mas sei que isso é impossível, não me ofendo e me conformo, porque sou muito jovem, tola e não suficientemente poética. Para ser como *Alexandrine*, fora as características inatas, é preciso ter mais idade, não ter filhos e até ser solteira.”

Sófia Andrêievna começa a ter inveja da irmã caçula que, sendo casada com Kuzmínski, pode levar uma vida mundana normal. “Nós vivemos muito isolados nesse inverno, frequentemente tenho saudades e já me cansa essa solidão campestre”, escreveu ela à irmã. “Para me distrair, comecei a bordar um tapete grande no estilo persa, de quatro archins de comprimento e três e meio de largura. É trabalho para uns três anos. Assim como faziam as eremitas antigamente, para se ocuparem na solidão.”

Em 1875, ela confessa em seu diário:

A vida campestre, isolada demais, torna-se para mim insuportável. Apatia triste, indiferença a tudo, hoje, amanhã, meses, anos – sempre a mesma coisa. Você acorda e não sai da cama. O que me fará levantar, o que me espera? Já sei: virá o cozinheiro e depois a babá, com queixas de que o pessoal não está contente com a comida, que o açúcar acabou e precisa mandar buscar mais; depois, com dor no ombro direito, eu vou me sentar para remendar buraquinhos; depois, vou ensinar a gramática e as gamas musicais, o que eu faço com prazer, mas com a consciência triste porque não faço tão bem como gostaria. Depois, os odiosos jogos de paciência que titia e Lióvotchka adoram. A leitura dá um certo prazer, mas será que existem tantos livros bons? Durante o sono vive-se como de dia. Justamente vive-se e não se cochila. Ora eu vou a uma igreja para as vésperas e rezo como nunca rezei acordada, ora vejo quadros maravilhosos nas galerias, lindas flores, uma multidão de pessoas por quem não sinto inimizade e de quem não me afasto, mas amo e me compadeço delas.

Com o correr da vida conjunta em Iássnaia Poliana, surge aos poucos a não coincidência dos estados sazonais de espírito dos cônjuges.

Ele apreciava especialmente o outono e o inverno, quando os dois ficavam como verdadeiros eremitas em Iássnaia Poliana e ele podia se dedicar tranquilamente ao trabalho. Na primavera e no verão, começava o fluxo de visitas que distraíam Sófia Andrêievna e importunavam o marido. Tolstói até começou a construir uma pequena isbá no robledo para se esconder das visitas. E, com o começo do outono, animava-se para o trabalho, enquanto Sófia Andrêievna escreveu em seu diário: “Caí em meu doentio tédio outonal. Calada, fico bordando com teimosia meu tapete ou leio. Indiferente e fria a tudo. Tédio, desânimo e, depois, a escuridão”.

Mas nem tudo seria tão irremediável em Iássnaia Poliana, e a vida poderia seguir seu rumo já determinado, se Tolstói, a partir de 1877, ano da

visita a Óptina e do nascimento do filho Andrei, não começasse a renunciar sucessivamente a tudo o que havia ensinado à família: a importância dos estudos literários e a compreensão do sentido do modo de vida em Iássnaia Poliana.

Eu vivia assim, mas cinco anos atrás ¹¹⁹ começou a acontecer algo muito estranho comigo: de início tinha momentos de perplexidade, de pausas da vida, como se não soubesse como continuar vivendo, o que fazer, eu me perdia e caía num desânimo. Mas isso passava e eu voltava a viver como antes. Depois, esses momentos repetiam-se com maior frequência e sempre da mesma forma. Essas pausas da vida consistiam sempre nas mesmas perguntas: Para quê? E o que vem depois?...

As perguntas pareciam tão tolas, simples, infantis. Mas bastou eu tocar nelas e tentar respondê-las que vi no mesmo instante que, em primeiro lugar, não eram nem tolas nem infantis, mas profundas e da maior importância na vida; e, em segundo lugar, que não podia e não poderia respondê-las, por mais que pensasse. Antes de me dedicar à propriedade de Samara, à educação dos filhos, à escrita dos livros, era preciso saber para que eu fazia tudo isso. Entre os pensamentos sobre a economia doméstica que me ocupavam muito naquele tempo, surgia de repente uma pergunta: “Bem, você terá 6 mil hectares na província de Samara, 300 cabeças de cavalo e, depois, o quê?”. E fiquei pasmo, sem saber como responder. Ou, pensando em minha maneira de educar os filhos, me perguntava: “E para quê?”. Ou, raciocinando sobre como o povo pode chegar ao bem-estar, me dizia: “E o que eu tenho com isso?”. Pensando sobre a fama que me trariam minhas obras, me dizia: “Está bem, será mais famoso que Gógol, Púchkin, Shakespeare, Molière e todos os escritores do mundo – e daí?”.

E nada, nada conseguia responder.

A minha vida estancou. Eu podia respirar, comer, beber, dormir, e podia nem respirar, nem comer, nem beber, nem dormir, mas não havia vida dentro de mim...

Se aparecesse uma fada e ela se oferecesse para cumprir meus desejos, eu não saberia o que dizer. Se no estado de embriaguez eu, em vez de desejos, tenho o hábito de desejos antigos, no estado normal eu sei que isso é uma ilusão, que não há o que desejar. Não podia nem desejava saber a verdade, porque já supunha em que ela consistia. A verdade é que a vida é um contrassenso.

Em *Confissão*, Tolstói cita uma parábola sobre um viandante perseguido por uma fera na estepe. Procurando se salvar, ele pula num poço de água e vê que, no fundo desse poço, há um dragão com a boca aberta. Ele se agarra aos ramos do arbusto que cresce na fenda do poço. E vê também como dois ratos, um branco e outro preto, estão corroendo o tronco do arbusto. Inevitavelmente, ele cairá na goela do dragão (a morte). Mas, enquanto está pendurado, olha em sua volta, encontra duas gotas de mel nas folhas do arbusto e lambe-as.

“Essas duas gotas de mel que mais tempo que outras desviaram minha vista da verdade cruel – o amor pela família e a literatura – já não são mais doces para mim”, confessa Tolstói. É interessante que, para ele, a família estava em primeiro lugar. A renúncia a ela foi o momento mais difícil nessa crise.

A crise não fora especulativa, mas uma “pausa de vida”, e seu resultado poderia ter sido ou o suicídio ou a resposta às questões que Tolstói se colocava. O quão próximo ele estava do suicídio pode-se julgar pelo fim de *Anna Karênina* (não o fim quando Anna se joga debaixo do trem, mas o verdadeiro, quando Konstantin Lévin, tendo a vida conjugal feliz, também está próximo do suicídio) e pela *Confissão*: “Então eu, homem feliz, para não me enforcar numa vara entre os armários, levei a corda do meu quarto,

onde eu ficava sozinho quando tirava a roupa, e deixei de sair com o fuzil, quando ia caçar, para não ter a tentação de me livrar da vida de um modo fácil...”.

No início dos anos 1870, Tolstói começa e não termina dois contos, nos quais o enredo é uma morte fictícia como meio de fugir da vida anterior. Mais tarde, voltou a ele em *O cadáver vivo* e em *Memórias póstumas do ancião Fiódor Kuzmitch*. No primeiro conto em questão, o terra-tenente Jeliábov mata sua mulher infiel, foge da casa de detenção com a ajuda do camareiro, vai até a balsa, onde há uma grande aglomeração de gente, despe-se e entra nas águas do rio. O desenvolvimento desse enredo foi o segundo conto, com o título “Stepan Semiónovitch Prózorov”, no qual um terra-tenente rico esbanja todo o dinheiro seu e dos filhos, também vai ao rio, tira a roupa e entra na água. Ao sair, veste a roupa de mujique que estava na margem e parte de navio no camarote da terceira classe; mas, pela força do hábito, entra no camarote de primeira classe, e é expulso.

O caminho de uma morte fictícia, sem dúvida, parecia ser, se não o meio mais atraente, em todo caso o mais aceitável para a resolução de problemas insolúveis. De qualquer maneira, é melhor do que o pecaminoso suicídio. Mas, em sua vida, ele realizou essa ideia apenas em parte quando, no começo dos anos 1890, renunciou a todo seu pecúlio em favor da esposa e dos filhos, “como se tivesse morrido”.

Em meados dos anos 1870, houve um episódio verdadeiramente precursor daquilo que aconteceria com Tolstói na hora de sua partida de Iássnaia Poliana: ele se perdeu... dentro da própria casa.

“Antes de se deitar, papai costumava se trocar e lavar o rosto no cômodo antes da sala, que era seu antigo escritório. Depois, de roupão, subia para o dormitório do casal”, recordava Serguei Lvóvitch Tolstói.

Naquela época, eu e meu irmão Iliá dormíamos no quarto que estava entre a copa e o quarto “sob as abóbodas”. Um dia, no outono, acordei

perto da meia-noite, ao ouvir um grito desesperado de nosso pai: “Sônia! Sônia!”. Eu abri a porta, a antessala estava escura. Ele tornou a gritar. Saí do quarto e ouvi que mamãe estava correndo para a escada com uma vela acesa na mão. Com uma voz alarmada, ela perguntou: “O que aconteceu, Lióvotchka?”.

Ele respondeu: “Nada. Eu me perdi...”.

No fim de 1879, quando Tolstói escreveu *Confissão* e sua revolução espiritual já era irreversível, a família Tolstói ganhou mais uma criança – nasce o filho Micha.

A anotação no diário de Sófia Andréievna, feita dois dias antes do parto, descrevia o clima sombrio, pesado e sufocante em Iássnaia Poliana, quando nada alegrava a grande e outrora unida família.

“Fico sentada, esperando o parto atrasado a cada instante. Uma nova criança desanima, o horizonte fechou-se, o mundo ficou escuro e apertado. As crianças e a casa toda – num estado tenso. Um frio terrível... Lióvotchka viajou para Tula... Escreve muito sobre religião.”

UMA DOR INDESCRITÍVEL

O entusiasmo de Tolstói com a Igreja ortodoxa refere-se a 1877, ano do início de sua crise espiritual. Foi justamente o entusiasmo ao qual ele se entregou com toda paixão, como se entregava a qualquer entusiasmo, mas o qual deixou em sua alma um sentimento de extrema decepção.

Na infância, Tolstói fora educado de tal maneira que sua percepção do mundo não podia ser penetrada pelo espírito da poesia ritual eclesiástica. Seus pais eram crentes e cumpriam todos os rituais, e eram devotas também suas duas tias que, em sua infância, viviam em Iássnaia Poliana, A. I. Osten-Saken e T. A. Iergólskaia, mas não se pode falar propriamente em educação religiosa do menino.

Na novela *Infância*, o protagonista reza frequentemente e com ardor, antes de dormir. Tolstói sempre teve essa necessidade de conversa privada com Deus, mesmo em seu período de ateísmo na juventude.

Idealizando a imagem de sua mãe, que ele praticamente não conheceu, Tolstói a personificou na princesa Maria Bolkónskaia. Porém, o biógrafo N. N. Gússev considera que a Maria Nikoláievna real não era tão exaltadamente religiosa e que não havia uma contradição fundamental entre ela e seu pai ateu. “No diário de Maria Nikoláievna, não se notam discórdias na concepção de mundo entre o pai e a filha, como vemos em *Guerra e paz* nas questões religiosas, por exemplo”, escreveu Gússev. Em compensação, é sabido que ela teve uma excelente educação, tinha domínio de quatro línguas estrangeiras e sabia muito bem a língua russa, o que era raro entre as mulheres da sociedade naquela época. Educada pelo pai, N. S. Volkónski, aristocrata culto do século XVII, avô de Tolstói, ela procurava desenvolver em seus filhos a força de vontade e a sensatez. Dava-se uma grande importância ao desenvolvimento intelectual, ao hábito da leitura e ao ensino da valentia e até do patriotismo. Mas nada se sabe sobre qualquer inoculação séria neles do amor à Igreja por parte da mãe.

O pai de Tolstói era um aristocrata comum de sua época e para ele, assim como para o avô de Tolstói, a Igreja era não mais que uma instituição civil. Necessária para casamento, batismo etc., mas não como “ pilar e dona da verdade”. Em relação aos rituais eclesiásticos, a ilustrada aristocracia russa, já no século XVIII, tinha uma atitude condescendente, no melhor dos casos. Lembremos o início de *Guerra e paz*: tanto o velho Bolkónski quanto seu filho Andrei são perfeitos ateus que explicam a religiosidade da princesa Maria apenas por sua impossibilidade, devido à feiúra, de encontrar um noivo bonito. O protótipo de Andrei era Serguei Nikoláievitch, irmão mais velho de Tolstói. Ele foi ateu até a morte, zombava das vestes monásticas de sua irmã Maria quando ela vinha à Iássnaia Poliana e chamava seu *klobuk*¹²⁰ de “cilindro”. Quando surgiu a

questão de sua comunhão antes da morte, a mulher dele, antiga cigana, crente, pediu para Tolstói convencer o irmão a aceitar esse ritual, ainda mais que o próprio Serguei Nikoláievitch havia manifestado essa vontade. Tolstói os apoiou e o irmão foi confessado e comungado.

Escreveu Gússev:

As tias de Tolstói tinham outra atitude para com a Igreja, especialmente Aleksandra Ilínichna, irmã de seu pai. Infeliz na vida pessoal, ela procurava consolo na religião. Sua ocupação predileta era ir à igreja e sua companhia predileta eram os peregrinos e peregrinas, os monges e freiras, as pessoas alienadas. Ainda quando a mãe estava viva, os peregrinos e peregrinas encontravam abrigo na casa de Iássnaia Poliana; depois, apareceu mais gente. Havia a semifreira Maria Guerássimovna e sabe-se lá que Olga Románovna, Fiedoceia, Fiódor, Ievdokímuchka e outros. Nikolai Ilítch não impedia a irmã de receber os peregrinos e peregrinas, mas ele mesmo, sendo um homem de bom-senso, não compartilhava do entusiasmo dela com essa gente.

E nisso Lióvotchka concordava com o pai, a quem respeitava muito. Mas a religiosidade da tia infundiu-lhe um certo medo perante Deus. Num texto autobiográfico, “O que sou?”, ele conta como, na infância, comeu a hóstia que um padre lhe enviara não em jejum, mas depois do chá. Isso o atormentou muito, e ele comentou que “era castigo de Deus” por ter feito aquilo. Já os conceitos religiosos de T. A. Iergólskaia eram muito específicos e, por estranho que pareça, antecipavam o modernismo religioso. Ela aceitava todos os dogmas eclesiásticos menos um: o dogma sobre os martírios de além-túmulo. Isto é, negava o inferno. Ela dizia: “Deus, que é a própria bondade, não pode desejar nossos sofrimentos”. O mesmo escreveu o filósofo religioso N. A. Berdiáiev no começo do século XX. A mesma negação do inferno de além-túmulo nós encontramos nas

concepções de Tolstói. “Desde a infância nunca acreditei nos martírios de além-túmulo”, escreveu ele em 1884 a V. G. Tchertkov.

Em sua mocidade, Tolstói afasta-se totalmente da Igreja, e não tanto por causa de seu niilismo religioso, mas pela falta do hábito de ir à igreja e cumprir os rituais, o que era comum entre os jovens solteiros de seu círculo. Antes do casamento deles, nem sequer lhes passava pela cabeça que era preciso visitar os templos, assistir a missas, jejuar, confessar-se e comungar. Lembremo-nos do embaraço de Konstantin Lévin quando ele entra no templo na hora de seu casamento. Fica profundamente comovido justamente porque isso acontece com ele como que num sonho, numa realidade nova para ele.

No fim dos anos 1870, à procura do sentido da vida e da firmeza de sua fé, Tolstói volta-se ao povo simples, encontrando nele aquela coisa única que não pode destruir seu intelecto analítico. Sempre o surpreendeu a atitude tranquila do mujique russo e do soldado perante a morte. E não só a ele: lembremos “Borodinó”,¹²¹ de Lérmontov, *O esqueleto vivo*, de Turguênev, e a poesia de Nekrássov. Se o mujique não tinha medo da morte, significava que ele tinha alguma resposta para a questão principal da vida: o sentido da existência humana. Esse mistério sempre preocupou Tolstói e foi o motivo principal de seu populismo. Ao se voltar para o povo, buscando a resposta para o sentido da vida, ele não podia deixar de reconhecer que o povo russo era o povo ortodoxo. Daí sua tentativa de voltar à Igreja e à literatura sobre a vida dos santos.

Exclama Tolstói em *Confissão*:

Quantas vezes invejei os mujiques por seu analfabetismo e incultura! Eles não viam nada de errado naquelas teses da fé que, para mim, eram absurdos evidentes; aceitavam e acreditavam na verdade, na qual eu também acreditava. Só que para mim, coitado, estava claro que essa

verdade apresentava-se entrelaçada por finíssimos fios com a mentira e que eu não podia aceitá-la assim.

Sófia Andréievna, que era pessoa religiosa, ficou um tanto surpresa com essa paixão que seu marido de repente passou a manifestar pela Igreja.

“Ele observava os jejuns com tanto rigor que na sexta-feira da Paixão ficava só a pão de centeio e água; e a maior parte do tempo ele passava na igreja”, recordava ela sobre os acontecimentos de 1877. “E contagiou com isso as crianças. Até eu, grávida, fazia jejum com todo o rigor...”

A filha do padre da igreja Kotchakóvskaia, perto da qual está o cemitério familiar dos Tolstói, contou a Makovítski: “Quando meu pai ia cedo para as matinas, Lev Nikoláievitch já se encontrava sentado numa pedra. Meu pai frequentava a casa dele, voltava às 2 horas da madrugada. Os dois conversavam muito sobre religião”.

V. R. Tchaiévski, comissário da polícia rural, ouviu um camponês contar o seguinte: “Os nossos senhores, quer dizer, o conde com sua família, todo feriado estão na igreja. Vem o trenó grande com a família e o conde sempre a pé... Até antes da missa, nós, os mujiques, sentamos na soleira, daí o conde também se senta junto da gente e começa um bate-papo, quer dizer, uma conversa sobre os negócios ou sobre o divino...”

O criado Serguei Arbúzov, que acompanhou Tolstói a Óptina em 1881, recordava que, em 1877, o próprio conde, quando saía cedo para a igreja, selava o cavalo para não acordar os cocheiros.

Tolstói entendia a religião no sentido direto da palavra, como “ligação”. A parte ritual da ortodoxia não significava para ele, porém, essa ligação com Deus, mas sim uma ligação “horizontal” com os antepassados que cumpriram os mesmos rituais e com os milhões de mujiques russos.

“Segundo os rituais da Igreja”, escreveu ele em *Confissão*, “eu reprimia minha razão e me subjugava àquela tradição de toda a humanidade. Eu me unia a meus antepassados, amados por mim, meu pai,

minha mãe, os avós. Eles e todos os anteriores tiveram fé, viveram e me puseram no mundo. Eu me unia também aos milhões de pessoas do povo que eu respeito”.

Mas a persistente inteligência de Tolstói não podia se deter na ideia de que, se ele agisse como todo mundo, isso significaria que estaria agindo certo. Sua primeira experiência com a comunhão, depois de muitos anos de recusa, causou nele uma rejeição espiritual.

Nunca vou esquecer a sensação torturante que tive no dia da comunhão, a primeira, depois de muitos anos. Antes, a missa, a confissão, os rituais – tudo para mim era compreensível, e a consciência de que o sentido da vida estava se abrindo para mim me causava alegria. A própria comunhão eu explicava para mim como um ato em memória de Cristo, o qual significava a purificação do pecado e a plena assimilação de sua doutrina. Se essa explicação era artificial, eu não notava. Sentia-me feliz humilhando-me e subjugando-me diante do confessor, um simples e tímido padre. Expunha o avesso de minha alma, mostrando toda sua sujeira, confessava todos os meus vícios, e era tão bom unir-me em pensamento às aspirações dos padres que escreviam as orações, tão boa era a união a todos os crentes, que eu não sentia a artificialidade de minha explicação. Mas então, quando cheguei às Portas Sagradas e o sacerdote obrigou-me a repetir que eu tinha fé, e que aquilo que eu tralaria era o verdadeiro corpo e o verdadeiro sangue de Cristo, senti uma punhalada no coração; isso não era apenas um apontamento falso, era uma exigência cruel para alguém que nunca soube o que é a fé.

Nesse momento, Tolstói sentiu uma dor indescritível. Mas “me submeti, humilhei-me voluntariamente e engoli esse sangue e esse corpo, com vontade de ter fé; o golpe, porém, já havia sido desferido. E, sabendo de antemão o que me esperava na próxima vez, não pude mais voltar”, escreveu ele em *Confissão*.

Nem jejuns, orações e confissões, nem a comunhão provocavam nele rejeição, pelo contrário, davam-lhe alegria, faziam-no “feliz”, segundo suas próprias palavras. Dava-lhe alegria a leitura dos livros com a descrição da vida dos santos. Mas a exigência do sacerdote de que confirmasse a crença de que o vinho e o pão eram o sangue e a carne do Cristo foi “indescritivelmente dolorosa”. Nisso a consciência intelectual de Tolstói esbarrava, e ele não podia aceitar.

O segundo momento importante que o afastou da Igreja foi a exigência de rezar no templo pelos detentores do poder e pelo exército. Tolstói não só não achava essa exigência no Evangelho como encontrou algo completamente oposto. E outra vez sua consciência intelectual se revoltou, resistiu à força externa que o obrigava a aceitar em confiança aquilo que ele não via e não entendia.

Escreveu seu filho Iliá Lvóvitch:

A ortodoxia de meu pai acabou inesperadamente. Era Quaresma. Para ele e para quem queria jejuar, estavam preparando um almoço magro; já para as crianças pequenas, governantas e professores serviram carne. O lacaio acabou de servir todos, colocou um prato com bolinhos de carne que sobraram na mesinha e foi buscar mais alguma coisa. De repente, meu pai se dirigiu a mim (eu sempre sentava ao lado dele) e disse:

“Iliucha, passe para mim esses bolinhos de carne.”

“Lióvotchka, você esqueceu que hoje é Quaresma?”, observou *mamá*.

“Não, não esqueci, eu não vou mais jejuar e, por favor, não mande mais fazer comida magra para mim.”

Para nosso espanto, ele os comeu acompanhando com elogios. Ao ver essa atitude de nosso pai, o ânimo para com os jejuns e as orações esfriou em nós e cedeu lugar à indiferença total à religião.

Podia-se pensar que o Tolstói amadurecido, pai de família, tinha deixado seus hábitos de fazer travessuras, como nos tempos de juventude, mas durante sua crise espiritual ele volta a fazê-las. Como prova, em Moscou ele confeccionava botas enquanto a mulher e a filha iam aos bailes. Na presença de seus admiradores, zomba de *Guerra e paz* e *Anna Karênina*, como aconteceu no gabinete do diretor do ginásio particular de Polivánov, no qual ele matricularia os filhos Iliá e Lev. Lá estavam a mulher do diretor e o ex-diretor do ginásio de Tula, Márkov, seu antigo conhecido.

Márkov perguntou a Tolstói se era verdade que ele tinha parado de escrever.

“É verdade”, respondeu Tolstói em tom provocativo. “E daí?”

“Mas como é possível privar a sociedade de suas obras?!”, exclamou Márkov, um admirador ardoroso de suas obras.

Tolstói respondeu com calma:

“Se eu fazia porcarias, devo continuar a fazê-las? Na juventude, eu frequentava ciganas e bebia champanhe; devo voltar fazer o mesmo?”

Profundamente ofendido, Evguêni Márkov nota em tom de reprimenda:

“Mas como pode fazer tais comparações?”

E outra vez recebe a resposta tranquila de Tolstói:

“E se eu justamente considero minhas obras um absurdo e a ocupação com as “artes” uma coisa indigna?”

As memórias da esposa de Polivánov trazem a nosso conhecimento que Tolstói considerava “um absurdo” não apenas suas próprias obras:

“Púchkin, por exemplo. Escreveu um monte de absurdos de todo tipo. E para ele fizeram um monumento. Ele está na praça, feito um mordomo anunciando que o almoço foi servido... Vá explicar ao mujique o significado dessa estátua e por que Púchkin a mereceu.”

Em março de 1881, Tolstói escreveu a Alexandre III uma carta ousada na qual pedia que ele não executasse os assassinos de seu pai, Alexandre II,

após o acontecimento de 1º de março. A versão da carta que N. N. Strákhov tentou entregar ao czar não é conhecida. Mas o rascunho dela conservou-se. Só o próprio fato de um fidalgo dar o conselho ao imperador de não executar os regicidas por si só já acarretaria consequências muito graves para qualquer outro fidalgo. Sófia Andrêievna, que desde o início estava categoricamente contra essa carta, entrou em conflito com o marido por causa de suas ideias “dissidentes”. Ela ameaçou “expulsar” o professor particular V. I. Aleksêiev, que apoiara essa empreitada do marido. Ela temia pela família e pelos filhos. Mas isso não servia como argumento para Tolstói. A carta foi entregue por Strákhov, mas apreendida por Pobedonóstsev.

Na resposta a Tolstói, ele escreveu:

... queira desculpar-me por me abster de cumprir sua incumbência. Num assunto tão importante, tudo deve ser feito de acordo com a fé. E, ao ler a carta, vi que sua fé é uma, e a minha e a da Igreja, outra; que nosso Cristo não é seu Cristo. Conheço o nosso como um varão da força e da verdade, que cura os fracos, e no seu íntimo percebi sinais de fraqueza que precisam de cura. Portanto, agindo de acordo com minha fé, não pude cumprir sua incumbência.

Cordial e respeitosamente, seu fiel Pobedonóstsev.

A alusão aos “sinais de fraqueza” e à necessidade de “cura” da parte de um membro do conselho estatal, o qual acabava de ser nomeado procurador-geral do Santíssimo Sínodo, foi bastante transparente. A história com a carta de Tchaadáiev¹²³ (nem endereçada ao czar), por causa da qual ele foi considerado demente, ainda estava viva na memória. A partir dessa carta a Alexandre III, começou o caminho dissidente de Tolstói. A carta não tinha chegado ao czar, mas este estava ciente do conteúdo dela.

Tolstói entrou então num caminho perigoso, e a única garantia de sua imunidade pessoal era sua grande fama literária. Mas justamente a essa

fama ele não dava mais valor. E, ao mesmo tempo em que sua filha Tânia lia conscienciosamente *Guerra e paz*, como todas as moças cultas da época, seu *papá* estava preocupado com o fato de que a censura impedia a publicação de *Confissão*, anticlerical. “Se quero descrever como uma dama apaixonada-se por um oficial, eu posso; se quero escrever sobre a grandeza da Rússia e decantar as guerras, eu posso o quanto quiser; mas o livro em que conto o que vivi e o que repensei, não posso nem sonhar em publicar na Rússia”.

Ele nem tinha esperanças de publicar o novo tratado filosófico sobre a religião *O que é minha fé?* (1884) depois que *Confissão* foi “excluída” da edição de maio de 1882 da revista *Rússkaia Misl*.¹²⁴

Depois da proibição e do sequestro da edição, feito pela censura clerical, o tratado foi composto na tipografia de Kuchnerev com a tiragem de cinquenta exemplares, que passariam de mão em mão na alta sociedade. Isso já era *samizdat*.¹²⁵

Sófia Andréievna ficou assustada com a perspectiva de ser esposa de um dissidente. “Marakúiev¹²⁶ disse que a censura leiga passou seu novo livro para a censura clerical, e que o bispo, presidente do comitê de censura, leu-o e disse que o livro tem tantas verdades impossíveis de não serem reconhecidas que, de sua parte, ele não vê motivos para proibi-lo. Mas creio que Pobedonóstsev, com sua implicância e falta de tato, proibirá outra vez”, comunica ela em janeiro de 1884.

E proibiu, evidentemente. Mas nesse caso é muito mais importante a atitude da esposa de Tolstói em relação a esse livro. Naquele tempo, ela preparava a edição da obra completa de Tolstói para ser editada e ficou descontente ao saber que suas novas “obras” estavam sendo editadas e divulgadas fora de seu controle.

Escreveu ela a Iássnaia Poliana em janeiro de 1884:

Precisava de alguns exemplares e fui à casa de Kuchnerev. Encontrei-o doente, de roupão. Ele pediu mil desculpas e me aconselhou a procurar Marakúiev. Mandeí Serioja falar com Marakúiev. Este disse que o interesse por essa obra era tão grande que ele deu todos os livros para as pessoas lerem e copiarem. Fiquei tão brava que fui vê-lo eu mesma e disse-lhe: “os exemplares não são do senhor, mas do conde, e ele não lhe pediu nem o autorizou a distribuí-los. E admita que os parentes e as pessoas próximas do conde têm o mesmo direito, se não mais, de se interessar pelas obras dele”. Prometeu-me trazer exemplares dentro de dois dias. E não se zangue comigo, certifiquei-me mais uma vez de que ele é uma pessoa extremamente descarada e é preciso tomar muito cuidado com ele.

Foi um grito de indignação que saiu do fundo da alma da mulher do escritor, a qual, pela primeira vez, enfrentava a intromissão de pessoas estranhas nos assuntos familiares, pensando que também tinham direitos sobre as novas obras de seu marido.

“O que antes servia para o bem de Tolstói agora se tornou um mal”, escreveu Vladímir Jdánov. “A vida espiritual e criativa de Lev Nikoláievitch, que fazia sua família feliz, agora a faz infeliz. Antes, ele e a família sustentavam-se uns aos outros; agora seus interesses são opostos, a ligação rompeu-se e, defendendo cada um seu próprio direito à vida, eles entraram numa luta que ora endurecia, ora chegava à conciliação, mas estourava novamente.

O drama da família Tolstói foi explicado com uma franqueza maior nas memórias de Iliá Lvóvitch, que, naquele tempo, tinha uns treze ou catorze anos. Era uma idade ingrata e talvez por isso a crise pela qual passava o pai, que se comportava como um adolescente, tenha sido sentida tão vivamente pelo filho.

Ele, que idealizava a vida familiar, que descreveu com amor a vida conjugal em três romances e que criou a sua própria à mesma imagem e semelhança, começou a censurá-la e vilipendiá-la; ele, que preparava seus filhos para o ginásio e para a universidade de acordo com o programa daquela época, começou a denegrir a ciência contemporânea; ele, que ia a Moscou para se aconselhar com o médico Zakhárin e mandava trazer médicos de Moscou para examinar a mulher e os filhos, começou a negar a medicina; sendo um caçador inveterado de ursos e de aves, começou a dizer que a caça é um meio de fazer os cães correrem; ele, que durante quinze anos juntou dinheiro para comprar terras na Bachkíria, começou a considerar a aquisição de propriedades um crime, uma “devassidão”, e, por fim, depois de dedicar sua vida à literatura, arrependeu-se disso e por pouco não a abandonou.

Continua Iliá Lvóvitch:

Mas o que devia sentir minha mãe nesse período! Ela o amava com todo o seu ser. Ela quase foi criada por ele. Meu pai esculpiu sua mulher assim como queria vê-la, de um puro e maleável barro, como era Sónietchka Bers com seus dezoito anos. Ela se entregara a ele de corpo e alma, vivia só para ele, mas, de repente, viu que ele estava sofrendo cruelmente, e, sofrendo, começava a se afastar dela cada vez mais. Os interesses deles, que eram comuns, não o preocupavam mais; pelo contrário, ele os criticava, e a vida conjugal o incomodava. Ele a assustava com a separação e a ruptura definitiva quando sobre suas costas havia uma família enorme e complicada. De crianças de peito até Tânia, de dezessete anos, e Serioja, de dezoito.

O que ela poderia fazer? Concordar com ele, doar todos os seus bens como ele queria e assim condenar os filhos à fome e à miséria?

Naquela época, meu pai tinha cinquenta anos, e ela, apenas trinta e cinco. Meu pai era um pecador arrependido, e ela nem tinha do que se

arrependido. Meu pai era um homem de grande força moral e inteligência, e ela era uma mulher simples; ele queria abranger com seu olhar todo o horizonte do pensamento mundial, e ela era uma mulher comum com o instinto natural de uma fêmea de preservar seu ninho. Onde está a mulher que agiria de modo diferente? Não conheço nenhuma, nem na vida, nem na história, nem na literatura. Neste caso, pode-se sentir pena de minha mãe, mas não se pode julgá-la. Ela estava feliz nos primeiros anos de sua vida conjugal, mas, depois dos anos 1880, sua felicidade apagou-se e nunca mais voltou. E é claro que meu pai sofria ele próprio mais do que os outros.

Nesse tempo, Sófia Andréievna escreveu para o irmão: “Se você visse e ouvisse Lióvotcha agora! Mudou muito. Tornou-se um cristão mais sincero e firme. Mas encaneceu, ficou fraco de saúde e mais quieto e desanimado do que antes”.

“Lióvotchka fica trabalhando o tempo todo, como ele diz”, escreveu ela para a irmã, com ironia e preocupação, “mas somente em seus raciocínios sobre a religião, para mostrar como a Igreja é incoerente com o Evangelho. Duvido que exista mais que uma dezena de pessoas interessadas nisso. Mas não há o que fazer, só desejo que essa doença passe logo.” É fácil perceber e provar o quão insensível ela era em relação às buscas espirituais do marido e como estava errada em sua previsão sobre não existir “mais que uma dezena de pessoas interessadas nisso”. Todavia, as buscas de Tolstói deixaram perplexos também Fet e Turguênev; nem Strákhov, que tinha afinidade maior com as ideias de Tolstói, concordava com ele em muitas questões. E, para completar, a revolução espiritual de Tolstói provocou um conflito sério entre ele e a tia *Alexandrine* Tolstaia, aquela mesma que Sófia Andréievna considerava uma cabeça acima de si.

Sófia Andréievna foi apoiada por sua família. Em 3 de março de 1881 (dois dias depois do assassinato de Alexandre II, quando Tolstói tomou

abertamente o caminho da dissidência), ela escreveu à irmã, hospedada em Iássnaia Poliana, que seu irmão, Aleksandr Bers, viu em Tolstói uma “mudança para pior, isto é, temia pela mente dele”. E acrescentou que considerava “suas ideias filosóficas e religiosas as mais perigosas”.

PRISIONEIRO DE MOSCOU

Eis uma pergunta: o que teria acontecido se, em 1881, a família Tolstói não tivesse se mudado de Iássnaia Poliana para Moscou? Talvez não tivesse ocorrido o desarranjo irreversível, e os pontos de vista de Tolstói não teriam mudado tanto, a ponto de entrar em contradição irreconciliável com os pontos de vista dos familiares.

A mudança foi causada por várias circunstâncias. Os filhos mais velhos cresceram. Serguei ingressaria na Universidade de Moscou. Tatiana era moça casadura e já estava em tempo de aparecer na sociedade. Além disso, manifestava inclinação para a pintura e queria ingressar na Escola de Pintura e Estatuária. Iliá e Lev precisavam cursar o ginásio. O preparo doméstico de Serguei e os exames anuais em Tula deram muito trabalho. Os assuntos editoriais de Tolstói e da esposa também obrigavam a mudança para Moscou. Não apenas Sófia Andréievna, como também o próprio Tolstói, entendia isso. Com muito medo, ele aguardava essa mudança e ficava aflito. Mas conformou-se.

Tolstói não gostava de Moscou.

Na novela *Infância* encontramos os primeiros sinais desse desamor. Durante sua visita a Moscou, Nikólenka Irtiêniev ficou surpreso e decepcionado com os moscovitas. “Eu não conseguia entender por que ninguém reparava em nós, não tiravam o chapéu quando passávamos, e alguns nos olhavam com malevolência”. Essa foi a visão de uma criança, mas não nos esqueçamos de que, chegada a hora de mudar para Moscou, Tolstói começou a se fazer “perguntas infantis, tolas e elementares”.

A cidade grande causava nele uma antipatia estética e moral. É difícil entender qual delas prevalecia. Seu senso estético indignava-se, por exemplo, quando via no meio da rua um policial com uma grande pistola. Isso lhe parecia tão absurdo quanto o lacaio de elmo que acompanhava sua futura mulher, ainda menina, no Kremlin.

A Moscou dos anos 1870-1880 era uma cidade diversificada, na qual a civilização unia-se de um modo surpreendente ao arcaísmo aldeão. Com a exceção de algumas ruas centrais, era um conglomerado de mansões senhoriais, no qual a civilização urbana contemporânea juntava-se surpreendentemente à vida arcaica da aldeia. Ao menos assim Moscou deve ter sido vista por Tolstói, crescido na paisagem de Iássnaia Poliana: como uma grande aldeia.

Conta-nos o historiador M. M. Bogoslóvski sobre a Moscou dos anos 1870-1890:

Uma parte de Moscou, que se estendia do rio Moscova até a rua Málaia Dmítrovka e Karétni Riad, aquela parte atravessada radialmente pelas ruas Ostójenka, Pretchístenka, Arbat, Povarskaia, Bolchaia Nikítskaia e Málaia Nikítskaia com os labirintos de travessas entre elas, era, principalmente, das casas da nobreza e dos funcionários. Aqui, dentro do anel Sadóvoie e em alguns lugares saindo dele, nas ruas principais, situavam-se grandes mansões senhoriais – palacetes com colunas e frontões no estilo Império. E aqui mesmo, tanto nas ruas principais como nas travessas, havia muitas construções menores, térreas, frequentemente de madeira com águas-furtadas, às vezes também com colunas e frontões, nos quais se viam brasões com mantos e gorros principescos ou coroas fidalguescas, elmos de cavaleiros e penas de avestruz. Essas mansões, pequenas e grandes, lembravam as casas senhoriais dos arredores de Moscou e das propriedades hereditárias afastadas, ainda mais que seus pátios, com inúmeras dependências de

serviço, galpões, cocheiras, adegas e poços d'água, pouco se diferenciavam das propriedades rurais dos mesmos donos. As ruas moscovitas ainda não tinham o aspecto de duas fachadas ininterruptas, altas e tediosas, uma frente à outra. Naquela época, os limites entre as casas não eram as fachadas, mas as cercas em volta dos terrenos das propriedades. Os portões que levavam às mansões, em sua maioria de madeira, mantinham-se frequentemente abertos para a passagem da rua até a entrada principal da casa. As plantas verdes aumentavam a semelhança com as mansões rurais. Raramente não havia ao menos um pequeno jardim. Mas, em geral, eles eram enormes, uns verdadeiros parques.

Assim era a Moscou dos anos 1880, para onde se mudaria Tolstói. Uma coisa era trocar a aldeia pela cidade e outra era deixar sua propriedade hereditária, sua fortaleza independente, e passar a morar no meio do agrupamento de fortalezas alheias.

E mesmo o centro de Moscou não podia corresponder ao gosto estético de Tolstói.

Recorda Moscou outro memorialista daquela época, N. B. Davíдов:

A rua Tverskaia e, principalmente, o Kuznêtski Most melhoraram bastante o exterior de suas lojas, mas a maioria das casas comerciais e das bancas nas outras ruas permaneciam com placas antediluvianas, com inscrições ridículas e cheias de erros, tabuletas ingênuas mostrando o ramo do comércio e, especialmente, davam na vista as pinturas das vendas de tabaco: de um lado da porta, era representado um homem do tipo asiático, de turbante, fumando cachimbo, do outro, um negro ou mestiço (nesse caso, de chapéu de palha), fumando charuto; as dos salões de cabeleireiro ou barbearias representavam, além das cabeças penteadas femininas e masculinas, uns frascos de vidro com sanguessugas e até cenas de flebotomia; as das padarias e panificadoras

representavam todo tipo de pães e roscas; nas de vendas de produtos coloniais, torrões de açúcar, velas, frutos e, às vezes, caixotes e trouxas preparados para o carregamento e, no fundo, um navio partindo; nas das costureiras e dos alfaiates, vários tipos de traje; nas dos vendedores de roupa russa, casacos de cocheiros e casaquinhos pregueados na cintura; pintavam-se chapéus, bandejas com aparelhos de chá, pratos com porco assado, salsichas, salsichões, queijos, botas, malas, óculos, relógios, enfim, os comerciantes não contavam com a alfabetização dos compradores e mostravam a eles sua mercadoria desenhada e colorida de uma maneira tosca, e as próprias tabuletas eram desproporcionais e muito feias...

Além do mais, uma grande cidade é um problema do ponto de vista sanitário. Escreveu N. B. Davídov:

Moscou, até hoje, ¹²⁷ não consegue ter ar limpo, apesar do encanamento e da canalização, e é melhor nem chegar perto de certas casas. No entanto, nos anos 1860, um fedor de várias nuances reinava sobre Moscú inteira. Sem falar dos numerosos comboios de carroças mal equipadas levando excrementos em dornas descobertas, que, em movimento, derramavam o conteúdo na rua ou, no melhor dos casos, nos barris. E o movimento desses comboios durava da meia-noite até de manhã, empestando o ar das redondezas mesmo no inverno. Em grau maior ou menor, o fedor existia em todos os pátios, que às vezes não tinham fossos especiais, e alguns não tinham nem os sépticos. Os pontos das carruagens, os quintais das pousadas, as casas de pasto, as tabernas populares, outros estabelecimentos semelhantes e quase todos os cantinhos de ruas, mesmo que tapados com tábuas, as vielas e os becos (que eram muitos!), os portões cobertos, a despeito da inscrição “Expressamente proibido”, eram os focos do ar estragado...

O primeiro conflito surgiu durante a escolha do ginásio para os filhos. De início, Tolstói queria colocar Iliá e Lev no ginásio estatal comum. Mas lá exigiram que ele assinasse a garantia da lealdade política dos filhos. Isso o deixou indignado! “Nem por mim mesmo assinaria tal garantia, como posso assiná-la por meus filhos?” Acabaram colocando-os no ginásio particular de Polivánov, onde a “garantia” não era exigida.

O ginásio de Polivánov, além de ser bom, tinha a vantagem de estar ao lado da casa da princesa S. V. Volkónskaia, na travessa Déniejni, que a família Tolstói alugou no outono de 1881. Um dos motivos principais que levaram Tolstói a se conformar com a mudança para Moscou foi o medo *pelos filhos*. As ideias patriarcais de Tolstói não foram abaladas por suas convicções anticlericais nem antiestatais.

Tolstói tinha receio de que, no ginásio e na universidade, os filhos fossem influenciados pelas ideias niilistas da juventude. Ele se lembrava bem de seus tempos de estudante quando, no primeiro ano de estudos, foi parar numa clínica de doenças venéreas. Por outro lado, Tolstói, com sua nova concepção religiosa do mundo, não tinha por que gostar das universidades e, especialmente, da faculdade de ciências naturais, na qual Serguei ingressara. Antidarwinista por princípio (nisso ele e Strákhov eram aliados e juntos escreveram um livro contra Darwin), Tolstói, até seus últimos dias, não podia perdoar o filho pela escolha dessa faculdade. Pouco antes de sua morte, ditou a Sacha uma carta para Serguei que tinha estas palavras:

Quero lhe dar um conselho, Serioja, para que você pense em sua vida, em quem você é e o que você é; qual é o sentido da vida humana e como qualquer pessoa racional deve vivê-la. As doutrinas de Darwin, da evolução e da luta pela sobrevivência, que você aprendeu, não lhe explicarão o sentido de sua vida e não serão guias de seus atos. E a vida sem a compreensão de seu sentido e sem a decorrente direção que se

deve seguir é uma existência miserável. Pense nisso! Digo isso porque amo você e estou próximo da morte.

Comentando essa carta, Serguei Lvóvitch escreveu que, até 1910, seus pontos de vista “tinham mudado muito”. Provavelmente, o pai lembrou-se das discussões entre eles no tempo em que Serguei era estudante.

Tolstói não gostou da escolha do filho e não gostava da universidade em geral, mas se preocupava mais justamente com o preparo de Serguei para que passasse dignamente nos exames universitários.

Quem procurava professores particulares e governantas para os filhos era Tolstói. Ele conseguiu fazer com que Serguei, que estudava em casa, prestasse exames anuais no ginásio de Tula em pé de igualdade com os alunos do ginásio. Os resultados dos exames interessavam-lhe muito.

E, de repente, depois de se mudar para Moscou, ele começa a criticar a universidade na presença do filho e a falar mal da ciência em geral.

Serguei Lvóvitch cita as opiniões do pai sobre a ciência e os cientistas, as quais ele ouviu durante as discussões:

“A ciência ocupa-se com qualquer coisa, menos com as questões sobre o que é necessário saber e como se deve viver.”

“Os cientistas não fazem distinção entre os conhecimentos úteis e inúteis. Eles estudam matérias tão desnecessárias como os órgãos sexuais da ameba, porque graças a isso eles podem levar uma vida senhorial.”

“Todos esses cientistas são mantidos pelo governo e não podem dizer as verdades que não convêm ao governo; ao contrário, devem dançar conforme o governo toca...”

Nenhum niilista, nenhum Bazárov¹²⁸ poderia dizer nada parecido na frente de Serguei. A força destrutiva do pai era tão grande que o jovem de dezoito anos ficou confuso. Quando o pai tinha razão? Quando gastava dinheiro e suas forças para prepará-lo para a universidade? Ou quando xingava a ciência e os cientistas?

Nas *Anotações de um cristão*, uma espécie de confissão de Tolstói dos anos 1880, o filho mais velho é mencionado frequentemente. Não há dúvida de que Tolstói sentia culpa perante o filho, mas não conseguia se desfazer da antipatia que sentia por ele. Pelo diário, sabe-se que os dois discutiam frequentemente, mas quem provocava as discussões era o pai, e o filho era obrigado a se defender. “Serioja confessou que gosta da vida carnal e acredita nela”, escreveu Tolstói. E comentou friamente: “Fico contente com a colocação clara da questão”.

E Tânia? É evidente que a moça de dezessete anos ficou feliz com a mudança para Moscou! E não só porque queria estudar na escola de pintura e estatuária. Pois Moscou significava bailes, vestidos de gala, admiradores. Tânia não era indiferente a tudo isso. Inteligente, culta e com um talento indubitável para a pintura, ela, mesmo assim, era uma moça provinciana e um tanto exaltada, que queria muito namorar. Estava enamorada secretamente por um rapaz da mesma idade, Kólia¹²⁹ Kislínski, filho do chefe da administração provincial. Era cortejada pelo amigo de Serioja, um pouco mais velho que ela, Anton Délvig, sobrinho do famoso poeta Délvig, amigo de Púchkin. A família Délvig, de Tula, e a família Tolstói se conheciam. Tânia leu *Guerra e paz* e suas simpatias estavam com Natacha Rostova, e não com a princesa Maria. Seu ídolo feminino era a tia Tânia Kuzmínskaia.

Sobre o que se passava na cabeça dessa moça encantadora, ela mesma escreveu em suas memórias. Mas duas anotações em seu diário, de 1879-1880, refletem melhor o estado de sua cabecinha e de sua alma:

No Natal, ganhei de presente um binóculo e notas com meu monograma no valor de quatro rublos e cinquenta copeques. Minha avó mandou-me de Petersburgo um anel. E *mamá* deu-me obras de *papá*, dois vasos, um frasco de água de toalete e ainda o romance inglês *Jane Eyre*.

Eu sei o que meu pai gostaria: ele gostaria que eu fosse a princesa Maria, que não pensasse nas diversões, nos Délvig, em Kólia Kislínski, e que, se possível, não viajasse mais para Tula. Mas já é tarde: para que me levaram para lá na primeira vez?

Nessas poucas linhas desenha-se um retrato surpreendentemente completo da jovem Tánietchka. Aparece nelas sua inteligência, seu encanto, sua cultura. Ela sabe contar dinheiro e ser grata aos familiares pelos presentes, tem capacidade de fazer observações psicológicas e a capacidade prematura da autoanálise. Tudo isso foi resultado da longa e cuidadosa educação que recebera, na qual o pai fez um papel não menos importante que a mãe. “A influência de nosso pai em casa era mais forte do que a de nossa mãe”, reconheceria posteriormente T. L. Sukhótina-Tolstaia. “Todos sentiam isso.”

Quando Tânia escorregou no chão encerado e caiu, quebrando a clavícula, o pai a levou ao melhor cirurgião de Moscou e perguntou-lhe se ficaria alguma marca depois da operação. “Ele queria se certificar de que não apareceria cicatriz quando eu usasse vestido decotado...”

Em Moscou, o próprio Tolstói levou Tânia ao primeiro baile dela e a apresentou às pessoas de seu círculo, com quem mantinha antiga amizade.

Lendo *Anotações de um cristão*, vemos outra atitude de Tolstói para com Tânia. Mas é preciso levar em conta que esse diário é, na realidade, uma crônica dos intermináveis sofrimentos do povo. Tolstói abre os olhos. Ele vê à sua volta aquilo no que antes não reparava. O povo simples vivia na pobreza, tinha enfermidades de todo tipo. Morria de tuberculose, perdia os últimos arrimos da família, não tinha com que alimentar os filhos pequenos, era sujeito a castigos corporais por qualquer falta e aguentava tudo isso calado.

“Um mujique de Schékino. Tísica. Tosse com sangue, suor.”

“A nora de Iegor, sem braço, veio pedir dinheiro para comprar um cavalo.”

“Um mujique bêbado desbastava um olmeiro. Cortou o nariz.”

“O filho de Kolpénskaia, de doze anos. O mais velho. Os mais novos têm nove e seis anos. Os pais morreram.”

“Um soldado de Schékino com febre.”

“Ivan Koltchánov. Vítima de incêndio.”

“Uma mulher de Sudakovo. Saiu correndo da casa em chamas com a roupa do corpo. O filho se meteu no fogo. Está tudo perdido. Não tem mais cavalo. Foi levado pelos oficiais de justiça.”

“Uma mulher de Schékino. Doente, com um filhinha, caminhou três dias para chegar até mim.”

“Um rapaz de Podivánkovo. Tem irmã doente. O nariz dela apodrece.”

“Uma rapariga manca, faceira. O primo a expulsou de casa.”

“Uma mulher com criança, vítima de incêndio. Morava na cidade. O filho morreu no incêndio. O marido ficou queimado...”

É apenas uma pequena parte da desgraça humana e da maldade universal que preenchem *Anotações de um cristão*, transformando sua leitura num tormento.

O olhar de Tolstói mudou. Ele passa a só ver desgraças e sofrimentos à sua volta. Assemelha a Buda, que, em sua infância e adolescência, era protegido de ver os sofrimentos humanos e, quando os viu, já não via mais nada além deles.

E o fundo de tudo isso era sua família. Uma festa em casa. Todos estão se preparando para um piquenique.

“Temos um grandioso almoço com champanhe. Ambas as Tânicas¹³⁰ estão de vestido de gala. Todas as crianças usam cintos que custam cinco rublos. Ainda não terminaram de almoçar, mas a carroça já leva a provisão

para o lugar do piquenique, entre as carroças de mujiques que levam o povão exausto de trabalho.”

Tudo isso acontecia ainda em Iássnaia Poliana, não em Moscou. Mas Tolstói já não via seus familiares com os mesmos olhos de antigamente.

“Sônia está tendo um ataque. Eu aguentei melhor, mas ainda não estou bem. É preciso entender seu mal-estar e poupá-la, mas não se pode virar a cara para o mal. A conversa com Tânia sobre a educação durou até a madrugada. Não são gente.”

Essa nova atitude para com as mulheres do futuro autor de *A Sonata a Kreutzer* atinge de ricochete Tânia, a qual, justamente nesse tempo, preparava-se com impaciência para ser igual às outras. Ainda em Iássnaia Poliana, Tolstói implicava com a mulher e a filha, provocava discussões e depois a reação delas o fazia sofrer.

Ei-los finalmente em Moscou...

Fedor, pedras, luxo e pobreza. Devassidão. Juntaram-se os celerados que pilharam o povo, chamaram soldados e juízes para garantir a segurança de suas orgias e ficam se banqueteadando. A única coisa que o povo pode fazer é, aproveitando-se dos vícios deles, extorquir-lhes o dinheiro roubado. Os mujiques são mais espertos nisso. As mulheres ficam em casa, os homens lustram o chão, esfregam os corpos alheios nos banhos, trabalham como cocheiros.

E como vão as coisas em casa? “Continuam se instalando. E quando vão começar a viver? Tudo o que se faz não é para viver, mas para parecer com os outros. Uns infelizes! E não há vida!”

A casa na travessa Dénejni que Sófia Andrêievna encontrou era barulhenta, parecia “um castelo de cartas”. As divisões entre os cômodos eram tão finas que dava para ouvir tudo que se falava e se fazia nos quartos ao lado. Querendo agradar ao marido, Sófia Andrêievna destinou o quarto maior para seu escritório, com janelas que davam para o quintal e afastado

dos outros cômodos. “Mas esse escritório excelente”, escreveu ela em suas memórias, “fazia Lev Nikoláievitch cair em desespero por ser tão amplo e luxuoso demais.”

Quase 25 anos antes, quando Tolstói levou Sónietchka para sua casa de solteiro em Iássnaia Poliana, não foi fácil para ela, habitante da cidade, acostumar-se e adaptar-se à vida no campo. Agora os papéis haviam se invertido. “Finalmente tivemos uma conversa”, escreveu ela à irmã. “Lióvotchka disse que, se eu o amasse e me preocupasse com seu estado de espírito, não escolheria para ele esse quarto enorme, onde ele não tem um minuto de sossego, onde cada cadeira faria a felicidade de um mujique, isto é, com esses vinte e dois rublos ele poderia comprar um cavalo ou uma vaca, e a consciência disso lhe dava vontade de chorar etc.”

“As primeiras duas semanas eu não parava de chorar”, escreveu ela novamente para a irmã, “porque Lióvotchka caiu não só num desânimo, mas numa profunda apatia. Ele não dormia e não comia, e às vezes até chorava *à la lettre*,¹³¹ pensei que ficaria louca.”

Para trabalhar nas condições costumeiras, Tolstói alugou também dois pequenos quartos na casa dos fundos, por seis rublos mensais.

Mas o que ele escrevia? A única obra terminada em 1881 foi o conto “Do que as pessoas vivem?” para uma revista infantil.

No outono do mesmo ano, quando ele concluía o trabalho sobre esse conto, nasceu a oitava criança (sem contar as falecidas), o filho Aleksei. O problema era que Sófia Andrêievna não queria ter essa criança. Ainda de Iássnaia Poliana, ela escreveu para a irmã: “Micha toda vez regurgita aquele escasso leite que eu tenho, e eu me sinto mal. Quer dizer que, para meu espanto, estou grávida outra vez”.

Ela *cansou*. O marido não levava em consideração suas possibilidades físicas e psíquicas. Ele estava todo em sua nova concepção de mundo e à procura de pessoas que compartilhassem suas ideias ou simplesmente não o considerassem louco. Ela tinha de tomar conta de dois bebês, dois

ginasianos, um estudante e uma moça casadoura. E, nessa situação, o marido vinha e lhe dizia que era preciso renunciar a todos os bens, a todos os direitos autorais sobre suas obras literárias e a todos os hábitos senhoriais, doar tudo para os mendigos e camponeses e viver de seu trabalho num pedaço de terra.

E não eram *palavras*.

No diário de Tolstói, encontramos o programa completo de sua nova vida familiar, assim como ele a imaginava e, pelo visto, chegou a apresentar à mulher e aos filhos. Nós o citamos na íntegra, conservando as palavras riscadas.

Morar em Iássnaia Poliana. (*Riscado*: Nos primeiros tempos, usar da renda de Iássnaia Poliana.) A renda de Samara doar aos pobres e às escolas de Samara pela ordem e sob o controle dos próprios pagadores (*riscado*: instituição). A renda de Nikólskoie (depois de distribuir as terras entre os camponeses) *idem*. Para nós (*riscado*: deixar), isto é, eu, minha esposa e nossos filhos menores de idade, deixar, por enquanto, a renda de 2 a 3 mil rublos. (Deixar por algum tempo, mas com a vontade de doá-la toda aos outros e se contentar com pouco, isto é, limitar, na medida do possível, as nossas necessidades e dar mais do que receber, fazer todos os esforços para isso e ver nisso o objetivo e a felicidade da vida. Os três maiores de idade, à escolha deles, podem tomar uma parte das rendas de Samara ou de Nikólskoie, destinadas aos pobres, ou, morando lá, colaborar para que esse dinheiro seja usado para o bem ou, morando conosco, ajudar a família. Educar os menores de tal maneira que eles se acostumem a exigir o mínimo da vida. Ensinar a eles aquilo que eles têm vontade de aprender. E não somente as ciências, mas as ciências e o labor. Da criadagem, manter apenas a quantidade necessária para nos ensinar e ajudar a mudar e, mesmo assim, temporariamente, aprendendo a passar sem ela. Todos os homens devem morar no mesmo

quarto, e as mulheres e meninas, em outro. Um quarto para a biblioteca e ocupações intelectuais e um quarto comum para o trabalho. Para a nossa complacência, um quarto para os fracos. (*Riscado*: E) Além da alimentação e dos estudos nossos e das crianças, trabalho, economia doméstica e prestação de ajuda com produtos, medicação e ensino. Aos domingos, fazer almoços para mendigos e pobres, leitura e conversas. A vida cotidiana, a comida, a roupa (*riscado*: artes, ciências e outras desse tipo) – as mais simples (*riscado*: e acessíveis). Tudo que é demais: (*riscado*: vender) o piano, a mobília, as carruagens – vender ou doar. Somente se ocupar com tais ciências e artes que possam servir aos outros. O tratamento deve ser igual para com todos, do governador ao mendigo. O único objetivo é a felicidade de cada um e da família, sabendo que a felicidade consiste em se contentar com pouco e fazer o bem aos outros.

Era uma comuna de trabalho na base de uma família isolada. É evidente que Sófia Andréievna não concordou com isso. E não só porque nem ela, nem as crianças, nem o próprio Tolstói tinham qualquer prática de vida nessas condições. Na realidade, Tolstói propunha à esposa riscar e liquidar tudo o que ela havia construído durante vinte anos pela vontade dele próprio. Propunha a ela começar do zero a vida conjugal. Um novo marido, novas preocupações, novas brigas e reconciliações.

Para isso, ela não tinha forças morais nem físicas. O nascimento de Aleksei era a última gota na taça de sua paciência feminina. Ainda de Iássnaia Poliana, amamentando Micha, ela escreveu à irmã: “Às vezes dá vontade de sair voando a Moscou para estar com você e *mamá*, sair das penumbras de meu dormitório, onde fico curvada sobre o rostinho vermelho do novo bebê e sofro de dor nos mamilos catorze vezes por dia. Resolvi ser conseqüente, isto é, amamentar esse *último* e mais uma vez suportar as dores, e suporto-as com bastante paciência”.

Não foram os *últimos* nem Micha, nem Aliocha. O último seria Vánietchka. E, antes dele, ainda nasceria Sacha, que por pouco não foi abortada, quando Sófia Andrêievna procurou uma parteira de Tula e pediu-lhe que provocasse nela um aborto. Aliás, justamente nesse ano Tolstói escreveu o projeto da comuna familiar.

A discordância, já nem tanto entre os interesses, mas simplesmente entre os ritmos de vida do casal, tornou-se catastrófica. A vida de Tolstói no fim dos anos 1870 e começo dos 1880 como que se retarda e, às vezes, para (“não há vida”), enquanto a mulher, amamentando e parindo constantemente, não tem tempo para refletir e analisar a nova situação da família. Nesse tempo, a atitude de Tolstói para com a mulher e os filhos é muito cruel. Posteriormente, ele sentiria remorsos por esse período, quando, com sua teimosia e rigidez, tentou alquebrar a família, exigindo dela aquilo que ela não estava em condições de cumprir.

BUSCAS E RECONCILIAÇÕES¹³²

E, mesmo assim, a família Tolstói era surpreendentemente forte e resistente! Até em 1881, ano mais difícil da vida conjugal do casal, não lhes passou pela cabeça a ideia de “separar” a família.

“A família é carne”, escreveu ele no diário em 1881. “Deixar a família é a segunda tentação de se matar. A família é um só corpo. Mas não ceda à terceira tentação, não sirva à família, sirva unicamente a Deus.”

Pois então, deixar a família significaria *se matar*. Não se tratava de uma sobrevivência sem que a família cuidasse de você. Tratava-se de que Tolstói ainda não separava sua vida espiritual da esposa e dos filhos. A morte da família era a própria morte, não a física, mas justamente a espiritual. Por isso, Tolstói não podia “deixar que os vivos enterrassem seus mortos”. Não se tratava de “mortos”, mas de um corpo espiritual único que estava doente e que não poderia ser simplesmente cortado em partes “doentes” e “sadias”.

À primeira vista, o comportamento de Tolstói em Moscou parece muito incoerente. Ele renuncia à propriedade, mas, na primavera de 1882, começa a procurar uma casa em Moscou para comprar, mobiliar e se instalar, porque o “castelo de cartas” de Volkónskaia na travessa Dénejni não lhe convinha. Ele queria um ninho seguro, confortável, assim como em Iássnaia Poliana, e não um refúgio provisório.

Não foi à toa que a essas buscas precederam várias fugas de Tolstói para Iássnaia Poliana no período entre fevereiro e abril de 1882, em que ele pôde recuperar seu sistema nervoso abalado e, ao mesmo tempo, avaliar as possibilidades de viver fora da família. Suas idas e vindas foram o primeiro teste de resistência da família à procura de uma nova estrutura conjugal. Sófia Andrêievna, sabiamente, não impedia as partidas, mas fazia de conta que estava tudo bem. Ela deu carta branca ao marido para escolher o novo modo de vida deles de acordo com suas novas convicções.

E não poderia ter feito melhor.

Eles trocavam cartas diariamente, às vezes duas por dia. Já na primeira carta Tolstói pôs todos os pingos nos is. Sim, ela amava o marido infinitamente. Seria feliz se vivesse com ele no sossego de Iássnaia Poliana. Também não gostava da vida na cidade, mas não podia renunciar aos interesses dos filhos, até pela tranquilidade dele, e o direito de escolher como viver futuramente era todo dele.

Desci agora do quarto de Andriucha, que tinha acordado e estava gritando desesperadamente. Olhei pela janela e vi um céu estrelado, lindo, e pensei em você. Que estado poético e triste deve ter causado a você este céu em Iássnaia Poliana, quando saiu para passear como antigamente. Deu vontade de chorar, fiquei com saudades daquela vida calma. Eu não me adaptei à cidade. Embora me canse mais apenas fisicamente, não estou bem em geral.

Nas cartas, estão descritas detalhadamente a agitação e a confusão da vida moscovita, com suas carruagens, teatrinhos de feira, o Teatro Mály e o Teatro Bolshói, bailes, parentes, colegas dos filhos. “No sábado, vão dançar na casa de Olsúfieva, e para sexta-feira tem o convite para a casa de Obolénskaia. Uma precisa de vestido, e o outro, de sapatos, e o terceiro, de mais alguma coisa.” Mas ela tinha espasmos na garganta e no peito e pesadelos de noite: “Hoje sonhei com uma mulher de vestido de chita, os pés nus, de sapatos que se arrastavam pelo chão. Quando ela chegou à minha cabeceira, perguntei: ‘Quem é você?’. Ela virou-se e foi para a sala”.

Ela lembra ao marido do bebê Aliocha: “Meu pequenino ainda não está bem. É adorável e me dá muita pena. Você e Siutáiev podem não gostar muito de seus filhos, mas nós, as simples mortais, não podemos e, provavelmente, não queremos ser monstros e justificar o desamor por alguém com sei lá que amor pelo mundo inteiro.”

Em nenhuma linha ela tenta escamotear o conflito e deixá-lo rolar sem freio. “Sinto-me péssima, estou adoentada, odeio minha vida, choro o dia inteiro e, se tivesse um veneno à mão, poderia até me envenenar. Não chamo você para compartilhar esta vida e não estou mentindo. Sua presença também me aflige, tanto mais porque não posso nem acalmar você nem consolar a mim mesma. Adeus”.

Ela recebe uma resposta “tranquila, submissa”, segundo as palavras dela, na qual consta que, por mais que seja boa a vida em Iássnaia Poliana, a família faz falta a Tolstói e ele aguarda a chamada dela para voltar.

Minha alma, escrevo para você de Iássnaia. Estou no quarto de Aleksei Stiepánovitch, onde me sinto muito bem... No meu quarto, na lareira, dormiu Piotr Chintiakov. Ontem, Maria Afanásievna e Agáfia Mikháilovna estiveram aqui, tomamos chá e conversamos. Hoje andei a cavalo, tomei café e comecei a trabalhar, mas não fiz muito – a cabeça dói tanto que parece enxaqueca. Sinto fraqueza. Não me sobrecarrego,

leio as antigas *revues* e fico pensando. Delicio-me com o silêncio. Evito visitantes. Gostaria muito de lhe escrever o que inventei. Em casa, aquecem somente o quarto da titia. Mudarei só se o ar for quente e leve. Ficarei por aqui o quanto Deus quiser e você mandar.

Respondeu ela:

Não, não o chamo para Moscou, more aí o quanto quiser; deixe que só eu me mate, para que nós dois? Você é mais necessário que eu para todos e para tudo. Se eu ficar doente, mandarei um telegrama, aí não haverá outra saída. Delicie-se com o silêncio, escreva e não se preocupe. Na verdade, com ou sem você, dá na mesma, só tem menos visitas. Vejo-o raramente mesmo quando você está em Moscou, as nossas vidas se separaram. Aliás, que vida é essa? Um caos de trabalho, azáfama, ausência de pensamento, falta de tempo e de saúde e de tudo do que as pessoas vivem... Adeus, querido Lióvotchka, cuide de sua saúde. Onde você está?

Quero dizer, onde está você do jeito como era comigo outrora? Não existe mais há muito tempo. Adeus, já são 2 horas da madrugada e eu ainda tenho muito que fazer.

Na carta de Sófia Andrêievna há uma alfinetada inequívoca – a citação do título de seu novo conto “Do que as pessoas vivem?”.

Sófia Andrêievna menciona novamente as diversões dos filhos na cidade, embora saiba muito bem como o marido se refere a elas.

Hoje, Iliá e Liova, com Kólia Obolênski, Ivan Mikháilovitch e Serioja, assistiram à ópera *Fausto*. Dizem que Liova chorou um pouco quando um matou o outro no duelo. À noite, estiveram no circo, com os Keller, Liárski, Obolênski e Olsúfiiev. Compraram cinco camarotes. Amanhã vou levar ao circo as meninas e Andriucha e, à noite, estaremos na casa

dos Obolênski. Sábado à noite, na casa dos Liárski: os Olsúfiev cancelaram sua festa.

Na carta seguinte, outra descrição dos bailes:

Querido Lióvotchka, acabamos de voltar da casa dos Obolênski, cansados, mas parece que as crianças se divertiram. Tânia dançou. Esteve lá Tânia Olsúfieva, as duas Liárski e os Keller, uns quinze pares. Veio até o velho Olsúfiev, e dizia o tempo todo: “Ah, como estou alegre!”. De dia estivemos no circo. O circo é maravilhoso. E eu me divertia olhando para Andriucha, embora entenda que esses espetáculos não fazem bem para as crianças. Mas ele raciocinava em voz alta, ria e até aplaudiu o menino com o pônei.

E uma queixa da sobrecarga: “Tive de interromper a carta para amamentar, trocar de roupa, terminar todos os afazeres, e já são quase 3 horas. E assim diariamente, só deito a essa hora”.

E um conselho de não ter pressa para voltar: “Melhore sua saúde, viva em Iássnaia o quanto quiser, escreva e se delicie. Já que os caminhos de nossas vidas tomaram rumos diferentes, cada um tem de se arranjar da melhor maneira possível. É o que eu vou tentar fazer para nós, isto é, para mim e nossos filhos. Por enquanto, é muito difícil e estranho para mim, mas as pessoas acabam se acostumando a tudo”.

Assim são quase todas as cartas de Sófia Andrêievna a Tolstói: As diversões dos filhos, o cansaço e as noites sem dormir da mãe e esposa, o sossego e as delícias do pai e marido. Ela aceita tudo. E tem de ser assim. A vida já fora para lados diferentes. Mas ela não escondia que isso lhe doía.

Às vezes, ela reconhece que suas cartas são “más”, “maldosas”. Às vezes, ela mesma sonha em voltar a Iássnaia Poliana. Mas não pede ao marido que volte a Moscou. Ao contrário:

Querido Lióvotchka, pela primeira vez em minha vida não fico feliz com essa sua volta em breve. Você escreveu que viria na segunda ou na terça-feira. Significa que talvez amanhã ou depois de amanhã você começará a sofrer, a ficar entediado e a fazer eu me sentir culpada por estar em Moscou. Meu Deus, como isso me dói e atormenta minha alma! Talvez nem receba esta carta, mas, se receber, não pense que desejo muito sua volta, pelo contrário, se você está bem de saúde, trabalha e se sente ótimo em geral, para que voltar? Por enquanto, mantenho tudo aqui em ordem e equilíbrio, as crianças são confiantes e obedientes, a saúde melhorou e tudo em casa está indo como deve. Quanto à minha vida espiritual, ela se enfurnou tão longe que nem dá para chegar até ela. E que fique onde está, porque se eu a trazer à luz do dia não saberei o que fazer com ela. A tal ponto essa vida espiritual, interior, não concorda com a externa.

No fim da vida conjugal, ela tentaria de tudo para amarrá-lo a si, não o deixaria ir sozinho a lugar nenhum nem para ver a filha e o genro, e isso sem falar de Tchertkov. Faria esforços para impedir a viagem dele a Estocolmo. E, como último argumento em suas brigas, prometeria compartilhar plenamente da vida espiritual do marido e morar com ele nem que fosse numa isbá. E ele... fugiria de Iássnaia Poliana. Numa carta ao marido depois da fuga, ela aceitaria todas as condições dele, contanto que voltasse. E ele fugiria de Chamórdino.

Mas naquele momento, em Iássnaia, recebendo cartas que lhe davam toda a liberdade de ação e o direito moral de não participar da “ vaidade das vaidades ” da vida moscovita, onde sua filha mais velha gastava as solas nos bailes e o filho pequeno batia palmas no circo, a mulher não esperava por sua volta e até escreveu que a vida sem ele era mais tranquila, ele não só voltou, como começou energicamente a acomodar seu ninho em Moscou. A vitória de Sófia Andréievna nesse duelo epistolar entre os cônjuges por seus

direitos era completa. E justamente porque ela não atentava contra os direitos dele. E ainda lhe dava a entender que a família sobreviveria sem ele.

Aliás, nas respostas de Tolstói a Sófia Andrêievna também não faltavam “alfinetadas”. Ele mencionou, por exemplo, Arsênieva. “Hoje, Agáfia Mikháilovna divertiu-me com histórias sobre você e sobre o que seria de mim se eu tivesse me casado com Arsênieva. ‘Mas, agora, deixou-a sozinha com as crianças, e ela que se vire enquanto você está aqui, e fica só penteando a barba.’ Foi muito bom isso.”

Mas o tom geral de suas cartas era triste. O sossego da vida no campo era benéfico para ele, mas era justamente nessa calma que ele entendia não poder viver sem a família e, particularmente, sem Sófia Andrêievna.

“Não posso viver separado de você. Preciso que tudo esteja junto... Você escreve: ‘Amo você, mas você não precisa do meu amor’... É só disso que eu preciso! E nada pode me animar, só me animam suas cartas.”

Essa carta dócil foi a resposta à carta de Sófia Andrêievna na qual ela, além de expressar seu carinho e preocupação com a saúde do marido, lembrou-lhe de que a causa do conflito familiar eram as novas ideias dele:

Você deveria tratar de sua saúde. Falo isso sem segundas intenções. Tenho muita pena de você. E, se pensar sem enfado em minhas palavras e em sua situação, talvez encontre uma saída. Esse seu estado de angústia já existiu antes. Há tempos, você dizia: “Quero me enforcar por causa de minha incredulidade”. E agora? Pois agora você não vive sem a fé, então por que não está feliz? E, por acaso, antes você não sabia que há pessoas famintas, doentes, infelizes e más? Olhe bem à sua volta: há também pessoas alegres e sadias, felizes e boas. Tomara que Deus lhe ajude, mas o que eu posso fazer? Adeus, meu querido amigo, não sei como consolá-lo, só posso amá-lo e me condoer por você. Mas

você já não precisa mais disso. Do que você precisa? Se eu ao menos soubesse.

O pior era que ele mesmo não sabia do que precisava. Sua noção clara de que o sistema de vida era injusto não encontrava saída positiva. Não era possível publicar a *Confissão*. Não havia amigos nem correligionários.

Do lado de Sófia Andréievna, estavam os filhos, a família e toda a sociedade moscovita. Do lado de Tolstói – não estava *ninguém*. Mesmo os mais próximos do meio literário, Fet e Strákhov, não entendiam o sentido da reviravolta que acontecia com Tolstói. Nesse tempo, ele brigou até com sua correspondente espiritual, *Alexandrine*. Quando, no inverno de 1880, eles se encontraram em Petersburgo, entre os dois surgiu uma discussão. A. A. era adepta ardorosa do conceito eclesiástico de fé. Partindo da capital, Tolstói escreveu-lhe. “Indo embora hoje e não voltarei à sua casa. Por favor, perdoe-me se a ofendi, mas, se lhe causei dor, não peço perdão. Não há como não sentir dor quando se começa a perceber que é preciso se desprender da mentira costumeira e tranquila.”

Na carta seguinte, ele tentou encontrar um caminho para a reconciliação, ao escrever que, embora não acreditasse que “um homem” com a instrução que ela tinha pudesse crer nos rituais eclesiásticos, “quanto às mulheres, não sei”.

Os filhos mais velhos, Serguei e Tatiana, não podiam dar apoio ao pai, eram jovens demais e estavam mais interessados nos prazeres da cidade. Além do mais, Serguei, como todo estudante decente, estava apaixonado por Píssarev¹³³ e Tchernichévski,¹³⁴ frequentava reuniões estudantis, divulgava panfletos contra o governo etc. Era positivista e considerava que somente a matemática e as ciências naturais eram o verdadeiro saber. E estava magoado com o pai por seu desprezo pelos estudos universitários.

Tatiana era mais calorosa com o pai. Todas as filhas, à medida que cresciam, tornavam-se suas colaboradoras fiéis e, com prazer e até ciúmes,

uma e outra cumpriam as tarefas de secretária para ele... enquanto não se casavam.

Mas, no começo dos anos 1880, Tánietchka simplesmente não podia compartilhar com o pai de suas obras e ideias. Ela tornava-se uma moça da sociedade e gostava disso muito mais do que dos tediosos sermões dele.

Há pouco tempo, à noite, *papá* discutiu com *mamá* e tia Tânia e falou muito bem sobre o que ele considera viver bem, como a riqueza impede de ser boa a gente; *mamá* já tinha nos mandado ir dormir, e eu, Macha e tia Tânia estávamos de saída. Mas ele nos pegou e ficamos conversando em pé quase uma hora. Ele disse que o objetivo de nossa vida é procurar ser parecidas com Fifi Dolgorúkaia¹³⁵ e que sacrificamos nossos melhores sentimentos por um vestido. Eu disse que estou de acordo com tudo isso, que com a cabeça eu entendo, mas que meu coração fica totalmente indiferente às coisas boas e pula de alegria quando prometem comprar para mim um novo vestido ou chapéu...

A posição de “tia Tânia” também não era a favor de Tolstói. Ela o endeusava como escritor, especialmente como o autor de *Guerra e paz*, sendo o protótipo da protagonista do romance. Nos anos 1880, com a orientação dele, escreveu contos sobre a vida dos camponeses, publicados em *Véstnik Evropi*.¹³⁶ Mas seus hábitos e seu modo de vida não coincidiam com as ideias dele.

“Tânia é um encanto de ingenuidade, egoísmo e intuição... Amo-a e não tenho medo”, escreveu Tolstói no diário em 1883.

Suas desavenças com Tolstói andavam na boca do povo. Tolstói, já sendo vegetariano e tendo contagiado com isso os filhos, no dia da visita de “tia Tânia”, que era contra o vegetarianismo, mandou amarrar uma galinha viva a uma cadeira e colocar um facão na mesa de jantar. “Quer carne de galinha? Abata-a!”

Mas não foi fácil constranger “tia Tânia”. Lev Lvóvitch, filho de Tolstói, lembrava-se de um episódio da vida em Iássnaia Poliana.

Eis que, por exemplo, no relvado de críquete, em frente à casa, foram colocadas duas mesas para o café da manhã. Uma para a família Tolstói e outra para os Kuzmínski. Lacaios e camareiras trazem de longe, da cozinha, o café aromático, pães doces, pães com passas quentinhos, creme de leite fresco, e servem tudo isso sobre toalhas brancas como neve.

Os senhores já passearam, nadaram e estão prontos para fazer sua refeição.

Aparece Lev Nikoláievitch...

“E você não tem vergonha”, dirige-se ele à “titia”, “você, Tânia, não tem vergonha de ficar sentada assim e se empanturrar, vendo os mujiques carregando feno? Não tem vergonha de que as lavadeiras lavem para você essas toalhas no açude?”

“Não, nem um pouco”, responde bravamente tia Tânia. “Eu preciso tomar esse café! De outra maneira eu não posso.”

Então Lev Nikoláievitch se cala e também se senta à mesa para tomar uma xícara de café.

Em suas cartas à irmã mais velha, Kuzmínskaia protestava contra a completa submissão dela ao marido. Sófia Andrêievna respondia-lhe: “Os homens forçam demais suas mentes e, conseqüentemente, seus nervos. Por isso, há que se poupar suas cabeças e seus sistemas nervosos em primeiro lugar. Em troca, depois do trabalho, eles trazem para a família uma boa disposição de ânimo...”

Portanto, não poderia haver apoio nem da parte dos filhos nem da parte de “tia Tânia”.

Mas, quem sabe, o irmão e a irmã dele pudessem apoiá-lo? Não, nem deles podia-se esperar apoio. Eles mesmos, tanto os irmãos como a irmã,

precisavam do apoio moral e material de Tolstói. O “tio Serioja” era uma pessoa formidável, mas não soube se arranjar na vida de um modo seguro e firme. Seu relacionamento com os filhos não ia bem, principalmente com o filho Gricha,¹³⁷ e sua administração da propriedade de Pirogovo não dava renda suficiente. Somente a caça aos lobos ia bem. E a fileira de dentes de lobo no caminho do parque era testemunha pitoresca disso. Por seu credo político, Serguei era conservador, lia *Moskóvskie Védomosti*,¹³⁸ *Nóvoie Vremia* e, como diversão, romances ingleses. Ele até aprendeu inglês para isso. Foi um exímio conhecedor de canções russas e ciganas e, ao se mudar para Moscou, na mesma época em que o irmão caçula, um dia levou o sobrinho Serioja a Strelinha para ouvir os ciganos. “O tio tratava os ciganos à fidalga”, recordava Serguei Lvóvitch Tolstói, “ao famoso regente Fiódor Sokolov, por quem nós, os jovens, tínhamos muito respeito, dizia ‘tu’, encomendava canções antigas e censurava os ciganos por terem esquecido as verdadeiras canções russas e ciganas. Os ciganos tinham a maior consideração por ele. Fiódor Sokolov procurava agradar a sua senhoria. Naquela noite, eu entendi o fascínio do canto cigano melhor do que em qualquer outra ocasião”. Esse era o verdadeiro elemento de Serguei Nikoláievitch.

A correspondência do começo dos anos 1880 entre os irmãos mostra que o mais velho passava necessidade constantemente e recorria à ajuda financeira do caçula, cujos negócios iam bem.

Em 1881, a situação financeira de nossa família era excelente. Digo de “nossa família” e não do pai, porque ele sempre considerava que todos os seus bens pertenciam à família inteira e não só a ele. E nunca via problema em dar à mamãe tanto dinheiro quanto ela precisasse. Naquela época, ele acumulou uma quantia grande. Vendeu o moinho por 9.500 rublos, vendeu uma parte da floresta em Iássnaia Poliana não

me lembro por quanto e recebeu dos irmãos Saláiev 25 mil rublos de direitos autorais sobre a edição de sua obra completa.

Recordava Serguei Lvóvitch:

Desde a infância eu ouvia dizer que o tio era um ótimo administrador, mas depois se verificou que não era bem assim. Ele conhecia bem as condições da economia, porém era imprudente e pouco prático, dirigia seus negócios à fidalga... Era desconfiado, mas não com as pessoas de quem deveria suspeitar. Como resultado, sua situação material piorava a cada ano. Depois de passar quatro invernos em Moscou, o irmão mais velho não aguentou a vida na cidade, não pelo ambiente, credo político ou o clima geral, mas simplesmente por falta de dinheiro. E encerrou-se novamente em Pirogovo.

“Vocês vivem com o dinheiro das obras de seu pai”, costumava dizer Serguei Nikoláievitch aos familiares de seu irmão famoso. “E eu tenho de contar cada copeque. Um caixeiro qualquer pode enganar seu pai em mil rublos, mas ele o descreverá e, por esse descrição, ganhará 2 mil rublos de lucro... Eu não posso fazer isso com minha economia...”

A vida toda Tolstói amava ternamente e respeitava o irmão bonito e independente, um verdadeiro fidalgo russo, mas não podia contar com seu apoio em suas buscas. E não podia esperá-lo tampouco da parte da irmã.

A vida dela estava degradingolando. Após o divórcio do marido e o infeliz caso com De Claine, passou a se tratar com o homeopata D. S. Trífonovski e fez amizade com esse homem “bondoso, um tanto excêntrico, desinteressado e religioso”. Ele e Valentin Amfiteátrov, arcepreste muito popular da catedral de Arkangelsk, exerceram sobre ela uma influência religiosa. Mas era diferente da influência que poderia ter sido exercida por seu irmão Lev. Ela, assim como Serguei Nikoláievitch, tinha problemas sérios com os filhos. Tinha um caráter difícil e caprichoso. Não conseguia

se dar bem nem em sua propriedade, Pokróvskoie, nem em Moscou, nem no exterior. Tentou morar em Iássnaia Poliana, mas lá seu relacionamento com Sófia Andrêievna não ia bem. Era muito voluntariosa e espirituosa. Um dia, em Moscou, foi perseguida por um mulherengo de rua. Ela o levou até o lampião, levantou o véu e disse: “Olhe para meu rosto e, talvez, desgrude de mim”. Quando um grupo de veranistas em Iássnaia Poliana pediu a ela que os levasse até Lev Tolstói, ela respondeu: “Hoje não mostram os leões, mostram apenas os macacos”. Somente no mosteiro sua natureza orgulhosa e independente encontrou, finalmente, o sossego e a harmonia.

Eis que, no fim das contas, a única das pessoas que rodeavam Tolstói que poderia bem ou mal entendê-lo era a esposa.

Na vasta literatura sobre Tolstói, ainda em vida, divulgou-se a opinião de que, no começo dos anos 1880, Sófia Andrêievna não entendia o marido e que fora *isso* a causa do conflito entre eles.

Em primeiro lugar, Sófia Andrêievna era uma mulher muito inteligente. A nosso ver, bem mais inteligente que sua irmã Tânia, que Maria Nikoláievna e até que Aleksandra Andrêievna Tolstaia. Sua mente não era estreita e ela não se limitava aos interesses materiais. Em sua correspondência dos anos 1880, Tolstói quase não discutia com a mulher as questões espirituais. Não porque não lhe concernissem, mas porque eles tinham tempo suficiente para falar sobre essas questões fora das cartas. O auge ao qual chegavam as discussões em Iássnaia Poliana e na casa dos Tolstói em Moscou prova que Sófia Andrêievna tinha sua posição rígida nessas questões que a tocavam, e tocavam demais, diretamente. Ela não podia deixar de prever as consequências dessa reviravolta espiritual do marido para com a família e via claramente que suas consequências seriam o fim do bem-estar anterior dela. Para Sófia Andrêievna, essas questões não eram especulativas, como para *Alexandrine*, mas questões da vida e da futura felicidade ou desgraça da família.

Sua posição em relação à reviravolta espiritual do marido ela explicou assim: “Provavelmente, não tive inteligência suficiente para entender a concepção espiritual de mundo à qual ele chegou por um caminho complicado, longo e difícil; e não fui tola o suficiente para segui-lo cegamente, sem discutir e com submissão. E não tive tempo para meditações”.

Em segundo lugar, Sófia Andrêievna conhecia as fontes dessa nova concepção espiritual de mundo do marido. O nascimento dela aconteceu diante de seus olhos, nas obras que ela copiava, nos rascunhos das obras e nos diários de Tolstói, que ela lia e que eram escritos com a ciência de que seriam lidos por ela. E por fim, o que também é importante, ela sabia de suas fraquezas físicas e mal-estares: o psiquismo instável, o fígado doente e as constantes dores de cabeça. Ela sabia das causas secretas de suas mudanças de estado de espírito, procedentes da vida íntima entre o homem já idoso, mas ainda forte biologicamente, e a mulher ainda jovem, mas constantemente grávida, dando à luz e lactante.

E Tolstói era ciente de que ela sabia disso. Por isso, nas cartas dos dois, havia mais sentido oculto do que direto. Às vezes, um pequeno detalhe, como uma sentimental miosótis colocada na carta que Tolstói enviou de Iássnaia Poliana para Moscou, dizia mais do que palavras.

Quando um homem e uma mulher se amam tanto, e quando essa quantidade de filhos queridos os une, cedo ou tarde eles vão achar uma nova forma de relacionamento conjugal conveniente para ambos, apesar de todas as divergências que surgem.

Às vezes, surge uma sensação estranha de que essa forma de relacionamento ideal para os cônjuges foi justamente a correspondência entre eles durante a estada de Tolstói em Iássnaia Poliana ou em suas viagens à província de Samara. As cartas de Tolstói à esposa ocupam dois volumes separados na coletânea de suas cartas. Só um correspondente de

Tolstói, o segundo, foi agraciado com essa exclusividade: Vladímir Grigórievitch Tchertkov.

Entre as centenas de cartas de Tolstói à esposa, não encontraremos nenhuma mensagem má, ríspida e, muito menos, ofensiva. Mesmo nas cartas escritas durante sua partida em 1910, não há uma só linha insultuosa.

“Meu bem”, “Minha pombinha”, “Minha querida amiga” – são essas as formas epistolares comuns de vocativo à esposa. Todas as brigas e divergências em suas cartas têm um caráter diferente, ponderado.

Escreveu ele à mulher em 26 de setembro de 1896, depois de 34 anos de vida em comum:

Você tem muita força, não só física como moral, falta apenas algo muito pequeno e o mais importante, que um dia virá, tenho certeza. Só vou ficar triste lá, no outro mundo, se isso vier após minha morte. Muitos se afligem porque a fama deles vem depois da morte; eu não preciso desejar isso e cederia toda a minha fama pela coincidência de sua alma com a minha enquanto estou vivo, assim como você coincidirá comigo após a minha morte.

Essa confissão é surpreendente porque, em primeiro lugar, Tolstói acaba reconhecendo a imortalidade pessoal e a possibilidade de olhar do além para os próximos deixados neste mundo. Isso é tão discordante da filosofia religiosa de Tolstói, que negava a imortalidade pessoal, que faz duvidar de seu famigerado “budismo”. Em segundo lugar, Tolstói tem toda a razão! Após sua morte, Sófia Andrêievna realmente começou a se compenetrar nas ideias dele, e os nove últimos anos de sua vida foram dedicados a essa complicada “coincidência espiritual”.

Por carta, marido e mulher se entendem melhor, mais clara e nitidamente. Como se uma cortina caísse de seu relacionamento e a própria desavença adquirisse de repente um outro sentido, um sentido mais profundo.

Parece que seus ideais são totalmente opostos. Ele a chama ao futuro, e ela, ao passado. Ele propõe queimar as pontes e não ter medo de nada. E ela se encarrega de conservar o antigo lar. Ele chama para levar uma vida nômade, e ela, para ficar no mesmo lugar.

Quando essas posições revelam-se em cartas, deixam de ser discordâncias apenas conjugais.

Ela: “Quando penso em você (quase o dia inteiro), sinto um aperto no coração, porque agora você dá a impressão de ser uma pessoa infeliz. E fico com tanta pena de você e, ao mesmo, perplexa: por quê? Pelo quê? Tudo em volta é tão bom e tão feliz”.

Ele: “Esse fica mendigando, o outro é epilético. Esse tem tísica, o outro se torce, deitado. Esse espanca a mulher, o outro abandonou os filhos. E por toda parte, sofrimentos e maldade; e as pessoas se acostumam a isso, como se fosse normal”.

Ela: “... eu sinto como é trágica sua situação...”.

Ele (sobre o incêndio em Iássnaia Poliana que queimou 22 casas): “Tenho muita pena dos mujiques. É difícil imaginar o quanto eles sofreram e o quanto vão sofrer ainda. Acabo de ver as vítimas do incêndio. Dá pena, dá medo e, ao mesmo tempo, surpreende a grandiosidade da força deles, a independência, a tranquilidade e a fé em sua força”.

Ela: “Sim, estamos em caminhos diferentes desde a infância: você gosta do campo, do povo, das crianças camponesas, gosta dessa vida primitiva, da qual saiu casando-se comigo. Eu sou cidadina e, por mais que eu raciocine e tente amar o campo e o povo, não posso amá-los com todo o meu ser e jamais poderei; eu *não entendo* e jamais entenderei o povo camponês... Quando você entra nessa esfera moral camponesa, eu o observo com dor e ciúme e vejo que nessa hora nós *certamente* não estamos juntos. E não por que eu *não queira* isso, mas porque *posso menos* do que em qualquer outra hora”.

Talvez Sófia Andrêievna não entendesse o marido, e em geral quase ninguém o entendia naquele período. Mas ela nunca, em sua presença, permitiu aos filhos duvidar de que os atos e as obras do pai fossem motivados pelas mais altas razões. “Adeus, querido Lióvotchka”, escreveu ela ao marido, “queria que nossa Tânia lhe escrevesse e ela me respondeu: ‘Ele nos escreve apenas três linhas, por que nós três temos de lhe escrever três folhas cada um?’. E eu lhe disse: ‘Mas, em compensação, ele escreve trezentas páginas para o mundo inteiro’. Beijo você.”

“A sua bondade dá e sobra para a família inteira”, reconhece ela numa outra carta, “ou, como disse Urússov no domingo passado, ‘vocês todos vivem sob os raios da luz dele e não dão valor a isso!’. Mas sem você por perto não há raios e tenho de me virar com minha fraca luz”.

A PRIMEIRA PARTIDA

No dia 14 de julho de 1882, o tabelião do Tribunal Distrital de Moscou assinou a escritura de compra da casa n. 15, situada à travessa Dolgo-Khamóvnitcheski, pertencente ao secretário de repartição pública I. A. Arnaútov, por 27 mil rublos parcelados. Foi o tio de Sófia Andrêievna, Konstantin Isslávín, que aconselhou a compra dessa casa. Ele escreveu: “... tem mais rosas que os jardins de Hafiz;¹³⁹ morangos, groselhas – aos montes. Um dez macieiras, umas trinta cerejeiras, duas ou três ameixeiras, arbustos de framboesa e até de bérberis. A água, de lá mesmo, talvez até melhor que a de Mitíschi!¹⁴⁰ E que ar, que silêncio! E tudo isso no meio da balbúrdia da capital. Não há como não comprar”.

Pelo visto, o silêncio e o enorme pomar, no qual dava para se perder como numa floresta, atraíram Tolstói. Já a casa era antiga e não tinha espaço suficiente. Construída em 1809, sobreviveu à invasão de Napoleão e não pegou fogo,¹⁴¹ só porque entre as raras construções da região de Khamóvniki havia grandes áreas verdes. Na casa não tinha eletricidade, que naquela época já existia em Moscou. A cerca da casa encostava-se à parede

de tijolos de uma fábrica de cerveja. E o bairro todo fazia parte do arrabalde fabril. Os vizinhos eram bons, os Olsúfiev.

No verão, a família de Tolstói voltou para Iássnaia Poliana. E foi então, em agosto, que aconteceu aquilo que Sófia Andréievna temia mais que tudo. Provavelmente pressentindo isso, ela tentava dissuadir o marido da volta a Moscou. Mas não foi em Moscou, mas em Iássnaia Poliana, que, pela primeira vez, ele falou à esposa sobre seu desejo de deixar a família.

Em Moscou, ele sentia uma terrível fraqueza e vontade de morrer.

Tolstói escreveu a Strákhov: “Estou tremendamente cansado e fraco. O inverno todo passou ociosamente. Daquilo que, a meu ver, é o mais necessário para as pessoas, ninguém precisa. Às vezes, dá vontade de morrer. Minha morte será útil para minha causa...”.

No dia do vigésimo aniversário de suas bodas, em Iássnaia Poliana, desencadeou-se o temporal. Sófia Andréievna escreveu no diário:

Pela primeira vez, Lióvotchka fugiu de mim e foi dormir no escritório. Nós brigamos por ninharia. Censurei-o por não cuidar das crianças, não me ajudar a tratar de Iliucha, que está doente, e costurar casaquinhos para elas. Mas o problema não são os casaquinhos. Hoje ele gritou que seu desejo mais ardente é deixar a família. Nem morrendo vou esquecer essa sua exclamação franca que cortou meu coração. Rezo a Deus pedindo a morte, para mim é terrível viver sem seu amor. Naquele momento, senti claramente que esse amor havia ido embora de mim. Não posso demonstrar a ele o quanto o tenho amado em todos esses vinte anos. Isso o cansa e me rebaixa. Todos os seus pensamentos são sobre o cristianismo e o aperfeiçoamento de si próprio. Tenho ciúmes dele... Hoje não vou dormir na cama abandonada por meu marido. Ó Deus, ajude-me! Quero me privar da vida, minha cabeça está confusa. Já são 4 horas. Eu pensei: se ele não vier, está amando outra. Ele não veio.

Tolstói, de marido calmo e dócil, transformara-se numa fera enjaulada, e Sófia Andrêievna, de dona de casa sábia e segura, numa mulher demente que tinha medo de ser abandonada pelo marido. Aquilo que durante a vida em separado parece insignificante, na realidade torna-se o mais importante. Uns “casaquinhos” por pouco não foram a causa do divórcio do casal. Tentemos supor o que Sófia Andrêievna tinha em vista quando falou dos “casaquinhos”. Em Moscou, Tolstói serrava lenha e costurava botas. Era seu trabalho de homem, trabalho de *mujique*. Mas por que não costurar casaquinhos para os filhos?

Mais tarde, eles fariam as pazes. Sófia Andrêievna escreveu em seu diário:

Ele veio, mas nós fizemos as pazes somente um dia depois. Ambos choramos, e eu vi com felicidade que o amor pelo qual chorei naquela noite terrível não havia morrido. Jamais vou esquecer a linda manhã luminosa, fria e com orvalho prateado e brilhante, quando saí depois de passar a noite em claro e fui pela vereda do bosque para os banhos. Há tempos que não via a natureza tão bela e solene. Fiquei muito tempo na água gélida, mas não me resfriei, e voltei para casa para amamentar Aliocha, feliz e sorridente ao me ver.

O que causa inquietação nessas linhas é a ideia fixa do suicídio. Em sua carta, ela fez alusão a um “veneno”. Agora, nos banhos do açude, sonhava em se resfriar e morrer. Em muito, isso se explica por seus estados de gravidez, problemas de mãe lactante, enfermidades das crianças, morte prematura de três filhos (depois ocorreriam ainda mais duas mortes). E está ligado também às atitudes difíceis do marido. Mas certos traços de extremismo já eram inerentes à sua natureza. A mulher de Tolstói era *extremista* no amor. Isso se vê em seus diários, inclusive nos primeiros. Os ciúmes que ela sentia em relação a Aksínia, sonhando “despedaçar” a

criança dela, e em relação a todas as antigas mulheres do marido em geral não se explicam a não ser pelas particularidades de seu caráter feminino.

“Todo o seu passado é tão terrível para mim, creio que nunca poderei me conformar com isso.”

“Meu amor-próprio é tamanho e tão tolo que, se eu perceber a mínima desconfiança ou incompreensão em relação a mim, está tudo acabado. Fico com raiva. E o que ele faz comigo? Aos poucos vou me encaramujando e depois vou envenenar a vida dele.”

“Ele me beija, e eu fico pensando: ‘não é a primeira vez que ele se apaixona’.”

“Coitado, procura diversões para se livrar de mim de alguma maneira. E para que eu vivo neste mundo?”

“... eu quase ria de felicidade quando fugi de casa às escondidas.”

“Dava vontade de ir embora para bem longe só para ver o que aconteceria em casa e depois voltar.”

“Com esse homem, eu posso morrer de felicidade e humilhação... É melhor para mim quando ele não está.”

“Se eu pudesse matá-lo e depois criar um novo, igual a ele, faria isso com prazer.”

“A única coisa que tenho é meu marido, isto é, Lióvotchka, que é tudo e no qual está também meu mérito, porque eu o amo terrivelmente e nada é caro para mim, além dele.”

“Agora há pouco fiquei brava, de mau humor, porque ele ama a tudo e a todos, mas eu quero que ame unicamente a mim.”

“... para que ele vivesse, pensasse e amasse – tudo para mim.”

“Minha desgraça é o ciúme.”

“Chorei feito uma louca e nem pensei por quê. Eu sabia e entendia que há por que chorar e até morrer, se Liova deixar de me amar como amava.”

“Eu não existo para Liova.”

“Não há vida. Não há amor nem vida. Ontem corria pelo jardim pensando: será que não vou abortar?”

“Nada existe para mim além dele e de seus interesses.”

Todas essas citações de seu diário foram escritas não por uma mulher cansada e exausta, mas por Sónietchka, de dezoito anos, antes do nascimento de seu primeiro filho.

Ela sempre queria estar ao lado do marido, permanentemente.

“Depois do nascimento de Iliucha”, escreveu ela em seu diário, em 1866, “nós dormimos em quartos separados. Porque, se estivéssemos juntos, eu não aguentaria e diria tudo a ele hoje mesmo, tudo que se acumulou, mas assim eu não vou a ele e ele não vem a mim”.

Mas será que Tolstói não se preocupava com os filhos tanto assim, na véspera de sua briga com a mulher, em agosto de 1882? No diário de Tânia Tolstaia lemos:

Iliucha estava mal de saúde. Chamaram o médico. Ele disse que era tifo, e Iliucha foi transferido para o quarto com balcão no andar de cima. Eu também tive um abscesso e *papá* fez para mim compressas com vinagre, sal, álcool e farelo, que me ajudaram muito...

Um dia estava deitada no quarto de Iliucha com uma dor terrível.

Iliucha também gemia de febre alta, e aí entrou *papá*. Perguntou como estávamos e disse: “Dá até para rir”. E, de repente, nós três começamos a rir tanto, que *papá* quase caiu no chão de tanto dar risadas. Não me lembro de quando eu ri tanto em minha vida, nem Iliá.

Aos olhos dos filhos, a briga entre os pais era diferente da descrição do diário de Sófia Andrêievna:

Há poucos dias *papá* e *mamá* tiveram uma briga horrenda por um nada. *Mamá* reclamou que *papá* não lhe ajudava etc. Acabou que *papá* foi dormir em seu escritório, dizendo que era para não ser acordado a todo

instante por *mamá*, que levantava para ver Iliucha. Mas no dia seguinte eles fizeram as pazes. Liova disse que, quando entrou por acaso no escritório, viu os dois chorando. Agora são delicados e carinhosos um com o outro, o que não acontecia há tempo. *Papá* prometeu não interferir mais nos assuntos domésticos e não impor suas vontades, o que *mamá* tanto desejava.

No dia 10 de setembro, deixando a família em Iássnaia Poliana, Tolstói viajou a Moscou para se ocupar com a reforma e o conforto da casa em Khamóvniki. Ele se dedicou a isso com tanto afã que os familiares ficaram pasmos. Ele ia à loja de móveis usados no mercado Súkharevski e procurava peças só de mogno para formar o conjunto; ao lado de um arquiteto, fez o planejamento dos cômodos para todos os membros da família. Ele queria deixar a casa totalmente pronta e sonhava com aquele momento, quando a família veria esse esplendor.

Ele como que sucedeu a esposa vinte anos depois, quando ela, ao chegar à toca do marido em Iássnaia Poliana, introduziu nele a ordem “burguesa”. Agora ele queria lhe mostrar seu gosto e suas escolhas.

A esposa começou a ficar preocupada...

Querido Lióvotchka, acabo de receber sua carta, e ela me deixou confusa. Pelo tom, percebo que a casa ainda não está pronta e que a mudança vai sair sabe Deus quando. E, pelo conteúdo, não dá para entender nada. O que exatamente não está pronto na parte de cima? E os dois cômodos que dão para o corredor, o de moças e a cozinha? E mais: se colocar a mobília toda na parte de baixo, onde vamos morar? Pois os móveis são muitos e volumosos, vão acabar sendo danificados nesse aperto. Bem, por enquanto, não posso dizer o que penso e quando mudarei, gostaria de saber de tudo mais detalhadamente.

Tolstói, ele mesmo, compra e escolhe tudo: da carruagem até a cor do papel de parede. E ocupa-se de tudo: do assentamento novo do fogão russo até o transporte dos móveis e objetos da casa na travessa Déniejni. Ele tem pressa de fazer feliz sua família. Precisou de apenas um mês para arrumar a nova moradia. “Que tola essa ordem do arquiteto de pintar o chão logo agora, no outono: vai grudar tudo nele, e o cheiro da tinta a óleo será insuportável”, resmunga a mulher numa carta ao marido.

Finalmente, em 10 de outubro, a família entraria na nova casa. Esse episódio foi comentado no diário de Tânia Tolstaia como uma festa magnífica:

Chegamos à noite. A entrada estava iluminada, e a sala também. O jantar estava servido, e no centro da mesa havia um vaso com frutas. A primeira impressão foi magnífica: luz por toda parte, muito espaço, e percebia-se que *papá* tinha pensado em tudo e procurado arrumar a casa da melhor maneira possível, o que ele conseguiu. Fiquei muito tocada com sua preocupação conosco, tanto mais que isso não era seu forte. A nossa casa é maravilhosa, e eu não vejo nela defeito nenhum que possa chamar atenção. O meu quarto e o jardim são admiráveis!

Parece que, a partir desse momento, começou um novo período radiante na vida dos Tolstói. É claro que não era o paraíso de Iássnaia Poliana, mas perto disso. No livro de Opúlski, *A casa em Khamóvniki*, a vida cotidiana da família é descrita:

Os Tolstói almoçavam por volta de 1 hora da tarde, jantavam às 6 horas e, às 9 horas, reuniam-se para o chá. A mesa era servida para doze pessoas. As cadeiras em volta da mesa e perto das paredes eram vienenses. A dona da casa, Sófia Andrêievna, encabeçava a mesa, de costas para a janela. Em frente a ela, sentava o filho mais velho, Serguei Lvóvitch; à sua esquerda, ficava o filho caçula, Vánietchka; e à sua

direta, a filha caçula, Sacha. Lev Nikoláievitch costumava sentar-se ao lado de Vánietchka e, ao seu lado, ficavam as filhas Tatiana e Maria; em frente a eles, os filhos Iliá, Lev, Mikhail e Aleksei. Aliás, raramente os familiares estavam a sós, pois sempre havia visitas.

Durante o jantar, na frente de Sófia Andréievna era colocada uma tigela com sopa de carne e, à sua direita, uma pilha de pratos fundos. Ficando em pé, ela deitava a sopa nos pratos, e o lacaios os levava e colocava sobre os pratos rasos que estavam na frente de cada um dos presentes... Não havia vinho nas refeições familiares, mas sempre tinha uma garrafa de água e uma jarra de *kvás*¹⁴² na mesa.

Quando Tolstói tornou-se vegetariano, para ele preparavam pratos à parte: *kachas*, vinagretes, geleias, compotas. No bufê, ao lado da louça de prata, sempre havia uma cafeteira branca esmaltada. De manhã cedo, era cheia de café de cevada. Toda manhã, L. N. pegava-a junto com um copo e um *kalatch*¹⁴³ e os levava para seu escritório.

À mesa sempre reinava certa animação. L. I. Gurévitch, a editora, recordava:

“Vejo Tolstói tão claramente sentado à mesa comprida, mastigando pão com a boca já desdentada, contando alguma coisa e rindo... Quando todos estavam reunidos, o jantar era alegre e barulhento. Todos brincavam, zombavam um do outro, jogavam “correio”. Os adolescentes não paravam de gargalhar. Às vezes, ali mesmo começava uma discussão séria”.

Quem é que não esteve em Khamóvniki! Os pintores Gué e Répin, o escultor Trubetskói, os escritores Fet, Grigoróvitch, Tchékhov e Górki, os filósofos Strákhov e Soloviev, os compositores Rubinstein, Rímski-Kórsakov, Arénski, Rakhmáninov e Skriábin. E todos falavam da extraordinária cordialidade e hospitalidade dos Tolstói. Paolo Trubetskói fazia o busto de Tolstói e, ao mesmo tempo, Nikolai Gué desenhava o retrato de Sófia Andréievna. O original do retrato estava em Iássnaia

Poliana e a cópia, no dormitório do casal em cima do divã de mogno, forrado de cetim cor de palha. O dormitório dava para um terraço. Perto da porta, havia uma escrivaninha, também de mogno, de Sófia Andréievna, na qual ela copiava *Ressurreição* e peças e artigos do marido.

Répin escreveu sobre ela com a admiração de um artista: “Uma mulher alta, elegante, bonita, roliça, com os olhos negros muito vivos”.

Depois da reforma, a casa moscovita dos Tolstói tornou-se grande e confortável. Sala de estar, sala de jantar, salas de visitas pequena e grande, um escritório e um quarto de trabalho onde Tolstói costurava botas, quarto de crianças, quarto de meninos, quartos de Tânia e Macha. Além disso, despensa, copa, quartos da governanta, da costureira e do camareiro. Além da casa principal, havia nos fundos outra casa, um galpão, a casinha do zelador, uma cozinha e um caramanchão. E um pomar enorme. No inverno, na frente da casa, havia também a pista de patinação.

Olhemos, no entanto, o diário de Tolstói... Dá a impressão de que ele vivia não no paraíso, mas num inferno.

Entre os anos 1882 e 1883, Tolstói quase não fez diário, mas a partir de 1884 começa a fazê-lo regularmente.

17 de março. “De manhã, parece que procurei briga com minha mulher e Tânia, dizendo que o modo de vida delas é fútil.”

18 de março. “Tem muita gente em casa. Sinto-me sem jeito e atraído. Música, canto, conversas. Como se fosse depois de uma orgia.”

23 de março. “Saí a cavalo. Foi tedioso. Tolice e vazio. Depois do almoço, tentei conversar com minha mulher. Não deu. Ela está doente e mordaz. Fui até o sapateiro. Basta entrar num ambiente de trabalho que a alma se alegra. Fiquei costurando sapatos até às 10 horas. Tentei conversar outra vez, e outra vez raiva e desamor. Fui ver Serioja. Conversamos entre quatro paredes. É difícil, penoso, mas parece que ele progrediu.”

24 de março. “Duas vezes tentei conversar com minha mulher, mas não foi possível.”

31 de março. “Ficamos a sós. Conversamos. Tive o azar de mexer com seu amor-próprio. E aí começou. Não fiquei quieto. Verificou-se que, ainda anteontem de manhã, eu a tinha irritado, quando ela veio me incomodar. Ela tem uma doença psíquica grave.”

24 de abril. “Por que não falar com os filhos, com Tânia, talvez? Serioja é obtuso demais. A mesma mente castrada da mãe. Se vocês dois um dia lerem, me desculpem, isso me dói muito.”

25 de abril. “Fui até a banca de livros. Mas não cheguei até ela. Ninguém no bonde pôde me trocar 10 rublos. Todos pensaram que eu era um malandro. Voltei. Almocei sozinho. Fui à venda, comprei queijo e pães de mel, não sei para quê. Uma fraqueza, como no sono... Em casa conversei com a *m-me Seuron*¹⁴⁴ e com Iliá. Foi ele quem me procurou. Fiquei feliz e grato a ele. Depois voltaram os nossos. Tudo na mesma.”

3 de maio. “... achei a carta de minha mulher. Coitada, como ela me odeia! Ó Deus, ajuda-me! Se é minha cruz, então que me esmague. Mas esse arrancamento da alma é terrivelmente penoso, doloroso, difícil. Ajuda-me!”

4 de maio. “Meu Deus. Livra-me dessa vida odiosa que me esmaga, acaba comigo. Só uma coisa é boa – a minha vontade de morrer. É melhor morrer do que viver assim.”

5 de maio. “Sonhei com minha mulher, ela me amava. Como me senti aliviado e ficou tudo claro! Na realidade – nada parecido. É isso que acaba com minha vida. Nem tento escrever. O bom é morrer!”

6 de maio. “Em casa – a tagarelice dos Kislínski. É um tédio mortal.”

Na primavera, como sempre, eles voltam para Iássnaia Poliana. Mas nem lá Tolstói se sentiria feliz:

28 de maio. “Procuro ser alegre e feliz, mas é muito, muito difícil. Tudo o que faço fica ruim. E eu sofro terrivelmente com isso. É como se eu fosse o único normal e morasse num hospital de alienados administrado por alienados.”

No dia 18 de junho de 1884, Tolstói foi cortar grama em frente à sua casa e depois nadar no açude. Voltou bem disposto e alegre. De repente, a esposa começou a reclamar dos cavalos de Samara, que ele havia adquirido e que só deram prejuízo, porque padeciam e naquele momento ele queria se livrar deles. A discussão tomou um caráter raivoso, histérico.

Tolstói foi para seu escritório, arrumou sua trousse, com a qual havia feito a peregrinação a Óptina, e pegou a estrada. A esposa alcançou-o e perguntou para onde ele estava indo. “Não sei, talvez para a América, e para sempre. Eu não aguento mais ficar em casa!”, gritou ele com raiva e lágrimas. Sófia Andréievna lembrou-lhe de que estava grávida e daria a luz nos próximos dias. Ele acelerou o passo e logo sumiu de vista. Do meio do caminho, voltou a Tula.

“Em casa, dois mujiques barbudos, meus dois filhos, estão jogando *wint*”,¹⁴⁵ escreveu ele com amargor em seu diário. Foi dormir no sofá do escritório. Às duas e pouco, a mulher o acordaria: “Desculpe. O parto começou. Talvez eu morra.” Nessa noite, nasceria sua filha Sacha. Nem o pai nem a mãe, porém, estavam felizes com isso.

102 P. P. Nikoláiev (1873-1928), escritor e filósofo russo adepto de Tolstói e autor do livro *Conceito de Deus como uma base perfeita da vida*. (N. do A.)

103 Serviço de aluguel de carros a cavalo. (N. da T.)

104 M. A. Novossióllov (1864-1938), teólogo, editor da *Biblioteca filosófica religiosa* e seguidor de Tolstói, posteriormente rompeu com o tolstoísmo. Em 1928, foi preso pela OGPU (Direção Política Estatal) por propaganda antissoviética e passou dez anos em prisões e campos de concentração, até ser fuzilado em 1938. (N. da T.)

105 Herói de “O conto do czar Saltan”, de A. S. Púchkin. (N. da T.)

106 I. N. Kramskói (1837-1887), pintor russo de vanguarda do século XIX, um dos fundadores da associação dos *peredvíjniki*. (N. da T.)

107 A. van Dyck (1599-1641), pintor flamengo. (N. da T.)

- 108** *Palestras sobre a literatura russa*, feitas para estudantes dos EUA e editadas por Ázbuka, de Moscou. (N. do A.)
- 109** Aleksei Nikoláievitch Tolstói (1882-1945), escritor soviético, autor do livro *Pedro I*, entre outros. (N. da T.)
- 110** Revolucionários fidalgos que, em dezembro de 1825, insurgiram-se contra a autocracia e a escravidão. (N. da T.)
- 111** N. N. Gússev (1883-1967), historiador de literatura e secretário pessoal de L. N. Tolstói entre os anos 1907-1909. (N. da T.)
- 112** Em francês, “passos de gigante”. (N. da T.)
- 113** Diminutivo de Iákov. (N. da T.)
- 114** Festa pagã primaveril, uma espécie de Entrudo. (N. da T.)
- 115** Uma espécie de maçã invernal, muito aromática, cultivada somente na Rússia. (N. da T.)
- 116** Pessoas que se tratam com o *kumýs*, leite de égua ou camelo. (N. da T.)
- 117** Forma carinhosa para Iliá. (N. da T.)
- 118** Antiga medida russa igual a 16,3 kg. (N. da T.)
- 119** A partir de 1875. (N. do A.)
- 120** Cobertura com véu para a cabeça. (N. da T.)
- 121** Poema dedicado à batalha decisiva na guerra contra as tropas de Napoleão Bonaparte em 1812, perto da aldeia de Borodinó. (N. da T.)
- 122** Em francês, “criança terrível”. (N. do A.)
- 123** P. I. Tchaadáiev (1794-1856), filósofo e publicista russo, autor de *Cartas filosóficas*. (N. da T.)
- 124** Em russo, “O Pensamento Russo”. (N. da T.)
- 125** Uma espécie de “autoedição” independente surgida na União Soviética nos anos 1960, que abarcava inúmeros meios de edição e divulgação ilegais de obras literárias proibidas pela censura, tais como *Arquipélago Gulag* e outras de Solzhenítsin, “Doutor Jivago” de Pasternak e outros autores profissionais e amadores considerados dissidentes do regime soviético. (N. da T.)
- 126** Editor. (N. do A.)
- 127** 1914. (N. do A.)
- 128** Protagonista de *Pais e filhos*, de I. V. Turguênev. (N. da T.)
- 129** Diminutivo de Nikolai. (N. da T.)
- 130** A filha e a cunhada. (N. do A.)
- 131** Em francês, “literalmente”. (N. do A.)

- 132** Título do romance autobiográfico do conde Lev Tolstói Filho (L. L. Tolstói), em quatro partes, publicado na revista *Ejemêssiatchnie Sotchinênia* (em russo, “Obras Mensais”), 1902, n. 1-12. (N. A.)
- 133** D. M. Píssarev (1840-1968), publicista, crítico literário e democrata revolucionário russo, autor da ideia da construção do socialismo por meio do progresso industrial. (N. da T.)
- 134** N. G. Tchernichévski (1828-1889), democrata revolucionário e socialista utópico russo, filósofo materialista, escritor e crítico literário, dirigente do movimento democrático. (N. da T.)
- 135** Protagonista do conto “Fenômeno de Fifi Dolgorúkaia”, de Anatóli Melnikov, escritor da época. Não consta da enciclopédia literária. (N. da T.)
- 136** Em russo, “Mensageiro da Europa”. (N. da T.)
- 137** Diminutivo de Grigóri. (N. da T.)
- 138** Em russo, “Boletim de Moscou”. (N. da T.)
- 139** Al-Din Muhammad Hafiz Chiraz (1325-1391), poeta lírico persa. (N. da T.)
- 140** Localidade perto de Moscou. (N. da T.)
- 141** Em 1812, antes de ser entregue às tropas francesas, a cidade toda foi incendiada pelos moscovitas. (N. da T.)
- 142** Refresco fermentado à base de torradas de pão de centeio. (N. da T.)
- 143** Pão de trigo em forma de cadeado. (N. da T.)
- 144** A governanta. (N. A.)
- 145** Palavra de origem alemã, que se refere a um tipo de jogo de cartas. (N. da T.)

Querido amigo

A partida de Tolstói de Chamórdino na manhã de 31 de outubro de 1910 repete até em seus detalhes a fuga dele de Iássnaia Poliana três dias antes.

As mesmas testemunhas e os mesmos cúmplices – Sacha, Feokrítova e Makovítski – devem ter experimentado um *dejá vu* quando Tolstói, pálido e agitado, acordou-os às 3 horas na hospedaria de Chamórdino.

Escreveu Makovítski:

Por volta das 3 horas, L. N. entrou em meu quarto, acordou-me e disse que nós iríamos sabia-se lá aonde, que ele tinha dormido quatro horas e não conseguiria dormir mais, e (por isso) resolveu partir de Chamórdino no trem matutino para prosseguir a viagem. Como da outra vez, L. N. sentou-se para escrever uma carta a Sófia Andrêievna, e depois escreveu também a Maria Nikoláievna. Eu comecei a fazer a mala. Quinze minutos depois, L. N. acordou Aleksandra Lvovna e Varvara Mikháilovna.

A mesma sequência de atos. As mesmas pessoas. O mesmo clima. Altas horas da madrugada. Escuridão e silêncio total. Além dos fugitivos, não havia nenhum outro viajante na hospedaria. A mesma brusquidão da decisão de Tolstói, que, na véspera, nem se despedira da irmã. As mesmas negociações com os camponeses a respeito do aluguel. No primeiro caso, era com Mikhail Nóvikov; no segundo, com a viúva Aliona Khómkina, da

aldeia de Chamórdino. E o último detalhe, o principal e o mais assustador, era a total incerteza quanto à questão: para onde iriam? Assim como em Iássnaia Poliana, Tolstói não havia dito às pessoas próximas para onde pretendia se dirigir, em Chamórdino ele parecia novamente estar escondendo tal informação.

Poderia surgir a suspeita de que ele, conscientemente, fazia-os perder o tino, não os deixava cair em si, submetia-os à sua vontade despoticamente. Justamente assim agem os anciãos com seus alunos: deixam-nos aturdidos com alguma penitência inesperada, sem explicar o sentido de uns ou outros atos e palavras seus, às vezes absurdos, e até sacrílegos à primeira vista. Tornar-se louco era um dos sonhos recônditos de Tolstói. Não estaria ele testando esse modelo de conduta, colocando-o em funcionamento durante sua partida?

Temos, porém, de recusar essa versão. Na conduta de Tolstói em Chamórdino sente-se ainda menos segurança do que em sua partida de Iássnaia Poliana. Mas o principal é que ali, como em Iássnaia Poliana, estava presente invisivelmente a quinta pessoa – Sófia Andrêievna. Na realidade, era ela quem dirigia todos os atos excêntricos de Tolstói. E fazia isso não só contra a própria vontade, como também nem desconfiava disso.

Sófia Andrêievna desejava exatamente o contrário: fazer o marido voltar, segurá-lo perto de si. Só que todas as suas tentativas tinham o efeito contrário: Tolstói saía correndo do lugar e continuava fugindo. Se naquele tempo ela tivesse levado em conta a característica básica da natureza do marido, bem conhecida por ela – sua furiosa resistência a todo tipo de violência externa –, ela teria se comportado de outra maneira. Mas discutir e julgar a conduta de Sófia Andrêievna é, em primeiro lugar, imoral, e, em segundo, inútil.

P. I. Rastegáiev, médico psiquiatra que examinou Sófia Andrêievna logo depois da fuga de Tolstói, chegou a uma conclusão, embora circunspecta pelo fato de o exame ter tido curta duração, mas, mesmo

assim, bem definida, de que Sófيا Andrêievna sofria de “organização psicótica” e que isso, “sob a influência de certas condições, se manifesta em ataques de tal forma que se pode falar em desajustamento psíquico passageiro”.

O fato é que Tolstói, estando em Chamórdino ou em Iássnaia Poliana, tinha pavor de sua mulher, ou melhor, tinha medo de se encontrar com ela subitamente. Em Iássnaia Poliana, tinha medo de que ela acordasse e visse sua fuga. Em Chamórdino, tinha medo de uma eventual chegada repentina dela, possibilidade de cuja existência ele sabia pelas cartas dos filhos e dela. “Meu pai teria ficado em Chamórdino, ele já tinha achado uma moradia na aldeia...”, recordava A. L. Tolstaia. “Mas as notícias que eu trouxe deixaram-no alarmado. Nós estávamos na confortável e quentinha cela de tia Macha, conversando. Meu pai estava calado. De repente, apoiou as mãos nos braços da poltrona, levantou-se bruscamente e foi para outro quarto. Estava claro, ele acabava de tomar uma decisão firme”.

Mesmo em suas recordações posteriores, Sacha acentuou a questão das cartas, querendo se eximir da responsabilidade pela fuga do pai de Chamórdino, o que era uma verdadeira loucura. Mas, na realidade, ela contribuiu com seu quinhão para aumentar o pavor que o pai tinha do fantasma da esposa doente, e ela mesma sentia hostilidade pela mãe. Makovítski, em seus diários, descreveu essa conversa na casa de Maria Nikoláievna de um modo diferente:

Aleksandra Lvovna contou que Sófia Andrêievna queria ir buscar L. N. sem falta, que por intermédio do governador uma pessoa de confiança e os correspondentes de *Rússkoie Slovo* procuram saber do paradeiro de L. N., que existe a suposição de que ele esteja em Chamórdino e que se pode esperar pela chegada de Sófia Andrêievna e Andrei Lvóvitch. L. N. disse que ficaria contente se Andrei Lvóvitch viesse, que ele o convenceria de que não deve voltar e não deve ficar ao lado de Sófia

Andrêievna, para o bem dela e dele também.

Quando Aleksandra Lvovna expressou seu receio de que Sófia Andrêievna já estivesse a caminho e fosse chegar de manhã e que seria necessário viajar cedo para outro lugar, L. N. disse:

“É preciso pensar. Chamórdino é um bom lugar.”

Contou da casa na aldeia onde se alojaria:

“Não quero antecipar os acontecimentos.”

Veio Varvara Mikháilovna;¹⁴⁶ falou-se muito sobre o estado de Sófia Andrêievna e a inquietação em Iássnaia Poliana.

Percebia-se que ela e Aleksandra Lvovna estavam tomadas de pavor.

Ambas insistiam em fugir o quanto antes e para o mais longe possível.

Ela, Aleksandra Lvovna, não dispensou os cocheiros, para ir com eles à estação e pegar o trem Sukhínitchi-Briansk das 5 horas da manhã.

A irmã e sua Elizaveta estavam contra essa fuga intempestiva de Tolstói. A posição do médico Makovítski foi neutra, sua tarefa era cuidar da saúde do fugitivo, cabendo a este resolver o restante.

Mais tarde, pondo em ordem suas anotações, Makovítski se censurou honestamente por ter deixado escapar o começo da doença de Tolstói. À pergunta direta de Elizaveta Valeriánovna se Tolstói poderia viajar, respondeu: “Pode, a fraqueza passou”.

Talvez o fato de a “mulher” da aldeia não ter aparecido para confirmar que a isbá estava pronta para ser ocupada tivesse cumprido algum papel nisso. Tolstói perguntou a Makovítski sobre ela várias vezes, e a última foi já à noite, a caminho da hospedaria. A mulher realmente não apareceu mais. É possível que o boato sobre que tipo de inquilino (o próprio conde Tolstói!) se instalaria na aldeia tivesse chegado até lá e assustado os camponeses. Se a razão foi essa, repetiu-se a história da tentativa de Tolstói de se alojar na casa de Mikhail Nóvikov ou perto dela.

Mas a causa principal da fuga foi o fantasma de Sófia Andrêievna. Por que ele tinha tanto medo desse encontro que o acordou no meio da noite e o obrigou a deixar o local de que ele gostava e onde queria ficar e, provavelmente, morrer?

Era um momento importante! Tolstói não pretendia fugir, propriamente. Todas as versões de que ele foi dirigido por uma vontade irracional de fugir da morte ou de procurá-la, ou as de que, no fim da vida, despertaram nele o espírito romântico de peregrinação e a vontade de visitar os lugares de sua juventude, como o Cáucaso, a nosso ver, não são consistentes. Elas não levam em conta a particularidade principal do estado de espírito do Tolstói tardio. Para ele, era totalmente indiferente o espaço onde estar. Contanto que o deixassem em paz com seus pensamentos, com seu Deus. Contanto que as condições externas fossem ascéticas o suficiente para não atormentar sua consciência e não desviar sua atenção dos pensamentos em Deus e em seu iminente encontro com Ele.

Ele estava disposto a morar em Chamórdino, ou numa hospedaria de mosteiro. Estava disposto a se tornar noviço e a fazer qualquer trabalho desprestigiado. Contanto que não houvesse nenhuma pressão de fora, contanto que não o obrigassem a fingir, a rezar e a confessar da maneira que ele não considerava possível para si.

No fim da vida, seu egocentrismo alcançou o apogeu. Ele não desejava se comprometer com as exigências da vida e queria servir exclusivamente a seu “eu” interior, aquele Lev Tolstói que, se não hoje, amanhã se apresentaria perante Deus.

A isbá que Tolstói alugaria na aldeia de Chamórdino tinha dois quartos, duas “metades”, numa das quais viviam duas mulheres viúvas. Não havia nem cama decente, apenas uma espécie de bancada de tijolos que fazia parte do fogão a lenha russo. Mas Tolstói aceitou sem pensar duas vezes. Porém, quando a mulher não apareceu, ele resolveu se alojar na hospedaria.

Na carta a Tchertkov, escrita antes da fuga de Chamórdino, ele diz: “Estamos indo para o sul, provavelmente para o Cáucaso. Já que para mim não faz diferença, escolhi o sul porque Sacha tem muita tosse”. O melhor lugar para os pulmões de Sacha seria a Crimeia, onde ela havia se tratado recentemente da tísica. E era justamente o caminho para a Crimeia, e não para o Cáucaso, que eles estavam estudando pelo mapa do guia ferroviário de Brule. “Pretendíamos ir à Crimeia e rejeitamos, porque para lá só existia um caminho e de lá não haveria para onde ir. Além do mais, o lugar é um balneário, e L. N. procurava os confins do mundo”, escreveu Makovítski.

Eis praticamente duas condições que Tolstói exigia de seu refúgio: devia ser nos “confins do mundo”, mas onde ainda houvesse a possibilidade de continuar a fuga, caso Sófia Andrêievna insistisse em persegui-lo.

E como ele saberia disso? Para esse caso, também tomou providências na mesma carta que enviou a Tchertkov: “O principal é saber através de alguém o que está acontecendo em Iássnaia Poliana e, ao saber de meu paradeiro, me comunicar por telegrama. O encontro com ela seria terrível para mim”.

Voltamos então à pergunta: por que ele temia esse encontro a tal ponto que, em lugar da benéfica Crimeia, escolheu o selvagem Cáucaso, onde seria mais fácil se esconder da esposa?

Nesse caso, é preciso levar em conta mais uma particularidade radical de sua natureza. Além de não suportar a violência externa, ele não suportava brigas e histerias. Numa situação crítica em sua vida conjugal e ainda mais nos escândalos, ele sempre se dava por vencido. Nisso se revelava sua delicadeza inata e também sua síndrome de escapismo. Era mais fácil para ele concordar do que argumentar e demonstrar que tinha razão. Era mais simples abafar o escândalo concordando do que persistindo inexoravelmente. Durante seus 48 anos de vida com Sófia Andrêievna, ele cedia, cedia e cedia, constantemente. Mesmo em seus primeiros quinze felizes anos de vida conjugal, quando ele, homem maduro e experiente,

educava a mulher muito jovem, já reconhecia que ela tinha muito mais influência sobre ele do que ele sobre ela. Gradativamente, foi passando a ela todos os seus direitos e obrigações de homem. Ela tinha a posse da fazenda, ela dispunha dos direitos autorais das obras escritas até o ano 1881 (os outros era Tchertkov quem administrava), ela contratava os seguranças para a fazenda, ela aguentava as investidas dos filhos que, volta e meia, necessitavam de dinheiro.

Ao preço dessas concessões ele comprava seu isolamento espiritual do qual, no fim da vida, necessitava muito mais do que o relacionamento mesmo com as pessoas queridas. Até Tchertkov ele acabou cedendo a Sófia Andrêievna, isto é, a possibilidade de se encontrar com ele. Só não podia lhe ceder aquele Lev Tolstói interior que ele preparava com o maior cuidado para a reintegração com Deus.

Prestemos atenção: a única coisa que Tolstói não cedeu à mulher nos monstruosos escândalos do último mês anterior à partida foi o diário. Era questão de vida ou morte, e ele persistiu arriscando estourar o coração.

De resto, ele faria qualquer concessão. E se Sófia Andrêievna o tivesse alcançado em Chamórdino, na Crimeia, no Cáucaso ou na Lua, ele certamente teria voltado a Iássnaia Poliana. Não aguentaria as lágrimas e as histerias dela. E a volta seria um vexame. Além do absurdo do próprio fato (a mulher levava de volta para casa o fugitivo velho e louco), ela significaria uma violência colossal contra sua alma e seu corpo, o que lhe seria pior do que a morte na viagem.

Ainda à noite, na hospedaria, Tolstói não havia chegado à decisão firme de partir. Mas discutiu essa possibilidade com Sacha, Feokrítova e Makovítski. Eles estenderam sobre a mesa o grande mapa azul do popular guia ferroviário de Brule, um guia formidável de todas as ferrovias que, antes da Revolução de Outubro na Rússia, era reeditado duas vezes por ano, em abril e em outubro. Não era barato – 85 copeques sem capa dura e 1 rublo e 15 copeques com ela. Seu formato confortável, quase de bolso,

permitia incluir nele, no entanto, dois mapas enormes, e cada um deles aberto ocupava uma mesa de tamanho médio. Um deles era não só da Rússia, mas de toda a Europa, da Ásia do Sul e da China. O mapa que interessava aos fugitivos, porém, era certamente o outro, mais detalhado.

Ao rejeitar a Crimeia como um beco sem saída, falou-se em Cáucaso e Bessarábia, e depois em Lgov. “Não chegamos a nenhuma definição”, recorda Makovítski. “Talvez fosse escolhida a cidade de Lgov, a 28 verstas de onde morava L. F. Ánnenkova, amiga de L. N., com quem ele tinha afinidade espiritual. Todavia, a cidade estava muito perto, e Sófia Andréievna poderia chegar até lá...”

Pelo visto, Sacha pensou justamente em Lgov quando, segundo as palavras de Makovítski, “não dispensou os cocheiros para ir com eles à estação e pegar o trem Sukhínitchi-Briansk das 5 horas da manhã”. Mas a própria Sacha, lembrando aquela noite, falou em Novotcherkassk. “Pensamos em ir até Novotcherkassk, hospedar-nos na casa de Elena Serguêievna Denissenko, receber os passaportes estrangeiros com a ajuda de Ivan Vassílievitch e, se desse tudo certo, ir à Bessarábia. Caso contrário, ao Cáucaso, aos correligionários do meu pai.” As variantes eram uma pior que a outra. Esconder-se dos jornalistas em Lgov seria impossível. Embora Lgov fosse um verdadeiro lugarejo provincial, com pouco mais de cinco mil habitantes em 1895, segundo o Dicionário Enciclopédico de Brockhaus. Situava-se na margem do rio Seim, a sessenta verstas de Kursk. A fazenda de Leonila Fomínichna Ánnenkova, admiradora de Tolstói, estava a 28 vertas da cidadezinha, e é claro que Tolstói seria recebido de braços abertos. “Que mulher devota!”, exclama Tolstói numa de suas cartas. Ánnenkova várias vezes esteve na casa de Tolstói em Moscou e em Iássnaia Poliana. Sófia Andréievna não gostava dela assim como não gostava de todos os “obscuros”. Além disso, Ánnenkova dava provas de atenção um tanto íntimas para Tolstói, mandando para Iássnaia Poliana peças costuradas ou tricotadas por ela, como meias de lã, lenços de bolso, toalhas de rosto,

chapeuzinho de verão. Com isso, ela invadia o território de Sófia Andrêievna. Em setembro de 1910, visitou Iássnaia Poliana pela última vez e teve noção bem clara da seriedade do conflito entre ele e a esposa. Depois de sua partida, na carta a Tolstói, aconselhava seu ídolo a não ceder a Sófia Andrêievna. Tolstói respondeu-lhe com uma carta do “velho amigo” simpatizante.

A hospedagem de Tolstói na fazenda de Ánnenkova seria um golpe cruel para Sófia Andrêievna, mas Tolstói não pensava em ficar lá para sempre. Apenas para “descansar”. E, se eles tivessem escolhido a linha ferroviária Sukhínitchi-Briansk, seu caminho posterior teria sido para Kíev, o que Tolstói de fato não pretendia. Caso contrário, teriam de voltar, correndo o risco de serem alcançados por Sófia Andrêievna.

Acontece que não seria possível chegar a Lgov com o trem Sukhínitchi-Briansk. No mapa de Brule, Lgov fora marcada nessa linha erroneamente, o que os fugitivos demoraram para perceber.

E, além disso, justamente nesse trem poderia estar Sófia Andrêievna, indo de Gorbatchevo a Kozelsk. Insistindo em partir de Chamórdino o quanto antes, Sacha tinha em vista essa possibilidade. Se isso tivesse acontecido, Tolstói quase com certeza teria encontrado a mulher em Kozelsk na hora de tomar o trem, com o qual ela teria chegado para buscá-lo. O quanto isso foi sério (ao menos na cabeça dos fugitivos) pode-se entender pelo diário de Makovítski. Quando, de manhã cedo, eles iam de Chamórdino a Kozelsk, já atrasados para o trem das 5 horas, sentiam um medo terrível de se encontrar com Sófia Andrêievna no caminho. Tolstói apressava muito o cocheiro; Makovítski sugeriu levantar a capota da caleche. Tolstói não concordou com isso, pois “era vergonhoso!”. Então o médico disse ao cocheiro que “se alguém, vindo ao nosso encontro, perguntar quem é o passageiro, não responda”.

Para chegar a Lgov era preciso ir a Sukhínitchi (para oeste, direção errônea) e a Gorbatchevo (para leste) e só depois para o sul: Orel-Kursk.

Porém, nesse caso, a fuga pressupunha seguir em direção a Kharkov e Simferópol, isto é, para a Crimeia outra vez, aonde Tolstói não queria ir. E não havia linha direta de Kozelsk a Kursk, passando por Gorbatchevo. Seria preciso fazer uma parada em Gorbatchevo para a baldeação e esperar oito horas nesse entroncamento ferroviário, arriscando novamente encontrar Sófia Andréievna, que ia de Schékino a Kozelsk passando justamente por Gorbatchevo. Dessa maneira, a viagem espiritual para Óptina e Chamórdino por esse “cafundó” chamado Kozelsk transformou-se para Tolstói numa verdadeira armadilha; sair dela seria possível somente pelo mesmo Gorbatchevo de onde haviam chegado e aonde, inevitavelmente, chegaria também sua pobre esposa, caso o perseguisse.

Então Tolstói, acossado pelo medo, escolheu o itinerário mais rápido do ponto de vista do horário, porém o mais longo geograficamente: Kozelsk – Gorbatchevo – Vorónej – Novotcherkassk. As implacáveis leis das ferrovias russas, e não o amor romântico pelo Cáucaso, foram a causa principal e decisiva de Tolstói não ter tomado nem a direção oeste nem a sul, mas sim a sudeste, através das infinitas estepes de Dom. Por isso é tão engraçado e amargo ler que Tolstói faleceu numa estação “esquecida por Deus”. Justamente Astápovo nunca foi uma estação “esquecida por Deus”. E situava-se num grande entroncamento ferroviário entre Dankovo e Ranenburg. Se a enfermidade de Tolstói não tivesse progredido tão rapidamente e eles tivessem passado sem baldeação por Gorbatchevo, Dankov, Astápovo, Bogoiavlensk, Kozlov, Griázi, Grafaskaia e, finalmente, Vorónej, o caminho de centenas e centenas de verstas prosseguiria pelas estepes desabitadas antes de chegar à primeira povoação de cossacos – Míllerovo.

O Oriente é um negócio delicado.

NÃO TOTALMENTE O DESERTO

No capítulo anterior, dissemos que no início dos anos 1880 Tolstói era solitário em suas buscas. Mas não foi exatamente assim. Tolstói sentiu-se só quando perdeu o apoio da família: “... vocês não podem imaginar até que ponto me sinto só. Até que ponto é desprezado aquilo que é o autêntico *eu* por todos que me cercam”, escreveu ele a Mikhail Engelgardt no fim do ano 1882, diante de um jovem desconhecido que demonstrara simpatia com suas ideias. Mas, na realidade, já a partir do outono de 1881, logo depois da mudança da família para Moscou, em volta dele começaram a aparecer pessoas que, embora não fossem tolstoístas, tinham afinidade com ele e lhe eram simpáticas.

Uma dessas pessoas era N. F. Fiódorov, filósofo que trabalhava como bibliotecário no museu de Rumiántsev. Coetâneo de Tolstói, parecia, já naquela época, um velhinho magrela de baixa estatura, vestindo sempre o mesmo casaco curto. Chamavam-no de “Sócrates moscovita”.

Era um verdadeiro asceta em tudo: morava num cubículo da mesma biblioteca, dormia no chão, deitado no mesmo casaco, e o seu salário de conservador chefe da biblioteca, que não era pequeno, gastava em livros que comprava para a biblioteca e que dava aos pobres. Era tímido, acanhado, mas por dentro ardia nele o fogo do defensor da cultura em geral e de bibliófilo em particular. Iliá Lvóvitch, filho de Tolstói, que o conheceu, dizia que, “se os santos existem, devem ser exatamente como ele”.

Como pensador, autor de *Filosofia da causa comum*, editada postumamente por Peterson, ex-professor da escola de Tolstói em Iássnaia Poliana, Nikolai Fiódorov exerceu influência sobre Tsiolkóvski,¹⁴⁷ Vernádski¹⁴⁸ e Tchijévski.¹⁴⁹ E também sobre muitos escritores russos dos anos 1920-1930, de Platónov a Maiakóvski. Sua ideia principal consistia em considerar necessário ressuscitar fisicamente toda a “geração dos pais”, usando os novos alcances da ciência. Naquela época e depois da morte de Fiódorov, isso era considerado quase uma utopia científica. Mas hoje, com a clonagem humana em voga, já não parece um delírio total. Para a

acomodação dos finados, ele propunha a saída do homem para o cosmos e sua povoação. No fim do século XIX isso também parecia utopia.

Pela primeira vez, Tolstói encontrou-se com N. F. Fiódorov em 1878, quando trabalhava na Biblioteca de Rumiántsev, com os materiais sobre os dezembristas. Em outubro de 1881, após um mês passado em Moscou (“... o mais terrível de minha vida”, queixa-se ele em seu diário), encontrou-se com Fiódorov novamente e viu-o com outros olhos. “Nikolai Fiódorovitch é um santo”, escreveu ele em seu diário, em 5 de outubro. “Um cubículo. Trabalhar! Isso se entende por si. Não quer salário. Não tem roupa nem cama.” Mas nada em comum com a “filosofia da causa comum”. A própria ideia materialista da ressuscitação dos “pais” estava em contradição com aquilo que Tolstói procurava na esfera espiritual. Ele buscava o reino de Deus *dentro* do homem, e não fora dele. E Fiódorov só podia lhe interessar como pessoa que tinha esse reino de Deus dentro de si. Tolstói era um egocêntrico espiritual, e Fiódorov, um utopista prático. Para Tolstói, a volta violenta do homem para a existência terrena e pecadora contra a vontade de Deus não era simplesmente um ato incorreto, mas um ato *horroroso*. E, por fim, os conceitos deles de “causa comum” eram opostos. Na compreensão de Tolstói, a “causa comum” era aquilo que faziam os camponeses. Já Fiódorov conclamava a servir à ideia única, sendo, neste plano, um comunista espiritual.

Fiódorov admirava *Guerra e paz*. Mas por quê? “Em *Guerra e paz*”, escreveu ele, “o próprio Tolstói tem tantas forças, ressuscita seus pais, entregando todo seu grande talento a essa causa, apenas verbalmente, é claro.” Ao conhecer o autor do romance, Fiódorov esperava dele, se não a propaganda de sua ideia de ressuscitação, ao menos a ulterior “ressuscitação” verbal dos pais em sua obra. “A cada encontro de Fiódorov com meu pai”, recordava Serguei, o filho mais velho de Tolstói, “ele exigia que meu pai divulgasse essas ideias. Ele não pedia, ele exigia isso

insistentemente, e quando meu pai se recusava de modo mais delicado, ele ficava magoado, ofendia-se e não lhe perdoava.”

Justamente nessa época Tolstói afasta-se da prosa histórica, e seus sonhos de escrever “em gênero poético” ele guarda fundo dentro de si e só os confessa nas cartas à mulher. Mais do que isso: a cultura livresca provoca nele ódio. Um dia, quando chegou à Biblioteca Rumiántsev, Fiódorov o convidou a visitar o arquivo para ele mesmo escolher os livros. Tolstói olhou para as longas fileiras de armários altos com portas de vidro cheios de livros e, pensativo, disse baixinho:

“Ora, aqui seria bom colocar uma boa dose de dinamite!”

A indignação de Fiódorov não tinha limites! “Sempre calmo, bondoso e amável, ele estava ardendo, fervendo de indignação”, recordava um amigo comum deles.

A ruptura definitiva entre os dois seria causada pelo artigo de Tolstói “Sobre a fome”, que, por motivos de censura, não poderia ser publicado na Rússia, mas que saiu no jornal inglês *Daily Telegraph*, em 14 de janeiro de 1892. Tolstói escreveu esse artigo frente aos quadros de fome dos camponeses entre 1891 e 1892, quando ele e seus filhos mais velhos participaram da campanha de ajuda aos famintos. O tom radical do artigo e o caráter antigovernamental que este adquiriu na tradução peculiar para o inglês revoltaram Fiódorov. Provavelmente, ele se lembrou da “boa dose de dinamite” e pensou que Tolstói conclamava à rebelião e ao massacre do governo. G. P. Gueórguievski, diretor da seção de manuscritos do Museu Rumiántsev, descreveu o encontro entre Tolstói e Fiódorov depois da publicação do artigo:

Ao ver que Tolstói vinha depressa a seu encontro, Fiódorov perguntou-lhe, rispidamente:

“O que o senhor deseja?”

“Espere, vamos cumprimentar-nos primeiro... Há tanto tempo não vejo o senhor”, respondeu Tolstói.

“Não posso lhe dar a mão”, objetou Fiódorov. “Está tudo acabado entre nós.”

Nikolai Fiódorovitch, nervoso, segurando as mãos nas costas e passando de um lado a outro do corredor, procurava afastar-se de seu interlocutor.

“Nikolai Fiódorovitch, explique o que significa isso”, pediu Tolstói, e em sua voz ouviram-se notas nervosas.

“A carta publicada em *Daily Telegraph* é do senhor?”

“Sim, é minha.”

“Será que não percebe que sentimentos ditaram essa carta e a que ela conclama? Não, não tenho mais nada em comum com o senhor, pode ir embora.”

“O que é isso, Nikolai Fiódorovitch? Somos velhos, vamos, ao menos, nos despedir...”

Mas Nikolai Fiódorovitch continuou inexorável, e Tolstói, visivelmente irritado, virou-se e foi embora...

Porém, a atitude de Tolstói em relação a Fiódorov como pessoa não mudou. Em suas cartas a várias pessoas ele ainda o chamava de “querido, inesquecível”, “um homem formidável”, por quem sempre sentiu e ainda sentia “o respeito mais profundo”.

Outro homem formidável que Tolstói conheceu em 1881 foi Vassíli Kirílovitch Siutáiev, camponês e filósofo sectário. Ele foi o primeiro dos “obscuros” que esteve na casa dos Tolstói em Moscou e abriu uma nova etapa na vida dessa família, a qual, para grande desgosto de Sófia Andréievna, tornava-se inimaginável sem a intromissão de pessoas estranhas em sua vida cotidiana.

Diferentemente de Fiódorov, Siutáiev era correligionário quase total de Tolstói em questões espirituais e até poderia ser chamado de mentor de Tolstói nas soluções práticas dessas questões.

O pesquisador do sectarismo russo, A. S. Prugávin, deixou belas recordações sobre Siutáiev, camponês do município de Novotorjskda, província de Tver. “Em 1880”, escreveu ele, “divulgaram a notícia do *Tverskói Véstnik*¹⁵⁰ sobre o surgimento de uma nova seita religiosa chamada ‘siutáievskaia’ por causa do nome de seu fundador, Vassíli Kirílovitch Siutáiev, camponês da aldeia Chevélino.” Prugávin foi pessoalmente à província de Tver para conhecer a nova seita e seu líder. Eis como ele descreveu a aparência dele:

Baixinho, mirrado, aparentando uns cinquenta anos, de caftã de tecido de lã puído e de mangas estreitas, todo abotoado, sob o qual apareciam calças azuis de linho caseiro e grandes botas pesadas e canhestras. Segurava nas mãos um quepe que costumam usar os operários da cidade... Cabelos ralos loiros ou arruivados, sempre molhados, grudados na fronte saliente. O rosto magro, levemente rosado, o nariz pequeno e fino e duas rugas fundas que desciam dos cantos da boca para o queixo pontiagudo, no qual havia uma pequena barbicha de um ruivo desbotado, sempre amassada, parecendo uma bucha.

Uma aparência não das mais atraentes... E é claro que, na cidade, ele causava estranheza a qualquer intelectual: “Muji que ele não é, e operário também não...”.

Encontramos uma explicação interessante sobre isso no artigo de outro pesquisador de seitas russas, M. V. Murátov. Ele chama as pessoas do tipo de Siutáiev de “intelectuais do povo”.

A opinião de que existe um só povo russo é apenas um preconceito. O mais correto seria dizer que existem dois povos diferentes: de um lado,

a sociedade russa; do outro, as massas de camponeses e operários. Esses povos têm vidas diferentes, conceitos diferentes e até uma língua diferente: um simples artigo de jornal é incompreensível ao camponês comum. Mas não é só isso: cada um desses povos tem seus intelectuais, seus militantes e defensores das causas justas, seus heróis e mártires.

Em 1876, houve uma denúncia de que Siutáiev não batizara o neto, e o caso foi entregue à justiça. No inquérito, Siutáiev declarou que “não havia batizado o neto porque a Escritura Sagrada diz: ‘Arrependei-vos e cada um de vós será batizado’. Mas uma criança ainda não sabe se arrepender”. Um dos juízes de paz era Mikhail Bakúnin, o irmão mais novo do famoso anarquista A. A. Bakúnin. Os Bakúnin tinham sua propriedade, Priamúkhino, justamente no município de Novotorjsk. Assim, na realidade, houve uma colisão de dois tipos de intelectuais – um “do povo” e outro “senhorial”.

Segundo Siutáiev, o mais importante não era ter fé, mas “arrumar a vida”, “observar a vida”, “viver à maneira justa” para “não prejudicar um ao outro” – eis o catecismo que ele expôs a A. S. Prugávin quando se encontraram.

Siutáiev não era um sectário comum. “O sectário comum”, escreveu Murátov, “não é nem frio nem ardoroso. Seu ‘sentimento religioso’ manifesta-se comedidamente... Ele sabe que se salvará, mesmo quando diz que ninguém pode saber disso de antemão, e sente-se sempre sereno e claro”.

Siutáiev era “sectário-entusiasta”. “A fé do entusiasta”, continua ele, “ao contrário, não tem limites. Ele se entrega à fé de corpo e alma e todas as suas emoções, para ele, são a realidade, assim como tudo o que vê e ouve...”

“Procure a verdade, Aleksandr!”, recomendou ele na despedida com Prugávin. “Procure a verdade, para que todos vivam bem neste mundo! É

preciso saber se o Salvador virá!”

“Tudo está em você e agora”, essa concepção dele de Deus dentro de cada pessoa tinha uma afinidade especial com a de Tolstói, que nesse tempo decepcionava-se com todos os intermediários entre o homem e Deus.

Tolstói ouviu falar de Siutáiev em 1881, quando conheceu A. C. Prugávin na província de Samara. Prugávin lhe contou sobre esse extraordinário camponês que pregava “o amor e a fraternidade entre todas as pessoas e nações e o comunismo total dos bens”. Tolstói disse: “Isso é tão interessante que na primeira possibilidade gostaria de conhecer Siutáiev”. À esposa ele escreveu: “Há pessoas de grande inteligência e surpreendentes por sua coragem”.

No fim de setembro, Tolstói viajou para a província de Tver e, no caminho, passou por Priamúkhino para levar consigo como acompanhante aquele mesmo Aleksandr Bakúnin que presidira o julgamento de Siutáiev. Tolstói conhecia todos os três irmãos Bakúnin: Pável, escritor, Aleksandr, com quem fez amizade em Sebastópol, e Mikhail, o anarquista, que naquele tempo tinha fugido da Sibéria para Paris, onde a primeira coisa que fez foi pedir ostras e champanhe e, na ocasião do cerco revolucionário de Dresden, propôs colocar a *Madona* de Rafael no muro da cidade, dizendo que os realistas não ousariam atirar nesse tesouro da pintura.

Tolstói ficou encantado com Siutáiev e sua família. Não há dúvida de que no projeto comunista para sua própria família, escrito em 1884, repercutiu tudo o que ele viu e ouviu em 1881.

Na família de Siutáiev, bastante numerosa, não havia propriedade privada. As arcas das mulheres eram comunitárias. A nora de Siutáiev estava com um lenço na cabeça. O conde perguntou-lhe: “Esse lenço é seu?”. “Não, senhor, é de mamãe, não sei onde meti o meu.” Siutáiev levou-o à casa do ex-soldado com quem casara a filha. “Quando decidimos, reunimo-nos à noite, eu lhes dei conselhos sobre como se deve viver,

colocamos os dois na cama e apagamos as velas. Eis tudo, festejadas as bodas”, contou Siutáiev.

Siutáiev e seus seguidores não tinham ícones em casa, não acreditavam na força milagrosa das relíquias dos santos e não frequentavam a igreja. Enterravam seus defuntos onde desse: no porão, no campo. “Dizem”, pregava Siutáiev, “que o cemitério é um lugar abençoado e os outros não. Não é verdade, a terra toda é abençoada, igualmente, por toda parte”. A propósito, antigamente ele tinha seu negócio – fazia monumentos para os túmulos –, mas um dia largou-o, distribuiu o dinheiro e rasgou as promissórias.

Siutáiev negava o direito de propriedade sobre a terra, a justiça das guerras e, em geral, tudo o que separava as pessoas. Todos deveriam trabalhar em comum na terra comum. Os senhores devem entregar a terra aos camponeses e os camponeses – não abandonar os senhores por caridade. Siutáiev era um perfeito cristão comunista, e tudo que posteriormente Tolstói viria a propor a Stolýpin não saía dos limites do projeto de Siutáiev. Mas o que o atraía nas prédicas de Siutáiev era principalmente a *ideia* de amor como a força motriz da civilização. Quando Siutáiev negava o juramento, perguntavam-lhe: “E se os turcos nos vencerem? O quê, então?”. “Os turcos nos vencerão se não tivermos amor. Eles nos vencerão e nós os converteremos ao amor. Estaremos unidos e seremos todos correligionários. E isso será o Bem para todos.” E outra vez, nas prédicas de Tolstói, não encontramos nada que seja radicalmente diferente dessa simples ideia de Siutáiev. Não resistir ao mal com o mal, mas oferecer-lhe o amor, e o mal deixará de existir. Deus, no coração de todo homem, indicará o caminho à união universal no amor, é só não impedi-Lo.

O que tanto emocionou Tolstói foi o fato de que todas as ideias rumo às quais ele havia feito um caminho complicado e penoso, exposto em

Confissão, na boca de Siutáiev eram tão simples e evidentes como dois e dois são quatro.

E o principal foi que Siutáiev correspondia perfeitamente àquela imagem do mujique russo que ele gostaria de ver nos camponeses e que começou a procurar neles no início dos anos 1880. Se na cidade ele não apenas via como procurava todo tipo de mal e de injustiça, se no campo ele via (e procurava) esse mal e essa injustiça em tudo que vinha da posse das terras da nobreza, do “luxo senhorial”, no seio do povo ele ansiava encontrar um grão de verdade, que seria a encarnação do tipo ou caráter popular concreto.

No fim de janeiro de 1882, Siutáiev chegou a Moscou, retribuindo a visita, e foi alojado na casa dos Tolstói, na travessa Déniejni. Seus discursos e, mais ainda, sua aparência exótica, atraíram visitas da sociedade. Em Moscou surgiu a verdadeira moda de Siutáiev. Suas fotografias eram vendidas no salão artístico *Avanzo*, na rua Kuznêtski Most. Répin pintou seu retrato. Por recomendação de Tolstói, Pável Tretiakov¹⁵¹ adquiriu esse retrato, de título *Sectário*. Maria Nikoláievna Tolstaia, irmã de Tolstói, também se interessou por Siutáiev e até se encontrou com ele.

Nesse tempo, Tolstói participou do recenseamento da população moscovita e escolheu para isso um dos quarteirões mais pobres, na travessa Protótchny, entre a passagem Beregovói e a travessa Nikólski. Escreveu o artigo “Sobre o recenseamento em Moscou”, com o apelo à sociedade de prestar ajuda aos necessitados. Siutáiev não concordava com ele e propunha outro projeto para acabar com a miséria.

“Vamos dividi-los entre nós e assim daremos conta. E vamos trabalhar junto com eles. Eles verão como eu trabalho e aprenderão como têm que viver. E sentaremos à mesma mesa, eles ouvirão minhas palavras, e eu, as deles. Eis a ajuda.”

É preciso dizer que o aparecimento de Siutáiev não poderia agradar Sófia Andrêievna? Justo naquele tempo, quando o marido começou a se

afastar da família, em sua casa aparecem pessoas estranhas e perigosas, que ela passou a chamar de “obscuros”.

Mas qual era o sentido dessa palavra para ela?

“Sim, para mim, eles eram pessoas obscuras”, recordaria posteriormente Sófia Andréievna, “sobre as quais nada se sabia: quem eram, de onde vinham, quem eram seus pais, onde haviam nascido e o que queriam. E a vida de minha família sofria por causa deles. Eu tinha medo deles e os evitava.”

Apareceram outras pessoas que respondiam às aspirações espirituais de Tolstói. Vladímir Fiódorovitch Orlov, por exemplo. Filho de um sacerdote rural, “netchaievista”,¹⁵² absolvido depois de passar dois anos na cadeia, Vladímir Orlov trabalhava como professor na escola de ferroviários, nos arredores de Moscou. Era muito próximo de Tolstói em suas buscas espirituais e preferências literárias. Tinha uma personalidade que agradava Tolstói por ser firme e resistente às privações e sofrimentos, embora não sem vícios, como a clássica bebedeira russa. Ele frequentava a casa dos Tolstói e às vezes nela pernoitava. Tolstói descreveu com prazer em seu diário como ele pessoalmente preparava a cama para Orlov e até lhe levava o urinol. Eram os cuidados com um *irmão*, algo monástico ou sectário, como o lava-pés, o que chocava os familiares, mas, para ele, parecia natural.

Muito próximo de Tolstói era também o professor particular Vassíli Ivánovitch Aleksêiev, que deixou memórias interessantes. Uma afeição profunda ligava Tolstói ao príncipe Leonid Dmítrievitch Urússov, o “primeiro tolstoísta”, como o chamava Serguei Lvóvitch, filho de Tolstói. Urússov era vice-governador de Tula e, diferentemente dos “obscuros”, era amigo íntimo de toda a família Tolstói. Sacha o fez herói de sua novela *De quem é a culpa?*. Urússov adorava as obras religiosas de Tolstói. Traduziu para o francês (e colaborou com a publicação em Paris) o seu tratado *Em*

que consiste minha fé?. “O príncipe era amado também pelas crianças e até pela criadagem”, recordava Sófia Andrêievna.

O TOLSTÓI IMPOSSÍVEL

Pouco antes da revolução espiritual de Tolstói, sua esposa teve um sonho apavorante, que contou a *Alexandrine*:

“Ela se viu perto do templo do Salvador, ainda em construção naquela época; diante das portas do templo, erguia-se uma enorme cruz e nela – Cristo vivo, crucificado... De repente, a cruz começou a se mover, deu três voltas ao redor do templo e parou na frente de Sófia Andrêievna... O Salvador olhou para ela e, ao levantar a mão, apontou para a cruz dourada que já brilhava na cúpula do templo.” “Os conflitos com Lióvotchka tornaram-se mais frequentes”, queixava-se ela para a irmã, “até pensei em ir embora de casa. Talvez porque tenhamos começado a viver à *maneira cristã*. Mas a meu ver, antes, sem esse cristianismo, era muito melhor.” Essa confissão crédula reflete precisamente a consciência religiosa de Sófia Andrêievna. Se o cristianismo era aquilo, melhor seria sem ele!

Não se pode dizer que Sófia Andrêievna era totalmente surda e indiferente às aspirações religiosas do marido. Pois ela havia crescido e sido educada numa família ortodoxa. E uma família que, bem ou mal, estava ligada à corte real. De qualquer maneira, seu pai era hof-médico. Para Sófia Andrêievna, a ortodoxia era exatamente o que a Rússia do século XIX representava – a junção da religião com o Estado. Por isso, quando seu marido tornou-se dissidente religioso, isso a assustou muito mais do que se ele tivesse se tornado ateu mas continuasse sendo leal ao poder monárquico.

Durante algum tempo, ela procurou não revelar suas divergências com o marido; mesmo escrevendo à irmã, não se esquecia de que roupa suja se lava em casa.

Lióvotchka está calmo, trabalha, escreve uns artigos; às vezes, escapam uns resmungos contra a vida na cidade e, em geral, contra a vida *senhorial*. Isso me dói, mas sei que ele é assim e não pode mudar. Ele é uma pessoa avançada, está indo à frente da multidão e indica o caminho. E eu sou a multidão, sigo a corrente, junto com os outros, vendo a luz do lampião que todo homem avançado carrega, e Lióvotchka também, é claro. Eu reconheço que isso é a *luz*, mas não consigo caminhar rapidamente: a multidão, o meio, os meus hábitos me oprimem. Vejo como você está rindo de minhas palavras *ao mais alto grau*, como dizem meus filhos. Mas isso esclarecerá um pouco sobre como é o nosso relacionamento.

Mas um dia ela cometeu um erro fatal. Copiando em seu quarto a obra religiosa do marido *Crítica à teologia dogmática*, ela não aguentou seus sentimentos de protesto, levou o manuscrito ao escritório, colocou-o na mesa e se recusou a copiá-lo. De fato, ela se recusava a ser sua ajudante depois de quinze anos de colaboração criativa com ternura e gratidão. Sua motivação para esse ato era formidável! Ela disse a Tolstói que “ficava emocionada demais” copiando aquilo.

Mas, se “ficava emocionada”, isso queria dizer que ela entendia?

Crítica à teologia dogmática, assim como *Confissão*, é uma das primeiras obras de Tolstói com temas religiosos. Ele começou a escrevê-la ainda em 1879. É sua obra mais destrutiva não só em relação à fé ortodoxa, mas a todo o conceito eclesiástico de cristianismo. *Crítica à teologia dogmática*, por sua força destrutiva, pode ser comparada apenas com *O Anticristo*, de Nietzsche, que submeteu a uma análise impiedosa o próprio cristianismo. Tolstói, ao contrário, defendia o cristianismo, mas fazia isso de tal maneira que não sobrava pedra sobre pedra da milenar doutrina dos pais eclesiásticos.

A motivação para esse texto foi o livro do então arcebispo de Moscou, Makári Bulgákov, *Teologia ortodoxa dogmática*, editado na Rússia em tiragens maciças como manual básico para o ensino espiritual. Analisando o manual, Tolstói refutou todas as bases da fé cristã: a Trindade, a divindade de Cristo, a história do pecado original, a redenção dos pecados com os sofrimentos de Cristo, o ritual de comunhão etc. Na realidade, o texto não era a crítica de um livro concreto, mas a negação de toda a história do cristianismo eclesiástico, que, sob a pena de Tolstói, transformava-se num terrível drama, ou por um erro ingênuo, ou por uma falcatrua consciente.

O momento sedutor do texto era a maneira infantil de ver as coisas. O que significava ser “um só Deus em três”? Pois um não é igual a três. E para que essa fórmula tão complicada para um Deus? Por que Deus proibiu Adão e Eva de experimentarem a maçã da árvore da ciência, do bem e do mal? Será que Ele queria que os humanos fossem como animais? Deus prometeu aos primeiros humanos que eles morreriam se experimentassem o fruto da árvore. Mas isso não aconteceu. Significa que Deus havia mentido?

Discutir com Tolstói era o mesmo que discutir com a criança que grita que o rei está nu. Se o rei não está nu, é preciso simplesmente tapar a boca da criança. Mas, se ele está nu, há que se concordar com ela.

“Igreja ortodoxa?”, perguntava-se Tolstói.

A esse termo, não consigo associar nenhuma outra imagem a não ser a de algumas dezenas de pessoas com cabelos longos, não aparados, muito confiantes de si, de pouca instrução, trajando vestes de seda e veludo, com pequenos ícones guarnecidos de diamantes no peito, que têm títulos de prelados e arcebispos, e milhares de outras pessoas com cabelos longos, não aparados, submissas como escravos a essas dezenas que não fazem outra coisa a não ser enganar e lograr o povo sob o pretexto de uns sacramentos. Como posso acreditar nessa Igreja quando, às perguntas mais profundas sobre minha alma, ela responde com

enganos e absurdos miseráveis e ainda afirma que ninguém tem o direito de responder a essas perguntas e que, em tudo o que é mais precioso em minha vida, eu sequer posso ousar me guiar por nada que não seja as indicações dela. Posso escolher a cor de minhas calças, a mulher para ser minha esposa, posso construir minha casa a meu gosto, mas no restante, em tudo aquilo em que eu me sinto humano, devo pedir permissão a essas pessoas ociosas, ignorantes e enganadoras. Em minha vida, no mais sagrado para mim, eu tenho o meu guia – o pastor, o pároco, um menino que saiu do seminário estupefato e semianalfabeto, ou um velho beerrão, cuja única preocupação é colher o maior número de ovos e coqueques. Eles ordenam que, durante metade do tempo da oração, o diácono grite “Vida longa” à piedosa devassa Ekaterina II ou ao piedoso bandido e assassino Pedro I, que cometia sacrilégios contra o Evangelho, e eu devo rezar por eles. Mandam amaldiçoar, queimar e enforcar meus irmãos, e eu devo gritar, repetindo atrás deles, “Anátema”. Ordenam tomar vinho de colherinha e jurar que isso não é vinho, mas sim o corpo e o sangue de Cristo, e eu devo fazer isso e jurar.

Mas isso é um horror!

Segundo as palavras de Tolstói, a Igreja existia para “débeis mentais”, “malandros” e “mulheres”. Não era de se estranhar por que esse texto havia “emocionado” tanto Sófia Andréievna.

Ela conhecia bem o marido. Sabia que o tom briguento, impossível, não representava a verdadeira atitude de Tolstói em relação à Igreja ortodoxa, clero (especialmente o de base) e, muito menos, à fé popular na Igreja. O seu alvo e o destinatário do texto só podiam ser o clero superior e o poder estatal, com quem ele implicava como um adolescente levado. Ela conhecia muito bem esse lado de seu caráter, próprio de toda a linhagem dos Tolstói. A rispidez das palavras e a “inconstância de suas opiniões”

assustavam-na ainda antes do casamento. O que Sófia Andréievna deveria sentir ao descobrir, depois de quase vinte anos de vida conjugal, que o antigo fermento começava a produzir efervescência?

Ela se assustou. Infelizmente, a revolução espiritual aconteceu justamente na época em que a família chegava a seu limite e já contava com nove (!) filhos. Os sentimentos maternos de Sófia Andréievna eram muito desenvolvidos e o próprio Tolstói atribuía uma grande importância a eles. Enquanto isso, a partir da primavera de 1881, depois da carta de Tolstói a Alexandre III, entre Tolstói e Pobedonóstsev, o principal ideólogo da Rússia, começava o “enredo” do conflito. Pobedonóstsev era o cordão umbilical entre o poder estatal e o poder do clero. E sua posição em relação ao “novo” Tolstói fora declarada sem tardança e sem ambiguidade, já pelo fato de nem julgar necessário entregar sua carta a Alexandre III. Em 1884, sua atitude bem definida em relação ao movimento sectário manifestou-se quando ele exilou no exterior “sem direito a retorno” o coronel em reforma Vassíli Pachkov, fundador da seita dos “pachkovistas”.

Até o início dos anos 1880, Sófia Andréievna não era dama da sociedade. Era uma terra-tenente provinciana, uma *fidalg*a. Aliás, por ter uma personalidade aberta e segura, adquiriu rapidamente a experiência do tratamento de pessoas da sociedade e até de altas autoridades. Em 1885, ela se encontrou com Pobedonóstsev, tentando defender o direito de incluir na obra completa do marido, que editava, os textos proibidos *Em que consiste minha fé?* e *O que vamos fazer?*.

Encontrando-se com Pobedonóstsev, ela pretendia matar não só dois, mas três pássaros com um tiro só: demonstrar ao marido simpatia por sua nova concepção de mundo, fazer de suas novas obras uma fonte de renda para a família e, ao mesmo tempo, tirar delas o estigma de “dissidentes”, pois, se Pobedonóstsev as permitisse, nenhum censor clerical ousaria proibi-las. Pobedonóstsev, sem vacilar um segundo sequer, recusou o pedido. Todavia, o fato do próprio encontro pessoal com ele e sua gentileza

e até simpatia tranquilizaram-na. Posteriormente, ela se lembraria dessa visita com orgulho.

Em *Minha vida*, ela cita sua conversa com Pobedonóstsev:

“Devo lhe dizer que tenho muita pena da senhora; eu a conheci ainda criança, respeitava e gostava muito do seu pai e creio que deva ser uma desgraça ser esposa de um homem como Tolstói.”

“Isso é uma novidade para mim”, respondi. “Não só me considero feliz, como sou invejada por ser esposa de um homem tão talentoso e inteligente.”

“Devo lhe dizer”, disse Pobedonóstsev, “que não vejo inteligência em seu marido. Inteligência é harmonia, e seu marido só tem extremos e arestas.”

“Talvez”, respondi eu. “Mas Schopenhauer disse que a inteligência é uma lanterna que a pessoa leva à sua frente, e o gênio é o sol que ofusca tudo.”

Tolstói demonstrou indiferença e até desaprovação em relação a esse encontro da mulher com Pobedonóstsev. Não era isso que ele esperava dela. Queria que ela compartilhasse de suas novas ideias em vez de tentar atenuar o conflito inevitável entre ele e o poder. Ele precisava de uma companheira, e não de uma advogada.

Em dezembro de 1885, partindo para a propriedade Nikólskoie-Oboliáninovo, a sessenta verstas de Moscou, para onde fugia com frequência da agitação urbana, onde descansava e onde era recebido como hóspede querido, Tolstói deixou uma carta extensa para Sófia Andréievna. Ela leu a carta e depois, arrumando o arquivo do marido, fez a inscrição: “Carta de Lev Nikoláievitch não entregue e não enviada à esposa”.

Essa carta era um grito do fundo da alma! Ela termina com uma frase terrível: “Nós estamos numa luta de vida ou morte – é de Deus ou não é de

Deus”. Essa carta foi endereçada não apenas a Sófia Andréievna, mas à família inteira, da qual Tolstói queria se separar outra vez.

Escreveu ela à irmã:

Aconteceu aquilo que já acontecera tantas vezes. Lióvotchka chegou a um estado extremamente nervoso e sombrio. Um dia eu estava no meu quarto, escrevendo, e ele entrou com uma expressão terrível no rosto. Até esse momento, tudo ia às mil maravilhas, não foi pronunciada nenhuma palavra desagradável, não aconteceu absolutamente nada. “Vim para dizer que quero me separar de você, não posso mais viver assim, estou indo para Paris ou para a América.”

Sabe, Tânia, se a casa toda tivesse caído na minha cabeça, eu não ficaria tão surpresa. Eu lhe perguntei:

“O que foi que aconteceu?”

“Nada, mas, se numa carroça for colocada mais e mais carga, o cavalo para e não puxa mais a carroça.”

O que se colocava – não se sabe. Mas começaram gritos, recriminações, palavras grosseiras, cada vez piores. Eu aguentava, aguentava, não respondia a quase nada, vendo que o homem estava louco, mas quando ele disse “Lá onde você está, o ar é empestado”, eu mandei trazer a minha arca e comecei a fazer minha mala. Queria ir à sua casa, ao menos por alguns dias.

Vieram as crianças, chorando. Tânia disse: “Eu vou com você. Por que tudo isso?”. Ele começou a suplicar: “Fique”. Fiquei. Mas, de repente, ele desatou em prantos histéricos, um horror! Imagine só: Lióvotchka, todo tremendo, se contorcendo de soluços. Aí eu tive muita pena dele. Os filhos – Tânia, Iliá, Liova e Macha – todos chorando aos gritos. Fiquei petrificada, não podia nem falar nem chorar, queria lhe dizer umas coisas, mas estava com medo, calada, calada durante três horas, e nem que me matassem conseguiria abrir a boca. E terminou nisso. Mas

que desgraça, tristeza, rompimento, estado doentio, frieza – tudo isso ficou dentro de mim. Não paro de me perguntar, até enlouquecer: e o que eu fiz desta vez? Não me afastava de casa nem um passo, trabalhava com a edição até as 3 horas da madrugada, ficava quieta, amava a todos como nunca, não me esquecia de ninguém e, de repente, por quê?

A histeria de Tolstói só pode ser explicada pela irritação que se acumulou durante dias, semanas e meses e estourou subitamente, sem nenhum motivo aparente. Mas isso não era do feitio de Tolstói. Depois desse ataque de histeria, indo para Nikólskoie-Oboliáninovo com Tânia, num “trenó minúsculo”, ele tentou explicar em uma carta a causa de sua “demência”:

Se em minhas mãos caísse o diário em que você expressa seus sentimentos e pensamentos mais recônditos, imagine com que interesse eu leria tudo isso. Já os meus trabalhos, todos que não são senão minha vida, interessam-lhe tão pouco que só por curiosidade você lê uma ou outra obra literária, quando a tem à mão. E os filhos? Esses não têm interesse nenhum em ler. A vocês parece que eu sou uma coisa e o que eu escrevo, outra.

A minha escrita sou eu mesmo, por inteiro. Em minha vida, não pude expressar meus pontos de vista por completo; na vida, faço concessão à necessidade do convívio em família; eu vivo, mas por dentro denego toda esta vida. E esta vida, que não é minha, vocês consideram como minha. E a que está na escrita vocês consideram ser apenas palavras fora da realidade.

A escrita – são as obras espirituais de Tolstói depois de sua revolução: *Confissão*, *Crítica à teologia dogmática*, *Em que consiste minha fé?*, *Reunião*, *tradução e exame de quatro evangelhos* e ainda o mordaz texto *O*

que vamos fazer?, que ele terminava justamente em 1885. Nesse texto, que descreve o apavorante estado da civilização na Europa, onde uma casta de “cultos” usa cinicamente o pesado trabalho dos “incultos”, Tolstói condena todo o desenvolvimento político e econômico do mundo. Esse texto foi a apoteose da negação, por Tolstói, da vida das classes instruídas – a nobreza, o clero, os homens das ciências e das artes. Em sua opinião, todos eles eram parasitas no corpo social, zangões, e a única saída para os representantes dessas classes só podia ser a revisão valente de sua situação e a tentativa de criar novas bases de vida, recusando os bens, o dinheiro excessivo e todos os privilégios de casta e ganhando o pão de cada dia com trabalho árduo. Caso contrário, Tolstói previa a revolução: “... mal estamos nos segurando em nosso barquinho no mar já tempestuoso que nos afoga e, de um momento para outro, vai acabar nos engolindo e devorando. Uma revolução operária, com os horrores da destruição e das matanças, não só nos ameaça como já a vivemos há uns trinta anos e, por enquanto, usando de astúcia conseguimos de alguma maneira adiar sua explosão.”

É notável o final desse texto. Nele, Tolstói dirige-se às mães. Justamente elas, mesmo que pertencessem a classes privilegiadas, sabiam como era penoso o trabalho de parto, a amamentação e a educação dos filhos. Tolstói apelou ao sentimento natural de dever e de justiça das mães e nelas via o princípio unificador da nova humanidade.

Mas esse final era o menos convincente. Ele não levou em conta o egoísmo da mulher-mãe nos interesses de sua família. Nenhuma mãe normal deseja trabalho pesado e privações – o caminho ao qual Tolstói as conclamava. A experiência de vida de Sófia Andréievna deveria ter feito Tolstói duvidar da justeza de sua escolha quanto ao destinatário de sua propaganda espiritual. Por outro lado, lendo esse final, nota-se que, dirigindo-se às mães em geral, Tolstói tinha em mente uma pessoa bem concreta: a esposa.

Uma mãe assim¹⁵³ vai dar à luz ela mesma, ela mesma vai amamentar e, antes de tudo, ela mesma vai preparar a comida, costurar e lavar para seus filhos, vai educá-los, dormir e conversar com eles, porque nisso ela vê o sentido de sua vida. Uma mãe assim não vai procurar meios de vida para os filhos no dinheiro de seu marido e em seus diplomas, mas sim inculcar neles a mesma capacidade de abnegação no cumprimento da vontade de Deus que ela tem, a capacidade de trabalhar com risco de perdas e da vida, porque sabe que só nisso está a garantia e o bem da vida. Uma mãe assim não vai perguntar aos outros o que ela deve fazer, ela saberá de tudo e não terá medo de nada.

O conflito entre Tolstói e Sófia Andréievna tinha raízes profundas e antigas. O mesmo conflito nós encontramos em *Tarás Bulba*, de Gógol. É o conflito entre a *mãe* e o *pai*. O pai, como Abraão, conhece os valores que estão acima da vida de seu filho e está pronto para sacrificá-lo a esses valores, não importando quais sejam: Deus, a “comunidade cossaca”, o “bem”, a “causa da vida”, como Tolstói entendia o cristianismo. O que importa é que, nessa questão, mãe nenhuma *naturalmente* tomaria o partido do pai.

Em dezembro de 1885, Tolstói fez a tentativa de se separar da família e, no dia 18 de janeiro do ano seguinte, morreria seu filho caçula, Aliocha, de quatro anos. Ele morreu em Moscou e surgiu o problema: onde enterrar o menino?

No cemitério do mosteiro Dévitchi o preço era inconcebível – duzentos rublos em prata. Mas o problema não era tanto o preço, e sim a quantidade de túmulos: “um em cima do outro”, como escreveu Sófia Andréievna à irmã.

Ela mesma escolheu o cemitério perto de Pokróvskoie, onde passara seus veraneios na infância, na margem alta do rio Khímki. Escreveu ela à irmã:

Hoje, colocamos o pequeno caixão no trenó, no qual, faz pouco tempo, eu o levei ao zoológico e ao teatro dos macaquinhos. Chegamos, eu e a babá. Fomos recebidos pelo sacerdote e mais algumas pessoas...

Souberam que sou filha de Andrei Ievstáfievitch Bers, e surgiu um clima de tanto amor e compaixão, de boas lembranças de meu pai, que eu entendi que pessoa bondosa ele era. Isso foi muito agradável para mim. Todo mundo me ajudou a carregar o caixão, todos trataram com ternura e cuidado do caixão e de mim com minha desgraça, como se fossem mulheres amorosas (e eram todos mujiques), ajudaram a cobrir o túmulo e prometeram celebrar a missa, rezar e cuidar do túmulo.

Na descrição do enterro, Tolstói não foi mencionado. Foi mencionado depois e em poucas palavras: “Lióvotchka ficou de faces cavadas, emagreceu e está muito triste”.

Em janeiro de 1886, Tolstói dedicou-se com afinco ao budismo. Ele queria expor os ensinamentos de Buda num livro para o povo. “Gostaria de fazer esse livro, com a ajuda de Deus”, escreveu ele ao *amigo* em 17 de janeiro. E na carta seguinte comunicou ao *amigo* a morte do filho: “Nós não podemos saber se aquilo que deixou o corpo de Aliocha uniu-se a Deus ou ficou o que era antes de estar unido com Aliocha. E também não é assim. Não se pode falar disso. Só sei que a morte de uma criança, que me parecia cruel e era para mim incompreensível, agora me parece razoável e um bem”.

Aquilo que sobrou depois de Aliocha, o corpo da criança, foi levado para o cemitério no trenó por Sófia Andrêievna e a babá. Esse assunto era totalmente indiferente para Tolstói. Ele estava longe, em algum lugar, mergulhado em seus pensamentos e sentimentos. E isso era a área que ele não podia discutir com a esposa. Mas podia discutir com seu novo, infinitamente fiel e querido *amigo*.

BRILHANTE CAVALEIRO DA GUARDA¹⁵⁴

A figura mais influente entre as pessoas próximas a Tolstói, a partir de meados dos anos 1880 e até sua morte, era seu “testamenteiro espiritual” Vladímir Grigórievitch Tchertkov (1854-1936).

Uma personalidade complexa. Não respeitá-lo é impossível. Mas simpatizar com ele é difícil. Não se pode deixar de reconhecer sua valiosa contribuição na conservação e sistematização da herança literária de Tolstói depois de 1880. A principal “criação” de Tchertkov, a edição acadêmica comemorativa da obra completa, das cartas e dos diários do escritor, continua até hoje insuperável. Seu papel nos últimos trinta anos da vida de Tolstói foi tão grande e múltiplo que é impossível imaginar o escritor sem Tchertkov, como é impossível imaginá-lo sem Sófia Andréievna. Depois da esposa, ele foi a segunda pessoa importante na vida do escritor. Já os admiradores de Tchertkov consideram-no o primeiro. Ao mesmo tempo, é impossível acompanhar sem um embaraço emocional e, às vezes, até repugnância, sua influência na vida familiar dos Tolstói, na qual desempenhou um papel extremamente sinistro.

Mas o verdadeiro enigma de Tchertkov não se encerra nele. No final das contas, ele era simplesmente o mais leal e conseqüente correligionário do Tolstói tardio. Dedicou ao gênio toda a sua vida, submeteu todos os seus dias ao serviço da pessoa que considerava um novo Buda, Cristo ou Maomé. Em prol disso, renunciou a uma carreira brilhante, à possibilidade de ter uma existência ociosa e abastada e até à vida pessoal. Homem inteligente, cheio de energia, culto, talentoso e, por fim, bonito quando jovem e quando maduro, era um verdadeiro aristocrata e cem por cento intelectual. Tchertkov assumiu voluntariamente o papel do primeiro discípulo e acólito do grande ancião. E fez isso não quando Tolstói estava no apogeu da glória, mas quando seus familiares e próximos viam em suas ideias ora um entusiasmo habitual, passageiro, ora uma espécie de alienação mental.

Pode-se discutir a personalidade de Tchertkov. Ele não deixou de ser um homem de seu tempo, de convicções políticas “esquerdistas”. Era um anticlericalista mais resolutivo do que Tolstói, vegetariano convicto e inimigo da matança de qualquer ser vivo, incluindo moscas e pernilongos. O forte título de seu artigo “Divertimento maldoso” caracteriza Tchertkov como um dos precursores do movimento dos “verdes” de hoje. Era um bom pai e marido fiel, mas até o fim de sua vida não se livrou de hábitos aristocráticos. Em conforto e dimensões, sua mansão na Inglaterra, no período da emigração forçada, ultrapassava de longe a casa do seu mestre em Iássnaia Poliana. E sua casa em Teliátniki, perto da fazenda dos Tolstói, era melhor e mais sólida do que a deles. Mesmo depois da revolução, Tchertkov apareceu acompanhado do lacai no enterro de Essénin,¹⁵⁵ cuja última mulher era neta de Tolstói.

Tchertkov era homem de vastas relações nos círculos da alta aristocracia russa e inglesa e até com bolcheviques clandestinos, como Bontch-Bruievitch.¹⁵⁶ Justamente essa circunstância, que poderia causar dúvidas a seu respeito, ajudou-o, depois da revolução, a tirar da prisão os tolstoístas e a filha de Tolstói Sacha. Sua carta a Stálin, na época das perseguições aos tolstoístas, é prova irrefutável da consciência e da valentia desse homem.

Mas continua sendo incompreensível e enigmático o papel que ele cumpriu no conflito conjugal dos Tolstói. Nisso, a figura de Tchertkov adquire um caráter demoníaco bem correspondente a seu sobrenome.¹⁵⁷ Nesse caso, ele não foi só um correligionário, tradutor, editor, colecionador, mas *um diabo, um diabinho* que apareceu ao lado de Tolstói e Sófia Andréievna como que de propósito, justamente quando não deveria, quando era preciso deixá-los a sós e dar ao casal e a seus filhos a possibilidade de resolverem eles mesmos seus problemas íntimos e familiares.

É claro que nisso se revelou o lado negativo da natureza de Tchertkov e a ideia exagerada que ele tinha sobre sua importância ao lado do “corpo”

de Tolstói.

Com sua presença na vida do mestre, Tchertkov revelou muitos segredos sobre o relacionamento de Tolstói com os familiares e, em primeiro lugar, com Sófia Andréievna. Se não houvesse Tchertkov, esses segredos provavelmente não teriam sido revelados ou se revelariam de um modo diferente. Mas certamente não foi ele a causa principal da separação de Tolstói da família. Ele a provocou e ficou feliz com ela, mas não foi a força motriz do acontecimento.

“Se Tchertkov não existisse, ele deveria ser inventado.”¹⁵⁸

A história da amizade entre Tolstói e Tchertkov está descrita minuciosamente no livro de M. V. Murátov,¹⁵⁹ *L. N. Tolstói e V. G. Tchertkov através da correspondência*. Editado em 1934 pelo Museu Tolstói, ele não seria mais reeditado depois.

Tolstói ouviu falar em Tchertkov pela primeira vez em Iássnaia Poliana, de seu adepto G. A. Russánov, em agosto de 1883. Nesse tempo já haviam aparecido adeptos do “novo” Tolstói. Em outubro do mesmo ano, eles se conheceram na casa de Tolstói em Moscou. A partir de então, comenta Murátov, Tolstói passou a escrever a Tchertkov muito mais do que a outros conhecidos seus e até mais do que a seus familiares. São conhecidas 931 cartas de Tolstói a Tchertkov, incluindo telegramas. A edição dessas cartas ocupou cinco volumes. Tchertkov escrevia ainda mais frequentemente, e algumas missivas têm várias páginas.

Parecia que o primeiro aparecimento de Tchertkov na casa de Tolstói não pressagiava nenhum perigo para a família. “Um brilhante cavaleiro da Guarda, de elmo com águia bicéfala, bonito, filho de uma família de fidalgos ilustre e riquíssima, Vladímír Grigórievitch veio dizer a Tolstói que compartilhava plenamente de seus pontos de vista e queria dedicar a eles sua vida para sempre”, recordava o filho Lev Lvóvitch. “No começo das relações com nossa família, Tchertkov era encantador. Foi amado por todos. Ele e eu nos tratávamos por ‘tu’.”

Nessas recordações há um erro. No outono de 1883, Tchertkov não podia querer dedicar toda a sua vida aos pontos de vista de Tolstói. Ele os ouviu pela primeira vez somente em julho de 1883, em conversa com o promotor do Foro Distrital de Tula, N. V Davídov, no casamento de seu amigo P. A. Píssarev. Tchertkov, oficial de vinte anos, contou a Davídov sobre *seus próprios* pontos de vista que, naquele tempo, já estavam suficientemente definidos. Ao escutá-los, Davídov comentou: “Mas Tolstói fala as mesmas coisas! Você precisa conhecer Tolstói”.

E Davídov, que conhecia Tolstói, prometeu arranjar esse encontro. No fim de outubro, Tchertkov foi a Moscou especialmente para essa finalidade, hospedou-se no hotel Slaviánski Bazar e, finalmente, recebeu o telegrama de Davídov: “Tolstói está em Moscou”.

Indo pela primeira vez à casa de Tolstói, Tchertkov não podia saber sobre a “doutrina” dele, e a doutrina em si ainda não existia. Mas a revolução espiritual já havia acontecido em Tolstói, e essa revolução coincidiu com aquilo que se passava dentro de Tchertkov. Ambos haviam descoberto as terríveis contradições entre a verdade de Cristo e as falsidades na vida real e estavam transtornados com isso.

“O encontro foi no escritório. Entramos num quarto isolado, silencioso e claro, com janelas que davam para o jardim e para o pátio e tinham cortinas compridas de pano verde, poltronas pretas, simples e macias, e uma grande escrivaninha, na qual havia duas velas em castiçais antigos de cobre com suportes de malaquita e uma pilha de papel...”

Tchertkov ainda não tinha lido os trabalhos filosóficos de Tolstói, somente suas obras literárias. E resolveu testá-lo primeiro. Na presença do oficial de combate autor de *Contos de Sebastópol* e *Guerra e paz*, começou a falar de sua atitude negativa para com o serviço militar. Recorda Tchertkov:

Em resposta, Tolstói começou a ler para mim o manuscrito do texto *Em que consiste minha fé?*, que estava na mesa. Eu me senti tão feliz por ver que minha solidão espiritual finalmente tinha acabado que, absorto em meus próprios pensamentos, já não podia mais acompanhar os outros trechos que ele lia e voltei novamente a mim somente quando ele, ao ler as últimas linhas, pronunciou nitidamente: “Lev Tolstói”.

A particularidade de Tchertkov era que, desde o início, ele sempre “coincidia” com o estado de espírito de Tolstói.

Fim de 1883. Até a primeira tentativa de Tolstói de abandonar a família restam apenas alguns meses. Sófia Andréievna caía de cansaço de tantos bailes e espetáculos infantis. O filho mais velho estava entusiasmado com as ciências naturais e com os movimentos estudantis. Ninguém em casa queria levar a sério os novos escritos de Tolstói. Enquanto Tchertkov os escutava atentamente, e sua alma ecoava cada palavra do mestre. Ele era bem mais jovem, mas ambos tinham experiências de vida parecidas. Tchertkov também era senhor de terras e oficial. E não era só igual a Tolstói na escala social, mas estava acima dele. Era rico, de ascendência ilustre e estava pronto a recusar tudo. Tolstói via nesse jovem a si mesmo vinte anos antes, mas um jovem que não cometera erros na vida e não enveredara pelo mau caminho.

Existe o retrato de Tchertkov feito por Répin em 1885. Diante de nós está a encarnação de Konstantin Lévin de *Anna Karênina*. Uma barbicha macia e os olhos grandes, inteligentes e profundos. Suavidade em todos os traços do rosto nobre e inteligente, e também uma força de vontade – e que força bondosa!

Tchertkov nasceu numa família ilustre e rica. Sua mãe, Elizaveta Ivánovna Tchertkova, nascida condessa Tchernichova-Krúglikova, era uma mulher muito influente nos círculos aristocráticos. Na alta sociedade, destacavam-na a inteligência, a beleza e o autoritarismo. O tio dela, conde

Zakhar Tchernichov, era dezembrista, exilado na Sibéria. E a tia era casada com outro dezembrista, Nikolai Muraviev, o qual seguiu em seu exílio.

Elizaveta Ivánovna começou a aparecer na corte muito cedo e, em seu primeiro baile, Nikolai I fez à jovem beldade uma pergunta perscrutadora sobre o tio. Sem vacilar, ela respondeu ao czar que continuava guardando os mais cordiais sentimentos para com o tio. E, com isso, conquistou o respeito da corte. Os imperadores Alexandre II e III tratavam seu marido de igual para igual e visitavam-no sem serem acompanhados por seguranças. Mas, quando recebeu a proposta de ser dama de estado,¹⁶⁰ ela recusou. Depois de alguns anos de casada, ao se tornar adepta do pregador lorde Radstock, que estava em voga na época, ela se afastaria da vida mundana e se entregaria à religião. A propósito, foi ela quem apresentou a Radstock o coronel Pachkov, marido de sua irmã, contribuindo com isso para o surgimento da seita dos “pachkovistas”.

Elizaveta Ivánovna não só amava como idolatrava seu filho. O primogênito, Gricha, e o caçula, Mikhail, com diferença de quatro anos de idade entre eles, morreram prematuramente. O filho do meio tornou-se então o ídolo da família. Todos respeitavam suas vontades e sempre procuravam agradá-lo.

O pai de Tchertkov serviu como ajudante de campo¹⁶¹ junto a Nikolai I e general-ajudante¹⁶² junto a Alexandre II. Nos círculos militares era considerado um conhecedor especial dos serviços da ativa, assim como eram somente os oficiais que tinham começado a carreira militar na guarda de Nikolai I. No exército, fez carreira de comandante de regimento até comandante de divisão. Foi autor da *Instrução de soldado*. Após a gangrena e a amputação de ambas as pernas, dirigiu o Comitê de Organização e Instrução do Exército, durante os dez últimos anos de sua vida.

Sua irmã era casada com o conde Chuválov, o principal ideólogo conservador da época de Alexandre II. Seu irmão, Mikhail Ivánovitch Tchertkov, foi chefe eleito do exército de cossacos do rio Don, governador

de Kíev e governador-geral de Varsóvia. Os Tchertkov sempre moraram em Petersburgo, mas possuíam vastas terras produtivas, mais de 30 mil hectares, no sul da província de Vorónej.

Há um retrato de Elizaveta Ivánovna pintado em aquarela por Delacroix, em 1860. Ela, de vestido de veludo preto com longa cauda, e seu filho Volódia,¹⁶³ de seis anos. O menino – um anjo de pantalonas, botinhas laqueadas e um chapeuzinho redondo. Sua pose é interessante: com a imperiosa mão direita, ele segura a mãe pelas dobras do vestido e, com a esquerda, como que aponta o caminho para ela ou lhe pergunta “o que está ali?”.

A característica específica da educação de Tchertkov foi que ele cresceu num clima muito religioso. O “item” principal da doutrina de Radstock era a fé excepcional na divindade de Cristo, na força da redenção dos pecados da humanidade pagos com o sangue Dele. No tempo de seu encontro com Tolstói, Tchertkov estava sob a influência dessa fé e da seita dos “pachkovistas”. Depois, sob a influência de Tolstói, negaria isso, mas as tendências sectárias conservaram-se nele por toda a vida. Como a mãe, ele tinha inclinação ao proselitismo, era possuído de uma vontade ardorosa de “converter” à sua fé os infelizes e perdidos.

Nisso ele se diferenciava de Tolstói, que nunca foi sectário. Qualquer espírito de partidarismo, com “segredos” e “senhas”, a divisão rígida em “nossos” e “estranhos” e, ao mesmo tempo, o desejo desenfreado de fazer propaganda impondo seus pontos de vista como os únicos certos eram inaceitáveis para ele. Tolstói confiava nos recursos espirituais interiores do homem e de forma alguma queria se tornar um “ídolo” para os “iniciados”. Em comparação a ele, Tchertkov era limitado, dogmático e inclinado a manias de doutrinador. E, principalmente, não suportava a incoerência entre os pontos de vista e os atos. As duas palavras mais injuriosas de seu vocabulário eram “tergiversar” e “esquivar-se”. Ele considerava indigno esquivar-se da solução de problemas que surgiam perante o homem. E,

quando sentia que alguém se esquivava da solução desses problemas, ele era capaz de obrigá-lo a tomar uma decisão, custasse o que custasse.

A infância de Tchertkov foi a de um filhinho de aristocrata: babás inglesas, preceptores, ensino doméstico para que, Deus o livre, não pegasse doenças. Sua juventude lembra muito a do protagonista de *Padre Sérgio*, o príncipe Kassátski. A única diferença era que Kassátski, como o jovem Tolstói, não pertencia à nata da sociedade e sua vaidade o fazia sofrer. Já Tchertkov, por força das felizes circunstâncias de seu nascimento, não padecia desse mal. Ele não tinha o complexo de fidalgo pobre, sem relações para se firmar na sociedade. Era muito bonito – fino, elegante, uma cabeça mais alto que os outros, com grandes olhos cinza debaixo das sobrancelhas curvadas. Tinha a voz suave e sonora e o riso contagiante. Era sincero, às vezes até franco demais. Seu bolso estava sempre aberto para os companheiros. No serviço militar, em Petersburgo, pandegava, jogava roleta, tinha concubinas. “Sendo cavaleiro da Guarda, com vinte anos, eu levava uma vida de farrista”, escreveria Tchertkov.

Uma das obrigações dos oficiais da Guarda era fazer plantão nos hospitais militares. Em 1877 (ano do início da crise espiritual de Tolstói), Tchertkov teve um choque emocional ao ver um soldado moribundo com quem ele leu em voz alta o Evangelho. A partir daquele momento, não pôde continuar vivendo como antes. Não pôde mais servir no exército e, em geral, *não pôde mais viver*. Como isso é parecido com aquilo que aconteceu com Tolstói, mas já aos cinquenta anos! Quando Tchertkov apareceu em sua casa, Tolstói, sem dúvida, deve ter ficado com inveja do jovem cavaleiro da Guarda que, na mesma época que ele, entrava no caminho da verdade, porém cheio de força física, de energia e muito tempo pela frente.

Isso predeterminou a dependência de Tolstói em relação a Tchertkov, estranha à primeira vista. Se bem que, no início, ele se preocupava um pouco com o tom íntimo da relação com o “querido amigo”, como ele mesmo se dirigira em sua primeira carta a Tchertkov. Está claro que não o

entusiasmava a ideia de assumir a plena responsabilidade espiritual pelo jovem e estranho cavaleiro da Guarda, como faziam os anciãos nos mosteiros. Tolstói não gostava disso, mas não podia e não queria se recusar, porque no primeiro contato se encantara por aquele jovem oficial surpreendente e tão parecido com ele.

Nesse período, Tchertkov precisava de Tolstói e não escondia isso. Enviou a Tolstói em Moscou os livros que lia e até os próprios diários. E o convidou para Lizínovka. O motivo sutil do convite consistia no fato de ter acabado de conhecer três jovens camponeses, simpatizantes e prontos para compartilhar dos pontos de vista de Tolstói, o qual não sabia se tinha o direito de ser o guia espiritual deles.

“Sim, Lev Nikoláievitch, venha, anime-nos e ajude-nos. O senhor é necessário aqui.”

Essa frase – “O senhor é necessário aqui” – se tornaria o módulo maior na complicada parte musical que Tchertkov começava a tocar na família dos Tolstói. Realmente, onde Tolstói era mais necessário? Na família que não o entendia e não dava valor a suas novas obras ou no meio de jovens puros e ardorosos, dispostos a dedicar suas vidas a propagar as concepções dele?

Porém, a resposta a essa pergunta, evidente para os tolstoístas, não era tão evidente assim para Tolstói. E não porque ele não desejava renunciar à família, com a qual compunha um só corpo, mas porque não lhe agradava, por princípio, o papel de mentor que lhe impunha seu querido amigo.

Recebi seus livros e sua carta. Não respondi a carta porque não soube respondê-la. Deu-me a impressão (receba, querido, minhas palavras seriamente e com docilidade) de que você, estando em dúvidas e numa luta interna na questão de como levar a vida, dirige essa questão muito pessoal e íntima aos outros, procurando apoio e ajuda. Pelas cartas, não posso entender claramente em que consiste o problema e, mesmo se entendesse, estando a seu lado, não que não me decidiria, mas não

poderia me intrometer com aprovações ou desaprovações de sua vida e de seus atos. Só há um Mestre – Cristo...

Na linguagem de Tchertkov isso significava “tergiversar” e “esquivar-se”.

Mas Tolstói não estava em dúvida. Ele deu a entender a Tchertkov muito claramente que não deseja ser árbitro na solução dos problemas da vida alheia. No entanto, Tchertkov, sucessiva e sistematicamente, introduzia Tolstói no curso de seus problemas, sem respeitar os problemas da família do mestre e, às vezes, com absoluta falta de tato, e a reação benevolente de Tolstói a isso causa espanto.

Vejamos um exemplo demonstrativo. Em 1886, Tchertkov resolveu se casar com Anna Konstantínovna Diterikhs, estudante dos Cursos Superiores de Bestújev e colaboradora da editora Posrédiik, ¹⁶⁴ criada por Tchertkov. A aparência de Gália ¹⁶⁵ (como a chamavam os próximos) é bem conhecida pelo quadro de N. A. Iarochenko *A estudante* (1883), que se encontra na Galeria Tretiakov. Bonita, magrinha, séria e ensimesmada, Gália era adepta ardorosa de Tolstói e visitava-o em companhia de uma amiga, para descontentamento de Sófia Andréievna. Antes de se casar, Tchertkov várias vezes discutiu a questão com Tolstói em cartas, considerando-se incapaz de levar uma vida familiar e receando repetir o “erro” de seu mestre. Mas Tolstói aprovou o casamento de Tchertkov e Diterikhs. Nas concepções de Tolstói ainda não tinha acontecido a nova revolução, após a qual ele se tornaria contra o casamento em geral.

Em 1887, nasceu a filha dos Tchertkov, Ólia, ¹⁶⁶ que morreria na primeira infância. Verificou-se que Gália era uma mulher fraca, sempre doente e, praticamente, foi a cruz que Tchertkov carregou. Para fazer justiça a ele, deve-se acrescentar que a carregou resignadamente, até o fim. Com o nascimento da primeira criança, surgiu na família de Tchertkov o mesmo problema que causara as primeiras incisões na felicidade conjugal dos

Tolstói. Gália não tinha leite suficiente para amamentar a criança, era preciso achar uma ama de leite. Em Krékchino, na província de Moscou onde morava o casal, não se sabe por quê, não foi encontrada nenhuma. E o perdido Tchertkov dirigiu-se novamente então a Tolstói, com o pedido de que encontrasse uma ama de leite para ele em Moscou.

Um pedido tão delicado só poderia ser feito a uma pessoa muito próxima. Mas, naquele tempo, Tchertkov perdera o pai e estava em atritos com a mãe por causa de Tolstói, cujos pontos de vista ela não aceitava. “Estou profundamente convicta e vejo no Evangelho que quem não reconhece o Redentor Ressuscitado está imbuído desse espírito e, como da mesma fonte não sai água doce e amarga, não posso considerar sadio o ensinamento dessa fonte”, escreveu Elizaveta Ivánovna ao filho.

Escreveu Tchertkov a Tolstói:

Querido Lev Nikoláievitch, mais uma vez dirijo-me ao senhor, pedindo ajuda para uma boa ação que, para os que ela toca diretamente, continuará sendo boa, apesar de não ser puro o motivo que me levou a participar dela. No hospital de Arkhánguelskaia,¹⁶⁷ uma mulher, mendiga e solteira, deu à luz. Ela resolveu de antemão entregar a criança ao orfanato, para não andar com ela no inverno, pedindo esmolas. E foi o que fez. Mas se afeiçoou tanto à criança no hospital que se separou dela com um enorme pesar e, mesmo assim, deixou que a levassem para o orfanato, não vendo para si nenhuma possibilidade de ficar com a criança no inverno sem ter abrigo. Ela tem muito leite e, se o médico pelo qual estamos esperando achar necessário experimentar o de outra mulher, essa pode nos ser muito útil, embora preferíssemos, se fosse possível, passar somente com o leite de Gália... Dirijo-me ao senhor na esperança de que alguém de seus familiares ou pessoas próximas possa atender esse pedido, para livrar o senhor dessa tarefa que o tiraria do trabalho que lhe é mais próprio, o qual é necessário para

as pessoas e no qual ninguém pode substituí-lo. É preciso fazer o seguinte: ir imediatamente ao orfanato com o bilhete anexo e dizer lá que a mãe quer a criança com esse número de volta e que por isso não mandem a criança para a aldeia. Se o senhor tem em Moscou uma pessoa conveniente, encarregue-a de pegar já essa criança e trazê-la para cá...

Nessa carta, como numa gota de água, refletiu-se a natureza de Tchertkov. O que chama a atenção em primeiro lugar é o estilo da carta: pegajoso, envolvente e que, ao mesmo tempo, coloca firmemente todos os pingos nos is no que se refere ao cumprimento da incumbência.

O problema era que os Tchertkov precisavam da ama de leite. Eles corriam o risco de perder a filha primogênita. O pânico do casal era compreensível e perdoável. Mas por que, nesse caso, não dizer francamente: “Lev Niloláievitch, a menina está morrendo, ajude-nos, pelo amor de Deus! O senhor é a nossa única esperança!”?

Mas então ele não seria Tchertkov. A questão de vida ou morte da criança ele enfeita com tantos raciocínios casuais que uma pessoa de fora não entenderia imediatamente de que se tratava. A quem Tolstói deveria ajudar? O que ele deveria fazer? Devolver a criança à mãe desesperada? Arranjar leite de outra mulher para Gália? A primeira tarefa era uma boa ação, e a segunda ia contra a moral de Tolstói, que considerava prejudicial amamentar crianças com leite de mulheres estranhas e ainda tirar o leite dos filhos de gente pobre. Mas ele mesmo foi amamentado assim, e Sófia Andréievna, que sofria de mastite, não foi na conversa do marido e regularmente pagava amas de leite para seus filhos e para os filhos de sua irmã Tatiana.

De qualquer maneira, a questão era dolorosa e melindrosa. Tchertkov sabia disso? Certamente sabia. Até 1887 ele já havia estado em Khamóvniki e em Iássnaia Poliana várias vezes. Tinha amizade com os filhos mais

velhos de Tolstói. E sabia o que ele pensava sobre a amamentação pelas cartas a ele, Tchertkov, escritas logo após o nascimento de Ólia. Daí a ressalva: “... embora preferíssemos, se fosse possível, passar somente com o leite de Gália”. Daí a alusão ao motivo impuro que o levou a escrever a carta.

E qual foi a reação de Tolstói?

Ele, feliz da vida (!), correu para cumprir a incumbência de Tchertkov. “Acabo de receber sua carta a respeito da criança (são 15 horas) e estou saindo para fazer o que posso. Fico muito, muito feliz com tudo isso”, respondeu ele ao querido amigo. Logo Tolstói que, segundo as palavras de Sófia Andréievna, tratou-a de uma maneira “terrível” quando ela, sua jovem esposa, recusou-se a amamentar Serioja por causa das dores insuportáveis que sentia.

Todos os motivos de Tchertkov, mesmo estando bem velados na carta, são compreensíveis e perdoáveis. Um jovem pai não pode ver tranquilamente os sofrimentos de sua criança e está pronto a pedir ajuda urgente a qualquer um, mesmo a Tolstói. O que não é possível entender é a felicidade deste. Por que ele ficou “muito, muito feliz com tudo isso”?

A explicação segundo a qual o problema da subnutrição das crianças o emocionava a esse ponto não serve.

A resposta “feliz” de Tolstói a Tchertkov foi escrita em 19 de dezembro de 1887. E, em 31 de março do ano seguinte, na família dos Tolstói nasceria Ivan. Por ser o caçula, foi amado sobremaneira por Sófia Andréievna, Tolstói e toda a grande família. Mas, logo depois de seu nascimento, voltariam os problemas femininos de Sófia Andréievna.

“Ivan está magro e não se recupera bem”, escreveu ela de Moscou a Iássnaia Poliana, em 26 de abril. E dois dias depois recebe a resposta: “Não se preocupe com Ivan, querida, não se atormente com esses pensamentos. Deus nos deu a criança. Dar-lhe-á a comida também”.

Parece que os problemas da família Tchertkov preocupavam-no muito mais do que os de sua própria. Alguns anos depois, Tolstói, com muito prazer, procuraria uma casa para eles nos arredores de Iássnaia Poliana, sabendo muito bem que a esposa tinha uma atitude zelosa e doentia com essas buscas. Antes disso, procuraria também uma enfermeira para cuidar de Gália. Ao se inteirar do estado crítico dela, em 1894, viajaria a Rjevsk, na província de Vorónej, e a mulher do amigo literalmente ressuscitaria com sua chegada.

INTERMEDIÁRIO

Falando de Tchertkov como agente literário, é impossível deixar de reparar numa circunstância notável. Tchertkov era, sem dúvida, um intermediário literário genial para Tolstói, especialmente no exterior, no que ajudou bastante seu perfeito conhecimento do idioma inglês e as relações da família com os círculos aristocráticos da Inglaterra. Mas foi um agente que, durante a vida de Tolstói, não lhe trouxe nenhum copeque ou *shilling*, e ele mesmo não ganhou um tostão da parte do cliente. Tal era a vontade do próprio Tolstói. Ele, que lutava com Katkov e Nekrássov por valores de honorários, recusou-se a receber os direitos autorais sobre suas obras. No início, sem publicidade e depois, em 1891, juridicamente, como ele achava, por meio da publicação nos jornais de suas cartas sobre a recusa. Qualquer editor tinha o direito de reeditar gratuitamente suas obras escritas depois de 1880, a partir de seu aparecimento na imprensa. As obras escritas até 1881 pertenciam à esposa, e ele cuidou das formalidades ao escrever uma procuração em nome dela. A atividade editorial de Tchertkov antes e depois da revolução é uma das páginas mais brilhantes do comércio de livros da Rússia e do mundo. Não demorou muito para ele se revelar um destacado organizador e intermediário, sem o qual Tolstói não poderia passar.

Na última carta de Tolstói a Sacha, escrita de Óptina em 29 de outubro de 1910, apareceu um lapso que não era característico de Tolstói. Falando

sobre os empecilhos da parte de Sófia Andréievna nos encontros com Tchertkov, Tolstói queixou-se do ódio que ela tinha pela “pessoa mais próxima e útil para mim”. Para qualquer um que conhece as cartas e os diários de Tolstói, a palavra “útil” fere o ouvido, ela não era de seu vocabulário. Não era de seu feitio usar as pessoas. Não era de sua moral dividir as pessoas em úteis e inúteis. Apesar do fato de ele entender, na palavra “útil”, algo mais amplo e profundo do que colaboração prática, para bom entendedor uma palavra basta. Tolstói equivocou-se. E isso é significativo.

Em dezembro de 1883, Tchertkov travou conhecimento com o editor Marakúiev, que publicava livros para camponeses. Nessa época, no diário de Tolstói, aparecem as primeiras anotações sobre Tchertkov: “Gosto e tenho fé nele”, “Como ele fala bem”, “Eu cansei, mas ele está firme”, “A nossa afinidade é surpreendente”.

Em abril de 1884, morreu o pai de Tchertkov. Sabendo das novas paixões do filho, ele legou tudo à mulher. Tchertkov se viu numa situação de comensal de sua mãe. Ela lhe dava 20 mil rublos anuais. Era um bom dinheiro, mas atormentava-o o fato de ser dependente da mãe, que não compartilhava de suas concepções. E ele escreveu sobre isso a Tolstói, já no tom de confissão que se estabelecera entre eles, e tentou se justificar com “as boas ações” nas quais gastava uma parte desse dinheiro. Mas a justificativa não convenceu Tolstói. Ele comentou isso em seu diário: “Ele tem medo de recusar os bens. Não sabe como se ganham esses 20 mil. É uma pena. Eu sei: com violência contra gente exausta de trabalho. É preciso escrever para ele”.

Mas o que são essas “boas ações”? Em 1884, ao voltar com a mãe da Inglaterra, onde ela procurava esparir depois da perda do marido, Tchertkov instalou-se novamente em Lizínovka. Continuava se ocupando com a escola profissional que criara para filhos de camponeses, uma escola rural, e tenta até organizar uma granja-modelo. Mas isso já não o satisfazia.

Ele sonhava criar para Tolstói uma editora própria. No início, ocupava-se disso artesanalmente, comprou até um hectógrafo para imprimir as cópias de *Em que consiste minha fé?*. Mas um dia, numa carta a Tolstói, ele o aconselha (!) a escrever contos para o povo. “Eu editaria esses contos em séries.”

No outono do mesmo ano, Tchertkov encontrava-se com Marakúiev e os escritores populistas Zlatovrátski e Prugávin. Pela primeira vez, discutiram um plano para arranjar uma grande editora popular. Aliás, editoras com esse caráter já existiam, mas editavam somente sublitteratura com ilustrações coloridas, em sua maioria adaptações de bobagens estrangeiras como “O príncipe Bova” e “Milorde George”, este último ridicularizado por Nekrássov em seu poema “Quem vive bem na Rússia?”. Porém, Tchertkov entendia que, no início do empreendimento, não haveria como evitar esse tipo de coisa. Era preciso apenas convencer os editores de que publicar Tolstói no mesmo estilo também seria vantajoso.

Encontraram um editor jovem e enérgico, Ivan Sítin. Em novembro de 1884, Tchertkov entrou na lojinha dele em Moscou e conversou com ele, e Sítin ficou interessado em editar também os mais conhecidos escritores russos da época. Com sua perspicácia camponesa, entendeu o quanto isso seria vantajoso: a editora não pagaria honorários e ganharia fama. Assim, na base do negócio de Sítin, surgiu a editora Posrédiik, criada por Tchertkov e seu amigo Pável Biriukov, funcionário do Observatório Astronômico e ex-oficial da marinha.

O primeiro conto que Tolstói preparou para a Posrédiik foi escrito anteriormente para sua *Cartilha*, “O prisioneiro do Cáucaso”, obra-prima do novo Tolstói. E quem fez a revisão foi o próprio Tchertkov. Ele interferiu no texto e adaptou o conto ao gosto popular. Inesperadamente, Tolstói não se opôs.

Pouco a pouco, Tchertkov tornava-se não só editor, mas conselheiro de Tolstói. Tolstói discutia com ele suas ideias para novas obras, enviava-lhe

trechos de contos abandonados. Tchertkov copiava-os, deixando margens e espaços grandes entre as linhas para que Tolstói pudesse preenchê-los com novos textos e correções. Nisso, Sófia Andréievna nunca chegou a pensar!

Em março de 1885, saíam os primeiros livros da Posrédnik: três contos populares com capas azuis e vermelhas, desenhos em preto e texto com caracteres graúdos. Eram muito baratos – um copeque, um copeque e meio por livro.

Em maio do mesmo ano, Tchertkov novamente viajou com a mãe para a Inglaterra e tratou da publicação dos textos de Tolstói proibidos na Rússia. Seu amigo inglês, lorde Battersby, ajudou-o. Assim, sob uma única capa, saíam: *Confissão*, *Em que consiste minha fé?* e *Exposição sumária do Evangelho*. E Tolstói ficaria “muito, muito feliz”.

Com o surgimento da Posrédnik e com as primeiras edições no exterior do Tolstói proibido, começava uma nova era na vida do escritor. O mérito exclusivo disso era de Tchertkov. Enquanto Sófia Andréievna, independentemente, reeditava as obras antigas do marido, testadas pelo tempo, tratando com tipografias, verificando as revisões e armazenando os exemplares prontos no galpão da casa moscovita, Tchertkov abria novos horizontes para Tolstói.

E isso entusiasmava o escritor muito mais do que a edição da “velharia”, como *Infância* e *Guerra e paz*, sobre as quais a mulher continua derramando lágrimas e às quais o novo Tolstói não dava o menor valor. E eis que em casa só tinha “velharia”, tudo que o fazia arder nos anos 1860-1870 e do que agora ele já estava farto. E lá fora dos limites da esfera familiar que o cansara havia um jovem enérgico, capaz de colocá-lo em contato com as pessoas do mundo, ainda não conhecidas, mas avançadas, com as quais ele sonhara durante sua solidão espiritual. A escolha era evidente demais, e a luta, muito desigual.

-
- 146** Feokrítova. (N. do A.)
- 147** K. E. Tsiolkóvski (1857-1935), cientista e inventor russo , fundador da astronáutica. (N. da T.)
- 148** V. I. Vernádski (1863-1945), cientista naturalista russo aluno de D. Mendelêiev, fundador de diversas disciplinas científicas, como bioquímica, geobioquímica e radiogeologia. (N. da T.)
- 149** A. L. Tchijévski (1897-1965), biofísico e arqueólogo russo, criador de heliobiologia. (N. da T.)
- 150** Em russo, “Boletim de Tver”. (N. da T.)
- 151** P. M. Tretiakov (1832-1898), um dos irmãos da famosa família de mercadores, colecionador de obras de arte russas e fundador da Galeria Tretiakov em Moscou, o maior museu de arte russa. (N. da T.)
- 152** Discípulo de S. G. Netcháiev (1847-1882), participante do movimento revolucionário e criador da organização secreta Justiça Sumária do Povo. (N. da T.)
- 153** Ideal. (N. do A.)
- 154** Trata-se da Guarda Imperial. (N. do A.)
- 155** S. A. Essénin (1895-1925), poeta lírico russo. (N. da T.)
- 156** V. D. Bontch-Bruiévitch (1873-1955), político, homem de Estado e doutor em ciências históricas. (N. da T.)
- 157** *Tchert* em russo significa “diabo”. (N. da T.)
- 158** Frase de uma carta de Tolstói. (N. da T.)
- 159** M. V. Murátov (1892-1950), escritor soviético, autor de obras sobre a história da cultura e da etnografia russas. (N. da T.)
- 160** O título feminino mais alto na corte, o de favorita da imperatriz. (N. da T.)
- 161** Patente do militar que faz parte do séquito do imperador. (N. da T.)
- 162** Patente mais alta do militar do séquito do imperador. (N. da T.)
- 163** Diminutivo de Vladímir. (N. da T.)
- 164** Em russo, “Intermediário”. (N. da T.)
- 165** Diminutivo de Galina. (N. da T.)
- 166** Diminutivo de Olga. (N. da T.)
- 167** A. G. Arkhánguelskaia, médica do hospital rural, conhecida de Tolstói. (N. do A.)

De quem é a culpa?

O comportamento de Tolstói e de seus acompanhantes em Chamórdino lembra muito o dos refugiados durante a guerra, que levantavam o acampamento de um lugar provisório, mas já um pouco mais habitável, com alguma notícia alarmante que ameaçava suas vidas e os obrigava a continuar fugindo, não pela vontade racional, mas por força das circunstâncias. No caso deles, o rei e Deus era o chefe da estação, e o livro dos destinos, o horário da ferrovia.

Para onde eles pretendiam ir de Kozelsk? Para Novotcherkassk? Mas, já estando na caleche a caminho da estação, Tolstói perguntou a Makovítski: “Da estação Lgov até a casa dos Ánnenkov é longe?”. Já desorientados pelo erro no guia de Brule, ainda pensavam que, para chegar a Lgov, seria preciso passar por Sukhínitchi e Briansk, isto é, no sentido oeste, rigorosamente no rumo diametralmente oposto ao que eles acabaram tomando. Mas o trem para Sukhínitchi partia às 5h 19 e eles já o tinham perdido. Por quê? Pela lerdeza dos cocheiros que haviam levado Sacha e Feokrítova na véspera.

“Os cocheiros com os cavalos atrasaram terrivelmente. Eram quase seis horas, quando Tolstói e eu subimos na caleche. Havia neblina e umidade, a temperatura devia estar no ponto de congelamento, estava escuro e sem vento”, anotou Makovítski. A segunda caleche estava ocupada com as malas de Tolstói e do médico, portanto nela não havia lugar para a

filha e sua amiga. Tolstói contava com uma caleche mais confortável para si, a de sua irmã. Por isso, enquanto Sacha e Feokrítova faziam as malas, Makovítski foi até a casa de Maria Nikoláievna e acordou sua filha Elizaveta. Mas houve um mal-entendido, do ponto de vista de um leigo. A irmã de Tolstói era freira e não poderia dispor de sua própria caleche sem a permissão da superiora. A superiora estava adoecida e não convinha acordá-la nas primeiras horas da manhã. E nem havia mais tempo para isso.

“Tive de fazer assim: ir até o curral, acordar aqueles dois cocheiros, alugar o terceiro na aldeia, mandar um servente ir buscá-lo com a caleche de Maria Nikoláievna e levá-la à hospedaria para se despedir do irmão”, escreveu o médico. Maria Nikoláievna não conseguiu se despedir do irmão. Ao chegar lá, encontrou apenas Sacha e sua amiga. As duas estavam com pressa para alcançar Tolstói e Makovítski.

Tolstói deixou para a irmã uma carta comovente que, além da ternura por ela, prova muito claramente que, mesmo durante sua segunda fuga, estava em sã consciência e se dava conta de seus atos.

Queridas amigas Máchenka e Lísonka,

Não se surpreendam e não me julguem por eu ter partido sem me despedir como se deve. Não sei como agradecer a vocês duas e especialmente a você, Máchenka, por seu amor e sua simpatia nesta minha provação. Sempre amei você, mas não me lembro de ter sentido tanta ternura quanto senti nesses dias e com a qual estou partindo agora. A nossa viagem é precipitada porque tenho medo de ser encontrado aqui por Sófia Andrêievna. E só tem um trem, o das 8 horas...

Beijo vocês, queridas amigas, amo vocês tanto e sinto-me feliz por isso.

L. T.

Pois bem, na evidência de ter perdido o trem para Briansk, eles resolveram tomar o das 7h 49 até Gorbatchevo para depois seguir adiante. Mas adiante para onde?

E aí, no diário de Makovítski, surge uma confusão estranha, provando justamente que os fugitivos não tinham ideia clara de seu itinerário, e isso sem falar do destino final.

Ánnenkova e essa cidade de Lgov não saem da cabeça de Tolstói; era uma espécie de alucinação. Ele fala delas a Makovítski na caleche, a caminho da estação. “Lá, na estrada, poderemos parar e descansar”, insinua ele ao médico, dando a entender que está cansado de sua fuga e quer o conforto caseiro. Ou talvez os cuidados femininos de uma pessoa experiente e com quem ele tinha um relacionamento cordial?

Mas Makovítski ou não entende isso ou faz de conta que não entende. Tolstói estava preocupado com Sacha e Feokrítova – a caleche delas ainda não se vê e a deles já está se aproximando da estação. Pois, então, a filha pode perder o trem?

Pela lógica, essa preocupação deveria prevalecer sobre as outras. Tolstói e Makovítski perguntam ao cocheiro se daria tempo de pegar o trem das sete horas. “Sim”, responde o cocheiro. No entanto, Tolstói, de repente, pergunta-lhe como é a hospedaria de Kozelsk. “Tolstói, pensando na possibilidade de chegar atrasado, fez uma alusão a nos alojarmos na hospedaria”, escreveu Makovítski. Isso já não é alusão, é um grito abafado de uma pessoa velha e doente que se sente sem forças para continuar fugindo e não diz isso por teimosia ou por delicadeza.

O dever de Makovítski como médico, apesar de ele não querer se encontrar com Sófia Andrêievna tanto quanto Tolstói, é entender o estado de seu paciente e obrigá-lo a se alojar na hospedaria. Mas ele vacila. E diz que, em caso de uma parada na hospedaria, pode-se continuar a viagem, à tarde, às 16h 50. Perdão, mas continuar para onde? Olhemos no guia de Brule, do qual Makovítski tirou estas informações: 16h 50. A essa hora passava por Kozelsk um trem, mas que não ia para Rostov. Era o mesmo trem de carga para Sukhínitchi no qual, três dias antes, ele tinha chegado de

Gorbatchevo. O mesmo trem de carga com um único vagão de terceira classe para passageiros, no qual Tolstói ficara resfriado.

Do diário de Makovítski: “Aquele trem com o qual viemos para cá?”, perguntou Tolstói e, em sua voz, ouviu-se o pavor que ele sentiu só de pensar nisso.

Mas nenhum de nós mandou o cocheiro virar para a hospedaria. Se tivesse me passado pela cabeça perguntar a Tolstói como estava se sentindo, talvez ele tivesse contado sobre seu mal-estar. Sentado, Tolstói mantinha-se sempre reto, sem se reclinar, sem procurar se acomodar melhor, não gemia nem suspirava e não demonstrava cansaço ou outro indício qualquer de não estar se sentindo bem. Eu não prestei atenção, não pensei que ele quisesse fazer uma parada por causa da fraqueza, e nós fomos diretamente para a estação. O trem estava chegando. O cocheiro apressou os cavalos, e nós paramos bem na frente do portão.

Hoje é fácil culpar Makovítski por ele não ter cumprido seu dever profissional. Mas não nos esqueçamos de que o testemunho desse descumprimento nós tiramos do diário do próprio médico. Não havia nenhuma testemunha do ocorrido (além do cocheiro, que certamente não estava feliz por ter acordado tão cedo para levar os senhores à estação) e depois, fazendo o diário, nada impediria Makovítski de embelezar seu papel na fuga de Tolstói do modo que quisesse. Mas ele não fez isso. Sim, o médico deixou escapar a doença de seu tutelado. Mas contou isso honestamente ao mundo inteiro.

Além disso, o próprio Makovítski estava terrivelmente cansado e sonolento. E ele nunca discutia as decisões de Tolstói, que considerava sagradas.

Sacha e Feokrítova conseguiram chegar a tempo, e todos juntos, sem ter comprado as passagens, entraram no vagão da segunda classe, onde não havia nenhum compartimento desocupado. Tolstói foi colocado no

compartimento de um senhor de Belev, muito educado, que logo reconheceu o escritor e gentilmente desocupou o compartimento. Só então começou a discussão sobre “para onde ir” e não se cogitou mais Lgov e Ánnenkova. Foi aí que eles decidiram ir em direção a Rostov, em Novotcherkassk, para a casa dos Denissenko.

Depois que Gorbachevo ficou para trás, conversamos novamente e nos resolvemos por Novotcherkassk. Lá, na casa da sobrinha, Tolstói descansaria alguns dias, e depois eles decidiriam se iríamos ao Cáucaso, à Bulgária ou à Grécia. Nesse caso, seria necessário arranjar passaporte para nós, os acompanhantes de Tolstói. (“Vocês têm carteira de identidade, e eu, sem ela, serei o criado de vocês”, nos disse ele).

Causa espanto ler o diário de Makovítski. Quer dizer que os fugitivos tinham resolvido atravessar a fronteira ilegalmente, levando consigo um velho octogenário doente a título de criado? É evidente que isso seria impossível. E não porque logo seriam identificados na fronteira (a notícia sobre a fuga de Tolstói já tinha corrido o mundo inteiro), mas porque no trem para Rostov eles estavam sendo acompanhados pelo correspondente do *Rússkoie Slovo* Konstantin Orlov. E Orlov, que andava nos calcanhares de Tolstói, regularmente comunicava por telegramas, de toda grande estação ferroviária, a localização do escritor e de seus acompanhantes. Como resultado, em Novotcherkassk, Tolstói e seu séquito seriam recebidos por uma multidão de correspondentes da região sul do país, e a visita privada aos Denissenko então não seria possível.

Mesmo assim, examinemos os possíveis caminhos de fuga de Tolstói depois de Chamórdino. Suponhamos que eles tivessem recebido os passaportes, atravessado a fronteira e chegado à Bulgária. Seria isso uma saída para Tolstói?

O que ele desejava mais que tudo? Sossego e solidão.

Ele não lembrava ou não sabia como era famoso também na Bulgária. Em nenhum idioma, incluindo o inglês e o tcheco, havia tantas traduções de suas últimas obras como em búlgaro. Mas nenhum de nós chegou a pensar em explicar a Tolstói que seria impossível para ele se esconder por muito tempo em qualquer lugar. Só pensávamos em como, ao menos por algumas semanas e no momento, ao menos por alguns dias, não sermos descobertos e alcançados.

Na Bulgária, uma recepção calorosa já estava esperando por Tolstói. Na Bulgária vivia, em especial, Khristo Docev, seu ardoroso adepto, amigo de Tchertkov e colaborador da revista *Vzaradane*.¹⁶⁸ Em 1907, ele esteve hospedado em Teliátniki e se encontrou várias vezes com Tolstói. Na Bulgária, como em todos os países eslavos, havia o movimento dos tolstoístas, e eles, evidentemente, carregariam o mestre nos braços. Mas isso era justamente o que Tolstói queria menos que tudo. A condição imprescindível para seu suposto novo domicílio era que ele não fosse, em caso algum, uma comuna de tolstoístas. Ele repetia isso insistentemente a seus acompanhantes. O que quiser – isbá, hotel –, mas comuna, de jeito nenhum!

E como não se lembrar de Buda, que se negou a morrer no mosteiro budista?¹⁶⁹

Mas o Cáucaso, nesse caso, tampouco seria conveniente para Tolstói. Lá também moravam seus correligionários, os exilados tolstoístas e os dukhobor.¹⁷⁰

Os jornais com as notícias sobre o desaparecimento de Tolstói de Iássnaia Poliana foram comprados por Sacha na estação de Gorbatchevo.

Tolstói viu os jornais e ficou amargurado, segundo as recordações de Sacha.

“Tudo já é sabido, todos os jornais só falam de minha partida”, disse ele com tristeza.

Muitos passageiros do vagão liam as revistas e discutiam a novidade principal. Recordava Sacha:

Na minha frente havia dois jovens sentados, uns janotas vulgares, com cigarros nos dentes.

“Veja só o truque que o velho fez!”, comentou um deles. “Vai ver Sófia Andrêievna não gostou muito disso”, e deu uma gargalhada boba.

“Pegou e fugiu de noite.”

“Pois é, e ela que cuidou dele a vida toda”, disse o outro, “pelo visto, os cuidados não eram lá muito doces.”

O boato de que o herói do escândalo se encontrava no mesmo trem correu os vagões. e os passageiros curiosos começaram a espiar para dentro do compartimento. As forças dos acompanhantes não eram suficientes para conter essa investida. Então os inteligentes condutores interferiram.

“Me deixem em paz!”, dizia um deles, de cabelos brancos e com uma aparência distinta. “Realmente, por que me amolam? Eu já disse a vocês que Tolstói desceu na última estação.”

Graças a Deus Tolstói já não via nem ouvia. Estava dormindo, coberto com uma manta num compartimento vazio. E, quando acordou, para seus acompanhantes ficou evidente: Tolstói adoecera gravemente.

Todos os recursos de seu organismo potente que o mantiveram no caminho de Iássnaia Poliana a Chamórdino como que acabaram de vez. Não vamos tentar adivinhar por que isso aconteceu. Mesmo porque existem versões diferentes sobre a doença de Tolstói. Faremos apenas uma observação: isso aconteceu no momento em que ele sentiu escapar da armadilha de Kozelsk, quando já tinha deixado para trás esse malfadado Gorbachevo e o fantasma de Sófia Andrêievna não o ameaçava mais, pelo menos nos próximos dias. Mas justamente depois de Gorbachevo, pelos jornais, ele ficaria sabendo que fugir da esposa ainda seria possível, embora

da fama terrena já não houvesse mais como. Tolstói compreendeu então que, a partir daquele momento, o mundo inteiro estaria seguindo cada passo seu.

O caminho de padre Sérgio para ele não deu certo. Aliás, como os de todos os seus outros fugitivos literários – do príncipe Olénin a Fiódor Kuzmitch. Esse último diabo, a fama terrena, ele não pôde vencer. Com sua partida, ela só se multiplicaria inúmeras vezes.

OS ANÉIS DO DESTINO

Os biógrafos de Tolstói sentiam-se tentados a dividir sua vida não só em períodos de tempo (infância, juventude, maturidade, criações do período inicial ou tardio), mas em períodos múltiplos, para que cada período correspondesse a uma mesma duração (quantidade de anos). É difícil de explicar racionalmente o porquê disso, mas intuitivamente foi assim que aconteceu. Provavelmente porque Tolstói vivia e progredia não por períodos comuns, mas por ciclos ou, falando de modo figurado, por anéis, como as árvores, o carvalho, por exemplo. Ele como que crescia e se desenvolvia em seu volume espiritual acrescentando a cada etapa um novo anel.

Esses ciclos não coincidem com os costumeiros ritmos da vida humana. Há neles uma ordem rigorosa que, um dia, levou o próprio Tolstói a dividir sua vida em curtos períodos de tempo.

Na conversa com P. I. Biriukov, seu primeiro biógrafo, Tolstói tomou como base o número sete.

Ouvi esse divisor do próprio Lev Nikoláievitch, que, numa conversa, expôs a ideia segundo a qual, como lhe parecia, de acordo com períodos de sete anos da vida física do ser humano, reconhecidos por certos fisiologistas, pode-se determinar os períodos de sete anos no desenvolvimento da vida espiritual do homem, do que se deduz que a

cada sete anos da vida corresponde uma personalidade espiritual específica.

Usando a suposição de Tolstói, P. I. Biriukov dividiu sua vida em ciclos de sete anos. Eis no que resultou:

1828-1835. Infância.

1835-1842. Adolescência.

1842-1849. Juventude, estudos, começo da atividade econômica no campo.

1849-1856. Começo da atividade literária, serviço militar (Cáucaso, Sebastópol, Petersburgo).

1856-1863. Demissão, viagens, morte do irmão, atividade pedagógica, intermediação, casamento.

1863-1869. Vida conjugal. *Guerra e paz*. Economia.

1870-1877. Fome de Samara. *Anna Karênina*. Auge da fama literária, da felicidade conjugal e da riqueza.

1877-1884. Crise. *Confissão*. *Exposição sumária do Evangelho*. *Em que consiste minha fé?*.

1884-1891. Moscou. *E o que vamos fazer?* Literatura popular. A editora Posrédnik. Divulgação da ideia na sociedade e entre o povo. Críticas.

1891-1898. Fome. *O reino de Deus está dentro de nós*. “Os dukhobor”. Perseguição dos adeptos dessas ideias.

1898-1905. *Ressurreição*. Excomunhão. Doença. O último período. Apelo aos militares, ao clero e aos políticos. Guerra. Movimento revolucionário e reformista na Rússia.

Com essa crônica, começa a primeira de todas as biografias existentes de Tolstói, escrita por seu adepto P. I. Biriukov. Uma bela biografia, até hoje insuperável em muitos aspectos.

Porém, o próprio Biriukov chama de “convencional” esse sistema de divisão. Os períodos de sete anos não refletem os anos mais importantes na vida de Tolstói. Por um lado, muitos lapsos de tempo são ocasionais. O período entre 1842 e 1849, por exemplo: por que não 1843-1850? Por outro lado, estão ausentes os momentos-chave no desenvolvimento de Tolstói, quando sua vida dava guinadas de 180 graus. Tais momentos não são muitos e seria mais lógico construir exatamente em torno deles os ciclos da vida de Tolstói.

Coloquemos em nossa frente uma folha de papel e, depois da seleção mais escrupulosa, marquemos nela as datas mais importantes da vida de Tolstói.

Eis o que teremos:

1828 1847 1862 1877 1910

Não há necessidade de explicar o papel do primeiro e do último acontecimento – o nascimento e a partida seguida da morte. A irreversibilidade deles dispensa comentários.

Mas por que 1847? Nesse ano, estando em Kazan, Lióvotchka Tolstói começou a fazer seu diário. O diário, na realidade, era o início do trabalho criativo de Tolstói, porque desempenhava um papel importante, se não o principal, no processo. Era o começo de seu autoconhecimento espiritual. E a importância desse “irreversível” acontecimento dispensa a menção de que, nesse mesmo ano, ele se tornou o proprietário de Iássnaia Poliana. Ele deixou a universidade, correu para Iássnaia Poliana para começar sua atividade de terra-tenente, com êxitos e decepções alternados, e continuou fazendo o diário. Até meados dos anos 1880.

A terceira data tampouco carece de comentários. O ano de 1862 foi o do casamento de Tolstói. Lembremos que o conceito de “irreversível” Tolstói atribuía ao casamento e à morte. “Depois da morte, pela

importância, e antes da morte, pelo tempo, não há nada mais importante e irreversível do que o casamento”, escreveu ele em seu diário em 1896.

O ano de 1877 é o começo da revolução espiritual. Tolstói voltou-se à religião, foi ao mosteiro de Óptina e começou *Confissão*. Despede-se da vida anterior, arrepende-se dela e começa uma nova vida a partir daí.

Desse modo, a biografia de Tolstói divide-se nos seguintes períodos: 1828-1847 (dezoito anos, com alguns meses de diferença, porque Tolstói nasceu em abril e começou a fazer o diário em agosto), 1847-1862 (quinze anos), 1862-1877 (quinze anos) e 1877-1910 (33 anos): 18 +15+15+33. Surge a tentação de incluir mais uma data para que a fórmula fique simétrica: 18 +15+15+15+18.

Mas para isso é preciso incluir 1892.

E então teremos o seguinte:

1828 1847 1862 1877 1892 (?) 1910

Na crônica de Biriukov, esse ano cai no período de 1891-1898. Entre os acontecimentos mais importantes, ele cita o trabalho de Tolstói e de sua família durante a fome em Bêguitchevka, na província de Riazan. Destaca também o livro *O reino de Deus está dentro de nós* e a abnegada ajuda de Tolstói na emigração dos dukhobor russos para o Canadá, que começou nesse período, mas não foi concluída; a fase principal da emigração foi realizada em 1898-1899, quando Tolstói doou para essa causa os direitos autorais sobre o romance *Ressurreição* e enviou o filho Serguei para acompanhar os emigrantes ao Canadá.

Sem dúvida, são acontecimentos extraordinários na vida de Tolstói, mas não podem ser chamados de irreversíveis e, exceto o texto *O reino de Deus está dentro de nós*, não são fatos exclusivos da vida de Tolstói. Eram atividades coletivas, das quais ele tomara parte.

E *O reino de Deus está dentro de nós* não é a obra mais importante de Tolstói mesmo no período “espiritual”. Por que não *Confissão* ou

Ressurreição? Ou os diários e as cartas? Se seguirmos a crônica de Biriukov, não encontraremos nenhum acontecimento irreversível nessa etapa da vida de Tolstói.

Mas foi assim na realidade?

RECUSA OU PARTILHA?

Em 1892, Tolstói renunciou à propriedade. Aliás, a renúncia da propriedade em si não era novidade naquela época. O pregador lorde Radstock, famoso na Rússia, coronel do exército inglês e participante da guerra da Crimeia, depois de uma revolução espiritual na idade de 33 anos, distribuiu todos os seus bens e dispensou a criadagem. A renúncia da propriedade em favor dos mosteiros era costumeira entre os ricos mercadores russos quando, no fim da vida, deixavam a vida mundana e iam expiar seus pecados. Mas a maneira como procedeu Tolstói desperta muitas perguntas até hoje.

A renúncia da propriedade tornou-se para Tolstói talvez o acontecimento mais torturante de sua vida. Aquilo que, a seu ver, deveria lhe dar alegria e alívio espiritual, na realidade lançou-o numa verdadeira prisão de dúvidas e perguntas.

Desde o início de sua revolução espiritual, Tolstói tentou provar à família e à mulher, em primeiro lugar, que a propriedade era o maior dos males, ao qual era preciso renunciar. Mas isso deveria ser feito não para beneficiar os outros, como entendia a mulher, acusando o marido de ajudar os pobres e transformar os filhos em indigentes. Isso era preciso para o bem da própria família, porque a vida luxuosa por conta do trabalho extenuante de outras pessoas não é vida, mas morte espiritual. Essa foi a principal divergência sobre a concepção da vida entre Tolstói e a esposa, depois de 1877.

Durante quinze anos (tanto quanto durou a felicidade e a amizade na vida familiar), Tolstói tentou provar à mulher e aos filhos mais velhos sua indiscutível, em seu entender, razão. E da parte deles ou encontrou

incompreensão e surdez ou evidente resistência. O clima em casa tanto em Moscou como em Iássnaia Poliana foi contaminado para sempre e tornou-se insuportável para ambas as partes, embora nem sempre fosse notável para as numerosas visitas.

Entretanto, a família crescia. Em 1888, nasceu o último filho, Vánietchka.

E, no mesmo ano, o segundo filho mais velho, Iliá, criou a própria família.

Foi o primeiro casamento na grande família dos Tolstói. Naturalmente, ele pressupunha a continuação e a multiplicação da geração.¹⁷¹

Pela tradição, fundada pelo pai, os filhos de Tolstói não se casavam por interesse. E Iliá escolheu uma moça formidável, mas de poucas posses, filha do pintor retratista N. A. Filóssov, membro da Academia de Artes. Antes do casamento, Iliá estava “fora de si, como todos os apaixonados”. Após o casamento, passaram três meses de lua de mel em Iássnaia Poliana, sozinhos como Robinson Crusóé, nos três cômodos do térreo, gozando de liberdade e independência da família, que nesse tempo morava em Moscou.

Depois, Iliá e a jovem mulher, Sónietchka, mudaram-se para a granja Grinievska, no município de Tchern, adquirida anteriormente por Tolstói no nome da esposa. E aí Iliá sentiu a dependência material dos pais. Ele tornou-se praticamente gerente da propriedade da mãe, o que, com o caráter que tinha, lhe era insuportável.

Os outros filhos não tinham pressa de constituir família. Serguei Lvóvitch casou-se pela primeira vez já com 32 anos, mas o matrimônio não foi duradouro. Tatiana, após uma longa série de fracassos com vários pretendentes, casou-se com 35 anos com M. S. Sukhótin, terra-tenente entrado em anos e com filhos. Lev Lvóvitch casou-se com a filha do médico sueco Vesterlund quando tinha trinta anos, e Macha, filha predileta de Tolstói, também se casou tarde, segundo os critérios da época. Ela tinha

26 anos quando se tornou esposa de Kólenka Obolênski, pobre como Jó, sobrinho neto de Tolstói e neto de Maria Nikoláievna, a irmã do escritor.

Dos filhos mais novos de Tolstói, Sacha, que viveu até os noventa anos, nunca se casou. O filho Andrei casou-se duas vezes, e Mikhail, uma. As gerações jovens de ambos eram bastante numerosas.

Assim, a partir de 1880, a família de Tolstói passou a crescer como uma bola de neve, e surgiu então uma nova situação familiar, com novas preocupações, inclusive financeiras.

Já o próprio Tolstói não estava preparado para tal situação e nem pensava em se preparar. Ele vivia como que num outro planeta. Em seu diário, na correspondência com a esposa, são encontrados raciocínios ao menos um pouco sérios sobre o lado material da vida. A única coisa que o preocupava de verdade era que os filhos levavam uma vida de luxo que fazia deles “parasitas” dos corpos do povo. Essa censura ele sempre dirigiu à esposa e, a partir de meados dos anos 1880, passou a queixar-se disso a seu “querido amigo” Tchertkov.

Todas as tentativas de Sófia Andréievna de falar com o marido sobre os problemas financeiros da família provocam nele irritação ou, no melhor dos casos, a reação de um senhor condescendente. Em outubro de 1885, ela enviou a Iássnaia Poliana a lista “Gastos mensais inevitáveis em rublos”:

A inglesa.	30
A madame.	50
Seguro.	267
Kachévskaja.	40
Para a Duma	200
Ginásio e universidade	47
Tesouraria	80
Professor de russo de Macha.	36
Educação.	293

Criadagem.	98
Cozinheiro.	15
Lavadeira.	40
Lacaio.	15
Lenha.	60
Cocheiro.	16
Serioja.	40
Babá	89
Carnes e comida para a criadagem e para nós.	50
Zelador.	8
Provisão seca, luz, tabaco etc..	150
Cozinheira	4
Padeiro.	25
Vária	5
Enceradores.	5
Tatiana	6
Cavalos e vaca	75
Vlás.	8
Guarda noturno.	2
Ama de leite.	5
Mesadas para Iliá, Tânia, Liova e Macha.	12
Prestação da casa.	50
Total (tire de onde quiser).	910

A resposta de Tolstói surpreende por sua negligência senhorial. Seria compreensível se ele apontasse para a esposa gastos supérfluos ou excessivos no orçamento familiar. Mas ele lhe respondeu assim:

Não se zangue, querida, mas eu não posso dar importância alguma a esses cálculos monetários. Isso não é um acontecimento como uma doença, por exemplo, ou um casamento, um nascimento, uma morte, um conhecimento adquirido, um ato bom ou mau, bons ou maus costumes de pessoas caras para nós; mas é o nosso modo de vida, o qual nós mesmos arranjamos assim e podemos mudá-lo de cem maneiras diferentes.

É formidável essa certeza de Tolstói de que seria possível mudar de “cem maneiras diferentes” o modo de vida de uma família tão grande, complicada, com pessoas de idades e gênios tão diferentes. Como se elas não fossem pessoas vivas com seus costumes e defeitos, mas as peças de um cubo mágico. E lhe surge uma suposição não sem base de que, com a renúncia da propriedade, livrava-se não só do “pecado”, mas da dor de cabeça relacionada aos “gastos inevitáveis”. Para ele, como filósofo, não era interessante essa azáfama sem motivo, e ele, como Diógenes,¹⁷² dizia à mulher que saísse da frente, pois estava tapando o sol. Com essa atitude desafogada em relação às questões financeiras, o pai contagiou alguns dos filhos mais velhos. Macha, por exemplo, estava do lado dele.

“Ela era uma loira magrinha, bastante alta e flexível de corpo. Lembrava-me minha mãe, e o rosto parecia o de nosso pai: as mesmas maçãs do rosto bem delineadas e os olhos fundos azuis”, escrevia Iliá sobre a irmã. “Quieta e modesta por natureza, dava a impressão de ser um pouco reprimida. Ela sentiu no coração a solidão de meu pai e foi a primeira a se afastar da companhia de seus contemporâneos e tomou o partido dele imperceptível, mas firmemente”.

Em seu diário do fim de 1890, Tatiana fez uma anotação interessantíssima, que comprova que a mãe era quem se sentia mais solitária na família nesse período.

Tenho mais pena de *mamá* porque, em primeiro lugar, ela não acredita em nada – nem em si nem em *papá*. Em segundo, ela é mais solitária porque, como ela fala e faz muitas coisas irracionais, os filhos logicamente estão do lado de *papá*, e ela sente dolorosamente sua solidão. Além disso, ela ama *papá* mais do que ele a ama e fica feliz como uma menina quando ouve palavras carinhosas dele. Sua maior desgraça é a falta de lógica, e isso dá muitos motivos para reprová-la.

A situação do casal no começo dos anos 1890 era essencialmente diferente. Nem se falava mais da solidão de Tolstói. Ele sentia um apoio colossal da parte da opinião pública russa e mundial. Apesar de suas novas obras terem sido proibidas pela censura, elas circulavam em cópias hectográficas e, principalmente, os rumores sobre elas, que na Rússia têm força muito maior do que os livros e jornais, corriam o país inteiro. Quanto ao exterior, essas obras eram publicadas em milhões de páginas impressas (!) e em muitas línguas, graças à atividade enérgica de Tchertkov. Antes espiritualmente marginal, Tolstói passa a exercer influência dominante na vida espiritual das pessoas. A convicção de Sófia Andréievna do começo dos anos 1880, de que as novas obras do marido seriam interessantes não mais que para uma dezena de pessoas, acaba sendo um fiasco demolidor. Porém, o mais importante é que, diante de seus olhos, começou a ruir sua fortaleza, *sua casa*. Ela estava sendo invadida pelos “obscuros”. Devido a isso, no gênio de Sófia Andréievna começavam a se revelar os aspectos mais desvantajosos, inclusive a intolerância a pessoas de outras classes e nacionalidades.

Queixa-se ela em seu diário de 1890:

Na velhice, tive de passar por tempos difíceis. Lióvotchka cercou-se de conhecidos esquisitos, que chamam a si mesmos de seus adeptos. Eis que hoje de manhã veio um deles, um tal de Butkévitich, que esteve na Sibéria por suas ideias revolucionárias. De óculos escuros, ele mesmo

também obscuro e misterioso, trouxe consigo a amante, uma judia, que ele chamou de esposa só porque vive com ela. Já que Biriukov estava lá em baixo, Macha também desceu, e ficou dizendo amabilidades a essa judia. Eu me revoltei vendo que minha filha, moça decente, dá-se com qualquer calhorda, e seu pai até simpatiza com isso. Fiquei brava, gritei com ele e disse com raiva: “Você se acostumou, a vida toda se deu com calhordas, mas eu não me acostumei e não quero ver minha filha perto dessa gente!”. É claro que ele soltava seus “ah!”, ficou zangado e saiu sem dizer nada.

Nesse período, Macha estava apaixonada por Biriukov e queria se casar com ele. Tânia estava fascinada por Tchertkov. Liova tinha amizade com Tchertkov. E é claro que para todos eles era muito mais interessante a verdade do pai do que as verdades da mãe. Ainda mais que, do lado da verdade dele, estava a humanidade progressista e pessoas tão agradáveis como Tchertkov e Biriukov. E o mais terrível para Sófia Andrêievna era que ela começava a sofrer a derrota na família.

Isso foi uma tremenda injustiça! Pois era ela quem mantinha a família. Em qualquer situação difícil criada por Tolstói, o golpe principal e a responsabilidade caíam sobre Sófia Andrêievna. Mas, diferentemente do marido, ela não podia ter “queridos amigos” e conselheiros em sua luta. Sua situação conjugal era atípica demais. Todo ano o marido lhe fazia surpresas: ora costurava botas, ora escrevia cartas ao czar aconselhando-o a libertar os regicidas, ora frequentava diariamente a igreja, ora comia bolinhos de carne na Quaresma, ora andava lavrando a terra com arado, ora tentava cavar a terra com pá para semear trigo, entusiasmado com uma agronomia inédita.

Tolstói fazia esquisitices. Comportava-se como um louco e formalmente continuava sendo o chefe de uma enorme família e o proprietário de várias fazendas e da casa em Khamóvniki, que também era uma espécie de fazenda dentro de Moscou, com pomar, dependências de

economia auxiliar, ferramentas, vacas, cavalos e carruagens próprias. De fato, tudo isso passava aos poucos para Sófia Andréievna, mas *de jure* ele podia, a qualquer momento, colocar a questão da renúncia total à propriedade.

Em fevereiro de 1890, Tolstói anotou em seu diário a ideia de um novo drama “sobre a vida: o desespero de um homem que viu a luz e traz essa luz às trevas da vida com a esperança, com a certeza de iluminar as trevas; mas de repente as trevas ficam mais escuras”. A ideia se transformaria numa peça inacabada, *E a luz ilumina as trevas*, que ele começou e largou várias vezes e assim trabalhou nela até os anos 1890. É a peça mais pessoal de Tolstói e, por seu enredo autobiográfico, pode ser comparada somente com a novela *O Diabo*. Na peça, ele expressou sua posição perante o problema da renúncia da propriedade e procurou entender o drama da esposa.

O protagonista da peça, Nikolai Ivánovitch Saríntsev, homem rico, estudou o Evangelho e resolveu renunciar aos bens, distribuí-los entre os pobres e viver de seu trabalho. A parte prejudicada era a esposa, Maria Ivánovna, e os filhos, Stiepan, Ivan, Liuba e Kátia. Há muitas outras personagens: senhores de terra, funcionários, sacerdotes, policiais e médicos. Mas as personagens principais são Aleksandra Ivánovna Kokhóvtseva, cunhada de Nikolai Ivánovitch, e seu marido, Piotr Semiónovitch. Os protótipos deles são transparentes: Tolstói, a esposa com os filhos e os Kuzmínski. Especialmente notável é a cunhada, Aleksandra Ivánovna. Diferentemente da irmã, ela não duvida de que Nikolai Ivánovitch simplesmente tenha enlouquecido e de que a irmã deva passar todos os bens para o próprio nome. Dessa maneira, Tolstói mostrava a posição de Tatiana Andréievna Kuzmínskaia. A peça era uma resposta convincente para a pergunta sobre o que teria acontecido se Tolstói tivesse escolhido Tânia em vez de Sônia e a tivesse esperado chegar à maioridade. Eis o que aconteceria: Tatiana, sem pensar duas vezes, teria declarado o marido como demente quando ele começasse a desatinar.

A personagem de Maria Ivánovna (Sófía Andrêievna) já é mais complexa. Em princípio, ela é capaz de compartilhar as convicções de seu marido porque o ama infinitamente. Mas sua *idée fixe* são os filhos, e não os bens em si. A propriedade também é odiosa para ela porque gera discórdia entre ela e a pessoa amada e porque é uma cruz que ela teria de pegar do marido e carregar em suas costas para o bem das crianças. Portanto, o fundo do conflito não é tanto a divergência na questão dos valores espirituais, embora eles se diferenciem. O fundo do conflito é a compreensão diferente da “cruz” e do bem das crianças.

Na peça, Nikolai Ivánovitch dá um atributo surpreendente à sua mulher: “criança esperta”.

“*Nikolái Ivanovitch*: É uma criança, totalmente criança, ou uma mulher esperta. Sim, uma criança esperta.”

Formalmente a peça não foi concluída, mas seu fim esgota o sentido. Sob a pressão da família, Nikolai Ivánovitch assina o documento de transferência da propriedade para a esposa e tenta ir embora de casa com um misterioso amigo, Aleksandr Petróvitch, um tal de “esfarrapado” que aparece no final. Eles chegam ao Cáucaso “sem um tostão no bolso”.

E novamente, sob a pressão da esposa, Nikolai Ivánovitch fica em casa e apela a Deus:

“Será que estou errado, errado em acreditar em Ti? Não. Pai, ajude-me!”

Antes de assinar a declaração de renúncia, Nikolai Ivánovitch avisa claramente à esposa:

“Se eu lhe passar os bens, não poderei mais viver com você e deverei partir. Não posso continuar vivendo nessas condições. Não posso ver como vão espremer os camponeses e mandá-los ao presídio, já não em meu nome, mas no seu. A escolha é sua.”

A escolha dela significaria a partida dele. Se não no mesmo dia, num seguinte.

Mas o drama verdadeiro que estalou na família dos Tolstói no início dos anos 1890 foi muito mais complicado que o literário.

No decorrer dos quase dez anos que precederam o dia 7 de julho de 1892, quando Tolstói assinou o documento da partilha de seus bens entre a mulher e os filhos, ele praticamente já não possuía nada. Em maio de 1883, na presença do então tabelião de Tula, Beloboródov, foi assinada por Tolstói a procuração geral em nome da esposa que dava a ela o direito de gerenciar todos os seus negócios e propriedades, incluindo o direito à venda de qualquer bem, parcial ou integralmente, e nas condições que ela considerasse aceitáveis. Ela podia obter renda dos bens e dispor dela de acordo com seu próprio critério. Podia assinar contratos e quaisquer documentos jurídicos sem a prévia concordância do marido.

É interessante que, apesar de tudo isso, Sófia Andréievna não podia se locomover livremente na Rússia sem a autorização do marido. Quando, em 1886, surgiu a necessidade de ela ir a Ialta, onde sua mãe estava à beira da morte, Tolstói teve de assinar mais uma declaração, de acordo com a qual ele lhe permitia “a permanência em todas as cidades e regiões do Império Russo durante todo o ano de 1886”.

Então para que, nesse caso, foi preciso o documento de 1892, se a renúncia de Tolstói a seus bens já havia sido juridicamente legitimada havia quase dez anos? No entanto, foi justamente esse segundo documento, e não o primeiro, que acabou sendo extremamente penoso para ele e sua família no sentido moral e jurídico (o documento levou um ano para ser preparado). Foi justamente o segundo documento que criou na família não uma, mas várias fendas. E esse documento era *desvantajoso* para Sófia Andréievna.

Em 1883, Tolstói e a esposa assinaram um acordo amistoso, segundo o qual ela aceitava colocar sobre as próprias costas o “mal” (no modo de ver de Tolstói) ou a “cruz” (no modo de ver dela) da propriedade, livrando desta o marido idealista. A partir desse momento, ele não precisaria mais se ocupar com o odioso “mal”, assinar papéis que contrariavam suas

convicções, ficar de olho para que nenhum estranho atentasse àquilo que, como ele achava, não lhe pertencia, não lhe fora dado por Deus.

A esposa cuidava de tudo.

Além do mais, Tolstói não havia perdido a esperança de convencer a família a renunciar às propriedades e começar a viver com o próprio trabalho, lançando-se numa experiência de vida perigosa, mas fascinante. Ele mesmo se preparava para isso com todo o esmero: costurava botas, serrava e cortava lenha, arava, ceifava, construía isbás. Sófia Andréievna também não era folgada, era habilidosa e costurava para a família toda. Em toda sua vida, ela não esteve no exterior uma única vez. Sua paixão pelos bailes se reduziu a zero. Em geral, não era possível reprová-la por ter levado uma vida prazerosa. E, sabendo-se de seu abnegado amor pelo marido, que revoltava tanto a irmã Tânia, por que não supor que, em outras condições familiares, ela seguiria o marido, fosse para a isbá ou para o fim do mundo?

Mas não com as crianças! E ainda tão diferentes como eram as suas.

Somente Macha dava pleno apoio à mãe. E não era à toa que Iliá chamava a irmã de “um pouco reprimida”. Desinteressada, com um caráter angelical, amorosa com as pessoas e pronta a ajudar todo mundo, Macha parecia não ser deste mundo, como Vánietchka. Ela poderia ser guiada espiritualmente pelo pai com a ajuda material da mãe, mas não levar uma vida independente, o que acabou não dando certo.

Uma característica curiosa de Macha nós encontramos no diário de seu irmão Lev, em 1890: “Macha está carregada, não, não carregada, mas untada pelo pensamento, pelo olhar de *papá*, por tudo que pôde tocar sua alma e o que ela pôde entender da complicadíssima máquina interna de *papá*. É curioso, o que vai ser dela?”.

E ainda no mesmo dia ele escreveria: “... Macha, de calças colantes, com pernas finas, cristã, vegetariana etc., e tola como uma porta”. Mas, em princípio, tanto Lev como Tatiana admitiam a renúncia total à propriedade,

o que demonstra a anotação de Tatiana em seu diário no mesmo ano de 1890:

Liova ficou muito amargurado com toda essa história¹⁷³ e disse que “tem de dar tudo é para o diabo, *que cela finisse*”.¹⁷⁴ Mas eu, imaginando que isso acontecesse, creio que não faria diferença nenhuma. Liova continuaria estudando na universidade e vivendo da bolsa de estudos, Serioja continuaria trabalhando como funcionário, Iliá seria gerente, Macha se casaria com Pocha,¹⁷⁵ colocaríamos as crianças nos estabelecimentos, eu poderia trabalhar como governanta, *mamá* abriria uma pensão qualquer e *papá* certamente viveria com Macha e Pocha.

Pois bem, na opinião de Tânia, a vida sem a propriedade era possível. Mas mudaria alguma coisa? “Todos nós continuaríamos com os mesmos ideais e aspirações, só que alguns poderiam ficar exasperados por terem sido colocados nessa situação.”

E alguns já haviam ficado “exaltados”. Ao se casar, Iliá foi o primeiro a exigir uma parte dos bens. Na família de Tolstói aconteceu o mesmo que acontecia nas famílias camponesas com a parte masculina predominante. Os filhos adultos, ao se casarem, não queriam continuar vivendo na comuna familiar sob o mando do pai. E muito menos do modo como vivia Siutáiev, o adorado de Tolstói, com arcas e lenços comuns. O novo projeto de Tolstói foi condenado não por causa da suposta avidez da esposa, mas por causa do desejo natural de cada um dos filhos de viver em suas famílias e casas independentes.

Voluntária ou involuntariamente, foi justamente Iliá a causa principal da partilha dos bens. Essa partilha não beneficiava Sófia Andrêievna em nada, só tirava dela o poder sobre a propriedade da família como um todo.

E foi depois do casamento de Iliá e por iniciativa dele que, na casa dos Tolstói, começaram as conversas sobre a partilha. Mas os outros também

não ficaram fora, exceto o pai e Macha.

Iliá e sua jovem mulher moravam em Grinievska, propriedade que não pertencia a Tolstói e fora comprada em nome de Sófia Andréievna. A questão, portanto, atingia a mãe, que fizera do filho um simples gerente.

Anotação do diário de Sófia Andréievna:

De repente, Iliá me diz:

“E eu não vou lhes dar éguas para *kumýs*.”

Eu me irritei e disse:

“Não vou pedir para você, vou dar uma ordem ao gerente.”

Ele também se irritou:

“O gerente sou eu.”

“E eu sou a dona.”

Não sei se eu estava fatigada ou se ele me deixou assim com suas conversas sobre o dinheiro e a fazenda, mas fiquei muito brava e disse: “Até que ponto de mesquinhez você chegou, nem *kumýs* para seu pai você quer dar! Não sei para que você veio, vá para o diabo, já me cansou!”

Tolstói amava Iliá, mas seu relacionamento com o filho era um grande enigma psicológico.

A delicadeza de nosso pai para conosco chegava à timidez. Havia questões em que ele nem ousava tocar por medo de nos ferir. Não vou esquecer como um dia ele estava à mesa em meu quarto, escrevendo, e eu entrei para trocar de roupa. Minha cama estava atrás do biombo, e ele não podia me ver. Ao ouvir meus passos, sem virar a cabeça perguntou:

“Iliá, é você?”

“Sim, sou eu.”

“Está sozinho? Feche a porta. Agora ninguém vai nos ouvir, e nós não estamos vendo um ao outro, portanto não vamos sentir vergonha. Diga-me, alguma vez você teve relações com uma mulher?”

Quando eu lhe disse que não, ouvi, de repente, que ele começou a chorar como uma criancinha. Eu também me pus a chorar, e nós dois, divididos pelo biombo, choramos longamente com lágrimas doces e não tivemos vergonha. Eu me senti tão bem que me recordo desse momento como um dos mais felizes de minha vida.

Iliá também amava o pai. De todos os filhos, ele era o mais parecido com ele e, na velhice, quando morava nos Estados Unidos, a semelhança era surpreendente, e Hollywood levou-o para participar de um filme sobre Tolstói, no qual o filho fez o papel do pai, mas que acabou sendo uma aventura malsucedida. Na juventude, porém, ao se tornar chefe de sua própria família ele começou a forçar a mãe (e não o pai!) a lhe dar Grinievka, o que era impossível fazer sem lesar os direitos de propriedade dos outros filhos. As anotações no diário de Sófia Andrêievna atestam que a renúncia da propriedade, assinada em 1892, foi resultado não tanto da vontade dele e dela, mas da situação a que a família se viu forçada após o casamento de Iliá. Escreveu Sófia Andrêievna em 1891, um ano antes da partilha formal dos bens da família:

Na verdade, só é difícil tratar com Iliá, ele é um tremendo egoísta e muito avaro, talvez porque agora já tem sua família. Os outros filhos são delicados e concordarão com tudo. Lióvotchka sempre teve uma queda por Iliá e não via seus defeitos; desta vez também quer fazer as vontades de Iliá, e receio que não chegaremos a ver o fim dos aborrecimentos. Por sorte, Grinievka está em meu nome e, se não consentirem com a partilha por sorteio, não vou dar nem Grinievka nem Ovsíánnikovo. Por nada vou deixar que prejudiquem os pequenos...

Para Lióvotchka, todas essas conversas são penosas e, para mim, dez vezes mais, porque tenho de defender os filhos menores dos maiores.

Tolstói não soube resolver radicalmente o problema da renúncia à propriedade e “lavou as mãos”. Ele renunciou à propriedade, mas, na prática, isso foi uma partilha dos bens entre os membros da família. E foi o único compromisso possível; porém, deve-se reconhecer que a parte prejudicada foi Sófia Andrêievna. O marido recebeu o que queria – ficar livre da propriedade. Os filhos receberam suas partes e ela recebeu Iássnaia Poliana (em sociedade com Vánietchka, menor de idade) e conservou a obrigação de responder por Lev Nikoláievitch, cuidar da vida cotidiana dele e ser o elo da grande e complicada família que se fragmentava.

Recordava Serguei Lvóvitch:

Em julho¹⁷⁶ de 1891, nós todos nos reunimo em Iássnaia Poliana para discutir a partilha de seus bens entre nós, presumida por nosso pai. Papai avaliou todas as fazendas, incluindo Grnievka, Ovsíánnikovo e duas pequenas propriedades compradas por mamãe, em 550 mil rublos e resolveu dividi-las em partes iguais entre nove pessoas – a mamãe e os oito filhos. Cada parte ele avaliou em 55 mil rublos. Depois da discussão geral, a partilha ficou estabelecida da seguinte forma: Iássnaia Poliana foi dividida em duas partes (uma para mamãe e a outra para Vánietchka, que era menor de idade e estava sob sua tutela); Nikólskoie-Viázemskoie e Grnievka, juntas, foram divididas em três partes (eu recebi a parte que incluía a fazenda, com a condição de pagar 28 mil a Tânia); Macha recebeu a parte do meio de Nikólskoie; Iliá, a granja Protássovka e Grnievka, onde ele estava instalado; Tatiana, 28 mil rublos de mim e Ovsíánnikovo, comprada por mamãe; Lev, a casa em Moscou e um terreno na propriedade em Samara; os três menores sob a tutela da mamãe, exceto Ivan, receberam a propriedade em

Samara. Macha, que compartilhava das convicções de papai, renunciou à sua parte, e ela foi passada para mamãe.

Então, eu propus à mamãe (e ela aceitou) passar para mim a parte de Macha em Nikólskoie-Viázemskoie, com a obrigação de pagar seu valor, isto é, 55 mil. Dessa maneira, assumi o compromisso de pagar às irmãs 28 mil mais 55 mil, resultando em 83 mil rublos, o que representava cem rublos por hectare de fazenda. Eu pretendia quitar essa dívida com a penhora da fazenda e com a venda de madeira.

A julgar pelas memórias e pelos diários dos participantes desse evento, a partilha dos bens foi bastante pacífica, exceto a recusa de Macha a receber sua parte, que provocou a revolta dos irmãos e da irmã mais velha. Esse ato foi considerado como uma “vilania” em relação a eles. Notem que a revolta foi provocada pela recusa, e não pela pretensão a mais um pedaço. Isso mostra o alto nível do clima moral na família Tolstói.

Na Semana Santa, todos os irmãos se reuniram porque resolveram fazer a partilha. Isso era o desejo de *papá*. Se não fosse isso, é claro que ninguém faria partilha nenhuma. E, mesmo assim, para ele isso foi muito desagradável. E uma vez, quando meus irmãos e eu entramos em seu gabinete para pedir que fizesse uma avaliação de tudo, ele nem esperou que disséssemos o que nos interessava e começou a falar rapidamente: “Sim, eu sei que é preciso que eu assine a renúncia de tudo a favor de vocês”. Ele disse isso porque, para ele, o mais desagradável e penoso era assinar e dar de presente aquilo que há muito tempo ele não considerava seu – e, doando, ele como que reconhecia isso como propriedade sua. Senti tanta pena dele! Ele parecia um condenado com pressa de meter a cabeça no laço da forca, sabendo que não podia escapar dela. E nós três éramos essa forca. Para mim, doeu terrivelmente dar esse desgosto a ele, mas eu sei que essa partilha acabará com os aborrecimentos de *mamá* por causa de Iliá, por isso

considerarei meu dever participar dela. Tive inveja de Macha que não participou de nada e se recusou a receber sua parte.

Macha, depois de casada, se veria obrigada a pedir sua parte da herança à mãe.

Para os filhos de Tolstói, era constrangedor repartir as propriedades do pai, as quais ele sonhava dar aos camponeses. O pai sentia-se constrangido ao presenciar a partilha de seus bens entre os próprios filhos, era “como se eu tivesse morrido” (palavras de Tolstói, literalmente). A mãe temia que os filhos menores fossem prejudicados materialmente pelo egoísmo dos maiores. Pela primeira vez, surgiu um conflito sério entre os filhos mais velhos por causa da atitude impensada de Macha, que os colocou em situação ainda mais constrangedora. Os menores, Sacha e Vánietchka, tornaram-se proprietários contra a vontade. Crescendo, Vánietchka não reconhecia Iássnaia Poliana como sua propriedade e, ouvindo da mãe que aquela terra era sua, batia os pezinhos e dizia que ela não era dele, mas “de todos”. Não é difícil adivinhar que, se o Tolstói caçula não tivesse falecido aos sete anos, haveria outros problemas graves com esse “proprietário”.

Essa partilha não deu à família nem bem-estar material nem moral. Os filhos de Tolstói repetiam os erros do pai: gostavam de vinho, cartas e ciganos e não tinham habilidades de bons proprietários rurais. A correspondência entre a mãe e os filhos mostra que tanto Iliá como Lev, Andréi e até o mais racional de todos, Serguei, estavam sempre endividados e recorriam à sua única salvação – a mãe.

Tolstói considerava a propriedade um grande mal. Mas não conseguiu renunciar a ela e ficar com a consciência tranquila. O mal o perseguia e até mesmo parecia se vingar dele. Isso se revelou, sobretudo, no caso de seus direitos autorais.

NEGÓCIO NÃO RENTÁVEL

Para dar uma ideia da correlação entre os bens de Tolstói e seus direitos autorais, vamos apresentar alguns fatos e cifras.

Rentável de verdade era apenas sua propriedade na região de Samara. As férteis terras virgens constantemente subiam de preço e não exigiam investimentos. O arrendamento dessas terras dava uma boa renda para a família. E, se o dono delas não tivesse se lançado em empreendimentos românticos, como o de cruzar as raças de cavalo inglesa e basquire na esperança de obter uma raça ideal para cavalaria, as terras em Samara por si só teriam sido uma mina de ouro. Quanto às propriedades em Tula, a situação era bem mais triste.

A causa do palavreado vazio de que não custou nada para Tolstói, fazendeiro rico, renunciar aos direitos autorais de suas obras era o desconhecimento total da situação material da família.

Iássnaia Poliana não rendia nada; pelo contrário, dava prejuízos anuais, que precisavam ser cobertos com a renda de outras fontes. Para os padrões de hoje, Iássnaia Poliana era uma enorme casa de campo que alimentava, mas não vestia a família. E exigia constantes cuidados e investimentos anuais que a renda da própria fazenda não chegava a cobrir.

Para se ter uma ideia do trabalho que caiu nas costas de Sófia Andréievna depois da renúncia do marido à propriedade, basta uma olhada no “Inventário do material parado e ativo”, apresentado num artigo de Tatiana Vassílievna Komarova, mantenedora da casa em Iássnaia Poliana.

Em 1º de janeiro de 1913, a economia da fazenda era vasta: 27 cavalos, 26 vacas, um boi, 24 bezerros, onze porcos, nove ovelhas, 78 aves. Em 20 de dezembro de 1912, nos depósitos havia 880 puds de aveia; 800 puds e 10 libras de centeio; 6 puds e 36 libras de farinha de centeio; 5 medas de feno de prado, 400 puds aproximadamente; 2 medas de feno de trifólio, 1200 puds, aproximadamente; 3 medas de aveia, 300

montes; 2 medas de centeio, 150 montes; 400 puds de batata, aproximadamente.

“Além disso, cultivava-se repolho, pepinos, framboesa, groselha branca e vermelha, diferentes verduras, nabo e melão”, informa Tatiana Vassílievna.

Pode-se imaginar a área ocupada pela plantação de pepinos, se em 1914 foram compradas três libras de sementes de pepinos.

Conversar com Tatiana Vassílievna foi um prazer enorme! Até hoje ela se aflige, humanamente e como mulher, com a carga que teve de suportar a companheira de Tolstói.

E nós dois juntos folheamos o livro de despesas e receitas que Sófia Andrêievna fazia pessoalmente, porque não confiava o “Sancta Sanctorum” a seu caixeiro Kóring. Por que se esforçava tanto essa mulher heroica? Que fazenda rica era essa que seu marido abandonara?

A receita de Iássnaia Poliana no ano 1910: 4626 rublos e 29 copeques. E as despesas: 4523 rublos e 11 copeques. O total da renda anual da fazenda: 103 rublos e 38 copeques.

Em 1911, a economia da fazenda foi mais bem-sucedida. Com a despesa de 5633 rublos e 46 copeques e a receita de 6371 rublos 93 copeques, o lucro foi de 738 rublos 47 copeques. Esse valor ela incluiu no livro de 1912 como “saldo para 1912”. Era aquele valor líquido que ela recebia por *um ano inteiro* que uma boa dona de fazenda não gasta em vestidos ou prazeres, mas investe no desenvolvimento de sua economia.

É aí que começa o mais interessante.

O que fazia a receita de Iássnaia Poliana?

“Despesas” eram “salários de empregados” (1690 rublos), “jornadas de trabalho” (576 rublos e dois copeques), “reformas e construção de dependências” (308 rublos e vinte copeques), “compra de feno e palha” (411 rublos e 36 copeques), “compra e conserto de equipamentos” (228

rublos e 75 copeques), “provisão para empregados” (114 rublos e 45 copeques) e até um gasto imprevisto como “compra de *tulup*¹⁷⁷ para o circassiano”, contratado por Sófia Andrêievna para defender Iássnaia Poliana de seus próprios camponeses.¹⁷⁸

E a receita? A fonte principal da receita era o arrendamento de prados – 1200 rublos e quatro copeques. A segunda, pela importância, o arrendamento de terras: 342 rublos e cinquenta copeques. A terceira, venda do excesso de laticínios: 258 rublos e 95 copeques. As outras fontes não eram grandes: “couros” (treze rublos e 65 copeques), “venda da caça” (22 rublos e sessenta copeques) etc. E, por fim, 15 multas cobradas dos camponeses, apanhados cortando a floresta, estragando os prados ou cometendo outros abusos e apanhados por aquele mesmo circassiano de *tulup* de dez rublos. No ano de 1910, elas representaram quinze rublos.

Vendo essas cifras, ficamos perplexos. Será que por causa desses míseros quinze rublos por ano acontecia essa verdadeira guerra entre o casal, que fez o marido deixar sua propriedade, vendo como o circassiano puxava no laço os pobres camponeses da floresta?!

Mas isso é apenas a primeira impressão, e é falsa. Justamente por ser uma fazenda pequena, Iássnaia Poliana exigia um controle severo e escrupuloso. Para que a receita ao menos correspondesse às despesas, não só cada rublo, mas cada copeque tinha de ser contado, porque era deles que se formava o balanço anual.

Segundo T. V. Komarova, Sófia Andrêievna tinha dois ajudantes: o caixeiro e o jardineiro-apicultor. Todo o trabalho em casa era feito por vinte pessoas. E, para a manutenção delas (salários e provisões), gastava-se quase um terço do orçamento. Outros dois terços destinavam-se à manutenção do bom estado das construções, equipamentos e instrumentos, à forragem para o gado etc., mas certamente não às diversões. Na realidade, isso era uma economia natural.

E, de repente, vemos que, na coluna “Receita”, o maior valor não está entre os itens “prados”, “terras” ou “laticínios”, mas num item misterioso, “Recebido de S. A. Tolstaia”, inscrito com a letra dela, sem explicações. Recebido de que maneira?

Anualmente, Sófia Andrêievna investia em Iássnaia Poliana mais de 2 mil rublos em espécie. Em 1910, essa receita era de 2521 rublos e 29 copeques e, em 1911, de 2491 rublos e 92 copeques. Mas é mais fácil entender isso examinando a folha do mês de novembro de 1912, e não a folha do resumo anual. “Receita” – 256 rublos e 84 copeques. “Despesa” – 256 rublos e 60 copeques. “Saldo” – 24 copeques. No item “Receita” está anotado: (deles cem rublos de S. A.)”

Então, em novembro de 1912, para obter vinte copeques de lucro de Iássnaia Poliana, Sófia Andrêievna gastou cem rublos seus. No entanto, após a partilha dos bens, ela já não possuía nada além de Iássnaia Poliana. De onde então ela arranjava os 2 mil rublos anuais? É claro que depois da partilha e antes de receber a pensão anual do Estado como viúva (10 mil rublos), esse dinheiro só podia entrar da venda de obras do marido.

O PESADELO DO COPYRIGHT

Antes da morte de Tolstói, Sófia Andrêievna recebia direitos autorais sobre todas as obras dele, dados a ela pela procuração geral de 1883, embora nela não constassem as palavras “direitos autorais” e, a partir do ano 1891, pela vontade de Tolstói, seu *copyright* ficou limitado às obras escritas até 1881. E isso foi a fonte de renda comum deles. Esse dinheiro cobria todos os gastos com Iássnaia Poliana e, com ele, comprava-se tudo o que era necessário para a manutenção da casa em Moscou e muitas outras coisas, sem as quais não poderiam viver nem ela, nem o marido, nem os filhos. Nessa mesma época, o valor da propriedade literária de Tolstói crescia em progressão geométrica. Apesar de ele ter se recusado publicamente a receber direitos autorais, os editores não perdiam as esperanças de obter a

exclusividade da edição de suas obras. No fim de sua vida, elas foram avaliadas pelos editores estrangeiros em 10 milhões (!) de rublos/ouro. Pelos direitos que pertenciam a Sófia Andrêievna ofereceram 1 milhão.

Somente com a comparação dessas somas astronômicas redondas com as cifras no livro “Despesas-Receitas” pode-se entender que bomba foi colocada na base do relacionamento conjugal dos Tolstói. Só depois disso é possível entender toda a problemática dessa família e, por estranho que pareça, respeitá-la ainda mais. É fácil amar o pai e se comover quando ele dá a última camisa ao mendigo. Mas tentem se conformar com a perda de milhões! Os lances eram altos demais.

Não é de se estranhar que, desde o início dos anos 1880, os conflitos na família dos Tolstói, ligados à sua radical atitude cristã em relação à propriedade, surgissem constantemente. O estranho é que esses conflitos não tenham explodido a família definitivamente.

A admiração pelo pai e por seu grande talento e a compreensão da situação dramática da mãe não deixaram que o clã dos Tolstói se dispersasse no espaço humano, como aconteceu com famílias menos conflituosas.

Os conflitos na família dos Tolstói eram atípicos devido ao fato de que, desde o início dos anos 1890 e até o fim da vida de Tolstói (e por algum tempo após sua morte), eles se tornavam públicos. A ampla discussão sobre eles na imprensa colocava a família numa situação torturante. Não há dúvida de que isso prejudicou gravemente o gênio de Sófia Andrêievna, que, já sem isso, tinha tendência à histeria, e acabou levando-a ao limite da alienação psíquica.

Não foi fácil também para os irmãos mais velhos. No dia 8 de maio de 1890, no jornal *Nóvoie Vrémia*, foi publicado um extrato do relatório do promotor-geral do sínodo de 1887, dizendo que, já naquele ano, Tolstói “não tinha possibilidade de prestar ajuda aos camponeses de Iássnaia Poliana nas mesmas dimensões porque os filhos mais velhos começaram a

limitar sua prodigalidade”. Isso foi uma mentira deslavada. Os filhos ficaram perturbados e, em 27 de maio, Serguei, Iliá e Lev Lvóvitch publicaram, no mesmo jornal, uma nota bastante convincente, desmentindo o fato. Mas os desmentidos nunca convencem o público e até o inclinam a pensar o contrário: se estão se justificando, é porque têm culpa!

No entanto, no começo dos anos 1890, o clima na família começava a adquirir um caráter realmente dramático. O ano de 1891 foi uma espécie de rubicão, após o qual já não poderia haver paz na família e, assim como a cisão no relacionamento conjugal do início dos anos 1880, deveria inevitavelmente acabar nas duas tentativas de “partida” de Tolstói da família (1884 e 1885), assim como a crise de 1891 deveria infalivelmente acabar em alguma explosão. E foi isso que aconteceu em 1895 e em 1897.

Logo depois da partilha dos bens, em abril de 1891 (legitimada em 1892), Tolstói levanta a questão da renúncia aos direitos autorais. Para seus filhos, que naquela época não tinham nada a ver com esses direitos, a questão dificilmente representava algum interesse. Mas, para a esposa do escritor, essa recusa era um golpe sério e até terrível. Pois, pela procuração de 1883, ela era a detentora exclusiva dos direitos autorais sobre as obras dele. Além disso, ela era sua editora e se dedicava a isso com toda a paixão, e não só por interesse comercial.

Todas as obras importantes escritas por Tolstói antes de sua revolução espiritual, exceto a trilogia autobiográfica e *Contos de Sebastópolis*, foram criadas com a participação imediata de Sófia Andréievna. Ela era copiadora, conselheira e até censora de seu marido. Assim, por insistência dela, Tolstói excluiu de *Guerra e paz* uma cena íntima com Elen Kuráguina no quarto de banho. A esposa convenceu-o de que essa cena não permitiria recomendar a leitura de *Guerra e paz* para os jovens.

A recusa de Tolstói a receber direitos autorais foi um atentado não só contra a propriedade material da esposa, mas contra a espiritual também. Em todo caso, ela recebeu isso como uma ofensa pessoal. Por isso, ao

recusar, com relativa facilidade, a parte maior da propriedade material dos cônjuges em favor dos filhos, ela demonstrou uma obstinação que tomou a forma de sabotagem da vontade de Tolstói.

Pois bem: em 1883, ele passou seus direitos autorais para a esposa. Notemos que Tolstói fez isso quando já não se considerava no direito de receber a renda de suas obras nem de suas propriedades. Dessa maneira, ele passava o “mal” da propriedade literária para a esposa e, até o início dos anos 1890, consentiu com esse *status quo*. Então, por que, no início dos anos 1890, ele novamente levantou a questão, entendendo muito bem o quanto ela era dolorosa para a mulher?

Em 11 de julho de 1891, três meses após a partilha das propriedades de Tolstói, ele enviou de Iássnaia Poliana para Moscou uma carta, na qual procurava, de maneira branda, persuadir a mulher a *ela mesma* publicar nos jornais o anúncio sobre a recusa dele a receber os direitos autorais sobre as obras escritas a partir de 1881. Ele procurava justamente *persuadir* e até recorreu a uma artimanha.

Todo esse tempo eu pensei em escrever e publicar o anúncio a respeito de minha recusa a receber direitos autorais sobre meus últimos escritos, mas não cheguei a me concentrar nisso. Agora, com a repreensão do público por exploração, como escreveu um operário, creio que até seja melhor que você mesma, em seu nome, publique nos jornais esse anúncio. Pode ser em forma de uma carta ao editor:

“M. G., peço que publique em seu respeitável jornal o seguinte:

Meu marido, Lev Nikoláievitch Tolstói, recusa-se a receber os direitos autorais sobre suas últimas obras, concedendo aos interessados o direito de imprimi-las e publicá-las gratuitamente.”

O operário era Matvei Nikítitch Rumiántsev, almoxarife do depósito dos livros de Tolstói editados por Sófia Andrêievna. Entre o operário e ela discutia-se o preço de venda do décimo terceiro volume da obra completa

de Tolstói daquela época. Rumiántsev preveniu Sófia Andrêievna de que, se ela abaixasse o preço de varejo do volume, que tinha muita procura porque nele haviam sido incluídas as últimas obras de Tolstói, entre elas a escandalosa *A Sonata a Kreutzer*, os compradores anteriores que receberam o volume por assinatura ficariam descontentes e quebrariam os vidros das janelas do depósito, como tinha acontecido com Suvórin quando ele lançou a edição barata de Púchkin.

Todas essas manipulações dos preços de suas obras revoltavam Tolstói. E o próprio formato da edição parecia-lhe de mau gosto, destinado ao público citadino depravado, e não ao leitor do povo.

Todavia, Tolstói escolhia as palavras e procurava basear sua decisão nas vantagens da esposa. E não se tratava de todos os direitos, somente dos que incidiam sobre suas últimas obras. Tudo o que fora escrito até 1881 ele considerava propriedade da esposa e nem pensava em privá-la dessa fonte de renda.

O problema estava nesse azarado décimo terceiro volume! Justamente com a saída desse volume, verificou-se que era impossível dividir a obra de Tolstói em “antes” e “depois” de 1881. Isso era fácil de fazer na cabeça, mas não na prática da edição dos livros. O grande público não queria nem saber dessas sutilezas do entendimento do autor da evolução de sua obra. O público estava ansiando pelas novidades, pelas sensações. A sensação do décimo terceiro volume era *A Sonata a Kreutzer*.

É sabido como lhe foi difícil escrever *A Sonata a Kreutzer*. Suas numerosas variantes não satisfaziam Tolstói e, até o último momento, ele não tinha certeza se a história de ciúme terminaria como terminou – com o assassinato da esposa. Mas, mesmo depois da publicação, sua consciência de escritor não podia ficar tranquila. Atacado por inúmeras cartas com pedidos de explicações sobre o que ele quisera dizer com a novela, Tolstói se viu obrigado a dar um passo terrível do ponto de vista da dignidade de

escritor. Ele publicou um “Posfácio” à novela, explicando minuciosamente seu sentido.

A história da publicação foi talvez mais dramática do que a história de sua criação. O problema era que a esposa de Tolstói *odiava* essa novela. Sim, exatamente isso, não há uma palavra mais branda. Apesar disso, ela fez tudo o que era possível e até o que era impossível para que a novela viesse ao mundo. Sua viagem a Petersburgo e seu encontro com o imperador em abril de 1891, em razão da proibição censória do décimo terceiro volume da obra de Tolstói, foram descritos em seu diário e até destacados num conto com o título “Minha viagem a Petersburgo”. Ler essa obra da pena da esposa do escritor hoje é insuportavelmente penoso. Nele se juntou tudo: medo pela família, interesse material, vaidade da companheira do grande escritor e o estranho desejo de provar ao público que ela não era a protagonista daquela novela, já que ela mesma promovia a publicação.

O resultado dessa conversa com Alexandre III foi que ela conseguiu a permissão para a venda do volume e que o imperador concordasse em ser o censor pessoal de Tolstói. Para Sófia Andréievna, isso era uma vitória. O marido, porém, ficou profundamente indignado. A confiança entre ele e a esposa em tudo que se referia às questões de sua obra foi então definitivamente minada.

Os anos de 1890 e 1891, quando foi escrita e publicada *A Sonata a Kreutzer*, foram dos mais terríveis na história da família. Tolstói caiu numa profunda e prolongada depressão, inexplicável pela medicina. Macha queria se casar com Biriukov, o que não desejavam nem a mãe nem o pai, apesar de todo seu amor pelos tolstoístas. Com os pais ainda vivos, o egoísta Iliá exigia sua parte dos bens. Finalmente, a partilha foi feita. Logo depois, Tolstói exigiu a renúncia aos direitos autorais, e com isso levou Sófia Andréievna primeiro a fazer ameaças de apelar contra essa renúncia (“pelos interesses dos filhos”) e depois a tentar o suicídio, deitando-se nos trilhos

do trem. E, nesse período, ele escreveu *A Sonata a Kreutzer* e o “Posfácio” para ela, nos quais declara sua terceira “renúncia”. Era a renúncia à família, essa instituição multissecular, na base da qual ele agora só via luxúria e exploração sexual legitimada da mulher, enquanto as mulheres, em vez de se oporem a essa exploração, recorrem desde a mocidade aos meios mais sofisticados para atraí-la, como o desnudamento dos ombros e seios nos bailes, as nádegas postiças, o jérsei colante e outras “porcarias”.

O que podia Sófia Andrêievna pensar sobre essa novela depois de trinta anos de vida conjugal com o autor e do nascimento de treze filhos com ele? É fácil adivinhar. Para completar, o marido recusava-lhe o direito de copiar as novas obras dele, sentindo sua malevolência por elas. Mas não podia privá-la do direito de receber e arquivar os textos revisados, porque ela ainda era sua editora, sua agente literária e a detentora dos direitos autorais sobre todas as suas obras. O interesse comercial de Sófia Andrêievna pelo décimo terceiro volume era enorme, porque o interesse do público por ele era enorme. Mas a publicação do volume estava proibida e, ao mesmo tempo, surgia o boato (nos círculos do palácio real) de que a *A Sonata a Kreutzer* era sobre os ciúmes de Tolstói pela esposa. Ciúmes dela, que nunca lhe dera motivo para isso!

O nó era terrível. E cortá-lo só seria possível com a recusa total da participação no processo criativo do marido ou com o frio e pragmático uso de seu direito à publicação, a despeito de tudo, até que ele mesmo resolvesse o problema.

E o que fez Sófia Andrêievna? Ofendida com o marido por ele não deixar que ela entrasse no santuário de seu trabalho criador, onde confiava a datilografia de suas obras a Macha e Tânia, ela, secretamente, começou a copiar os diáriozinhos dele, aqueles mesmos que ele a obrigara a ler no começo dos anos 1860, mas nos quais, passados trinta anos, ele a proibia de tocar, sentindo algo anormal. A partir do outono de 1890, ele começou a

esconder seus diários e não sabia que uma parte deles já estava escondida na cômoda da esposa e sendo copiada por ela durante as noites.

No comportamento de Sófia Andrêievna havia certo masoquismo. Esses diários avivavam suas antigas feridas e ciúmes e provocavam raiva do marido.

“Ele nunca soube amar, *não se acostumou* desde jovem”, conclui ela em seu diário.

“... como eu o idealizava, por quanto tempo não quis entender que nele só tinha lascívia.”

E ela acaba encontrando no diário dele este trecho:

“Amor não existe, existe apenas a necessidade carnal de uma relação e a necessidade racional de uma companheira de vida.”

Isso a fez explodir!

“Sim, se eu tivesse lido essa convicção dele 29 anos atrás, por nada teria me casado com ele...”

E, de repente, em sua consciência, tudo isso se ligava a *A Sonata a Kreutzer*, cuja revisão ela fazia naquele tempo. Com sua intuição feminina, Sófia Andrêievna percebeu que a base dessa novela eram os sentimentos íntimos e obscuros de Tolstói, o que, aliás, era fácil de entender não sendo esposa dele, por ser tão comovida a confissão de Pózdnichev, o protagonista da novela. E, no entendimento dela, a cadeia “luxúria – ciúme – assassinato” aplicava-se à história de seu relacionamento com o marido, especialmente a dos últimos tempos. “Ele está me matando sistematicamente e me expulsando de sua vida pessoal”, escreveu ela em seu diário. Isto é, não se tratava de ciúme, ao contrário, tratava-se de um esfriamento. Mas a base desse esfriamento era aquela mesma luxúria, uma luxúria insatisfeita.

“Como são visíveis os laços entre os velhos diários de Lióvotchka e sua *A Sonata a Kreutzer*”, exclama Sófia Andrêievna em seu diário. “E eu,

por acaso, caí como uma mosca nessa teia de aranha que sugava meu sangue.”

Em *A Sonata a Kreutzer*, Tolstói abria os abismos negros e chamava os demônios da escuridão para mostrar o perigo mortal da união conjugal, baseada no instinto sexual. A companheira de Tolstói entendeu isso de uma maneira estreita demais. No entanto, a publicação de *A Sonata a Kreutzer* tornou-se, para ele, uma questão de princípios.

Em abril de 1891, em Petersburgo, aguardando a audiência com o imperador, Sófia Andréievna negociou com I. A. Vsevólojski, diretor dos teatros imperiais, a encenação da peça de Tolstói *Frutos da educação*. Assim como *A Sonata a Kreutzer*, a peça fora proibida e podia ser apresentada apenas nos teatros domésticos. Ao ver *Frutos da educação* no repertório dos teatros imperiais publicado em *Nóvoie Vrémia*, Sófia Andréievna foi imediatamente defender seus direitos. Sua conversa com o diretor, detalhadamente reproduzida no diário, dá uma impressão estranha. Por um lado, recusou ao teatro o direito de exclusividade à peça, alegando a vontade do marido, que não queria restringir a divulgação de suas obras. Por outro, comportou-se como a detentora plenipotenciária e agressiva desses direitos de exclusividade, ficou irritada e, por dentro, chamou os funcionários teatrais de “grosseirões”. Vsevólojski queria comprar o direito à encenação da peça *Frutos da educação* por 10% da receita bruta e exigia o direito de processar os teatros particulares em caso de encenações da mesma peça. Senão, ele pagaria apenas 5%. Sófia Andréievna idignou-se com essa pechinha cínica. Mas acabou conseguindo dele os 10% da receita sem lhe ceder a exclusividade. A mulher de Tolstói revelou-se uma agente literária experiente.

Em que ela pretendia empregar esse dinheiro? “Serioja, meu filho, sugere doar esse dinheiro aos estabelecimentos beneficentes da imperatriz Maria”, escreveu ela. “Faria isso de boa vontade, mas meus nove filhos precisam de tanto dinheiro! De onde vou tirá-lo?”

Quais foram os motivos de Sófia Andréievna quando, depois de receber a proposta de ela mesma publicar a carta sobre a renúncia aos direitos autorais, ela praticamente sabotou o pedido do marido? Interesses comerciais? É claro que não. Sófia Andréievna tinha uma personalidade complicada. O mais provável é que naquele momento ela tenha sentido que estava perdendo o último controle sobre seu grande companheiro, seu “Lióvotchka”. O sucesso da editora popular Posrédiik e, sobretudo, a atenção e o amor que seu marido dava a ela, feriam sua ambição de editora e o amor-próprio de uma mulher autoritária que não queria dividir o marido com ninguém.

E talvez nisso estivesse seu erro.

No início dos anos 1890, Tolstói ultrapassou a si mesmo. Ele já não era simplesmente marido e escritor. Ele se tornara uma grandiosa figura espiritual, cuja influência na Rússia só podia ser comparada com o poder do czar e da Igreja ortodoxa. Seu prestígio, não só na Europa e na América do Norte, mas também no Oriente, nos países budistas, hinduístas e muçulmanos, crescia como uma avalanche de neve. Ele se transformava num filósofo do nível de Lao Tsé e Confúcio, Schopenhauer e Nietzsche. Dez anos depois e até antes, uma multidão de peregrinos de todo o mundo afluiria a Iássnaia Poliana, ao grande ancião, mestre deste mundo.

Não era possível ter “direito exclusivo” a um homem como ele. Não era possível “não o dividir” com todo o mundo. Era preciso se conformar. Era preciso entrar em acordo com Tchertkov. Era preciso tornar-se *uma das figuras* ao lado do grande ancião. A despeito de tudo. A despeito dos nove filhos. A despeito da economia doméstica e do amor-próprio ferido. Não se pode dizer que a esposa de Tolstói não entendia isso. Em geral, é um grande erro pensar que Sófia Andréievna não entendia coisa alguma. Mas seu gênio nada simples, as peculiaridades de sua educação e, por fim, a *ofensa* da mulher cujo marido, depois de trinta anos de vida lado a lado, vai embora

“prontinho” para viver com outras pessoas não lhe permitiram pesar todos os “prós” e “contras” e tomar uma decisão sensata.

De qualquer maneira, aparentemente ela se viu obrigada a se conformar.

Vendo que não adiantava esperar da esposa a publicação da carta sobre a recusa dos direitos autorais e a resistência (“... enrubescida, irritada começou a falar que vai publicar... sei lá o que para me aborrecer”, escreveu ele em seu diário), Tolstói entendeu que não poderia fazer dela sua aliada.

Em 21 de julho, em Iássnaia Poliana, Tolstói disse firmemente que ele mesmo escreveria a carta para os jornais. Ela sabia que cedo ou tarde ele faria isso, mas não estava pronta psicologicamente.

“Dissemos coisas desagradáveis um ao outro”, escreveu ela em seu diário. “Eu o repreendi pela ânsia de fama, pela vaidade, e ele gritava que eu só pensava em dinheiro e que ele nunca tinha visto uma mulher mais tola e ávida que eu.” A briga terminou com o grito: “Vá embora, vá embora!”. E ela saiu decidida a dar cabo de si. Jogar-se nos trilhos do trem, como Anna Karênina.

É difícil dizer quão séria era essa decisão. Os ataques suicidas de Sófia Andréievna eram constantes, mas nunca davam em nada.

De qualquer maneira, ela anotou em seu caderninho que não tinha mais forças para *resolver* sozinha todos os problemas familiares” e, por isso, deixava a vida. Realmente, depois da renúncia de Tolstói à propriedade, a resolução de todos os assuntos e de todos os trabalhos cabia a ela. E, com isso, o marido privava a esposa da fonte financeira que eram as novas obras, que o público esperava e não as antigas. Além do mais, essa carta sobre a recusa confirmava publicamente as divergências na família Tolstói. Sófia Andréievna sentiu “toda a injustiça desse ato para com a família e que este protesto é a primeira divulgação do desacordo que existe entre ele a esposa”.

Ela correu para a estação Kozlova Zasseka “num estado de loucura total”. Já estava escurecendo, mas ela não sentia medo. E o pior era que ela entendia que seria “*vergonhoso* voltar para casa sem ter cumprido sua decisão”. Seu estado lembrava muito o de Anna Karênina. Faltavam-lhe porém as doses cavalares de ópio que Karênina tomara na véspera do suicídio.

Por sorte, no caminho, Sófia Andrêievna encontrou Aleksandr Kuzmínski, marido de sua irmã Tânia. Ele vinha da estação, chegara no trem noturno e estranhou ao ver a cunhada naquele estado. Ela tentou convencê-lo a deixá-la sozinha, dizendo que logo voltaria para casa. Mas isso seria um absurdo total, e ele insistiu para que ela voltasse com ele.

Assim foi descrita essa história no diário de Sófia Andrêievna.

Chegando a Iássnaia Poliana, ela se afastou do cunhado e foi ao açude para se afogar. E com a mesma motivação: “deixar a vida com os problemas acima de suas forças”. No arvoredado, foi atacada por um bicho, “cão, raposa ou lobo”, que não viu direito porque era míope.

O bicho a assustou, e isso a obrigou a voltar para casa, onde ela imediatamente foi ver o filho caçula, Vánietchka. “Ele já estava na cama e começou a me dar carinho, dizendo: ‘Mamãe, minha mamãe!’.” Depois veio o marido, animado, e deu-lhe um beijo, como se nada tivesse acontecido. Prometeu não enviar a carta até que ela mesma não chegasse a entender que era necessário agir daquele modo.

A última coisa da qual Sófia Andrêievna se lembrava era a mesma maldita *A Sonata a Kreutzer*. A novela não saía de sua cabeça. Algo nela a emocionava tanto, que ela finalmente entendeu: sua vida com Tolstói antes e depois de *A Sonata a Kreutzer* eram duas vidas diferentes. No fim daquele encontro noturno, ela disse ao marido que não mais viveria com ele como esposa.

Ele respondeu que ficava contente com isso. Ela não acreditou.

No dia 19 de setembro, no jornal *Rússkie Védomosti*¹⁷⁹ foi publicada a carta de Tolstói, reproduzida por muitos jornais:

Concedo a todos os interessados o direito a imprimir e publicar gratuitamente na Rússia e no exterior, em língua russa e em traduções, minhas obras que foram escritas a partir do *ano de 1881* e publicadas no décimo segundo volume da obra completa, editada em 1886, e no décimo terceiro volume, editado neste ano de 1891, assim como todas as minhas obras não editadas na Rússia e que podem vir a aparecer a partir do dia de hoje.

Tolstói atrasou a publicação da recusa para dar tempo à esposa de vender o décimo terceiro volume com *A Sonata a Kreutzer*. Ele cumpriu essa condição do acordo conjugal. Mas os direitos autorais sobre a novela e sobre tudo o que foi escrito a partir de 1881, e ainda aquilo que ele escreveria, ele tirou dela e deu a todo o mundo. No fundo, isso fora “pirataria legitimada”.

Mas o que significava “a todo o mundo”? Em primeiro lugar, alguém seria o primeiro a publicar uma nova obra. E alguém seria o primeiro a receber o original a ser traduzido para outra língua. E esse alguém estaria profundamente interessado em que o “direito à primeira noite” fosse observado pelo autor. Sobretudo, isso tocava aos editores estrangeiros que, sendo os primeiros a publicar e pagando o trabalho do tradutor, iam querer ganhar com isso e não iam querer saber de entender a grandeza da alma russa. Portanto, era necessário um agente literário que ficasse de olho, para que a nova obra não caísse nas mãos de qualquer um; que fizesse um acordo como editor sobre o direito da primeira publicação antes que essa obra fosse impressa por todos.

Em segundo lugar, a “pirataria legitimada” podia continuar somente até a morte do clássico. Enquanto ele fechava os olhos para o fato de que todos o publicavam e não pagavam nada. Mas logo que seus olhos se

fechassem para sempre, a “pirataria legitimada” cessaria, porque o escritor teria herdeiros. Publicando a carta em *Rússkie Védomosti*, Tolstói acreditava sinceramente que se livrava do último “mal” da propriedade. Ele agiu à generosa maneira dos russos, como um herói da epopeia russa que, com uma leve sacudidela, fez cair de seus ombros os demônios negros. Mas os demônios não desapareceram. Eles estavam esperando. O *copyright* ainda se vingaria de Tolstói.

ENTÃO DE QUEM É A CULPA?

Mas não sejamos hipócritas e indaguemos se os conflitos familiares estavam ligados ao esfriamento físico do homem envelhecido por sua mulher que, embora dezesseis anos mais nova, estava longe de ser uma mocinha. Leiamos atentamente, por exemplo, esta passagem das memórias dela. “Lev Nikoláievitch estava chegando ao fim de sua vida conjugal. No fundo de seu coração, ainda tinha um resquício de amor por mim e pelas filhas das quais precisava e cuja companhia lhe era agradável, mas se afastava rapidamente, e eu cada vez mais sentia minha solidão e minha responsabilidade por mim e pela família”.

Essa comovente revelação já fala por si. Mas uma palavra nos deixa confusos: “rapidamente”. Essa recordação refere-se a 1894. *Rapidamente?* A primeira partida de Tolstói de casa acontecera dez anos antes, em 1884. Depois de 1894, eles viveram juntos mais de quinze anos. Portanto, se Tolstói estava mesmo se afastando, não era “rapidamente”.

Nossa pergunta é respondida positivamente nos diários de M. S. Sukhótin, genro de Tolstói. Mas quando? Em 1910. “Por estranho que pareça, a frieza total de Tolstói em relação à esposa podia ser notada por qualquer pessoa que morasse em sua casa somente nos últimos anos e, especialmente, neste ano. Será que isso acontece gradativamente, à medida que o corpo envelhece?”

Nem nas cartas nem nos diários de Tolstói dos anos 1890 nós encontramos sinais de esfriamento. A resposta muito mais convincente a essa pergunta é sua carta à esposa escrita em Iássnaia Poliana em novembro de 1896.

Você me pergunta se eu continuo te amando. Meus sentimentos por você são tais que, creio eu, não vão mudar nunca, porque neles há tudo o que pode ligar duas pessoas. Não, não tudo. Falta a concordância exterior em crenças. Digo “exterior” porque acredito que a discordância seja apenas exterior, e o que é exterior desaparece, tenho certeza disso. Liga-nos o vivido, os filhos, a consciência de nossas culpas, o carinho e uma *atração invencível*.¹⁸⁰

Que “atração invencível” ele tinha em vista? É claro que seria grosseiro considerar isso só como atração sexual. Mas seria ridículo ver nisso apenas o amor platônico pela mulher. Mesmo no fim dos anos 1890, quando ele ultrapassava o limiar septuagenário de sua vida.

Justamente nesse período, ele tinha ciúme dela com Tanêiev, músico e compositor que começou a aparecer frequentemente na casa em Khamóvniki e passou o verão em Iássnaia Poliana como se fosse sua casa de campo. O amor de Sófia Andrêievna pela música (em comum com o marido) e sua antiga insatisfação com o próprio desempenho ao piano causaram nela uma atração doentia pelo brilhante músico, aluno de Tchaikóvski, o que até os filhos mais velhos viam com desaprovação. Quanto a Tolstói, aparentemente ele mantinha um relacionamento amistoso com Tanêiev (ouvia-o tocar piano, conversava, jogava xadrez), mas apresentou um ultimato a Sófia Andrêievna: “Ou eu, ou ele!”.

Quando, em fevereiro de 1897, Sófia Andrêievna pretendia ir a Petersburgo para assistir ao ensaio de Tanêiev, Tolstói escreveu-lhe uma carta de Nikólskoie-Oboliáninovo:

É doloroso e humilhante ver como uma pessoa totalmente estranha, não necessária e que não é interessante em sentido nenhum manda em nossa vida, envenena os derradeiros anos ou o derradeiro ano de nossa vida. É humilhante e penoso ter que se informar sobre quando e aonde ele viaja, onde e o que vai tocar.

Em maio do mesmo ano, a ciumenta de Tolstói chegou ao cume. Ele estava em Iássnaia Poliana e a esposa em Moscou, mas ela se viu obrigada a ir a Iássnaia Poliana para amainar a raiva dele.

Logo depois de sua volta para Moscou, ele lhe envia uma carta que não seria citada, se ela não demonstrasse tanta força jovem e poética num velho de quase setenta anos.

Tolstói começa com o aviso: “Leia sozinha”.

O meu despertar seguido de seu aparecimento é uma das impressões mais fortes e felizes de minha vida; e isso sendo eu um velho de 69 anos e você uma mulher de 53 anos... O verão apressa-se a viver – o lilás já empalidece, a tília já está para abrir suas flores no fundo do jardim, no meio da folhagem densa mexem-se as rolinhas e os papa-figos, o rouxinol canta debaixo da janela, com uma musicalidade surpreendente. Já é noite, as estrelas brilham como se tivessem sido lavadas, e depois da chuva vem o aroma do lilás e das folhas de bétula. Esta noite, logo depois que você partiu, Serioja bateu em minha janela, e eu gritei com felicidade: “Sônia!”. Não. Era Serioja.

Mas não passou uma semana até Tolstói escrever outra carta, furiosa e ciumenta, com a ameaça direta do divórcio.

Nela nem se falou de divergências espirituais e de desentendimentos. Pelo contrário, estava tudo muito claro.

Tolstói exigia que a esposa colocasse um fim no relacionamento com o homem no qual ele via um rival.

Para mim, sua aproximação de Tanêiev não é apenas desagradável, mas terrivelmente torturante. Vivendo nestas condições, eu enveneno e encurto minha vida. Já faz um ano que não consigo trabalhar e não vivo, só me torturo. E você sabe disso. Já lhe falei com irritação, com súplicas, e ultimamente já não falava nada. Tentei de tudo e nada adiantou: a proximidade continua e até progride e, pelo que vejo, não vai acabar nunca.

Ele lhe propõe cinco opções a escolher:

1. Terminar o relacionamento com Tanêiev (“nem encontros, nem cartas, nem meninos, nem retratos... mas a libertação total”);
2. Ele partir para o exterior, separando-se dela para sempre;
3. Ambos partirem para o exterior e viverem lá até que Tanêiev saísse da cabeça dela;
4. Eles continuarem vivendo como antes, fazendo de conta que nada estava acontecendo, mas isso seria o mais terrível para ele;
5. Ele tentar mudar sua atitude em relação ao envolvimento da esposa e ficar esperando por um desfecho natural. Mas dificilmente teria forças para isso.

Tolstói não postou a carta e, no dia seguinte, viajou a Pirogovo, onde morava seu irmão Serguei, para desabafar. Em julho, Tanêiev, que não suspeitava de nada, chegou a Iássnaia Poliana. E foi durante a estada dele por lá que Tolstói escreveu aquela famosa carta que costumam citar como a base filosófica mais profunda de sua partida.

... como os hindus aos sessenta anos vão embora para as florestas porque todo homem velho e religioso quer dedicar seus derradeiros anos a Deus e não a brincadeiras, trocadilhos, fofocas e tênis, assim eu, entrando no septuagésimo ano de minha vida, desejo com toda a minha alma esse sossego, isolamento e concórdia, embora não total, mas não a

gritante divergência de minha vida com minhas crenças e com minha consciência.

Grandes palavras! Com que entusiasmo cita-as Ivan Búnin em seu livro *A libertação de Tolstói*. E não só cita simplesmente, mas usa-as como chave para o mistério da partida do ancião de Iássnaia Poliana.

Como os hindus vão embora para as florestas. Como os velhos querem dedicar seus derradeiros anos a Deus. Isso era verdade, é claro. E continuaria sendo verdade treze anos depois, quando a partida finalmente se realizaria.

O problema filosófico da partida de Tolstói é, por um lado, tão complicado (sobre isso foram escritas dezenas de trabalhos por grandes filósofos e teólogos) e, por outro, tão transparente e majestoso como um lago profundo, que resta apenas admirar, como Tolstói soube expressá-lo em poucas palavras na carta de julho de 1897. Nisso está a diferença principal entre o gênio e o talento. Dar um sentido ao ato mais excêntrico, causado por conflitos familiares, sobre o qual vão matutar várias gerações. Elas tentarão decifrá-lo como “código”, prová-lo em seus próprios destinos, discuti-lo e às vezes repeti-lo, mas nunca com sucesso.

Sua partida Tolstói deixou amadurecer em sua cabeça por 25 anos, como uma grande obra. Ele a revisou várias vezes, até no papel, como vemos. E, finalmente, realizou-a espontaneamente e não na hora certa. Não se vai para as florestas num outono frio e úmido que transita para o inverno.

E havia outras palavras naquela carta.

“Se eu fizesse isso abertamente, haveria súplicas, censuras, discussões e queixas, eu poderia afrouxar e não cumpriria minha decisão, que devia ser cumprida. Por isso, perdoem-me se meu ato lhes causar dor, e em seu coração, sobretudo você, Sônia, deixe de boa vontade que eu me vá, não me procure, não lamente e não me julgue.”

A incompatibilidade com a esposa foi uma das principais causas da partida de Tolstói. E não foi à toa que os anos 1890 foram sonorizados com as melodias funestas de *A Sonata a Kreutzer*. Antes de tudo, Tolstói desistiu do projeto familiar que planejou nos anos 1850 e descreveu na carta a Iergólskaia. O projeto fora realizado, só que agora não lhe convinha mais. O papel do bom marido e de pai que amealhava tesouros materiais para os filhos e netos na “arca” de seus antepassados já não lhe era interessante. Era repugnante como um caixão.

O horizonte de sua visão tinha uma amplitude incrível. Ele punha em dúvida a Igreja, o Estado, os ideais públicos. No mundo que estava à beira de cataclismos, de monstruosos massacres e de revoluções (e é o que aconteceria!), ele procurava uma base salvadora e a encontrou na comuna camponesa que cumpria o mandamento de Deus: com o suor do rosto, ganhar o pão de cada dia e não procurar a chance de se acomodar da melhor maneira neste mundo pecador, mentiroso e antinatural, onde a maioria labuta e passa fome e a minoria vive no ócio, empanturra-se, atavia-se, fornicava e comete os atos mais ilegais do ponto de vista cristão, e, com tudo isso, ainda é considerada cristã. Tolstói procurava juntar as religiões e as práticas morais num modelo de conduta moral acessível a todos, e é claro que ele vagou e errou nesse caminho, mas continuou, diária e insistentemente, seguindo a grande sabedoria chinesa: a cada dia, começar uma vida nova. Ele procurava o próprio ponto de vista na correlação “Deus/ser humano” e o encontrou em sua descoberta de que a personalidade humana é uma parte da divindade e somente por meio do amor entre essas partes sofredoras seria possível sua expansão espiritual e sua união num Todo. À luz disso, o tema da continuação da espécie deixou de interessá-lo, assim como não lhe interessava mais a reprodução dos coelhos. Mas a família se criou para a continuação da espécie. E a família não lhe interessava mais. Ele já escrevera *Guerra e paz* e *Anna Karênina*. Ele já dissera tudo sobre esse assunto. Melhor que todos os outros.

E, nessa época, apareceu Tanêiev. *A Sonata a Kreutzer* adquire uma encarnação caricatural. É claro que o violinista, a causa do ciúme de Pózdnichev, não era parecido com Tanêiev. Era um calhorda, “músico semiprofissional”, “homem semipúblico”, enquanto Tanêiev era o melhor aluno de Tchaikóvski e também um compositor renomado. Foi como se o diabo tivesse feito Tolstói dar à sua personagem traços não completamente masculinos. “Os olhos amendoados, úmidos, os lábios vermelhos sorridentes, brilhantina no bigodinho penteado à moda, o rosto bonitinho e vulgar, aquilo que as mulheres chamam de ‘nada mal’, a compleição fraca, mas não feia, e o traseiro bem desenvolvido...”

Naquele verão, Tanêiev estava hospedado na casa dos fundos da propriedade de Tolstói, musicava, jogava xadrez e, involuntariamente, deixava louca por ele a esposa de Tolstói. Sófia Andrêievna conta em seu diário que, quando ia ao jardim, conversava com o saudoso Vánietchka (!) e lhe perguntava:

“Será que é mau eu ter esse sentimento por Serguei Ivánovitch?” Hoje Vánietchka me afastou dele; pelo visto, ele simplesmente tem pena do pai, sei que não me censura; foi ele quem me enviou Serguei Ivánovitch e não quer tirá-lo de mim. Essa loucura temporária está, provavelmente, ligada à morte de meu filho, e todos os últimos acontecimentos coincidiram com o período feminino crítico (confessado no diário).

Essas anotações foram feitas em 5 de julho. No dia 8 de julho, Tolstói pretendia partir e escreveu aquela famosa carta sobre os hindus. Mas, ao mesmo tempo, escreveu também outra. A primeira e a segunda carta Sófia Andrêievna lia somente após a morte do marido. Tolstói teve consciência e bom-senso suficientes para não abandoná-la quando ela se sentia profundamente infeliz e estava abalada psiquicamente. A partida ficou em sua mente como mais um “rascunho”. No entanto, ele guardou as cartas sob o forro de oleado de uma poltrona em seu escritório. Foi um ato muito

estranho. Ele mostra que Tolstói simplesmente adiou a partida, guardando a argumentação até uma outra ocasião.

Em 1907, Tolstói tirou as cartas do esconderijo e deu-as a N. L. Obolênski, marido de sua filha Macha. Após a morte de Macha, Obolênski passou as cartas a M. S. Sukhótin. Tinha-se em vista que ambas fossem entregues a Sófia Andrêievna após a morte de Tolstói, o que foi feito.

Ao ler uma delas, Sófia Andrêievna rasgou-a imediatamente. A segunda, sobre os hindus, ela conservou.

Pela suposição lógica, a primeira referia-se ao relacionamento dela com Tanêiev. Em 1910, isso já não tinha sentido nenhum. Já a segunda, que pelo conteúdo coincidia com a carta que Tolstói escrevera antes da partida de 1910, não envolvia o nome da esposa. Ambas apresentavam a partida como um ato derivado exclusivamente de sua concepção de mundo.

O conflito de 1897 não foi a única cisão no relacionamento do casal nos anos 1890, talvez a mais complicada década na história da família. No começo de 1895, pouco antes da morte de Vánietchka, que aproximou os pais, a própria Sófia Andrêievna tinha loucos ciúmes de Tolstói com a jovem editora da revista *Séverni Véstnik*,¹⁸¹ L. I. Gurêvitch.

Essa revista era uma das melhores revistas literárias dos anos 1890 e uma das mais radicais. Ela, além de Tchêkhov, Leskov e Górkí, publicava Sologub, Balmont, Guíppius e Merejkóvski. Nessa revista nasceu o simbolismo russo. Tolstói atendeu aos pedidos insistentes de Gurêvitch por seu conto “O patrão e o empregado” nessa revista. Sófia Andrêievna ficou extremamente revoltada!

Ela não se conformava totalmente com o fato de não ter mais os direitos sobre a obra do marido. E, se foi complicado para ela resistir à edição dos livrinhos populares da editora Posrédnik, que saíam da tipografia de Cítin, a decisão de Tolstói de entregar uma nova e excelente obra literária a uma revista em voga dava a ela o direito moral de recriminar a inconsequência e a vaidade de Tolstói.

Provavelmente, Gurêvitch não vacilou em usar de seu encanto feminino. Isso deixou Sófia Andrêievna fora de si. Tchertkov e Biriukov com seus livrinhos de um copeque que não rendem nada era uma coisa. Mas essa “espertalhona” Gurêvitch, mestiça judia, com suas lisonjas sempre conseguia tirar dele alguma coisa para sua revista. O diário de Sófia Andrêievna do começo de 1895 ardia de raiva. Ela entendia que o marido havia escrito um “conto maravilhoso”. Sófia Andrêievna não tinha problema nenhum com o gosto literário. Suas avaliações da obra do marido, espalhadas nos diários e cartas, quase sempre eram acertadas. E justamente esse conto maravilhoso, “O patrão e o empregado”, que ela queria incluir no décimo terceiro volume a ser reeditado, escorreu-lhe das mãos.

Agora Lev Nikoláievitch não cobra nada por suas obras. Então porque não imprime num livrinho baratinho pela Posrédiik, para que *todo* o público tenha a possibilidade de ler? Aí eu entenderia e simpatizaria com isso. Ele não deu a mim para eu não poder ganhar um dinheirinho em cima, mas para Gurêvitch sim. A troco de quê? Dá uma raiva! Estou procurando algum meio que seja justo com o público e a favor do público, e não de Gurêvitch, só por desaforo. E vou achar.

Ao ciúme de editora juntava-se o simples ciúme e a ofensa da mulher cujo marido não queria lhe ceder nada.

Mas Tolstói já tinha estabelecido para si essa regra, de que a família não ganharia nada com sua obra. Eis que a teimosia masculina, por um lado, e a má vontade de se conformar, por outro, resultariam, no dia 21 de fevereiro de 1895, em Moscou, em Tolstói declarar mais uma vez que tinha resolvido ir embora de casa para sempre. A julgar pelo diário de Sófia Andrêievna, a causa do conflito era justamente Gurêvitch. “Lióvotchka estava tão bravo que subiu correndo, vestiu-se e disse que ia embora de casa e não voltaria nunca mais.”

A reação de Sófia Andréievna foi curiosa. “Passou pela minha cabeça que isso era apenas um pretexto e que Lióvotchka queria me deixar por alguma outra razão mais importante. E a primeira ideia foi que essa razão era outra mulher.” Ciúme, ciúme e mais uma vez o ciúme a torturava. E que reação instantânea!

Eu perdi todo o controle e, para não o deixar sair primeiro, saí correndo de casa e continuei correndo pela travessa. Ele me seguiu. Eu de roupão, e ele de pantalonas, sem blusão, só de colete. Pedia-me para voltar, e eu só tinha um pensamento – morrer, não importava de que maneira. Estava em prantos, gritava que me levassem para o distrito ou para o manicômio. Lióvotchka me arrastava. Eu caía na neve, os pés sem meias, só de sapatos. Debaixo do roupão – apenas a camisola.

Nesse tempo, Vánietchka já delirava, com febre alta. O filho deles tinha apenas dois dias de vida.

Passarão alguns anos e Sófia Andréievna descreverá a morte de seu caçula nas memórias *Minha vida*, e o capítulo intitulado “Vánietchka” seria talvez sua melhor obra. Esse conto autobiográfico vale tanto quanto algumas obras do marido. A descrição do enterro de Vánietchka, que descansou em paz ao lado do irmão Aliocha, no cemitério Nikólskoie, perto da aldeia de Pokróvskoie, comove muito com um surpreendente retrato de Tolstói. Ele é feito de vários fragmentos, cada um com uma nova coloração na descrição do estado do marido, filósofo e pregador religioso que, de repente, se viu diante de uma questão insolúvel: como receber a morte do filho querido? Como compreender isso nos inimagináveis espaços universais, aos quais se dirigiam voando o pensamento e a alma de Tolstói? Como deveria ter sido enterrado o corpo da criança, se a esposa não o tivesse enterrado de acordo com o ritual ortodoxo negado por Tolstói?

Vánietchka foi enterrado. Um acontecimento terrível! Não, não é terrível, mas um grande acontecimento espiritual. Agradeço-Te, Pai. Agradeço.” Passadas duas semanas, Tolstói compreendeu a morte de Vánietchka como um acontecimento “feliz”, “caridoso”, que desenreda a mentira da vida e aproxima Dele. Ao mesmo tempo, escreveu em seu diário sobre a esposa: “Sônia continua sofrendo e não consegue se elevar à altura da religião... A causa é que ela depositou todas as suas forças espirituais, toda a sua alma no amor animal por sua criança, querendo conservá-la para si e dedicar sua vida a ela, mas não para o mundo, para Deus.

São palavras cruéis.

De qualquer maneira, os anos 1890 não mostram nenhum tipo de esfriamento. Ao contrário, foi um período quente até demais. Tolstói não era aquele hindu convencional que era capaz de renunciar à vida mundana e se isolar nas florestas. Era um homem russo muito complexo, forte e fraco, teimoso e sentimental, sábio e ciumento, meigo, delicado e, às vezes, cruel, até sem motivo explicável.

Quanto a Sófia Andréievna, seu estado mental e de espírito nos anos 1890 caracteriza, de um ponto de vista inesperado, sua novela, sua *A Sonata a Kreutzer*, com o título *De quem é a culpa?* (1892-1893). No frontispício do manuscrito, está escrito: “De quem é a culpa? A propósito de *A Sonata a Kreutzer*, de Lev Tolstói. De autoria da esposa de Lev Tolstói”. A menção dupla do nome de Tolstói, primeiro como escritor e depois como marido, já diz que Sófia Andréievna tinha uma visão dupla da novela: como escritora polemista e como esposa. A novela *De quem é a culpa?* foi publicada pela primeira vez em 1894, na revista *Oktiabr*.¹⁸² Mas houve leituras em voz alta de fragmentos da novela por grupos de pessoas que se reuniam em casa.

Do ponto de vista literário, *De quem é a culpa?* não é uma obra fraca. Porém, muitas coisas nela deixam o leitor confuso. Ver *A Sonata a Kreutzer* de Tolstói assim como a via Sófia Andrêievna significa não ver nada. No momento em que o marido caía no abismo, a esposa corria pela beirada desse abismo e gritava: “Nem todos pulam no abismo!”.

O mais interessante em sua novela não é seu sentido filosófico e psicológico, mas a atitude inesperada para com o marido e a história do casamento deles. *De quem é a culpa?* transformou-se em um desmentido não de *A Sonata a Kreutzer*, mas da história de amor entre Kitty e Lévin, em *Anna Karênina*, que era considerada um protótipo exemplar da história do amor entre Tolstói e Sófia Andrêievna jovens. Verificou-se que Tolstói via tudo de um modo, e a esposa, de outro, totalmente diferente.

O enredo resumido da novela é este:

O príncipe Prozórski tem uma paixão carnal por Anna, uma moça ideal. Ele a pede em casamento e se casa. Mas logo entende que aquilo que sua imaginação perversa lhe pintava sobre como seria a lua de mel com a esposa de dezoito anos na realidade transforma-se em tédio e num estado aflitivo da jovem mulher. Ele se ocupa com entusiasmo da economia doméstica. Nasce os filhos. Anna descobre que, antes do casamento, o marido teve uma amante, a camponesa Arina, o que é um golpe terrível para ela. Passam-se dez anos. Na casa deles aparece o antigo amigo do príncipe, Dmítiri Aleksêievitch Bekhmêtev. Ele acaba de voltar do exterior, onde mora a esposa, com a qual está em desavença. É uma pessoa doentia, fina e sensível, filósofo, pintor etc. A natureza delicada de Bekhmêtev atrai Anna, e o sentimento dele por ela é recíproco. O príncipe tem um ciúme louco. Bekhmêtev está morrendo de tísica. Pretendendo deixar a pátria para sempre, ele reúne os amigos em sua fazenda para se despedir. Lá chega Anna, mas sem o marido, que estava brigado com ela e com Bekhmêtev. Bekhmêtev pede que Anna suba à carruagem para fazer um passeio nas redondezas. Os dois conversam tranquilamente. Quando Anna volta para

casa, o príncipe, enfurecido, que todo esse tempo ficou imaginando as cenas mais sujas, joga contra a mulher o peso de papel e fere-a mortalmente na têmpora. Morrendo, Anna fala ao príncipe de sua total inocência e perdoa o assassino.

Não é difícil reconhecer o protótipo de Bekhmêtev. É o amigo próximo da família Tolstói, seu vizinho Leonid Dmítrievitch Urússov, já mencionado quando falávamos dos primeiros tolstoístas. Era uma pessoa muito cortês e inteligente, adorava a doutrina de Tolstói e foi o primeiro a traduzir para o francês seus tratados *Em que consiste minha fé?* e *Exposição sumária do Evangelho*. A esposa e todos os filhos de Tolstói, e até a criadagem, gostavam dele. A esposa de Urússov preferia morar em Paris, e ele a visitava de vez em quando. Urússov faleceu de tuberculose na Crimeia, em 1885, na presença de seu filho Serguei, menor de idade. Aliás, foi Tolstói quem acompanhou o amigo na viagem à Crimeia.

Sófia Andrêievna tinha um amor platônico por Urússov. Ao mesmo tempo, dedicou uma novela a Fet, que faleceu no ano em que foi começada a novela *De quem é a culpa?*. O relacionamento entre Sófia Andrêievna e Fet é uma história romântica à parte, cheia de poesia e sentimentos delicados.

A fidelidade da esposa de Tolstói está fora de qualquer questão. O que causa dúvida é a descrição do príncipe Prózorov, cujo protótipo fora Tolstói, feita com ira e desprezo. Ao ver Anna, ainda menina, Prózorov sente por ela os desejos mais baixos: “... ele a despia mentalmente, imaginava suas pernas esbeltas e todo seu corpo flexível, forte e virginal”. Ele diz para si: “Eu devo e não posso agir de outra forma a não ser possuir essa criança”. Tudo isso não se concilia em absoluto com o amor de Lévin por Kitty, no qual Tolstói propunha seu modelo da história do casamento com Sónietchka.

Deixa-nos pasmos também sua caracterização do príncipe como pensador.

Ele viajou muito, teve uma juventude agitada e alegre, ficou cansado de tudo e se alojou na aldeia, dedicou-se à filosofia e se considerava um pensador profundo. Escrevia artigos e, para muitas pessoas, parecia ser pessoa de grande inteligência. Somente os que eram realmente sensíveis e entendidos viam que, no fundo, a filosofia do príncipe era mísera e ridícula. Nos jornais, ele publicava artigos que não tinham nada de original e eram apenas um embaralhamento de ideias e temas antigos e batidos de uma série de pensadores antigos e atuais.

E ele embaralhava tão habilmente que a maioria do público lia-o até com certo entusiasmo, e esse pequeno sucesso fazia o príncipe feliz...

Em geral, qualquer característica do príncipe, isto é, de Tolstói, era horrenda. Quando se falava de seu olhar, era sempre “feroz”, se ele se alojava num hotel, era num quarto “sujo”.

Já as características de Anna, isto é, da autora, ao contrário, eram sempre elevadas acima do limite. Ela não é mulher, é Madona. “Os mais altos ideais de religiosidade e pureza.” “Com seu gosto artístico próprio, Anna decorou seu quarto de maneira tão bonita e original, com as flores e objetos que ela trouxe e com que o príncipe a presenteara, que ele ficou admirado.” “De menina magrinha ela se transformou numa mulher surpreendentemente bonita, sadia e enérgica. Sempre animada, ativa, rodeada por quatro crianças sadias e encantadoras...” “Era bela em sua indignação: seu rosto respirava energia e pureza, e os olhos escuros pareciam mais escuros e profundos pela expressão de amargura que tinha nele.”

O príncipe trata a esposa com “cinismo”. Praticamente ele a violenta com frequência e não se interessa pelo lado espiritual da personalidade dela. E, por isso, ela começa a refletir: “Será que é só essa nossa vocação feminina: servir com o corpo à criança de peito e depois passar a servir com o corpo o marido? E isso alternadamente e sempre! E onde está então a

minha vida? Onde estou eu? O eu verdadeiro, que outrora aspirava a algo elevado, a servir a Deus, aos ideais?”.

E eis que nesse momento aparece Bekhmêtev.

É o mesmo assunto de *A Sonata a Kreutzer*, mas tratado do ponto de vista feminino. Não nos esqueçamos de que *A Sonata a Kreutzer* é o monólogo de Pózdnichev, que é um doente mental, uma pessoa com a psique arruinada. Escrito, porém, por um Tolstói mentalmente sadio. O paradoxo da novela *De quem é a culpa?* consiste em a narrativa, escrita numa linguagem clássica, deixar a sensação de um terrível delírio.

O único defeito de Anna é ser ciumenta. Apesar do nojo que sente pelo relacionamento com o marido, tem pavor de que ele abandone a família e é capaz de tudo para conjurar esse perigo. “Ela resolveu usar de todos os meios para atrair e segurar o marido. Sabia vagamente desses meios, repugnantes para ela, mas o que é melhor?”

Seu ciúme do marido com Arina e com todas as amantes dele antes do casamento toma um caráter doentio de masoquismo e, a partir disso, suas relações com o marido tornam-se antinaturais. “Às vezes, agitada e enrubescida, ela exigia que ele lhe contasse de seus antigos casos amorosos.” “Anna lembrou tudo o que fazia para segurar o marido e sentiu nojo de si mesma.”

Quer dizer que a autora da novela entendia que a causa do relacionamento anormal em casa não era só o príncipe? O aparecimento de Bekhmêtev e sua amizade com ele são importantes para Anna porque ele é uma criatura como que assexuada. Ela não desperta nele o instinto sexual da “fera” enfraquecida pela doença, e ele não lhe causa ciumeira e não a faz enlouquecer. Bekhmêtev está muito doente e falta-lhe pouco tempo de vida. Bekhmêtev é um *homem morto*, mas em compensação, é um *amigo vivo*.

A novela *De quem é a culpa?* é um documento valioso para a compreensão do drama real, e não literário, da esposa de Tolstói. Estava sendo criada uma espécie de vingança literária. Ela tentou virar a *A Sonata*

a *Kreutzer* do avesso escuro para a face clara. A novela *De quem é a culpa?* respira decência e é moralizadora, diferentemente da novela do marido, terrível, fascinante e destruidora por sua força de ação. A intenção era escrever sobre uma mulher ideal que se viu sob o poder de um homem-demônio, depois achou um consolo na amizade com um homem-anjo e foi brutalmente morta pelo marido. Mas, no fim das contas, não ficou claro na novela de quem fora a culpa. E se houve culpa de alguém.

168 Em búlgaro, “Renascimento”. (N. da T.)

169 Pouco antes de morrer, Gautama foi tomado de inquietação. Ele passava de um lugar para outro e em nenhum deles permanecia por muito tempo. Um dia, foi recebido na casa de um ferreiro. O dono da casa não tinha o que oferecer ao ancião, além de carne seca de porco. Depois de comê-la, fortes dores começaram a atormentá-lo. Ele entendeu que sua morte estava próxima. Vestiu roupas limpas e pediu que fosse estendida no chão uma capa. Ao lado dele, estavam sentados o ferreiro, entristecido, e o aluno, que chorava. Buda consolava-os: “Eu não dizia a vocês que na natureza das coisas próximas e caras para nós está contido aquilo do que temos de nos separar?”. O ingênuo Ananda indignou-se com o Iluminado por ele ter escolhido para sua morte uma aldeiazinha desconhecida. (N. do A.)

170 Seita de cristãos espiritualistas, surgida na segunda metade do século XVIII, que repudiava rituais ortodoxos, sacramentos, sacerdotes e monges. Foram perseguidos pelo governo czarista por desobediência aos poderes e recusa do serviço militar. No fim do século XIX, emigraram para o Canadá, onde conservaram sua língua e suas tradições. (N. da T.)

171 A geração de Iliá seria a mais capaz de sobreviver na Rússia pós-Revolução. Sua filha mais velha, Anna, não emigrou, era casada com o professor P. S. Popov, amigo de Mikhaíl Bulgákov, e o escritor escondia uma parte de seus manuscritos na casa dela. Depois da guerra, dois filhos de Iliá, Iliá e Vladímir, emigrados para a Iugoslávia, voltaram à pátria. Entre os Tolstói que vivem atualmente, à geração de Iliá pertencem Vladímir Tolstói, diretor do Museu-Fazenda Iássnaia Poliana, Natália Tolstaia, artista plástica, e Piotr e Fiókla Tolstói, apresentadores de TV. (N. do A.)

- 172** Diógenes de Sínope (412-323 a.C.), filósofo grego. (N. da T.)
- 173** As discussões entre os pais. (N. do A.)
- 174** Em francês, “que isso acabe”. (N. do A.)
- 175** Biriukov. (N. do A.)
- 176** Falta de memória. Isso aconteceu em abril. (N. do A.)
- 177** Sobretudo forrado de peles. (N. da T.)
- 178** Todos os dados aqui e adiante são de 1910. (N. do A.)
- 179** Em russo, “Notícias da Rússia”. (N. da T.)
- 180** O itálico é meu. (N. do A.)
- 181** Em russo, “O Mensageiro do Norte”. (N. da T.)
- 182** Em russo, “Outubro”. (N. da T.)

O belo ídolo

Se antes da visita a Óptina e da chegada a Chamórdino pode-se falar da partida de Tolstói como uma mudança consciente de lugar, depois de ele ter deixado Chamórdino nem se pode mais falar em partida. O que aconteceu foi exatamente uma fuga. Mesmo Sacha, a filha caçula, que dava total apoio ao pai, vendo-se com ele no trem para Rostov assustou-se, percebendo que estava acontecendo algo errado! Eles cometeram um erro que talvez tivesse sido inevitável, mas que nem por isso deixava de ser um erro.

Pela primeira vez, Sacha viu claramente que quem fugira da própria casa não fora um grande escritor, maltratado pela esposa astuta e histérica, como lhe parecia então sua mãe, mas um velhinho doente de 82 anos que necessitava de cuidados constantes justamente daquela esposa má.

A tragédia de Astápovo não começou lá, mas ainda no trem que saiu de Kozelsk.

Às 3 e pouco da tarde, meu pai me chamou: ele estava com calafrios. Cobri-o com mais o que tinha e medi sua temperatura: ele estava com febre. E, de repente, senti tamanha fraqueza que precisei me sentar. Quase caí em desespero. Um compartimento abafado do vagão de segunda classe, cheio de fumaça de tabaco, gente totalmente estranha em volta, o barulho contínuo das rodas do trem frio e indiferente que nos levava cada vez mais longe, para o desconhecido, e, debaixo de um

monte de roupas, com o rosto metido no travesseiro, gemia baixinho um velho sem forças e doente. Ele precisava de uma boa cama, uma bebida quente... Mas o trem vai a toda pressa mais e mais longe... Para onde? Onde está nosso abrigo? Nossa casa?

Foi um desagradável momento da verdade. De repente, transformaram-se em cinzas e voaram para longe os problemas que, ainda no dia anterior, pareciam os mais importantes: o diário que Tolstói escondia em vão da esposa; o testamento assinado em segredo por Tolstói na floresta; a inimizade entre Sófia Andréievna e Tchertkov; a vida “luxuosa” que Tolstói era obrigado a levar em Iássnaia Poliana. Na ordem do dia ficou um único problema: o que devem fazer a moça solteira de 26 anos, sua fiel e também jovem amiga Varvara Feokrítova e o médico, Makovítski, embora não dos melhores, mas infinitamente devoto, com o velho que estava à beira da morte no trem de longo percurso? Eis que Sacha “precisava tirar a roupa dele, colocá-lo na cama, dar-lhe uma bebida quente...”. Mas isso foi só o começo. Dias depois, em Astápovo, ela confessaria a si mesma no caderno de anotações: “Oh, como foi vergonhoso. Eu tive de ajudar a...”. Não tem importância em que exatamente ela teve de ajudar o conselho inteiro de médicos que se reuniu ao redor de Tolstói. Importa que uma moça, educada numa família aristocrática, viu-se obrigada a fazer aquilo que só podia ser feito pela esposa de Tolstói, isto é, por sua mãe. E para Sacha foi muito constrangedor.

Depois da estação de Belev, Tolstói, sozinho no compartimento, sentiu-se bem durante certo tempo. Porém, segundo Makovítski, ele ficava sentado ou deitado no sofá e quase não se levantava. O médico, Sacha e Feokrítova, que ocupavam o compartimento vizinho, várias vezes o visitavam e viam que estava tudo em ordem com o velho.

Tolstói estava feliz por ter em suas mãos sua coletânea predileta, *Círculo de leitura*, editada por ele e tomada de “empréstimo” em

Chamórdino, na casa da irmã, e a antologia de Novossélov sobre religião, também “furtada” da pequena biblioteca de Maria Nikoláievna. De que mais ele precisava?

Os vagões de segunda classe eram confortáveis, com sofás e mesinhas, e com a espiriteira podia-se preparar café sem precisar pedir que lhe levassem chá (havia tempo que Tolstói estava acostumado a tomar café sem cafeína em lugar de chá) e até fazer mingau de aveia ou uma sopa com torradinhas, e foi isso que Sacha fez logo que eles tomaram o trem em Kozelsk. O velho comeu tudo isso com prazer e ainda dois ovos quentes por cima.

Aliás, houve um pequeno acidente, quando Tolstói estava subindo no vagão: ele cortou um dedo. O relacionamento do autor de *Anna Karênina* com a ferrovia sempre foi malsucedido: ora ele esquecia a carteira no bar da estação com todo o dinheiro que tinha, ora esmagava o dedo no banheiro do vagão... Mesmo assim, o fato de ferir o dedo dizia que, na hora de subir, ele tinha pressa e estava nervoso. Provavelmente, a pneumonia que havia começado já afetava, além do restante do organismo, também o cérebro. E não foi por acaso que, desde que eles saíram de Iássnaia Poliana, Makovítski notava algo de errado com Tolstói: ora ele vacilava de repente ou ficava sonolento e bocejava sem parar e tão alto, que se ouvia atrás da parede; ora quase gritava com Makovítski, quando este queria agasalhá-lo melhor; ora não permitia a Sacha fechar o postigo do quarto da hospedaria pelo qual entravam o vento frio e mais algumas coisas... Descendo da caleche, quando ela parou em frente à entrada da estação, Tolstói tropeçou no primeiro degrau da escada de pedra. Ele não tinha estabilidade nem controle de si mesmo.

Às 17 horas, depois de o trem ter deixado para trás Gorbatchevo, sem ter chegado ainda a Dankovo, Tolstói foi tomado de sonolência – sinal inequívoco de doença. Estava com calafrios e pediu para ser agasalhado melhor. Sentia frio nas costas. Mas nada de dor no peito ou tosse, nem falta

de ar. Makovítski mediu a febre: 38,1 °C. Às 18 horas: 38,5 °C. O pulso estava intermitente. Ficou claro que a viagem ao Cáucaso estava suspensa.

É impossível imaginar o estado dos acompanhantes de Tolstói naquele momento. Todo o projeto, mesmo improvisado e feito às pressas, mas que não deixava por isso de ser um projeto, uma perspectiva, um futuro, ruía aos olhos deles. Resultou que eles, que haviam levado o velho – o pai! – não se sabia aonde, agora, no trem de longo percurso, com esse cruel barulho das rodas, precisavam fazer alguma coisa por ele.

Não há dúvida de que nesse momento Makovítski, mais de uma vez, lembrou-se da hospedaria de Kozelsk, onde eles queriam se alojar. Mas passaram por ele só porque o cocheiro lhes assegurou que não perderiam o trem. Quantas vezes nessa partida de Tolstói os destinos da viagem e até da vida dependeram dos cocheiros, condutores e chefes das estações. Até a afirmação falsa do acólito Ióssif, de que o ancião não tinha se encontrado com Tolstói porque ele, o acólito, não conseguira alcançar o cocheiro, parece simbólica nesse contexto.

E foi por saber que Sacha tinha segurado os cocheiros em Chamórdino até de manhã que Tolstói teve a tentação de fugir da hospedaria tão cedo. Por causa da lerdeza dos cocheiros, eles perderam o primeiro trem e por pouco não se perderam uns dos outros, mas, em compensação, por causa da presteza do cocheiro que levava Makovítski e Tolstói, chegaram a tempo para tomar justamente o trem que deveria ter sido perdido, parando na hospedaria de Kozelsk.

A quem se dirigiu Makovítski em primeiro lugar, ao entender que Tolstói não podia prosseguir viagem? Aos encarregados de vagão, evidentemente. Para pedir água quente e perguntar qual seria a próxima cidade com hospedaria.

Eles aconselharam aguentar até Kozlov.

O itinerário do trem era o seguinte: Kozelsk – Belev – Gorbachevo – Vólovo – Dankov – Astápovo – Ranenburgo – Bogoiavlensk – Kozlov –

Griázi – Gráfskaia – Vorónej – Líski – Míllerovo – Novotcherkassk – Rostov. A julgar pelo conselho dos condutores experientes de aguentar até Kozlov, nem Dankov, nem Astápovo, nem Ranenburgo, nem Bogoiavlensk eram localidades onde se acharia uma hospedaria decente e que garantiriam os cuidados devidos para o doente. Mas, a julgar pelo fato de que eles acabaram descendo em Astápovo, às 18h 35, Makovítski, como médico, deve ter entrado em pânico e resolvido descer na primeira localidade grande. Dankov não era grande. Astápovo sim.

A quem correu Makovítski, ao pisar na plataforma da estação de Astápovo? É claro que ao chefe da estação. “Corri ao chefe da estação, que estava na plataforma, disse-lhe que no trem estava L. N. Tolstói, doente e precisando de uma cama e um ambiente tranquilo, e pedi-lhe que o hospedasse... perguntei também como era seu apartamento.”

Espantado, o chefe da estação, Ivan Ivánovitch Ozólin, deu alguns passos para trás, afastando-se desse estranho senhor, com o rosto branco de tão pálido e com um sotaque estrangeiro, que tentava convencê-lo de que em sua estação chegara Lev Tolstói (!), doente (!) e querendo se hospedar em seu apartamento (!). Isso soava como um delírio total. E, visto com bom-senso, era um delírio. E quem foi que salvou Makovítski? Outra vez o condutor que estava a seu lado e confirmou suas palavras.

Ozólin, de origem letã, evangelista luterano assim como a mulher, alemã de Sarátov, era fã de Tolstói e tinha fé em seu apelo de “fazer o bem”. Ele concordou imediatamente em hospedar o doente e atrasou a partida do trem para que Tolstói pudesse se aprontar e descer tranquilamente. Mas deixar o posto ele não podia, é claro, pois vários trens estavam chegando ao entroncamento naquela hora.

De início, tiveram de levar Tolstói à sala de senhoras, vazia, limpa e sem fumaça de tabaco. Ele ainda se fazia de forte. Com a gola do casaco levantada, caminhou sozinho pela plataforma, quase sem o apoio de Makovítski, que o segurava levemente pelo braço. O tempo esfriava,

começou a ventar fortemente. Porém, na sala de senhoras, ele se sentou, encolheu o pescoço na gola, pôs as mãos nas mangas, como num regalo, adormeceu e começou a cair para o lado. Makovítski ofereceu-lhe o travesseiro, mas o velho teimoso o recusou.

Ele só se encolhia no casaco de peles e já estava gemendo, mas não queria se deitar. Para Tolstói, deitar-se naquele momento significava não levantar jamais. E ele resistia, resistia... E continuaria resistindo por quase uma semana, já deitado no pequeno quarto da casa de Ozólin, sofrendo martírios mortais, mas provando a todos e sobretudo a si mesmo que a passagem para a morte é um ato mais digno, mais sublime. Muito mais sublime do que o nascimento inconsciente e a vida semiconscente. É a hora da revelação suprema do juízo pessoal e da sabedoria adquirida. O ponto mais alto da vida.

O PATRÃO E O EMPREGADO

Falando dos conflitos dos anos 1890, esquecemo-nos de um dos personagens mais importantes – Vladímír Grigórievitch Tchertkov. Seu papel nesses conflitos era grande.

Existem coisas que não podem ser provadas. Podem ser entendidas somente no plano psicológico. Pensemos, por exemplo, por que a companheira de Tolstói, que aceitava pacificamente a parte masculina do círculo dele e até se enamorava platonicamente de alguns de seus amigos (Fet, Urússov), odiava tanto Tchertkov?

Se Sófía Andrêievna sofresse de fobia a todos que tentavam dividir com ela a vida espiritual de Tolstói, seu ciúme e seu ódio deviam ter sido sentidos também em relação a Fet e Strákhov, a Diákov e Urússov, e também Gússev, Bulgákov, Biriukov e outros. Mas não houve nada disso.

As casas dos Tolstói em Iássnaia Poliana e em Khamóvniki eram abertas e calorosas, eram lugares hospitaleiros para encontros de pessoas de toda sorte. O próprio Tchertkov, no início de sua amizade com Tolstói,

sentiu essa hospitalidade inclusive da parte da severa dona da casa. E mesmo mais tarde, quando Sófia Andréievna já estava em guerra com ele, manifestava sinais de atenção e amizade para com sua família. Mantinha correspondência com Gália (Anna Konstantínovna), sua esposa, e tinha relacionamento com Elizaveta Ivánovna, sua mãe. Ajudou Gália com conselhos valiosos sobre assuntos femininos e procurou ama de leite para sua filhinha. Deu apoio moral à mãe de Tchertkov durante toda a década da separação entre ela e o filho, nos anos 1897-1907. Levou pessoalmente um médico de Tula até Tchertkov, quando ele sofria de malária.

Tchertkov constantemente assegurava a Tolstói que não tinha nada contra sua mulher. Mas a própria formulação da questão, de não ter nada contra a esposa de Tolstói, seria simplesmente impossível para outros amigos do escritor. Todos entendiam o papel que Sófia Andréievna desempenhava ao lado dele. E Tchertkov entendia isso. O problema era que ele não apenas entendia, como pretendia desempenhar esse papel.

A nosso ver, foi justamente isso o ponto mais importante nas divergências entre Sófia Andréievna e Tchertkov, que resultou num conflito gravíssimo. A luta não era pelo espaço espiritual perto de Tolstói (esse espaço não tinha limites e todos cabiam nele), mas pelo *lugar* perto de Tolstói que os dois, ambos de caráter despótico, não podiam repartir.

Pois bem, Tolstói e Tchertkov se conheceram em outubro de 1883. Depois Tchertkov foi a Lizínovka, propriedade de seus pais na província de Vorónej, e logo em seguida começou a enviar a Tolstói não apenas cartas, como também livros, sumários e até diários. O motivo para isso fora dado pelo próprio Tolstói, que determinou Tchertkov como pessoa de uma “afinidade surpreendente” com ele. Tratava-se de afinidade espiritual, é claro.

As palavras “irmão” e “mano” aparecem muito mais frequentemente nas cartas de Tchertkov do que nas respostas de Tolstói. Para ele, Tchertkov

é, antes de tudo, um “querido amigo”. Para Tchertkov, Tolstói é irmão e mestre.

Tchertkov apareceu justamente quando Tolstói quase não tinha amigos, quando a família via nele e em suas novas teorias um perigo para ela. Já Tchertkov se prostrou diante dele.

Aliás, as discussões entre eles surgiam desde o início. O jovem Tchertkov não era uma folha em branco. Era um homem de convicções próprias que, no começo dos anos 1880, em muito se diferenciavam das de Tolstói. É notável, por exemplo, a polêmica dos dois sobre a divindade de Cristo e a Ressurreição, nas quais Tchertkov ainda acreditava, influenciado pela mãe e por Pachkov. A resposta de Tolstói a isso foi realmente genial. Ele não tentou enganar Tchertkov em sua fé e simplesmente lhe escrevia em cartas o quanto lhe era alheio todo tipo de misticismo. “Misticismo é uma curiosidade ociosa.”

O discípulo de Cristo tem tanto trabalho inadiável, a cada instante e de importância tão grande, que não encontra tempo para se ocupar disso. Sendo um bom empregado, ele não sabe dos pormenores da vida do patrão; só um mau empregado dá com a língua nos dentes na cozinha, esquadrinha a vida do patrão, quantos filhos ele tem, o que come, como se veste, depois falsifica tudo, não faz o trabalho, mas fica sabendo de tudo.

O importante é reconhecer que ele é o patrão e saber o que ele quer *de mim*, mas o que ele mesmo é e como vive eu nunca vou saber, porque não sou igual a ele, sou empregado e não o patrão.

Esse tema do patrão e do empregado Tolstói desenvolveria após dez anos, no conto homônimo. Até lá, Tchertkov já teria renunciado totalmente à divindade de Cristo, à Ressurreição e à Redenção. Mas, em compensação, passou a interpretar a si mesmo como “empregado” em relação a Tolstói, o “patrão”. Aliás, isso seria o motivo principal de sua censura a Sófia

Andrêievna: como ela ousa se considerar importante perto de Tolstói e não uma simples “empregada”? O fato de que essa “empregada” era a esposa do escritor, sua companheira das noites e mãe de seus filhos não convencia Tchertkov em reconhecer que ela merecia um lugar especial.

Porém, pelo visto, essa posição convinha a Tolstói. Nem uma vez sequer ele tentou dar um piparote no nariz de Tchertkov para defender a esposa. Ele só podia lhe explicar por que não agia com rigor suficiente em relação à esposa e aos filhos nas questões da recusa da propriedade, dos direitos autorais e da entrega de seus diários a Tchertkov etc.

Aqui temos o caso de um paradoxo surpreendente. Reconhecendo seu papel de “empregado” de Tolstói, Tchertkov se dava o direito de *exigir* de Tolstói uma atitude “econômica”. Exatamente, exigir! E o “patrão”, no caso, não era um simples patrão, mas Deus. E Deus não tem nem pode ter esposa. Por essa razão, compadecendo-se profundamente da solidão de Tolstói dentro da família, Tchertkov não foi capaz de entender as alegrias familiares do escritor.

É claro que não foi tudo tão rígido. Durante algum tempo, Tchertkov teve amizade com Lev Lvóvitch, simpatizou com Tatiana Lvovna e Maria Lvovna, manteve bom relacionamento com Serguéi Lvóvitch e não teve nenhum conflito com Sófia Andrêievna. Existe uma carta formidável de Tchertkov a Tolstói, em que ele o aconselha a não “pressionar” Sófia Andrêievna com sua autoridade.

Mas, em geral, a linha de conduta de Tchertkov em relação a essa família foi implacável. Tolstói era grande, Tolstói era o “patrão”, e todos os que estavam à sua volta eram “empregados”. Tolstói não pensava assim. Porém, não procurava fazer Tchertkov mudar de opinião.

E, nesse sistema de coordenadas, o papel de Tchertkov ficava exageradamente grande. É claro que o melhor “empregado” de Tolstói só podia ser mesmo ele.

Tchertkov criou para Tolstói a editora popular Posrédiik. Promoveu uma imensa campanha de tradução e publicação do escritor no exterior. Desde o fim dos anos 1890, vendo-se exilado para a Inglaterra, criou uma série de projetos editoriais, de revistas e jornais dedicados exclusivamente a Tolstói. Por fim, ofereceu a ele serviços de conservação e sistematização de seu legado. Tchertkov foi o primeiro a perceber que justamente os manuscritos de Tolstói podiam arder, e ainda por cima em chamas azuis, se ninguém cuidasse de sua conservação. E é claro que a iniciativa da própria Sófia Andréievna de conservar o legado do marido, primeiro no Museu Rumiántsev e depois no Museu Histórico, em muito foi ditada pelo sentimento de rivalidade com Tchertkov.

Pois ainda em 1983, em carta à irmã, ela podia se permitir expressar seu descontentamento com a edição de cinquenta exemplares do tratado de Tolstói *Em que consiste minha fé?*. “Em lugar de queimarem a obra proibida pela censura, como *manda a lei*, pegaram todos os cinquenta exemplares e levaram a Petersburgo, e as altas rodas o estão lendo *de graça*. Poderiam, ao menos, ter pagado para nós os quatrocentos rublos da impressão, já que são todos gente com recursos.”

E Tchertkov gastou seu dinheiro com a compra do hectógrafo no exterior para empreender a perigosa atividade de imprimir cópias das obras proibidas de Tolstói em sua propriedade, na província de Vorónej.

Sófia Andréievna se desdobrava toda para vender com mais vantagem as obras do marido, inclusive a *A Sonata a Kreutzer*, que ela odiava.

Tchertkov encontrou Sítin, organizou a publicação de livros baratinhos pela Posrédiik, procurou mecenas para abrir uma editora própria de Tolstói no exterior e tudo que ganhava aplicava no desenvolvimento da atividade editorial. É lógico que a imagem desse “empregado” era muito mais atraente que a de Sófia Andréievna, sempre preocupada com a parte material da vida familiar.

Essas são coisas objetivas. Mas existiam também as subjetivas. Sófia Andrêievna era grosseira e direta com o marido, que, com a idade, começava a ficar muito suscetível. Ela o perseguia com seus ataques de histeria, mania de suicídio e tudo aquilo que o fazia sofrer muito. Tchertkov era delicado, insinuante, transigente, concordava com Tolstói em quase tudo e, mais do que isso, esperava com ansiedade seus conselhos e ensinamentos. Até se casou, depois de várias exortações de seu mestre. Sua mulher, Gália, adorava Tolstói. Ela sempre estava doente, mas literalmente renasceu para a vida quando Tolstói apareceu em sua casa. Ele exercia uma influência fenomenal sobre ela, como um ancião curandeiro, enquanto em sua família ele se tornava uma das principais causas da profunda depressão do filho Lev.

No capítulo anterior, mostramos como Sófia Andrêievna, estando ao lado de um homem forte, precisava de um amigo espiritual, mas “assexuado”. Acontece que Tolstói também necessitava de uma mulher “espiritual”. Não se tratava de uma “empregada”, mas de uma consoladora, sensível o bastante para compreender sua solidão. Mas outra mulher não poderia exercer essa função, tanto pela especificidade da atitude de Tolstói em relação às mulheres (somente esposa e mãe e nada de emancipação!), quanto pelo fato da existência de Sófia Andrêievna com sua ciúmeira.

Já Tchertkov, em todos os aspectos, servia para ser amigo de Tolstói. Era de origem nobre, mas de formação espontânea, independente. Como Tolstói, não estudou no ginásio e não terminou a faculdade. Era uma pessoa espiritual, isto é, seus interesses espirituais estavam acima dos materiais. E até sua juventude dava-lhe vantagens. Ele se diferenciava favoravelmente dos filhos de Tolstói, que, com a idade, compartilhavam cada vez menos dos ideais do pai e levavam vidas independentes.

Tchertkov, com toda a sua esbelteza, tinha algo vagamente afeminado. Era um excelente marido e pai. Mas é interessante que, nos relatórios

policiais, ele constava como uma pessoa bondosa, compassiva, fraca de caráter, homem que “desde a infância estava em mãos femininas”.

É curioso que, depois da morte do pai de Tchertkov, Tolstói também comentou em seu diário: “Sua mãe vai fazer dele o que quiser”. E acrescenta: “Que gente terrível são essas mulheres que escaparam do ajoujo”.

Dizer que Tchertkov era a “esposa espiritual” de Tolstói seria muito radical, é claro. Mas toda a sua correspondência com o escritor lembra, estranhamente, cartas de uma amante que procura tirar o homem de sua família.

DESTRUIDOR DE LARES

Podemos estar enganados. Mas Sófia Andréievna, com sua intuição feminina, não podia estar. “O belo ídolo” – era assim que ela chamava Tchertkov em sua ausência, no auge da guerra entre eles.

Desde as primeiras cartas de Tchertkov a seu marido, ela sentiu alguma coisa errada e disse isso com a franqueza que lhe era característica. Nos anos 1880, ainda estava em vigor o acordo entre os cônjuges segundo o qual os diários e a correspondência podiam ser lidos por ambos. E já no dia 30 de janeiro de 1884, três meses depois de eles terem se conhecido, ela escreveu ao marido: “Envio a você a carta de Tchertkov. Será que vai continuar fechando os olhos de propósito, para não ver nada além do bem nas pessoas em quem você quer acreditar? Isso é cegueira!”.

Essa exclamação é muito interessante. A julgar pelas recordações de Sófia Andréievna e dos filhos de Tolstói, o aparecimento de Tchertkov em sua casa foi recebido com entusiasmo. Um brilhante cavaleiro da Guarda, como o chamou Tolstói, que encantou a todos. A mulher do escritor, educada na família do médico que prestava serviços ao Kremlin, não era indiferente às pessoas de origem nobre. Essa vantagem distinguia Tchertkov

dos “obscuros”. No entanto, as primeiras cartas trocadas entre ele e o marido dela a inquietaram.

Mas o que havia de preocupante nessas cartas? Tchertkov insistia que Tolstói fosse a Lizínovka, onde ele convertera à sua fé (ainda pouco clara) três jovens camponeses e estava na dúvida se tinha direito a isso. “Quem os corrigirá, se minha compreensão de Cristo mudar? Sim, Lev Nikoláievitch, venha, anime-nos e ajude-nos, o senhor é necessário aqui...”

Essa foi a primeira intromissão indelicada na vida familiar dos Tolstói. Um jovem, que três meses atrás conhecera Tolstói, insistia para que um escritor de quase sessenta anos saísse correndo para sua propriedade na província de Vorónej e, ainda por cima, no inverno. Essa carta deixou Tolstói estupefato.

Tchertkov recuou por algum tempo e até se arrependeu. “Quanto à minha última carta, o senhor tem razão. Lembro-me de que no dia seguinte, depois de postá-la, por pouco não escrevi outra, para anular o pedido.”

Ele entendeu que fora longe demais. Mas já não podia e não queria esconder de Tolstói seus sentimentos. “Tenho uma vontade constante de saber onde o senhor está, o que está fazendo...”

E Tolstói também não escondia os seus. “Cada carta sua me emociona.” Mas ele percebeu que Tchertkov... não era uma pessoa muito equilibrada psiquicamente. “Vou lhe dizer o que sinto quando recebo suas cartas: sinto pavor, medo de você sair dos eixos.” Menos de um ano depois de conhecer Tchertkov, Tolstói anotou em seu diário: “Sonhei com Tchertkov. Ele se pôs a dançar, assim de repente, muito magro, e eu vejo que ele enlouqueceu”. Várias pessoas comentaram que Tchertkov não era um homem sadio psiquicamente. Em particular, o professor de latim dos filhos de Tolstói, V. F. Lazúrski, escreveu em suas memórias sobre Tchertkov: “... ele me deu a impressão de um doente mental. Dizia que não podia opinar objetivamente sobre a temperatura da água, porque não confiava em sua sensibilidade. Às vezes, seu estado de nervos é tal que não

sente frio, por mais forte que seja; às vezes tem medo de entrar na água, sem nenhum motivo aparente.”

O próprio Tchertkov reconhecia que tinha mania de perseguição. Escolhendo um amigo para toda a vida que lhe restava, Tolstói entendia desde o início, pelo visto, que estava lidando com uma pessoa tão desequilibrada quanto sua esposa. Tchertkov era uma pessoa fabulosamente ativa. Mas os ataques de atividade alternavam-se constantemente com a apatia. Na Inglaterra, ele podia obrigar seu pessoal a trabalhar dia e noite sem necessidade nenhuma e depois perder o ânimo e cair em depressão. E Tolstói sabia disso. Em 1898, quando os dois cuidavam da emigração dos dukhobor para o Canadá, ele escreveu para Tchertkov na Inglaterra:

Por causa de sua escrupulosidade exagerada, você é vagaroso, pachorrento e ainda olha para tudo com um ar altaneiro, à maneira de *grand seigneur*, e por isso não enxerga muitas coisas. Além disso, já por causas fisiológicas¹⁸³ é muito inconstante em seus estados de espírito – ora febrilmente ativo, ora apático. Penso que, graças a suas boas qualidades, você é um colaborador muito precioso, mas sozinho – não é prático.

Tchertkov era um homem de caráter não só complicado, como também desagradável e até hediondo que, no entanto, não se revelava logo. Cedo ou tarde, afastaram-se dele quase todos os funcionários mais próximos e até amigos. A começar por Biriukov e terminando com Bulgákov e Sacha. Somente Tolstói gostou dele até o fim.

Desde o início, Sófia Andréievna suspeitou que Tchertkov, como todos os “obscuros”, representava um perigo para a família. No entanto, ao se encontrar com ele em Petersburgo, em fevereiro de 1885, ficou outra vez encantada com ele. Nisso estava a misteriosa particularidade carismática de Tchertkov: nos encontros ele impressionava, enfeitiçava as pessoas, mas, ao se separar dele, elas podiam falar dele com ironia e até antipatia.

Em março do mesmo ano, ela escreveu ao marido de Moscou a Iássnaia Poliana: “Hoje recebi uma carta simpaticíssima de Tchertkov. Pediu que eu lhe mandasse as folhas de seu artigo que ele tinha trazido e disse coisas como: ‘Eu sempre penso em sua família como meus parentes próximos. Não sei se isso é bom ou ruim. Acho que é bom’. Como isso não parece com ele!”.

Pois justamente essa carta “simpaticíssima” deveria ter deixado Sófia Andréievna de sobreaviso!

“Condessa, vou incomodá-la com um pedido: por gentileza, envie-me pelo correio os cadernos com folhas litografadas do último artigo de Lev Nikoláievitch. A senhora os encontrará no armário que está atrás da escrivaninha dele. Lá há dez ou doze cadernos, no total.” Até que ponto Tchertkov se familiarizara com a casa em Khamóvniki para explicar à dona da casa onde estavam as coisas? Muitas pessoas notavam essa falta de tato de Tchertkov em suas intromissões no espaço familiar dos Tolstói. Sófia Andréievna revoltava-se com isso. Mas Tolstói não via nada. Ou via?

Apesar da desconfiança de Sófia Andréievna, o relacionamento entre ela e Tchertkov até 1887 tinha um caráter afável e um pouco irônico. Embora a esposa de Tolstói não possuísse espírito irônico, ela o apreciava nos outros e gostava de brincadeiras e trotes.

Na carta a Tolstói de 15 de março de 1885, ela citou as palavras de Fet, ditas a ela num encontro:

“Lev Nikoláievitch e Tchertkov querem desenhar uns quadrinhos que façam o povo deixar de acreditar nos mistérios de que tanto gosta, tais como ‘comeu a hóstia, bebeu o vinho de Deus e se salvou’. É o mesmo que apagar o toco de vela de sebo com que o mujique descalço procura o caminho numa caverna escura e mandá-lo usar o sebo para engraxar as botas!”

Mas não se podia brincar com Tchertkov. Isso não era permitido nem a Tolstói. É conhecido o caso quando o escritor, vendo um pernilongo na

carequinha do amigo, deu-lhe uma palmada, matando-o e deixando nela uma mancha de sangue. “O pernilongo!” Todos riram, mas Tchertkov exclamou indignado: “Lev Nikoláievitch, como o senhor pôde tirar a vida de uma criatura!”. E todos ficaram constrangidos.

“Tenho certeza de que, desde que Tchertkov começou a pôr em prática o princípio ‘não matar’, as pulgas, percevejos, pernilongos e moscas podiam torturá-lo o quanto quisessem, sem temer por suas vidas”, escreveu V. F. Lazurêvski. O mesmo conta em suas memórias:

“Um dia, alguns mujiques fizeram um trabalho para ele. Quando terminaram, pediram uma gorjeta para a vodca. Tchertkov saiu para falar com eles e disse que não podia dar dinheiro ‘para a vodca’, propondo em vez disso comprar para eles, com esse dinheiro, uns livros ou a *Bíblia*, e no mesmo instante tirou do bolso um folheto sobre a nocividade da bebedeira.”

Tchertkov era *fanático* de suas convicções, diferentemente de Tolstói, um teimoso *buscador*. Mas, a partir de certo momento, suas convicções passaram a ser alimentadas exclusivamente pelas ideias de Tolstói.

De modo que ele era fanático pelas ideias de Tolstói. Mas as ideias do mestre estiveram em mudança durante toda a sua vida e, às vezes, davam guinadas de 180 graus. Do culto à família, por exemplo, para a negação dela. Ser fanático pelas convicções de Tolstói significava apenas o “congelamento” delas em certa etapa.

Todavia, Tolstói não podia deixar de sentir a responsabilidade por suas convicções, por isso lhe era difícil discutir com Tchertkov. Ele teve que observar como seu primeiro discípulo tornava-se um Tolstói muito mais coerente e obedecer a seu dogmatismo, como aconteceu no caso de *A Sonata a Kreutzer*. Pois, justamente a conselho de Tchertkov, Tolstói teve de dar um “acabamento” à obra no “Posfácio” moralizador.

Um dia, Tolstói pediu a Sófia Andréievna que procurasse para ele uma carta de Répin. Entre essas cartas, ela encontrou uma de Tchertkov, na qual ele glorificava sua mulher Gália e se *condoía* de Tolstói.

“Essa carta me fez explodir, literalmente”, recordava Sófia Andrêievna.

Explodiu a tal ponto que ela ainda se lembrava da carta muitos anos depois. E pode-se entendê-la.

Na carta de Tchertkov de 18-20 de fevereiro de 1887, o nome de Sófia Andrêievna não foi mencionado. Tchertkov escrevia sobre Gália, sobre como ele estava feliz com ela. “... Não existe nenhuma área na qual nós não tenhamos interesse e compreensão mútuos. Nem sei como agradecer a Deus por essa dádiva que é a união com minha esposa.” E, além disso, Tchertkov observava: “E sempre me lembro das pessoas que estão privadas dessa comunicação espiritual com suas esposas e que merecem essa felicidade muito mais do que eu”.

Isso fora uma indireta para Sófia Andrêievna. Em seu diário do começo de março de 1887, ela escreveu: “Li uma carta de Tchertkov. Não gosto dele. Não tem inteligência, é astuto, unilateral e maldoso. L. N. tem uma queda por V. G. por causa de sua adoração”. E três dias depois: “É preciso romper o relacionamento com Tchertkov. Nele só há mentira e maldade, é melhor ficar longe disso”. Isso era uma guerra!

Mas basta dar uma olhada na resposta de Tolstói para entender que sua esposa, notoriamente, perdera essa guerra. Em lugar de Tolstói apontar a Tchertkov a inadmissível intromissão em sua vida privada, ele... lhe agradeceu! “Obrigado pela carta. Nem pode imaginar minha felicidade enquanto a estava lendo. Como é boa sua vida, e os interesses que surgem no percurso dela, ao lado da mãe e da esposa. Fico muito contente e amo você.”

Então a quem Sófia Andrêievna declarara a guerra, a Tchertkov ou ao próprio marido?

E como aparecera esse tom lamentoso na referência à esposa de Tolstói? Até 1887, Tchertkov esteve na casa dos Tolstói só algumas vezes e ocasionalmente. É claro, ele podia ter ouvido boatos, mas boatos não lhe

dariam direito moral a uma carta como essa. O direito moral deu-lhe o próprio Tolstói.

Já em 27 de março de 1884, descrevendo ao “querido amigo” dois casos terríveis que o impressionaram (uma prostituta menor de idade que havia sido pega pela polícia e o cadáver de uma lavadeira que morrera de fome e frio), ele queixou-se amargamente:

“Tenho vergonha de escrever isso, tenho vergonha de estar vivo. Em casa, já o quinto prato de esturjão ficou estragado. Minhas conversas sobre isso com pessoas próximas são recebidas com perplexidade: para que falar disso, se não há como remediar? Eis quando eu rezo: ‘Meu Deus, ensina-me o que fazer, como viver, para que minha vida não me cause nojo’.”

A pedido de Tolstói, essa carta foi destruída por Tchertkov. Mas chegou até nós um trecho copiado por ele. No começo da correspondência entre os dois, Tchertkov destruiu várias cartas de Tolstói com conteúdo muito íntimo e só mais tarde convenceu o mestre a permitir-lhe não as destruir, mas guardá-las e não as mostrar a ninguém durante a vida dele.

No período de 1883-1887, em suas cartas, Tolstói queixou-se mais de uma vez de sua solidão na família, de que não o compreendiam e até de que nem sequer queriam ouvi-lo. E surge a pergunta: como deveria reagir um jovem marido realmente muito feliz com sua jovem esposa? Lembremos daquela “felicidade incrível” de Tolstói depois do casamento com Sônia, no começo dos anos 1860.

Em que contexto fora escrita a carta de Tchertkov e a resposta de Tolstói a ela? Tchertkov estava feliz com Gália. E os Tolstói? Olhemos o diário de Sófia Andréievna:

“É um desânimo. Iliá me aflige com seu modo misterioso e errado de vida. Ócio, vodca, mentiras frequentes, más companhias e o principal – a ausência total de vida espiritual. Serioja viajou para Tula, amanhã tem a reunião no banco rural deles. Tânia e Liova jogam *wint*, infelizmente. Com

os mais novos, eu perdi toda a capacidade de *educar*... Agora não tenho nenhum ponto de apoio na vida...”

E na casa dos Tolstói – se não era um desmoronamento, era uma crise. Não é difícil supor que a carta de Tchertkov fez Sófia Andréievna explodir também por esse motivo.

Na área da computação há o termo técnico “manter o formato”. Pois Sófia Andréievna, pela sua educação, hábitos e experiência de vida, foi capaz de manter aquele formato de relacionamento que havia entre seu marido e Tchertkov. Tolstói, por sua vez, passando de sua correspondência com Tchertkov para o relacionamento com a esposa, era obrigado a cambiar de um formato para outro.

Em 1885, Tchertkov escreveu a Tolstói:

“Por que o senhor não pede para seu filho mais velho pôr em ordem e manter em ordem sua papelada? É muito importante que ela seja mantida em ordem por alguém de seus familiares... Tudo o que o senhor escreve é tão caro para nós, tão próximo àquilo que consideramos bom dentro de nós, que dá um estremecimento só de pensar que alguma coisa de seus escritos pode desaparecer por falta de cuidados.”

Tolstói sentia pungentemente essa falta de atenção ao seu trabalho por parte da família. Quantas vezes, em seu diário, ele se queixou dos filhos! Às vezes, escrevia cartas prolixas a eles, a cada um e a todos juntos, tentando encaminhá-los para um bom caminho, salvá-los do ateísmo, do egoísmo, da bebedeira, do jogo, como se ele não estivesse morando com eles, mas numa ilha deserta.

E Tchertkov não precisava ser encaminhado. Ele mesmo podia encaminhar qualquer um. E estava tão tomado por tudo de que se ocupava Tolstói, que era impossível não dar valor a isso.

Até Sófia Andréievna reconheceu: “Eu não tinha razão pensando que a lisonja obriga Tchertkov a manter um relacionamento com Lev Nikoláievitch. Tchertkov ama Lev Nikoláievitch. Durante muitos anos tem

vivido a vida dele, suas ideias, obras e até sua imagem, fazendo inúmeras fotografias. Por sua mentalidade, Tchertkov é uma pessoa limitada e *limitou-se* às obras, aos pensamentos e à vida de Lev Nikoláievitch. Sou grata a ele por isso”.

Isso foi escrito antes da partida de Tolstói.

Graças à sua devoção, Tchertkov pôde se permitir certos exageros. Por exemplo, interferir no texto de “O prisioneiro do Cáucaso” em sua reedição pela Posrédnik. Tchertkov pediu para Tolstói corrigir (!) algumas frases que não lhe pareciam acertadas. E Tolstói concordou facilmente, embora considerasse essa a sua melhor obra e a colocasse muito acima de *Guerra e paz*. “Concordo com prazer em excluir as frases que você indicou, fico contente e agradeço. Mas faça você mesmo.” Praticamente, ele convidou Tchertkov a participar da obra, porque a revisão, para Tolstói, era uma parte importante da criação.

Mas o principal eram os manuscritos! Nenhuma linha do gênio podia desaparecer! A partir dos anos 1880 e até o fim da vida de Tolstói, Tchertkov, sistematicamente, copiava tudo o que saía da pena do escritor. Ele pedia insistentemente a Maria, a filha do escritor que se tornara sua secretária, que copiasse os novos manuscritos do pai, incluindo as cartas e os diários, e enviasse tudo a ele. Na primavera de 1890, dirigiu-se diretamente a Tolstói com o pedido de que o escritor entregasse a ele seus diários. Ele queria copiá-los e extrair deles os pensamentos sábios do escritor para reuni-los numa coletânea que tinha intenção de editar. Mas os diários de Tolstói, como observou com toda a razão seu último secretário, V. F. Bulgákov, representavam “o homem totalmente descoberto”. Dessa maneira, Tchertkov pretendia tomar posse do Tolstói inteiro, exatamente assim, “totalmente descoberto”.

Mas sejamos justos mais uma vez. O próprio Tolstói estava interessado em que Tchertkov cuidasse de seus diários e cartas, e a ideia de publicação de uma coletânea de seus pensamentos o seduziu. “Aquilo que você

pretende fazer com minhas cartas e diários é muito desejável”, escreveu ele a Tchertkov em 8 de abril de 1890. “O que eu escrevi de bom é necessário para mim mesmo até mais do que para os outros. Pois tudo o que é bom não parte de mim, somente passa por mim.”

E foi Tolstói mesmo quem entregou, no começo de seu relacionamento com Tchertkov, os diários de 1884, os quais continham, particularmente, referências mordazes a respeito da esposa e do filho mais velho. Muitos anos depois, ele se lembraria disso e exigiria a devolução do diário. Mas Tchertkov já o teria copiado e guardado na casa de seu amigo do regimento de cavalaria da Guarda, D. F. Trêpov, chefe da polícia de Moscou, e, a partir de 1905, com o procurador-geral de Petersburgo. Um dos diários mais íntimos de Tolstói estava sendo guardado com o chefe da polícia de Moscou na época em que Tolstói estava sendo vigiado e tolstoístas estavam sendo exilados no Cáucaso e na Sibéria e enviados para batalhões disciplinares.

De 1885 a 1888 Tolstói não escreveu diários. Mas em 1889 voltou a escrevê-los. Tchertkov entendia perfeitamente o valor e a parte importante do legado de Tolstói que representavam esses diários, e com toda a razão! E na primavera de 1890 ele pediu a Tolstói que lhe passasse todos os diários para conservação. Supõe-se que os diários posteriores eram enviados regularmente a Tchertkov por Maria Lvovna.

E outra vez Tolstói concordou facilmente. “... resolvi enviar a você dois cadernos de meus diários. Pegue o que for preciso, mas crive, crive bem.”

No dia 21 de abril de 1890, Ivan I. Gorbunov-Possadov, literato, tolstoísta e funcionário de Tchertkov na Posrédiuk, chegou a Iássnaia Poliana. Sua tarefa era pegar o manuscrito do posfácio para *A Sonata a Kreutzer* e levar a seu chefe em Petersburgo. A segunda tarefa, a mais importante, era pegar os cadernos com os diários de Tolstói. Inesperadamente, o escritor não lhe entregou os diários. E escreveu a Tchertkov: “Resolvi não os enviar. Vánietchka explicará os motivos”.

O motivo era um só – a esposa. Ao saber que seu marido pretendia entregar os diários a Tchertkov, ela se revoltou e se opôs firmemente.

Sófia Andréievna não queria entregar o marido com todos os seus segredos íntimos nas mãos de Tchertkov. E tinha suas razões para isso. Entre esses segredos estavam também as “incisões que aconteciam na família. Ao obter os diários, Tchertkov teria nas mãos um material comprometedor contra a esposa de Tolstói.

Ainda em julho de 1885, estando na Inglaterra, Tchertkov aconselhou Tolstói diretamente a se separar da família. Sófia Andréievna não chegou a ficar sabendo dessa carta. Senão, a tempestade teria estourado antes de 1887.

Tchertkov escreveu:

... prepare-se para escutar coisas desagradáveis. Quero falar-lhe sem rodeios e sem cerimônias, porque acredito que devo fazer assim, como o amor me dita. O senhor diz que vive num ambiente totalmente contrário à sua crença. Por isso, é natural que, de tempos em tempos, tenha planejado fugir e mudar radicalmente sua vida. Mas não posso concordar que isso prove que o senhor seja fraco ou mau. Pelo contrário, a consciência de sua capacidade de se tornar independente do ambiente que o cerca e de dirigir sua vida física para um outro rumo só é prova da presença de força. E... fugir ou mudar sua vida, a meu ver, não são atos que por si só possam ser censuráveis de antemão. Cristo fazia assim e levava outros justamente por esse caminho.

Por trás desse pegajoso e obscurecido estilo, próprio de todas as cartas de Tchertkov, transparece a lógica impiedosa de seu raciocínio em relação à família Tolstói. “Lev Nikoláievitch, se o senhor é pretendente ao lugar de Jesus Cristo que veio à Terra, e o senhor tem todo direito a isso, deixe ‘que os mortos enterrem seus mortos’. Largue sua família!”

Depois de não ter recebido os diários de Tolstói em abril de 1890, Tchertkov não sossegou e, em maio, mandou outro agente, Matvei Tchistiakov, gerente de sua granja em Rjevsk. Pelo visto, a chegada dele irritou até o próprio Tolstói, que escreveu em seu diário: “Veio Tchistiakov. Outra vez atrás dos diários. Tchertkov tem medo de que eu morra e os diários desapareçam. Nada pode desaparecer. Mas não posso mandar e ofender...”. Ofender a esposa. Mas também não tinha vontade nenhuma de ofender Tchertkov. Ainda mais que Tchertkov levava para ele um retrato de Gália em sinal de uma profunda afeição da parte de sua família.

Na carta de resposta, Tolstói se desfez em desculpas:

Eu lamento muito, mas não posso enviar-lhe os diários. Naquela hora escrevi precipitadamente, já sem falar que isso altera minha atitude com o escrito; eu não posso enviar sem desagradar minha esposa ou fazer disso um segredo. Não sou capaz disso. Para amenizar minha culpa, vou copiar uns trechos para você, assim como já copiei e estou enviando... Os diários não vão se perder. Estão guardados, e meus familiares, esposa e filhas, sabem deles. O que é de Deus não desaparece. Acredito nisso piamente.

Suas palavras de que a esposa sabia onde estavam guardados os diários dificilmente teriam consolado Tchertkov. É mais provável que elas o tivessem assustado. Mas em vão. A julgar pelo diário de Sófia Andrêievna, a partir de 1890, Tolstói começou a esconder os diários da esposa. Ela tinha de procurá-los às escondidas e copiá-los à noite.

Temos de admitir que Sófia Andrêievna era uma esposa ciumenta e desconfiada. Mas até a filha Maria, em 1890, começou a manifestar seu descontentamento. Não lhe agradava em absoluto o papel de “agente” de Tchertkov. Além disso, ela notava que, embora a preocupação dele com o legado do pai o deixasse lisonjeado, sua insistência demasiada em obter os manuscritos incomodava Tolstói e não o deixava sentir-se livre.

No verão de 1890, ela enviou duas cartas a Tchertkov, recusando-se a copiar as anotações do pai no diário. “Em geral, é desagradável, para mim, fazer essas cópias, é vergonhoso eu me intrometer nos assuntos espirituais, recônditos e divinos alheios. Não peço mais a meu pai para fazer as marcações. Copio o que já foi marcado e não vou pedir mais, creio que isso seja desagradável para ele também.” Na outra, ela escreveu: “Tenho certeza de que ele não quer que alguém leia seus diários enquanto vive”.

Além disso, o próprio Tolstói explicou a Tchertkov numa carta sua posição:

Não fique zangado, querido amigo, e procure me entender: não é que isso seja difícil, mas paralisa a atividade espiritual; paralisa só o fato de saber que isso logo será copiado e transmitido. Não envie para mim seus argumentos, simplesmente me ame, procure me entender, o que já é amor, desista disso e não diga que essa privação será desagradável para alguém ou para você mesmo e ficarei muito contente. Vou escrever-lhe com maior frequência. Penso sempre em você e digo a mim mesmo: isso eu preciso contar a Tchertkov.

E Tchertkov fez de conta que desistiu. Na carta a Maria Lvovna, considera “esse assunto encerrado” e, na carta a Tolstói, “obedece com amor” e lamenta ter sido motivo de conflito por causa de um mal-entendido. Mas é incrível! Mesmo nessas cartas de arrependimento, ele continua insistindo em agir como “testamenteiro espiritual”.

Na carta a Tolstói, Tchertkov pede que ele lhe envie cópias não dos diários, mas das cartas com conteúdo substancial e não íntimo de outras pessoas. E insiste que as cópias sejam feitas por Macha. Promete não deixar ninguém ler nem copiar as cartas, “enquanto o senhor mesmo não verifique seus pensamentos na coletânea que vou preparar e mostrar ao senhor antes de publicar”. Seria possível negar ao “querido amigo”? A resposta de Tolstói alegrou-o: “Pedi a Macha para copiar algumas cartas e entrarei em

contato com você”. A carta para Macha só tinha um pedido: “Por favor, coloque o dia e o mês em todas as cartas que ele enviar para as pessoas”.

Tchertkov era mais experiente do que as filhas de Tolstói que exerciam a função de secretárias de seu pai. Além disso, elas demoravam, mas acabavam se casando e tendo outras, suas próprias preocupações. Tchertkov era o colaborador constante junto a Tolstói. Se ele e Sófia Andrêievna tivessem chegado ao acordo de repartir as obrigações, tudo estaria às mil maravilhas. Mas ele era teimoso e impaciente. A família de Tolstói resistia à sua intromissão, e ele não desejava levar em consideração a família, que, em sua opinião, não levava em consideração o grande Tolstói.

O novo conflito surgiu em 1892, ano de má colheita, quando Tolstói e as filhas trabalharam na região da fome em Bêguitchevka, província de Riazan, abrindo refeitórios com dinheiro doado. Sófia Andrêievna ajudou o marido a arrecadar os recursos. Tchertkov também trabalhou nisso na região de Vorónej. Esse trabalho conciliou a família. Tolstói visitava a esposa em Moscou, Sófia Andrêievna visitava o marido em Bêguitchevka e ambos sentiam amor e ternura um pelo outro. “Sônia está muito preocupada comigo, não se afasta de mim, há tanta amizade e amor entre nós como há muito tempo não havia”, comunicou ele a A. A. Tolstaia em dezembro de 1891. “Sinto felicidade no relacionamento com Sônia. Nunca foi tão cordial”, escreveu ele a N. N. Gué, filho do pintor homônimo.

O relacionamento entre Sófia Andrêievna e Tchertkov também se ajustou, ao menos o de negócios. A mulher de Tolstói enviou vagões com provisões para a província de Vorónej. Nesse meio-tempo, Tolstói continuou trabalhando em seu livro *O reino de Deus está dentro de nós*, enviou o manuscrito a Tchertkov, depois pediu que ele o devolvesse para a revisão posterior. Por motivos de segurança, Tchertkov enviou o manuscrito de volta por meio de Sófia Andrêievna. De repente, a raiva contra o destruidor de lares explodiu nela novamente. A carta raivosa dela não se conservou, mas, pela resposta de Tchertkov, não é difícil imaginar seu

conteúdo. Ela o censurou por explorar “impiedosamente um velho cansado e nervoso”. Isso ofendeu Tchertkov terrivelmente. Ele enviou a Tolstói a carta de Sófia Andréievna e sua resposta. Queria fazer do escritor testemunha da evidente injustiça consigo da parte de sua mulher. E Tolstói teve de concordar com ele.

“Tem razão, mas ela também não é culpada. Ela não vê em mim aquilo que você vê.”

Na verdade, a resposta de Tchertkov foi extremamente desagradável. Ele pregava sermões à mulher de Tolstói: “Em relação a tudo o que concerne a ele pessoalmente, nós devemos ser executores os mais precisos possível de seus desejos”. Ele recusava à esposa o direito de julgar a saúde do marido.

“Eu não vejo em Lev Nikoláievitch um velho nervoso. Muito pelo contrário, costumo ver nele (e diariamente recebo provas reais disso) um homem mais jovem e mais disposto, e não um nervoso, isto é, um homem com equilíbrio psíquico muito maior do que o de todos os seus próximos e de todos os que o cercam, sem exceções.” E fez uma acusação direta à companheira de Tolstói: “... A senhora contraria as vontades de Lev Nikoláievitch, mesmo com as melhores intenções, e não só lhe causa um grande sofrimento, como praticamente prejudica muito sua saúde com as condições que cria à sua volta”.

Também ofendida, mas sentindo que não tinha razão, Sófia Andréievna queixou-se ao marido, numa carta a Bêguitchevka:

“Recebi de Tchertkov uma carta desagradável que respondi com demasiado fervor. Pelo visto, ficou zangado com a censura que fiz a ele por apressar você com esse artigo. Eu não sabia que você mesmo tinha pedido a ele que o mandasse de volta. Eu lhe pedi desculpas, mas que homem obtuso, que entendimento estreito! É lastimável que as pessoas enxergam tão pouco; é fastidioso para elas!”

Ao próprio Tchertkov ela respondeu com frieza e altivez: “... se durante trinta anos eu cuidei dele, não vou aprender nem com você nem com ninguém como se faz isso”.

Depois do aparecimento de Tchertkov, Tolstói viu-se obrigado a viver praticamente em duas famílias.

Sua atração por Tchertkov era aquecida também pelo fato de não o ver diariamente, mas “senti-lo” sempre. “Todo dia aguardo sua carta, sonho com você e penso em você constantemente. O que há com você? Por que não escreve uma palavra sequer?... Fico tentando lembrar se o magoei com alguma coisa, mas não consigo adivinhar com o quê.” Essa carta é de 27 de setembro de 1892. Mas Tchertkov já tomara o freio nos dentes. No dia 1º de outubro ele enviou a Tolstói uma longa carta com uma lista de reclamações contra sua família. Ele acusou Sófia Andrêievna de criar uma “atmosfera de corte” em volta de Tolstói; escreveu sobre a impressão pesada que têm os seguidores de Tolstói depois de conhecer sua família; denunciou sua filha predileta, Macha, à qual não conseguia perdoar a recusa de trabalhar para ele como “agente”.

E como respondeu a essa carta Tolstói? Parece que Sófia Andrêievna tinha razão quando, em 1884, escreveu ao marido sobre sua cegueira em relação a Tchertkov. “Pocha¹⁸⁴ esteve aqui ontem, leu sua última carta e disse: que carta boa, como ele é veraz! E eu lhe disse: acabo de pensar em você (Pocha): que homem agradável, dócil e bondoso! Não trai suas convicções, não finge e, ao mesmo tempo, não ofende ninguém, e todos o amam... Eu também amo isso em você, Pocha”.

Isso não poderia deixar de acabar em escândalo.

HISTÓRIA COM UMA FOTOGRAFIA

Em dezembro de 1895, os tolstoístas mais destacados – Tchertkov, Biriukov, Gorbunov-Possádov, Tregúbov e Popov – propuseram a Tolstói tirar uma foto com eles na oficina de Mei. Como Tolstói poderia se recusar?

Significaria distanciar-se de seus discípulos e correligionários ciosos até numa “ninharia” dessas, e ele concordou. Porém, não era uma ninharia. Se fosse tirada uma foto, a existência do “partido de Tolstói” teria prova documental. Dificilmente Tchertkov, que tinha um relacionamento com a família real e com altos chefes da polícia, não entendia isso.

Ao saber da fotografia, Sófia Andrêievna reagiu resolutamente. Ela retirou da oficina de Mei todos os negativos da foto do grupo e os destruiu. Os tolstoístas se ofenderam. Escreveu Sófia Andrêievna em seu diário, em 8 de janeiro de 1896:

Veio Pocha. Ele me acusou e eu acusei a todos eles. Às escondidas, convenceram Lev Nikoláievitch a tirar a foto com esse grupo de “obscuros”; as meninas (as filhas Macha e Tânia) e todos os conhecidos ficaram indignados e horrorizados; Liova, magoado; e eu, com raiva e desespero. Fotos de grupo se fazem nos piqueniques ou nos ginásios e instituições etc. Significa que o tolstoísmo é uma *instituição*. O público espalharia isso e todo mundo compraria *Tolstói com seus discípulos*. Muitos apenas dariam risadas disso. Mas eu não permiti que Lev Nikoláievitch fosse tirado do pedestal para a lama. Na manhã seguinte, fui para a oficina e peguei todos os negativos. Ainda não fora feita nenhuma fotografia. O fotógrafo, Mei, alemão inteligente e educado, também concordou comigo e entregou os negativos de boa vontade.

Na noite de 10 para 11 de janeiro, Sófia Andrêievna trancou-se em seu quarto e ficou quebrando os negativos de vidro. Em seu diário, ela afirma que tentou recortar o rosto do marido com o brinco de diamante, mas não conseguiu.

A atitude de Tolstói perante o comportamento da esposa não está clara. Em seu diário de 31 de dezembro de 1895, ele escreveu: “Tchertkov esteve aqui. Houve um conflito por causa do retrato. Como sempre, Sônia agiu resolutamente, mas agiu mal, sem refletir”.

Além de ofensas, de ciúme e do desejo despótico de ter o marido só para ela, sem dividi-lo com ninguém, Sófia Andréievna sentia medo pela família. Em parte, ela se conformara em ser esposa de um “dissidente”, mas conhecia a crueldade de Pobedonóstsev com os sectários. Tanto mais que já corriam boatos sobre o possível exílio de Tolstói para os confins do império.

Depois do encontro pessoal com o imperador em abril de 1881, Sófia Andréievna esperava que tivesse resguardado o marido da perseguição direta por seus artigos. Mas, em 1892, ele lhe fez uma nova surpresa. Em 14 de janeiro, no jornal inglês *Daily Telegraph*, traduzido por Emílio Dillon, foi publicado o artigo de Tolstói “Sobre a fome”, proibido na Rússia. Em 22 de janeiro, o jornal conservador *Moskóvskie Védomosti* reproduziu com enorme prazer alguns trechos do artigo na tradução do inglês, acompanhados de comentários como estes: “As cartas de Tolstói... são um apelo aberto a derrubar todo o regime econômico e social existente no mundo inteiro. A propaganda do conde é a propaganda do mais extremo, do mais desenfreado socialismo, perante a qual até a nossa propaganda clandestina empalidece”.

Isso era uma delação. E era verdade. Tolstói realmente conclamava a “derrubar o regime econômico e social existente no mundo inteiro”, porém não pela violência. Justamente nesse período ele trabalhava no livro *O reino de Deus está dentro de nós*, elaborando a famosa teoria da “não violência”. Mas quem sabia disso?

É impossível descrever o pavor de Sófia Andréievna depois dessa publicação do *Moskóvskie Védomosti*. Aliás, ela soube da conversa que houve no dia 30 de janeiro entre o imperador e o ministro do Interior, Durnovô, ao final da qual Alexandre III teria ordenado “desta vez deixar o caso sem consequências”. Ela sabia que o imperador falara com A. A. Tolstaia sobre Tolstói e que ela o defendia. O imperador lhe teria dito: “Eu não pretendo nem um pouco fazer dele um mártir e chamar para si a

indignação geral”. Mas os boatos corriam... T. A. Kuzmínskaia escreveu à irmã: “Ouvi de fontes diferentes que o soberano se sente ofendido; diz até que recebeu a esposa dele, o que foi uma exceção que ele não abria a ninguém, e que não esperava ser entregue para ingleses, nossos maiores inimigos...”. Dizia-se que o Conselho dos Ministros havia se reunido para tomar a decisão sobre o exílio de Tolstói para o exterior.

“Você vai prejudicar a todos nós com seus artigos implicantes”, escrevia Sófia Andrêievna ao marido, que estava em Beguitchevka. “Onde é que estão o amor e a não resistência? E, tendo nove filhos, você não tem o direito de estragar a vida deles e a minha. Embora o fundo seja cristão, as palavras são más. Estou muito preocupada e não sei o que vou fazer, mas não se pode deixar as coisas assim como estão”.

Em 8 de fevereiro, ela ficou escrevendo cartas o dia inteiro ao ministro do Interior e ao jornal do governo *Pravítelstvenni Véstnik*.¹⁸⁵ E recebeu mais uma carta da irmã, de Petersburgo, na qual ela falava de “um perigo”, suplicava “agir o quanto antes” e dizia que iria pessoalmente a Petersburgo.

Por fim, o governador-geral de Moscou, o grão-príncipe Serguei Aleksándrovitch, teve um encontro de caráter particular com Sófia Andrêievna e disse a ela que o imperador esperava de Tolstói uma retratação do texto em inglês.

Lióvotchka, esperam de você um desmentido, assinado e publicado no *Pravítelstvenni Véstnik*, outros jornais foram proibidos de aceitá-lo. Esse desejo foi manifestado pelo imperador, por amor a você... Se em sua próxima correspondência eu encontrar sua carta ao jornal ou aquela folhinha que eu anexeï assinada por você, estarei tão feliz e tranquila como não fico há muito tempo. Senão, provavelmente irei a Petersburgo, usarei mais uma vez de toda minha energia e farei algo fora do comum...

E Tolstói novamente cede à esposa:

Sinto muito, minha querida, que esses mexericos tolos sobre os artigos em *Moskóvskie Védomosti* tanto a tenham alarmado que você foi procurar Serguei Aleksándrovitch. Pois não aconteceu nada de novo. O que foi escrito por mim no artigo sobre a fome já foi dito muitas vezes anteriormente e em expressões muito mais fortes. O que há de novo nisso? São coisas da multidão, da multidão hipnotizada, da bola de neve rolando e crescendo. Escrevi o desmentido. Mas por favor, querida, não mude e não acrescente uma só palavra sequer, e não permita a alteração de nada. Ponderei cada palavra, disse toda a verdade, somente a verdade, e desmenti a acusação falsa.

Na carta de 12 de fevereiro ao jornal *Pravítelstvenni Véstnik*, Tolstói declarou que não “tinha enviado nada aos jornais ingleses”, que a citação atribuída à sua autoria era “um trecho de seu artigo muito modificado (em consequência da tradução inversa, livre demais) e aquilo que segue a citação em letras graúdas e é apresentado como meu pensamento... é pura invenção”.

Isso foi uma humilhação para Tolstói, à qual ele se submeteu só para o bem de sua esposa. Ele conhecia pessoalmente o tradutor inglês Emílio Dillon desde dezembro de 1890, quando ele esteve hospedado em Iássnaia Poliana. Em novembro de 1891, cansado dos empecilhos da censura para o artigo “Sobre a fome” na revista *Assuntos da filosofia e psicologia*, ele mesmo, de Bêguitchevka, pediu a Sófia Andrêievna que enviasse o artigo a Dillon. “Deixe que publiquem lá, de lá ele virá para cá, e os jornais vão reproduzi-lo.” Portanto, ele sabia que a publicação do artigo em *Daily Telegraph* não fora casualidade. Além disso, ao se recusar a receber direitos autorais inclusive sobre traduções, Tolstói não fazia ressalvas a respeito da qualidade delas. Que direito moral tinha ele agora de protestar? Tolstói recebeu o castigo imediatamente. O *Pravítelstvenni Véstnik* não aceitou publicar sua carta. O órgão oficial não publicava polêmicas.

“Acabo de receber uma carta com a recusa do *Pravítelstvenni Véstnik*”, escreveu Sófia Andrêievna, embaraçada, a Bêguitchevka. “Perdoe-me, Lióvotchka, por ter obrigado você a escrevê-la. Agora prometo não me meter mais em assunto nenhum... Escrevi-lhe aquilo que o grão-príncipe me dissera. Vai entender essa gente!”

No entanto, a carta apareceu em outros jornais. Mas Tolstói, totalmente ocupado com os refeitórios para os famintos na província de Riazan (até aquele momento já haviam sido abertas 170 unidades), olhava para tudo isso de longe. “Pelo amor de Deus, minha querida, não se preocupe com isso... Por favor, não se sinta culpada. É uma mudança de papéis.”

O ofendido Dillon, cuja credibilidade como tradutor foi afetada seriamente, publicou nos jornais *Grajdanin*¹⁸⁶ e *Moskóvskie Védomosti* as cartas recebidas por ele de Tolstói, nas quais o escritor confirmava a fidelidade da tradução para o inglês. Assim, a culpa pela versão incorreta do inglês para o russo recaía sobre o jornal *Moskóvskie Védomosti*. Em seguida, o jornal abriu uma polêmica.

Nessa situação, Tchertkov se comportou de maneira sábia. Ele não censurou Tolstói com uma palavra sequer pelo desmentido. Foi muito compreensivo com ele e só queria que ele lhe respondesse uma coisa: a carta fora escrita “contra sua vontade” ou “por iniciativa alheia”?

Ele sabia de quem havia sido a iniciativa e continuava tramando intrigas contra Sófia Andrêievna.

Nesse contexto, a história com a fotografia em 1894 foi a gota d’água para a paciência da esposa de Tolstói. Mais uma vez, ela “explodiu”. E perdeu novamente. Tolstói teve de pedir desculpas ao “querido amigo”. “Continuo vendo com muito pesar as manifestações malevolentes de meus familiares provocadas por essa história com a fotografia e, conseqüentemente, de você e de nossos amigos... Por favor, procure perdoar a mim e aos meus familiares”, escreveu ele a Tchertkov. Logo depois, as filhas de Tolstói Macha e Tânia também sentiram sua culpa perante

Tchertkov. Praticamente traindo a mãe, elas também se desculparam com ele por meio de cartas, assegurando-o de que elas mesmas não conseguiam entender como isso podia ter acontecido. Se o ato de Sófia Andréievna fora ditado por ciúme e medo, o das filhas de Tolstói fora movido somente pelo ciúme. Existem muitas fotografias conhecidas de Tolstói com sua numerosa família. Já encanecido, nem um pouco fortão, comoventemente cercado pelos filhos já adultos e barbudos e dois ainda muito pequenos – Sacha e Vánietchka. E no centro – a mãe, evidentemente. A fotografia de Tolstói com os tolstoístas (ou mais corretamente, “tchertkovistas”) também pretendia ser um retrato familiar. E o segundo centro nele, depois de Tolstói, seria Tchertkov, é claro.

CULPADO SEM TER CULPA

Já havia tempo que Tolstói pedia desculpas a Tchertkov muito frequentemente. Sentado em duas cadeiras, vivendo em duas famílias, ele, naturalmente, não podia satisfazer todos os desejos, às vezes exigências, do amigo, bem como não podia cumprir todas as exigências da esposa. Mas, se com a esposa ele podia brigar e até fazer escândalo, ameaçando abandonar a família, assim como ela o ameaçava com o suicídio, o relacionamento com Tchertkov não podia ser tão “quente”. Nisso estava a diferença entre o relacionamento “carnal” com a mulher e o “espiritual” com o companheiro.

Pouco antes da história com a fotografia, em outubro de 1894, Tolstói se viu obrigado a se desculpar com Tchertkov por um ato precipitado de dez anos antes, quando, por confiança e amor ao “querido amigo”, entregara-lhe seu diário íntimo de 1884.

Os acontecimentos se desenvolveram da seguinte maneira. Em março de 1894, Tolstói atendeu aos insistentes pedidos de Tchertkov de visitar Gália no lugarejo deles na província de Vorónej. Sófia Andréievna estava contra essa viagem e várias vezes conseguiu dissuadir o marido disso. No entanto, no dia 25 de março, Tolstói, acompanhado de Macha, partiu para a

granja em Rjevsk, onde moram os Tchertkov, e até 1º de abril passou esse tempo “com alegria”. Na carta de Moscou, ele se desfez em agradecimentos pela calorosa recepção e disse que esse tempo seria “a lembrança mais cara” para ele. Tolstói gostou de tudo na casa de Tchertkov: do próprio anfitrião e de sua mãe (que tinha inimizade com o escritor por causa do filho), de Gália e de seu filhinho Dima, que não era mimado com brinquedos como Vánietchka.

Para Gália, que estava doente, ele mandou de Moscou dez libras de aspargo que ele mesmo comprara na feira. Mas verificou-se que o aspargo não prestava, e ele, ao passar uma descompostura no mercador e desculpando-se com o casal, enviou uma nova remessa. Ao mesmo tempo, a pedido de Tchertkov, procurou uma casa de veraneio perto de Iássnaia Poliana para o “querido amigo”. Supunha-se, não se sabe por que razão, que o clima da província de Vorónej prejudicava a saúde de Gália e que, na província de Tula, ela se sentiria bem. Como resultado, na província de Tula o próprio Tchertkov teve uma recaída de malária, que cessou logo que ele voltou a Vorónej. Várias vezes nas cartas de Tolstói aparecem as palavras “ser útil”. O grande escritor sonhava em “ser útil” para seus queridos amigos. É difícil dizer o que prevalecia nisso: um ímpeto sincero ou o desejo de realizar na prática a ideia de servir às outras pessoas, e não a si próprio.

Tolstói enviou descrições detalhadas (incluindo plantas) das casas que achou.

A indignação de Sófia Andréievna não teve limites. Ao chegar de Moscou e literalmente pegar o marido, ou melhor, a ausência dele, ficou sabendo que ele rodava pelas redondezas em busca de um ninho confortável para os Tchertkov. Além de ela não gostar dessa perspectiva, sua querida irmã, Tatiana Kuzmínskaia, ao saber dos planos de Tchertkov, recusou-se a passar o verão com a família em Iássnaia Poliana, o que ela fazia anualmente.

E novamente Sófيا Andrêievna escreveu a Tchertkov uma carta cheia de indignação. A carta não se conservou, mas sabemos a resposta: “Aproveitando a ocasião, quero lhe dizer, Sófia Andrêievna, o quanto me alegria a nossa futura estadia perto de nosso querido Lev Nikoláievitch”. Tchertkov se desculpou por ter incomodado o conde com a procura da casa de campo e não soube o que dizer, pois havia pedido ao conde para passar essa tarefa às filhas.

E outra vez, por causa da carta da esposa, Tolstói ficou sem jeito e teve de se desculpar com Tchertkov. “Ela tem medo... da solidão.” “Se você me perguntar se ela quer que você venha para cá, eu responderei: não. Mas, se perguntar isso a mim, direi: sim.”

Perante essa situação de ultimato, a escolha de Tolstói não foi a favor da esposa e da cunhada. E Tchertkov não tinha tato suficiente para entender que quem devia ceder era ele, e não a família.

No dia 18 de maio, a família de Tchertkov mudou-se para a aldeia Dêmenka, a cinco verstas de Iássnaia Poliana. A montanha não fora a Maomé, Maomé foi à montanha. Isso foi o começo do pesadelo periodicamente repetido de Sófia Andrêievna, quando Tchertkov, que lhe era odioso, estava não só espiritual, como também fisicamente próximo de seu marido.

Visitando quase diariamente Iássnaia Poliana, ele obtinha o direito de entrar no gabinete de Tolstói durante o trabalho dele, direito que não tinham nem a esposa nem os filhos do escritor. Na vida cotidiana, Tchertkov mostrava-se tão perdido quanto seu mestre. Esqueceu os suspensórios na margem do açude depois de nadar e mandou um bilhetinho pedindo para Tolstói e sua família procurá-los. Os suspensórios desapareceram. Pediu a Tolstói que alugasse para ele uma caleche, para não ter de fazer cinco verstas a pé. O escritor fazia tudo “com alegria”.

Mas justamente em Dêmenka, Tchertkov cometeu um erro e por pouco não perdeu a confiança de Tolstói. Lá, ele continuou copiando o diário de

Tolstói e levou consigo as cópias de outros, feitas anteriormente, inclusive a do diário de 1884, cujo original estava com o chefe de polícia Trêpov.

Em Dêmenka, Tchertkov adoeceu tão gravemente que Sófia Andréievna teve de ir correndo a Tula para lhe buscar um médico. Em agosto, voltando para Rjevsk e receando sua morte, Tchertkov pediu a Maria Lvovna que guardasse temporariamente sua mala com os manuscritos de Tolstói. Ao verificar o conteúdo, Macha viu o malfadado diário de 1884, ano do auge da crise espiritual de seu pai, e leu as frases ríspidas escritas por ele contra a mãe e o irmão Serguei. Macha mostrou-o ao pai.

E Tolstói assustou-se.

Sua carta a Tchertkov prova mais uma vez que, desde o começo da amizade entre eles, Tolstói constantemente encontrava-se numa situação ambígua. Por um lado, repreendia-se por ter entregado o diário a Tchertkov havia dez anos sem ter visto seu conteúdo; por outro, várias vezes na mesma carta, mudou sua decisão de devolver ou não o diário ao amigo. Escreveu Tolstói:

“Eu peguei esse diário e o guardei comigo. Quando me enviar o original que certamente está com você,¹⁸⁷ eu destruo esta cópia. Por favor, não deixe ninguém copiar os diários que estão com você e, ao copiar os pensamentos de conteúdo geral, mande-os para mim. Quantos cadernos você tem? Mudei de ideia outra vez: envio-lhe o diário, mas peço que o destrua.”

A atitude de Tolstói não cabe em nenhum raciocínio lógico. Isso demonstra que ele tinha uma dependência de Tchertkov não apenas na parte prática, mas também na espiritual.

A situação na qual se viu Tchertkov, ao colocar em evidência o que era secreto, era muito melindrosa. Ele não podia deixar de reconhecer que o diário fora copiado e que o original estava em mãos de terceiros. Temendo perder para sempre a confiança de Tolstói, contou-lhe toda a verdade na

carta de resposta, omitindo apenas o nome de Trêpov e substituindo-o por “amigo seguro”. Tchertkov se arrependeu de sua falha, pediu desculpas, prometeu ser cuidadoso e expressou seu receio principal:

“Confesso-lhe, Lev Nikoláievitch, que, além dos remorsos pelo desgosto que lhe causei, tortura-me o receio de que o senhor perca a confiança em mim no que se refere a seus manuscritos e cadernos. O senhor impediria Maria Lvovna de me enviar, segundo sua recente intenção, o último dos cadernos que o senhor entregou a ela para conservação?”

Disso se pode concluir que Tchertkov tinha em seu arquivo todos os diários de Tolstói, exceto as últimas anotações que ele não teve tempo de copiar por causa da doença e da volta forçada para Rjevsk. Entretanto, a terra ardia-lhe aos pés. Nos apartamentos de Biriukov e Popov, já tinham sido feitas buscas. Logo seria feita em sua casa e, em três anos, ele seria exilado na Inglaterra.

Tchertkov era um homem valente. Ele divulgava as obras proibidas de Tolstói ilegalmente, publicava-as no exterior. Mas, em outubro de 1894, faleceu Alexandre III, que era benevolente com Tchertkov, ao contrário de Pobedonóstsev. Era também por esse motivo que ele tinha pressa de copiar os diários. Longe da Rússia e de Tolstói, a única possibilidade de estar próximo do mestre seria por meio de seu arquivo.

Tolstói tomou uma decisão de compromisso: “Destrua essa cópia e envie para mim aquelas das quais não precisa mais”. Mas por que ele mesmo não destruiu a cópia? Por que não obrigou Tchertkov a devolver o original imediatamente? Por que, rasurando as frases nada lisonjeiras sobre a esposa e os filhos, ele propôs ao amigo fazer o mesmo, confiando a ele coisas tão íntimas?

MAIS QUE AMIZADE

As intrigas contra Sófia Andréievna e seus filhos tornaram-se para Tchertkov uma coisa comum. Depois de se queixar de Macha na carta de

setembro de 1892, por sua recusa a exercer a função de secretária não só dele como também do pai, em janeiro de 1895 ele tentou provocar uma cisão entre o pai e Tatiana, a quem não perdoara pela história da fotografia de Tolstói com os tolstoístas, destruída por Sófia Andréievna com a ajuda da filha maior. Ele escreveu a Tolstói uma carta, na qual censurava descaradamente Tatiana Lvovna por ela não ter recusado sua parte na partilha dos bens e tirar proveito dela fria e conscientemente para sua comodidade e prazeres. O surpreendente é que essa falta total de tato da parte de Tchertkov não indignou Tolstói. Eis sua resposta:

“Meu querido amigo, recebi sua carta fria e, mesmo assim, fico contente, porque há muito tempo não sei nada de você.”

No mesmo ano de 1895, Tchertkov enviou a Tolstói sua jaqueta usada.

Envio-lhe minha jaquetinha quente, que nós consertamos com meios domésticos. (A que foi trazida por minha mãe do exterior a pedido meu é muito diferente e quem a procurou com todo desvelo foi Vassíli Aleksándrovitch Pachkov, ao saber que ela se destinava ao senhor.) Mas a minha velha será mais de seu gosto justamente por ser usada. Vai lhe servir nesse outono em seus passeios de bicicleta¹⁸⁸ e a cavalo também; e para mim será muito mais agradável que o senhor a use, e não eu.

Em resposta, o enternecido Tolstói agradeceu a Tchertkov e a Gália:

“Obrigado pela maravilhosa jaquetinha, vou usar e me lembrar de vocês dois.”

É claro que o século XIX era um centenário sentimental e muitas coisas no comportamento das pessoas daquela época não são compreensíveis para nós. Mas Tchertkov, com demasiada frequência, deixava em Iássnaia Poliana objetos materiais como testemunhas de sua existência e da de sua esposa: da jaquetinha aos suspensórios e do relógio aos retratos. No fim da vida, Tolstói escrevia com uma caneta-tinteiro inglesa, presente de Tchertkov – não poderia ser mais simbólico!

Em outubro de 1895, Tchertkov ofereceu a Tolstói tornar-se seu testamenteiro espiritual. Ele desejava, que todas as suas cartas e algumas anotações de seus diários, que enviaria constantemente, Tolstói ficasse juntando numa pasta especial, que também lhe seria enviada. Essa pasta destinava-se a Dímotchka, filho de Tchertkov. Ele propunha-se a fazer tudo isso em “segredo”. “Nessa pasta eu escrevi o pedido de que ninguém, além do senhor, lesse seu conteúdo. Isso é para que eu possa lhe escrever tanto as cartas como o diário livremente, sem receio, como perante Deus. Portanto, não dê essa pasta para ninguém ler.”

E novamente Tolstói não disse uma palavra sequer de censura a Tchertkov por ele lhe impor mais um “segredo”, em vez de colocar o ajudante em seu devido lugar. “Recebi sua carta registrada e farei tudo o que você escreve”, respondeu Tolstói.

O ano de 1895 foi o ano mais terrível na vida da família Tolstói desde o início de sua existência. Em fevereiro, morre Vánietchka e surgem os sinais da doença mental de Sófia Andrêievna, que, a partir desse momento, começava a progredir. Tolstói transformou-se de um idoso forte num velho arqueado de cabelos brancos. Sófia Andrêievna chamava abertamente o ano de 1895 de “ano de início da velhice de Tolstói”. Ela percebeu que a morte do marido estava para vir. E começou a pensar em sua reputação após a morte dele, o que é perdoável para a mulher de um escritor.

Em abril, Sófia Andrêievna foi a Kíev para ver a irmã caçula e chorar suas mágoas. De Kíev, em carta ao marido, ela mencionou Vánietchka seis vezes. Depois do retorno, começou sua paixão doentia pela música e... por Tanêiev. Tolstói via que aconteciam coisas anormais com a mulher e explicava isso com a morte de Vánietchka. Porém, verifica-se que existia mais uma causa.

Sófia Andrêievna continuava sua guerra vã contra Tchertkov.

A GUERRA PELOS DIÁRIOS

A partir de meados dos anos 1890, pressentindo a morte do marido, ela começou a se preocupar seriamente com os diários dele, receando que sua imagem nesses diários pudesse ser mal interpretada pelo público e pelos descendentes. “Devo fazer um diário, é uma pena que escrevi tão pouco”, anotou ela em 1º de janeiro de 1895. Conhecendo, embora não totalmente, o conteúdo dos diários de Tolstói, ela pretendia criar sistematicamente sua versão da vida com o gênio. A essa tarefa ela dedicaria também as memórias inacabadas *Minha vida*.

Ao descobrir que os diários do marido estavam indo embora de casa para as mãos do odioso “destruidor de lares”, Sófia Andréievna ficou alarmada. Ainda mais que era justamente dela que esses diários estavam sendo escondidos. Em outubro de 1895, antes de ir a Petersburgo para a estreia de *O poder das trevas*, ela deixou uma carta que até hoje é impossível ler sem uma piedade pungente por essa mulher forte e muito vulnerável.

Todos esses dias senti um peso no coração, mas não me atrevi a falar com você, com medo de lhe afligir e de levar a mim mesma àquele estado ao qual cheguei no inverno em Moscou.¹⁸⁹

Mas não posso deixar de lhe dizer (pela última vez, procurarei que seja a última) o que me faz sofrer tanto. Para que, em seus diários, cada vez que menciona meu nome, você se refere a mim com tanta raiva? Para que você quer que todos os nossos descendentes, nossos netos injuriem meu nome, como o de uma mulher leviana e maldosa, a esposa que lhe fez infeliz? Pois quanto mais isso aumentar sua fama como mártir, mais isso vai me prejudicar!...

Após a morte de Vánietchka (lembre-se: “*papá*, não ofenda nunca minha mamãe”), você me prometeu que riscaria aquelas palavras más com que falou de mim em seus diários. Mas não fez isso, muito pelo contrário. Ou você realmente tem medo de que sua fama póstuma

diminua, se você não me apresentar como uma torturadora e a si mesmo como um mártir que carrega a cruz na pessoa de sua esposa?...

Quando nós dois não estivermos mais vivos, essa leviandade será interpretada de qualquer jeito por qualquer um, e eles jogarão lama em sua esposa...

Tolstói sentiu-se “culpado e enternecido”. Em 13 de outubro, em seu diário apareceu a inscrição:

... eu renuncio àquelas palavras más que escrevi sobre ela. Essas palavras foram escritas em momentos de irritação. Agora repito mais uma vez para todos em cujas mãos cairão estes diários. Eu me irritava com seu gênio impetuoso e irrefletido, porém, como disse Fet, cada marido tem a esposa de que precisa. Ela, como eu vejo agora, era a esposa necessária para mim. Ela era uma mulher ideal no sentido pagão de fidelidade e de abnegação, de amor à família, amor pagão, e é nela que está a possibilidade da amizade cristã. Eu vi isso depois da morte de Vánietchka.

Em 25 de outubro, ao se despedir da esposa, que viajava a Petersburgo, ele fez outra anotação importante:

Eu lamento que seja penoso e triste para ela se sentir solitária. Ela só tem a mim, em quem ela se segura, e, no fundo da alma, tem medo de que eu não a ame por ela não ter chegado até mim.¹⁹⁰ Não pense assim. Amo você ainda mais, entendo tudo e sei que não podia, não podia chegar até mim e por isso ficou solitária. Mas você não está só. Estou com você, amo você assim como você é, amo até o fim e tanto, que amar mais é impossível...

Na carta a Tchertkov, escrita em 12 de outubro, logo depois de ter lido a carta da esposa, ele, de uma forma clara, exigiu-lhe a devolução dos

diários. “Hoje lhe escrevo o principal: peço que me envie os diários que estão com você o quanto antes”.

E Tchertkov foi obrigado a devolvê-los. Mas pedindo encarecidamente para juntar todos eles numa pasta separada e “não guardar consigo, mas entregar às filhas para conservação, senão, em caso de sua morte súbita, eles poderiam ser tratados de forma indevida”.

E, mesmo devolvendo os diários dos anos 1889, 1890 e 1891, Tchertkov não se separou do de 1884, no qual a esposa de Tolstói fora chamada de “cruz” e de “nó no pescoço”.

“De acordo com seu desejo”, escreveu Tchertkov, “eu o estou relendo e rasurando ou recortando os lugares indesejáveis”. Dessa maneira, Tchertkov se deu o direito total de ser o censor moral de Tolstói.

A guerra pelos diários de Tolstói, que começou nos anos 1890, durou até a partida dele de Iássnaia Poliana. De um lado, Tchertkov, com sua paixão de colecionador dos manuscritos do escritor, inclusive os de caráter mais íntimo; de outro Sófia Andréievna, com seu desejo de corrigir a história viva da família.

E isso acabou se tornando a cruz na qual Tolstói seria crucificado.

183 O itálico é meu. (N. do A.)

184 Biriukov. (N. do A.)

185 Em russo, “Boletim Governamental”. (N. da T.)

186 Em russo, “O Cidadão”. (N. da T.)

187 Ele não sabia que o diário estava com Trêpov. (N. do A.)

188 Nessa época Tolstói estava aprendendo a andar de bicicleta. (N. do A.)

189 Quando tentou fugir de casa. (N. do A.)

190 Não ter entendido suas buscas espirituais. (N. do A.)

Excomunhão e testamento

Quando Tolstói já estava sentado na sala de espera da estação de Astápoovo, Sacha e Feokrítova ainda estavam no vagão, pondo nas malas as coisas que eram necessárias para a longa viagem até Novotcherkassk. Recordava Aleksandra Lvovna:

Quando chegamos à estação, papai estava na sala de espera para senhoras, sentado num sofá, com o bordão na mão. Ele tremia dos pés à cabeça, seus lábios se mexiam fracamente. Eu lhe sugeri que deitasse, mas ele se recusou. A porta da sala estava fechada e atrás dela reunira-se uma multidão de curiosos, esperando a saída de Tolstói. As senhoras entravam a cada instante, pediam desculpas, arrumavam seus penteados e chapéus diante do espelho e saíam...

“Quando nós conduzíamos meu pai, segurando-o pelos braços”, prossegue Sacha, “os curiosos tiravam os chapéus e faziam-lhe reverências. Papai mal conseguia mover as pernas, mas respondia-lhes levando a mão até o gorro.”

Makovítski, em suas anotações, menciona a multidão de curiosos, “vestidos como senhores”. O médico tomou-os por passageiros que esperavam seus trens, mas eram os funcionários da estação e, entre eles, estava o correspondente do jornal *Rússkoie Slovo* Konstantin Orlov.

Na hora de levar Tolstói para a casa do chefe da estação, Ozólin, quando o quarto já estava preparado para ele, surgiu um embaraço. O certo seria carregá-lo, e não conduzi-lo, como pensava Makovítski. A cada movimento, o doente perdia forças preciosas, e seu coração estava no limite. Mas como e quem faria isso? Ninguém da multidão, incluindo o jornalista Orlov, que seguia Tolstói incógnito, ofereceu ajuda ao médico e às duas moças. Tiravam os chapéus, reverenciavam-no. Mas não se atreviam a ajudar. Era Tolstói! Como seria possível tocar nele?!

Finalmente, um dos funcionários chegou por trás e pegou por baixo dos braços dele. Depois, verificou-se que seu pai era natural de Iássnaia Poliana. Na saída da estação, o guarda ferroviário se aproximou e pegou Tolstói por baixo dos braços pela frente.

Makovítski notou que Tolstói, quando andava, caía muito para frente. Ele já não conseguia mais andar. A partida tinha chegado ao fim.

Na casa de Ozólin, Tolstói recusou-se a deitar na cama e ficou muito tempo sentado na poltrona, sem tirar o casaco e o gorro. Segundo explicaria Makovítski, ele tinha medo de que a cama estivesse fria.

Nas memórias de Sacha, a explicação é mais interessante:

Quando a cama estava pronta, nós lhe oferecemos ajuda para tirar a roupa, mas ele se recusou, dizendo que deitaria quando tudo estivesse em ordem, como sempre. Quando ele disse isso, entendi que papai desmaiaria. Pelo visto, ele pensava que estava em casa, surpreso com a ordem diferente, não a costumeira...

“Não posso deitar. Façam como sempre. Coloquem o criado-mudo perto da cama e a cadeira também.”

Quando tudo foi feito, ele pediu que colocassem uma vela no criado-mudo, o caderno de notas, a lanterna e tudo como era em sua casa.

As recordações de Sacha foram confirmadas pelas recordações de Ozólin. O sentimento que surge é terrível. Ao fugir de Iássnaia Poliana,

Tolstói achava que se encontrava em sua própria casa e estranhou por que, em seu dormitório, estava tudo errado.

Makovítski, nesse meio-tempo, estava preocupado com outras coisas. Era preciso acender a lareira, aquecer os tijolos para pô-los sob os pés do doente, ferver água. Se acreditarmos nele, Tolstói, sentado na poltrona, estava em sã consciência. Pediu que chamassem Ozólin e a esposa dele, desculpou-se por causar o incômodo, agradeceu e pediu que o agentassem.

O casal ficou comovido. Eles pediram desculpas pelo barulho que os filhos faziam no quarto ao lado.

“Ah, essas vozes angelicais não incomodam”, respondeu Tolstói.

... Alguns dias depois, quando a filha Tatiana estava sentada a seu lado, ele novamente se lembrou de casa: “Sônia tem muita carga. Nós agimos mal”. Ela entendeu o que ele quis dizer, mas perguntou: “O que você disse, *papá?*”. “Sônia, Sônia tem carga demais.”

E perdeu a consciência.

O FINAL DO SÉCULO

A vida de Tolstói no final do século XIX foi muito difícil. “Os últimos cinco anos do século XIX foram um período muito pesado para meu pai”, escreveu o filho Serguei Lvóvitch.

Em 1895, morreu meu irmão caçula Vánietchka, um menino muito dotado para sua idade, carinhoso e solícito. Foi amado com muita ternura tanto pela mãe como pelo pai, e esse sentimento comum unia-os. Com a morte de Vánietchka, minha mãe como que perdeu o sentido da vida e sua histeria, à qual ela tinha tendência, manifestou-se com uma força maior.

Nesse período quinquenal, minhas duas irmãs, Maria e Tatiana, casaram e deixaram a casa paterna. Meu pai, que tinha um amor especial pelas

filhas, sentia muito a falta delas, mas não revelava isso e procurava superar essa saudade.

Na casa de nossos pais, morava apenas a filha caçula, Aleksandra. Em 1900, ela tinha dezesseis anos. Os filhos moravam separadamente. Meu pai sentia-se solitário, prevalecia uma atmosfera sombria dentro de casa.

Na véspera do século XX, o estado de espírito do casal era triste. Já não aconteciam nem cenas de ciúme nem brigas furiosas entre eles. O clima em Iássnaia Poliana tornara-se frio e descolorido.

Mas a vida espiritual, literária e pública de Tolstói nessa época era muito intensa. Ele estudava Nietzsche e Lombroso, acompanhava com interesse a guerra nas Filipinas e em Transvaal. Encontrou-se com Górkí (“Tivemos uma boa conversa. E eu gostei dele. Um verdadeiro homem do povo”). Assistiu à peça de Tchékhov *Tio Vânia* e “se indignou” com ela. Continuou se ocupando com os dukhobor e se interessou pela vida deles no Canadá. Escreveu textos sobre o patriotismo e o artigo “Escravidão financeira”. Leu obras dos psicólogos Wundt e Kefting e os considerou “edificantes”. Voltou a estudar Confúcio. Escreveu sua melhor peça, *O cadáver vivo*.

Seu diário de 1900 está saturado de pensamentos e cada um deles – a peso de ouro. Eis um exemplo: “A vida é uma ampliação dos limites nos quais vive o homem”. Nesse diário, há muitas deliberações sobre o casamento e as mulheres, mas o nome da esposa quase não aparece.

No final do século XIX, a família Tolstói sofreu mais um golpe. Morreu Lev, Lev III, o primogênito de Lev Lvóvitch e sua esposa Dora, sueca. Existe uma fotografia comovente dos três Lev juntos. O pequeno neto, pouco antes da morte, estava sentado no colo do avô. Depois da morte do primogênito, a inconsolável Dora recusou-se a viver na Rússia, e o casal mudou-se para a Suécia.

A EXCOMUNHÃO DE TOLSTÓI

O século XX para Tolstói começou com um acontecimento ao qual foi e continua sendo dada uma importância demasiado grande por causa da comoção que produziu na sociedade russa. Tolstói foi excomungado da Igreja ortodoxa. No fim do século XX, tornou-se uma espécie de moda discutir se essa excomunhão foi realmente excomunhão ou apenas o reconhecimento de que Tolstói, a partir de certo tempo, não era mais membro da Igreja ortodoxa, assim como era na realidade. Gostam especialmente de entrar em divagações sobre isso os escritores e articulistas leigos, mas com fortes tendências religiosas. “Não houve excomunhão!”, declaram eles. “Houve apenas uma definição.”

Como se isso mudasse alguma coisa.

Em 24 de fevereiro de 1900, em *Tserkóvnie Védomosti*,¹⁹¹ foi publicada a “definição” do sínodo de 20-22 de fevereiro, nº 557, com a “mensagem aos fiéis ortodoxos da Igreja grega e russa sobre o conde Tolstói”, na qual foi dito que “a Igreja não o reconhece como seu membro e não pode reconhecê-lo enquanto ele não se arrepender”.

É claro que a mensagem era mais extensa. E bastante convincente, deve-se reconhecer. Eis os itens apresentados como causa de sua “excomunhão”:

- rejeita Deus vivo glorificado na Santíssima Trindade, o Criador do Universo;
- nega Deus Jesus Cristo, o Deus Homem;
- nega Jesus Cristo como redentor, que sofreu por nós, homens, e para nossa salvação;
- nega Jesus Cristo como Salvador do mundo;
- nega a imaculada concepção de Cristo;
- nega a virgindade de Nossa Senhora e Virgem Maria Imaculada;

- nega a virgindade de Nossa Senhora e Virgem Maria Imaculada ao dar à luz;
- não reconhece a vida de além-túmulo e o castigo de Deus;
- rejeita todos os sacramentos da Igreja e o efeito benéfico do Espírito Santo neles,
- injuriando todos os objetos sacros do povo ortodoxo, não estremeceu em escarnecer o maior dos sacramentos – a Santa Eucaristia.

Cada uma dessas acusações Tolstói assinaria sem vacilar. Apenas a redação de alguns dos itens não fora totalmente correta. Tolstói não negava, por exemplo, a vida além-túmulo (em formas desconhecidas) e não negava o castigo de Deus (em vida – remorsos, vazio espiritual). Mas é claro que seus conceitos sobre isso não combinavam com os eclesiásticos. Depois da *Crítica à teologia dogmática*, uma obra precoce de Tolstói, que ainda não fizera sua “reviravolta”, depois de uma série de declarações e artigos seus e, principalmente, depois da descrição escarnecedora da comunhão no romance *Ressurreição*, seria um absurdo falar em Tolstói ortodoxo e até simplesmente eclesiástico. Mas era propriamente nisso que consistia o absurdo da “definição” sinódica.

Escrever aqui sobre a religião de Tolstói em comparação com a religião da ortodoxia russa significaria escrever outro livro. Quem se ocupa dessa questão hoje é o sacerdote Gueórgui Orekhánov, um pesquisador sério e de grande prestígio. Creio que sua obra nos dará respostas a muitas perguntas.

Para nós, é importante o próprio fato da publicação dessa “definição” justamente nessa época.

Uma pergunta simples: para que apareceu essa “definição”? Para que “excomungar” da Igreja uma pessoa que não pertencia a ela havia muito tempo? Para que “chacoalhar a canoa” da opinião pública russa, já frágil

sem isso, e criar um problema que mais tarde o próprio sínodo tentaria resolver e não conseguiria? Eis o enigma.

A palavra básica nessa mensagem do sínodo era “fiéis”. Com sua “definição”, ele como que separava os “fiéis” dos desconfiados. Os “fiéis” deveriam romper com Tolstói, um herege indubitável. Os que duvidavam deveriam parar para pensar: do lado do que e de quem eles estavam? Do lado da Igreja ou de Tolstói? Somente nisso se pode encontrar uma explicação racional para essa “definição” na época mais imprópria para a Rússia.

Mas quem foi o idealizador desse ato, digamos, racional? Quem se preocupava tanto com o fato de os fiéis poderem ser desorientados pelas pregações do frenético Lev? E por que o *realmente* herege Tolstói não podia ser excomungado?

Existe a opinião de que o mentor principal da “excomunhão” foi o procurador-geral do Santíssimo Sínodo, K. P. Pobedonóstsev. E que isso foi uma vingança pelo personagem do frio e cínico burocrata Tóporov no romance *Ressurreição*, no qual todos reconheciam Pobedonóstsev, embora não houvesse nenhum testemunho direto de que ele fosse o promotor principal da criação desse documento sinódico.

Segundo V. M. Skvortsov, um dos funcionários do sínodo, justamente Pobedonóstsev estava contra a publicação desse ato sobre Tolstói e, mesmo após sua publicação, manteve essa posição.¹⁹² Ela era bem conhecida: perseguir os tolstoístas, mas não tocar em Tolstói. E o ato sinódico “tocava” justamente em Tolstói. Pobedonóstsev não deve ter gostado disso, mas cedeu ao então arcebispo de Moscou, Antônio Vadkóvski, que por sua vez foi pressionado por um outro hierarca, polemista ardente de Tolstói, cujo nome Skvortsov não mencionou.

Não eram poucos os polemistas ardentes de Tolstói naquela época. Por exemplo, A. F. Gússev, professor da antiquíssima Academia Espiritual de Kazan. Aliás, foi justamente ele quem interrogou Péchkov (Górki) no

mosteiro Feodoróvski, em Kazan, no fim dos anos 1880, depois de sua tentativa de suicídio, e o excomungou por quatro anos. Porém, muito dificilmente um modesto professor tivesse tanta influência sobre o arcebispo de Petersburgo.

Muito mais influente era o polemista João de Kronstadt, o pregador mais famoso da Rússia, considerado milagreiro pelo povo russo, posteriormente membro do sínodo. Mas, em primeiro lugar, João de Kronstadt não tinha muito peso no sínodo, era mais um padre muito querido pelo povo e não um hierarca burocrático. E sua assinatura não constava no documento sinódico. Em segundo lugar, se fosse pela vontade de João de Kronstadt, Tolstói não seria excomungado, mas sim publicamente executado, supliciado na roda, esquartejado. O ódio que o padre sentia de Tolstói chegava aos limites da loucura. É impossível ler suas “polêmicas”. Aquilo não era polêmica, eram pragas. Em seu diário de 6 de setembro de 1908, pouco antes de sua morte, ele chegou a suplicar a Deus que matasse Tolstói para que o velho octogenário não conseguisse viver até a festa do nascimento de Nossa Senhora, “contra a qual ele blasfemou e continua blasfemando”. “Leva da Terra esse cadáver fedorento que, com sua soberba, desonra a Terra toda. Amém. Nove da noite”. Tal foi a oração noturna de padre João. É surpreendente, mas dois dias depois ele escreveu no mesmo diário: “Senhor, minha insignificância pede a Ti a cura de Anna,¹⁹³ gravemente doente. Ó Salvador de nossas almas e corpos, manda-lhe a cura, surpreende-nos com Tua graça e força”.

Realmente, o homem russo é generoso.

Portanto, o mais provável é que o padre João de Kronstadt não teve nenhum “mérito” na excomunhão de Tolstói. A “polêmica” espiritual estava numa escala diferente.

Em suas memórias, Skvortsov menciona os nomes do círculo de metropolitas que exerciam influência sobre o arcebispo Antônio. Eram Antônio Krapovitski, Sérgio Starogoródski, Innokenti Beliáiev, Antonin

Granóvski e Mikhail Semiónov. Ele também insinua que a campanha contra Tolstói era uma campanha indireta contra Pobedonóstsev para instigá-lo a ações mais radicais contra o famoso escritor. Pois nem os dois imperadores nem o procurador-geral decidiam-se a “tocar” em Tolstói não se sabia por quê.

Todavia, é curioso que nenhum dos mencionados por Skvortsov, assim como o padre João de Kronstadt, assinaram o ato sinódico.

Além de Antônio Vadkóvski, assinaram-no Theognost, arcebispo de Kíev e da Galícia, Vladímir, arcebispo de Moscou e de Kolómensk, Ierônimo, arcebispo de Kholmnsk e de Varsóvia, Ioakov, arcebispo de Kichinev e Khotinsk, e os arcebispos Boris e Markel. Portanto, Antônio Vadkóvski continua sendo a última figura nessa história.

E aí começa o mais interessante. Segundo a afirmação de Skvortsov, o texto da excomunhão fora escrito por Pobedonóstsev. Mas os membros do sínodo incluíram suas alterações para que a “definição” não parecesse excomunhão, mas certificasse apenas o afastamento de Tolstói da Igreja. Mais do que isso: a “definição” não foi concluída com uma maldição contra o conde Tolstói como “pseudomestre”, o que ele, sem dúvida, representava para Pobedonóstsev, que tinha suas razões para não gostar de Tolstói já desde 1881, quando houve entre eles uma luta pela influência sobre Alexandre III, muito jovem na época. A “definição” concluía-se com uma oração. E essa oração não foi escrita com a mão de Pobedonóstsev.

“E por isso, certificando seu afastamento da Igreja, oramos juntos para que Deus lhe dê o arrependimento e a razão da verdade. Oramos, Senhor misericordioso, para que não desejais a morte do pecador, mas o atendais e perdoais, e o façais voltar à Vossa Santa Igreja. Amém.”

No ato sinódico, falou-se do notável talento artístico de Tolstói dado a ele por Deus. Dessa forma, um leitor atento e sensível poderia entender toda a seriedade do problema perante o qual se viram a Igreja e Tolstói. O grande escritor, a glória da Rússia, renega a pátria que o criou, renega a Igreja

ortodoxa e dedica sua obra literária e seu talento recebido de Deus à divulgação entre o povo de ensinamentos contrários a Cristo e à Igreja e aniquila nas mentes e corações das pessoas a fé de seus pais, a fé ortodoxa.

Quem pode negar que houve esse problema? Houve sim, e que problema! É claro que isso foi um drama para Tolstói, cuja irmã era freira e vivia no convento em Chamórdino, para o qual Tolstói acabou se dirigindo ao fugir de Iássnaia Poliana.

Mas quase não havia leitores sensíveis e atentos na Rússia. E a “definição” do sínodo apareceu simplesmente num momento inoportuno. No início do século XX, a Rússia toda passava por abalos em todas as esferas e ia não se sabia para onde. Faltavam poucos anos até os sangrentos acontecimentos de 1905-1907 e as cruéis represálias de Stolýpin para sufocar a primeira revolução russa. Nesse período, qualquer documento “quente” só poderia agravar ainda mais a situação. Entretanto, o prestígio de Tolstói como mestre chegava ao apogeu (e o ato sinódico, na prática, aproximou esse apogeu).

O ato sinódico foi um erro evidente. Em princípio, sua redação era correta, mas foi publicado em momento inoportuno, não *naquela* Rússia, na qual deveria ter aparecido, e não contra *aquela* Tolstói, que ainda lhe dava atenção. Ele chocou a sociedade russa não com seu sentido, mas com a ênfase medieval do próprio ato. Pois ele por pouco não coincidiu com o Dia do Triunfo da Ortodoxia. Justamente nesse dia, de acordo com a tradição, eram excomungados todos os hereges e rebeldes. Foi no século XVIII que isso aconteceu pela última vez, quando excomungaram Hétmã Mazepa. Mas, a partir de 1801, os nomes dos hereges amaldiçoados não eram mais mencionados nas missas e, a partir de 1869, até os nomes de Mazepa e de Grichka Otrépiev, considerados os principais criminosos estatais, foram excluídos da lista. É claro que o nome de Tolstói não foi excomungado, como escreveu Kuprin num de seus melhores contos. Mas isso é o de menos. O problema foi que em todas as camadas da sociedade russa, de

operários, estudantes e professores até os simples sacerdotes, essa “definição” foi entendida justamente como “excomunhão”, e não de outra maneira. O ato sinódico agitou na memória russa os tempos de Avvakum¹⁹⁴ e das perseguições dos cismáticos. “Excomungaram! Excomungaram!” E logo quem? O maior dos contemporâneos, a glória do país!

No dia 3 de março de 1901, na praça Kazánskaia, houve uma manifestação de apoio a Tolstói com o espancamento dos participantes pela polícia.

Na XXIX exposição da Associação de Peredvíjniki, o quadro de Répin *Tolstói orando* foi adornado com flores. O quadro foi retirado. E houve muitos outros acontecimentos do gênero. A Iássnaia Poliana não paravam de chegar cartas e telegramas de congratulações (!) por Tolstói ter sido excomungado.

Vassíli Rósanov publicou um artigo cáustico, “Sobre a excomunhão de Tolstói”:

Entretanto, apesar de todos os seus terríveis e criminosos erros e palavras ousadas, há um enorme fenômeno *religioso*, talvez o maior fenômeno religioso na história da Rússia do século XIX, embora deturpado. Mas o carvalho que cresceu torto continua sendo um carvalho, e não é a instituição formal e mecânica que não cresceu nada, mas foi criada com mãos humanas (Pedro, o Grande e a série de disposições posteriores), que pode julgá-lo. Por isso, o sínodo não soube abordar esse assunto, receou fazer isso durante muito tempo e, quando abordou, cometeu um erro talvez fatal para a consciência religiosa russa. Esse ato abalou a fé russa mais do que os ensinamentos de Tolstói.

O ato sinódico causou um cisma até no meio sacerdotal. Verificou-se, de repente, que não só entre os “fiéis” da Igreja ortodoxa, mas também no

meio de seus pastores, havia admiradores de Tolstói. E a decisão do sínodo deixou-os ofendidos duplamente: pelo amado escritor e pela amada Igreja.

Mesmo entre os monges, esses defensores mais ciosos da ortodoxia, o ato sinódico causou um cisma. Pelas cartas do monge asceta Ksenofont (príncipe Konstantin Viázemski) à sua irmã enviadas do Monte Atos,¹⁹⁵ publicadas recentemente, pode-se julgar que explosão de dúvidas e, às vezes, de indignação provocou esse documento nos santuários da ortodoxia russa.

“A ocupação do sínodo é velar pelos assuntos da Igreja, isto é, controlar o comportamento do clero, para que seja digno.” “Amaldiçoar e injuriar pessoas porque elas pensam diferentemente dos outros não entra no âmbito do sínodo.” “O próprio Tolstói sempre declarou que não pertencia à Igreja ortodoxa, portanto ela não tem direitos sobre ele, como não tem nem sobre os sectários, luteranos ou católicos.” “Se querem julgar e estigmatizar as interpretações religiosas de Tolstói, devem convocar um concílio e ouvir suas explicações, mas não tomar decisões à revelia, como fazem os papas em Roma.” “Além do mais, quem é que não sabe que papel importante neste caso desempenham a antipatia pessoal e o amor-próprio ferido.”

Ksenofont, que não estava muito a par das intrigas na capital, lançava a maior parte da culpa sobre Pobedonóstsev. A outra parte, sobre João de Kronstadt, que ele conheceu pessoalmente outrora e o considerava um “charlatão pernicioso”. Isso são apenas detalhes. Eis a parte mais importante das cartas: “Tenho informações fidedignas sobre tudo o que se refere ao caso, porque muitos aqui recebem notícias diretamente do sínodo, todos estão muito interessados nesse assunto e os mosteiros dividiram-se em dois campos: os que têm raiva de Tolstói e odeiam-no (a maioria) e os que simpatizam com ele e ficam horrorizados com essa luta que começou na Rússia”.

Aliás, a atitude do próprio Ksenofont nesse assunto não podia ser objetiva. Enquanto príncipe Viázemski, escritor e viajante, ele esteve duas

vezes em Iássnaia Poliana e ficou encantado com Tolstói como pessoa.

Como posso acreditar que esse velhinho afável que prepara ele mesmo as camas para os hóspedes, que sorri com tanta bondade sentado à mesa com o samovar, que brinca com tanta delicadeza com os visitantes ainda não acostumados com suas esquisitices... Como posso acreditar que ele seja anticristo, apóstata etc.? Ele, que com tanto amor e compaixão trata os pobres, pode ser uma pessoa má? Pergunte aos mujiques de seu município, pois para eles ele é a melhor pessoa do mundo, ninguém sai da casa dele sem ter sido consolado, e ele não recusa ajuda a ninguém.

Pelo visto, a atitude em relação a Tolstói entre os monges era mais complexa do que entre o clero secular. Pois não foi sem razão que padre Amvróssio teve com ele três conversações de longas horas. Não era sem razão que as habitantes do convento de Chamórdino adoravam-no. Nem que foi dada tanta importância ao fato de Tolstói não ter conseguido se encontrar com padre Ióssif durante sua última visita a Óptina. E não foi sem razão também que os simples monges desse mosteiro trataram-no com tanta simpatia.

Os monges sentiam nele um ancião. Eles entendiam que não com seus escritos, mas com seu modo de vida, Tolstói correspondia ao arquétipo do asceta cristão mais do que muitos e muitos do clero oficial e, principalmente, do que aqueles investidos de alto poder. Sim, era um ancião “errado”, um “carvalho torto”, como disse Rózanov. Sim, seus escritos sobre a Igreja eram terríveis. Mas escritos são escritos, enquanto que sua imagem, sua *postura*, era de um ancião.

E não foi por acaso que Tolstói, em seu primeiro projeto de carta de despedida à esposa, esboçado no caderno de notas na véspera da partida, escreveu: “Faço aquilo que costumam fazer os velhos, milhares de velhos próximos da morte, vou embora das condições antigas que se tornaram contrárias para as condições próximas ao estado de espírito dos velhos. A

maioria vai aos mosteiros, e eu também iria ao mosteiro, se acreditasse naquilo que lá se fala. E, já que não acredito, estou indo ao isolamento”.

O trecho sobre os mosteiros desapareceu da versão final. Mas é preciso lembrar que Tolstói não partiu de Iássnaia Poliana, mas fugiu, temendo perseguição. Não foi por isso que ele excluiu os trechos sobre mosteiros, para não dar a pista por meio da qual poderia ser achado? Pois ele foi justamente aos mosteiros de Óptina e de Chamórdino. E seria muito difícil imaginar aonde mais ele poderia ter ido, onde mais poderia ser seu primeiro abrigo?

A notícia sobre a “excomunhão” Tolstói recebeu com indiferença. Ele perguntou apenas se foi proclamado o “anátema”. E ficou surpreso ao saber que não. Então para que fora preciso chover no molhado? Em seu diário, ele chama de “estranhas” tanto a “definição” do sínodo como as expressões de simpatia que chegavam a Iássnaia Poliana. Nesse tempo, ele estava adoecido e continuava escrevendo *Khadji-Murat*.

No entanto, entendia que não seria possível ficar calado e escreveu sua resposta à disposição do sínodo, refazendo o texto várias vezes, como sempre, e concluiu-a somente no dia 4 de abril.

A resposta de Tolstói começa com a citação do poeta Coleridge: “Aquele que amar o cristianismo mais que a verdade muito em breve amará sua Igreja ou seita mais que o cristianismo e acabará amando a si próprio mais que a tudo nesse mundo”. Com essa epígrafe, ele afirma a primazia da verdade sobre tudo, até sobre o cristianismo. E isso significa que o cristianismo já não era mais a verdade em última instância. Tal era a posição de Tolstói.

No texto, ele aponta para a ambiguidade do ato sinódico. Se aquilo era excomunhão, por que não foram observadas as regras? Se era apenas a declaração de que ele não fazia mais parte da Igreja, “tal fato já era evidente por si, e a declaração, não sendo excomunhão, não podia ter outra

finalidade a não ser fazer com que ela parecesse como tal, e foi o que aconteceu na realidade, porque ela foi entendida exatamente assim”.

“Que eu me afastei da Igreja”, concorda Tolstói, “que chama a si mesma de ortodoxa – é verdade. Mas eu me afastei dela não porque me revoltei contra Deus, ao contrário, foi porque com todas as forças de minha alma queria servir a Ele.”

Infelizmente, o texto contém algumas palavras grosseiras referentes aos rituais eclesiais. “Para que a criança, ao morrer, vá ao paraíso, é preciso que haja tempo para untá-la e dar-lhe banho pronunciando as palavras conhecidas...” Há também uma evidente inverdade, ou melhor, uma meia verdade: “Eu nunca me preocupei com a divulgação de meus ensinamentos”. Como não se preocupou? E quem mandou imprimir *Em que consiste minha fé?* por sua própria conta na tipografia de Kuchnerev e o divulgou na alta sociedade em Petersburgo? Quem passava a Tchertkov os manuscritos dos artigos anticlericais? Quem se alegrava com sua publicação na Inglaterra?

A resposta de Tolstói, em comparação com o documento sinódico, é longa, o que demonstra dificuldade na exposição da ideia básica. Mas, no final da resposta, aparece o principal, que traz seu sentido. “Eu preciso viver sozinho de acordo comigo mesmo e morrer (muito em breve) sozinho, e por isso não posso ter outra fé a não ser a minha, preparando-me para ir Àquele Deus Do Qual eu vim”.

Em outras palavras: deixem-me em paz!

E nisso é todo o Tolstói.

A atitude da condessa perante a deliberação do sínodo era diferente. Ela não esqueceu com que liberdade tinha conversado com Pobedonóstsev, defendendo a grandeza do marido, e com que afabilidade tinha sido recebida por Alexandre III e a imperatriz. Grande coisa esse sínodo! E a condessa resolveu partir para a luta.

Ela escreveu sua infeliz carta e a enviou a Pobedonóstsev e aos três arcebispos que assinaram a “definição”. Traduzida para vários idiomas, a carta teve uma ampla divulgação.

“Nenhum manuscrito de L. N. teve uma divulgação tão rápida e tão grande como essa minha carta”, escreveu Sófia Andrêievna em seu diário. Ela estava feliz! Encontrava-se num estado de exaltação. “Deus mandou-me fazer isso. Não foi minha vontade.” Vendo esse seu estado, Tolstói comentou com tristeza: “Sobre esse assunto foram escritos tantos livros que eles não caberiam nesta casa, e você quer ensinar as pessoas com sua carta”. Foram palavras severas.

Mas ela queria muito se sentir novamente a colaboradora do marido que tanto amava, mas que ficava indiferente a seus ímpetos cívicos. Embora, a julgar pelo diário dela, ele fosse carinhoso e “muito apaixonado” pela esposa, mas em outro sentido. A carta da condessa foi publicada na parte não oficial do jornal *Tserkóvnie Védomosti* acompanhada da resposta do monsenhor Antônio Vadkóvski.

“Para mim, a Igreja é um conceito abstrato”, escreveu ela, sem se dar conta de que, com isso, ela mesma se excomungava. “Será que, para celebrar a missa de corpo presente ou rezar pelo meu marido, eu não poderei encontrar um sacerdote decente que não tenha medo de pessoas perante o verdadeiro Deus de amor, ou um ‘indecente’ que faria isso por um bom dinheiro?”, confessa ingenuamente Sófia Andrêievna.

A resposta do arcebispo foi arrasadora. “A Igreja, da qual a senhora considera fazer parte, é composta de pessoas que acreditam em Cristo”, lembra-lhe ele coisas evidentes. “E eu não creio que seja possível encontrar um sacerdote, mesmo ‘indecente’, que tenha coragem de celebrar essa missa cristã para o conde descrente e, mesmo que celebre, será uma profanação do ritual sagrado. E para que essa violência contra seu marido? Pois sem dúvida alguma ele mesmo não quer a celebração cristã de seu enterro...”

O problema da condessa consistia em que, amando o homem que decididamente negava a Igreja, ela queria continuar pertencendo a ela e, ao mesmo tempo, salvar a honra do marido.

Justamente nesses dias um acontecimento demonstrou quão complicada era a situação de Sófia Andrêievna. No fim de março começava a Semana Santa. Ela resolveu jejuar e queria que a filha caçula fizesse o mesmo. Sacha se opôs. A mãe chamou-a para as vésperas, mas a filha declarou-lhe sua descrença. Sófia Andrêievna pôs-se a chorar. Sacha foi se aconselhar com o pai.

“Vá, é claro”, disse Tolstói à filha, “não magoe sua mãe.” Sacha acompanhou Sófia Andrêievna na missa. Mas se recusou a jejuar.

A MORTE NA CRIMEIA

Uma palavra na correspondência entre Sófia Andrêievna e Antônio chama atenção. Por que se falava do enterro, como se Tolstói estivesse à morte?

No início de 1901, Tolstói tinha setenta e dois anos. Era uma idade avançada. Mas ele ainda estava forte. Sim, ficava adoentado às vezes, sentia fraqueza, depressão, cismava que morreria logo. Mas, no começo de março de 1901, não havia nenhum sinal de doença *fatal*. Na carta da condessa aos hierarcas, foi mencionada “uma ordem secreta do sínodo aos sacerdotes de não celebrar a missa de corpo presente de Tolstói”. Na carta-resposta, Antônio reconheceu esse fato e, aliás, referiu-se a ele como a um ato anterior à “definição”: “Quando, no ano passado, os jornais publicaram a notícia sobre a doença do conde, os sacerdotes dirigiram-se ao sínodo perguntando se a missa do corpo presente de Tolstói, em caso de morte, deveria ou não ser celebrada. E o sínodo só poderia responder que não, caso ele morresse sem se reconciliar com a Igreja. Nisso não houve ameaça, mas a resposta não poderia ser outra”.

Essa revelação franca de Antônio, publicada nos jornais, em parte explica o aparecimento do ato sinódico em 1901, quando já não havia

nenhum motivo evidente para isso. É curioso que, a respeito dessa questão, a posição de Pobedonóstsev era mais contra do que a favor. Segundo afirmação de V. M. Skvortsov, que comunicou ao procurador-geral a carta de um sacerdote de Moscou questionando se, em caso de falecimento de Tolstói, era para orar por sua alma, Pobedonóstsev respondeu: “Já não bastam os rumores em torno do nome de Tolstói? E se agora ainda for proibida a missa das almas, vai ser um Deus nos acuda com tanta revolta na cabeça das pessoas, tantas tentações e pecados com essa desordem! A meu ver, é melhor seguir o famoso ditado: “... quanto mais se mexe...”.

Pelo visto, a “definição” foi mais ligada à possível morte de Tolstói. E o texto no jornal da Igreja era destinado mais aos sacerdotes do que aos paroquianos. Após a publicação do documento, não se podia mais nem pensar em missas das almas em sua memória em toda a Rússia. No melhor dos casos, o país ortodoxo deveria receber a notícia da morte de Tolstói com silêncio de luto e amargor pelo “ido para todo o sempre”. Portanto, essa “excomunhão” era uma encenação com o protagonista tido como “morto”.

Disso fala também Vassíli Rózanov, que escreveu muito sobre a “excomunhão” de Tolstói e estava a par das circunstâncias do assunto porque conhecia pessoalmente os eclesiásticos envolvidos no caso. Num de seus artigos, ele observou que a publicação do documento foi provocada pelo próprio Tolstói, com o capítulo “murcho” do romance *Ressurreição*, no qual ele “zombou” da liturgia. E a questão não fora inicialmente levantada no sínodo, mas “por iniciativa de um reverendíssimo local, indeciso na questão de como enterrar Tolstói em caso de morte, que fez um requerimento ao sínodo”. Segundo a opinião de Rózanov, a “excomunhão” foi um “imprevisto”.

Mas o sínodo se viu acuado. Era evidente que após a morte de Tolstói milhares e milhares de pessoas crentes iriam aos templos para orar pelo amado escritor. Os escritos anticlericais de Tolstói eram rumores e não estavam em evidência. Haviam sido publicados no exterior e divulgados na

Rússia apenas ilegalmente, e não eram conhecidos pela maioria dos crentes simples. Além do mais, a própria linguagem desses escritos era complicada. Mesmo para pessoas cultas, a leitura da *Crítica da teologia dogmática*, por exemplo, exigia um grande esforço intelectual.

O capítulo faccioso de *Ressurreição*, com a descrição da liturgia na igreja de um presídio, foi, evidentemente, excluído da edição russa, e não entrou nas traduções europeias, porque os tradutores recebiam o texto de *Ressurreição* logo após a publicação de cada parte na revista russa *Niva*.¹⁹⁶ E somente graças a Tchertkov a *tradução em inglês* saiu sem os cortes da censura e, posteriormente, em russo, por sua editora Svobódnoie Slovo.¹⁹⁷

O curioso é que o próprio Rózanov não lera esse capítulo e julgava-o com base nos rumores. O que falar então da maioria esmagadora dos leitores russos que conheceram *Ressurreição* somente pela edição da revista *Niva*, ilustrada e a mais popular, na qual não havia nem sombra desse capítulo?

Aliás, essa iniciativa de Tchertkov causou indignação às pessoas próximas de Tolstói. O genro M. S. Sukhótin, por exemplo, escreveu em seu diário que a recusa dos direitos autorais por Tolstói havia deixado de ter sentido, pois todos os direitos pertenciam a Tchertkov, que decidia onde, quando e em que formato publicar as novas obras do escritor.

Entretanto, a questão da morte real de Tolstói tornou-se séria justamente *após* a resolução do sínodo. No inverno de 1901-1902, Tolstói esteve à morte duas vezes numa luxuosa mansão em Gaspra, na Crimeia, oferecida a ele por uma admiradora, a condessa Pánina. Logo depois da pneumonia (em sua idade e naquela época, quando ainda não existiam antibióticos, essa doença era mortal), ele teve tifo abdominal. A recuperação de Tolstói, e o fato de ele ter vivido oito anos depois disso, foi um verdadeiro milagre divino, explicado, aliás, pelo infatigável desvelo de sua esposa e dos familiares.

Não nos deteremos nessa história, na qual houve muitos momentos dramáticos e comoventes...

Desses momentos comoventes fazem parte os encontros de Tolstói moribundo e convalescente com Tchékhov e Górkí, os quais ele abençoou, “indo para o além”. Se bem que abençoou de uma maneira muito estranha: por exemplo, criticou severamente Tchékhov por sua dramaturgia, que lhe trouxera fama mundial e, nos séculos XX e XXI, colocara seu nome ao lado do de Shakespeare. A propósito, Tolstói também não gostava de Shakespeare.

Um dos momentos dramáticos foi a chegada do filho Lev Lvóvitch, que estava editando seu romance *Buscas e reconciliações*, dirigido ideologicamente contra o pai, mas com a evidente influência artística dele. Lev Lvóvitch queria saber a opinião do pai sobre o romance. Tolstói, que não tinha forças para falar sobre aquilo que lhe era penoso e constrangedor, escreveu-lhe uma carta. O filho, ao ler a carta na presença dos familiares, rasgou-a em pedacinhos e, no mesmo instante, saiu da casa.

Se fosse para descrever em detalhes a história de Tolstói na Crimeia, ela ocuparia muito espaço. Mas justamente ali, na Crimeia, onde estava ele moribundo, estourou pela primeira vez a verdadeira luta por sua alma e por sua herança. Além da família Tolstói, pessoas próximas de Tchertkov estavam hospedadas na mansão. Por exemplo, Pável Aleksándrovitch Boulanger, que idolatrava sinceramente Tolstói e ajudara-o na revisão de suas antologias de sabedoria oriental. Aliás, sendo funcionário da companhia ferroviária, arranjou um vagão especial para a viagem dos Tolstói à Crimeia. Mas Boulanger era também infinitamente fiel a Tchertkov.

A cunhada de Tchertkov Olga Konstantínovna Tolstaia (nascida Díterikhs), esposa do filho de Tolstói Andréi e irmã de Anna Konstantínovna Tchertkova (Gália), também cuidava do escritor. E através do amigo de Tchertkov Albert Chkarvan, adepto de Tolstói na Eslováquia,

veio também desse país D. P. Makovítski, que posteriormente se tornaria uma das pessoas mais próximas de Tolstói.

A preocupação de Tchertkov era explicável. No começo do século XX, ele já era praticamente (e, mais tarde, seria também juridicamente) o detentor de todos os direitos autorais sobre todas as obras de Tolstói que eram editadas no exterior. Morando numa mansão que sua mãe lhe comprara em Christchurch, a 150 km de Londres, Tchertkov abriu lá uma tipografia e começou a construir um depósito de manuscritos de Tolstói. Esse depósito era uma construção isolada e equipada de acordo com a última palavra em matéria de ciência e técnica de arquivos. Tinha um forno a gás e uma ventilação especial que mantinham a umidade e a temperatura constantes; um sistema contra incêndios e um sistema de sinalização elétrica. Se de noite alguém tocasse nas maçanetas das portas do depósito, na casa de Tchertkov soaria uma sirene ensurdecedora. E a construção de concreto armado era tão resistente que nem um terremoto poderia destruí-la. Ela poderia afundar, mas não seria destruída. Porém, sem um testamento formal de Tolstói que reconhecesse os direitos de Tchertkov a conservar e publicar os preciosos manuscritos, isso perderia todo o sentido. Não foi por acaso que, justamente depois da Crimeia, Tchertkov começou a luta pelo testamento de Tolstói, que terminou na trágica partida do escritor.

Ao mesmo tempo, travou-se a luta pela alma do escritor.

A segunda carta do arcebispo Antônio Vadkóvski à condessa Tolstói, enviada para a Crimeia, foi escrita por sua própria iniciativa. Mikhail Sukhótin, genro do escritor, chamou essa carta de “jesuíta”, considerando que a finalidade dela era a tentativa do sínodo, assustado com os resultados da “excomunhão”, de salvar sua reputação e fazer o escritor voltar ao seio da Igreja no limiar de sua morte. Sukhótin não compartilhava do fervor dos pronunciamentos anticlericais e antiestatais do sogro. É sabido que ele se encontrava com o padre João de Kronstadt. Portanto, não pode ser suspeito de ter ideia preconcebida a respeito do arcebispo.

Porém, Vadkóvski era uma personalidade muito forte e independente. Ex-reitor da Academia Espiritual de Petersburgo, doutor *honoris causa* das universidades de Oxford e Cambridge, arcebispo da capital e figura principal do sínodo, Antônio não poderia ter sido “executor” da vontade alheia. É difícil dizer se ele foi movido “por amor ao escritor”, como considera o sacerdote Gueórgui Orekhánov, mas não restam dúvidas de que a carta foi escrita com paixão e sinceridade. E é nisso que ela se diferencia da primeira, inteligente, mas um tanto fria e irônica.

A possibilidade da morte de Tolstói dava outra conotação à “definição”. Se Tolstói tivesse morrido na Crimeia, o sínodo estaria numa situação complicada. Para a opinião pública, isso seria a morte heroica *da vítima do poder eclesiástico*.

A razão do astuto e precavido Pobedonóstsev nesse caso seria evidente. Para a corte imperial e, pessoalmente, para Nicolau II, essa morte seria desvantajosa em todos os sentidos. Além de criar problemas internos, comprometeria a Rússia perante a Europa.

Pelo visto, a carta de Vadkóvski foi resultado da coincidência de duas circunstâncias: a vontade pessoal do czar e o clima geral criado na Rússia após a “excomunhão” de Tolstói.

A carta não é extensa, podemos citá-la na íntegra.

11 de fevereiro de 1902.

Prezada condessa,

Escrevo-lhe estas linhas, como no ano passado, movido pelo impulso interno invencível. Seu marido me confrange o coração. Sua idade já é avançada. A persistente enfermidade enfraquece suas forças aos olhos de todos. Mais de uma vez correram rumores insistentes sobre sua morte. É verdade que a vida de cada um de nós está nas mãos de Deus e que Ele tem o poder de curar o conde e lhe dar a vida por mais alguns anos. Deus queira lhe fazer essa graça. Mas as vontades de Deus nos

são desconhecidas. E quem sabe? Talvez o Senhor já tenha mandado o Anjo da Morte retirá-lo do meio dos vivos dentro de alguns dias ou semanas.

E é aqui que está a causa de eu ter meu coração sangrando por ele. O conde rompeu sua união com a Igreja, renegou a fé em Cristo como Deus, privando com isso sua alma da fonte radiante de vida e rompendo os laços íntimos que o ligavam ao seu amado e sofrido povo russo. Viver sem Cristo é como viver sem o sol: não há vida sem o sol, não há vida sem Cristo. E sem essa vida cristã, sem a união com o povo amante de Cristo, o conde me parece agora tão infeliz, solitário... com frio e sofrimento dentro da alma. E nessa solidão espiritual é duro enfrentar a morte!

Condessa, será que a senhora não usaria todas as suas forças, todo o seu amor, para fazer voltar a Cristo seu tão amado marido, a quem mimou por toda a vida? Será que vai permitir que ele morra sem se reconciliar com a Igreja, sem o sacramento de despedida com o corpo e o sangue de Cristo, que dão à alma crente paz, alegria e vida?

Ó condessa! Suplique ao conde, convença-o a fazer isso! Sua reconciliação com a Igreja será uma festa, uma alegria para toda a Rússia, para todo o povo russo ortodoxo, alegria na terra e no céu. O conde ama o povo russo, procurou muito tempo na fé do povo as forças para sua fé vacilante, mas lamentável, e infelizmente não soube achá-las. Deus dá a graça, ajuda e dá forças para ele se unir à fé de seu povo ao menos antes de morrer! É penoso morrer solitário, apartado da vida do povo e da Santa Fé. Para os que amam o conde também é penoso não poder vê-lo reconciliado com a Igreja e com a fé em Cristo!

Suplique-lhe, condessa, para que volte a Cristo, à vida feliz com Ele e à Sua Santa Igreja! Faça essa festa para toda a santa terra russa. Que o próprio Deus a ajude e dê felicidade à senhora e ao conde.

Com alta estima,

Seu criado Antônio, arcebispo de São Petersburgo.

Na carta de Antônio, há duas mensagens paralelas. A primeira era dirigida à condessa, e a segunda, ao conde. Antônio supunha que Sófia Andréievna mostraria a carta ao marido. E nela o arcebispo lisonjeou-a com seu apelo, demonstrando que somente ela seria capaz de fazer seu cônjuge voltar ao seio da Igreja e somente seu grande amor e a força de sua convicção poderiam derreter o gelo no coração do conde e motivar nele uma nova revolução espiritual.

A segunda mensagem – sobre o povo russo, “ortodoxo” e “amante de Cristo” – é dirigida a Tolstói.

Mas Vadkóvski não podia saber que Tolstói não aprovava o fato de que uma parte do campesinato russo tinha se afastado da Igreja. Isso parece um paradoxo em sua consciência religiosa. Na realidade, não havia paradoxo nenhum. Tolstói entendia perfeitamente que, ao se afastar da Igreja, o camponês afastava-se da fé em Deus em geral, exceto quando adería aos cismáticos ou sectários. Ele tinha muitas dúvidas a respeito dos eunucos, porque considerava mecânica demais essa solução para o problema sexual. A julgar por seus diários, tinha também certo receio em relação aos dukhobor, que ele pessoalmente ajudara a emigrar. E, o que era sabido de todos, não gostava e não entendia os toltoístas, com exceção das pessoas mais próximas: Tchertkov, Biriukov, Boulanger, Gússev, Bulgákov, Makovítski e outros. Tolstói não suportava que, em sua presença, os camponeses proferissem impropérios endereçados aos sacerdotes. Ele sentia nisso falsidade e vontade de agradá-lo como principal crítico da Igreja. E, ao mesmo tempo, tinha muito respeito pelos mendigos alienados, monges simples e padres rurais.

Vadkóvski, certamente, lera a *Confissão* de Tolstói e sabia que ele *invejava* a fé ingênua da gente do povo nos “milagres” eclesiásticos. Nessa

obra, ele explica seu caminho religioso como “A desgraça de ser inteligente”.¹⁹⁸

Por isso, a acentuação da palavra “povo” na carta de Antônio foi dirigida muito mais a Tolstói do que à condessa. Era o único argumento que poderia influenciar Tolstói e forçá-lo a se reconciliar com a Igreja, ao menos formalmente, antes da morte. É duvidoso que Antônio acreditasse seriamente numa repentina “volta atrás” do teimoso conde. Porém, nem esse argumento fez efeito.

A carta do arcebispo tocou a condessa. Em seu diário, ela escreveu que, depois de recebê-la, leu-a ao marido e pediu que ele fizesse as pazes “com tudo o que é terreno e com a Igreja também”. Aliás, isso caracteriza a própria atitude dele com a Igreja, como instituição excepcionalmente “terrena”. De qualquer forma, houve um impulso da parte de Sófia Andréievna, e ela gostaria que o marido voltasse à Igreja, nem que fosse apenas formalmente. E isso é compreensível. Os filhos mortos, incluindo o queridinho Vánietchka, ela enterrara observando os rituais ortodoxos, e é claro que gostaria que o marido também fosse enterrado assim. Mas Tolstói era implacável. “Da reconciliação nem se fala. Estou morrendo sem qualquer rancor ou raiva. E o que é Igreja? Que reconciliação pode haver com um objeto tão indeterminado?”

Isso era praticamente a vontade derradeira de Tolstói. No dia do recebimento da carta do arcebispo, foram feitas várias injeções de cânfora no doente para manter o coração batendo. Suas mãos e pés já estavam ficando frias. Ele estava na cama retorcido por uma dor pungente do lado direito. Pela primeira vez, a esposa viu em seus olhos não “um terrível desejo de viver”, mas uma “humilde resignação”, e escreveu no diário dela: “Que Deus o ajude, assim é mais fácil sofrer e morrer”.

No entanto, na vida de Tolstói depois da Crimeia houve mais um caso em que um dos altos hierarcas da Igreja teve oportunidade de influenciar diretamente suas convicções. Era o prelado de Tula, Parfêni Levítski. No

dia 21 de janeiro de 1909, ele visitou Tolstói em Iássnaia Poliana e teve uma longa conversa com o escritor. O conteúdo completo do diálogo permaneceu desconhecido em razão da vontade de ambos.

O encontro aconteceu por iniciativa de Parfêni, mas o importante é que Tolstói desejava ter essa reunião.

Para a imprensa, Parfêni declarou que Tolstói conversara com ele “como qualquer cristão fala com seu pastor durante a confissão” e atribuiu essas palavras ao próprio escritor. Todavia, no diário de Tolstói não foi mencionada nenhuma confissão. Ou melhor, tratou-se da confissão inversa. “Ontem o prelado esteve aqui. Eu falava com franqueza, mas tomava muito cuidado para não lhe mostrar toda a pecaminosidade de seu ofício...” Parfêni deixou uma impressão muito boa em Tolstói. O secretário Nikolai Gússev, que presenciou a despedida dos dois, escreveu em seu diário que, para Tolstói, a visita “foi muito agradável” e que ele até derramou algumas lágrimas e agradeceu ao prelado “pela coragem”.

A julgar pelos fragmentos conhecidos dessa conversa, Parfêni e Tolstói não se encontraram só por se encontrar. Cada um tinha sua finalidade. A de Parfêni era convencer Tolstói a voltar à Igreja. Mas ele fazia isso com tato, sem pressão, e por isso Tolstói gostou dele.

O objetivo de Tolstói era mostrar que ele não era inimigo da fé. Contando a conversa com o prelado a S. P. Spiro, correspondente do jornal *Rússkoie Slovo*, Tolstói fez uma declaração muito importante: “... eu lhe disse: só me desagrada que todas essas pessoas¹⁹⁹ censurem-me por eu destruir a fé das pessoas. É um grande mal-entendido, porque toda a minha atividade nessa questão é dirigida a tirar as pessoas do estado de total descrença, salvá-las da ausência de toda e qualquer fé”. Segundo Spiro, Tolstói contou a Parfêni um caso em Iássnaia Poliana.

Um dia, passando pela aldeia, ele olhou pela janela de uma casa e viu uma mulher velha que estava de joelhos e fazia reverências. Tolstói reconheceu-a. Era Matriona, que quando jovem tinha a fama de mulher

mais depravada da aldeia. Na volta para casa, já de noite, ele outra vez olhou pela janela. A velha continuava rezando. “Isso que é orar! Queira Deus que todos nós oremos assim, isto é, tenhamos a consciência de nossa dependência de Deus. Violar uma fé que suscita uma oração como essa eu consideraria o maior crime. As pessoas de nossa classe culta já são diferentes – ou não têm fé ou, o que é pior, fingem que têm, só por conveniência”, disse Tolstói. Ele não negava a fé eclesiástica, não negava os rituais, mas só quando nisso havia sinceridade espiritual. Lembremos que a cena da confissão no romance *Ressurreição* se passa na igreja de uma prisão. Katiucha Máslova foi parar lá por culpa dos hereges da classe privilegiada, a começar pelo príncipe Nekhliúdob e terminando com os juízes. Ela, tratada com tanta crueldade e injustiça quando foi praticamente violentada física e espiritualmente, é submetida a uma violência – confessar e se arrepender *na prisão*.

Tolstói era herdeiro do período do Iluminismo, neto de seu avô e filho de seu pai. Acreditar com toda a sinceridade nos rituais eclesiásticos ele não podia. E não podia acreditar na sinceridade da fé eclesiástica da classe ilustrada. Falando para Spiro sobre sua conversa com Parfêni, Tolstói comentou: “Eu lhe disse que recebo muitas cartas e visitas de clérigos e que sempre fico tocado com os votos bondosos que eles formulam, mas lamento não poder cumpri-los, assim como não posso levantar voo”.

Nos últimos anos de sua vida, Tolstói não escreveu obras declaradamente anticlericais e dedicou-se mais à coleção de pensamentos de pessoas sábias de todos os tempos e do mundo inteiro, editando-os em forma de aforismos na série de livros *Círculo de leitura* e *Para todo dia*. Tolstói preferia religiões orientais como o budismo e o islamismo, mais antigas do que o cristianismo. Era seu caminho e sua vontade.

Respondendo a uma carta, uma proposta de conversão, que recebera do sacerdote da prisão de Tula, Dmítiri Tróitski, a quem conhecia pessoalmente, Tolstói escreveu:

Caro irmão Dmíttri, por que se dirige a mim com essa proposta estranha? Pois eu não pretendo converter o senhor, nem lhe dou conselhos para que desista desse erro pernicioso no qual o senhor incorreu e ao qual induz zelosamente milhares e milhares de crianças infelizes e pessoas simples, pervertendo suas almas. Por que não me deixa em paz? Logo a mim, homem em idade de estar com um pé na cova, aguardando tranquilamente a morte. Converter-me à sua fé teria sentido se eu fosse um menino, um herege adulto ou um esquimó analfabeto que nunca ouviu falar da fé eclesiástica. Mas eu sou um velho de 82 anos, educado nesse mesmo erro no qual o senhor caiu e me convida a fazer o mesmo e do qual, muitos anos atrás, eu saí com enorme sofrimento e esforços, ao adotar o conceito de mundo não eclesiástico, mas cristão, que me dá a possibilidade de uma vida tranquila e feliz, dedicada ao aperfeiçoamento interno e à aceitação da morte também tranquila e feliz, na qual vejo minha volta ao Deus de amor do qual eu vim.

O final da carta ao padre Tróitski quase repete a resposta ao arcebispo Antônio, ditada a Sófia Andrêievna na Crimeia, mas não transmitida ao destinatário a pedido do próprio escritor. Quando a condessa contou-lhe da carta de Vadkóvski, Tolstói pediu-lhe primeiro: “Escreva a ele que minha derradeira oração é: ‘De Ti eu vim, a Ti eu vou. Seja feita a Tua vontade’.”

O PRIMEIRO TESTAMENTO

É sabido que Tolstói fez seis testamentos – em 1895, 1904, 1908, 1909 (dois) e 1910. Se acrescentarmos a isso uma “nota explicativa” a favor de Tchertkov, redigida por este como “terceiro” e assinada por Tolstói com autógrafo, seriam sete.

Na realidade, foram muito mais do que sete. Todo o diário do fim dos anos 1870 até o começo dos anos 1880 é quase um *testamento ininterrupto*,

porque no diário ele assentava os detalhes e verificava seu legado intelectual.

Não foi por acaso que seu primeiro e *informal* testamento ele fez em forma de uma anotação em seu diário. Em 21 de fevereiro de 1895, morreu N. C. Leskov. No bilhete “Minha última solicitação”, Leskov pediu que seu enterro fosse da “categoria mais baixa, a última”. Tolstói sabia desse bilhete e, refletindo sobre ele no dia 27 de março, resolveu fazer também sua última solicitação.

O primeiro testamento de Tolstói diferencia-se de maneira impressionante de sua última versão, feita em 1910. O primeiro testamento era o ato de uma criança que não sabia nada sobre como são feitos os verdadeiros documentos. E justamente por isso é o mais puro e impecável ato do ponto de vista moral.

Ele foi escrito num contexto vital terrível, quando a vida conjugal parecia ter perdido a última esperança, não de ter a felicidade, mas qualquer entendimento entre o marido e a esposa. Em fevereiro desse ano, morreu Vánietchka, o filho predileto dos Tolstói. O pai considerava-o seu único herdeiro espiritual. A mãe morria de amores por ele. Além de ser o caçula, ele era também o único laço que poderia unir os cônjuges. Após sua morte, Sófia Andrêievna perdeu o sentido da vida, segundo as palavras de Serguei Lvóvitch. Para Tolstói, o sentido da vida não estava perdido, é claro, mas a impressão era de que, a partir do momento em que escreveu em seu diário as estranhas e terríveis palavras sobre a morte de Vánietchka (“Agradeço-Te, Pai. Agradeço-Te.”), algo se quebrou dentro do grande escritor.

“Alguns dias após a morte de Vánietchka, quando o amor começou a enfraquecer dentro de mim...”, escreveu ele em seu diário. E Sófia Andrêievna escreveu à irmã: “Lióvotchka está abatido, envelheceu de repente, anda triste, com os olhos rasos de água. Dá para ver que, para ele, também se apagou o último raio de luz de sua velhice. No terceiro dia após

a morte de Vánietchka, ficou chorando aos prantos e disse: ‘Pela primeira vez na vida eu me sinto desolado, num beco sem saída’.”

A saída era uma só – Deus. Agradecendo a Deus a morte do amado filho, Tolstói fez a escolha bíblica irrevogável. Ele não era mais homem, ele se tornara profeta. Tudo que acontecesse seria sinal de felicidade para ele. Parece que não há nada mais terrível que a morte de uma criança querida. Mas mesmo disso Tolstói tirou para si uma conclusão: “Sim, é preciso viver de tal maneira como se no quarto ao lado estivesse morrendo sua criança. E ela está morrendo constantemente. Eu também estou morrendo constantemente”.

Mas não é possível viver assim! É a mesma coisa que viver arrancando a própria pele constantemente. E Tolstói, ao escrever esse pensamento, de repente se transformou num velho. Ele começava a esperar a morte e até a apressá-la. E eis que aparece seu testamento.

“Meu testamento seria aproximadamente assim”, escreveu ele em seu diário. “Enquanto eu não escrever outro, continuará exatamente assim.”

Ele pede para ser enterrado “no cemitério mais barato, se for na cidade, e no caixão mais barato, assim como são enterrados os mendigos. Não colocar flores nem coroas de flores, não pronunciar discursos. Se possível, sem sacerdotes e sem missa de corpo presente. Mas, se isso for desagradável para os que vão me enterrar, que enterrem como é costume, porém o mais barato e simples possível”. Tolstói pede para não serem escritos necrológios sobre ele. Seus manuscritos ele legou à esposa, Tchertkov e Strákhov (antes era às filhas Macha e Tatiana, depois isso foi riscado e inscrito no lugar: “As filhas não devem se ocupar disso”). Também não incumbiu disso os filhos. Ele os amava, mas “eles não conhecem bem meus pensamentos, não acompanharam o andamento deles e podem ter seus próprios pontos de vista sobre as coisas. Portanto, é possível que guardem aquilo que não é preciso e joguem fora o que é preciso conservar”.

Os diários da vida de solteiro ele primeiro pediu para serem destruídos (“e não porque quero esconder das pessoas minha vida ruim... mas porque nesses diários eu anotava apenas aquilo que atormentava minha consciência e cria-se uma impressão unilateral”), mas depois aconselhou a conservá-los. “Neles, pelo menos, pode-se ver que, apesar de toda a vulgaridade e porcaria de minha juventude, Deus não me deixou, e ao menos na idade madura comecei a entendê-Lo e amá-Lo um pouco.”

Tolstói *pediu* aos herdeiros que recusassem os direitos sobre suas obras. Isso era um pedido, e não uma imposição. “Se fizerem isso, ótimo, e ótimo para vocês também. Senão, façam como quiserem, significa que não puderam. Ver minhas obras sendo vendidas nesses últimos dez anos tem sido para mim a coisa mais penosa de minha vida.”

Parece que não se esqueceu de ninguém, não contrariou a vontade de ninguém. Deu chance a todos de se unirem no uso de seu legado literário, e à propriedade ele já tinha se recusado três anos antes em favor da família. Nesse testamento, havia muitas coisas ingênuas, infantis. Como, por exemplo, sobre não escrever necrológios e não fazer discursos sobre ele. Quem o obedeceria?

Mas nesse testamento havia falhas jurídicas monstruosas. Tolstói tinha certeza de que tudo o que fora escrito por ele a partir de 1881 pertencia a todos havia muito tempo. Que sua carta sobre a renúncia dos direitos autorais, publicada em 1891, tinha vigor real, e por isso ele nem tocou mais no assunto.

Mas, na realidade, se Tolstói tivesse morrido em 1895, todas as suas obras, pela lei, passariam para seus familiares, e seu querido discípulo e adepto Tchertkov teria acesso a elas só pela boa vontade deles. Mas, da parte de Sófia Andréievna, não poderia haver boa vontade nenhuma em relação a ele, que a ofendera várias vezes.

Além do mais, a esposa de Tolstói e seus filhos necessitavam muito de dinheiro.

O primeiro testamento de Tolstói não tinha força jurídica nenhuma. Eram apenas votos cordiais aos próximos em caso de sua morte. E não porque não fora formalizado no cartório. Simplesmente porque, segundo a legislação do império russo, os direitos autorais não podiam pertencer a “todos”. Eles podiam pertencer somente a uma pessoa concreta, física ou jurídica.

Do ponto de vista da lei, sua carta sobre a renúncia dos direitos autorais, publicada nos jornais em 1891, não valia nada. Até a morte de Tolstói, todos os direitos autorais sobre suas obras continuavam pertencendo a ele. Era apenas a expressão de sua vontade pessoal: permitir à esposa editar suas obras antigas e aos editores – publicar as novas sem pagar os honorários.

Entretanto, os acontecimentos em torno dos direitos autorais de Tolstói desenrolaram-se tempestuosamente ainda durante sua vida. Os conflitos entre duas editoras: a esposa e a Posrédiuk, e os conflitos entre Tchertkov, que vivia no exterior, e os editores russos, obrigavam Tolstói a se justificar por afetar os direitos ora de uma parte, ora de outra. A esposa ficava ofendida quando o marido entregava obras como “O patrão e o empregado” às revistas da moda (*Sêverni Véstnik*) e não dava nada a ela. Os editores russos não queriam levar em consideração Tchertkov, que morava na Inglaterra, e este, por sua vez, ficava irado porque o “direito da primeira noite” com cada texto novo de Tolstói não lhe pertencia exclusiva e juridicamente, mas sim dependia apenas da vontade do escritor, que outros editores podiam facilmente ganhar para sua causa.

“Tchertkov contava com o direito de publicar as traduções das novas obras de Tolstói, editadas sob seu controle, apenas se recebesse os artigos de Tolstói antes de eles serem publicados em russo, para que aparecessem na Rússia e na Inglaterra simultaneamente”, escreve M. V. Murátov.

Para Tchertkov isso foi um problema sério, sobre o qual escreveu a Tolstói:

“Em todo caso, aos interesses de nossa Posrédnik internacional, é desejável, como já lhe escrevi, que *todos* os tradutores sejam encaminhados para cá e que ninguém, além de mim, lhes dê a lista. E que eu receba do senhor os manuscritos, pelo menos umas três semanas antes, não só da impressão na Rússia, mas antes de sua divulgação entre pessoas de seu círculo.”

Dava para entender Tchertkov. Pois, firmando contratos com as editoras estrangeiras, ele não podia explicar-lhes que Tolstói nem queria saber da parte jurídica da questão. No entanto, qualquer texto de Tolstói que aparecesse na imprensa tornava-se de domínio público. Qualquer editor estrangeiro poderia pegá-lo e encomendar sua tradução. O problema consistia também no fato de Tolstói ser um revisor infatigável de suas obras. Alterava não só os manuscritos, como os textos já revisados. Para Tchertkov, que trabalhava com editores e tradutores estrangeiros em regime de extrema urgência, essas correções criavam grandes dificuldades. Como um fiel discípulo e adepto, ele não podia ir contra a vontade do mestre e era obrigado a esperar a revisão final. Mas as alterações já estavam sendo feitas nas edições russas e havia o perigo de elas aparecerem antes que Tchertkov recebesse o original. Por isso, por meio de Tolstói, ele segurava as publicações na Rússia, o que revoltava os editores russos.

Tudo isso complicava a vida de Tolstói. Numa carta a Tchertkov, ele diz: “Enquanto eu publicava por dinheiro, cada nova edição dava alegria, e desde que deixei de cobrar é um sofrimento atrás do outro”.

Pois bem, de um lado, Tchertkov, e de outro, a esposa, cuja reação ao primeiro testamento foi totalmente negativo.

A cópia do testamento foi feita pela filha Maria Lvovna em 1901, às escondidas da mãe. Sófia Andréievna sabia dessa anotação no diário do marido feita em 1895, mas não dava importância a ela, porque o diário e outros escritos dessa época ela colocou no Museu Rumiántsev para conservação. O fato de nem Tolstói nem Macha lhe mostrarem esse texto,

copiado em forma de testamento, já fala por si. Ambos tinham medo de sua reação.

Mas, depois da Crimeia, ficou difícil mantê-lo escondido. Tolstói podia morrer em qualquer ano, mês e até mesmo dia. Em outubro de 1902, Sófia Andréievna (provavelmente por meio do filho Iliá Lvóvitch) soube do testamento e ficou indignada com ele.

Para mim, foi extremamente desagradável saber disso. Entregar as obras de Lev Nikoláievitch ao domínio *público* eu considero uma ideia péssima e sem sentido. Eu amo minha família e quero o bem dela. Mas entregar as obras para o domínio público significa presentear as editoras ricas como as de Marx, Tsétlin e outras. Eu disse a L. N. que, se ele morrer antes de mim, eu *não vou* cumprir sua vontade e *não vou* recusar os direitos sobre suas obras. Se eu considerasse essa ideia boa e justa, eu lhe daria essa felicidade e os recusaria enquanto ele está vivo. Mas, depois de sua morte, isso já não faz sentido nenhum para ele.

Sófia Andréievna exigiu que o marido retirasse esse testamento e o entregasse a ela. Tolstói, como sempre, não pôde dizer não à esposa. Macha ficou indignada com o comportamento da mãe. Ela e seu marido ficaram gritando que pretendiam levar esse testamento a público depois da morte do escritor.

Foi um erro fatal de Sófia Andréievna. Ela deveria ter ficado quieta, conformada! Pois a lei estava do lado dela.

“Ele queria dobrar a humanidade, mas não soube dobrar nem a família”, escreveu Sófia Andréievna em *Minha vida*.

Mas por que exatamente “dobrar”?

Tolstói tentava convencer a humanidade, assim como a família. Mas, toda vez que sentia a resistência dos familiares, ele cedia e aceitava qualquer compromisso. O compromisso foi a partilha dos bens entre a mulher e os filhos. “Que grande pecado eu cometi ao passar as propriedades

aos meus filhos”, escreveu ele em seu diário de 1910, “prejudiquei a todos, inclusive minhas filhas. Agora vejo isso claramente.” E não importa se ele tinha ou não razão. O que importa é que isso o torturou a vida toda.

O mesmo aconteceu com o primeiro testamento. Tolstói apenas *pediu* à esposa e aos filhos para não receberem vantagem monetária após sua morte. Quinze anos depois, sua posição nesta questão seria bem mais rígida. Escreveu ele em seu diário, em 29 de julho de 1910: “Não se pode privar as pessoas daquilo que necessita seu coração... para que Andrei possa beber e levar uma vida devassa, e Lev, sujar papel”. Os motivos pelos quais Sófia Andréievna não aceitou o primeiro testamento do marido são explicáveis pelas circunstâncias laterais. Em primeiro lugar, ela ficou ofendida com a filha Macha, que em 1891, na partilha dos bens, recusara sua parte, mas, depois de se casar, pediu à mãe a devolução dela. Do ponto de vista de Sófia Andréievna, era Macha quem não deveria ajudar o pai a deixar a família sem a principal fonte de renda. Em segundo, porque justamente nesse período ela preparava uma nova edição completa das obras de Tolstói e investiu nisso um bom dinheiro. Se Tolstói morresse nesse tempo e seu testamento em favor de “todos” fosse publicado nos jornais, a família entraria numa séria crise material.

Em julho de 1902, o proprietário da editora Prosveschênie,²⁰⁰ N. S. Tsétlin, fez a Sófia Andréievna a “proposta de comprar a edição para uso eterno por um milhão de rublos”. A esposa de Tolstói não aceitou a proposta. Depois, verificou-se que, enquanto ela recusava esse enorme valor, que garantiria a ela e aos filhos o bem-estar por longos anos, a própria filha, pelas costas, fazia tramoias com o testamento do pai. Podia ela suportar uma coisa dessas?

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Em maio de 1904, Tchertkov resolveu legalizar seu papel como “testamenteiro espiritual e literário” de Tolstói. Mas, compreendendo que

fazer isso *juridicamente* às escondidas de Sófia Andréievna e da família seria impossível, ele, por intermédio de seu secretário Briggs, enviou a Iássnaia Poliana um “questionário” para Tolstói responder, no qual colocava os pingos nos is. As perguntas foram datilografadas, e as respostas, escritas à mão pelo escritor. Vejamos o documento na íntegra:

1. O senhor deseja que sua declaração publicada em 16 de setembro de 1891²⁰¹ continue em vigor atualmente e após sua morte?

Desejo que todas as minhas obras escritas a partir de 1881 e as publicadas posteriormente à minha morte não sejam propriedade particular de ninguém e possam ser reeditadas e publicadas por todos que desejarem.

2. A quem o senhor deseja conceder o direito de solução final das questões ligadas à revisão e à edição de suas últimas obras, caso não haja unanimidade por algum motivo?

Creio que minha esposa e V. G. Tchertkov, a quem incumbi de selecionar meus manuscritos póstumos, chegarão a um acordo sobre o que e de que forma eles devem ser conservados e editados, e o que pode ser jogado fora.

3. O senhor deseja que, após sua morte, continuem em vigor os poderes dados a mim pelo senhor por escrito como seu único representante no exterior, caso eu sobreviva ao senhor?

Desejo que, mesmo após minha morte, unicamente V. G. Tchertkov administre a edição e a tradução de minhas obras no exterior.

4. O senhor concede a mim, após sua morte, a administração das edições a meu pleno critério, durante minha vida, e a transferência à pessoa de minha confiança, após minha morte, de todos os manuscritos que eu receber do senhor antes de sua morte?

Concedo à disposição de V. G. Tchertkov todos os meus manuscritos e papéis que estão em sua posse. Em caso de morte dele, creio que seja

melhor entregar esses papéis e manuscritos à minha esposa ou a alguma instituição russa, como a biblioteca pública ou a academia.

5. O senhor deseja que eu tenha a possibilidade de examinar todos os seus originais, sem exceção, que após sua morte estarão com Sófia Andréievna ou seus familiares?

Gostaria muito que V. G. Tchertkov examine todos os manuscritos que houver após minha morte e copie o que achar necessário para editar.

As respostas foram anexadas à carta para Tchertkov de 13 de maio de 1904, na qual ele havia incluído as correções feitas no testamento de 1895. A carta e as respostas formavam o segundo testamento de Tolstói. Mas ele também não tinha força jurídica, porque Tolstói continuava insistindo que os direitos autorais sobre suas obras fossem de “todos”. No entanto, nesse testamento já havia penetrado o “juridismo”.

Tolstói estendeu os direitos de Tchertkov a todas as suas obras, inclusive as que estavam com a esposa. Mas os direitos sobre seus manuscritos que estavam com o amigo no exterior ele passava única e exclusivamente a ele. Sófia Andréievna poderia receber esses manuscritos somente no caso da morte de Tchertkov. E, de qualquer maneira, os direitos dela igualavam-se aos direitos de qualquer biblioteca pública. Não foi dita nenhuma palavra a respeito de entregar os manuscritos aos filhos. Nesse testamento, Tchertkov foi proclamado o único herdeiro e administrador dos manuscritos de Tolstói. Ele nomeava-se também o redator-chefe. À esposa, foi destinado o modesto papel de ajudante e intermediária na entrega de todos os manuscritos a Tchertkov. Mas ficaram com ela os direitos sobre as obras escritas até 1881.

Na carta e nas respostas, pode-se perceber como foi difícil para ele esse segundo testamento. Como ele se esforçava para dar a esse “juridismo” um aspecto humano. Esses “creio” em vez de “desejo”, “é melhor”, “gostaria muito” etc. faziam com que o documento se tornasse

juridicamente sem sentido, mas apelavam à consciência daqueles a quem era destinado.

“Além daqueles escritos que estão com o senhor, tenho certeza de que minha esposa ou, em caso de sua morte, meus filhos não vão se recusar, cumprindo meu desejo, não vão se recusar a lhe entregar os escritos que você não possui e resolver juntamente com você o que fazer com eles”, escreveu Tolstói. Mas a quem ele apelava, a quem era dirigido esse duplo “não vão se recusar”? É evidente que à família...

Sentindo a preocupação do “querido amigo”, Tolstói tentou acalmar Tchertkov com resignadas respostas às suas perguntas surpreendentemente sem tato, que aludiam à proximidade da morte do escritor. A carta de Tolstói termina com uma nota patética: “Agradeço por todo o seu trabalho anterior e, de antemão, pelo que fará com os escritos que restarão depois de mim. A união com você foi uma das grandes felicidades dos últimos anos de minha vida”.

Na verdade, esse requerimento jurídico de Tchertkov foi terrivelmente desagradável para ele. Desagradável a tal ponto que, dessa vez, Tolstói não conseguiu esconder a irritação e, na segunda carta ao amigo, que Tchertkov escondeu e guardou com seu filho com a chancela “segredo” (ela seria publicada somente no ano de 1961), ele escreveu:

Não vou esconder de você, caro amigo Vladímir Grigórievitch, que sua carta enviada com Briggs foi-me desagradável... Desagradável não porque se trata de minha morte e dos meus insignificantes escritos, aos quais atribuem uma falsa importância, mas porque há nisso certa obrigação, violência, desconfiança e falta de bondade para com as pessoas. Não sei como, mas sinto-me *forçado a participar* de algo hostil, de algum ato que pode causar mal. Respondi às perguntas e as envio. Mas, se você me escrever dizendo que as rasgou ou queimou, será muito agradável para mim.

A atitude de Tolstói suscita estranheza. Em lugar de resolver logo a questão dos direitos editoriais, já que ele sentia nisso algo errado, assim como ele resolvera a questão de sua propriedade (quando reuniu a família e declarou sua decisão), ele agiu de acordo com o princípio da “não resistência ao mal” e concordou em participar das complicadas manobras de Tchertkov contra Sófia Andréievna. Além disso, nem ele nem Tchertkov sabiam ainda que essas manobras não tinham sentido jurídico. Ainda não existia nenhum documento jurídico. Mas, mesmo assim, existia um documento. E, para Tolstói, ele era desagradável.

Ao envolver Tolstói no “juridismo”, Tchertkov não parou por aí. Ele levou a causa até o fim. Resolver e fazer as coisas pela metade não era de sua natureza. “Quando ele queria alguma coisa, ele a queria muito”, escreveu seu biógrafo, M. V. Murátov.

QUEM É O CULPADO?

O terceiro testamento foi ditado por Tolstói a seu secretário N. N. Gússev e novamente como anotação em seu diário no dia 11 de agosto de 1908, duas semanas antes do aniversário octogenário do escritor. Nesse período, ele estava doente. As pernas não andavam, e ele ficava preso na cama ou na cadeira de rodas. Pensando que estivesse morrendo, ele resolveu redigir sua vontade.

Em primeiro lugar, seria bom se os herdeiros entregassem todos os meus escritos ao domínio público, e se não os escritos, tudo o que é para o povo, sem falta: as *Cartilhas* e os *Livros para leitura*. Em segundo, embora isso seja a ninharia das ninharias, que não haja rituais na hora de enterrar meu corpo. Que o caixão seja de madeira e quem quiser levá-lo que leve a Zakaz, em frente ao barranco no lugar da vareta verde. Pelo menos lá existe a possibilidade de escolher um ou outro lugar.

Esse foi o primeiro testamento de Tolstói que teve força após sua morte. Nele, tratava-se do lugar onde ele queria ser e foi enterrado. A história da “vareta verde”, símbolo da felicidade e da fraternidade, enterrada na floresta de Zakaz pelos irmãos Lióvotchka e Nikólenka, é bem conhecida para os leitores da trilogia autobiográfica do escritor.²⁰² E então Tolstói pedia por escrito e oralmente para ser enterrado nesse lugar.

No restante, o terceiro testamento repetia os erros jurídicos dos dois primeiros. Porque, em primeiro lugar, ele pedia e não impunha. Em segundo, porque novamente Tolstói queria entregar os direitos sobre suas obras a *todos*, o que era impossível.

É simbólico que essa anotação em seu diário tenha sido concluída com as palavras de Siutáiev, o camponês sectário que não reconhecia a propriedade privada. “‘Sim, tudo está dentro de você e tudo é agora’, como dizia Siutáiev, ‘e tudo está fora do tempo’”, ditava Tolstói ao secretário. “Então, o que, além do bem, pode acontecer com aquilo que está dentro de mim e o que está fora do tempo?”

O individualismo moral de Tolstói não lhe permitia dar importância alguma à parte jurídica da questão. Era uma posição estranha, incompreensível para os próximos, mas que não deixava de ser uma *posição*. E Tolstói deveria ter mantido essa posição até o fim, deixando os herdeiros e os juristas resolverem o que fazer com seu legado literário. E é evidente que ele gostaria de ter agido exatamente assim.

Mas isso lesaria os direitos de uma única pessoa: Tchertkov, de quem os herdeiros não gostavam, mas o qual era amado de todo o coração por Tolstói, e ele não podia passar por cima desse amor. Já Tchertkov, evidentemente, não recusaria, de boa vontade, seus direitos ao legado de Tolstói.

Em primeiro lugar, não era da natureza dele como homem teimoso e despótico. Muitas pessoas de seu círculo escreveram que justamente por causa de seu caráter difícil e despótico elas se afastaram de Tchertkov. “... a

sede de poder baseada no egocentrismo, que às vezes chega ao despotismo”, escreveu V. F. Bulgákov, o último secretário de Tolstói, sobre Tchertkov. Aleksandra Lvovna escreveu que Tchertkov era opressor justamente com pessoas mais próximas e fiéis a ele, e seu companheiro Biriukov o chamava de “déspota”.

Em segundo, é preciso entender a situação de Tchertkov. Ele dedicou a Tolstói praticamente toda a sua vida. Desistir do legado significava para ele desistir de sua própria vida. Qualquer acordo com Sófia Andrêievna seria impossível por causa do gênio dela e do de Tchertkov. O acordo entre eles seria a solução ideal para Tolstói, mas nenhuma das partes poderia apresentá-lo com esse acordo.

Em terceiro, o estado psíquico de Sófia Andrêievna e seu infinito amor pelos filhos realmente causava a preocupação de que o legado talvez não tivesse o destino desejado por Tolstói. Então, em favor de quem Tchertkov deveria recusar o legado do escritor? Adotemos por um instante o ponto de vista dele. Em favor da esposa do escritor, a qual o odiava? Em favor dos filhos, que bebiam e esbanjavam dinheiro? E o que aconteceria com esse legado, parte do qual estava na Inglaterra e guardada por ele como a menina dos olhos? O que aconteceria com a vontade do mestre, que queria dar sua obra a todos? Somente Tchertkov poderia realizar essa vontade. Nem seus inimigos poderiam duvidar disso.

Ah, se nessa história do testamento fosse possível separar as causas e as consequências, os lobos dos cordeiros! Tudo seria muito simples. Mas nessa história havia um único cordeiro – Tolstói, que duas partes hostis não conseguiram dividir. E tudo nessa história era tão confuso do ponto de vista moral e jurídico que uma solução ideal para a questão já era inconcebível.

Com sua tentativa de recusar os direitos autorais em favor de todos, Tolstói criou uma situação sem precedentes. A prova viva disso é que, até 1909, nenhum dos envolvidos nessa história, incluindo o editor mais experiente, Tchertkov, não entendia a parte jurídica real da questão e agia

“às cegas”. Os primeiros três testamentos, que custaram a Tolstói tantos tormentos e dúvidas, não tinham força jurídica nenhuma.

A CRISE DE ESTOCOLMO

À medida que a natureza espiritual de Tolstói aproximava-se do derradeiro limite, ela se tornava mais dócil, mais maleável. Ela como que se derretia por dentro pela consciência de seu princípio divino, derretia-se como a cera da vela, fluía como o ar sobre a vela. Para o Tolstói dos últimos anos, era inadmissível não só ofender uma pessoa, como deixar escapar uma palavra que pudesse magoá-la e, se isso acontecia sem querer, ele sofria sincera e profundamente. No dia 23 de maio de 1909, depois que Tchertkov foi deportado para fora dos limites da província de Tula por ordem administrativa, Tolstói foi à granja Teliátniki, onde ainda estava a esposa do amigo, Anna Konstantínovna, e seu filho Vladímir (Dima). Ao mesmo tempo, lá chegou A. G. Lubentsov, coronel do Ministério do Interior enviado por Stolýpin e encarregado de investigar o caso de Tchertkov. Ao se encontrar com ele, Tolstói não lhe estendeu a mão e, apressadamente, entrou na casa. Pouco tempo depois, ele voltou, pediu desculpas e travou uma conversa para reparar a falta. Mas o coronel sentia-se ofendido, e a conversa não deslanchou. Como Tolstói se afligia depois dessas ocorrências, como se culpava por ter ofendido uma pessoa! “Pois eu ia lá dizendo a mim mesmo: terás de tratar com essa pessoa, vê lá, procura ser gentil com ela. E de repente...”, contou ele a N. N. Gússev.

“Isso foi realmente terrível!”, queixou-se ele de si mesmo a Goldenweiser. “Eu poderia lhe dizer que considero má e prejudicial sua atividade, mas deveria ter sido correto com ele como pessoa. Para o homem velho que sou, isso é imperdoável. Acordo-me de noite, lembro-me e deixo escapar: ‘Ah! Que vergonha!’.” Pode-se discutir quem teve mais culpa no fato de Tolstói acabar permitindo ser envolvido nesse “juridismo” odioso a ele e se submeter às leis estatais, que ele não reconhecia. Talvez tenha sido

mesmo Tchertkov. Mas o primeiro passo em direção ao testamento legalizado juridicamente fora dado por causa do comportamento de Sófia Andréievna, e não sob a influência de Tchertkov.

E não se pode dizer que ela não entendia os processos morais e espirituais que se passavam dentro do marido na velhice. Eis o que ela escreveu em seu diário:

L. N. envelheceu muito neste ano.²⁰³ Ele passou para outro grau. Percebe-se que a vida espiritual prevalece nele, embora goste de comida saborosa com um cálice de vinho, que a companhia vinícola St. Raphael lhe enviou no aniversário, e goste de jogar *wint* e xadrez; mas seu corpo parece viver separado do espírito, que continua indiferente à vida terrena e está acima e independente do corpo. Algo aconteceu com ele depois da enfermidade: algo novo, alheio e longínquo sente-se em L. N. E às vezes fico terrivelmente triste e tenho pena daquilo que se perdeu nele, na vida dele e no relacionamento dele comigo e com tudo que o cerca. Será que os outros percebem isso?

Que bela anotação! Ah, se ela pudesse permanecer nesse estado de compreensão, de que, com a aproximação da morte, com a aproximação a Deus, Tolstói começava a cortar cuidadosamente todos os fios que o ligavam ao mundo exterior. E que não se devia impedi-lo disso!

Em junho de 1908, Tchertkov voltou da Inglaterra e se alojou numa casa de campo perto da estação Kozlova Zastava.

Em 8 de dezembro, Sófia Andréievna fez uma anotação em seu diário:

Tchertkov vem à nossa casa diariamente. Ontem entrou no quarto de Lev Nikoláievitch e conversou com ele sobre o sinal da cruz. Sem querer, ouvi da sala a conversa deles: L. N. disse que se persignava de vez em quando por costume, como se o próprio corpo fizesse esse sinal quando a alma não estava orando. Tchertkov lhe respondeu que, caso na

hora da morte ou de um sofrimento forte L. N. se persignasse, os que estivessem perto pensariam que ele que se convertera ou desejava se converter à ortodoxia e, para que isso não acontecesse, ele anotaria em seu caderno o que L. N. acabava de dizer.

Nem o sinal da cruz Tolstói podia fazer sem receber comentários de outrem!

Tchertkov tinha ciúmes de Tolstói com a ortodoxia; Sófia Andréievna tinha ciúmes dele com as mulheres do passado. No começo de 1900, datilografando o conto “Pável Kudriach”, ela anotou em seu diário: “Se ele tivesse um pouco mais de delicadeza, não teria dado o nome de Aksínia a suas protagonistas”. Mas os ciúmes do marido com Aksínia (naquela época já uma camponesa velha, que continuava morando em Iássnaia Poliana), não era nada em comparação com os ciúmes dele com Tchertkov. Quando o “belo ídolo”, o “destruidor de lares”, alojou-se por perto e aparecia *na casa dela* quase diariamente, ela passou a sofrer insuportavelmente. E não estava em seu poder vencer esse sofrimento.

Sófia Andréievna tinha uma índole apaixonada e incoerente. Quando, em março de 1909, depois de várias denúncias do governo de Tula, Tchertkov foi deportado para fora do território da província no prazo de três dias, ela demonstrou indignação, assim como o marido: “Péssima notícia sobre a deportação de Tchertkov para fora da província de Tula. Todos nós choramos”. Ela até enviou uma carta aos jornais: “A deportação de Tchertkov e os castigos a todos os que ousam ler e distribuir os livros de Tolstói é uma raiva mesquinha contra um ancião que glorificou a Rússia com seu nome...”.

Repete-se a situação de 1901, quando ela, defendendo o marido, lutou contra o sínodo. Mas então, não tendo simpatia por Tchertkov, ela lutava não tanto por ele quanto pelo marido, temendo por seu equilíbrio psíquico. “L. N. está muito aflito... Sua perna está inchada.”

É impossível dizer o que mais motivava Sófia Andrêievna a escrever cartas – o ímpeto cívico ou a preocupação com a saúde do marido. “L. N. não está bem do coração.” “Hoje ele está melhor, mas não se cuida.” “Lev Nikoláievitch ficou na cama, não comeu nada o dia inteiro, está sonolento e fraco, novamente uma penosa espera por algo terrível.”

Além disso, está doente a neta Taniuchka.²⁰⁴ Em março, quando o sol primaveril começou a esquentar um pouco, a vovó Sônia levou-a para o terraço da casa de Iássnaia Poliana.

Em quem atirar a pedra? Tchertkov sofria da perseguição dos poderes. Tolstói sofria da impossibilidade de se comunicar com ele; Sófia Andrêievna sofria por que sofria o marido e, muito mais, porque ele sofria pelo amigo.

Era impossível desfazer esse nó psicológico. A única maneira seria cortá-lo. E sobre isso se impunha a compreensão da proximidade da morte de Tolstói, e o problema de seus direitos editoriais, decorrente disso. Quando Sófia Andrêievna ia a Moscou a negócios, ela obrigatoriamente visitava o Museu Histórico, onde estava a parte dela dos manuscritos do marido, selecionava-os, fazia cópias de alguns trechos. Ela ainda não sabia que Tchertkov já recebera de Tolstói o direito de administrar também essa parte dos manuscritos. Sua filha Tatiana foi correndo a Petersburgo para solicitar a volta de Tchertkov perante Stolýpin. Sófia Andrêievna ficou preocupada: “Não entendo, se vão ou não vão deixá-lo voltar”. Não deixaram. E Tchertkov se alojou em Krékchino, na província de Moscou.

Nesse período, tornou-se tenso o relacionamento entre Tolstói e o filho Lev, que retornara da Suécia para passar um tempo em Iássnaia Poliana. Lev Lvóvitch gostava de esculpir e começou a moldar um busto de seu pai. Mas, enquanto Tolstói estava em Kótcheti, ele destruiu o busto e voltou à Suécia.

Eis como explicou esse ato a esposa de Goldenweiser:

L. N. continua hospedado na casa dos Sukhótin e não se sabe quando pretende voltar. Disseram que voltaria no fim desta semana. Mas já é sábado, e ele não apareceu. Sófia Andréievna continua descontente com isso, e Lev Lvóvitch ficou tão bravo por *papá* não ter dado o devido respeito e estímulo à sua paixão pela escultura e por não ter tido pressa de voltar para posar, que quebrou o busto em pedaços, transformou o barro num torrão disforme e partiu para a Suécia.

Em julho de 1909, o próprio Tolstói foi convidado para ir a Estocolmo fazer um discurso no XVIII Congresso da Paz. Tolstói quase concordou e escreveu o discurso. Mas essa sua decisão causou um desajustamento nervoso na esposa. Ela tinha pavor da viagem dele a Estocolmo.

“Sófia Andréievna não dormiu a noite toda”, escreveu Tolstói em seu diário. “Fui ao seu quarto. Era algo demente.” Pelas anotações de Makovítski e pelo diário do secretário Gússev, pode-se perceber quais eram algumas das causas desse estado dela.

Verificou-se que quem acompanharia Tolstói nessa viagem seria Tchertkov, como assistente, e a filha caçula, Sacha, que naquela época encontrava-se em plena dependência psicológica de Tchertkov. Tudo isso Sófia Andréievna podia entender de uma única maneira: que o marido estava sendo *levado embora* pelas forças inimigas e que dessa viagem ele jamais voltaria.

Ao mesmo tempo, chegaram à Iásnaia Poliana dois filhos seus, Andréi e Mikhail, ambos inimigos ferrenhos de Tchertkov e defensores da mãe. Mas, infelizmente, não desinteressados.

No verão de 1909, I. V. Denissenko, advogado e parente de Tolstói, contou a Gússev uma conversa que um dia Mikhail teve com ele:

Estava diante de mim, com uma cara de criminoso, e perguntou:

“Por favor, Ivan Vassílievitch, diga-me se mamãe pode vender as obras de papai sem o conhecimento dele?”

Eu lhe disse que não e depois acrescentei:

“Mas você pensou em que efeito isso produziria em seu pai?”

Ele olhou para mim com um sorrisinho e respondeu:

“E os filhos?”

Então eu lhe disse:

“Mesmo do ponto de vista prático, é impossível fazer isso em segredo. Lev Nikoláievitch saberá disso sem dúvida alguma e poderá lhe dizer: ‘Já que você abusa de minha procuração, eu a cancelo’. Ele pode fazer isso num quarto de hora.”

Tratava-se da procuração de 1883, com base na qual a esposa de Tolstói administrava todos os negócios do marido com as editoras, mas tal procuração não lhe dava direito de venda das obras de Tolstói a terceiros.

O filho Andrei também tinha medo de que Tchertkov, durante essa viagem, pudesse influenciar seu pai e fazê-lo escrever um testamento em seu favor. Ao ouvir seu pai ler para Sacha e Feokrítova alguns trechos da carta de Tchertkov, Andrei perguntou a Feokrítova na sala de jantar:

“O que era que vocês estavam lendo?”

“Uma carta.”

“De quem?”

“Eu não sei, sobre o banco camponês de uma pessoa.”

“Mas o que estavam lendo antes dela? Não era uma carta de Tchertkov?”

“Lev Nikoláievitch leu apenas um trecho dela.”

“Ele está seduzindo *papá* para ir a Estocolmo. Patife. Isso será a morte para *papá*.”

“Não, parece que Lev Nikoláievitch soube disso pelos jornais, Tchertkov não lhe aconselhou nada.”

“Mas ele quer acompanhá-lo?”

“Parece que sim.”

“E Sacha quer fazer piquenique na Suécia.”

“Por que piquenique? Ela vai com seu pai.”

Sófia Andrêievna de repente teve a ideia de que queriam envenená-la e que isso seria feito por Makovítski, o médico pessoal de Tolstói. Ao mesmo tempo em que pretendia acompanhar o marido à Suécia e até encomendou novos vestidos para a viagem, ela procurava fazer o marido desistir dela. Sófia Andrêievna nunca estivera no exterior e essa viagem assustava-a. Ela botou na cabeça que um deles morreria na viagem.

E no dia 27 de julho, forçando os acontecimentos, ela tentou engolir um frasco de ópio aos olhos do marido.

Tolstói tirou-lhe o frasco e jogou-o debaixo da escada.

Tiveram de desistir da viagem à Suécia.

Para as pessoas interessadas no testamento, o mês de julho foi o momento da verdade. O jurista I. V. Denissenko, que estava presente em Iássnaia Poliana, abriu-lhes os olhos para a parte jurídica da questão. Nesse período, Sófia Andrêievna resolveu pleitear com a Posrédiik e outras editoras que copiaram da *Cartilha* algumas obras de Tolstói dos anos 1870 (“O prisioneiro do Cáucaso”, por exemplo). Ela as considerava sua propriedade e, por intermédio de seu procurador, dirigiu-se a um advogado com o pedido de formular uma demanda. O advogado perguntou com base em que documento ela movia o processo judicial. Com base na procuração. O advogado explicou que não se podia fazer isso com base numa procuração e que seria necessário um documento da parte do marido sobre a transferência dos direitos de edição.

Tolstói não só se recusou a emitir tal documento como ficou indignado com a conduta da esposa em relação às editoras populares. Indignado a tal ponto que decidiu privar a esposa de todos os direitos de suas obras.

Escreveu Denissenko:

Em julho de 1909, quando estive em Iássnaia Poliana, Lev Nikoláievitch pretendia ir a Estocolmo para o Congresso da Paz, mas Sófia Andrêievna era contra a viagem. Isso causou uma série de mal-entendidos, e ela ficou doente. Um dia, ela me chamou para seu quarto, mostrou-me a procuração para administrar os negócios de Lev Nikoláievitch, feita havia muito tempo, e perguntou se, com aquela procuração, poderia vender a terceiros o direito de editar as obras de Lev Nikoláievitch e, o principal, se ela poderia processar Serguêienko e o professor de um ginásio militar por editarem algumas coletâneas e crestomatias de obras de Lev Nikoláievitch, porque essas coletâneas e crestomatias poderiam causar a ela, S. A., um grande prejuízo material... No dia seguinte, se não me engano, nós, minha mulher, meus filhos e eu, estávamos passeando no parque, catando bagas silvestres. Minha esposa pediu para eu ir buscar alguma coisa na casa dos fundos. A caminho, na alameda, inesperadamente encontrei Lev Nikoláievich. Seu aspecto deixou-me pasmo. Arqueado, o rosto abatido, os olhos sem vida, ele parecia tão fraco como eu nunca o tinha visto. Ao me encontrar, agarrou minha mão e disse, com lágrimas nos olhos: “Ivan Vassílievitch, querido, o que ela faz comigo! Ela exige de mim uma procuração para mover um processo. Mas eu não posso fazer isso... Pois isso é contra minhas convicções.”

Depois de dar alguns passos ao meu lado, ele disse: “Tenho um grande pedido a lhe fazer, mas quero que, por enquanto, fique só entre nós, não conte a ninguém, nem a Sacha. Por favor, prepare para mim um documento, no qual eu declaro para o conhecimento geral que todas as minhas obras, independentemente de quando foram escritas, eu entrego ao domínio público...”

Em seu diário de 12 de julho, Tolstói escreveu: “Foi penoso ontem, depois das conversas de Sófia Andrêievna sobre as edições e os processos

judiciais. Se ela soubesse e entendesse como envenena as últimas horas, dias e meses de minha vida! Mas não sei lhe dizer isso e não acredito que quaisquer palavras façam efeito sobre ela”. Foi na véspera dessa anotação que Tolstói tomou a decisão de ir a Estocolmo. “Resolvi ir a Estocolmo. Sinto-me bem.”

NA TEIA DO “JURIDISMO”

Em 1922, Tchertkov publicou o livro *A partida de Tolstói*, no qual tentou esconder sua participação na redação do testamento jurídico do mestre. Ele explicou o fato do aparecimento desse documento exclusivamente pela posição imoral da esposa do escritor e de alguns membros de sua família.

O livro de Tchertkov provocou a indignação de muitos contemporâneos, entre os quais estava também Maksim Górkí. Numa revista berlinense, *Beseda*,²⁰⁵ Górkí publicou um ensaio sobre a condessa, de quem não gostava e a qual, no entanto, tentou defender e justificar. “Para mim, não é claro quem exatamente, dentre as pessoas que cercavam Tolstói naqueles dias, era normal psiquicamente”, disse ele, “e eu não entendo por que, ao reconhecer sua esposa como psiquicamente anormal, as pessoas normais não pensaram em lhe dar a devida atenção e não foram capazes de isolá-la.”

Realmente, era uma questão muito séria e até terrível. Somente as pessoas mais próximas poderiam resolver a situação. Mas não souberam fazer isso, por diferentes razões. Tratava-se de um profundo drama familiar, e para tocar nele mesmo hoje é preciso um cuidado extremo. Mas uma coisa pode-se dizer definitivamente: não houve nisso nenhuma culpa da esposa de Tolstói.

Não pode ser culpada a pessoa que não tem controle de si própria, que entende isso perfeitamente e sofre ela mesma por isso.

Górkí explicou essa situação assim:

Afinal, o que foi que aconteceu?

Apenas que uma mulher, depois de ter vivido cinquenta anos difíceis com um grande artista, homem rebelde e muito *sui generis*, uma mulher que foi sua única amiga em todo o caminho de sua vida e ajudante ativa em seu trabalho, cansou-se terrivelmente, o que é bem compreensível.

Ao mesmo tempo, sendo velha e vendo o colosso de seu marido se desprender do mundo, sentiu-se só, inútil, e isso a revoltou.

Num estado de indignação com o fato de que pessoas estranhas empurravam-na do lugar que ocupara por meio século, Sófia Tolstaia comportou-se, segundo dizem, de uma maneira não suficientemente leal em relação à muralha de moral para limitar o homem, elevada por gente que mal soube elevar a si própria.

Sua indignação acabou tomando um caráter quase que de demência.

Depois, morreu solitária, abandonada por todos, e, após sua morte, lembravam-se dela apenas para ter o prazer de caluniá-la.

Eis tudo.

É evidente que o papel de Tchertkov na redação desse testamento foi enorme.

Em primeiro lugar, sem Tchertkov, esse testamento não existiria. Qualquer pessoa que tem alguma ideia da personalidade de Tolstói entenderia que a elaboração desse documento jurídico, refeito várias vezes (!), foi para ele uma provação, talvez a mais difícil de sua vida. E não se tratava de sua concepção de mundo, de acordo com a qual não se podia resolver uma questão ética recorrendo à ajuda do Estado. O principal era a base moral de sua personalidade, especialmente nos últimos anos, meses e horas. Assinar um documento jurídico contra sua família significava para ele despertar nas pessoas o mal, inclusive nas pessoas mais próximas, por quem sentia responsabilidade.

Em segundo, Tchertkov omitiu em seu livro o fato de que, em 1904, obrigou Tolstói a responder ao questionário que, para ele próprio, já era um testamento formal. Até 1909, Tchertkov não sabia que esse questionário não tinha força jurídica. E, mesmo sem saber disso, fez Tolstói participar da elaboração de mais um papel formal que foi a primeira versão do testamento *jurídico*, assinado pelo escritor na casa de campo do amigo em Krékchino, em 18 de setembro de 1909.

Sim, Tchertkov tinha razão quando escreveu que “a decisão de Tolstói de recorrer ao testamento foi tomada sem meu conhecimento e durante minha forçada separação dele”. Mas ele não escreveu que três pessoas de sua confiança estavam permanentemente junto a Tolstói. Eram Sacha, Gússev e Bulgákov. E não escreveu que Gússev e Bulgákov, secretários de Tolstói, foram colocados na casa de Iássnaia Poliana por ele e com condições que causam perplexidade, para dizer o mínimo. Bulgákov, por exemplo, devia anotar diariamente tudo o que se passava na casa e enviar as anotações (!) a Tchertkov. Praticamente se estabeleceu uma vigilância sobre Tolstói e sua família.

E, por fim, Tchertkov não escreveu que, ao longo dessa “separação”, ele agastou Tolstói com os pedidos de formalização jurídica de seus direitos sobre os novos textos do escritor. Esses pedidos atormentavam Tolstói, causavam-lhe um sentimento “desagradável”, mas ele sempre os aceitava.

Seu amor infinito por Tchertkov é um dos fenômenos mais enigmáticos da vida espiritual de Tolstói. Quantas vezes, em suas cartas e conversas pessoais com o mestre, Tchertkov intrometeu-se grosseiramente em sua vida conjugal, tramando contra sua esposa e suas filhas, as quais Tolstói amava mais do que tudo no mundo!

E toda vez ele não só ficava impune, como saía vencedor. Sempre!

“Querido amigo, recebi sua carta, que me decepcionou em todos os sentidos. Mas fico-lhe grato mesmo assim. Decepcionou, porque não escreveu nada de concreto sobre si mesmo. Mas continuo esperando.

Decepcionou e foi até desagradável aquilo que você disse de meus escritos de tal a tal ano. Que vão para o diabo todos esses escritos, já que causam maus sentimentos”, escreveu Tolstói de Kótcheti a Krékchino.

Que escritos eram esses? Tchertkov pediu que fosse enviada a ele a novela *O diabo*, para ser incluída na coletânea que se preparava pela ocasião do cinquentenário da Fundação Literária. Durante vinte anos, Tolstói escondeu essa novela da esposa sob o forro da poltrona, mas ela foi descoberta e provocou a fúria de Sófia Andréievna. Como ela considerava que essa novela tinha sido escrita antes de 1881, Tchertkov queria saber se isso não causaria problemas com a edição. O que é isso, se não uma intromissão nos assuntos íntimos da família? E essa intromissão estava diretamente ligada à questão dos direitos editoriais que ele pretendia obter.

Em dezembro de 1909, a pedido insistente de Tchertkov, Tolstói confirmou por escrito os direitos exclusivos dele como “representante de L. N. Tolstói em assuntos de publicação de suas novas obras”. Isso foi o coroamento das múltiplas tentativas de Tchertkov de se tornar o *único* e legal juridicamente agente literário junto a Tolstói. Publicada simultaneamente em vários jornais (*Nóvaia Rus*,²⁰⁶ *Rússkoie Slovo* e *Rússkie Védomosti*), a “Carta à redação” de Tchertkov, com uma nota aprobatória de Tolstói, tornou-se a ponta visível do *iceberg*, chamado “Testamento de Tolstói”.

E por fim, falando na “separação forçada” de Tolstói, Tchertkov estranhamente se esqueceu de que, em 30 de junho e 1º de julho de 1909, ele e o mestre encontraram-se na aldeia Suvórovo, a três verstas e meia de Kótcheti. Esse “encontro feliz” foi organizado pela filha de Tolstói Tatiana Sukhótina. O encontro foi secreto porque Sófia Andréievna não sabia dele. Sabia apenas que seu marido estava hospedado na casa da filha em Kótcheti. Suvórovo estava na província de Oriol, na fronteira com Tula, e Tchertkov só fora proibido de entrar na província de Tula. Portanto, do ponto de vista da lei, não estava sujeito a sanções.

Sobre o que conversaram Tolstói e Tchertkov?

Segundo Makovítski, que também estava hospedado em Kótcheti, Tolstói, ao voltar do encontro, “sentia-se fraco após a tensão causada pelas sérias conversas com Tchertkov”. No dia 2 de julho, Tolstói dormiu até as 9 horas, ficou na cama quase o dia inteiro, ora jogava paciência, ora dormia novamente. “O pulso era irregular”, registrou Makovítski, “e mais espaçado que o habitual; às 4 horas da tarde o pulso caiu para 60, a temperatura para 36 °C, enquanto o normal de L. N. é 72 e 36,6 °C. Azia, calafrios nas costas e frio no corpo inteiro.”

Tal era o estado físico de Tolstói antes de voltar a Iássnaia Poliana, onde estouraria a crise conjugal “de Estocolmo”.

CONVITE PARA A EXECUÇÃO

Por quem foi escrito o primeiro testamento formal de Tolstói? Nos últimos dois anos, ele estava gravemente doente, quase à morte. Seu secretário, Gússev, descreveu em seus diários os desmaios do escritor, que eram acompanhados de perda parcial de memória. Ele, de repente, esquecia os nomes dos filhos e netos, não os reconhecia, perguntava onde ficava Khamóvniki e até mesmo era capaz de perguntar se não viera ontem o irmão Mítenka. Dmítri Nikoláievitch falecera em 1856, meio século antes de Gússev se tornar secretário de Tolstói. Sua morte foi descrita detalhadamente em *Anna Karênina*, criada nos anos 1870. Em julho de 1909, pouco antes de escrever seu primeiro testamento formal, Tolstói *esqueceu* que não era mais proprietário de Iássnaia Poliana. Pensava sinceramente que possuía essas terras, sofria por causa disso, queria doá-las aos camponeses. É difícil acreditar, mas há dois testemunhos disso.

No diário de Tolstói, há uma anotação feita em 23 de julho: “Resolvi dar as terras. Ontem falei com Ivan Vassílievitch. É difícil se livrar dessa pecaminosa porcaria que é a propriedade. Ajuda-me, ajuda-me, ajuda-me”.

Quer dizer que não foi somente sobre os direitos editoriais que ele falou com o jurista? Quer dizer que em sua cabeça misturaram-se os direitos editoriais e as terras que ele não possuía desde 1892?

O diário da filha Tatiana Lvovna confirma isso:

... em Iássnaia Poliana, quando estive lá em julho, o clima geral era muito pesado. Ele me disse uma vez que essa propriedade oprimia-o terrivelmente. Eu fiquei pasma.

– “*Papá*, mas você não tem mais nada!”

– “Como? E Iássnaia Poliana?”

– “Não, senhor! Você a passou para seus herdeiros, como todo o resto.”

Ele me interrompeu e disse:

– “Bem, conte-me tudo sobre como vão as coisas.”

Lembremos que, nesse meio-tempo, Tolstói pretendia ir a Estocolmo acompanhado de Tchertkov e Sacha. Talvez a atitude da esposa não fosse tão louca assim... Talvez a loucura o estivesse instigando a essa viagem... Enfim, para que ele queria ir à Suécia?

No dia 30 de julho, quando, sob a pressão da esposa ele já tinha quase desistido da viagem, entre ele e Makovítski houve uma conversa estranha. O médico estava massageando sua perna doente. De repente, Tolstói perguntou:

“Dirijo-me a você como a um amigo próximo, modesto e discreto: quero ir embora de casa para algum lugar no exterior. Como se faz para obter o passaporte?”

A conversa sobre o passaporte repetiu-se no dia seguinte. Makovítski lhe explicou todo o procedimento para receber o passaporte estrangeiro.

“É muito complicado”, disse Tolstói. “Não há como fazer sem que ninguém saiba disso?”

Em 21 de agosto, na presença de pessoas próximas, Tolstói disse uma frase surpreendente, que refletia seu estado naquele tempo:

“Se eu criasse seres humanos, eu os faria velhos, para que eles, paulatinamente, se tornassem crianças.”

Em 28 de agosto, o escritor completou 81 anos. “Eu tenho três anos elevados ao cubo”, brincou à mesa, durante o almoço.²⁰⁷

E no dia 2 de setembro começaram os preparativos febris para ir à casa de Tchertkov em Krékchino. Febris, porque Tchertkov assustou Tolstói, dizendo que, durante sua ausência de Iássnaia Poliana, pretendiam-se fazer buscas e confiscar todos os seus últimos escritos. “O velhinho, assustado”, conta Makovítski, “pegou tudo o que pôde: manuscritos, seus artigos começados e até os livros de consulta para eles.” O caminho a Krékchino passava por Moscou. A cidade tinha mudado e ficara irreconhecível. Apareceram bondes de tração animal e elétricos. Na loja de Zimmerman, vendia-se um aparelho moderno que reproduzia músicas executadas por pianistas famosos. Na casa em Khamóvniki, fora instalado o telefone. Esses avanços da civilização deixaram Tolstói estupefato. “Horrorizado, ele olhava para esse formigueiro humano e, a cada passo, via a confirmação de seu antigo ódio pela chamada civilização”, comenta Goldenweiser.

No entanto, na loja de Zimmerman, Tolstói admirou o aparelho musical feito uma criança e manifestou sua surpresa com exclamações de entusiasmo. Esse aparelho seria enviado a Krékchino como propaganda, para todo o tempo de estadia do escritor.

As anotações em seu diário feitas em Krékchino (de 3 a 18 de setembro) causam surpresa. São sábias, porém de uma maneira infantil demais. Para uma pessoa despreparada, podem até parecer conversa de passarinho. Sobre Deus, o bem, o amor, o significado dos sonhos... Tolstói lembrou seu estranho sonho, no qual ele e o irmão Serguei foram caçar e, não se sabe por quê, ele tinha nas mãos um clarinete em vez de uma espingarda. Eles chegaram ao mar (por que ao mar?) e estavam vendo navios que, na realidade, eram cisnes. “Atire”, disse Serguei. Tolstói levou à boca o clarinete, tentou soprar e não conseguiu. Então, o irmão atirou e

Tolstói acordou com um estalido forte. Uma rajada de vento derrubara os biombos que estavam perto da janela.

Nesse diário, não há *uma única palavra* sobre o que aconteceria no dia da partida de Krékchino, sobre o testamento. Dá a impressão de que ele nem pensava nisso. Ou tinha medo de que a esposa lesse o diário?

Involuntariamente, surge a pergunta: até que ponto Tolstói se dava conta do que assinara em 18 de setembro? Não há resposta a essa pergunta, porque ele não comentou isso em seu diário. Existe apenas uma anotação enigmática sobre a conversa com Tchertkov na véspera. “Falamos sobre a pretensão de meus filhos de se apossar das obras dadas a todos. Não quero acreditar.” Dessa anotação, pode-se apenas supor que a questão foi levantada por Tchertkov.

Tolstói estava distraído, e Tchertkov, ao contrário, muito ativo. Ao assustar mais uma vez o velho com a ameaça de busca em Krékchino, Tchertkov despachou para a Inglaterra os manuscritos levados pelo escritor.

Na véspera da assinatura do testamento, Tolstói perdeu-se na floresta. Ele até ficou assustado, pensando que não acharia o caminho de volta. De repente, não se sabe de onde, apareceu Tchertkov! Ele estava seguindo Tolstói.

No último dia de sua estadia, Tolstói perdeu-se novamente. E novamente Tchertkov levou-o para casa.

Depois do passeio, Lev Nikoláievitch contou aos netos Sônia e Iliucha sua famosa história sobre os pepinos: “Um menino foi até a horta. E viu no chão um pepino desse tamanho.” Mostrou-lhes então com as mãos o tamanho do pepino. “Ele o pegou e – vapt! – comeu!”.

“E estalejava como um de verdade”, comentou Iliucha. “Mas não, não era de verdade! Fiquei bem de olho no vovô, para ver se não tinha um verdadeiro escondido na mão. Mas não tinha.” “E não tem vergonha de pensar que o vovô estava nos enganando?!”, disse com indignação Sônia, a mais velha. “Vovô pode se ofender!”

Nesse dia, foi assinado o testamento.

Declaro meu desejo de que todas as minhas obras literárias e escritos de todo gênero já publicados, manuscritos ou impressos a partir de 1º de janeiro de 1881, assim como tudo escrito por mim e ainda não publicado até esta data, não sejam propriedade de ninguém após minha morte e possam ser reeditados sem indenização por qualquer pessoa que queira fazer isso. Desejo que todos os manuscritos e papéis meus que houver após minha morte sejam entregues a Vladímir Grigórievitch Tchertkov para que ele os administre, assim como já os administra agora, para que todos os meus escritos sejam acessíveis a todos que desejem usá-los para edição. Peço também a Vladímir Grigórievitch Tchertkov que nomeie a pessoa ou as pessoas a quem passar esse encargo em caso de sua morte.

Lev Nikoláievitch Tolstói.

Krékchino, 18 de setembro de 1909.

Presenciaram a assinatura do presente testamento e certificam que, durante sua redação, Lev Nikoláievitch Tolstói estava em sã consciência e boa memória:

Aleksandr Goldenweiser, artista independente. Aleksei Petróvitch Serguêienko, pequeno-burguês. Aleksandr Vassílievitch Kalatchev, pequeno-burguês.

O presente testamento foi copiado por Aleksandra Tolstaia.

Na volta, Tolstói por pouco não foi esmagado pela multidão de 5 mil pessoas que foram à estação de Kursk para se despedir dele. Quem o salvou foi Tchertkov. Mas fora ele quem havia comunicado aos jornais a hora da partida do escritor de Moscou. Quando, na estação de Kozlova Zasseka, Tolstói subiu na caleche, teve um profundo desmaio. Voltou a si somente na manhã do dia 20 de setembro. “Não me lembro de nada. Dizem que

primeiro eu delirava, depois perdi a consciência de vez. Como é simples e bom morrer assim.”

PAPÉIS E PESSOAS

O primeiro testamento formal de Tolstói foi escrito com sua própria mão. Mas basta comparar rapidamente o texto desse documento com os dois feitos em forma de anotações em seu diário para entender que este não *tem a linguagem e o estilo de Tolstói*. De quem, então?

Tchertkov, referindo-se à história desse texto em seu livro *A partida de Tolstói*, não diz “Tolstói escreveu o testamento”. A frase dele soa mais diplomática: “Ele decidiu *recorrer à redação* do testamento”. Mas permitam-me a pergunta: e quem o redigiu?

No livro de Boris Meilakh *A partida e a morte de Lev Tolstói*, foi notado que não apenas o conteúdo, mas também o texto do primeiro testamento formal coincidia com aquele “questionário” que Tchertkov mandara-lhe da Inglaterra em 1904 com seu secretário Briggs. As repostas de Tolstói, que repetiam as perguntas de forma positiva, foram a base do testamento.

Por exemplo:

Questionário (1904). “O senhor concede a mim, após sua morte, a administração das edições a meu pleno critério, durante minha vida, e a transferência à pessoa de minha confiança, após minha morte, de todos os manuscritos que eu receber do senhor antes de sua morte?”

Testamento (1909). “Desejo que todos os manuscritos e papéis meus que houver após minha morte sejam entregues a Vladímir Grigóievitch Tchertkov para que ele os administre...”

E o que foi que aconteceu no dia 18 de setembro de 1909? Simplesmente, Tchertkov venceu Sófia Andréievna. E o mais terrível foi que isso aconteceu literalmente pelas costas dela, quando ela mesma chegou a Krékchino.

Depois que ela impediu a viagem do marido a Estocolmo, seria violência demais da parte dela não o deixar ir a Krékchino. E ela se conformou, embora isso tivesse sido muito difícil. “Foi difícil para mim a ida de Lev Nikoláievitch à casa de Tchertkov”, escreveu ela em seu diário, em 2 de setembro. “Tristes preparativos e a despedida”, anotou em 3 de setembro. No dia 5 de setembro, quando Tolstói chegou a Krékchino, sua irmã, Maria Nikoláievna, e a filha dela, Liza, hospedadas na casa do irmão, partiram para Chamórdino. Iássnaia Poliana ficou praticamente desabitada. Sem Tolstói, ela se transformou num lugar morto para o qual ninguém queria ir.

“Você não pode imaginar como é estranha Iássnaia Poliana sem L. N.!” , escreveu a esposa de Goldenweiser ao marido em junho de 1909. “Silêncio total, como num cemitério.”

No mesmo dia em que Maria Nikoláievna viajou para Chamórdino, o casal Goldenweiser voltou de Moscou a Iássnaia Poliana. Eles contaram a Sófia Andrêievna como seu marido tinha passado o tempo em Moscou, como ouvira o aparelho musical na loja de Zimmerman, como passara pela rua Kuznétski Most e com que entusiasmo o público o cumprimentara na estação. Já de manhã, no dia 8 de setembro, Sófia Andrêievna estava em Moscou e se dirigiu a Krékchino. Tolstói recebeu-a na estação “com carinho” e tudo lá pareceu a ela “bom, hospitaleiro e bonito”. Entre os dias 10 e 12, ela novamente esteve em Moscou, colocou em ordem seus negócios com as editoras e, como habitualmente fazia, foi ao Museu Histórico, para trabalhar com os manuscritos do marido que guardava lá. Além disso, foi ao médico, porque sentia dor na perna, e fez uma consulta. No dia 13, voltou a Krékchino.

Nesse dia, ela sentiu alguma coisa errada. De Moscou, estava sendo acompanhada por Sacha, que também esteve na cidade a negócios e voltava à casa de Tchertkov. Na estação, Tolstói outra vez esperava por elas. Quando Sófia Andrêievna estava subindo na carruagem, tropeçou com a

perna doente e ficou gemendo alto o caminho todo. Ela foi colocada na cama, chamaram-lhe um médico. Na hora do almoço, foi à mesa. Goldenweiser notou “o estado doentio e irritado de Sófia Andrêievna, que a qualquer instante podia fazer uma cena ou ter um ataque de histeria”. No dia 17 de setembro, na véspera da assinatura do testamento, houve uma briga entre ela e Tchertkov, sobre a qual escreveu em suas memórias Aliocha Serguêienko, o jovem secretário de Tchertkov.

As impressões de Aliocha depois da visita a Krékchino, em setembro de 1909, são muito interessantes. Naquele tempo, ele não entendia muito das sutilezas do conflito conjugal dos Tolstói, apesar de conhecer o escritor desde os catorze anos de idade, porque seu pai era literato e biógrafo do escritor. Na grande família Serguêienko, reinava o culto do “grande Lev”. Piotr Aleksêievitch, a esposa e os oito filhos moravam numa aldeia, trabalhavam na terra e comemoravam todo aniversário de Tolstói, reverenciando-o em seus pensamentos. Partindo para a Inglaterra, Tchertkov levou consigo o jovem tolstoísta como seu secretário.

Aliocha teve a possibilidade de comparar a vida dos Tchertkov na Inglaterra e em Krékchino. Depois do ambiente pesado e tedioso na Inglaterra, Aliocha sentiu, de repente, a atmosfera de uma *família feliz* em Krékchino.

“Eu logo vi que aquela casa não era propriamente uma casa de família, parecia mais um hotel; cada um tinha sua vida isolada e eu, que até os vinte anos de idade morara numa família grande, não me sentia bem naquela melancolia.”

Já em Krékchino era diferente. “É um outro espírito!”, surpreendeu-se Aliocha.

Tchertkov e Gália cuidavam de sua economia doméstica, discutiam como preparar a couve-flor, enviada para Tolstói por uma terra-tenente vizinha: “em pedacinhos”, “à milanesa” ou “com molho bechamel”?

Tchertkov fazia pessoalmente o cardápio para Tolstói. As reuniões à mesa eram animadas e alegres.

“Lev Nikoláievitch estava na ponta da mesa e, coisa estranha, já no primeiro minuto senti que eles não eram gente estranha uns aos outros, mas uma grande família. E Lev Nikoláievitch era o chefe.” “Uma família grande e unida”, escreveu Serguêienko.

E agora avaliemos a questão com os olhos de Sófia Andrêievna. Ela também vira isso. E não é de estranhar que tenha armado um escândalo para Tchertkov quando soube que ela e o marido iriam para Moscou em caleses diferentes. “Sônia ficou perturbada com a proposta de ir a Moscou separadamente”, escreveu Tolstói no diário. “Fui falar com ela. Coitada, tenho pena dela, está fraca e doente. Acalmei-a um pouco. E depois ela falou com tanta bondade, lamentou e disse: ‘perdoe-me’. Fiquei feliz e comovido.”

Essa anotação foi feita no dia 17 de setembro.

No dia seguinte, Tolstói assinou o testamento.

MAIS REALISTA QUE O REI

“Tudo a desagradava na casa dos Tchertkov: os ‘obscuros’ em volta do pai, à mesa comum, onde Iliá Vassílievitch²⁰⁸ estava sentado a seu lado. O estado de seus nervos era terrível”, recordava Sacha sobre a mãe em Krékchino. “É difícil imaginar o que aconteceria se ela soubesse que aqui, em Krékchino, papai resolveu escrever o testamento... Eu o copiei, meu pai e três testemunhas o assinaram. Dei a cópia a Tchertkov e fiquei com o original. Tchertkov pediu-me que eu o mostrasse em Moscou ao advogado Muraviov para saber se esse testamento tem vigor jurídico.”

“Sua decisão de recorrer ao testamento foi tomada sem meu conhecimento e durante minha forçada separação dele...”, escreveu Tchertkov. “Eu não tentava em absoluto convencer L. N. a escrever o testamento ‘jurídico’, e até supunha que ele não concordaria com isso...”

Em geral, a história desse testamento é terrivelmente obscura. E isso apesar de a vida do Tolstói tardio ter sido de extrema transparência. Cada palavra, cada gesto dele eram registrados de todos os lados. Mas não no que se referia a esse testamento – um dos mais importantes atos de sua vida.

“Eu não toco nas histórias detalhadas de cada testamento para não sobrecarregar a narrativa”, escreveu Tchertkov no livro *A partida de Tolstói*. Mas contou muito detalhadamente sobre o testamento de 1895 e o papel feio da esposa de Tolstói, que o escondera.

Já depois de se afastar e de não ter mais nenhuma simpatia por Tchertkov, Aleksandra Lvovna, em seus dois livros de memórias (*O pai e A filha*), falou muito pouco do papel dele no testamento. No entanto, com a leitura desses dois livros nós ficamos sabendo que foi Tchertkov quem promoveu o encontro de Tolstói com o advogado moscovita N. K. Muraviov, famoso defensor nos processos dos sectários russos e a quem o escritor várias vezes pedira ajuda. Pois foi a partir desse encontro que começou aquele pesadelo jurídico que acabaria forçando Tolstói fugir de Iássnaia Poliana.

Muraviov explicou aos participantes da história que os direitos editoriais, como qualquer outra propriedade privada, não podiam ser passados a “todos”. Eles podiam ser transferidos somente a uma pessoa concreta, física ou jurídica, ou a um grupo de pessoas. A partir desse momento, as brincadeiras de Tolstói com as leis do império russo acabaram.

Era preciso escolher. Ou deixar tudo como estava e não empreender nada no plano jurídico (neste caso, os herdeiros legítimos seriam a esposa e os filhos). Ou “ajoelhou tem que rezar”.

Tchertkov negava seu papel na redação do segundo testamento formal, escrito depois que N. K. Muraviov zurzira a primeira versão de Krékchينو. Mas fatos são fatos: o jovem funcionário de Tchertkov Fiódor Strákhov por duas vezes, em 26 de outubro e em 1º de novembro, esteve em Iássnaia Poliana para resolver essa questão jurídica.

No livro de Gueórgui Orekhánov *Tchertkov na vida de L. N. Tolstói*, foram publicadas duas cartas de Sacha a Tchertkov, escritas em 11 e em 27 de outubro. Elas não deixam dúvidas de que o segundo testamento jurídico estava sendo preparado minuciosamente pela “equipe de Tchertkov”, hostil à Sófia Andréievna.

Sacha escreveu:

11 de outubro (o mais importante)

Nesses dias, pensei muito no testamento de meu pai e veio à minha cabeça que seria melhor escrever esse testamento, autenticá-lo pela assinatura de testemunhas e, em vida, levar ao conhecimento dos filhos seu desejo e sua vontade. Há três dias, conversei com *papá* sobre isso. Contei-lhe que tinha consultado Muraviov e que ele dissera que o testamento de *papá* não tem validade e o que, em minha opinião, deveria ser feito. Ele respondeu que sim e que isso poderia ser feito em Tula. Disse que pensaria no restante e que isso seria bom, porque, se ele declarar sua vontade em vida, não vai parecer que suspeita de que os filhos não cumpram sua vontade. E que, se esse documento aparecer após sua morte, os filhos, Serioja, por exemplo, ficariam ofendidos com o fato de que o pai não acreditava que, sem um documento oficial, eles não cumpririam sua vontade. Depois da conversa com *papá*, tenho a impressão de que ele fará tudo o que for preciso. Agora pense você e decida o que é melhor. Seria possível falar de todas as obras de uma só vez? Peço-lhe que não demore. Quando Tânia chegar, será muito mais difícil ou até impossível fazer alguma coisa.

Significa que o testamento jurídico estava sendo preparado não só às escondidas de Sófia Andréievna, mas sem o conhecimento dos filhos mais velhos, Serguei e Tatiana, que estavam do lado do pai nesse conflito familiar. O testamento estava sendo preparado num segredo total e justamente pela “equipe de Tchertkov”, da qual, infelizmente, a filha caçula

dos Tolstói, Sacha, fazia parte. O mais desagradável nessa carta é que ela levantou a questão de privar a mãe dos direitos que ela tinha sobre as obras escritas até 1881 e propôs a Tchertkov resolvê-la.

Naquela época, Sacha não amava a mãe e, infelizmente, tinha certas razões para isso. Ainda na infância, ela soube que nascera na noite da primeira tentativa do pai de deixar a mãe, em junho de 1884. Soube também que a mãe, estando grávida dela, procurou uma parteira e pediu que ela lhe fizesse um aborto. A parteira recusou-se, pelo que Sófia Andréievna posteriormente agradeceria a Deus. No entanto, ela não mimava a filha nem lhe dava tanta atenção quanto às outras crianças, mantinha-a a distância, irritava-se com ela frequentemente, ofendia-a e a humilhava. A filha respondia com petulância e rebeldia.

Teria ela levantado perante o pai a questão de privar a mãe e os irmãos de todos os direitos às obras dele? Em todo caso, essa carta evidencia que, na elaboração do testamento, Tolstói não era o condutor, mas o conduzido (“... ele fará tudo o que for preciso”).

E realmente, ao se mergulhar nos diários e cartas de Tolstói daquela época, percebe-se o quão longe estava ele da tomada de quaisquer decisões práticas. Pelo menos, sem pressão externa ele não tomaria nenhuma.

Porém, nas memórias de Sacha, Tchertkov e Strákhov, isso é apresentado como se a decisão de Tolstói de privar Sófia Andréievna de todos os direitos sobre suas obras tivesse sido uma grande surpresa para eles.

Escreveu Strákhov sobre sua primeira visita a Tolstói:

Imediatamente, ele foi a seu escritório e nos levou consigo, eu e Aleksandra Lvovna. “Vou surpreender vocês com minha última decisão”, dirigiu-se ele a nós com um sorriso bondoso. “Eu quero ser *plus royaliste que lhe roi*.²⁰⁹ Eu quero dar tudo somente a você, Sacha. Tudo, sem excluir as ressalvas feitas na minha declaração aos jornais.”

Nós estávamos diante dele estarecidos com as palavras “tudo” e “somente a você”. Ele as pronunciou com tanta simplicidade, como se falasse de um caso insignificante que lhe ocorrera durante o passeio.

Recordava Aleksandra Lvovna:

No dia 1º de novembro, meu pai assinou o novo testamento, escrito pelo advogado Muraviov –. Primeiro, ele pensava em deixar os direitos sobre todas as suas obras para nós três, os mais próximos dele – Serioja, Tânia e eu, para que nós passássemos esses direitos para domínio público. Mas um dia, quando entrei de manhã em seu escritório, ele me disse de repente: “Sacha, resolvi fazer o testamento somente em seu nome”, e olhou para mim interrogativamente. Eu calei. Imaginei a enorme responsabilidade que cairia sobre mim, as acusações dos irmãos mais velhos, que ficariam ofendidos, e ao mesmo tempo crescia dentro de mim um sentimento de orgulho, de felicidade por ele me confiar uma causa tão grande.

“Por que está calada?” perguntou ele.

Expliquei-lhe minhas dúvidas.

“Não, já decidi assim”, disse ele com firmeza, “você é a única que está morando comigo e é muito natural que eu encarregue você de cuidar disso. Em caso de sua morte”, ele olhou para mim com carinho e riu, “os direitos passarão a Tânia”.

Não temos base para desconfiar dessas recordações. O clima em Iássnaia Poliana era tal, que Tolstói poderia ter tomado independentemente essa decisão extravagante sobre a transferência de todos os direitos somente a Sacha, a única de seus herdeiros em quem ele podia confiar.

Todavia, a julgar por seu diário, ele não sentia alegria nenhuma nisso.

Escreveu ele em 26 de outubro:

Não dormi até as 3 horas da madrugada. Sentia um desânimo, mas procurei resistir. Acordei tarde. Sófia Andréievna voltou. Fiquei contente, mas está muito agitada... Chegou Strákhov. Não fiz nada de manhã. Uma boa a carta de Tchertkov. Ele fala daquilo que eu mesmo penso com uma clareza maior. Foi pesada a conversa com Strákhov sobre as exigências de Tchertkov, porque isso ele vai ter de tratar com o governo. Acho que vou resolver tudo de uma maneira mais simples e natural – Sacha. Quero os antigos também, os de antes de 1882... À noite, mais uma conversa com Strákhov. Eu concordei. Mas lamento não ter dito que tudo isso é muito penoso para mim e o melhor é não fazer nada.

Sófia Andréievna voltou de Moscou no dia da chegada de Strákhov. E por pouco não frustrou o plano da “equipe de Tchertkov” de resolver a questão do testamento em sua ausência. O estado de Tolstói era “péssimo”. Ele tinha problemas de memória: confundiu o ano de 1881 com o de 1882.

“... é duvidoso que eu continue vivendo: fraqueza, sonolência”, escreveu ele em seu diário, em 28 de outubro. “Dormi demais, o que não é normal”, anotação de 29 de outubro. “Um estado de desânimo muito estranho. São 2 horas da madrugada. Não consigo dormir”, anotou em 31 de outubro, véspera da assinatura do testamento. Convenhamos que atos de tão grande importância, como era o testamento de Tolstói, não se levam a cabo num estado físico e moral semelhante.

Mas isso em situações normais. E a situação de Tolstói nesse caso era completamente fora do normal. Pode-se julgar isso a partir da leitura da segunda carta de Sacha, escrita a Tchertkov em 27 de outubro:

Vladímir Grigórievitch, Strákhov vai lhe contar tudo, mas considero necessário expor mais detalhadamente minha opinião.

1) Não se pode tornar esse assunto público de maneira alguma. Se a família souber, os últimos dias de meu pai serão uma tortura. Lembre-se

da história com Estocolmo: histeria, ópio, objetos atirados no chão etc. E não garanto que o documento não seja exigido e rasgado. A divulgação é impensável. Lev Nikoláievitch concorda com isso.

2) Tanto meu pai quanto eu consideramos que Serioja, com seu vício em jogos de cartas, é muito pouco confiável.

E Tânia, quando lhe perguntei se usaria os honorários das obras, respondeu: “A troco de que vou recusar o dinheiro que seria gasto por meus irmãos em farras? É melhor usá-lo numa coisa boa”. Portanto, fico sozinha. Decidam todos vocês, amigos, se podem confiar a mim um negócio dessa importância... Sou a mais nova, a menos amada na família e, de repente, encarregam-me desse negócio, e através de mim tiram o dinheiro da família! Serei odiada, sem dúvida alguma. E, mesmo assim, não tenho medo disso. Depois da morte de meu pai, a única coisa cara que restará para mim serão seus pensamentos. Então decidam, e o quanto antes, e que a chegada de Goldenweiser seja num dia de festa para não causar suspeitas. Se for preciso, assinarei todos os testamentos e promessas.

T. L. Sukhótina-Tolstaia, numa carta ao irmão Mikhail, escrita no exterior, já muitos anos depois, pouco antes da Grande Guerra Pátria,²¹⁰ escreveu: “Quem causou o maior prejuízo nisso tudo²¹¹ foi Sacha. Mais do que Tchertkov. Era jovem... Via somente os sofrimentos do pai e, amando-o de todo o coração, acreditava que ele poderia começar uma vida nova e ser feliz sem sua velha companheira”.

As cartas de Sacha a Tchertkov causam compaixão. Ela estava tão cheia de heroísmo e capaz de qualquer sacrifício que confiava cegamente nos “amigos”, pessoas estranhas que faziam tramoias contra sua mãe, e nem percebia que se tornava testa de ferro jurídica no “negócio” de transferência de todos os direitos editoriais do pai... somente a Tchertkov.

Se no lugar de Tchertkov estivesse uma pessoa com interesses comerciais, toda essa história seria simplesmente um sujo caso criminal. Mas Tchertkov não procurava vantagem material. E, além disso, assumia uma enorme responsabilidade moral perante os contemporâneos e as gerações vindouras. *Nenhuma pessoa normal, em sã consciência, se decidiria por isso.* Mas Tchertkov decidiu-se. Ele acreditava piamente que fazia esse trabalho “sujo” para que a moral de seu mestre após a morte continuasse absolutamente limpa e não fosse maculada pelo uso de suas obras para obtenção de vantagem material.

Em 1º de novembro, Tolstói escreveu em seu diário: “Hoje chegaram Goldenweiser e Strákhov, trouxeram papéis de Tchertkov. Eu refiz tudo. Foi bastante tedioso”.

CATÁSTROFE

Lendo-se sucessivamente todos os testemunhos da vida em Iássnaia Poliana depois do dia 22 de junho de 1910, pode-se enlouquecer. A “equipe de Tchertkov”, junto com Tolstói, conseguiu guardar em segredo a existência do testamento que privava a família dos direitos sobre as obras dele. Mas, quando isso começou a vir à tona, estourou um escândalo terrível.

Não há sentido em procurar os justos e os culpados nessa história. É preciso sempre lembrar que a situação na qual se viram Tolstói e seus familiares era sem precedentes. Nenhum dos protagonistas desse enredo estava preparado para ele. E o enredo foi paradoxal demais: juntaram-se nele *Rei Lear*, de Shakespeare, e *Taras Bulba*, de Gógol.

Por mais que Tolstói tentasse “fugir” desse problema, este não o deixava em paz. Ele sentia vergonha de que, após sua morte, os filhos ficassem sabendo da desconfiança do pai, do segredo que ele guardara durante o último ano de sua vida. Sacha sentia-se constrangida em relação à irmã mais velha. E houve também uma falha na segunda versão do

testamento formal, assinado em 1º de novembro: não fora indicado o herdeiro dos direitos editoriais para o caso de morte súbita de Sacha.

No verão de 1910, fora diagnosticado que Sacha tinha sinais de tísica. Os pulmões fracos eram um pesadelo hereditário dos Tolstói. Dois irmãos do escritor, Dmítiri e Nikolai, morreram de tísica. Ele mesmo suspeitava ter a doença, da qual fugira para as estepes de Samara. A morte de Tchékhov em 1904 por causa da tísica ainda não havia sido esquecida.

Sacha foi à Crimeia, onde se recuperou rapidamente. Aliás, lá ela teve de recusar temporariamente a dieta vegetariana, incompatível com o tratamento da tuberculose.

A doença de Sacha cumpriu um papel significativo na história da fuga de Tolstói. Pois o fato de ele ter escolhido o sentido sul (Bulgária ou Cáucaso) estava ligado aos pulmões fracos da filha. E, nesse verão de 1910, a questão sobre o que aconteceria com seu legado em caso da morte de Sacha surgiu por si só. Isso deve ter preocupado Tchertkov também, e até em primeiro lugar. Sem Sacha, a testa de ferro jurídica, o testamento de Tolstói perdia todo o sentido. Tchertkov ficaria sem nada. E, em junho e julho de 1910, repetiu-se a situação do outono de 1909.

Primeiro, Tolstói foi descansar na casa do “querido amigo”, farto do comportamento da mulher. Tchertkov não morava mais em Krékchino, mas na fazenda Otrádnoie, perto da aldeia Meschérskoie, província de Moscou. Ele estava acompanhado de Sacha, que voltara da Crimeia, mas ainda fraca fisicamente, de Makovítski e do jovem secretário Valentin Bulgákov. Assim como em 1909, a partida foi precedida por brigas com a esposa e desmaios.

O motivo da briga foi o circassiano que a condessa, a exemplo da fazendeira vizinha Zvéguintseva, contratara como guarda de Iássnaia Poliana. Ele não bebia, não se deixava subornar e era impiedoso com os mujiques russos. Um dia, Tolstói viu como Akhmet conduzia com o chicote um velho camponês amarrado, Prokófi Vlassov, seu antigo aluno. Numa outra ocasião, encontrou-se com um rapaz que lhe perguntou se podia

passar pela floresta. “Por que não?”, perguntou Tolstói surpreso. “O circassiano bate forte...”

De 12 a 23 de junho, Tolstói descansou a alma, trabalhou sobre dois pequenos contos (um deles o genial estudo “Sem querer”), revisou o livro *O caminho da vida*, mas a maior parte do tempo passeou pelas redondezas, conversou com pessoas. Lá, ele visitou duas clínicas psiquiátricas e se interessou vivamente pelas condições de vida dos pacientes e conversou com eles. Depois de ter ouvido e lido horrores sobre as clínicas psiquiátricas (lembremos de “A enfermagem nº 6”, de Tchékhov), Tolstói ficou extremamente surpreso: os loucos na Rússia tinham uma vida mais confortável e farta que a maioria dos camponeses! E, ainda, os que eram tranquilos ficavam alojados nas casas de camponeses por uma pensão de nove rublos por mês, o que era vantajoso para o governo e para os camponeses. E nunca batiam nos violentos nem os amarravam, mas os colocavam em quartos com as paredes acolchoadas e as janelas com vidros inquebráveis.

A liberdade era tal que um dia, um paciente matou a machadadas um servente. Outro “paciente”, um evidente impostor, que era assassino condenado à força, discutiu facilmente com Tolstói. Verificou-se que ele lera quase todos os artigos do escritor. Este ficou pasmo.

“Pergunte como ele se chama”, sugeriu-lhe o médico com uma voz cansada. “Pedro I”, respondeu o “paciente” sem vontade, e Tolstói viu que ele sentia vergonha e estava cansado de representar.

Tolstói contou ingenuamente a Sófia Andréievna sobre isso em suas cartas de Meschérskoie. “Está tudo bem. Ontem fui a cavalo até uma aldeia, onde estão hospitalizadas doentes mentais... São interessantes essas mulheres. De Tróitskoie, a três verstas da casa, vieram os médicos nos convidar para assistir a um espetáculo cinematográfico. Tróitskoie é uma clínica para os doentes mentais mais graves. Eu lhes disse que iria...”

A mente inflamada de Sófيا Andrêievna imediatamente construiu o encadeamento lógico: sua doença, a fuga do marido para a casa de Tchertkov e o interesse dele por clínicas psiquiátricas, onde, pelo visto, ele e Tchertkov queriam enfiá-la.

É evidente que Tolstói não tinha e não poderia ter isso em mente. Mas seu interesse pelo problema da demência nesse período não era ocasional. Justamente nesse verão ele escrevera o artigo “Sobre a demência”. Ao voltar a Iássnaia Poliana, estudou o livro do professor S. S. Kórsakov *Curso de psiquiatria* e encontrou nele paralelos evidentes com a doença da esposa. Mas, em Otrádnoie, ele escreveu em seu diário: “Quero tentar lutar com Sônia com conhecimento de causa, bondade e amor”. Logo sua esposa leria a anotação. Mas veria nela apenas “Quero *lutar* com Sônia”.

No dia 22 de junho, o comportamento de Sófia Andrêievna se tornou incontrolável.

Ela enviou ao marido e à filha um telegrama em nome de Feokrítova (para que não pensassem que eram apenas suas fantasias): “Sófia Andrêievna com desajustamento nervoso, insônias, choros. Pulso 100, pede telegrafar. Vária”. Depois, já em seu nome, suplicou ao marido que voltasse.

Em resposta, recebeu o telegrama: “É mais cômodo chegar amanhã à tarde, mas, se for necessário, chegaremos de madrugada”. O “mais cômodo” a fez explodir. Ela via nisso o “desalmado” estilo de Tchertkov.

Feokrítova afirma em seu diário (no qual não se pode confiar muito) que o ataque histérico de Sófia Andrêievna fora causado pelo problema do testamento. Ela suspeitava de que em Meschérskoie, sob a pressão de Tchertkov e de Sacha, Tolstói tivesse assinado algum documento testamental contra a família. (Feokrítova não sabia que esse documento já tinha sido assinado.) Sófia Andrêievna tinha certeza de que Tolstói e Tchertkov visitavam as clínicas psiquiátricas porque estavam procurando um lugar para ela. Gritava que antes acabaria com a própria vida para não

permitir isso. E escrevia bilhetes agônicos que seriam publicados pelos filhos nos jornais após sua morte, para que todos entendessem que o marido era um assassino.

Ao mesmo tempo, a Otrádnioie chegou a “ótima” notícia de que o governo permitira a Tchertkov voltar para Teliátniki, perto de Iássnaia Poliana, durante o tempo de permanência de sua mãe lá. Era uma formulação estranha. Todos entenderam que, na realidade, isso fora o cancelamento da proibição de morar na província de Tula e que o discípulo poderia voltar a morar perto do mestre e se encontrar com ele diariamente. E Tolstói se apressou a *alegrar* a esposa com a “ótima” notícia.

A falta de entendimento entre os cônjuges e a ausência de sensibilidade de ambos com o estado de espírito da “cara-metade” chegaram a ser verdadeiramente catastróficas. Sófia Andrêievna via em tudo uma conspiração e o desejo do marido de livrar-se dela por causa de Tchertkov. Tolstói ficava surpreso com as atitudes grosseiras da esposa em relação a pessoa tão formidável. Ele estava ofuscado a tal ponto que não percebia como Tchertkov, sistemática e despoticamente, expulsava Sófia Andrêievna da esfera de administração de seu legado e não levava em conta nem a união conjugal de meio século, nem o amor materno dela pelos filhos, nem o estado psíquico em que ela se encontrava.

ELE, ELA, ELES

No dia 23 de junho, Tolstói e Sacha voltaram a Iássnaia Poliana. No dia 27, Tchertkov mudou-se para Teliátniki, para “estar com a mãe”, e começou a frequentar a casa de Tolstói diariamente, o que literalmente enlouqueceu Sófia Andrêievna.

Chegaram também a Iássnaia M. S. Sukhótin e T. L. Sukhótina-Tolstaia, chamados por um telegrama alarmante de Sacha. Em seu diário, o inteligente genro de Tolstói tentou explicar todas as causas do estado doente de sua sogra.

- 1) O amor a L. N. é totalmente sincero, mas, em parte, patológico, porque se baseia na paixão, o que não é normal numa mulher de 65 anos em relação a um homem de 81 anos e é difícil de ser satisfeita por motivos bem compreensíveis.
- 2) A consequência da paixão é o ciúme. O ciúme sempre foi o traço negativo de S. A., mas, se antes ele era causado por mulheres, por quem L. N. poderia sentir atração, agora é causado por Tchertkov, que é homem. E por isso o ciúme na mente doentia de S. A. suscita as cenas mais vergonhosas para L. N.
- 3) O amor-próprio ferido. É compreensível. Aquilo que L. N. não quer que sua mulher leia, como algo muito íntimo, é dado para Tchertkov ler, e Tchertkov passa isso para seus secretários “obscuros” copiarem. Realmente, contra a dignidade da esposa foi desferido um golpe.
- 4) Autoritarismo. É claro que esse sentimento foi ferido por Tchertkov. S. A. entende que Tchertkov já está em primeiro plano.
- 5) A cobiça. Tudo o que foi escrito com a mão de Tolstói terá, é claro, um grande valor, e S. A. o exagera ainda a tal grau que o valor desses diários chega a dimensões um tanto fantásticas. E se, de repente, ela e seu querido Andriucha não puderem se aproveitar disso após a morte de L. N.?
- 6) Histeria. Tem uma importância evidente. A intensidade da percepção de todos os desgostos e a força da expressão de seus sentimentos não são normais e, provavelmente, essa anomalia está ligada à área da psicopatia.
- 7) O medo por sua fama póstuma. E se os diários de L. N. forem publicados um dia e neles se verificar que tipo de pessoa é S. A., que realmente era uma cruz pesada na vida de L. N.?

Não há o que acrescentar a esses sete itens. Somente podem ser suavizadas certas formulações. (A única coisa que Sukhótin, não se sabe por

quê, não levou em conta é aquilo que notou Górkí, apesar de não ter sido pessoa próxima da família – o *cansaço* físico e psíquico geral de Sófía Andrêievna, que conviveu quase cinquenta anos com o homem mais complicado do século XIX e dele teve treze filhos.) Muito mais dúvidas causa a tentativa de Sukhótin de explicar o comportamento de Tolstói.

Ele é mais difícil de ser entendido. Somente às vezes, quando chega a perder as estribeiras, cambaleia, treme, fica pálido e ofegante, quando, com voz entrecortada, conta o que *ela* fica aprontando, ele é compreensível. Mas isso acontece raramente. É muito menos compreensível quando ele é tolerante mas frio com S. A., carinhoso, mas com desdém, amoroso, mas, por trás dessa manifestação de amor, sente-se apenas o domínio sobre si mesmo e o cumprimento obstinado da ética tolstoiana.

Com o mesmo rigor, ele passeia de manhã, trabalha até o almoço, depois do almoço anda a cavalo, descansa antes do jantar, depois do jantar joga xadrez. Continua adorando Tchertkov sem restrições, e creio que da mesma maneira despreza S. A. Um dia, ele disse a Sacha: “Quando ouço os passos rápidos dela se aproximando de meu escritório, minhas mãos começam a tremer de indignação”. Creio que pouco a pouco, com o passar dos anos, essa indignação tenha se transformado num sereno desdém.

O problema era que o estado de espírito de Sófía Andrêievna estava à vista de todos. Já Tolstói era mais reservado na demonstração de seus sentimentos à esposa. Pode-se julgar isso pelos diários, principalmente os secretos, os quais a esposa não lia, segundo sua equivocada suposição.

Esses diários mostram um quadro extremamente complicado. De um lado, Tolstói entendia que Sófía Andrêievna era uma doente mental antes mesmo de ela ter sido examinada por G. I. Rossolimo, o maior psiquiatra da época. As anotações que nós encontramos sobre isso foram feitas muito

antes do pesadelo que houve em Iássnaia Poliana no verão e no outono de 1910.²¹² Por isso, o que Tolstói escreveu em Otrádnoie sobre a “luta” que pretendia realizar com “bondade e amor” contra a doença da esposa não era para ele uma revelação interior. Era sua posição, que negava a possibilidade de cura através de um tratamento psiquiátrico, e ele estava convicto de que a doença só poderia ser vencida com “bondade e amor”.

E, nesse plano, foi surpreendente a reação de Tolstói ao diagnóstico de Rossolimo. O psiquiatra disse que ficara chocado com o estado de Sófia Andrêievna e não imaginava como Tolstói conseguia conviver com aquela mulher. Seu diagnóstico foi implacável: “constituição degenerativa dupla: paranoide e histérica, com predomínio da primeira”.

O diagnóstico de Rossolimo, ao que parece, deveria ter sido um presente para Tolstói, já que ele, como escreveu Sukhótin, “desdenhava” a esposa. Pois ele lhe dava o direito moral de *exigir* o isolamento de Sófia Andrêievna.

E como reagiu Tolstói a esse diagnóstico?

“Como cientista, Rossolimo é surpreendente e irremediavelmente tolo”, escreveu ele em seu diário em 20 de julho. “A carta de Rossolimo a respeito do estado de Sófia Andrêievna é notavelmente tola”, anotou ele no *Diário só para mim*.

Esse diário inteiro é dedicado a Sónietchka. “Eu posso amá-la sinceramente, mas não posso amar Lev.”²¹³ “Pobrezinha, como não ter pena dela?” “Verificou-se que ela achou e levou meu pequeno diário. Ficou sabendo de um testamento, a favor de alguém, sobre não se sabe o quê. Pelo visto, referente a minhas obras. Que tortura por causa do valor monetário delas. E tem medo de que eu possa lhe impedir a edição. Coitada, tem medo de tudo.” “A noite toda sonhei que estava lutando contra ela. Acordava, adormecia e continuava o mesmo sonho.” (Anotações feitas em 27 de outubro, véspera da partida.)

Mas há nesse diário secreto outras revelações. “Sófia Andrêievna está tranquila, mas continua alheia.” “Hoje de manhã tenho um sentimento pesado, mau, contra ela, contra Sófia Andrêievna. No entanto, é preciso perdoar, ser piedoso. Mas por enquanto não posso.” “Não há hostilidade de sua parte, mas para mim é desagradável esse fingimento de ambas as partes.” E finalmente: “Hoje, lembrando minhas bodas, pensei que isso era algo fatal. Eu não estava nem enamorado. Mas não podia deixar de me casar”.

A última anotação parece confirmar as opiniões de Sukhótin. Mas mesmo ele escreveu em seu diário: “... creio que ainda está vivo nele algo por S. A. Se não é amor, é uma mistura de compaixão, preocupação e hábito. E mais que tudo – o hábito. Perguntei-lhe esses dias sobre isso, e ele me disse: ‘Sim, a mim mesmo parece estranho, mas me preocupo com ela quando está ausente e tenho saudades dela’”.

Isso se confirma também pelas anotações de Tolstói feitas em 29 e 30 de agosto e em 12 de setembro, dias em que a esposa se ausentara de Kótcheti. “Sófia Andrêievna saiu com lágrimas nos olhos... Estou muito, muito cansado. Fiquei lendo à noite. Preocupo-me com ela” (12 de setembro). “Despediu-se de todos de modo muito comovente, pediu perdão a todos. Sinto muita, muita pena e carinho por ela... Vou dormir. Escrevi-lhe uma cartinha” (29 de agosto). “É triste sem ela. Tenho medo por ela. Não me sinto sossegado” (30 de agosto).

Os reais sentimentos de Tolstói pela esposa só podem ser julgados pelos diários de Tolstói, e não pelos testemunhos de terceiros. Havia amor, havia hábito e piedade, havia também o horror diante do comportamento dela, a vontade de ir embora e a compreensão de que sua partida seria um ato cruel em relação à mulher doente.

Mas justamente a presença de um “terceiro” fez essa história seguir o roteiro pelo qual se desenrolou.

Isso ficou muito bem registrado nas cartas de T. L. Sukhótina a Serguei, escritas de Roma à Rússia no início dos anos 1930, quando Tatiana Lvovna lia os diários da mãe editados por Serguei Lvóvitch. Citaremos alguns trechos dessas cartas:

Ele a amava profunda e ternamente. E só por isso não foi embora antes. Ela o irritava terrivelmente. E não é de estranhar. Era preciso ter uma paciência enorme para suportar sua aporrinhação, a vontade de se mostrar de um lado como uma coitada, vítima que dedicou toda a vida a um marido chato, e, por outro, uma jovem bonitinha com altas aspirações. Mas papai via seu lado bom, que o comovia: os esforços que ela fazia para vencer seus lados negativos, procurar ser melhor. E ele tinha muita pena dela. Se não a tivesse amado, teria deixado a casa bem antes.

“É claro que nós dois merecemos ser censurados por não termos interferido de um modo mais ativo nas maquinações de Tchertkov e Sacha. Era preciso interferir na vida de nossos pais só para que eles pudessem se entender sem quaisquer intermediários, que ‘separavam’ o marido da mulher.”

... Nos acontecimentos de 1910, você põe a maior parte da culpa em Sacha. A meu ver, isso não é certo. Imagine a situação e o estado de espírito dela naquela época. Ela vivia sozinha em Iássnaia Poliana e sentia profundamente o drama que estava acontecendo lá. Por outro lado, foi muito lisonjeiro para ela ter sido escolhida por nosso pai como a única herdeira. Ela não entendia que era apenas uma “testa de ferro”. Em geral, não se deve culpar ninguém, nem Tchertkov. O que é Tchertkov? Se ele não fosse “amigo, editor e continuador da causa” de Lev Tolstói, seria uma nulidade. E, sem o testamento a seu favor, ficaria privado da principal e até única causa de sua vida, e isso teria sido um

golpe cruel desferido contra sua ambição e vaidade. Por isso ele fazia tanto alarde em torno de papai.

TCHERTKOV E OS FILHOS DE TOLSTÓI

Uma personalidade complicada pode ser julgada de maneiras diferentes.

Mas eis o fato inconcebível do ponto de vista humano normal: sabendo da reação que sua pessoa provocava em Sófia Andréievna, Tchertkov, a partir do final de julho de 1910, ia à casa dela diariamente ou até duas vezes por dia, quando podia, e aos olhos dela ficava em negociações secretas com Tolstói, preparando o texto final do testamento jurídico que visava privar dos direitos justamente ela.

Além disso, na casa de Sófia Andréievna moravam ou frequentavam quase diariamente os partidários ativos de Tchertkov, inimigos dela, a começar pela filha Sacha e terminando por Feokrítova, a copiadora de suas memórias. Contra ela e a favor de Tchertkov estavam, decididamente, Makovítski e Goldenweiser. Não gostavam dela os camponeses locais, contra quem ela contratara um circassiano, para se proteger. Ela não podia entender a atitude do marido em relação a ela, sofria e ficava doente com seus ciúmes anormais dele com Tchertkov, que, como ela mesma dissera, eram mais fortes do que os ciúmes com as mulheres.

A solidão de Sófia Andréievna no final da vida de Tolstói era total, assim como a solidão dele no início de sua revolução espiritual. E em ambos os casos falava-se em demência. Tolstói era suspeito de “ter enlouquecido” e agora a mulher era vista ou como louca ou como fingindo sê-lo.

A última circunstância tem muita importância. É surpreendente, mas, apesar do diagnóstico de Rossolimo, quase todos os inimigos de Sófia Andréievna, incluindo a filha, tinham certeza de que ela não estava doente e apenas simulava sua doença.

Essa opinião foi expressa de forma mais grosseira no diário da estenógrafa Feokrítova.

Ela escreveu que a demência “fictícia” de Sófia Andrêievna começou quando ela suspeitou que Tolstói e Tchertkov, em Meschérskoie, estavam escrevendo o testamento contra ela. Naquele tempo, ela preparava às pressas uma nova edição das obras do marido, contando com o fato de que, depois da morte dele, os livros teriam boa saída. Mas, se Tolstói fizesse o testamento a favor de Tchertkov, ela iria à falência.

Daí seu interesse doentio pelos diários do marido, que estavam com Tchertkov (os diários escritos até 1900 ela guardava no Museu Histórico). Será que não haveria neles um “testamento” semelhante àquele que estava no diário de 1895 e que ela havia guardado no museu? Feokrítova afirmou que Sacha, a pedido de Tolstói, levava da casa de Tchertkov para Iássnaia Poliana todos os diários que estavam com ele. Sófia Andrêievna começou a folheá-los, balbuciando: “Não estaria aqui o testamento?”. Segundo a opinião de Feokrítova, Sófia Andrêievna, com carinho, ameaças, histeria e chantagem, queria conseguir o principal: destruir o testamento, se tal existisse. Quando ela sequestrou o diário secreto do marido e soube por ele que o testamento existia, a situação tornou-se insuportável. Feokrítova achava também que os promotores desses atos dela eram os filhos Andrei e Lev.

Não é por acaso que até hoje o diário de Feokrítova não tenha sido publicado, embora N. N. Gússev, biógrafo de Tolstói, estivesse preparando-o para publicação ainda nos anos 1930. Realmente, esse documento é o mais impiedoso em relação à esposa de Tolstói e, ainda por cima, escrito pela pessoa que ela alojara em sua casa. Mas o pior era que a opinião de Feokrítova era compartilhada por todos os participantes ativos dessa história e, o principal, eles buscavam induzir Tolstói a esse ponto de vista. E este, embora teimoso como Taras Bulba, era, ao mesmo tempo, como o rei Lear, muito suscetível às influências de pessoas próximas.

O fato de Sófia Andréievna ter chamado os filhos Andrei e Lev a Iássnaia Poliana não tinha nada de extraordinário. Eles eram seus únicos defensores. Porém, a presença deles só consolidava a decisão do pai de privar a família dos direitos literários. “Chegou Liova”, escreveu Tolstói em seu diário, “o numerador é pequeno, e o denominador é infinito”. Tolstói gostava de determinar a importância das pessoas em forma de fração, na qual o numerador eram suas qualidades morais e o denominador era o que a pessoa pensava de si mesma. As relações entre o pai e os filhos eram tensas a tal ponto que Tolstói literalmente sofria com a presença deles em Iássnaia Poliana. Por mais que tentasse convencer a si mesmo a ser bom e tolerante com eles, não conseguia.

“Os filhos Lev e Andrei são muito difíceis, cada um à sua maneira”, escreveu Tolstói. “Andrei é daqueles em quem é difícil de sentir e até de acreditar que exista alma (mas existe, lembra-te disso).” “Eu simplesmente não suporto Lev Lvóvitch. E ele pretende morar aqui.”

Alguns dias antes de assinar a terceira versão, corrigida e completa, do testamento formal, em Teliátniki, na casa de Tchertkov, houve uma cena desagradável e escandalosa entre o pai e o filho Lev, durante a qual o filho, movido pela preocupação com a mãe, ofendera o pai.

“Estou quase morto”, escreveu Tolstói em seu diário, em 11 de julho. “Que noite terrível. Até as 4 horas da madrugada. E o mais terrível foi Lev Lvóvitch. Ele me repreendia como se eu fosse um moleque...”

Na noite de 10 para 11 de julho, Sófia Andréievna exigiu que o marido lhe entregasse os diários que estavam guardados com Tchertkov e recebeu a recusa. Ela saiu para o balcão do quarto dele, deitou-se no chão de tábuas e começou a gemer alto. Em seu diário, ela escreveu que, naquele momento, “lembrei-me de como eu, há 48 anos, ainda moça, senti pela primeira vez o amor de L. N. naquele mesmo balcão. A noite estava fria, mas eu me sentia bem, pensando que ali, onde encontrei o amor, encontraria a morte”.

Tolstói pediu que ela se retirasse. Então ela prometeu “matar Tchertkov”, correu para o jardim e deitou na terra úmida, usando apenas um vestido leve. Várias pessoas ficaram procurando por ela na escuridão e a encontraram com a ajuda do *poodle* Marquis. Mas a todos os pedidos de voltar para casa ela respondia que voltaria só se Tolstói fosse buscá-la.

E então Lev Lvóvitch foi falar com o pai:

“Ela não quer voltar, diz que você a expulsou.”

“Oh, meu Deus!”, gritou papai. “Não! Isso é insuportável!”

“Vá buscá-la. Sem você, ela não voltará.”

“Não e não, eu não vou”, repetia ele em estado de desespero.

“Mas você é o marido e é você quem tem de resolver isso.”

Ele olhou para mim, surpreso e tímido, e, sem dizer nada, foi ao jardim.

Mesmo nas memórias de Lev Lvóvitch, essa cena não parece ser nada agradável. Mas, no diário de Goldenweiser, ela é apresentada de forma ainda pior.

“Sófia Andréievna exigia que L. N. viesse buscá-la. Lev Lvóvitch foi ao quarto do pai, gritou, ralhando com ele, e chegou a chamá-lo de ‘calhorda’.”

E lemos no diário de Goldenweiser que já no dia 17 de julho, em Teliátniki, Tolstói estava refazendo o testamento e, além do nome de Sacha, como herdeira principal aparecia nele também o nome de sua filha Tatiana.

Tchertkov subiu com L. N.²¹⁴ Cumprimentando-me, L. N. apertou minha mão fortemente duas vezes, sentou-se à mesa e pediu que eu lhe ditasse o texto de Muraviov, idêntico ao anterior, mas com o aditamento de que, no caso da morte de Aleksandra Lvovna antes da morte de L. N., tudo passasse a Tatiana Lvovna.

L. N. parecia estar emocionado, mas escrevia rapidamente e sem erros. Quando terminou, disse-me:

“Por fim, está tudo bem!”

Porém, não estava tão bem assim.

No prefácio da primeira publicação dos fac-símiles dos testamentos de Tolstói no *Anuário de Tolstói de 1913*, Tchertkov escreveu que a versão não era completa porque “dessa vez houve uma falha jurídica em forma de omissão de algumas palavras”.

Que palavras eram essas? Da frase “redigido, escrito e assinado por Lev Nikoláievitch Tolstói em sã consciência e boa memória”, na nova versão desapareceram estranhamente as palavras “em sã consciência e boa memória”.

Constava apenas “redigido, escrito e assinado por Lev Nikoláievitch Tolstói”. Por isso, foi necessário mais uma vez refazer o testamento, recuperando a “sã consciência e boa memória”.

Isso levou mais cinco dias.

CONSPIRADORES

Parecia que Tolstói, sendo homem supersticioso, prestaria atenção a esse desaparecimento “ocasional” das palavras sobre “sã consciência e boa memória”. Mas no dia 22 de julho, na floresta perto da aldeia de Grumont,²¹⁵ ele copiou e assinou o texto definitivo de seu testamento jurídico.

A história desse texto foi descrita detalhadamente nas memórias de A. Serguêienko, secretário de Tchertkov:

Lev Nikoláievitch sentou-se num toco de árvore, pegou sua caneta tinteiro inglesa, pregada no blusão, e pediu que lhe déssemos tudo o que era preciso para escrever. Eu lhe dei o papel e a cartolina que tinha guardado para esse fim, e Aleksandr Boríssovitch²¹⁶ segurou na sua frente o rascunho do testamento. Lev Nikoláievitch cruzou as pernas, colocou a cartolina e o papel no colo e começou a escrever: “Aos dias

vinte e dois de julho do ano mil novecentos e dez”. Ele logo viu que cometera um erro na palavra vinte, quis corrigi-lo ou pegar outra folha, mas mudou de ideia, sorriu e disse:

– “Não faz mal, que pensem que sou um analfabeto. Vou colocar em algarismos também para que não haja dúvida.”

E depois acrescentou entre parênteses “22” em algarismo. Era difícil para ele, sentado no toco, seguir o rascunho, e ele pediu que Aleksandr Boríssovitch lesse para ele o texto, e se esmerou em escrever bonito, na separação das palavras colocava o hífen, no fim da linha e no começo da outra, como se fazia antigamente, parece, e como Lev Nikoláievitch fazia em suas cartas quando procurava escrever claro e bem legível. No início, ele escrevia deixando pouco espaço entre as linhas, mas, quando viu que sobraria espaço demais, disse: “É preciso escrever distanciando as linhas, para entrar na segunda página”. E aumentou os espaços entre as linhas.

Quando, no fim do documento, era preciso pôr a assinatura, ele perguntou:

“Tenho de escrever ‘conde’?”

Nós lhe dissemos que não era obrigatório, e ele não escreveu.

Depois assinamos nós, as testemunhas. E Lev Nikoláievitch disse:

“Bem, agradeço a vocês.”

Havia mais um papel que Tchertkov tinha enviado a Tolstói e que era um complemento importantíssimo ao testamento. De acordo com esse papel, todos os direitos sobre as obras e manuscritos de Tolstói passavam a Sacha apenas formalmente. O administrador real deles seria Tchertkov.

É surpreendente, mas, no dia da assinatura do testamento secreto por Tolstói contra a esposa, Tchertkov, como se nada tivesse acontecido, foi à noite visitar a casa dos Tolstói. Que consciência de pedra é preciso ter para,

num dia desses, olhar diretamente nos olhos da dona da casa? E que conceito ele devia ter dela...

Valentin Bulgákov escreveu:

Quando me lembro dessa noite, admiro-me com a intuição de Sófia Andrêievna: ela percebeu que acabava de acontecer algo terrível e irremediável. Estava inquieta, nervosa, de péssimo humor. Tratava as visitas, ou melhor, a todos os presentes, de uma maneira rude e arrogante. É claro que isso fez efeito em todos. Estávamos tensos e deprimidos. Tchertkov ficou ereto, como uma estaca, e com o rosto de pedra. Na mesa, hospitaleiramente, fervia o samovar, na toalha branca ardia o vermelho vivo do prato com a framboesa, mas todos mal degustaram o chá, como se estivessem de castigo, e não tardaram a ir embora.

Eis em que clima foi feito o testamento de Tolstói. De um lado, a esposa doente mental, na cabeça da qual se misturavam coisas que pareciam incompatíveis: a paixão e o ciúme do marido, o medo de perdê-lo e... o interesse material (por causa dos filhos). De outro, o inexorável Tchertkov, que se propunha a ser o único administrador do legado de Tolstói custasse o que custasse. Aliás, a saúde mental de Tchertkov... também suscita dúvidas.

Um dia, Sófia Andrêievna e Valentin Bulgákov estavam na mesma caleche, indo a Teliátniki. A condessa conheceria Elizaveta Ivánovna, a mãe de Tchertkov. Ela começou a suplicar a Bulgákov que convencesse Tchertkov a lhe devolver os diários.

“Que os copiem todos à vontade, contanto que me devolvam os manuscritos originais de Lev Nikoláievitch! Pois todos os anteriores estão comigo... Diga a Tchertkov que se ele me devolver os diários eu vou sossegar, voltarei a sentir simpatia por ele, e ele, como antigamente, poderá visitar-nos e, juntos, trabalharemos para Lev Nikoláievitch... Dirá isso a ele? Pelo amor de Deus, diga-lhe isso!”

Ao chegar à casa de Tchertkov, Bulgákov transmitiu-lhe o pedido de Sófia Andréievna. E depois escreveu em seu diário: “Vladímir Grigórievitch ficou muito excitado”.

“E você”, perguntou ele, olhando para mim com seus grandes olhos brancos que não paravam de correr de um lado para outro, “logo desembuchou e disse a ela onde estão os diários, não é?!”

Com essas palavras, Vladímir Grigórievitch, inesperadamente, fez uma careta terrível e me mostrou a língua.

“Você é um idiota! Todos sabem que você é idiota!”, gritou Lev Lvóvitch contra V. G. na presença de todo mundo, quando estivera em Iássnaia Poliana.

Faltavam dois meses até a partida.

“ELES ME FAZEM EM PEDAÇOS”

Uma das principais causas da perturbação emocional de Sófia Andréievna eram os diários do marido feitos a partir de 1900, uma parte dos quais estava com Tchertkov e a outra, por sua incumbência, Goldenweiser tinha colocado no cofre da agência do banco Credit Lyonnais em Moscou. Após a volta de Tolstói de Meschérskoie, Sófia Andréievna exigiu que ele tirasse os diários de Tchertkov e os entregasse a ela. Ele se recusou, supondo que, nesse caso, os diários seriam censurados por ela e tudo que rebaixasse seu papel junto ao grande homem seria rasurado.

No dia 14 de julho de 1910, a pedido do pai, Sacha retirou os diários de Tchertkov, e eles foram colocados no nome de Tolstói na agência do Banco Estatal de Tula por Tatiana, na presença da mãe.

Mas a história não terminou aí. A insistência com que Sófia Andréievna pedia ao marido que ele lhe entregasse as chaves do cofre levamos a pensar que ela realmente suspeitava da existência de um testamento neles. Segundo o testemunho de Goldenweiser, não era somente a condessa

que esperava a volta de Sacha, mas também o filho Lev, que estava de plantão na via principal, em frente à entrada da fazenda. Quando os diários foram colocados no cofre, Sófia Andréievna disse a Tatiana:

“Todos vocês ainda vão me agradecer.”

No dia seguinte, ela suplicou ao marido de joelhos para que ele lhe entregasse as chaves do cofre. Mas ela entendia perfeitamente que os diários haviam sido copiados por Tchertkov. Significava que ela precisava dos originais. Ao receber a recusa, ela foi para seu quarto e começou a gritar que tinha tomado um frasco de ópio. Tolstói, que nesse momento passava embaixo da janela daquele quarto, correu horrorizado e, ofegando, subiu a escada. Sófia Andréievna confessou que o enganara. Ela mesma escreveu em seu diário que agiu de modo *ignóbil*. Mas não pôde se segurar.

Em 25 de julho, a condessa fez as malas levando consigo o frasco de ópio e foi embora na caleche enviada à estação para receber o filho Andrei. Ela tinha uma intenção vaga de ir embora para sempre ou de acabar com a própria vida. Antes de partir, ela escreveu um bilhete que pretendia mandar para os jornais: “Na tranquila Iássnaia Poliana, aconteceu uma coisa extraordinária. A condessa Sófia Andréievna Tolstaia abandonou a casa na qual, durante 48 anos, cuidou com todo o amor do marido, ao dedicar a ele toda a sua vida. A causa é que Lev Nik., enfraquecido pela idade, caiu totalmente sob a influência perniciosa do senhor Tch...v, perdeu a vontade própria e constantemente se consulta com ele em segredo. A condessa, depois de ter tido um desajustamento nervoso durante um mês, motivo pelo qual foram chamados dois médicos de Moscou, não aguentou mais a presença de Tch...v e, em estado de desespero, abandonou o lar”.

Andrei, ao encontrar a mãe na estação e vendo seu estado anormal, obrigou-a a voltar com ele à fazenda.

No dia 27 de julho, Lev e Andrei tentaram em vão interrogar Sacha sobre o testamento. Andrei acabou perguntando diretamente ao pai se ele tinha deixado em forma escrita alguma ordem para o caso de sua morte.

Tolstói não pôde mentir. E não podia dizer a verdade. Porque, neste caso, toda a ira da esposa e dos filhos recairia sobre Sacha. Ele respondeu que não queria discutir o assunto. Não é preciso dizer que essa resposta foi um reconhecimento indireto da existência do testamento.

A partir desse momento, Tolstói se viu numa armadilha. Dizer que o testamento fora feito significava expor ao perigo não Tchertkov, pois seu nome não constava no documento, mas Sacha, a mais nova, que já não era muito amada pela família. Mas não dizer significava mentir constantemente, o que lhe era insuportável.

Na realidade, a primeira tentativa de fuga de Iássnaia Poliana antes de sua morte acontecera já no dia 15 de agosto, quando Tolstói foi a Kótcheti, na casa de Tatiana, por um prazo indeterminado. Era o único lugar onde ele podia descansar da esposa e de... Tchertkov, irritado terrivelmente com Sófia Andréievna, que finalmente conseguira arrancar do marido a promessa de ele não se encontrar com o odioso “destruidor de lares”.

Era preciso ter o coração muito empedernido para ver nos atos de Sófia Andréievna astúcia e obstinação. Não, tratava-se de uma força obscura e irracional, que conduzia a esposa de Tolstói, algo fora da razão que, às vezes, iluminava-se e dizia-lhe que ela agia errado, de modo justamente contrário ao certo. E Tolstói esperava pacientemente esses momentos de iluminação, esperou até o fim, mesmo depois da partida.

Na carta de Chamórdino de 31 de outubro, ele lhe escreveu:

“... minha volta *agora* é absolutamente impossível”, destacando a palavra “agora” para dizer que a volta era possível. No rascunho não enviado, ele escreveu mais claramente: “procure... se acalmar, pôr em ordem sua vida sem mim, tratar de sua saúde e então, se sua vida mudar, eu, vendo que nosso convívio será possível, voltarei. Mas voltar agora significaria um suicídio, porque uma vida como essa e com meu estado de hoje eu não aguentaria nem uma semana sequer”.

Tchertkov e sua “equipe”, incluindo Sacha, vieram ao estado de Sófia Andréievna de modo totalmente diferente.

Até Tatiana Lvovna, que simpatizava com Tchertkov, pediu-lhe, em carta, para que se mudasse de Teliátniki e não servisse de “pano vermelho” para sua mãe doente. Em lugar disso, ele empreendeu a construção capital de uma casa de tijolos. Para o próprio Tolstói, o luxo dessa casa, com muitos cômodos e toaleta com banheira, foi uma surpresa desagradável. E surge a pergunta: para que Tchertkov construiu essa casa, sabendo da proximidade da morte do mestre? A resposta pode ser somente uma. Ele esperava que, após a morte do escritor, essa casa fosse uma espécie de “centro de Tolstói”. O corpo dele estaria em Iássnaia Poliana, sob os cuidados da família. Mas seu espírito, com todo o legado manuscrito, estaria em Teliátniki. E foi quase isso que aconteceu. Desde o fim de 1910 e até o começo da Primeira Guerra Mundial, havia dois lugares de peregrinação “a Tolstói”: Iássnaia Poliana e Teliátniki. A guerra e a revolução, porém, frustraram os planos de Tchertkov.

Quando os originais dos diários de Tolstói foram embora de suas mãos, Tchertkov compreendeu isso como uma derrota em sua guerra contra a condessa e partiu para o contra-ataque.

Valentin Bulgákov escreveu:

Eu soube através de Varvara Mikháilovna²¹⁷ que se reuniram urgentemente as pessoas mais próximas de Tchertkov: seu *alter ego* Aliocha Serguêienko, O. K. Tolstaia (irmã de Olga Konstantínovna), Aleksandra Lvovna, o casal Goldenweiser e o próprio Vladímir Grigóievitch, e todos ficaram copiando às pressas os trechos dos diários de L. N. que comprometiam Sófia Andréievna e que ela poderia eliminar. Depois, os diários foram colocados numa pasta para serem enviados a Iássnaia Poliana. Tchertkov, na soleira da casa de Teliátniki, com ar solene, de brincadeira, persignou Aleksandra Lvovna, fazendo o

sinal da cruz com a pasta, e a entregou a ela. Foi duro para ele se separar dos diários...

Esse gesto escarnekedor foi como uma benção para Sacha, que ia à guerra contra a própria mãe.

Antes de enviar os diários, Tchertkov escreveu uma carta a Tolstói, na qual o comparava a Cristo: “Hoje me lembrei da cena da morte de Cristo, como ele foi injuriado e achincalhado, como o matavam lentamente, e as pessoas mais próximas, seus correligionários, não podiam se aproximar dele e tinham de olhar de longe para isso...”. E Tolstói aceitou essa lisonja grosseira como devido: “Recebi de Bática²¹⁸ uma carta que me comoveu”. Como todos os “tchertkovianos”, ele chamava Tchertkov de Bática.

Quando Sófia Andréievna arrancou do marido a promessa de não se encontrar mais com Tchertkov, este lhe desferiu o contragolpe na forma de mais uma carta a Tolstói. Sua finalidade era “abrir os olhos” do mestre para a causa íntima do comportamento de sua esposa e de seus filhos.

O objetivo, depois de afastar o senhor de mim e, se possível, Sacha também, consistia e consiste em conseguir saber, por meio de uma insistente e conjunta pressão, se o senhor escreveu algum testamento que prive seus familiares de seu legado literário e, se não escreveu, impedir o senhor de fazer isso por meio de uma vigilância constante até sua morte. Mas, se já escreveu, não deixar o senhor sair para lugar algum, enquanto não chamarem os médicos da Centúria Negra²¹⁹ para declará-lo demente senil e com isso poder invalidar o testamento.

Isso foi uma delação aberta. Porém, infelizmente não estava longe da verdade. Makovítski escreveu em suas anotações: “Sófia Andréievna se traiu abrindo seus planos: se ela souber que Lev Nikoláievitch fez o testamento, irá ao czar, se apresentará como indigente e pedirá a anulação

do testamento de Lev Nikoláievitch e a devolução de seus direitos. Pensa com os três filhos mais novos em declarar Lev Nikoláievitch demente”.

Serguei Lvóvitch Tolstói, comentando essa anotação em 1933, não negou que houvesse esse tipo de conversa em casa:

Estive em Iássnaia Poliana naquela época e devo dizer que se falou em declarar Lev Nikoláievitch senil e com perda de memória, mas não com demência. No entanto, não houve e não poderia haver intenções sérias. Pois Sófia Andrêievna, Andrei Lvóvitch e Lev Lvóvitch sabiam que eu, Tatiana Lvovna, Aleksandra Lvovna e, provavelmente, Iliá Lvóvitch não permitiríamos isso. Pelo visto, eles não se davam conta da torpeza e tolice de tais medidas...

Mas se Sófia Andrêievna estivesse agindo com astúcia, consciente e premeditadamente, ela não teria falado na presença dos outros as coisas que repetia constantemente, como uma maníaca, provocando antipatia até em pessoas que se compadeciam dela. Até Lev Lvóvitch, às vezes, não aguentava e gritava com a mãe, tentando chamá-la à razão.

Ela dizia que Tolstói estava apaixonado por Tchertkov, que o marido vivo já não existia para ela neste mundo, que ela esperava sua morte já fazia tempo e que ninguém a impediria de matá-lo. Ela não deixava Tolstói dormir, não lhe permitia ficar a sós com ninguém, praticava chantagens com suicídios. Será que disso pode-se tirar a conclusão de que existia algum plano premeditado?

Tudo isso, com uma enorme paciência, Tolstói tentava explicar a Tchertkov em cartas.

“Sófia Andrêievna está muito tranquila, amável, e eu tenho medo de tudo que possa alterar esse seu estado, por isso não faço nada para reiniciar meus encontros com você” (31 de julho).

“... está completamente fora de si. É impossível sentir algo por ela além de piedade. E é impossível, ao menos para mim, é absolutamente

impossível *contrecarrer*²²⁰ a ela e com isso aumentar seus sofrimentos” (14 de agosto).

“... o que me prende é a compaixão e a enorme pena que senti dela, especialmente hoje...” (no mesmo dia).

“Quando penso que ela está passando as noites sozinha, metade delas sem dormir, com a consciência vaga, mas dolorosa, por saber que não é amada e que pesa para todos, menos para os filhos, não dá para não ter pena...” (25 de agosto).

“... Ela está sofrendo e não consegue dominar a si própria” (9 de setembro).

Tolstói tentava falar com Tchertkov em linguagem humana. Mas essas cartas sentimentais só lhe davam medo de que o mestre pudesse ceder e refazer o testamento. E seus receios tinham base.

No dia 30 de julho, P. I. Biriukov e sua família chegaram a Iássnaia Poliana. Sendo pessoa de confiança, contaram-lhe sobre o testamento e Pocha expressou sua desaprovação. Ele disse a Tolstói que manter segredo sobre um documento desses dos familiares não era correto. Pelo visto, Biriukov ficou impressionado com sua conversa com Sófia Andréievna, que se queixou a ele da situação em casa. E, como pessoa capaz de ver as coisas de fora, ficou estarecido com aquilo que estava acontecendo em Iássnaia Poliana e disse isso a Tolstói. E este também viu que tinha feito algo errado.

“Entendi, entendi bem meu erro. Era preciso reunir todos os herdeiros e expor minha intenção abertamente e não em segredo. Escrevi isso a Tchertkov.”

Essa carta foi uma facada no coração de Tchertkov.

Ontem falei com Pocha, e ele me disse uma coisa certa: que sou culpado por ter feito o testamento às ocultas. Era preciso ou ter feito isso abertamente e levado ao conhecimento de todos aqueles a quem toca esse assunto ou deixado tudo como estava *e não ter feito nada*. E

ele tem toda a razão. Eu agi mal e agora pago por isso. Foi errado eu ter feito isso em segredo, pensando mal dos herdeiros, e o principal é que agi mal por ter recorrido à instituição do governo que eu não reconheço para fazer o testamento de acordo com a forma jurídica. Agora vejo claramente que só eu sou culpado por tudo o que está acontecendo. Deveria ter deixado tudo como estava e não ter feito nada...

Imagine só! Isso ele escreveu à pessoa que, durante seis anos (!), desde 1904, realizava o complicadíssimo trabalho clandestino de compor seu testamento! O que significavam para Tchertkov as palavras “não ter feito nada”? Exatamente que todo o legado de Tolstói caberia à esposa dele e seus filhos. A resposta de Tchertkov foi uma carta longa ao mestre no dia 11 de agosto. Ele precisou de quase dez dias para recobrar os sentidos e escrever essa “nota”, como ele mesmo a chamou. Nessa carta, Tchertkov ficou explicando a Tolstói como estava sendo preparado o testamento e o que motivava o escritor quando ele o assinava. Praticamente, recontou-lhe o episódio mais importante de sua própria biografia, como se ele mesmo tivesse se esquecido disso. E outra vez Tolstói mudou sua decisão.

Escrevo nessas folhinhas pequenas porque estou na floresta, a passeio. Desde a noite e nessa manhã fiquei pensando em sua carta de ontem. Ela suscitou em mim uma repulsa a essas manifestações de interesse rude e à falta de sensibilidade que eu não via ou tinha visto e esqueci; ao mesmo tempo, senti-me amargurado e arrependido por ter lhe causado dor com minha carta, na qual lamentei ter feito o que fiz. A conclusão à qual cheguei é que Pável Ivánovitch não tinha razão, assim como eu também não tinha razão ao concordar com ele. Aprovo totalmente sua atividade, mas continuo descontente com a minha, sinto que seria possível agir de uma maneira melhor, mas não sei como.

Dá a impressão de que Tolstói, como um cata-vento, virava para o lado de cada sopro que surgia. Mas, na realidade, sua posição era muito mais complicada e refletia sua concepção de mundo. Ele não queria resolver esse maldito problema jurídico *de modo nenhum* e acreditava que este deveria se resolver sozinho e numa chave “amistosa”, por conta dos recursos espirituais das partes hostis ainda não utilizados, com “bondade e amor”. Isso foi sua luta ou, se preferirem, sua *guerra* pela teoria da não resistência. De forma idêntica ele agiu em 1904, quando respondeu o “questionário” de Tchertkov e lhe pediu *por bem* a destruição daquele documento. E agora, concordando com Biriukov e comunicando isso a Tchertkov, ele apelava diretamente para a moral dele, tentando obter sua colaboração cordial com Sófia Andréievna. Ao receber resposta negativa, cedeu outra vez, prosseguindo, no entanto, sua guerra silenciosa, imperceptível.

Se Tchertkov entendesse a posição de Tolstói, ele teria reparado num trecho-chave de uma de suas cartas. “Eu não acredito que a defesa firme de minhas decisões contrárias às dela²²¹ possa lhe ser útil, e mesmo se acreditasse não poderia fazer isso. E o principal é que, além de pensar assim, sei pela minha experiência que, quando insisto, é uma tortura para mim, mas, quando eu cedo, sinto-me leve e até feliz.”

Se Tchertkov fosse capaz de aplicar essas palavras a si próprio, entenderia que Tolstói conversava com ele como... com um louco, com quem não se deve discutir.

E não fora louca a carta-resposta de Tchertkov, na qual provava febrilmente que guardar o testamento em segredo era necessário “para os interesses da própria Sófia Andréievna”?

Se ela souber de sua vontade estando o senhor ainda em vida, não suportará isso. Pois há tantos anos ela acalenta seu sonho, inventa, pondera com tantos cuidados e precauções seu plano de se aposar dos escritos do senhor depois de sua morte, que o fracasso de tudo isso será

um golpe insuportável, e ela não poupará nada nem ninguém, não poupará a saúde e a vida do senhor, e não poupará a si mesma. E, o mais terrível de tudo, não poupará sua própria alma na tentativa desesperada de reconquistar e conseguir o que quer enquanto o senhor está vivo...

Em que se diferenciava o “sadio” Tchertkov da doente Sófia Andrêievna quando ele na prática chantageava Tolstói com o possível suicídio de sua esposa, insistindo em guardar em segredo o testamento que era contra ela?

Sófia Andrêievna agiu errado quando não deixou o marido ir sozinho a Kótcheti, obrigou-o a levá-la junto e continuou importunando-o na fazenda da filha. Mas não fora uma loucura, uma loucura engenhosa e calculada, a carta delatória enviada por Goldenweiser a Kótcheti, com um trecho do diário de Feokrítova, que relatava a conduta de Sófia Andrêievna em Iássnaia Poliana nos dias em que ela esteve lá, ausentando-se de Kótcheti?

Em Iássnaia Poliana mora a tal de V. M. Feokrítova, datilógrafa de S. A., pessoa de confiança e agente de Sacha em casos necessários. Essa V. M., como muitos, faz seu diário. Desse diário constam os três dias que S. A. passou em Iássnaia Poliana. Essa parte do diário foi copiada por Goldenweiser e enviada a L. Nikoláievitch através de Tchertkov e da própria Feokrítova. O conteúdo breve diz que nesses dias S. A. estava perfeitamente sadia, dormia e se alimentava muito bem e que, de repente, sem mais nem menos, começou a se abrir com V. M., falando como ela odiava e sentia repulsa pelo marido velho, enfim, que S. A. não era uma tagarela simplória, mas uma raivosa Lady Macbeth. Ao ler essa descarada e nojenta mentira, escrita com a finalidade de amedrontar L. N. e forçá-lo a assinar a permissão para a edição de suas obras, conveniente a Tchertkov, eu senti náuseas e por muito tempo não consegui dormir.

Mas o que mais surpreendeu Sukhótin foi que Tolstói leu a carta com grande interesse. Esse interesse foi anotado no diário de Tolstói: “A carta de Goldenweiser com a cópia do trecho de V. M. deixou-me horrorizado”.

Mas o que o deixou horrorizado? O conteúdo da anotação ou o fato de a terem enviado a ele?

A reação de Tolstói pode-se julgar pela carta a Tchertkov escrita antes de ele voltar de Kótcheti para Iássnaia Poliana: “Só posso dizer uma coisa: ultimamente cheguei a entender claramente, não ‘com os miolos, mas com a pele’, como dizem os camponeses, o limite entre resistir ao mal com o mal e resistir não fazendo concessões na atividade que você considera seu dever perante sua consciência e perante Deus. Vou tentar”.

Ele escreveu também: “Ponderei meu plano de ação após minha volta e não quero nem posso adia-lo mais”.

Depois de passar um mês e meio em Kótcheti, Tolstói voltou a Iássnaia Poliana com um novo e determinado plano de ação. Mas em que consistia esse plano? Podemos apenas fazer suposições.

O que não deixa dúvidas é que o plano tenha fracassado. Primeiro, a esposa roubou o pequeno diário que o velho guardara no cano da bota. Por esse diário, ela soube, finalmente, que o testamento existia. Depois Tchertkov, que não lhe perdoava o afastamento dele do mestre, enviou ao escritor uma carta terrível, com “censuras e acusações”. Tolstói exclamou em seu diário: “Eles me fazem em pedaços. Às vezes dá vontade de ir embora e largar todos eles”. No dia seguinte, enviou a Tchertkov uma resposta rude, na qual, pela primeira vez na história da correspondência entre os dois, exigiu que ele *não se intrometesse* em seu relacionamento com a esposa. “Somente eu, dentro de minha alma e perante Deus, devo resolver esse assunto. É o que eu tento fazer. E qualquer participação alheia dificulta o trabalho. Foi dolorido para mim ler sua carta, senti que estão me rasgando dos dois lados...”

Tolstói sentiu isso tarde demais. A situação já estava num beco sem saída. Ele estava sendo bombardeado com “censuras e acusações” por Sófia Andrêievna e por Tchertkov. Cada um deles exigia seus direitos exclusivos não apenas sobre seu legado, mas sobre sua alma. Nesse período, ele começou sua última obra de ficção – o conto “Não há culpados no mundo”. A terceira redação do conto inacabado começa com as seguintes palavras: “Que coisa estranha e surpreendente é meu destino”.

Depois a mãe praticamente expulsou Sacha de casa, e Tolstói sofreu não um desmaio, mas um ataque mortal com convulsões, quando seu corpo foi jogado de través na cama e vários homens não conseguiram segurá-lo. Passado algum tempo, mãe e filha fizeram as pazes, e Sófia Andrêievna permitiu a Tchertkov visitar Iássnaia Poliana. Depois, tudo recomeçou...

E, na madrugada de 28 de outubro, Tolstói fugiu de casa.

191 Em russo, “Boletim Eclesiástico”. (N. da T.)

192 Pesquisa de S. L. Fírsov em *Coletânea de Iássnaia Poliana – 2008*. (N. do A.)

193 Grigórieva. (N. do A.)

194 Avvakum Petróvitch (1620/1621-1681), arcepreste e escritor russo. Em 1646-1647, pronunciou-se contra a reforma eclesiástica introduzida pelo patriarca Nikon. Tornou-se ideólogo da cisma na Igreja ortodoxa, viveu muitos anos no exílio e passou quinze anos na prisão de terra. Morreu queimado por ordem do czar. (N. da T.)

195 Monte sagrado no norte da Grécia, no qual se encontram vinte mosteiros ortodoxos. (N. da T.)

196 Em russo, “Campo de Trigo”. (N. da T.)

197 Em russo, “Palavra Livre”. (N. da T.)

198 Peça do escritor e diplomata russo A. S. Griboiédov (1790 ou 1795?-1829). (N. da T.)

199 Autores das cartas, inclusive os sacerdotes que criticavam as convicções de Tolstói. (N. do A.)

200 Em russo, “Educação”. (N. da T.)

201 Sobre a recusa dos direitos autorais (N. do A.)

- 202** *Infância, Adolescência e Juventude*. (N. da T.)
- 203** De 1908. (N. do A.)
- 204** Forma carinhosa para Tânia. (N. da T.)
- 205** Em russo, “Conversa”. (N. da T.)
- 206** Em russo, “A Nova Rush”. (N. da T.)
- 207** Tolstói enganou-se: 81 é três elevado à quarta potência. (N. do A.)
- 208** Criado de Tolstói. (N. do A.)
- 209** Em francês, “mais realista que o rei”. (N. A.)
- 210** A guerra de 1941-1945 entre a União Soviética e a Alemanha nazista. (N. da T.)
- 211** O relacionamento entre os pais. (N. do A.)
- 212** Duas anotações de 1884 como exemplo: “Coitada, como ela me odeia. Deus, ajude-me. Já que é para carregar a cruz, que seja a cruz que me esmague. Mas essa aporrinhção da alma é horrível, não é só penosa e dolorida, mas difícil. Ajuda-me!” e “De manhã, durante uma conversa, uma raiva repentina. Depois, veio e ficou me importunando até me deixar fora de mim. Eu não disse nada e não fiz nada, mas foi duro para mim. Ela saiu correndo. Eu corri atrás dela”. (N. do A.)
- 213** O filho. (N. do A.)
- 214** Na casa em Teliátniki. (N. do A.)
- 215** Outras variantes são Grumant e Grumond. A palavra Grumant provém do nome da ilha Groenlândia, descoberta pelos europeus no século XI, por dinamarqueses que pensavam que ela se expandia para o Oriente e incluía as ilhas posteriormente chamadas de Spitzbergen (Esválbarda, Grumant), por isso os pomór chamavam o arquipélago de Grumant, terra de Grunlândia. O avô materno de Tolstói, proprietário de Iássnaia Poliana, Nikolai Vassílievitch Volkónski, foi, certa época, governador-geral do território de Arkangelsk. Ao voltar para a terra natal, resolveu mudar o nome de uma das aldeias que lhe pertenciam em memória dos rigorosos lugares do Norte. Assim, a 3 km de Iássnaia Poliana, surgiu a aldeia Grumont (com a primeira sílaba como tônica). (N. do A.)
- 216** Goldenweiser. (N. do A.)
- 217** Feokrítova. (N. A.)
- 218** Em russo, forma familiar de tratamento para “pai”. (N. da T.)
- 219** Organizações monarquistas de extrema direita que existiram na Rússia entre os anos 1905 e 1917. (N. da T.)
- 220** Em francês, “opor-se”. (N. do A.)
- 221** Da esposa. (N. do A.)

Chuva de gelo

Em Astápovo, as forças de Tolstói esgotaram-se, mas sua vista continuava perfeita. O caminho dele do prédio da estação até a casa de Ozólin lembra o movimento de um pássaro doente que já não pode voar nem se deslocar independentemente, mas que ainda vê tudo com muita nitidez, acostumado a olhar da altura de seu voo.

A casinha de Ozólin ficava ao pé de um declive, à qual se chagava por uma escada. Já estava escuro. Recordava Ozólin:

Ao sair do prédio de estação e indo para minha casa, o funcionário que segurava Lev Nikoláievitch pelo braço avisou-o de que estávamos descendo uma escada. Ele respondeu: “Tudo bem, tudo bem, estou vendo”. L. N. foi avisado também antes de subir a escada da casa e respondeu o mesmo. Antes de entrar no corredor, alguém pediu uma lanterna, mas Lev Nikoláievitch disse: “Não é preciso, estou vendo tudo”.

Felizmente, durante os sete dias seguintes, Tolstói não pôde ver o que acontecia em Astápovo. Na noite de 6 de outubro, houve uma intempérie de começo de inverno. Escreveu o jornalista V. A. Gotwald:

O tempo parece ter acompanhado o mau humor das pessoas. A terra cobriu-se com uma crosta de gelo, e do céu caía algo nojento,

escorregadio e frio... Não posso imaginar nada mais terrível do que aquela noite. Escuridão. Nos trilhos do trem, os sinais vermelhos piscavam de um modo especialmente sinistro através da neblina. No pequeno jardim, em frente à casinha histórica, havia algumas bétulas. Seus ramos ficaram cobertos por uma casca de gelo. Ao menor sopro de vento, os ramos chocavam-se e a casca tinia e crepitava, formando uma música muito triste que vinha de longe e parecia prantos de seres estranhos.

“VOCÊ COLOCA O ESTADO-MAIOR NUMA SITUAÇÃO DIFÍCIL”

No caminho inteiro de Kozelsk a Astápovo, Tolstói e seus acompanhantes foram seguidos não apenas por Konstantin Orlov, o jornalista do *Rússkoie Slovo*. Na vigilância dos fugitivos, foi incluído também um complexo aparato policial.

Tolstói e seus acompanhantes ainda estavam no trem quando, de Belev à estação de Kúrkin, foi enviado o telegrama: “Na chegada do trem nº 12, verificar imediatamente se nele se encontra o escritor Lev Tolstói. Caso ele se encontre, comunicar o local de seu desembarque. Telegrafar pessoalmente a mim. Sargento Puchkov”. O telegrama foi enviado às 15h 20 no dia 31 de outubro. A resposta chegou duas horas e meia depois, da estação Dankovo, a última antes de Astápovo: “Viaja no trem nº 12, segunda classe, Rostov-Don. Suboficial Díkin”.

Mais duas horas depois, já de Astápovo, foi enviado a Elets um telegrama endereçado ao capitão M. N. Savítski, chefe da polícia ferroviária: “O escritor conde Lev Tolstói, viajando no trem nº 12, adoeceu. O chefe da estação, sr. Ozólin, alojou-o em sua casa. Suboficial Fillípov”. Às 10 horas, no dia 1º de novembro, o próprio chefe da polícia ferroviária no trecho Moscou-Kamíchinsk, major-general Lvov, telegrafou a Savítski em Elets: “Esperamos resposta à informação nº 649”. A resposta de Savítski demorou sete horas para chegar. “Lev Tolstói, acompanhado pelo médico

Makovítski e duas parentes, adoeceu no caminho e ficou na casa do chefe da estação de Astápovo”.

Hoje, para uma pessoa comum, é muito difícil se orientar nesse emaranhado hierárquico de informações policiais daquela época. Mas uma coisa ficou clara: já não se podia mais pensar numa viagem secreta a Novotcherkassk e, muito menos, em atravessar a fronteira com passaportes falsos.

A figura do capitão de cavalaria Mikhail Nikoláievitch Savítski era muito curiosa. Em toda essa história, ele foi o principal chefe policial responsável não só pela vigilância e envio de todas as informações sobre Tolstói, como também pela manutenção da ordem pública na estação de Astápovo.

Porém, estando em Elets, na província de Tula, Savítski, durante três dias, não controlou a situação, o que causou descontentamento dos superiores de Moscou. Enquanto todos os jornais publicavam ao mesmo tempo notícias de Astápovo enviadas por seus correspondentes especiais, o capitão mantinha um estranho silêncio e não percebia, talvez, que seus chefes contavam justamente com ele em primeiro lugar. Astápovo fervilhava de jornalistas da província e da capital, não havia onde hospedá-los. Ozólin se viu então obrigado a pedir a seus superiores um vagão para a acomodação dessa gente, enquanto Savítski permanecia em Elets e só no dia 3 de novembro mandou um telegrama ao major-general Lvov, com as novidades que a Rússia inteira já estava sabendo pelos jornais:

“Depois do segundo sinal do trem nº 12, a filha de Tolstói dirigiu-se ao chefe da estação com o pedido de que lhe cedesse um local, em vista de seu estado crítico, segundo a afirmação do médico. Esse local foi cedido pelo chefe em sua própria moradia, por falta de outro.”

No mesmo dia, o major-general Lvov, por meio de um telegrama cifrado (!),²²² obrigou-o a ir pessoalmente a Astápovo com cinco policiais e assumir todo o controle da situação. O telegrama de Lvov foi enviado às 15

horas. Mas Savítski protelava e permanecia em Elets não se sabe por quê. Na noite do mesmo dia, recebeu a informação alarmante de Fillípov, o suboficial de Astápovo: “Chegaram correspondentes de *Utro*,²²³ *Rússkoie Slovo*, *Védomosti*,²²⁴ *Retch*,²²⁵ *Golos Moskvi*,²²⁶ *Nóvoie Vrémia* e *Peterbúrgskoie Telegráfnoie Aguêntstvo*.²²⁷ Amanhã no trem nº 11 chega a Astápovo o governador da província de Riazan”. O capitão tentou controlar a situação sem sair de Elets: “Astápovo. Ao suboficial Fillípov. Não acomodar ninguém na estação. Chegarei amanhã à noite. Na casa de Ozólin podem ficar os quatro alojados antes. Capitão Savítski”.

Mas não era possível deixar de alojar os correspondentes que não paravam de chegar. O administrador dos assuntos da ferrovia de Riazan-Urais, D. A. Marténinski, que incluía Astápovo, teve de telegrafar a Ozólin de Sarátov, onde ele se encontrava: “Permito ceder um vagão de reserva de segunda classe aos jornalistas de Moscou, Petersburgo e outras localidades por um ou dois dias com o aviso de que o vagão pode ser requisitado para o transporte do exército que está se iniciando”. Ao mesmo tempo, ele enviou um telegrama a Kliassóvski, chefe do percurso da ferrovia de Riazan-Urais em Astápovo, para que este preparasse uma casa que servisse de hotel temporário, a aquecesse e fornecesse camas e roupas de cama, mas que, até segunda ordem, não a deixasse ser ocupada por jornalistas.

O suboficial Fillípov, que tinha recebido a ordem do capitão de não deixar ninguém entrar em lugar algum, proibiu a acomodação das pessoas no vagão e na casa e informou isso ao capitão no dia 3, à noite, e no dia seguinte de manhã. No dia 4, Marténinski, seu subordinado, alarmado com a situação que estava se tornando crítica no local, dirigiu-se a Savítski, enviando-lhe este telegrama: “Devido às circunstâncias extraordinárias, peço encarecidamente não impedir a presença de parentes do conde Tolstói e outras pessoas na estação e em recintos públicos; é difícil e até impossível alojar as pessoas no povoado. Peço telegrafar para o local e para mim”. “Não haverá impedimento para pessoas que possuem passaporte. Com os

outros, a questão será resolvida esta noite no local”, respondeu-lhe o capitão.

No mesmo dia, Savítski levou um sabão do major-general por telegrama cifrado: “Até agora não recebi nenhuma informação sobre o que acontece em Astápoovo, quando ela na verdade deveria ser enviada diariamente e em detalhes por correio ou, em casos extraordinários, por telégrafo. Você coloca o estado-maior numa situação difícil”.

De noite, Savítski chegou a Astápoovo e tornou-se uma das testemunhas mais valiosas das intrigas que se desenrolavam em torno do escritor moribundo.

O IMPÉRIO TREMEU

Durante sete dias, de 31 de outubro até 7 de novembro, a pequena e quase desconhecida estação de Astápoovo virou um “entroncamento”, um ponto central para toda a enorme Rússia e para o mundo inteiro.

Dava a impressão de que, nesses sete dias, lá não morria um escritor, mesmo famoso, de qualquer maneira uma pessoa particular, mas sim que se decidia o destino de um grande império, e todo o globo terrestre seguia a decisão sobre esse destino. Para o “entroncamento” de Astápoovo, ou melhor, para o “redemoinho” de Astápoovo, estava sendo puxada uma quantidade enorme de pessoas das mais diversas, representantes de todas as classes do imenso império russo: funcionários e operários das ferrovias, camponeses das aldeias, sacerdotes, monges, médicos, jornalistas, policiais, telegrafistas, governadores-gerais, funcionários de todas as áreas e categorias, membros do sínodo, Stolýpin e Nikolai II.

E o mais surpreendente é que cada um deles sentia sua responsabilidade pela partida e pela morte de Tolstói como uma carga que caíra sobre si e, como se costuma fazer, cada um procurava colocá-la nas costas de outro, de categoria mais alta ou mais baixa. O ato de uma única

pessoa, motivado exclusivamente por circunstâncias familiares, tornava-se um teste de resistência para o império inteiro.

No dia 3 de novembro, S. S. Raiêtski, correspondente do jornal *Utro Rossii*,²²⁸ comunicou à redação: “O telégrafo funciona sem parar. As perguntas chegam do Ministério dos Transportes, dos governadores das províncias de Kaluga, Riazan, Tambov e Tula. Um funcionário de encargos especiais do governador de Tula veio para fazer uma investigação. A família de Tolstói recebe inúmeros telegramas de todos os cantos da Rússia e do mundo inteiro”.

O príncipe Obolênski, governador de Riazan, que chegou no dia 4 de novembro, fez o possível para os jornalistas abandonarem a estação. Para isso, foi fechado o bufê da estação, supondo-se que a fome os obrigaria a sair de lá. Os jornalistas apelaram ao major-general Lvov, enviando-lhe um telegrama coletivo, e depois disso foram deixados em paz e começaram a cuidar de seu alojamento. “A estação de Astápovo necessita de uma grande quantidade de camas, colchões e roupas de cama... Peço enviar urgentemente umas dez ou quinze lâmpadas de mesa, em bom estado e bem embaladas para evitar danos durante o transporte”, telegrafou de Sarátov Volínski, chefe das estações próximas a Astápovo e do almoxarifado da ferrovia de Riazan-Urais. No início, o governador de Riazan queria “retirar” de Astápovo o próprio Tolstói. Em 2 de novembro, o major-general enviou um telegrama cifrado a Savítski: “Comunique quem foi que permitiu a permanência de Tolstói no prédio da estação, não destinado à acomodação de pessoas doentes. O governador considera necessário tomar medidas para transferi-lo para um estabelecimento de saúde ou à residência permanente”.

Realmente, não era nada invejável a situação do governador de Riazan, em cujo território Lev Tolstói resolvera morrer de repente. Ele não tinha experiência na organização de enterros de escritores mundialmente famosos falecidos em estações ocasionais. Para se ter ideia do estado do príncipe Obolênski, basta ler seu telegrama cifrado ao vice-ministro do Interior, o

tenente-general P. G. Kurlov: “Solicito que me comunique o parecer do arcebispo, se o sacerdote local pode cantar ou não o te-déum pela saúde de Tolstói. Ontem ele foi questionado, mas não está inclinado a fazer isso. Aconselhe-o a não permitir”.

Foi isso: o império tremeu! A questão do te-déum pela saúde de Tolstói resolvia-se no nível do governador, do vice-ministro do Interior e do monsenhor da capital.

Assim como em 1902, quando o escritor esteve doente na Crimeia, o sínodo se via numa situação extremamente difícil. Naquela época, o descontentamento do imperador com a “excomunhão” de Tolstói era tão evidente que Stolýpin mantinha seu encarregado de assuntos especiais perto das portas da sala onde se passava a sessão extraordinária dos membros do sínodo por ocasião da possível morte de Tolstói, à espera da solução positiva da questão.

No dia 4 de novembro, chegou a Astápovo um telegrama do arcebispo Antônio, no qual ele suplicava ao conde para que voltasse à Igreja ortodoxa. Mas, a julgar pelo telegrama de Obolênski a Kurlov, o mesmo arcebispo proibira o sacerdote local de cantar o te-déum pela saúde de Tolstói.

Infelizmente, sabemos da reação de Nikolai II ao conflito do sínodo com Tolstói apenas por meio de uma fonte não muito confiável – o livro de Serguei Trufánov, o ex-padre e monge Iliodor, sobre Raspútin,²²⁹ *O santo diabo*. No livro, são citadas as palavras de Raspútin, que conversou com o czar após a morte de Tolstói. “Papai Nikolai²³⁰ disse que, se os arcebispos fossem mais carinhosos com L. N. Tolstói, ele não teria morrido sem a confissão. Eles eram muito secos com ele. Durante todo esse tempo, somente Parfêni foi conversar cordialmente com ele. São arrogantes!”

A menção nesse contexto do bispo de Tula, Parfêni, é fidedigna. Justamente Parfêni, que se encontrara com Tolstói em 1909 e deixara nele uma impressão muito agradável, foi chamado a Petersburgo pelo sínodo e enviado a Astápovo para fazer Tolstói voltar ao seio da Igreja.

A missão de Parfêni não deu certo. Aliás, nem poderia ter dado, porque Parfêni chegou à estação somente às 9 horas do dia 7 de novembro, três horas após a morte de Tolstói. No entanto, o bispo partira de Petersburgo no dia 4. Sua “falta de pressa” explica-se, provavelmente, pela falta de vontade de participar de um caso perdido. Ele sabia muito bem das convicções de Tolstói e estava bem informado pelos jornais sobre a situação em Astápoovo. Sabia também que Tchertkov e a filha Aleksandra não saíam de perto da cama do doente e não permitiriam de forma alguma seu encontro com um sacerdote ortodoxo. Antes de partir de Astápoovo, Parfêni conversou com Savítski e com o filho de Tolstói Andrei Lvóvitch, tentando averiguar se o escritor, antes de morrer, demonstrara desejo de se conciliar com a Igreja. A escolha dessas pessoas e não das que estiveram constantemente a seu lado não foi ocasional, é claro. Porém, nem Savítski nem Andrei Lvóvitch, o único ortodoxo convicto da família Tolstói, podiam lhe fornecer qualquer prova de mudança na religião do falecido. Mais do que isso: Andrei Lvóvitch transmitiu-lhe a decisão unânime da família de fazer o enterro sem os rituais religiosos. No relatório para o sínodo, Parfêni escreveu:

Surpreso com essas palavras, observei: “Todavia, um ano e meio atrás, sua mãe, pessoalmente, disse-me o contrário...”. Andrei Lvóvitch respondeu que a mãe, desolada com a desgraça, mudara de opinião e, “além do mais, agora está tendo um desajustamento nervoso e é impossível conversar com ela. Talvez os irmãos sejam indiferentes, mas as irmãs são categoricamente contra o ritual eclesiástico...”

Parfêni agiu ponderadamente e escapou de uma situação desagradável, diferentemente do pobre ancião Varsonófi, que teve de tomar o cálice da humilhação até o fim.

A ÚLTIMA TENTATIVA

A chegada de Varsonófi a Astápovo e suas tentativas de falar com Tolstói no leito de morte criaram muitos mitos e suposições que não têm nenhuma relação direta com a realidade do que aconteceu ali. Se reunirmos todas essas suposições, o quadro mitológico será o seguinte:

Partindo de Iássnaia Poliana, Tolstói pretendia voltar à ortodoxia. Para isso, teria ido ao mosteiro de Óptina, onde queria ficar como noviço. Mas o orgulho não o teria deixado chegar até os anciãos. A filha Sacha, que fora a Chamórdino atrás do pai, tirou-o de lá, e ele continuou a viagem. Ao adoecer em Astápovo e estando à beira da morte, ele teria se arrependido e mandado um telegrama a Óptina, dizendo que desejava se encontrar com Varsonófi. Porém, quando este chegou com as Dádivas Santas,²³¹ Tchertkov e a filha caçula não o deixaram entrar no quarto de Tolstói. E essas mesmas pessoas não o deixaram ver nem a esposa do escritor, crente e que pertencia à Igreja.

Não é difícil desmentir esse mito, todos os fatos falam contra ele; o difícil é entender aquela parte da verdade que ele contém.

Analisando a partida de Tolstói, seu contemporâneo Lev Tikhomírov escreveu: “Um final estranho de vida... Sente-se nele uma luta pela alma. Ele queria se reconciliar com a Igreja, mas Satanás segurava-o firmemente”. Nessas palavras há um sentido profundo, apesar de impreciso. O problema é que a palavra “Satanás” pressupunha pessoas concretas que cercavam Tolstói frequentemente em Astápovo. Ao mesmo tempo, deu-se muita importância à chegada de Varsonófi.

Não existiu nenhum telegrama a Óptina com pedido de encontro com Varsonófi. O sacerdote Gueórgui Orekhánov, que estudou detalhadamente a questão, deveria ter reconhecido isso.

O mito surgiu depois que, numa revista ortodoxa editada no Brasil (*Vladímirski Véstnik*,²³² n° 62, 1956), foram publicadas as memórias de um ex-noviço que trabalhara no escritório de Innokênti, o superior do mosteiro de Óptina. Dizia-se nelas que de Astápovo a Óptina chegara um telegrama

de Tolstói com o pedido ao *padre Ióssif* de ir à estação. Como o padre Ióssif estava gravemente doente, a confraria resolveu enviar para lá Varsonófi, o chefe dos eremitas.

“Innokênti deve ter se confundido”, escreveu Orekhánov, “e pode-se entender por quê. Pelo visto, Innokênti confundiu dois telegramas: o suposto, de Tolstói, e o real, de Sua Reverendíssima Veniamin (Muratovski), na época bispo de Kaluga, sobre a ordem do sínodo de enviar o padre Ióssif a Astápovo para visitar o adoecido conde Tolstói...”

Se o telegrama de Tolstói existisse, seria impossível escondê-lo. Todos os telegramas enviados de Astápovo, inclusive os cifrados de Savítski, foram guardados e, posteriormente, publicados. O Santíssimo Sínodo, que sofria uma forte pressão da parte do Tsárskoie Seló²³³ e de Stolýpin, tentou, por meio de Parfêni, encontrar ao menos algum sinal *indireto* da vontade de Tolstói de se reconciliar com a Igreja. Parfêni, que nada conseguiu, procurou pelo menos saber das intenções dos *familiares* de Tolstói: se não gostariam de enterrar o marido e pai de acordo com o ritual eclesiástico. E recebeu resposta também negativa. A existência desse telegrama teria sido um grande presente para o sínodo! Mas ele não existiu. Tolstói não tinha condições de enviar telegrama algum. O único telegrama enviado de Astápovo pelo escritor (a Tchertkov) fora ditado a Sacha.

Nos anais do mosteiro de Óptina não se disse nada sobre o telegrama de Tolstói. Em compensação, falou-se detalhadamente do telegrama do bispo de Kaluga, por causa do qual Varsonófi foi parar em Astápovo.

Pela manhã, no dia 4 deste mês,²³⁴ foi recebido o telegrama com a determinação do sínodo de enviar o padre-monge Ióssif para a estação de Astápovo, na ferrovia Riazan-Urais, com o objetivo de oferecer ao conde Lev Tolstói uma conversa espiritual de consolo religioso e reconciliação com a Igreja. Em resposta, foi comunicado por telegrama que o padre Ióssif encontrava-se doente e não saía da ermida, mas

resolvera fazer isso como penitência. No entanto, em vista das dificuldades do padre Ióssif, o abade do mosteiro pediu licença para substituí-lo pelo padre superior Varsonófi, que partiu com a chegada da resposta do bispo Veniamin, comunicando a concordância do Santo Sínodo. O abade perguntou a Sua Reverendíssima por telegrama se, caso Tolstói se arrependesse, ele poderia ser aceito pela Igreja por meio dos rituais da confissão e da santa comunhão. A resposta recebida foi que a pessoa enviada para conversar com Tolstói deveria comunicar a Sua Reverendíssima de Kaluga os resultados da conversa, para que o sínodo fosse consultado. Na noite do dia 4, padre Ióssif enviou um telegrama para o chefe da estação de Astápovo, perguntando se Tolstói poderia ser encontrado lá no dia 5, se não, a que lugar se deveria dirigir para vê-lo. A essa pergunta foi dada a resposta de que a família de Tolstói pedia para ele não ir. Todavia, cumprindo a ordem sinódica, o padre superior Varsonófi partiu a Astápovo para ver o conde Tolstói.

Varsonófi, que chegou a Astápovo, ficou numa situação embaraçosa. Em primeiro lugar, sua popularidade naquela época era incomparavelmente menor que a de Ióssif, com quem Tolstói realmente queria se encontrar em Óptina. Em segundo, a revelação dos objetivos de sua ida a Astápovo significaria para ele a exposição do sínodo sob um aspecto desfavorável. Varsonófi se viu obrigado a manter silêncio e, com isso, parecia um impostor. Pois ele não fora convidado nem por Tolstói nem por sua família, que nesse momento estava toda reunida na estação, com a exceção de Lev Lvóvitch, que morava em Paris. Varsonófi virou bode expiatório, assim como o capitão Savítski. (A propósito, no passado, Varsonófi fora coronel de exército.) Ele se tornou o responsável pelo erro fatal cometido pelo sínodo em 1901, sem ter tido nenhuma participação nele. Para a centena de jornalistas que lançava luz sobre a tragédia em Astápovo, ele era uma

espécie de agente secreto, sobre o qual escreviam somente em tom de zombaria.

E mais do que isso: a julgar pelos telegramas dos jornalistas, Varsonófi não só se viu obrigado ao silêncio, como também a inventar mentiras a respeito de sua chegada a Astápovo.

A. F. Avrekh, escrevendo para o jornal *Ránneie Utro*:²³⁵ “Acaba de chegar o superior do mosteiro de Óptina, Varsonófi, acompanhado pelo padre-monge Panteleimon.²³⁶ Segundo o último, Varsonófi foi enviado para cá pelo sínodo. Mas o próprio Varsonófi diz estar aqui de passagem, a caminho de uma romaria”.

P. A. Vilénski, para o jornal *Kíevskaia misl*:²³⁷ “O superior disse que não conhece Tolstói e está indo para uma romaria”.

Garnês, para o *Sarátovski Véstnik*:²³⁸ “... os monges negam a finalidade”.

A. Epifánski, para o jornal *Utro*: “O ancião, durante conversa com jornalistas, disse que está indo para uma romaria. Passou por aqui para visitar Tolstói. Disse a Andrei Lvóvitch que Tolstói o havia procurado quando esteve em Óptina”.

Garnês: “Os monges vieram com presentes, consultaram o sacerdote local. De noite, foram às escondidas até a casa onde se encontrava Tolstói. Mas não entraram. A porta estava trancada. O governante só deixa entrar com senha”.

É possível citar telegramas desse tipo infinitamente. A humilhação à qual foi submetido o monge idoso (posteriormente canonizado) é o testemunho mais do que claro do erro fatal do sínodo em 1901. E logo quem excomungaram? Tolstói! Praticamente o único crente de toda a turma de escritores! Entre os jornalistas que estavam em Astápovo, não havia nenhum “excomungado”.

A maneira como a família Tolstói recebeu o ancião não foi melhor. Sabendo que o pai, ao fugir de casa, dirigira-se ao mosteiro em primeiro

lugar, Sacha fez de tudo para que ele não soubesse de nada sobre a chegada do sacerdote a Astápovo. Ela tinha uma boa justificativa para isso: os médicos recomendavam não incomodar o doente. Pelo mesmo motivo, os outros filhos, inclusive os mais velhos, Serguéi e Tatiana, não insistiram em comunicar ao pai a chegada de Varsonófi e o telegrama do arcebispo Antônio. Mas a justificativa não parece muito consistente. Na Crimeia, quando Tolstói estava agonizando, a notícia que Sófia Andréievna lhe deu sobre a carta de Antônio não lhe causou uma parada cardíaca. A verdade é que nós sabemos o que Tolstói pensava da Igreja naquela época. Mas nada sabemos de seus pensamentos sobre isso antes de sua morte de fato.

E isso é lamentável.

NA VIA DE RESGUARDO

No livro *A partida de Tolstói*, Tchertkov usa o fato de ter sido a única pessoa chamada por Tolstói a Astápovo como o principal argumento para justificar o testamento do mestre, segundo o qual todos os direitos editoriais passavam exclusivamente para ele. E teria acontecido realmente assim, a julgar pelas anotações de Sacha e de Makovítski. Porém, não existiu nenhum telegrama para Tchertkov com uma chamada em nome de *Tolstói*. Houve um telegrama de *Sacha*, dizendo que o pai gostaria de vê-lo. Mas o próprio Tolstói ditara para Sacha um telegrama com conteúdo diferente. No dia 1º de novembro, às 10h 30, por ela foram enviados simultaneamente dois telegramas.

Em 1º de novembro, de manhã, escreveu Makovítski que Tolstói sentia-se melhor e sua temperatura baixara para 36,2 °C. “L. N. disse que estava melhor e que poderíamos continuar a viagem. O telegrama a Tchertkov, ditado por Tolstói a Sacha, dizia o seguinte: ‘Ontem adoeci. Os passageiros viram-me fraco descendo do trem. Hoje melhorei. Continuaremos a viagem. Tome medidas. Comunique. Nikoláiev’.”

Desse telegrama não há como deduzir que Tolstói chamou Tchertkov a Astápovo. Pelo contrário, pediu que o “querido amigo” permanecesse no lugar e “tomasse medidas”. Sobre essas “medidas”, ele escreveu a Tchertkov de Chamórdino: procurar saber do estado de Sófia Andréievna e mantê-lo informado durante a viagem. Ao mesmo tempo, Sacha enviou seu próprio telegrama: “Ontem descemos em Astápovo. Febre alta, desmaios. De manhã, a temperatura estava normal, agora calafrios novamente. Viajar é impensável. Expressou o desejo de ver você. Frolova”.

Mesmo se o chamado a Tchertkov tivesse sido enviado, ele contradizia a promessa que Tolstói fizera por escrito à esposa em 14 de julho de 1910:

“... se você não aceitar as minhas condições de uma vida boa e pacífica, eu retiro minha promessa de não abandonar você. Eu irei embora. Não irei certamente para a casa de Tchertkov. E até vou impor a ele a condição de não se mudar para perto de mim. Mas irei embora sem falta, porque continuar vivendo assim como vivemos agora é impossível”.

É claro que o estado de Tolstói durante a fuga e em Astápovo não nos permite quaisquer conclusões seguras. Com a exceção de uma: é evidente que Tolstói *queria* ver Tchertkov... A separação dele, forçada pela pressão da esposa, fora uma das causas principais de sua partida. Na véspera de 26 de outubro, Tolstói escreveu uma carta ao amigo que não deixa dúvidas disso:

“Hoje, pela primeira vez, senti muito claramente e até com tristeza a falta que você me faz. Existe toda uma esfera de ideias e sentimentos que eu não posso trocar com naturalidade com ninguém, sabendo que serei entendido, a não ser com você.”

Na carta de Astápovo aos filhos mais velhos, ele escreveu: “Meus queridos filhos Serioja e Tânia, espero e tenho certeza de que não vão me censurar por eu não ter chamado vocês. Se eu chamasse vocês sem *mamá*, seria uma enorme amargura para ela e para os outros filhos. Vocês dois entenderão que Tchertkov, a quem chamei, está numa posição excepcional

para mim. Ele dedicou a vida à causa a qual eu também servi nos últimos quarenta anos de minha vida. Esteja eu certo ou errado, em meu entendimento esta causa não é tão cara para mim quanto é importante para todas as pessoas, inclusive para vocês”.

Nessa carta, pode-se sentir melhor o quão insolúvel era o “triângulo conjugal” que se formou no final da vida de Tolstói. Antes de sua morte, ele não chamou *ninguém* da família, para não ofender Sófia Andréievna, como explicou, mas, ao mesmo tempo, chamou a pessoa cuja chegada a Astápoovo seria o golpe mais terrível para ela. Porque essa pessoa ocupava uma posição *excepcional*.

Um olhar atento notará a confusão que há na carta. Ele se refere ao começo de sua revolução espiritual dez anos antes da época em que realmente ocorreu. E toda a lógica da carta (não chamar os filhos para não ofender *mamá*, mas chamar Tchertkov) mostra que Tolstói já estava fora dos limites da realidade terrena comum e pensava em coisas completamente diferentes.

No mesmo dia, ele ditou a Sacha:

Deus é aquilo Tudo Ilimitado do qual o ser humano entende a si mesmo como parte limitada. Na verdade, existe somente Deus. O homem é a manifestação Dele na matéria, no tempo e no espaço. Quanto mais a manifestação de Deus no homem (a vida) une-se à manifestação de outros seres (vidas), mais ele existe. A união dessa sua vida com a vida de outros seres realiza-se pelo amor. Deus não é amor, porém, quanto mais há amor, mais o homem manifesta Deus e mais ele existe verdadeiramente.

Nessa “existência verdadeira” a família não apenas cabia, mas entrava nela com os direitos comuns para todos os homens. Somente Tchertkov continuava em sua posição excepcional.

E ele sabia disso. Depois da fuga do marido, Sófia Andréievna mais uma vez tentou se reconciliar com Tchertkov. Por intermédio de Bulgákov, ela o convidou a Iássnaia Poliana para conversar e recebeu uma recusa. “Em Iássnaia Poliana”, escreveu Bulgákov, “todos ficaram surpresos quando me viram voltando sozinho. Ninguém imaginava que Tchertkov pudesse se recusar a cumprir o desejo de S. A. de se encontrar com ele e fazer as pazes.” “Ao ouvir de mim o pedido de Sófia Andréievna, no primeiro instante ele concordou em ir a Iássnaia Poliana, mas depois mudou de ideia.” “Para que ir lá?”, disse ele. “Para ela se humilhar perante mim, pedir desculpas? É um rodeio para me pedir que eu mande seu telegrama a Lev Nikoláievitch.”

Tchertkov entendeu bem. A vontade principal da esposa de Tolstói era fazer o marido voltar a qualquer custo. E foi o mesmo erro que ela cometeu quando obrigou o marido a não se encontrar mais com ele. Tolstói podia aguentar limitações à sua liberdade externa e até ficava contente com isso. Mas toda a sua natureza repudiava qualquer limitação à sua vontade interna, qualquer violência contra seu “ego”.

Tornando-se vencedor absoluto, Tchertkov continuava agindo ponderadamente, mas não como um homem digno e muito menos como um homem, simplesmente. Ele acabou com a rival com frieza (ou, talvez ao contrário, com todo o fervor), ao se recusar a entrar em negociações com ela. Tchertkov escreveu à esposa de Tolstói uma carta polida, que a condessa, depois de ter lido, comentou:

“Uma moral seca!”

Antes disso, ela preparara um telegrama para o marido:

“Comunguei. Fiz as pazes com Tchertkov. Estou enfraquecendo. Perdoe-me. Adeus.” Era uma tentativa desesperada de fazer o marido voltar. Sim, com astúcia, mentira e dando a entender que estava morrendo, mas que se reconciliara com seu inimigo figadal e “querido amigo” dele. Tchertkov previu a manobra. Ela entendeu isso, rasgou o telegrama e o

jogou no cesto. A fotocópia do telegrama foi conservada no arquivo de Tchertkov.

Tchertkov foi o primeiro a chegar a Astápovo. Antes dos médicos, sacerdotes e membros da família. Isso aconteceu já no dia 2 de novembro. “Às 9 horas da manhã chegou Vladímir Grigórievitch com seu secretário A. P. Serguêienko”, recordava Aleksandra Lvovna. “O encontro de meu pai com ele foi comovente. Depois de vários meses sem poderem se ver, ambos ficaram chorando. Olhando para eles, não pude segurar as lágrimas e fui chorar no quarto ao lado.”

O encontro de Tolstói e Tchertkov foi descrito nas memórias do último:

... encontrei L. N. de cama, bastante fraco, mas plenamente consciente. Ele ficou feliz por me ver, estendeu-me a mão, que eu peguei com cuidado e beijei. Lágrimas brotaram em seus olhos, e ele me perguntou como estavam indo as coisas em casa (com meus familiares)... Logo começou a falar sobre aquilo que, provavelmente, preocupava-o mais do que tudo. Com uma ênfase especial, ele disse que era preciso tomar todas as medidas para que Sófia Andréievna não viesse vê-lo. Muito emocionado, indagou-me sobre o que ela pretendia fazer. Quando lhe disse que ela não pretendia procurá-lo contra sua vontade, ele se sentiu aliviado e naquele dia não conversou mais sobre seus receios.

É verdade que Tolstói tinha medo do aparecimento de sua mulher. Na noite de 1º de novembro, delirou durante o sono: “Escapular... escapular... Alcançar...”.

Mas será que pediu a Tchertkov que “tomasse todas as medidas”? A formulação fria e racional corresponde mais ao vocabulário do amigo. E, realmente, Tchertkov tinha tomado “todas as medidas” não só para que Tolstói não se encontrasse com a esposa, mas para impedir a chegada de outros familiares a Astápovo.

O encontro do pai com Serguei, por exemplo, poderia não ter acontecido. Os telegramas enviados por Sacha ao irmão antes e depois da chegada de Tchertkov são estranhamente contraditórios.

“A situação é séria. Traga Nikítin²³⁹ imediatamente. Ele queria avisar você e a irmã. Tem medo da chegada dos outros.” Esse telegrama, enviado a Moscou, não foi recebido por Serguei, que voltava para a aldeia. Sua esposa enviou-o em seguida, atrás dele. Ao recebê-lo, em Gorbatchevo, Serguei mudou de rumo e tomou um trem para Astápovo. No entanto, em 2 de novembro, pela manhã, uma hora e meia depois da chegada de Tchertkov, foi enviado a Serguei o segundo telegrama em nome de Sacha, e não para Moscou, mas por meio de Anna Konstantínovna, a esposa de Tchertkov: “Nosso pai pede para você não vir. Segue a carta. Não há perigo imediato. Se surgir, comunicarei”.²⁴⁰ A presença dos parentes de Tolstói antes de sua morte era o que Tchertkov menos desejava, exceto Sacha, é claro. Aliás, Tatiana também, a quem ele pediu para comunicar de sua chegada a Astápovo no telegrama enviado em 2 de novembro à mulher. (Não comunicaram. Tatiana, assim como Sófia Andrêievna, soube da localização do pai pelo telegrama de Konstantin Orlov.) Pouco antes da partida de Tolstói, o segredo do testamento fora confiado a Tatiana, no qual ela constava como “terceira”, depois de Tchertkov e Sacha. Mas já naquele momento ela não gostara nada dessa história. Pelo visto, foi por ela que a mãe soube da existência do testamento, e não pelo pequeno diário de Tolstói.

O aparecimento de Sófia Andrêievna ao lado da cama de Tolstói representava um perigo terrível para Tchertkov. Ele conhecia muito bem a condescendência do mestre com a mulher e as dúvidas dele em relação ao testamento. Caso ela chegasse a Astápovo, todo aquele “conluio” desmoronaria em poucos minutos. A lembrança dos filhos e dos netos e a simples pressão psicológica que a esposa poderia exercer sobre o marido

colocavam em risco todo o trabalho de Tchertkov de lavrar esse testamento e de persuadir o vacilante Tolstói.

Provavelmente, não apenas Tchertkov tinha medo disso, mas também o próprio Tolstói. O medo de encarar a esposa, que poderia levantar a questão do testamento e forçá-lo a rever a decisão ou a uma recusa dura e definitiva, aproximava Tolstói ainda mais de Tchertkov como seu cúmplice. O que “amarrava” os dois, além dos laços espirituais, era esse documento secreto.

Nesse contexto, é possível entender o estranho tom conspirador da conversa entre eles:

Estávamos calados. L. N. estendeu a mão em minha direção. Inclinei-me sobre ele. “Não é nada, não”, sussurrou com ar triste.

Eu: “Está difícil para o senhor?”.

L. N.: “Fraqueza, muita fraqueza”.

E depois de um curto silêncio: “Gália deixou você vir para cá sem problemas?”.

Eu: “É claro. Ela disse até que ficaria contente se eu acompanhasse o senhor para o sul”.

L. N.: “Não, não é preciso”.

Pouco depois ele perguntou se o médico psiquiatra fora tratar de S. A. À minha resposta positiva, perguntou: “Não é Rossolimo, por acaso?”. Eu disse que não.

Depois de um silêncio: “E sua mãe, Elizaveta Ivánovna, onde está?”.

Eu: “Em Cannes. Mandou um telegrama perguntando da saúde do senhor”.

L. N.: “Como, lá também já se sabe de tudo?”.

Nenhuma palavra sobre questões espirituais! Tudo tedioso, meio alusivo e misterioso. Ao menos foi assim que Tchertkov transmitiu a conversa.

Para beijar a mão de Tolstói, ele a pegou com suas luvas de guta-percha pretas, porque sofria de eczema. Tolstói, apesar de seu estado, continuava observador e perspicaz. No dia seguinte, viu Tchertkov sem as luvas e perguntou da saúde dele. Toda essa preocupação com Gália e com a mãe do amigo é muito comovente, mas causa estranheza. Havia algo de antinatural no fato de ele, no fim da vida, longe de sua família, preocupar-se tanto com a família de outrem e não com a própria.

Depois de Tchertkov, a Astápovo chegaram outros tolstoístas: Goldenweiser, Gorbunóv-Possádov, Boulanger... Eles entravam no quarto de Tolstói sem impedimento nenhum, conversavam, cuidavam dele. Ele estava contente em vê-los, sorria, dizia palavras ternas.

Ao mesmo tempo, a esposa e os filhos Iliá, Andréi e Mikhail ficavam num vagão separado na via de resguardo. (Lembremos que ao lado do Tolstói moribundo estavam Serguei, Tatiana e Sacha.) Ao entrar na casinha de Ozólin, os três filhos ficavam no corredor, em frente à porta do quarto do pai, onde não podiam nem ousavam entrar. Sófia Andréievna, é claro, queria irromper no quarto, porém os médicos e os filhos decidiram não a deixar entrar e não comunicar a Tolstói sobre a presença dela em Astápovo.

Escreveria Lev Lvóvitch mais tarde:

... há uma foto tirada de minha mãe em Astápovo. Vestida de qualquer jeito, ela se aproximava furtivamente da casa onde estava morrendo meu pai para escutar e ver o que acontecia lá. Como se fosse uma criminosa profundamente abatida, culpada, arrependida, ela, parecendo uma mendiga, ficava debaixo da janela do quarto onde morria o marido, seu Lióvotchka, sua vida, seu corpo, todo o seu ser.

“FEITO UMA CRIANCINHA...”

Varvara Feokrítova escreveu em seu diário que Tolstói evidentemente sabia da presença da esposa em Astápovo.

E não há como não concordar com isso. Ensinados pelo pai a não mentir, Sacha, Serguei e Tatiana não eram capazes de afirmar olhando diretamente nos olhos dele que Sófia Andrêievna continuava em Iássnaia Poliana. Tiveram de manter silêncio e esquivar-se de dar respostas e de tocar no assunto. E, mesmo assim, Serguei teve de mentir, dizendo que fora parar em Astápovo por acaso, de passagem. E no meio dessa confusão toda, não repararam como no quarto aparecera uma almofadinha feita por Sófia Andrêievna. Mas Tolstói reparou. Makovítski, também incapaz de mentir já por natureza, foi obrigado a dizer que tinha sido Tatiana quem a levava (ela havia chegado junto dos irmãos e da mãe). Tolstói quis ver a filha mais velha. Escreveu Tatiana na carta ao marido:

Ele começou com elogios, numa voz fraca, parando para tomar fôlego: “Como você está elegante, vistosa”. Eu ri e respondi que conhecia seu mau gosto. Depois ele começou a perguntar de *mamá*. Era disso que eu tinha mais medo, porque não queria lhe dizer que ela estava aqui e não teria coragem de mentir. Por sorte, ele fazia as perguntas de tal forma que eu não precisei mentir diretamente:

“Com quem ela ficou?”

“Com Andrei e Micha.”

“E Micha?”

“Sim, eles consideram que *mamá* não deve vir até aqui, enquanto você mesmo não desejar isso.”

“E Andrei?”

“Sim, também. Os meninos são uns amores, coitados, fazem de tudo para acalmar mamãe.”

“Mas conte-me, o que ela tem feito? Com o que tem se ocupado?”

“Papai, talvez seja melhor não conversar, você se emociona demais.”

Então ele me interrompeu e em tom firme, mas com uma voz ainda chorosa e entrecortada, disse:

“Conte, conte! Que outra coisa pode ser mais importante para mim?”
E ele continuou indagando quem mais estava com ela, se o médico era bom. Eu disse que não e que nós o dispensáramos, mas que dela tratava uma enfermeira que tinha trabalhado três anos e meio com S. S. Kórsakov²⁴¹ e, portanto, tinha experiência com esse tipo de doentes.
“E ela está gostando da enfermeira?”
“Sim.”
“Continue. Ela tem se alimentado?”
“Sim, e procura se manter, porque vive com a esperança de se reencontrar com você.”
“Ela recebeu minha carta?”
“Sim.”
“E qual foi a reação dela?”

Com essas perguntas, ele torturava os filhos e a si próprio. Mas acabou não dizendo o principal – aquilo que alguns esperavam dele com pavor, e outros, com ansiedade. Ele não disse que desejava ver a mulher antes de morrer.

Dizer isso significava trair Tchertkov. Numa eventual conversa com a esposa, se fosse sincera, ele não poderia deixar de tocar no assunto do testamento. E o problema não era o dinheiro, mas o segredo, o complô armado contra ela. No leito de morte, isso não poderia permanecer silenciado. Seria impossível – e não para ela, mas para *ele* – não tocar no assunto em sua última despedida da mulher com quem conviveu quase meio século.

Mas isso era tão penosamente vergonhoso que todos procuravam ou *fazer de conta*.

O inverso acontecera em 1891, quando ele, olhando para o lado, partilhava suas propriedades entre a esposa e os filhos, “como se tivesse morrido”. Aqueles momentos também foram penosamente vergonhosos,

porque todos entendiam que o pai estava vivo, e não morto. E agora todos faziam de conta que ele não morreria, mas continuaria vivo, e a questão da conversa com a esposa podia ser deixada para depois, assim como o encontro com os anciãos. Como naquela época, Tolstói esperava que a questão jurídica se resolvesse no plano moral por si mesma entre as pessoas que ele amava e que o amavam. Assim como antes, ele não queria reconhecer que este mundo não se ampara no bem, mas no mal, e que a natureza humana é pecaminosa.

Não simplesmente pecaminosa, mas *doente* de uma forma assustadora. Duas pessoas, dois doentes mentais dependentes de Tolstói, não podiam dividi-lo entre si, odiavam um ao outro, enquanto ele queria que se amassem como ele os amava. “Como é que vocês não entendem... Por que não querem entender... É tão simples... Por que não querem fazer isso?”, balbuciava ele em seus delírios dois dias antes de morrer.

“Pelo visto, ele sofria e se irritava por não conseguir explicar aquilo que era preciso ser entendido e feito”, recordava Serguei Lvóvitch. “Nós ficamos sem entender o que ele queria dizer”.

No dia 6, de manhã, ele soergueu-se na cama e disse: “Aconselho vocês a lembrar uma coisa: tem uma imensidão de gente no mundo além de mim e vocês só olham para Lev Tolstói”. O que significavam essas palavras?

Talvez um *deixem-me em paz*, simplesmente?

Segundo as anotações de Makovítski, ele dizia frequentemente: “Não me acordem”, “Não me incomodem”, “Não me encham (de remédios)”.

No entanto, em volta de sua cama havia seis médicos.

Quando Tolstói os viu, perguntou: “Quem são essas pessoas simpáticas?”.

Quando o doutor Nikítin sugeriu-lhe fazer uma lavagem intestinal, Tolstói se recusou: “Deus resolverá tudo”. Quando lhe perguntaram se tinha alguma vontade, ele respondeu: “Só quero que não me importunem”.

“Ele está feito uma criancinha...”, comentou Sacha ao terminar de lavar o rosto do pai.

“Nunca vi um doente como esse!”, surpreendeu-se o médico P. C. Úsov, que chegara de Moscou. Quando, durante o exame, ele ergueu Tolstói um pouco, este o abraçou e deu-lhe um beijo. Nenhuma das pessoas reunidas em volta de Tolstói e que depois descreveriam esses dias em suas memórias reparou na presença frequente ali de um pequeno ser humano, a mocinha Marfucha, que diariamente lavava o chão do quarto.

Tolstói reparou. E ficou interessado na vida dela.

“L. N. perguntou-lhe se estava casada”, escreveu Ozólin. “Ao saber que não, disse: ‘Isso é bom’.”

À própria Marfucha, Tolstói aconselhou: “Vá devagar, senão pode derrubar a mesinha”.

Antes de morrer, ele viu o fantasma de duas mulheres. Uma assustou-o, e ele pediu para fechar a cortina da janela. É possível que fosse o fantasma da esposa (ou, talvez, nem fosse fantasma). A outra o atraiu: ao abrir os olhos, ele gritou olhando para o teto: “Macha! Macha!”. “Senti um arrepio”, escreveu Serguei Lvóvitch, “entendi que ele se lembrara da morte da irmã Macha,²⁴² que lhe era especialmente próxima.”

Na vida de Tolstói, existiram três pessoas com o nome de Maria que ele amava muito: a filha, a irmã e a mãe.

A mãe, Maria Nikoláievna Tolstaia, faleceu quando Lióvotchka nem tinha completado dois anos. Ele não conheceu seu rosto e não havia retratos dela além de uma silhueta habilmente recortada. Tolstói, aproximando-se do final da vida, de um lado endeusava a mãe e, de outro, sentia falta dela como um bebê. Em março de 1906, ele escreveu num pedaço de papel:

O dia todo fiquei num estado apático, triste. À noite, senti-me derretido, desejoso de receber carinho, amor. Queria, como uma criança, encostar o rosto no colo de alguém que me amasse e se compadecesse de mim,

desatar em choro e ser consolado. Mas quem poderia ser esse alguém? Revi com os olhos da memória todos os que amo – nenhum servia. Lançar-me nos braços de quem? Voltar a ser criança e lançar-me nos braços de mamãe, assim como eu a imagino. É claro, somente de mamãe, que nunca chamei assim, porque não sabia falar. Ela é a imagem mais sublime do amor puro e não o divino, frio, mas o quente, terreno, maternal. Por esse amor aspirava a minha alma cansada. Você, mãezinha, você, me dê um carinho.

Um dia Tolstói viu ao mesmo tempo o fantasma das duas mulheres. Das recordações de Aleksandra Lvovna:

De dia, para ventilar o dormitório, levamos meu pai para outro quarto. Quando voltamos ao dormitório, ele olhou atentamente para a porta envidraçada em frente à sua cama e perguntou a Varvara Mikháilovna, que estava de plantão:

“Para onde dá essa porta?”

“Para o corredor.”

“E para onde leva o corredor?”

“Para a antessala e a soleira.”

Nesse instante, eu entrei no dormitório.

“Mas ela está trancada?”

Eu disse que sim.

“Coisa estranha! Vi claramente dois rostos femininos olhando para mim.”

Respondemos que isso era impossível, porque a porta do corredor também estava trancada.

Mas ele continuou olhando para a porta envidraçada com desconfiança. Eu e Varvara Mikháilovna pegamos uma manta e cobrimos com ela a vidraça.

“Ah, agora melhorou”, disse ele com alívio.

Virou-se para a parede e se aquietou por algum tempo.

Involuntariamente, vieram-me à memória os versos de Púchkin:

Não há sossego – surgem diante de mim fantasmas juvenis,
queridas sombras de dois anjos que o destino deu-me no passado,
mas agora com asas e com gládios de fogo, e elas me vigiam...
e se vingam, falando ambas numa língua morta
sobre mistérios da felicidade e do além.²⁴³

Trata-se de um rascunho do poema “Recordação”, escrito em 1828, ano do nascimento de Tolstói.

É possível uma outra explicação bem mais prosaica. Quando ventilavam o quarto que estava em frente à entrada da casa, a porta, que normalmente estava fechada, era aberta, e nesse instante, na antessala, entrara Sófia Andrêievna. Escreveu Goldenweiser:

Eu e Aleksandra Lvovna saímos para a antessala. Lá já estava Sófia Andrêievna. Nós ficamos comovidos e tocados com a chegada dela. Meu Deus! Verificou-se que os fotógrafos de uma empresa cinematográfica que tinham chegado a Astápovo queriam filmar Sófia Andrêievna. Quando abrimos a porta de entrada, Aleksandra Lvovna ouviu o matraquear da manivela, viu a máquina de filmar focada para a soleira e, apavorada, voltou correndo para dentro.

Além dos sofrimentos agônicos (“Como L. N. gritava, como se agitava e se sufocava!”, escreveu Makovítski em 6 de novembro), Tolstói sofria porque os que o cercavam não conseguiam entender o que ele falava. A língua já não lhe obedecia.

“Meu pai pediu que nós anotássemos o que ele dizia. Mas isso não era possível porque ele pronunciava palavras entrecortadas, ininteligíveis”, recordava Aleksandra Lvovna. “Quando ele pediu para ler o que fora

anotado, ficamos sem saber o que ler. E ele continuava pedindo: ‘Mas leiam, leiam!’.”

Tentamos anotar seu delírio, mas, percebendo que a anotação não tinha sentido, ele não se contentava e pedia para lermos novamente. Então, tentamos ler em voz alta suas antologias *Círculo de leitura*. Anotações de Makovítski: “Depois das 9 horas da manhã, L. N., num estado meio delirante, insistiu em algo que era preciso ‘fazer depois’. Nós começamos a ler para ele o *Círculo de leitura*, primeiro eu, depois Varvara Mikháilovna e Tatiana Lvovna, a quem ele perguntou algo, agradeceu não se sabe por quê e disse: ‘Querida Tânia’.”

Em 5 de novembro, leram para ele o *Círculo de leitura* cinco vezes seguidas.

Quando pararam de ler, ele perguntou: “E o que vem depois? O que está escrito aí?”, insistiu ele. “O que está escrito aí? Procure somente isso... Não, não dá para tirar nada de vocês.”

A última anotação de Tolstói de 3 de novembro: “Eis meu plano. *Fait ce que doit, adv...*²⁴⁴ E que tudo seja para o bem dos outros, e principalmente para mim”.

As últimas palavras que tinham sentido foram ditas algumas horas antes da morte ao filho mais velho, Serguei, que não as ouviu direito por estar muito nervoso, mas Makovítski sim: “Serioja... a verdade... eu amo muito, amo a todos...”.

“Enquanto ele estava doente”, recordava Aleksandra Lvovna, “admirava-me que, apesar da febre alta, do coração muito fraco e das graves dores físicas, sua consciência estava surpreendentemente clara. Ele notava tudo o que acontecia em volta até os mínimos detalhes. Contou, por exemplo, que a Astápovo tinham chegado nove pessoas, no total.”

Essa clareza incrível de sua consciência e a impossibilidade de provar ou expressar algo importante causavam a Tolstói um sofrimento igual aos sofrimentos físicos que ele suportava. Mas ele procurava ser delicado e

benevolente com todos os que o cercavam, cujo número continuava crescendo. Em geral, ele se comportava como uma criança dócil, porém um pouco manhosa: ora afastava de si a seringa ou o clister, ora pedia que o deixassem “em paz”. Mas, mesmo com tudo isso, seu cérebro funcionava com toda a potência e a vista não perdera a perspicácia. Pelo visto, o desajuste entre a clareza de raciocínio e de vista e as manipulações que faziam com seu corpo, e que ele considerava inúteis, envenenaram sua partida final.

“Escapular! Escapular!”, balbuciava ele frequentemente. E, na noite de 5 de novembro, ele realmente tentou fugir.

Todo esse tempo nós ficávamos de plantão em duas pessoas. Mas aconteceu que eu fiquei sozinha com ele no quarto. Parecia que ele estava dormindo. De repente, com um movimento brusco, ele se levantou e começou a pôr os pés no chão. “O que você quer, papai?” “Deixe-me, deixe-me”, e tentou sair da cama. Eu sabia que, se ele se levantasse, não conseguiria segurá-lo e ele poderia cair. Tentei acalmá-lo e segurá-lo na cama. Mas ele, com todas as forças, tentava se livrar de mim, dizendo: “Deixe-me, deixe-me, você não tem o direito de me segurar, deixe-me!”. Vendo que eu não tinha forças para dominá-lo e que minhas palavras e pedidos não faziam efeito, comecei a gritar: “Doutor, doutor, para cá, rápido!”. Acho que era Semiónovski que fazia plantão naquela noite. Ele e Varvara Mikháilovna entraram, e nós conseguimos acalmá-lo e mantê-lo na cama. Muito desagradável para ele era que, na injeção de cânfora, introduziam também ópio. Como ele odiava os narcóticos e tinha pavor deles! Não foi à toa que Anna Karênina jogou-se debaixo do trem depois de tomar uma dose dupla de ópio. Quando, no início dos anos 1860, ele teve uma luxação no braço e foi preciso reduzi-la duas vezes com anestesia, resistiu instintivamente à

interrupção da consciência. Todo o seu organismo se revoltava contra essa violência e nas duas vezes tiveram de duplicar a dose de éter. Quando os médicos, querendo aliviar seus sofrimentos, ofereceram-lhe a injeção de morfina, ele, com a língua travada, suplicou: “Não quero *parfina*, não precisa de *parfina*!”.

“Injetaram morfina”, escreveu Makovítski, “a respiração de L. N. ficou mais difícil, e ele, impotente, delirante, balbuciava: ‘Vou embora para algum lugar para ninguém me atrapalhar... Deixem-me em paz... é preciso fugir, fugir para algum lugar...’.”

Sófia Andrêievna foi autorizada a ver Tolstói somente depois da injeção de morfina. Um dos médicos, Úsov ou Berkenheim, sugeriu chamá-la. “Ela ficou parada na porta, olhando para papai de longe, depois se aproximou calmamente, beijou-o na testa, ajoelhou-se e disse: ‘Perdoe-me’, e mais alguma coisa que não escutei”, escreveu Serguei Lvóvitch.

Por volta das 3 horas do dia 7 de novembro, Tolstói voltou a si e abriu os olhos. Alguém aproximou a vela de seus olhos. Ele franziu o rosto e virou-se. Makovítski ofereceu-lhe água. “Umedeça seus lábios, Lev Nikoláievitch”, pronunciou ele, solenemente. Tolstói tomou um gole. Depois disso, a vida percebia-se nele apenas pela respiração.

Às 6 horas e 5 minutos da manhã do dia 7 de novembro, Lev Nikoláievitch faleceu...

Makovítski amarrou o queixo e fechou os olhos do morto. “Encobri os olhos”, escreveu.

Depois da morte de Tolstói, as pessoas não demoraram a sair. Todos ficaram exaustos nesses dias e precisavam de repouso. Foram-se os filhos, foi-se a esposa. “Na casa só ficamos Makovítski e eu”, escreveu Ozólin.

“Quando entrei no quarto, Makovítski, sentado, cabisbaixo, disse para mim em alemão: ‘Não ajudaram nem o amor, nem a amizade, nem a lealdade’.”

-
- 222** O conteúdo do telegrama foi o seguinte: “Elets ou local de estadia. Ao capitão Savítski. Por ordem do chefe do estado-maior sem se ausentar 25309 – 14756 – 29393 – 43537 – 30819 – 58676 – 64726 – 5 enviar em missão 39535 – 68676 – 71958 – 43269 – 58568 – 65242 – 47514 – 6 e enviar 56642 – 53835 – 26586 – 77185 – 96869 – 71419 – 13475 – 46474 – 839260 – 67971 – 95434 – 25471 – 519. 688. Major-general Lvov”. (N. do A.)
- 223** Em russo, “A Manhã”. (N. da T.)
- 224** Em russo, “Boletim”. (N. da T.)
- 225** Em russo, “A Linguagem”. (N. da T.)
- 226** Em russo, “A Voz de Moscou”. (N. da T.)
- 227** Em russo, “Agência Telegráfica de Petersburgo”. (N. da T.)
- 228** Em russo, “A Manhã da Rússia”. (N. da T.)
- 229** G. E. Raspútin (seu sobrenome verdadeiro era Nóvikh) (1872-1916), camponês da região de Tobolsk. Ganhou fama com suas “professias” e “curas”. Cuidava do pequeno herdeiro do trono que sofria de hemofilia, tornou-se pessoa de confiança ilimitada da imperatriz Aleksandra Fiódorovna e do imperador Nikolai II. Foi morto por conspiradores que consideravam desastrosa para a monarquia sua influência na corte. (N. da T.)
- 230** Nikolai II. (N. do A.)
- 231** Pão e vinho benzidos e usados nas liturgias. (N. da T.)
- 232** Em russo, “Boletim de Vladímir”. (N. da T.)
- 233** Residência da família imperial a 26 km de São Petersburgo. (N. da T.)
- 234** De novembro. (N. do A.)
- 235** Em russo, “A Madrugada”. (N. da T.)
- 236** Médico de Óptina. (N. do A.)
- 237** Em russo, “Pensamento de Kíev”. (N. da T.)
- 238** Em russo, “Boletim de Sarátov”. (N. da T.)
- 239** Médico. (N. do A.)
- 240** A história desse telegrama enigmático que, após a morte de Tolstói, seus filhos consideraram “falso”, enviado de Iássenki e não de Astápoovo por alguém do pessoal de Tchertkov, foi descrita detalhadamente no artigo de V. N. Abróssimova e G. V. Krassnova na *Coletânea de Iássnaia Poliana – 2006*. Essa história é apenas um dos mistérios ligados à morte de Tolstói, quando esteve isolado da mulher e dos filhos. (N. do A.)

- 241** S. S. Kórsakov (1854-1900), psiquiatra, um dos fundadores da tendência nosológica na psiquiatria. (N. da T.)
- 242** Macha morreu também de pneumonia, em novembro de 1906. (N. do A.)
- 243** As últimas linhas do verso “Recordação”, de 1828, do qual Tolstói gostava muito e o qual ele até lia em voz alta, embora não gostasse de versos em geral. (N. da T.)
- 244** Em francês, “Faça o que deve e seja o que for”. (N. do A.)

Epílogo

É difícil explicar o que se sente quando se folheiam os jornais russos do mês de novembro de 1910. Como já foi dito, as primeiras páginas eram geralmente ocupadas pela publicidade de mercadorias variadas, das insignificantes até as de grande procura, e pelos anúncios sobre desaparecimentos de cachorrinhos de estimação, por exemplo. Mas quando se pega os jornais de 8 de novembro, porém... só se vê um retrato enorme, de página inteira e com uma tarja de luto, de um velho de barba encanecida, com uma frente saliente, teimosa, e com um olhar severo e atento que penetra no fundo da alma: “Faleceu Lev Tolstói”. Isso não foi simplesmente uma notícia, isso foi um estrondo e uma luz ofuscante que fez todo o enorme país estremecer, sacudir-se, tirar de si, ao menos por um dia, toda essa poeira da civilização com suas “mercadorias”, “serviços” e “comodidades” e se lembrar que existem no mundo valores muito mais importantes que isso. Mais importantes do que a própria vida.

O corpo de Tolstói foi colocado num caixão de carvalho sem a cruz na tampa. “Se Lev Nikoláievitch foi colocado num caixão desses, eu, quando morrer, devo ser colocada num simples caixote de tábuas”, disse a viúva do escritor.

Após a morte do marido, Sófia Andréievna teve vários desmaios e depois recobrou as forças e ficou sentada na cabeceira dele. “Ela passa a mão na fronte alta daquele que era Lev Tolstói”, comunicou Konstantin

Orlov ao jornal *Rússkoie Slovo*. “Ela repete: ‘Está tudo acabado. Apagou-se a grande luz do mundo inteiro’. Novamente acaricia-o e fala baixinho, como que sussurrando ao defunto: ‘Minha alma, minha vida’.”

O dia e a noite de 7 de novembro foram dados aos funcionários da estação e aos habitantes de Astápovo e das aldeias próximas para se despedirem de Tolstói. Os crentes pediram ao bispo Parfêni a permissão para celebrar a missa de réquiem. Ele não permitiu, alegando a definição do sínodo. “Quem a fez que a pague”, disse o ancião Varsonófi, referindo-se ao sínodo. E disse também que, por mais forte que tenha sido Tolstói, ele não conseguira escapar da gaiola.

Perto da casa de Ozólin não paravam de cantar “Glória eterna”. Como afirma o jornalista do *Sarátovskie Nóvosti*, somente na parte da manhã do dia 7 de novembro pelo quarto de Tolstói passaram 3 mil pessoas.

O quarto estava enfeitado de flores. Havia também coroas, contra a vontade dele. Dos intelectuais de Astápovo “*Ao Apóstolo do Amor*”. E a mais comovente: “*Ao grande vovô das pequenas admiradoras*”.

À 1h 15, o trem saiu de Astápovo. O caixão com o corpo de Tolstói foi levado num vagão com a inscrição “Bagagem”. (O corpo de Tchékhov, em sua época, fora levado a Moscou em um vagão com a inscrição “Ostras”.) Verificou-se que Tolstói havia “ido embora” de casa para bastante longe. A volta levou mais de 24 horas. Surgiu um dilema: onde pernoitar? Em Gorbatchevo ou em Kozlova Zasseka? Decidiram parar em Gorbatchevo, porque em Zasseka juntaram-se milhares de pessoas, e a polícia tinha receio de tumultos e de manifestações extremas de sentimentos. Às 6h 30, chegaram à estação de Zasseka. Inúmeros corais cantavam “Glória eterna”. Na frente, carregavam um estandarte enorme com as palavras: “Lev Nikoláievitch! A memória de sua bondade não morrerá entre nós, os camponeses de Iássnaia Poliana que ficamos órfãos”. Foram os próprios camponeses que fizeram a inscrição; não calcularam bem o tamanho das

letras e tiveram de abreviar algumas palavras. Às 11 horas, o caixão foi levado a Iássnaia Poliana.

Enterraram-no da maneira como ele havia pedido: “Sem cantos eclesiásticos, sem incenso”, e sem discursos solenes. Somente Sulerjítiski, amigo da família, amante do teatro e revolucionário, contou aos presentes porque Tolstói estava sendo enterrado daquele modo e não de outro. Quando estavam baixando o caixão no túmulo, todos se ajoelharam. O policial que estava lá ficou indeciso. “De joelhos!”, gritaram todos, e ele se ajoelhou.

O enterro foi realizado no dia 9 de novembro às 15 horas.

Os filhos de Tolstói reconheceram o testamento.

Sófia Andrêievna, durante algum tempo, questionou em juízo os manuscritos que estavam guardados no Museu Histórico. O senado até confirmou os direitos da viúva sobre eles, tão preciosos para ela. Essa história foi desagradável e escandalosa, o que era o pior. Estava sendo amplamente divulgada pela imprensa. Mas, com o passar do tempo, os ânimos se acalmaram, mãe e filha fizeram as pazes. Quem cuidou de Sófia Andrêievna quando ela estava morrendo foi Sacha.

Após a morte do marido, Sófia Andrêievna viveu sua própria revolução espiritual. Só que no caso dela esse processo não foi tão tempestuoso e sofrido como fora para Tolstói no limite das décadas de 1870 e 1880. Ao ficar sozinha em Iássnaia Poliana, ela começou a se apagar lentamente e com muita dignidade. Ela sobreviveu à Revolução de Outubro e ao começo da guerra civil, quando batalhas entre as tropas vermelhas e as de Deníkin²⁴⁵ ocorriam literalmente ao lado da fazenda.

Recordava sua filha Tatiana Lvovna:

Nos últimos anos, ela ficou mais calma. Aquilo com que sonhara para ela o marido realizou-se parcialmente – a mudança pela qual ele sacrificaria sua fama aconteceu. A concepção de mundo de nosso pai já

não lhe era tão estranha. Ela tornou-se vegetariana... No último período de sua vida, ela falava frequentemente do filhinho caçula, Vánietchka, e do marido. Disse-me um dia que não parava de pensar em nosso pai e acrescentou: “Vivi mal com ele, e isso me atormenta”.

A cada ano, a vista da condessa piorava, mas diariamente ela visitava e arrumava o túmulo do marido.

É impossível ler sem emoção as versões de seu testamento, alterado no decorrer dos anos. O que ela tinha para legar? Iássnaia Poliana foi comprada dela por Sacha e Tchertkov com o dinheiro recebido pelas edições póstumas das obras de Tolstói e doada aos camponeses, como ele havia atestado. Os filhos, com suas dívidas, sempre precisavam de dinheiro, e a mãe aos poucos repartia entre eles suas economias. “Todos eles são infelizes e isso é muito triste!”, escreveu ela em seu diário. “Aquilo não é vida, são apenas sonhos com algo indeterminado.”

“Esteve aqui Iliá, dei-lhe mil rublos. Ele é lastimável, não tem remédio, e o pior é que joga a culpa em todo mundo.”

“Veio Micha, pediu 1800 rublos...”

“Andriucha passou por aqui, pegou 2 mil rublos...”

“Chegaram os filhos, Andrei, ainda adoentado, e Iliá, a quem dei emprestado (disse ele) 6 mil rublos e logo ficou alegre.”

“Dora disse que Lev perdeu cerca de 50 mil no jogo. Coitada da Dora, grávida e tão atenciosa! Lev Nik. tinha mil razões para ter beneficiado os camponeses e não os filhos. Não adiantaria nada, tudo seria gasto no jogo e nas farras. Dá nojo, tristeza e lástima! E o que acontecerá ainda depois que eu morrer?”

Conservaram-se sete versões do testamento de Sófia Andréievna, exatamente tantas quanto fizera Tolstói. O primeiro ela escreveu em 1909. Nele foi detalhadamente exposto o que e a quem tudo caberia. Não apenas as terras e a casa, mas também as coisas, louças e joias. Para Sacha, por

exemplo, que naquele ano começara a preparar com Tchertkov o testamento do pai (do qual não sabia), ela legava “o lornhão de prata, a pulseira de ouro de minha mãe, o coraçãozinho de ouro e o broche de rubi-da-califórnia com pérolas miúdas”. Além dos filhos e netos, constavam no testamento o cozinheiro, o mordomo e a costureira, com os nomes completos de cada um – para eles, destinavam-se títulos. Na versão de 1913, os nomes de Sacha e Tatiana foram riscados da lista de herdeiros. Ela não podia perdoar o fato de o marido ter legado apenas a elas duas os direitos editoriais, deixando de lado os demais filhos.

Mas na versão feita meio ano depois, Tatiana reapareceu como herdeira da casa e do terreno dela e de Sacha, e a esta ela legava uma parte do dinheiro. Da versão de 1916, sumiu o nome de Andrei, falecido nesse ano. No testamento escrito em 1918, ela *dividiu tudo em partes iguais entre os filhos*, e confirmou sua vontade na versão definitiva do documento de 16 de setembro de 1918.

Nos últimos anos de sua vida, ela se sentia muito solitária. Somente Tatiana e a adorada netinha Tánietchka moravam relativamente perto dela, em Kótcheti. Sacha partiu para o *front* como enfermeira. O filho Mikhail foi convocado para o exército. O neto Andrei também foi para a guerra, como voluntário. Foram chamados também seu intendente e muitos dos camponeses. Os filhos Iliá e Lev viajavam o mundo dando palestras sobre o pai. Depois da revolução e durante a guerra civil, ela passou por privações e até fome, da qual a salvou o literato P. A. Serguêienko, que tinha contatos com os novos poderes, mas que tratava a viúva do escritor de um modo bastante rude.

As últimas anotações em seu diário (de outubro de 1919): “Há ameaça de guerra e de batalha perto de Iássnaia Poliana”; “Pela estrada arrastam-se na rabeira comboios, bois e gente. Dizem que são os refugiados da cidade de Orel e do sul”. Esses refugiados foram o último quadrinho de sua vida que consta no diário.

Em outubro, Sófia Andréievna lavava as vidraças de casa e pegou um resfriado. Assim como o marido, morreu de pneumonia e, também como ele, em novembro. Todos os últimos anos de sua vida ela pensou nele, tentando entender as causas de sua partida. E acabou não entendendo... Mas um dia ela escreveu em seu diário a definição mais conclusiva desse acontecimento:

“*O que* aconteceu é incompreensível e ficará incompreensível para sempre.”

245 A. I. Deníkin (1872-1947), tenente-general do exército imperial russo. (N. da T.)

Lista de fontes

É claro que a lista de fontes aqui oferecida não esgota todos os materiais usados pelo autor. Mas são textos sem os quais este livro simplesmente não poderia ter sido escrito. E isso, a nosso ver, é o *mínimo* que deve conhecer sobre o problema o futuro pesquisador que desconfia de todo tipo de “versão”. A lista foi dividida em quatro partes. A primeira inclui cartas e diários de L. N. Tolstói, S. A. Tolstaia e V. G. Tchertkov, publicados integralmente ou citados parcialmente em livros.

Na segunda parte são enumeradas as publicações acadêmicas sobre a biografia de Tolstói. A terceira parte, por sua vez, é dedicada a fontes diversas que se referem à vida dele em geral, mas de uma ou outra maneira ligadas ao tema de sua partida e morte. E, por fim, a quarta parte apresenta a literatura especificamente sobre a partida e a morte do escritor.

I

Jdánov, V. A. *Tolstói e Sófia Bers*. Moscou, 2008.

Murátov, M. B. *L. N. Tolstói e V. G. Tchertkov segundo sua correspondência*. Moscou, 1934.

Tolstaia, S. A. *Cartas a L. N. Tolstói*. Moscou-Leningrado, 1936.

Tolstaia, S. A. *Diários* [em 2 volumes]. Moscou, 1978.

Tolstaia, S. A. *Minha vida* [datilografado]. Biblioteca do Museu-Fazenda Iássnaia Poliana.

Tolstói, L. N. “Diários”. In: *Obra completa* [edição comemorativa em 90 volumes]. Moscou, 1928-1958, segunda série, vols. 46-58.

Tolstói, L. N. “Cartas a S. A. Tolstaia”. In: *Obra completa* [edição comemorativa em 90 volumes]. Moscou, 1928-1958, terceira série, vols. 83-84.

Tolstói, L. N. “Cartas a V. G. Tchertkov”. In: *Obra completa* [edição comemorativa em 90 volumes]. Moscou, 1928-1958, terceira série, vols. 85-88.

II

Biriukov, I. P. *Biografia de L. N. Tolstói e V. G. Tchertkov* [em 4 volumes]. Moscou, 2000.

Gússev, N. N. *Lev Nikoláievitch Tolstói. Materiais para a biografia. 1828-1855; 1855-1869; 1870-1881; 1881-1885*. Moscou-Leningrado, 1954-1970.

Gússev, N. N. *Crônica da vida e da obra de L. N. Tolstói*. Moscou-Leningrado, 1936.

“Lev Tolstói e seus contemporâneos”. In: *Enciclopédia*. Moscou, 2008.

Opúlaskaia, L. D. *Lev Nikoláievitch Tolstói. Materiais para a biografia. 1886-1892; 1892-1899*. Moscou, 1979-1998.

III

Arbúzov, S. P. *Recordações de S. P. Arbúzov, antigo criado do conde L. N. Tolstói*. Moscou, 1904.

Boulanger, P. A. “Doença de L. N. Tolstói em 1901-1902”. In: *nome original [Anos passados]*, 1908, n. 9.

Boulanger, P. A. *Tolstói e Tchertkov*. Moscou, 1911.

Bulgákov, V. F. *Lev Tolstói, seus amigos e familiares*. Tula, 1970.

- Correspondência de L. N. Tolstói com a condessa A. A. Tolstaia*. São Petersburgo, 1911.
- Correspondência de L. N. Tolstói com os irmãos*. Moscou, 1990.
- “Diário de L. N. Tolstói”. In: *Pessoas. Almanaque biográfico vol. 4*. São Petersburgo, 1994.
- “Entrevistas e conversas com Lev Tolstói”. Moscou, 1986.
- Fírsov, S. L. “Aspectos eclesiásticos, jurídicos e sócio-psicológicos da ‘excomunhão’ de Lev Nikoláievitch Tolstói (a história do problema)”. In: *Coletânea de Iássnaia Poliana de 2008*. Tula, 2008.
- Gússev, N. N. *Dois anos com L. N. Tolstói*. Moscou, 1973.
- Kuzmínskaia, T. A. *Minha vida em casa e em Iássnaia Poliana*. Moscou, 1986.
- L. N. Tolstói e seus familiares*. Moscou, 1986.
- L. N. Tolstói nas recordações dos contemporâneos* [em 2 volumes]. Moscou, 1978.
- Livros de receitas e despesas de Sófia Andrêievna Tolstaia* [manuscrito]. Arquivo do Museu-Fazenda Iássnaia Poliana.
- Muraviov, N. K. [advogado e homem público]. “Mantém teu preceito...”. In: *Recordações, documentos, materiais*. Moscou. 2004.
- Nikítina, N. A. *A vida cotidiana de Lev Tolstói em Iássnaia Poliana*. Moscou, 2007.
- “O caminho que Cristo nos indicou é o caminho do amor, e não o da raiva... (Cartas de um monge de Afon sobre a excomunhão de L. N.)”. In: *Anuário da seção de manuscritos da Casa de Púchkin de 2000*. São Petersburgo, 2004.
- Opúlski, A. I. *A casa em Khamóvnik*. Moscou, 1996.
- Petrov, G. P. *Excomunhão de Lev Tolstói*. Moscou, 1978.
- “Por que Lev Tolstói foi excomungado”. In: *Coletânea de documentos históricos*. Moscou, 2006.

- Serguêienko, P. A. “Como foi escrito o testamento de L. N. Tolstói. Das recordações de P. A. Serguêienko”. In: *Anuário de Tolstói de 1913*. São Petersburgo, 1913.
- Serguêienko, P. A. *Contos sobre L. N. Tolstói*. Moscou, 1978.
- Sukhótina-Tolstaia, T. L. *Diário*. Moscou. 1987.
- Sukhótina-Tolstaia, T. L. *Memórias*. Moscou. 1980.
- Testamentos espirituais de S. A. Tolstaia* [manuscrito]. Seção de manuscritos do Museu Estatal de L. N. Tolstói.
- “Textos dos testamentos de L. N. Tolstói”. In: *Anuário de Tolstói de 1913*. São Petersburgo, 1913.
- Tolstaia, A. L. *A filha*. Moscou, 2001.
- Tolstaia, A. L. *O pai* [em 2 volumes]. Moscou, 2001.
- Tolstaia, S. A. “De quem é a culpa? A propósito de *A sonata a Kreutzer*, de “Lev Tolstói”. In: Rancourt-Laferriere, D. *Literatura russa e psicanálise*. Moscou, 2004.
- Tolstói, A. L. “Sobre meu pai”. In *Coletânea de Iássnaia Poliana de 1965*. Tula, 1965.
- Tolstói, I. L. *Minhas recordações*. Moscou, 1969.
- Tolstói, L. L. “Iacha Poliánov”. In: *Recordações da infância do conde L. L. Tolstói para crianças*. São Petersburgo, 1906.
- Tolstói, L. L. *Em Iássnaia Poliana. A verdade sobre meu pai e sua vida*. Praga, 1923.
- Tolstói, M. L. “Meus pais”. In: *Coletânea de Iássnaia Poliana de 1976*. Tula, 1976.
- Tolstói, S. L. *Ensaio sobre o passado*. Tula, 1975.
- Tolstói, S. M. *Os filhos de Tolstói*. Tula, 1994.
- Varfolomeev, I. V. “Sobre o testamento espiritual de Lev Tolstói”. In: *Voprosy Literaturny* [Assuntos literários], 2007, n. 6.
- Zvérev, M. A.; Tunimánov, V. A. “Lev Tolstói”. In: *Jisn Zametchátelnikh Liudei* [Vida de pessoas ilustres]. Moscou, 2006.

IV

- Abróssimova, V. N. “A partida de Tolstói. Baseado nos diários de 1910 de M. S. Sukhótin e na correspondência dos anos 1930 entre T. L. Tolstaia e S. L. Tolstói”. In: *Izvéstia [Notícias]*, 1996, série OLIA, vol. 55, n. 2.
- Abróssimova, V. N.; Krasnov, G. V. “História de um telegrama falso, vista por Sukhótin, os Tchertkov e V. F. Bulgákov”. In: *Coletânea de Iássnaia Poliana de 2006*. Tula, 2006.
- Bulgákov, V. F. “L. N. Tolstói no último ano de sua vida”. In: *Diário do secretário de L. N. Tolstói*. Moscou, 1957.
- Goldenweiser, A. B. *Perto de Tolstói*. Moscou, 2002.
- Gotwald, V. A. *Os últimos dias de Lev Nikoláievitch Tolstói*. Moscou, 1911.
- Ksiúnin, A. I. *A partida de Tolstói*. São Petersburgo, 1911.
- Mosteiro de Óptina. *Crônica em nome da Ermida São João, o Precursor e Batizador de Deus, que se encontra na Óptina de Kozelsk e Vvedensk [em 2 volumes]*. Moscou, 2008.
- Makovítski, D. P. “Na casa de Tolstói (1904-1910). Anotações de D. P. Makovítski em Iássnaia Poliana”. In: *Literaturnoe Naslédstvo [Legado literário]*. Moscou, 1979, vol. 90, livro IV.
- Meilakh, B. S. *A partida e a morte de Lev Tolstói*. Moscou-Leningrado, 1960.
- Nóvikov, M. P. *Do vivido: recordações, cartas*. Moscou, 2004.
- Obolênskaia, E. V. “Minha mãe e Lev Nikoláievitch”. In: *Crônicas do Museu Estatal Literário*. Moscou, 1938, livro 12.
- Ozólin, I. I. “O último refúgio”. In: *Literaturnoe Obosrenie [Panorama literário]*, 1978, n. 9.
- Guia oficial de comunicação ferroviária, fluvial e outras, revisto por N. L. Brule*. São Petersburgo, 1910.
- “Os últimos dias de L. N. Tolstói”. In: *Álbum de V. Rossínski*. Moscou, 1911.

- Orekhánov, G. *O julgamento cruel da Rússia: Tchertkov na vida de Tolstói*. Moscou, 2009.
- A morte de Tolstói segundo novos materiais: os telegramas de Astápovo*. Moscou, 2009.
- Sneguirev, V. F. *Carta a S. A.* [manuscrito]. Seção de manuscritos do Museu Estatal de L. N. Tolstói.
- Sukhótin, M. S. “Tolstói na última década de sua vida”. In: *Literaturnoe Naslédstvo* [Legado literário]. Moscou, 1961, vol. 69, livro II.
- Tolstaia, A. L. “Livro de anotações”. In: *Anuário de Tolstói de 2001*. Moscou, 2001.
- Tolstaia, A. L. “Sobre a partida e a morte de meu pai. Materiais não publicados” [Prefácio, publicação e notas de N. A. Kalínina]. In: *Anuário de Tolstói de 2001*. Moscou, 2001.
- Tolstaia, A. L. “A partida e a morte de L. N. Tolstói. Por que L. N. Tolstói deixou Iássnaia Poliana”. In: *Anuário de Tolstói de 2001*, Moscou, 2001.
- Feokrítova, V. M. *Diário de 1910* [manuscrito]. In: Seção de manuscritos do Museu Estatal de L. N. Tolstói.
- Tchertkov, V. G. *Sobre os últimos dias de L. N. Tolstói*. São Petersburgo, 1911.
- Tchertkov, V. G. *A partida de Tolstói*. Berlim-Moscou, 1922.